MINELVINO
TROVADOR APÓSTOLO

Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
Rui Costa - Governador

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
Osvaldo Barreto Filho - Secretário

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro - Reitora
Evandro Sena Freire - Vice-Reitor

DIRETORA DA EDITUS
Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:
Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente
Andréa de Azevedo Morégula
André Luiz Rosa Ribeiro
Adriana dos Santos Reis Lemos
Dorival de Freitas
Evandro Sena Freire
Francisco Mendes Costa
José Montival Alencar Júnior
Lurdes Bertol Rocha
Maria Laura de Oliveira Gomes
Marileide dos Santos de Oliveira
Raimunda Alves Moreira de Assis
Roseanne Montargil Rocha
Silvia Maria Santos Carvalho

JORGE DE SOUZA ARAUJO

MINELVINO
TROVADOR APÓSTOLO

Editora da UESC

Ilhéus - Bahia
2015

Copyright © 2015 by Jorge de Souza Araujo

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Projeto Gráfico
Geraldo Jesuíno - UFC

Xilogravuras da capa e miolo
Minelvino

Diagramação
Alencar Júnior (supervisor)
Felipe Lavinscky (estagiário)

Revisão
Jorge de Souza Araujo
Maria Luiza Nora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A663 Araújo, Jorge de Souza.
Minelvino trovador apóstolo / Jorge de Souza Araujo. – Ilhéus, BA: Editus, 2015.
664p. : il.

ISBN: 978-85-7455-358-0

1. Literatura de cordel. 2. Poesia popular. I. Titulo.

CDD 398.5

Printed in Brazil ISBN - 978-85-7455-358-0

EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

SUMÁRIO

DA ARQUEOLOGIA DO SABER POPULAR
AO CORDEL DE MINELVINO FRANCISCO SILVA
7

Minelvino e seu aprendizado vida/poesia
15

Minelvino Francisco Silva: os folhetos
34

As capas, xilogravuras e contracapas
121

Antologia
162

PRIMEIROS MOMENTOS
175

FOLHETOS DE ACONTECIMENTOS
POLÍTICOS E COMOÇÃO POPULAR
209

FOLHETOS DE DISPUTA, DEBATE, DUELO,
ENCONTRO, PELEJA OU DESAFIO ENTRE CANTADORES
247

FOLHETOS DE PROVEITO E EXEMPLO,
EXTRAÇÃO MORAL E EXORTAÇÃO
333

FOLHETOS REPERCUSSIVOS DE FENÔMENOS
SOCIAIS, MORAIS, ESCATOLÓGICOS
395

TEMAS EXTRAÍDOS DE OUTRAS ARTES
447

TEMAS BIZARROS, ANTROPOMÓRFICOS
453

CORDEL MARAVILHOSO, FABULOSO,
DE FADAS E ENCANTAMENTOS
485

TEMAS SOCIAIS, ECONÔMICOS,
POLÍTICOS E JORNALÍSTICOS
613

DA ARQUEOLOGIA DO SABER POPULAR AO CORDEL DE MINELVINO FRANCISCO SILVA

DA ARQUEOLOGIA DO SABER POPULAR AO CORDEL DE MINELVINO

O equacionamento teórico da classificação da literatura de cordel passa indispensavelmente pela superação da falsa dicotomia entre esta última e a literatura dita referencial ou erudita, o que as restringe a uma compreensão rasa e equivocada. É nítido perceber que apresentam distintas fisionomias e origens, mas não antagônicas, nem de molde a permitir a fixação de hegemonias hierarquizadoras em prejuízo das noções de valor aplicadas na relação de uma à outra.

A literatura de cordel traduz a mais autêntica expressão da cultura popular brasileira. Introduzida no país pelos primeiros colonizadores, oriunda da tradição trovadoresca ibérica à qual se filiaria desde as cantigas de amor, amigo, escárnio e maldizer aos modelos épicos dos contos maravilhosos e das novelas de cavalaria, alguns trechos dos autos vicentinos e das matrizes líricas camoneanas, o cordel se estabeleceu no Brasil a partir do influxo colonizador no nordeste brasileiro, especialmente do Ceará à Bahia. A mesma fonte inesgotável do imaginário popular, que influenciaria até composições contemporâneas de um Chico Buarque, um Caetano Velloso, um Alceu Valença, ou produções de Ariano Suassuna, Jorge Amado ou Dias Gomes, consagra um gênero poético de tão rica complexidade temática e estilística, exprimindo uma caudal de pensamentos e sentires da coletividade interiorana do Brasil.

A lição dos folhetos, as nuances do universo mítico da gente sofrida do nordeste brasileiro, defrontando e se impondo às adversidades naturais, políticas e econômicas, as formas de produção e distribuição, o preço acessível, a simplicidade rústica da poesia e o encantamento das histórias de príncipes em castelos, grutas e montanhas, pelejando contra dragões de sete cabeças, em defesa de princesas lindíssimas e confusas, ou as histórias de picardia de um Pedro Malasartes, um João Grilo, um Cancão de Fogo ou Bocage (e não exclusivamente o Bocage pornógrafo antevisto pelos contadores

de causos e poetas populares), tudo isso constitui a memória da gente sertaneja expressa na grande cultura e no amor pelo cordel, pela música dos repentes e sugestões de resistência ao aniquilamento da literatura e da própria cultura popular no país dos sem-memória. No sentido referencial do senso comum, o cordel é fenômeno de invejável popularidade e comunicação entre as pessoas simples, frequentadores das feiras aos sábados nos pequenos núcleos urbanos e pequenas ou médias cidades do interior do país.

Alguns desses herois já foram concebidos e requisitados pela expressão dita superior da cultura. João Grilo, por exemplo, representa uma espécie de modelo contraideológico do heroi nordestino desabusado. Figura mítica inicialmente oriunda das páginas do cordel e estilizada no romanceiro mais elaborado e "erudito", o *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, Grilo movimenta uma dinâmica de heroi popular surpreendente na faixa de produção e consumo do cordel, aquela ressurgente que se estende do Pará à Bahia, um heroi na perspectiva de quem gosta de comer barro, simpático, ágil e irônico, sutil e picaresco, atado inelutavelmente às figuras humanas facilmente perceptíveis no nordeste brasileiro.

A imaginação e a metamorfose ontológica caminham parelhas, plenamente adaptadas ao meio onde a imaginação precede a memória. O trovador popular, antenado com a comunidade que representa, capta-lhe sinais de comoção e antevisão dos traços sociais, psicológicos e imagísticos, gerados, pressentidos e vivenciados na mesma comunidade através do imaginário. Por isso é que a comunidade também o será de signos, de que o trovador se torna porta-voz e talvez seu mais influente intérprete.

Um dos fenômenos principais da perlaboração cordelista consiste na apreensão fabulosa dos folhetos de mistério e encantamento, sobretudo no tratamento do ciclo punição/culpa/redenção/expiação presente em temas privilegiando personagens que se metamorfoseiam como resultado de suas ações. A metamorfose no cordel funciona como síndrome de punição e culpa (seres transformados

em animais peçonhentos, sombrios, desmoralizados na escala de animais superiores x inferiores etc.) ou como signo de elevação do ultrarrealismo, do encantado, fabuloso, maravilhoso, todos com alta dosagem de fertilização simbólica ou alegórica.

Tal constelação se efetiva na fatura dos poetas populares, reunindo diferentes matizes das produções escrita e oral (trovadores, repentistas, violeiros, cantadores, contadores de causos, entre outros), universalizando um código estilístico respeitado evolutivamente pelas convenções canônicas. É o caso de um Leandro Gomes de Barros, de um Patativa do Assaré, de um Rodolfo Coelho Cavalcante, um Zé Limeira, um sem-número de tantos outros nomes de valor reconhecido, dentre os quais destacamos Minelvino Francisco Silva (29/11/1924 – 28/11/1998), o "trovador apóstolo", repórter da alma popular coletiva, aquele que documenta fatos, ideias, sentimentos, fantasias, registros de fenômenos políticos, sociais, escatológicos e ficcionais sob a forma do relato maravilhoso. As histórias de Minelvino, herança e fruto remanescentes da utópica voltagem do imaginário ibérico, são revestidas da fragrância de uma poesia genuína, devolvida à comunidade popular como relatos de orago, ou intérprete mimético das expectativas gregárias de sobrevivência anímica. Por isso, de par com a verossimilhança de sua memória do real, a poesia de Minelvino desempenha a singularidade da sabedoria popular empreendida com a liberalização do simples e o espontâneo da fabulação estética.

Minelvino anuncia as coisas do final e do começo do mundo, mantendo incólume um inspirado universo de belezas insuspeitadas. Seus folhetos enunciam uma seriação de histórias de inquestionável apelo popular, sintonizado com o que acontece no real da contemporaneidade do autor. Tal condicionamento do simples e espontâneo ajustados à empatia imediata da aceitação e fiel observância do código não significa a eliminação restritiva de contatos com o ambiente acadêmico. O que encanta e sobreleva na produção literária de Minelvino Francisco Silva é justamente essa expressão legítima da cultura popular, feita de forma artesanal desde a composição manual

(Minelvino utilizava a forma primitiva das tipografias, do componedor aos tipos e à máquina de impressão não-mecanizada) à criação da xilogravura para as capas dos folhetos, indo até ao formato de divulgação via monofone preso ao pescoço, num serviço de alto-falante emblematicamente designado como "A Voz da Poesia".

O acervo de obras de Minelvino Francisco Silva é constituído de folhetos espelhados na prática convencional entre os demais cordelistas. Boa parte deles pertence a temas religiosos (católico praticante, Minelvino era devoto e obreiro do Bom Jesus da Lapa e de outras referências da hagiografia de influência devocionária portuguesa, caso de Nossa Senhora das Graças, São Francisco, Santo Antônio e outros), entremeados com o repertório de desafios entre cantadores, narrativas épicas de varões e princesas, herois e heroínas típicos do manancial do conto maravilhoso, histórias de fenômenos e exemplos morais, relatos inspirados na realidade social e política etc. Para avaliar a importância desse gênero de produção, basta lembrar o universo do fantasioso absorvido por criadores como o colombiano Gabriel García Márquez ou os brasileiros Ariano Suassuna e Dias Gomes, com suas narrativas adaptadas para a linguagem cinematográfica, teatral ou televisiva. Dias Gomes ainda exploraria tais temas notadamente em novelas como *Roque Santeiro*, *Saramandaia* e *O fim do mundo*, todas reverberando os universos mítico, simbólico e fantasioso característicos da literatura de cordel.

A obra de Minelvino Francisco Silva é assim reconhecida nacional e internacionalmente, debruçada sobre o que há de mais original na poética popular brasileira, sobretudo no quanto se apresenta herdeira dos trovadores e menestreis que povoaram imaginários nas cortes ibéricas, entre os séculos 12 a 16. Alguns dos mais destacados folhetos minelvinos integram o Salão do Artista Popular da Funarte ou se encontram prestigiosamente antologiados em edições da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro (esta que é considerada o maior centro de documentação de cordel das Américas), e no *Dicionário biobibliográfico dos poetas de cordel do Brasil*. Minelvino é ainda objeto de

estudos de reconhecidos pesquisadores e especialistas, a exemplo dos professores Joseph M. Luyten, da USP, e Edilene Matos, da Universidade Católica do Salvador. Luyten estuda-o em antologia publicada nos anos 80, tendo analisado sua obra na Sorbonne, universidade francesa, aliás, um centro de referência em estudos da literatura de cordel, criado pelo professor Raymond Cantel, que dirigiu equipe especializada e organizou trabalho que ainda hoje permanece, mesmo com a morte do mestre e idealizador do núcleo. Edilene é responsável pela divulgação dos cordelistas baianos em sucessivos paineis, seminários e publicações.

Minelvino Francisco Silva justifica o prestígio auferido, demonstrando um perfeito domínio das técnicas de composição da literatura de cordel, reunindo o local e o universal fornecidos pelas sedimentações folclóricas e pelo repertório das lendas, além de um arcabouço de curiosas armações temáticas e conteudísticas surpreendidas pelo intrincado das ações e peripécias, sobretudo para afirmar o valor dos sentimentos positivos. A curiosidade do ouvinte/leitor é presenteada e traduzida na exuberância dos assuntos e na sintaxe formal das narrativas. Marcas sistêmicas da psicologia popular e a sensibilidade do trovador aos assuntos afetos à sua realidade, que ele implicita e contextualiza, são predicados da poética de um Minelvino Francisco Silva marcado por estrita obediência às convenções estilísticas e morais. Por isso transita com desenvoltura pelos mais diversos assuntos, temas e modelos, manejando com habilidade os riscos da passagem do arcaico ao moderno e ao cosmopolita. O rádio e a televisão não o constrangeram porque entendia serem recursos dialógicos e intercomplementares ao seu ofício, municiando-o de aspectos temáticos e conteudísticos.

Frequentando praticamente todos os ciclos temáticos predominantes no cordel, do romanceiro popular à sátira de costumes e à crítica social, dos embates (pelejas, desafios, encontros) ao novelário de cavalaria, a relação do trovador Minelvino Francisco Silva com a comunidade representada e subsidiada alimenta-se das repercussões coletivas, também quanto à voz e ao eco, às projeções, ambientação,

nichos de exemplaridade moral etc. Nessas oportunidades, o trovador extrai e destina seus relatos como legado recíproco da comunhão gregária e do imaginário coletivo.

Em síntese, a obra de Minelvino, das mais prolíficas e polimórficas, alcança uma maior imanência, embora com menor brilho, nos folhetos que tratam de assuntos religiosos. Sua obra, de cerca de 550 títulos, de histórias as mais diversificadas, ganha corpo nas impressões autorais acerca das questões envolvendo a identidade católica, em que se patenteia a fé unitária nutrida pelo trovador no Deus dos cristãos. O mais expressivo dessas estrofes místicas versam sobre milagres, promessas, peregrinações, relacionados emblematicamente com o Bom Jesus da Lapa (a divindade evocando o município homonônimo situado no Estado da Bahia, comunidade do alto sertão à margem do São Francisco e a 900 quilômetros de Salvador). Dentre os consagrados por essa obra, fruto da ascese devocional de Minelvino, avulta, claro, o Bom Jesus, seguido de Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora da Soledade, São Cristóvão, São Sebastião e o tornado santo à revelia do Vaticano, o padre cearense Cícero Romão Batista. Em tudo Minelvino buscará amplificar, persuasiva, prospectiva e retrospectivamente, a emoção do leitor, tacitamente convocado pela diretiva de comoção provocada pelo texto:

Se abraçou com a mãe
Que ainda estava caída
E disse: adeus para sempre
A minha mãe querida
As lágrimas molharam a roupa
Que ela estava vestida

O estilo será aquele já tributado e conferido pelos mestres do gênero, aos quais Minelvino se declara discípulo em estágio de permanente influência. Mesmo sem maiores rasgos metafóricos ou imagísticos, mas legitimando-se por um agudo senso de proporção e

fundamentação estética, a obra de Minelvino Francisco Silva se afirma com autonomia no amplo, fértil e versátil panorama da produção de poesia popular no Brasil.

Minelvino e o aprendizado vida/poesia

Natural do município sertanejo de Mundo Novo (Fazenda Olhos D'Água de Belém), a 29 de novembro de 1924 e radicado por cinco décadas em Itabuna, morador na avenida Itajuípe (que, por senso de justiça, ele fazia questão de nomear "Rua dos Trovadores"), Minelvino Francisco Silva compôs poesia popular e desenho em xilogravura por quase cinquenta anos. Com seu trabalho de artesão, mediante o qual sustentou e educou para a vida toda a sua família, o trovador assegurou uma permanência efetiva na literatura brasileira, a despeito das ingerências elitistas que retiram da literatura de cordel qualquer possibilidade de consideração canônica.

A circunstância de seu nascimento num lugar chamado Belém não escaparia ao senso devocionário do poeta, que assim aludiu à coincidência:

Eu e Jesus em Belém
Nascemos quase num dia
Ele em Belém da Judéia
Eu em Belém da Bahia
Ele pregava o Evangelho
Enquanto eu prego a poesia.

Criado em Jacobina, aos 9 anos ajudava o pai nos garimpos de Morro do Chapéu e Jacobina, como ele dizia, "à conta de comer e vestir malmente". Sem cumprir nenhum estudo formal, escolarizou-se lendo os folhetos de João Martins de Athayde, José Bernardo da Silva, Leandro Gomes de Barros, José Camelo de Melo (autor d'*O pavão*

misterioso). Na infância, ouvia histórias contadas por pessoas ligadas ao garimpo. Aos 23 anos, migrou da região de Jacobina, vindo a fixar-se em Itabuna, centro do então lendário sul, zona cacaueira da Bahia, onde chegou a 11 de dezembro de 1948. Vendia miudezas e folhetos de cordel, sendo os mais comercializados e pedidos *O pavão misterioso*, de José Camelo, e *Zé Pretinho e o Cego Aderaldo*, de Firmino Teixeira do Amaral. Principiou escrevendo para Rodolfo Coelho Cavalcante, pedindo livros e revelando os primeiros versos. Seu primeiro folheto, *A enxente de Miguel Calmon e o desastre do trem de Água Branca*, foi editado por Rodolfo em setembro de 1949. Desde então e até à sua morte em 28 de novembro de 1998, Minelvino não parou mais de publicar. Em carta a Abílio Pacheco, datada de "Itabuna, 11 de dezembro de 1997", Minelvino registraria números impressionantes de sua produção: "até aqui tenho 533 livros de minha autoria, isto é, de 8 páginas até 64. Tenho 65 poemas, 45 letras musicadas e 120 benditos de romarias". O poeta salienta que "a idade chegou (em vinte e nove de novembro, completei 73 janeiros)" e encerra a carta com típicos versos minelvinos, destacando sua humilde disposição para o conformismo cristão:

Portanto, meu caro Abílio
Na minha avançada idade
Estou bastante feliz
Nesta pequena cidade
Deste País Brasileiro
Porque nem só o dinheiro
Nos traz a felicidade

A propósito de números, Minelvino revelou ao autor deste ensaio, em 1975, a bizarrice manifestada por Rodolfo Coelho Cavalcante de que este teria publicado, ao todo, 1 mil e 300 folhetos. Perguntado como justificaria número tão preciso e exato, Rodolfo exclamava sua lógica matemática: "Eu calculei". Dentre os seus mais

de quinhentos, o folheto mais procurado de Minelvino Francisco Silva acabou sendo *João Acaba-Mundo e a Serpente Negra*, com 64 páginas, que alcançou a marca de três edições e cerca de 6 mil exemplares vendidos pelo autor. Passados os direitos de edição à Prelúdio, de São Paulo, a editora ainda venderia números ainda mais expressivos. Minelvino pensou, uma vez, em desistir de compor versos, mas, devoto do Bom Jesus da Lapa, a Ele pediu orientação e, místico, permaneceria versejando. Sua primeira xilogravura foi feita para ilustrar o folheto *As proezas de Pedro Malasarte*, do próprio Minelvino. Seu método de trabalho começava pelas anotações num caderno escolar ou em papel pautado. Desde 1955, até parar, Minelvino Francisco Silva compunha e imprimia suas histórias no fundo de casa na Rua dos Trovadores (em 1956, por decreto do Prefeito Francisco Ferreira da Silva e voto da Câmara de Vereadores de Itabuna, documento que Minelvino fazia questão de exibir). O poeta também se empenhou na organização de congressos nacionais de trovadores e violeiros, tendo participado de encontros realizados em Salvador, Recife, Brasília, Fortaleza, Aracaju e outros, sendo o primeiro (1 a 5 de julho de 1955), o de Salvador, por ele organizado, junto com Rodolfo Coelho Cavalcante e o sergipano Manoel d'Almeida Filho. Considerado mestre por seus leitores em processo de alfabetização, Minelvino considera que "todos os trovadores são professores anônimos. Aprendi com a linguagem deles e acho que somos uma espécie de professores livres". Católico praticante, leitor incondicionalmente influenciado pela Bíblia (que leu, no mínimo, quatro vezes, do Gênesis ao Apocalipse), e devoto declarado do Bom Jesus e de Nossa Senhora das Graças, Minelvino Francisco Silva não surpreende com os objetivos que acredita ligados à sua obra, produzida com verdadeiro espírito de missão: "Os meus livros têm três poderes: o primeiro, de divertir o povo; o segundo, de instruir os menos alfabetizados; o terceiro, de dar bom exemplo moral".

Casado com D. Antonia Pereira Almeida desde 1953, Minelvino circulava com algumas prendas artísticas também na seara doméstica. Sua esposa fazia presépios a cada Natal itabunense e, dos

quatro filhos homens, o mais velho e o mais novo, Antonio e Messias, seguiriam o trovadorismo do pai. A máquina impressora manual — cuja marca, de tão antiga, o trovador não mais identificava —, o serviço de alto-falante "A Voz da Poesia", a rua onde morava, que insistia em designar Rua dos Trovadores (conforme lei municipal depois desfigurada por posteriores interesses legislativos), a ausência das datas das edições, tudo obedecia à convenção do cordel e à originalidade do trovador. Sua força inventiva se centrava nessa obediência ao lavor dos folhetos que lhe ensinaram a ler e compreender o mundo em volta e que ele devolveria na forma de novos folhetos. Suas características (o lúdico, o mágico, o fabular, o místico) tenderiam à perda de configuração face à relação produção/consumo massificada, sem que isso significar-se falência na criatividade.

O cordel como ganha-pão começaria para Minelvino Francisco Silva como curiosidade (em 1949, *A enxente de Miguel Calmon*). Seus mestres: a trindade Leandro-Athayde-Bernardo, mais Rodolfo Coelho Cavalcante. O pai, garimpeiro na Serra do Ouro, nas Lavras, transmitiu-lhe o ofício da mineração. Minelvino vendia miudezas em Juazeiro e lá também foi ambulante de folhetos. A falta de clichês de ilustração impeliu-o às xilogravuras, que apreendeu (inicialmente plagiando) do cearense Francisco de Assis Medeiros. Os insumos sempre caros (papel almaço e tinta, gasolina para lavar chapas, óleo para lubrificar impressora etc.) só reforçavam a natureza de seu artesanato, expresso na sextilha autossuficiente, que apenas reflete o ser plural do ofício de Minelvino e por ele assim testemunhado:

Eu mesmo escrevo a história
Eu mesmo faço o clichê
Eu mesmo faço a impressão
Eu mesmo vou vender
E canto na praça pública
Para todo mundo ver

O poeta encontra óbvia justificativa para os procedimentos e dificuldades de seu ofício. Afinal — segundo acreditava, "quem ganha dinheiro é quem tem dinheiro" —, com sensibilidade intuitiva, interpretava os intrincados mecanismos e leis do mercado. Seus folhetos mais vendidos (passados depois à Prelúdio, de São Paulo) — *João Acaba Mundo e a Serpente Negra*, *Encontro de Cancão de Fogo com Pedro Malasarte* e *A segunda vida de Cancão de Fogo* — só lhe renderiam a subsistência material imediata, não lhe granjeando qualquer ganho excepcional. Algumas sentenças de Minelvino são motes de sua preservação como trovador popular, mesmo ante a ameaça do rádio e da tv: "Quem é do cordel, fica com ele (...) Pior seria se pior fosse (...) A gente não tem novidade todo dia". As sentenças parodiam e se paralelizam às dificuldades, o que fez os folhetos diminuírem de tamanho e número de páginas. Na Bahia, Minelvino destacava trovadores como Rodolfo Coelho Cavalcante, João Damasceno Nobre (de Ilhéus), Erotildes Miranda (de Feira de Santana) e violeiros como Dadinho e Caboclinho, de Feira de Santana, e o grapiúna Azulão Baiano. No Brasil, consagrava como rei do cordel o sergipano Manoel d'Almeida Filho.

Sobre um possível perfil de seu ser leitor, Minelvino observa dessa forma a natural preferência do público, concluindo pelo gosto maior incidindo nas histórias de fantasia: "Caso verídico, a não ser acontecimentos assim da hora, o povo não dá muito valor. As pessoas gostam de coisa que não existe, que aí, para elas, é novidade".

O que justifica chamarem Minelvino Francisco Silva de trovador-apóstolo era, de par com a farta cordialidade no trato pessoal e sua devoção de católico praticante, a mansidão de caráter e a produção de folhetos a serviço da solidariedade cristã. Por todo o tempo, Minelvino manteria ativa correspondência com seus pares cordelistas. Além do mais regular deles, Rodolfo Coelho Cavalcante (Salvador), Manoel d'Almeida Filho (Aracaju), João Ferreira da Silva (Feira de Santana), Apolônio Alves dos Santos (Campina Grande e Rio de Janeiro), Cícero Pedro de Assis (São Paulo), Abílio Ribeiro Silva

(Goiânia) e alguns outros. João Martins de Athayde (1880 – 1959), José Bernardo da Silva (1901 – 1972) e Rodolfo Coelho Cavalcante (1919 – 1986) foram os colegas mortos mais pranteados por Minelvino Francisco Silva, que, com sincera intensidade e presteza comovente, salientava o que essas perdas significaram para o cordel. Nessa linha elegíaca, Minelvino estava sempre lastimando (e homenageando) os trovadores falecidos, bem como artistas populares como os cantores e comediantes Gordurinha, Barnabé e Coronel Ludugero. A morte deles era objeto de ode trovadoresca, a exemplo da expressão emocional quando da morte de Sebastião Nunes Batista, Rodolfo Coelho Cavalcante, o violeiro Bentivi Neto, João Martins de Athayde e José Bernardo da Silva.

Minelvino fazia questão de reconhecer a precedência de José Cavalcante Dila na arte de composição da xilogravura, e o festejava como senhor absoluto do ofício. A xilo cumpre uma espécie de intertexto com a literatura e torna evidente uma ampliação de Minelvino, que evolui de garimpeiro de pedras preciosas em Jacobina para garimpeiro de imagens, ritmos, sonoridades e palavras da poesia popular. Boa parte de sua produção xilográfica tem uma expressão dramática (possível alusão a alguma dor inconsciente) sem que se encontre para isso uma justificativa racional.

Na década de 80, entre os anos de 1983 a 1989, Minelvino participou do programa radiofônico *De fazenda em fazenda*, dirigido por Odilon Pinto, na Rádio Jornal de Itabuna. Contava anedotas e respondia a poemas, trovas e motes dos ouvintes, tornando bem mais ilustrado o programa, que teve algumas edições particularmente notáveis, sobretudo pela variedade, substância imagética e graça das trovas minelvinas:

Por causa de boca doce
Muitos tem feito imperícia
Porque o doce enganou-se
E foi casar na polícia.

Eu queria ser teu talco
O teu ruge, o teu batom
Pra viver na tua boca
Mariza como era bom!

Se eu me casar contigo
Eu trato muito de tu
Vou te dar carne de cobra
Toucinho de surucucu

Para com isso Janice
Creio que tu me entende
Se tu morrer nos meus braços
Vem a polícia e me prende

Passeia o navio no mar
No espaço o avião
Nas águas do teu sorriso
Se banha meu coração.

Se molhar a minha cama
E eu for dormir na tua
Desse jeito "mata o veio"
É melhor dormir na rua

Minelvino deixou inéditos (romances de 32 e 16 páginas, na maior parte) em quase todos os gêneros de cordel por ele abraçados. Num desses, um anão misterioso (encantado) surpreende como protagonista e heroi. Nos demais folhetos permanecem as convencionais intrigas entre o amor, o ódio e a vingança, ingredientes definitivamente consagrados na convenção romanesca do estilo. Um rei aparece com nome e sobrenome brasileiros (Evilásio

Mota), o que não deixa de constituir-se em raridade bizarra. O amor, como sempre, a tudo suplanta, sublimando os inumeráveis obstáculos descritos com detalhes e entrechos cabulosos. Atuando também como editor, Minelvino Francisco Silva deixou em seu espólio inéditos de seu filho Antonio Francisco (*As bravuras e morte de Lampião*), Gerson Araújo de Lucena (*Peleja de Gerson Araújo de Lucena com Minelvino Francisco Silva*) e Elviro Brito (*A discussão de um católico com um ateu*).

Entre os dispersos do acervo publicado que integra em espólio, um folheto seguramente não pertence ao trovador-apóstolo, *O amor de Nelson e Léo*, sem indicação de autoria, nem na capa, nem internamente. A assinatura aparentemente definitiva (verso final do folheto) parece ser a que ostenta a identidade — *Me chamo Nelson Oliveira* (p. 8) — presumivelmente o que *Assina Nelson Oliveira/O vulgo Nelson da Luz*, cantado no folheto *A chegada de Nelson Oliveira no Salto da Divisa*, aludindo a um amigo de Minelvino, vivendo em Minas Gerais, onde teria feito carreira como eletricista e trovador. Do pouco material promocional que assinou, Minelvino parece destacar o folheto d'*A Empresa Trans-União a serviço de Ibicaraí*, distribuído gratuitamente pela companhia. E, no meio de seus papeis, o trovador guardava com carinho os Estatutos da Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel, fundada em 6 de novembro de 1976.

Minelvino Francisco Silva deixou pronto um livro inédito, que intitulou *Trovadores e violeiros*, em que desenvolve circunstanciado percurso de sua trajetória existencial e poética, com descrição e relato de passagens pitorescas de sua biografia. O livro começa com um capítulo autobiográfico e se encerra com um romance de cordel em 45 laudas datilografadas, com 7 estrofes de sextilhas heptassilábicas por lauda. O intimismo autoral deixa fluírem memórias escapistas graças ao reconhecido penhor lírico de Minelvino encontrando-se no épico de folhetos representativos de um agudo período da vida prática, refletindo os começos de aprendizagem e

alfabetização do poeta popular: "Fui roceiro e garimpeiro/trabalhei por noite e dia/e hoje sou um troveiro/cantando glória a Bahia" (Fl. 102). Relata ainda os encontros com Vavá dos Oito Baixos (de Gandu), o casamento dos filhos, o nascimento dos netos, todos os episódios impressos em versos. Em ligeira incursão pela teoria, Minelvino assim se manifesta: "Poesia não é trova, nem metrificação e nem português profundo. Poesia é beleza" (fl. 89). Fundindo sua memória com a de outros cordelistas, revela traços curiosos de alguns desafios e repentes. O poeta filosofa — "Quando Deus tira os dentes, enlarguece a garganta" (p. 84) — enquanto o livro ressalta as mágoas e dificuldades do trovador brasileiro, sem qualquer apoio institucional ou direitos, sem repercussão para seu trabalho, e seu ofício sem recompensa nem reconhecimento, nem sequer legislação para uma aposentadoria digna. Minelvino documenta em ode sua gratidão à cidade que o acolheu, Itabuna, e a todo o sul da Bahia. Sobre seu poetar, declina a natureza singela da matéria lírica como expressão natural e espontânea: "Canto o que sinto em meu coração/desalojando todo sofrimento".

Com *Trovadores e violeiros*, Minelvino Francisco Silva assinala também as distintas marcas estilísticas e o talento de trovadores, repentistas e violeiros, entre eles incluindo-se e incluindo divertidas memórias a propósito dos diferentes encontros com artistas populares (alguns anônimos, outros festejados como Antonio Marinho, Severino Pinto, Heleno Pinto, Manoel d'Almeida Filho, Rodolfo Coelho Cavalcante e outros). O trovador-apóstolo (título precisamente conferido em 24 de agosto de 1977, em Fortaleza, por ocasião de um Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros) nomeia outros notáveis (João Bandeira, José Francisco, Sebastião Nunes Batista, Zé Maria, Benone), destacando ainda gêneros provenientes de cantoria como *o galope à beira mar*. Minelvino esclarece sua concepção acerca da origem da literatura de cordel, aprofundando a natureza pedagógica de seu ofício, tudo versado em linguagem espontânea, sem qualquer apuro gramatical: "muitas vezes as coisas mais simples

deste mundo é as que a gente não sabe" (Fl. 15). O capítulo III de *Trovadores e violeiros* reserva homenagens a ilustres representantes da poesia popular: *Vida trabalho e morte de Rodolfo Coelho Cavalcante*, com citações de João Martins de Athayde, Leandro Gomes de Barros, Manoel d'Almeida Filho, José Pacheco da Rocha, considerado por Minelvino como "o rei do gracejo" e autor d'*A chegada de Lampião no Inferno*. A morte de Rodolfo é compensada por odes e elegias de Minelvino Francisco Silva, Antonio Ribeiro da Conceição (o Bule Bule), João Crispim (de Feira de Santana) e cordelistas de outros lugares do Brasil.

O capítulo IV do livro inédito centraliza-se no ano de 1936, quando a família do pai de Minelvino se encontra em Rio da Cuia, Jacobina. É relato de curiosidade da vida do trovador. O capítulo V, 1957, escancara experiências sofrias pelo autor popular com a Prelúdio, que edita livros de cordel em São Paulo, comprando dos autores os direitos de publicação e vendagem, numa relação pouco edificante do embate capital e trabalho, lucro e usurpação. Para escapar às sucessivas lutas e canseiras do ofício, Minelvino esquipa um poema *Matando a precisão*, em que se esquiva em trechos extraordinários, a exemplo dos decassílabos "Numa luta tremenda encarniçada/Pensei logo: Esta fera me devora/Em um ônibus cheguei de madrugada/Com a família entrei nela e caí fora (...) Alcancei a cidade de Itabuna/Fiz trincheira da velha inspiração/Disparei contra ela uma ruína/Acabou-se a malvada precisão" (Fl. 41).

A cada lance biobibliográfico, que Minelvino Francisco Silva ilustra em quadros de sua passagem por lugares e situações, o registro se faz em versos, com anotações pitorescas de pessoas, encontros e desencontros, viagens para ver os filhos, percursos turísticos, tudo sob o crivo de odes devocionárias dedicadas aos ideais positivos, aos homens justos e a Deus. Minelvino, contudo, não se desapega do bom humor e da malícia estimuladora da inteligência. Num só poema, *Coincidência e Misericórdia*, fala de seu nascimento em Belém de Mundo Novo, em 1924, homenageia a esposa

Antonia e decreta versos de inspiração cristã e ascética, louvando a Virgem e a história de Jesus Cristo. Sobre o tema da Mulher, radicaliza com despistamento gracioso: "Eu não gosto de mulher/porque mulher me atrasa/juntem todas as mulheres/pretas, brancas, cor de brasas/joguem tudo nas profundas/quer dizer, da minha casa" (Fl. 76).

Alguns trechos de *Trovadores e violeiros* merecem notoriedade de registro por sua singularidade estilística e memorial, pontificando a linguagem do autor e sua percepção de vida e superação identitária:

REGISTRADO POR CONTA PRÓPRIA

Em 1945, mais ou menos, fui me qualificar para votar para presidente da república pela primeira vez. O agente chamava-se José Neto, e me perguntou:
— Como é o seu nome?
Eu respondi:
— Minelvino Francisco Silva
Ele disse:
— Não, o seu nome não é Minelvino, e sim Minervino.
Eu respondi:
— Mas um professor me falou que eu escrevesse o meu nome Minelvino, pois Minervino é derivado de Minerva, mas Minelvino é mais bonito.
Ele disse:
— Eu vou escrever, mas nem o cartório, nem o juiz vão aceitar.
Depois me perguntou:
— Em que ano você nasceu?
Eu respondi:
— Não sei. Dizia meu pai que eu nasci no tempo da Revolta, e a Revolta foi em 1926.

Perguntou ele:
— Mais ou menos em que mes?
Eu respondi:
— Se eu não sei o ano, quanto mais o mes.
Ele disse:
— Então vamos dizer que foi em 20 de setembro de 1926.
Eu concordei.
Disse ele:
— Em que lugar você nasceu?
Eu respondi:
— Em uma fazenda denominada Olhos D'Agua de Belém, próximo ao arraial do Palmeiral, município de Mundo Novo no estado da Bahia.
Ele escreveu esta xaropada toda e me mandou levar no cartório para o tabelião assinar.
Cheguei no cartório entreguei ao tabelião toda aquela papelada, que olhou e me perguntou:
— É o senhor Minelvino Francisco Silva?
— Sim senhor, — respondi.
Ele respondeu:
— Mas o nome não é Minelvino e sim Minervino.
Citei a mesma explicação do professor. O tabelião pensou um pouco e disse:
— Em todo caso vou assinar, mas o juiz não vai aceitar.
Assinou a papelada, me entregou e disse:
— Leve para o juiz.
Eu segui viagem. Cheguei no Fórum disse:
— Bom dia doutor, é o senhor que é o juiz?
Ele respondeu:
— Sim senhor, o que deseja?
Eu disse:
— Eu vim trazer estes papéis que o tabelião mandou.
Ele pegando os papéis me perguntou:

— É o senhor Minelvino Francisco Silva?
— Sim senhor, — respondi.
Ele assinou os papéis e disse:
— Pronto, está entregue.
Com a assinatura do juiz fui registrado, tirei o título eleitoral, identidade, etc.
Até hoje existe discussão sobre o meu nome, uns dizem que está errado, outros dizem que está certo.
Eu, por exemplo, aceitei de todo meu coração, Minelvino, pois Minervino vem de Minerva que é a deusa das artes e das ciências na mitologia, coisa que não existe verdadeiramente, portanto, me alegro com o nome de Minelvino, sendo o meu santo protetor, São Francisco.

DATA CERTA DE NASCIMENTO

Em fevereiro de 1984, eu desejei saber ao certo a data do meu nascimento. Saí de Itabuna, passei por Jequié, atravessei Milagres, Rui Barbosa, cheguei em Mundo Novo.
Fui a igreja católica e falei com a zeladora que eu queria tirar meu certificado de batismo, ela perguntou:
— Onde o senhor nasceu e onde foi batizado?
Eu respondi:
— Eu nasci em uma fazenda denominada Olhos D'Água de Belém, fui batizado no arraial do Palmeiral, neste município.
Ela respondeu:
— Eu vou examinar os livros, a tarde o senhor volte cá.
Pela tarde eu fui novamente.
Ela disse:
— Todos os que foram batizados em Palmeiral, estão nos livros que estão na igreja de Utinga.
Eu agradeci a ela e peguei o ônibus para Utinga, onde tirei

meu certificado e ainda dos meus irmãos e fiquei sabendo a data do meu nascimento, que foi em **29 de novembro de 1924**.

O romance que encerra *Trovadores e violeiros* sequencia, ampliando, o ciclo do maravilhoso e se chama *História da Princesa Raptada e a Ilha Misteriosa*. Antes do livro inédito, porém, com data de "Itabuna, 17 de março de 1986", Minelvino publicou *Os traços da minha vida*, editado, afinal, em 1987, livrinho que descreve alguns lances principais da vida do autor, que destaca: "De forma que bem depressa/O meu nome eu aprendi/Assinar mesmo ruim,/ Mas nunca mais me esqueci/Não despresei a leitura/Mesmo a vagar prossegui" (Cit., 4). Festeja sua estabilidade em Itabuna — "Graças a Deus logo aí/Tive casa pra morar/Tive roupa pra vestir/E sapato pra calçar/Com a minha humilde arte/De trovador popular" (Cit., 10) — não sem o registro de permanentes e continuadas dificuldades: "Vendo eu que a poesia/era uma arte esquecida,/As histórias de cordel/Era uma arte sem vida,/Eu ficava desgostoso/De viver naquela lida" (Cit., 11). A luta para consolidar o Primeiro Congresso de Trovadores, de 1 a 5 de julho de 1955, os obstáculos crescentes envolvendo o gênero literário e seus produtores não ficam sem a constante nota do narrador: "Já no ano de sessenta/A coisa mais piorou/,/O papel subiu de preço/A tinta carestiou,/E todo o meu capital/Cada vez mais fracassou" (Cit., 16). O cordelista alternava a moradia em Itabuna, Brasília e Lapa, buscando sempre fixar-se e estabelecer-se em seu ofício, uma vez que "Minha enxada era a pena/E a Roça era a poesia" (Cit., 19). Comprou máquinas manuais e entregou-se por inteiro "Puxando a máquina de mão/Para o meu livro fazer/,/Mas enchia a mão de calo/Se punha o braço a doer,/ De noite estava cansado/Que só faltava morrer" (Cit. 19). Por conta disso, o poeta-artesão quase perde a mão direita, amarrotada na máquina impressora, mas permanece obstinado, narrando seu amor a Itabuna e suas descaídas eventuais de humor ou ânimo: "De um ano

para cá/Pouco livro tenho escrito,/A velhice está chegando/Não posso vender no grito,/Já quase deixei o cordel/Só faço agora meu bendito" (Cit., 37). O católico praticante prenuncia tempos indivisos: "Daqui pra frente eu não sei/O que vai acontecer". No entanto, com a certeza e a confiança em suas divindades protetoras, reorienta horizontes de prática literária, reconhecendo, quanto à feitura dos folhetos: "Quero morrer junto a eles/Quando chegar este dia".

E proclamaria em versos o coroamento de seus dias desde o nascimento (29 de novembro de 1924) —

Com a cruz eu vim ao mundo
Com a cruz hei de viver,
Com a cruz suporto tudo,
Com a cruz hei de sofrer,
Com a cruz venço na vida,
Com a cruz hei de morrer.

Pois a cruz é sofrimento
Que todo cristão conduz,
ou uma escada rolante
que nos eleva pra cruz
Pra ganhar a Salvação
Chegando aos pés de Jesus —

à morte (que somente se daria em 28 de novembro de 1998):

Com a cruz eu vim ao mundo
Com a cruz muito sofri,
Com a cruz lutei bastante
Com a cruz tudo venci,
Com a cruz vou para Deus
Do mundo vou me despedir.

Adeus, mundo de meu Deus
Agora te deixarei,
Vou descansar no outro mundo,
Que aqui muito trabalhei
Na ressurreição dos mortos
Eu também ressurgirei.

(Itabuna, 17 de novembro de 1980)

Para o Dia Nacional do Trovador, Minelvino Francisco Silva dedicaria inspiradas décimas decassilábicas:

NESTE DIA NACIONAL DO TROVADOR

Foi Leandro o maior dos escritores
Foi Marinho o maior dos repentistas
Foi Cuica o maior dos realistas
Athayde o maior dos editores
Foi Grigorio o maior dos faladores
Na Bahia mostrava o seu rancor
Todos estes estão com o Criador
Peço a Deus que os conceda a vida eterna
Pra viver numa vida mais moderna
Neste Dia Nacional do Trovador.

De Alagoas, Rodolfo Cavalcante
Da Bahia, Bule-Bule e Zé Pedreira
Minelvino da terra cacaueira
João Nobre em Ilhéus mais adiante
Erotildes em Feira é um gigante
Caboquinho também mostra o valor
De poeta e de improvisador
Em Sergipe, Manoel d'Almeida Filho
Peço a Deus que nenhum sáia do trilho
Neste Dia Nacional do Trovador.

Agradeço a cidade de Itabuna
Igualmente esta Rádio Difusora
Que a chamamos de nossa transmissora
Para toda esta terra grapiuna
Que trabalha em defesa da fortuna
Que o cacau mostra sempre o seu pudor
Para todo seu cacauicultor
E ainda pra todo operário
Peço a Deus que o pague um bom salário
Neste dia Nacional Do Trovador.

De parceria com Azulão Baiano (Nelson Ribeiro), Minelvino protestaria contra o sucessivo desaparecimento de poetas populares:

A MORTE DOS POETAS
Letra de Minelvino e Azulão Bahiano
Musica de Martins Neto

A morte que està
Matando os poetas
Atirando as setas
Nâo deixa escapar
Ouça meu pedido
Aplaca o furor
Por Nosso Senhor
Deixe de matar.

Não mate Querino,
Nâ-o mate Rodolfo,
Nâo mate Adolfo
E nem Minelvino!
Amador Silvestre,
Hermes de Oliveira,
Nem Manoel Pereira,
Deomedes e Silvino.

Poupe Almeida Filho
Ati eu imploro,
Antonio Teodoro,
Poeta de brilho!
O Josè Diniz,
E Josè Bernardo
Nâo faça finado,
Mais no meu país.

Deixe Zè Vicente
E Joâo Josè,
Poeta que è
Sincero e decente!
Manoel Camilo
E Gerson Lucena,
Morte tenha pena
De toda esta gente.

Deixe Juvenal
O meu Bentivi
Deixe Juriti,
Deixe Lourival!
Livre Joâo Ageu,
Livre Caboquinho,
Livre Passarinho
Dum golpe mortal.

Nâo mate Azulâo
Nem Joâo Ferreira
Deixe a brincadeira
De foice na mâo!
Nâo mate Herotildes,
Raimundo Barbosa,
Nâo seja horrorosa
Tenha compaixâo.

Oh! Deus que nos cria
E que nos criou,
Oh! Deus do amor,
E da poesia,
Oh! Deus Pai Eterno
Livrai os poetas
Das chamas secretas
Do fogo do inferno:

E num dos felizes momentos de encontro ou peleja com outro trovador, Minelvino amplia a temática antecedente, referindo-se às perdas dos poetas, seus colegas:

AS COISAS QUE EU ACHO BOM
EU ACHO BOM E BONITO

As coisas que eu acho bom
Eu gosto e acho bonito
Dum navio o seu apito
E produtos da kibom.
Uzar perfume avon
Sogra unida com nora
E tomar café aurora.
Versos de Manoel Camilo
E ouvir o bom estilo
Dum discurso de Asfora

Falar com um amigo velho
O romance de João Grilo
Versos de Manoel Camilo
Ler o santo evangelho
Da bíblia o seu conselho,
Mau vizinho que vai embora,
Um vaqueiro de espora
De guarda peito e gibão
E ouvir numa eleição
Um discurso de Asfora

Dormir em colchão de mola
Um sanduiche com queijo
Quando o queijo é sertanejo,
O baião duma viola,
E ver Pelé jogar bola,
A artista que vem de fora
Um menino que não chora
Dormir um sono tranquilo
Versos de Manoel Camilo
Um discurso de Asfora

Tomar um banho de manhã
Caridade, amor e paz
Uzar produtos São Braz,
Uva pêra e maçã,
Feijão verde e ribaçã
Tomar um guaraná dora
Relógio que dá certo a hora
Estudar o Rio Nilo
Versos de Manoel Camilo
Um discurso de Asfora

A MAIOR DOR QUE EU SINTO É QUANDO MORRE UM POETA

Quando morre um presidente
Ministro ou governador
Um general ou doutor
Ou alguem que é meu parente
Eu não fico descontente
E nem vou ficar pateta
A morte com sua seta
Entra em todo labirinto
A maior dor que eu sinto
É quando morre um poeta

Pra falar verdade digo
Eu não choro por ninguem
Nem de quem eu quero bem
Nem família nem amigo
E desse geito prossigo
Seguindo em linha reta
Esse dom ou essa meta
Não entra no meu recinto
A maior dor que eu sinto
É quando morre um poeta

Se eu sou acidentado
Se quebro a perna ou um braço
Apenas sinto o cansaço
Mas eu sofro conformado
Deixo essa dor de lado
Com a calma dum profeta
Fico com minha alma quieta
Falo a verdade não minto
A maior dor que eu sinto
É quando morre um poeta

A morte levou Leandro
Ataide e Zé Camelo
Camilo um bom modêlo
Chagas Batista, Nicandro,
Melquíades foi meio malandro
João Ferreira foi profeta
Zé Limeira meio pateta
Dorme no pó já extinto
A maior dor que eu sinto
É quando morre um poeta

Zé Pacheco e Canhotinho,
Sebastião Bernardino,
João Severo e Hugolino
Zé Duda, Antonio Marinho
Foram no mesmo caminho
Milanês na sua reta
A morte com sua seta
Jogou num só labirinto
A maior dor que eu sinto
É quando morre um poeta

Minelvino Francisco Silva: os folhetos

A obra de Minelvino Francisco Silva é de permanente dialogismo com as raízes matriciais da cultura popular brasileira, notadamente da poesia popular legitimada por grandes cultores como Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde, Rodolfo Coelho Cavalcante, Manoel Camilo dos Santos e tantos outros. Com a exceção radical dos folhetos com versos obscenos (atitude que Minelvino compartilhava com seu compadre e mestre Rodolfo), o trovador grapiúna frequentou todas as expressões consagradas no cordel, seja quanto à evolução dos temas (veio comum, espécie de matéria canônica, de uso geral entre os trovadores), seja quanto ao estilo e à linguagem, aos ritmos e ritos da sextilhas heptassilábicas e demais recursos canonizados pela expressão popular. O enfoque poderia variar, mas os princípios temáticos, sugeridos pela tradição que remonta à Idade Média, seguiriam um livre curso na prática dos autores e na natureza característica e tipológica dos folhetos.

Em geral, o que é determinante na produção da literatura de cordel é sua tipicidade épico-narrativa, de par com a absorção emocional fruto da vivência individual e coletiva do trovador. A fluidez

temática e estilística é repercussiva do observado e sentido. Por isso, o discurso desse gênero de poesia popular está menos para a reflexão intelectiva de apreensão dos mundos e mais para a expansão mimetizadora, rústica, primitiva, de sentimentos e ideias experimentados individual e coletivamente. No caso de Minelvino Francisco Silva tudo parece confluir para o exercício reformador da experiência de cristianização universal, sendo essa resolução pautada pelos conteúdos católicos de reforço místico e ascético, coligados de dignidade estoica na renúncia aos apelos e tentações do Pecado, especialmente o pecado da Soberba.

Os folhetos de cordel recebem indistintamente uma variada classificação e nomenclatura. São vulgarmente reconhecidos e identificados como "livrinhos de feira", "obra", "abc", "folheto", "romance" etc. Do ponto de vista formal, a convenção estabeleceu categorias que facilitam, num certo sentido, o reconhecimento identitário dos folhetos. Em linhas gerais, os de 8 a 16 páginas seriam considerados "folhetos", ficando para os "romances" a aplicação dos livrinhos mais alentados, de 24, 32, 48 e até 64 páginas. O alto custo de produção e a pouca receptividade de retorno financeiro terminariam por inviabilizar os "romances", estabelecendo-se, a partir daí, uma absoluta priorização dos assuntos, enquanto o formalismo técnico e mercadológico imporia a impressão dos livrinhos de 8 (na enorme maioria), ou 16 páginas, no máximo.

Estudando a *Classificação popular da literatura de cordel* (Petrópolis, RJ: Vozes, 1976), Liêdo M. de Souza, com a responsabilidade de quem entrevistou 60 trovadores (Minelvino Francisco Silva incluído), capitaliza a análise de 23 folhetos, notabilizando-os com a seguinte lista de categorias: *Folhetos de Conselhos, Eras, Santidade, Corrupção, Cachorrada ou Descaração, Profecias, Gracejo, Acontecidos, Carestia, Exemplos, Fenômenos, Discussão, Pelejas, Bravuras ou Valentia, ABC, Padre Cícero, Frei Damião, Lampião, Antonio Silvino, Getúlio, Política, Safadeza ou Putaria e Propaganda; Romances de Amor, Sofrimento, Luta e Príncipes, Fadas e Reinos Encantados*.

Na forma da síntese, Ariano Suassuna (na apresentação que faz ao livro de Liêdo) sugere a classificação dos folhetos segundo os ciclos *heroico; satírico, cômico e picaresco; o de amor; o religioso e de moralidades; o do maravilhoso; e o histórico e circunstancial*, além daqueles expurgados da convenção, os folhetos considerados *de safadeza e putaria*. Em quase cinquenta anos de atividade (1949-1998), Minelvino Francisco Silva produziu o equivalente a 533 folhetos, média de 10,5 por ano, quase um por mês. Suas influências declaradas vão da *Estória do cachorro dos mortos*, de Leandro Gomes de Barros, às *Proezas de João Grilo* e a *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*, de João Martins de Athayde, além de outros de Manoel Camilo dos Santos, Rodolfo Coelho Cavalcante e demais mestres reconhecidos no gênero. Notam-se na obra minelvina algumas referências de inclusão temática ou formal, especialmente *A grande peleja de Ivanildo Vila Nova com Manoel Camilo dos Santos*, a *Viagem a São Saruê*, do mesmo Manoel Camilo, a *Peleja de João Athayde com Raimundo Pelado do Sul* etc. Os folhetos de Minelvino percorrem o imaginário temático já identificado e convencional aos trovadores e poderiam ser assim classificados em ciclos:

1. Folhetos de exemplos, extração e exortação morais
2. Folhetos informativos, noticiaristas, documentais e de relevo social
3. Folhetos de pelejas, desafios, encontros e repentes
4. Folhetos devocionários da mística e ascese católicas
5. Folhetos de expressão sentimental e do conto maravilhoso
6. Folhetos repercussivos de fenômenos, escatologia etc.
7. Folhetos de fastos eleitorais e vultos políticos
8. Folhetos de cangaço, desordem, pistolagem etc.

Uma relação das obras de Minelvino Francisco Silva, mesmo incompleta (já que alguns folhetos se extraviaram ou ficaram na posse exclusiva das editoras paulistas Prelúdio e Luzeiro, que compraram

direitos de publicação) indica a gama de diversificação de gêneros praticados pelo trovador atento sempre aos ecos dos grandes autores, das expectativas e comoções populares sobre flagrantes de acontecimentos físicos, naturais, sociais, políticos, sobrenaturais. O estudo dessas obras aponta para a classificação de um modelo de cordel antenado com os universos mitológico e simbólico divisados pelo autor. Por isso avultam folhetos de casos, ideias e fenômenos; costumes sociais, incluindo os bizarros, envolvendo homens e mulheres; mistério, encantamento, fantasia; exemplaridade moral, histórias de proveito e exemplo; fatos, acontecimentos históricos, políticos, incluindo aspectos da comoção popular; folhetos satíricos, humorísticos, alegóricos; e de pelejas, desafios, debates e encontros.

Boa parte dos títulos de Minelvino antecipa os assuntos (ou conteúdos) tratados nos folhetos. Aliás, *assunto* é o melhor termo aplicado às histórias de cordel, pois comum ao gênero e a muitos de seus praticantes, diferente de *tema*, que envolve maior personalidade autoral ou de originalidade. Uns poucos folhetos de MFS causam espécie por sua matéria de escândalo e constrangimento, a exemplo d' *O pai que vendeu a filha por 50 cruzeiros novos*, retratando fato verídico relatado ao poeta em 1967, tendo como infeliz protagonista um ancião, de 84 anos, numa localidade próxima a Porto Seguro, que comprou uma menina de 7, com ela pretendendo manter relações sexuais.

Outros títulos surpreendem pelo ineditismo. *A queixa de um urubu bahiano na presidência da República* manifesta os protestos do urubu, representando sua classe, que estaria passando fome em consequência do consumo humano de carne de jumento e égua. *A velha que bateu num soldado recruta em Nova Canaan* reage ao absurdo da proibição de vender folhetos de cordel na feira. E *O rapaz que se apaixonou por outro, por força de Bruxaria*, definitivamente é matéria insólita no tratamento temático da narrativa em versos.

Os títulos obedecem à convenção popularesca do apelo gráfico. Minelvino tem na xilogravura uma extensão do texto, complementar ao título e ao conteúdo. Os versos e as estrofes também

seguem a lógica interna da literatura de cordel, reproduzindo massivamente a herança medieval das sextilhas heptassilábicas e eventualmente o uso de sétimas, décimas, o verso decassílabo, o martelo agalopado, os motes e glosas etc. A estrofe de abertura invoca e cultua musas pagãs ou cristãs, o conceito de heroi positivo é francamente aderente à perspectiva da tradição. O conteúdo é armado com obediência à lógica do princípio, desenvolvimento e conclusão. Avultam ainda o implícito conhecimento histórico ou bíblico do autor, uma eventual e rarefeita erudição, noções subversivas de geografia, cristalização da crença religiosa universal, católica, apostólica, romana, com conceitos e preconceitos acionados pela filosofia moral, pela ética do amor triunfante, tudo aderindo aos aspectos de uma elementar psicologia humana. Concorrem para esse ideário as viagens, as impressões ideológicas, políticas e morais, a análise dos fenômenos sociais como consequentes do desaparelhamento da ética religiosa e, mais aparentes ainda, os tabus, as crenças, as fantasias expurgatórias e jaculatórias moralistas, envolvendo até acontecimentos extemporâneos e personalidades ilustres. As impressões autorais, submetidas a uma rigorosa concepção de teologia dogmática, acompanham a iniciativa, produção e movimentação das histórias dos folhetos, alcançando mesmo as narrativas fantásticas ou as trajetórias sentimentais, tudo submetido ao crivo absolutista do credo católico.

Frequente em MFS será a reunião de dois folhetos num só, estando nesse caso *O papa do diabo que apareceu no Estado de Sergipe*, publicado junto a outro incorporado pelo poeta, a *História do sai não sai do bairro Nova Brasília em Bom Jesus da Lapa*, que transcreve a crítica do trovador à política habitacional brasileira: "Uma casa popular/Custa cento e vinte mil/Uma sala e uma conzinha/Menor do que um barril/Um banheiro do tamanho/Da entrada de um funil" (Cit., 4). Na grade de fenômenos não incidentalmente morais ou religiosos, *O preguiçoso que se virou cachorro a fim de não trabalhar* encena a metamorfose e graça do sujeito submetido a toda sorte de humilhações para escapar ao trabalho. Data do folheto: "Itabuna, 1º de maio de 1979", Dia do Trabalhador. Em *A prizão de dois tarados*

ou Os monstros papa-creança, MFS identifica Jupará como um desses monstros, diferente da interpretação de José Dantas de Andrade (o Dantinhas), que lhe atribuía outro perfil, igualmente assombroso: o de carregador de caixões de defunto... Em outro folheto com título semelhante (sendo agora apenas um tarado e um monstro), MFS assume raro papel acusador, parecendo até instrução e libelo do promotor de justiça em peça de acusação. O narrador chega a incitar ao linchamento, ao apedrejamento e à morte sumária do acusado.

Os folhetos de feitio maravilhoso culminam por relatos em que predominam o ilusório e o encantamento, espelhados em moldes da cultura do fantástico. Os de expressão sentimental reverberam o neoplatonismo e o fervor lírico dos idílios do amor triunfante, que supera todas as adversidades. Os míticos-religiosos salientam o determinismo cristão, o rigor da exemplaridade moral apostólica e apocalíptica, o absolutismo da crença católica, a vida dos santos, o curial místico e a certeza ascética. Os de acontecimentos, fatos e imagens virtuais são produzidos com a intencionalidade de provocar traços repercussivos de ordem racional, reflexiva ante os desastres, obedientes ao ciclo dos grandes fenômenos causados por Cheia/Enchente/Inundação ou Seca/Fome/Insolação. O premeditarismo determina as ações dos folhetos e romances, de forma a produzir no espírito do leitorado/ouvinte os riscos e desolações exacerbados pelas *conveniências* coincidentes entre desastres físicos e desastres morais. Folhetos sobre acontecimentos atendem, ainda, a um inescapável clamor popular. Os títulos místicos e apologéticos (quase cem), a imperativos de ordem devocionária e de sobrevivência anímica. Apaixonado por lugares sagrados (Lapa, Monte Santo, gruta de Ituassu etc.), Minelvino Francisco Silva reconhece, modesto: "Não há quem possa descrever todas as belezas". O desestímulo oficial, os direitos do autor, a aposentadoria seriam suas principais motivações, problemas por ele apontados como de eternamente adiadas soluções. Mas se obstinava: só deixaria de ser trovador quando morresse. E filosofava: "Nas pequenas coisas é que a gente compreende as coisas mais profundas".

Minelvino orienta seus temas com a consciência formal dos interesses católicos e místicos. Seus modelos desenvolvem circunstâncias temáticas nas mais diferentes extrações. No folheto por ele adaptado de história anônima, *Viagem a São Suruê*, por exemplo, exercita o bom humor colateral ao gênero, manifestando-se sempre com a graça ingênua impregnada de espontaneidade e fácil comunicação com o público:

Ali em São Suruê
Vi coisa de admirá
Agora vancês pregunta
Pruquê não fiquei pru lá?
Pruquê lá tem um decreto
Qui não é bom se falá
A mulher pare dez fio
Homem é quem dá de mamar

Alguns folhetos podem aqui ser destacados porque ilustram variáveis da mecânica criadora do cordel para Minelvino Francisco Silva. *O ABC da Aza Branca* comprova a filiação minelvina à sensibilidade do apelo popular, por exemplo, expressa não apenas pelo conteúdo, mas cumulativamente a contracapa reproduzindo *A volta da Aza Branca*, toada de Zé Dantas e Luiz Gonzaga. A impressão do folheto foi feita na Gráfica Popular, de Itabuna (coisa rara em se tratando de Minelvino, que editou a enorme maioria de seus folhetos no interior de sua casa). *O ABC da Aza Branca* reconta em cordel a popular música de Gonzagão, o hino dos nordestinos, recompondo o cenário dramático da seca e seus efeitos e repercussões sociais e humanos. Minelvino estiliza mais ainda a pungente canção, incorporando a fala matuta, a fonologia adulterada pelo viés da prosódia caipira. O destino do heroi no relato, Guilherme, noivo de Rosinha, é a cidade de Salvador, e o texto incorpora a letra da música, adaptada às

circunstâncias da história romanceada: "Toda noite relampeia/E veijo o ronco do truvão/Asa branca bateu asa/Já vortou pra meu sertão/ Eu disse eu vou mimbora/Vou cuidá da pratação" (sic, p. 7). O final do ABC, todavia, adultera a letra original, pois "Rosinha casou com outro/E de mim se esqueceu" (p. 8).

Num folheto especialmente consagrado ao lendário Bocage, Minelvino enaltece-lhe, sobretudo, a inteligência e a picardia no enfrentamento aos poderosos, sem deter-se na legenda bocageana como poeta pornográfico, aquele Bocage das histórias picantes, concebidas pela tradição dos recontados das rocambolescas aventuras atribuídas ao vate português. Em *A batalha do amor* [de] *Zé Negrão e Mirian*, drama de 16 páginas ambientado em São Paulo, conta-se a história do pernambucano de Caruaru, que sai de Garanhuns para tentar a sorte em São Paulo. Zé Negrão é um operário que se apaixona pela filha de rico fazendeiro, na clássica trajetória do amor triunfante enfrentando os embaraços e a traição de interesses subalternos. Em meio à trama e à tensão, o humor de Minelvino é contagiante: "Pois nunca vi a linguiça/Correr atraz do cachorro" (p. 5) "Pegou o califon da velha/E na cintura amarrou" (12). O exagero é digno da hipérbole castroalvina da musa lavada em pranto e enxaguada no pavilhão nacional: "O sangue ali já lavava/Como riacho a descer" (13). O romance de Minelvino Francisco Silva ressalta sempre o denodo e a coragem do heroi amoroso, sem despegar-se do gracejo, pois "O remédio de um doido/É outro doido encostado" (15). O folheto *A batalha de amor* [de] *Zé Negrão e Mirian* chega ao fim com uma singular novidade: o acróstico de Minelvino desenvolvido na grafia inversa: ONIVLENIM.

O romance de 32 páginas *A flecha de Cupido traspassou dois corações* localiza a história numa Polônia acossada pela invasão de cruel rei japonês, que cobiça a princesinha do reino e invade a bela cidade (território tomado metonimicamente). O ideal de beleza — senso comum entre trovadores e menestreis — é também enunciado por Minelvino, que hiperboliza a aparência da princesa sacrificada: "Parecia a estrela D'alva/Quando vem rompendo o dia" (p. 3).

O trovador, é claro, subverte geografias e desconhece limites ao imaginário, bem como traços óbvios de etnias: "Perguntou o general/A senhora é japonesa?" (14). O óbvio da resposta estava no rosto não asiático: "Mesmo assim escravisada/Mas digo: sou polonesa" (14). E o general, disfarçado de japonês, era recebido com abraços e sorrisos dos inimigos. O triunfo final dos poloneses culmina com o casamento da princesa Candura com o general Laudelino, que viveriam felizes para sempre, conforme o padrão das histórias encadeadas pelas *pernas do pinto*..., enquanto o trovador pilheria, encerrando: "E pra almoçar em sua casa/Comigo, está convidado" (8).

No folheto *O encontro do poeta com a Natureza* (dois volumes em um só, com 16 páginas cada), Minelvino Francisco Silva percorre, numa extraordinária viagem da sensibilidade, um proveitoso e ilustrativo encontro com o universo das ciências. É um verdadeiro ensaio de Poética, Teorética e Hermenêutica da Poesia. Sua musa, a Natureza, é branca, "Duma beleza sem fim/Os seus cabelos de ouro/Parecia um querubim" (p. 2). O livro dialoga com a Natura, que aponta ao poeta a Lagoa Encantada como um dos seus infinitos primores. O poeta indaga sobre os prodígios das coisas do mundo visível e problematiza as relações do homem com o ambiente natural, as agressões à Terra, as viagens interplanetárias, o Cosmo, os astros, a Lua, as incongruências da posse exclusiva — "A Terra ficou pra todos/Pra d'ela se alimentar", mas os ricos "Tomaram conta das terras/Por todo canto cercou/O pobre ficou sem nada/E assim continuou//Agora querem ir a Lua/Para direito explorar" (7) e certamente cercá-la e cobrar pedágio... O fantástico diálogo do poeta com a Natureza é também enriquecedor das teses geocêntrica/heliocêntrica e cosmológica: "A terra, o sol e a lua/São três discos a rodar/Todos três em paralelo/Não pode se encostar/Que entra em curto circuito/E o mundo vai se acabar" (8). A Natura leva o poeta à Lua n' "um cadillac de nuvem" e num "volante de vento" (9). Minelvino usa o verbo no subjuntivo (*cheguemos*, por exemplo) ao invés do indicativo (*chegamos*) provavelmente para simular, representar, ilustrar a atmosfera de sonho,

de ilusão do real proposta pelo relato. Na Lua, o narrador se avista e dialoga com outros poetas, perfis da eternidade histórica (Castro Alves, Zé Pacheco, João Martins de Athayde, Antonio Marinho, Tiradentes, Pedro Álvares Cabral, Rui Barbosa, Lauro de Freitas) e inventores (Santos Dumont, Marconi, Henry Ford, Gutenberg e Otto Von, inventor da luz elétrica). A volta à Terra, entretanto, é dolorosa para o trovador, que desperta do sonho em meio a múltiplas interrogações sem respostas.

No romance da *História do bruxo mau e o sapo encantado*, a novidade é que Minelvino revela sua fonte de inspiração: uma das histórias da Vovó Ana, revista *O Cruzeiro*, 24 de dezembro de 1948. Da página 28 a 32, Minelvino publica Catálogo de seus folhetos de 8 páginas e os assim chamados "Livros Grandes", entre os quais *Proêsas de Pedro Malasarte*, além de divulgar obras de Antonio Alves Silva, Manoel P. Almeida e Rodolfo Coelho Cavalcante. O mesmo romance teve alterado seu título (escrito a caneta pelo autor) para *Os sofrimentos de um alfaiate ou A gentileza da Princesa Jamaci*.

Romance escrito em 1º de março de 1957 e publicado em 7 de março de 1974, a *Estoria do cavaleiro do espaço e o jardineiro misterioso* mostra os desdobramentos do pedido de uma esposa orgulhosa e estéril e o alcance da maternidade concedida pelo receptário do pedido: o diabo, que fala *afiado* e *inducar*, sendo suas intervenções quase sempre hilariantes... O afilhado do diabo se torna o jardineiro e ele mesmo é o ubíquo e múltiplo *cavaleiro do espaço*. Neste folheto, Minelvino faz uso de uma raridade em sua obra: o recurso do *enjambment*. A natureza polimórfica desses folhetos envolve, ainda, recursos originários da liberdade de criação autoral. Na *História do príncipe Alcebíades e as três princesas do Reino Encantado*, o rei da Bulgária se chama José Severo e a rainha, Dona Luzia. O trovador introduz um avião e aeronáutica (!) no entrelaçamento da trama, acrescido das conhecidas intrigas palacianas, julgamento sumário de inocentes, interesses contrariados no contrato de casamento do príncipe da Bulgária com a princesa do Sião. Não satisfeito, Minelvino faz um castelo

de reino encantado *aterrisar* em solo búlgaro e inova com termo nada habitual no vocabulário do cordel: *ergástulo* (Cit., 30).

Como exercício de sobrevivência, Minelvino produziu folhetos de encomenda, na linha encomiástica a candidatos em pleitos políticos ou a gestões de demandas particulares dos encomendantes. É assim um folheto sobre *A administração da Fazenda Santana*, enaltecendo o trabalho de um administrador rural. Sensível a circunstâncias da região que o acolheu, Minelvino festeja *A campanha de Cassilando Viana de Sousa, Arena 2* para a prefeitura de Porto Seguro, *A eleição em Itabuna e a vitória do Sr. José Oduque Teixeira*, *A vitória do Dr. Felix Mendonça e o governo de Seu Alcântara*, *A vitória de Fernando Cordier contra José Oduque*, onde, fato raro, o poeta indicaria a data de publicação do folheto ("Itabuna, terça-feira, 3 de setembro de 1968") enquanto *A vitória de Genebaldo e seus agradecimentos ao Dr. Humberto Oliveira Badaró*, reproduz a ambiência político-eleitoral em Itajuípe, em sétimas heptassilábicas finalizadas com a data de "Itabuna, 19 de novembro de 1966".

Entre uma e outra demanda política de candidatos, Minelvino produziria um folheto promocional. É o caso de *A chegada da Resica na região cacaueira e o aproveitamento do cacau geado*, ou *cacau imprestável* (p. 1). O folheto promove a RESICA — Indústria de Resíduos do Cacau, com a contracapa divulgando endereços da fábrica e escritórios da empresa especializada na compra de cacau alterado pela podridão parda e situada em Ilhéus, na rodovia Ilhéus-Uruçuca.

Os livrinhos de campanhas de candidatos a cargos eletivos se alternam nas simpatias do trovador. Alguns são produzidos em função da amizade pessoal (casos de Otaviano Curvelo de Souza, em 11 de março de 1979, e Eliúde José da Silva, em outubro de 1988), ou legitimam a homenagem ao político populista supostamente amado pelo povo (caso de José de Almeida Alcântara em Itabuna) ou ainda na versão explícita da encomenda. Na capa do folheto, ao invés da xilogravura, a foto do candidato. Na esteira da comoção popular,

Minelvino enalteceria os adversários Alcântara e Pinheirinho. Versos toscos saúdam a Arena e o golpe de 64, os políticos Mário Padre, Fernando Cordier e José Oduque Teixeira. De forma curiosa, alguns triunfos são festejados com data precisa ("terça-feira, 3 de setembro de 1968"), assinalando a vitória de um, com indicação dos votos. Por exemplo: "6.936 para Fernando Cordier e 6.276 para José Oduque".

Analisando o perfil desses candidatos, os folhetos determinam-lhes a trajetória vitoriosa, os embates com os oponentes, a alegria e a tristeza contrastantes etc. Sobre José Oduque Teixeira, por exemplo, o folheto destaca a natureza de *self-made-man* do vitorioso, evoluindo de "lavador de garrafas" e vendedor ambulante a prefeito da cidade de Itabuna. Minelvino acompanha e registra historicamente a evolução da política itabunense, os processos eleitorais, parabenizando a cidade pelos pleitos, mas cobrando dos eleitos a devida atenção para os problemas do município, especialmente os que afetam os mais fracos e suas necessidades essenciais. Como um repórter, o trovador totaliza os números finais de cada pleito, referendando os vitoriosos.

Mas o habitualmente cauto trovador por vezes incursiona pelo sarcasmo. Historiando *A vitória de Fernando Gomes* em novembro de 1988, Minelvino Francisco Silva declara que "Eram 5 candidatos/Disputando a Prefeitura (...) Essa vaca tão leiteira/Que causa inveja e usura". Em outro folheto, *A vitória do PDS em Irecê e a derrota em Itabuna*, escarnece: "Tinha tanto candidato/Muito mais do que eleitor". Satirizando o modelo das promessas dos candidatos, escarnece ainda mais: "Faço o sol brilhar de noite/Nem que gaste uma fortuna/E trago a praia de Ilhéus/Pra cidade de Itabuna". A vitória de Ubaldo Dantas é então comemorada com euforia em 1982, ocasião em que Minelvino pontifica desencanto e descontentamento gerais reservados ao antecessor, Fernando Gomes. E, para surpresa do estudioso que assina estas notas, o trovador prognosticava o que, afinal, não teria cumprimento, sequer cogitação, restando tão somente o desejo e o sonho manifestos pelo trovador idealista:

Já soube duma noticia
Que me alegra o coração
Que Jorge Araujo esta
Nomeado com atenção
Para ser o secretário
Da brilhante Educação (p. 7)

Em seu percurso noticiarista, Minelvino Francisco Silva se reportaria a eleições em Itabuna, Porto Seguro, Vitória da Conquista (com Pedral Sampaio), Camacan (Dr. Flaviano) e outros municípios baianos. *A vitória de Dr. Flaviano e a queda do MDB em Camacan* é folheto datado de 29 de novembro de 1970 e declara, ao seu final, com inextinguível, peculiar e ingênuo humor faceto: "Aproveitando o ensejo, quero avisar aos meus amigos que nesta data eu completo mais um ano de existência. Aquele que quiser me dar um presente e não pode comprar um presente caro, pode comprar mesmo barato, como seja: Um Volks, uma Rural, uma Aerowillys, um Veraneio ou então mesmo uma Komb. Tudo isso é presente de pobre, Não é por isso que dou queixa ao Delegado". E assina: *MINELVINO*. No plano estadual, o cordelista destacaria *A vitória de Lomanto* (folheto de 7 de setembro de 1962), *A posse do Governador Lomanto Jr.* e *A vitória de Waldir Pires*.

Na fortuna estética do cordelista Minelvino não serão numerosos os folhetos classificados entre os *de bravura e valentia*. Os poucos que produziu seguem, no entanto, o esquema temático predominante na convenção. *As façanhas de Acênio Peito de Aço* — primeiro e segundo volumes, ambos com 16 páginas — revelam um mítico sertão de Goiás e um arruaceiro e bárbaro, tomador de cerveja e desrespeitador das famílias, facilitado por um poder fantástico e sobrenatural: ele *envultava* — i.e., evolava, desaparecia — quando acuado. Assim dominando as artes da magia, abrindo cofres e cadeados com a força da oração demiúrgica, Acênio encantava e desencantava, dificultando sucessivas ações para sua captura.

Alguns analistas já fizeram levantamento de como o negro é vítima de preconceito na literatura de cordel. Minelvino Francisco Silva não fugiria à regra, que associa a etnia a sortilégios de magia esconsa, propiciatória de malefícios. Mas no folheto *As façanhas de Acênio Peito de Aço*, o heroi é o *negrão*, que redime a sociedade de seu sofrimento, manietando e destruindo o *envultamento* marginal, escalando-o entre as referências proscritas. O que não muda é o diálogo entre os antagonistas, permeado de bravuras, seguindo diapasão costumeiro. A geografia também é objeto de subversão programática e dinâmica, sustentando uma ambiência mágica que aspira à verossimilhança, conquanto disso pouco se note em importância atributiva.

N'*O encontro de Joaquim Pistoleiro com Manoel Quebra-Costela* — um mineiro, outro, goiano —, o segundo assim raciocina: "Dois duros não faz um muro/Que tudo se desmantela" (Cit., 4). Ainda que o verso quebrado seja uma constante, Minelvino surpreende sempre com a nitidez das imagens, e imagens comparativas: "Sua vida fica torta/Mais do que arco de pua" (Cit., 8). Os antagonistas geralmente têm diferentes origens e extratos sociais, e pertencem a regiões distintas, reavivando-se definitivamente o triunfo do Bem sobre o Mal. *O encontro do negro Aroeira com Genevaldo Tira-Fama* evidencia o embate entre um paraibano e um pernambucano, com desenlace a favor do segundo.

O cangaceiro é baseado no filme do mesmo nome, e o honesto Minelvino Francisco Silva indica a fonte de sua história, comentando as ações das personagens, revelando-se o trovador preocupado em de tudo extrair exemplos morais. *A coragem de Teodoro e vingança do Capitão Galdino* repete a história do filme de Lima Barreto. Em *A consciência de um cangaceiro*, Minelvino aduz, a caneta, o complemento *ou As bravuras de Zé Baiano*. A história é de exemplar singularidade ética, refletindo a gratidão do futuro cangaceiro Zé Baiano, que, no passado, teve quem lhe matasse a fome, e, no presente, devolve o bem salvando a vida do benfeitor, acossado e rendido pelo bando de Lampião. *As desordens de Pedro Mineiro*

(Minelvino acrescenta, a caneta: *E seu encontro com o valente Arranca Monte*) é incompleto, faltando quatro páginas, mas sustenta a natureza dos embates no gênero. O *Encontro de 2 valentões Zé Nique e Zé de Valença* tem a subsidiá-lo a realidade histórica, registrando os nomes reais dos bandoleiros representando o terror em Itabuna e Ilhéus, respectivamente. O duelo entre ambos é marcado para o Salobrinho e por nenhum é vencido. A História registra que Zé Nique foi morto à traição, enquanto dormia, e Zé de Valença, pela polícia. A conclusão de Minelvino é catastrófica e bem humorada: "Mas a tal de valentia/É uma profissão ruim/Pois na casa de valente/Só pode nascer capim/Quem não teve um bom principio/Não pode ter um bom fim".

Na *História do cangaceiro João Serra Negra*, Minelvino amplia o território da ação de seus romances de *bravura e valentia*, integrando o Pará como ambiente de atuação do desordeiro e valentão, "Um negro mal encarado/Que fazia assombração". Como outros, o folheto é impresso com duas seções de estrofes numa mesma página. Pertence ao ciclo do cangaço, observando os mesmos sinais de maniqueísmo e gestos previsíveis dos vilões, todos etiquetados como desordeiros e bêbados. Serra Negra, todavia, é magnânimo e gozador. Ao recusar a mulher oferecida pelo marido dono de bar, deblatera: "Quem gosta de couro velho/É urubu de curtume" (Cit., 7). O negro paraense viaja ao Espírito Santo para enfrentar outro valentão, Chico Setenta, a quem vence. De volta ao Pará, morre vingado por uma família por ele afrontada.

Outros títulos reforçam a sequência de exemplaridade moral e denúncia das vilanias e perversidades dos desordeiros, afinal vencidos. Estão inscritos na série a *História do valente Joaquim Azougue, o terror da zona de Jacobina*, *História do valente Pedro Mineiro* (que Minelvino substitui por *Zé Boiadeiro*, alterando também o lugar, de Belo Horizonte para Florianópolis, como acúmulo extra de integração geográfica). A conclusão do folheto é que não diverge das tradicionais, "Porque casa de valente/É cadeia ou cemitério" (Cit., 8). O senso de justiça de Minelvino percorrerá outras

referências. Baseada em fatos reais, *A morte de Gilton Francisco de Souza pelo pistoleiro Luiz Rosa* consta ter sido narrada ao trovador pelo pai da vítima, que tinha apenas 11 anos, fato acontecido em Santa Luzia, Bahia, em 30 de outubro de 1983. Já *A revolta de Mão Branca e seu encontro com o bandido Rifle Certo* revela um surpreendente Minelvino, vingador que toma o partido do justiceiro, o flagelador de ladrões no Rio de Janeiro que, listado "Pra defender seus irmãos/Mata os filhos do diabo" (Cit., 8).

Aclamado "trovador-apóstolo" num Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros, em Fortaleza, 1975, Minelvino já fazia jus ao titulo pelo menos duas décadas e meia atrás, ao transformar sua obra em ferramenta de evangelização, via palavra poética, do credo humanista, cristão e católico. Com Rodolfo, a quem reconhecia como mestre, Minelvino firmaria pacto de não-produção de folhetos com temática ou linguagem pornográfica. Respeitado no ofício por seu pares, a eles reservou extraordinária dedicação, divulgando-lhes os trabalhos e requestando para os poetas populares o respeito merecido e, no entanto, ausente por parte de governos e da sociedade brasileira. Seja nos finais de seus folhetos, nas contracapas e em outros espaços de celebração, Minelvino Francisco Silva revelou-se incansável noticiador, de que são exemplos os poucos folhetos de encontros, pelejas, desafios, debates que publicou.

No *Debate de Rodolfo Cavalcante com Minelvino Francisco Silva sobre o fim do mundo*, MFS é partidário do *Sim* (*O mundo vai se acabar*) e Rodolfo, do *Não* (*O mundo não terá fim*). As décimas heptassilábicas demonstram um Rodolfo evolucionista, crédulo na alteridade, na reformação dos costumes, coisas e elementos ("Tudo marcha em evolução/Desde Adão, Eva e Caim/Quem ao contrário pensa assim/Faz de Deus ser imperfeito") enquanto Minelvino é pregoeiro do Apocalipse, cujo advento é por ele exibido como signo de ameaça aos impuros. Na *Peleja de um paraibano com um bahiano*, o trovador grapiúna terça armas com José Basílio e a nenhum é conferido o galardão da vitória. O mesmo irá acontecer *n'O encontro*

de José Bernardo da Silva com Minelvino Francisco Silva, sétimas alternadas com décimas heptassilábicas, indicando as instâncias (e estâncias) de comprovação do conhecimento dos autores na matéria composicional dos repentes. É um debate amistoso, aparentando um Minelvino tributário das qualidades atribuídas ao trovador cearense, de 66 anos, e ainda vivo à época da publicação.

Semelhante diapasão elegíaca e enaltecedora do ofício de poeta é reproduzido no folheto *Vida, profissão e morte de João Martins de Athayde* (1880-1959), em que um compungido Minelvino celebra o estro do popular paraibano, reconhecendo-lhe méritos de detentor de um formidável imaginário. Afinal, "Fez da caneta uma enxada/E a roça da inspiração,/Da Poesia Popular/Fez a sua plantação,/No campo fértil das Letras/De sua imaginação". Na *Biografia de Rodolfo Coelho Cavalcante*, considerado por Minelvino "O rei do cordel", o trovador confirma o pacto havido entre ambos de não escrever *livro imoral*. Rodolfo (sic = *Rolfo* no folheto), era legítimo animador da cultura popular, talvez o principal dentre todos os divulgadores da literatura de cordel, presidindo associações, organizando congressos (o I, em Salvador, 1955, ao lado do mesmo Minelvino e do sergipano Manoel d'Almeida Filho) e arregimentando companheiros em torno dos ideais comuns à poesia popular, tarefas desempenhadas pelo baiano por adoção (na verdade, alagoano de Rio Largo, 12 de março de 1917) morto em 8 de outubro de 1986, num desastre em ônibus coletivo. Minelvino Francisco Silva celebra a capacidade organizativa de Rodolfo — que se empenhou pela realização de congressos em São Paulo, Fortaleza e Brasília, os mais conhecidos — e seu dom de poeta, acalentado pela simpatia pública:

Pode o mel tornar-se amargo
E tornar-se doce o fel,
Satanás gostar de cruz
Abelha injeitar o vergel;
De que o povo esquecer
O nosso "Rei do Cordel"

Em sua *História do VII Congresso dos Poetas da Literatura de Cordel em Laranjeiras e a morte de um trovador*, Minelvino assinala as dificuldades enfrentadas pelos poetas populares para imprimir e vender o produto de sua cultura, sua tradição:

Os folhetos mesmo simples
É difícil de fazer,
E se os fizer é difícil
Encontrar quem revender
Ficam lá nas prateleiras
Para barata comer.

O VII Congresso, programado para realizar-se em Laranjeiras (SE) em 1982, foi bruscamente interrompido com a morte de seu organizador, o poeta e estudioso Sebastião Nunes Batista, lamentado por MFS como se a morte interrompesse também o elo entre a família de trovadores ali reunida. Minelvino, assim, justifica plenamente o epíteto de "trovador-apóstolo" não apenas pelo espírito de religiosidade que lhe era inerente, mas por transformar a produção e o consumo da literatura de cordel, assegurando permanências e insuflando, pelo prestígio da palavra poética, a evangelização dos indivíduos para a paz.

É assim seu comportamento na homenagem que faz a Bentivi Neto na contracapa e em todo o folheto *Homenagem póstuma ao violeiro Bentivi Neto* (datado de "Itabuna, 16 de agosto de 1977") que, em Pirangi (Itajuípe), foi ao barbeiro, com apelido de Gavião, e lá encontrando um velho fumando e que tinha o apelido de Marreco, aproveitou-se da ocasião para suscitar uma graciosa copla, glosando as coincidências, com o seguinte teor, registrado por MFS:

Vi um touro jejuar
Sexta-Feira da Paixão
Macaco fazer sermão
Vi pulga se confessar

Vi cobra da de mamar
Ao filho da juriti
Um dia em Pirangi
Vi um marreco fumando
Vi um gavião tirando
A barba dum Bentivi

É dessa forma que Minelvino Francisco Silva homenageia *clássicos* como Rodolfo, Sebastião Nunes Batista, Bentivi Neto, Leandro Gomes de Barros, João Marthins de Athayde, José Bernardo da Silva, Manoel d'Almeida Filho e os contemporâneos Azulão da Bahia e Antonio Ribeiro da Conceição, o Bule Bule, bem como outros artistas populares como o baiano Gordurinha e o mineiro Barnabé. Em *A morte de Gordurinha e seu encontro com Barnabé no caminho do céu*, Minelvino reúne ambos no Paraíso, na companhia de Vicente Celestino, Augusto Calheiros, Francisco Alves, Carmem Miranda e Noel Rosa. Na *Coleção das músicas de Barnabé*, além da explícita homenagem, o trovador anuncia folheto sobre *O encontro do negro Aroeira com Genevaldo Tira Fama*.

Entre *Os repentes e proesas de Bocage*, Minelvino festeja encontro com Manoel Peixoto Almeida. O Bocage do título não é o poeta árcade português, mas o Bocage das lendas orais brasileiras, coberto de malícia e inteligência dinâmica e picaresca. Não é também o pornógrafo, mas o que responde a engenhosos desafios propostos pelo Rei, não sem alguma licenciosidade de linguagem (*merda, mijar, cagar*), acolhendo como sua uma *bufa* da rainha, subvertendo códigos de impostura moral mediante graça e picardia adaptadas ao jeito sestroso dos herois típicos nordestinos João Grilo, Cancão de Fogo e Pedro Malasartes.

Notabilizando *Os cantadores do Nordeste*, expresso em décimas decassilábicas, com seu verso quebrado de 11 ou 9 sílabas e mote de dois versos ("O soldado, o sargento e o Presidente/Todos eles são fãs da poesia"), Minelvino maximiza a importância do repente, da canção e do trovadorismo, reproduzindo ainda o desafio entre

Benone e Zé Maria, tendo como tema a Vida e a Morte, no ritmo do *galope a beira-mar*. O duelo, havido no segundo dia do Congresso de Violeiros e Repentistas de Fortaleza, agosto de 1975, é mimeticamente transmigrado por MFS, que passeia por autores de diferentes estilos e épocas (Gregório de Matos, Castro Alves e outros), ressaltando, claro, as expressões cordelistas de Leandro Gomes de Barros e João Martins de Athayde. Assim, Minelvino permanece enaltecendo os poetas populares, igualando-os aos canônicos, reafirmando ainda nomes consagrados na Bahia, a exemplo de Dadinho e Caboquinho, Palmeirinha da Bahia, Ricardo de Serrinha, Limeira da Bahia e Bule Bule.

O encontro de dois astros luminosos: Rodolfo e Jorge Amado sacramenta a reunião do popular com o *canônico*. Minelvino amplia a comunicação da literatura de cordel com o rádio no folheto *O encontro de dois faladores: Minelvino Francisco Silva e Lucílio Miranda Bastos*. Outros encontros de Minelvino — com uma Mulher Misteriosa, Otacílio Ramos da Silva, Manoel Peixoto, Odilon Pinto, Geovane Figueiredo, Francisco de Assis Medeiros, Manoel José Basílio etc. — servem para caracterizar aspectos relevantes na cultura do cordel, a exemplo da evolução da poesia, o Modernismo anatematizado pela supressão do metro e da rima, a alternância de diferentes modelos de poetar, do sexteto heptassilábico ao martelo agalopado, à redondilha menor, o que, em síntese, salienta valores dos poetas populares, *erguidos* ao cânone, na companhia dos consagrados.

Na sua faina de conferir prestígio a esse tipo de produção literária, Minelvino também se deu ao desfrute de registrar pelejas entre Zé Andorinha e João Cabeludo (duelo vencido por Andorinha nos mesmos moldes do troca-letras proposto pelo Cego Aderaldo contra Zé Pretinho do Tucum), Pedro Goiabeira e Martim Redimunho, Pedro e João Bandeira, Bentivi da Floresta e Gavião da Bahia, entre outros. Em tudo, Minelvino aparenta atuar com espírito missionário, no sentido de dar plena visibilidade a uma atividade poética por alguns considerada marginal ou inferior, tal a hierarquização que predomina em alguns setores da *inteliggentzia* brasileira. Em nome

desses valores, Minelvino se empenha em estabelecer dissolvências e desconvencionalizações.

Na perspectiva da reflexão histórica, debruçado sobre acontecimentos com alta densidade de mobilização popular e repercussão político-ideológica, Minelvino Francisco Silva também produziu obra considerável. O tratamento dos assuntos evidencia desde preocupação com a ordem legal e institucional (*A situação do Brasil e a revolta dos estudantes*, datado de "Itabuna, 17 de outubro de 1968") à situação dos trabalhadores, especialmente os idosos, com destaque para o desamparo a que se vêem condenados os poetas populares no Brasil (governos Médici e Geisel), trovadores desassistidos que morrem sem auxílio de qualquer ordem previdenciária (*A nova aposentadoria dos velhos*, datado de "Itabuna, 25 de abril de 1975"). A reflexão histórica se soma à sócio-política e à recuperação memorial, por conta ainda de folhetos como *A morte do doutor Juscelino e sua chegada no Céu*, datado de "Itabuna, 21 de setembro de 1976", onde a fantasia minelvina promove a conciliação do ex-presidente com Castelo Branco, Costa e Silva, Getúlio Vargas, além de Gregório Fortunato, que indaga a JK: *Dá noticia de Lacerda?/Já mudou de condição?/A língua estará menor/(o)u estará muito maior/Para fazer confusão?* (Cit., p, 6).

Num de seus primeiros folhetos, *A política d'agora*, Minelvino consigna profundas alterações no quadro político brasileiro, rasurando as metamorfoses do país nos planos ético e moral. O poeta glosa os novos hábitos e evidencia o profundo afeto (comum a muitos trovadores) dedicado a Getúlio Vargas, considerado por MFS "o maior dos brasileiros" (Cit., 2). Vargas, aliás, é campeão indisputado na memória afetiva de, pelo menos, duas gerações de brasileiros, e Minelvino antecipa-lhe o retorno ao poder: "No seu gordo cavalinho/Getúlio vem esquipando/Direto para o Catete/Café Filho acompanhando" (Cit., 3). O folheto glosa também a derrota impingida a Juracy Magalhães por Régis Pacheco na Bahia. No final, como que saindo em defesa de seus estilo, tema e linguagem, o poeta adverte e

justifica, quase compungido: "Eu peço desculpa a todos/Que perdoe minha expressão/Que não escrevo por despeito/Escrevo por precisão/ Escrevo meus folhetinhos/Para adquirir o pão" (Cit., 8).

O terceiro livrinho escrito e publicado por Minelvino também comemora *A vitória trabalhista* e tem data de "Jacobina, Abril de 1950". É obra de propaganda aberta do trovador e seu empenho na campanha de Getúlio Vargas, mas recomenda consciência e limpidez do voto ideológico, protestando:

Aquele que vende o voto
Por qualquer uma ninharia
Lhe digo, caro eleitor
É a maior covardia
Relaxando seu pudor
E rebaixa o seu valor
Cada vez de dia a dia (Cit., 2)

No auge da peroração e arrebatamento, Minelvino chega a fazer uma explícita declaração de voto:

Sou um trabalhista pobre
Posso não ter um cruzeiro
Porém a minha palavra
Não se vende por dinheiro!
Dinheiro, caro leitor
Não compra o trovador
Deste folheto fagueiro (Cit., 2)

Citando, quem sabe pela primeira vez, Rodolfo Coelho Cavalcante, também getulista, ameaça: "Se Getúlio não voltar/Agora nesta eleição/Pode crer que no sertão/A guerra vai começar!/ (...) Eu me puz a imaginar"/" 'Se Getúlio não voltar/ Irá ter outro Lampeão' ".

A vitória trabalhista, folheto nitidamente partidarizado e ideológico, reproduz uma variante raríssima na fatura poética de Minelvino. O poeta defende o caudilho: "Só quem fala de Getúlio/É somente o burguês/ (...) Pra Getúlio não voltar/Com medo dele acabar/Com esta devassidão/É tanta descaração/Que faz vergonha contar!" (Cit., 7). E arremata, gaiato e faceto, troçando do ofício de trovador, ainda que quebrando o ritmo de um ou outro verso: "Povo dos outros partidos/ Vocês queiram desculpar/Que nesta minha profissão/Quero cruzeiro arranjar/Comprar uma roupa bonita/Também quem for Getulista/Se gostou vai me pagar" (Cit., 8).

O preferentismo político de Minelvino Francisco Silva permanece na descrição d'*A posse do Seu Gegê*, folheto que marca a estreia do trovador na prática da estrofe com mote e glosa. O mote fará alterações de variantes no primeiro e sétimo versos, sendo que no verso 7 o intento do trovador é intensificar a impressão do significado da "posse de Seu Gegê". Afinal, Minelvino associa o fenômeno eleitoral de Getúlio Vargas a uma clara manifestação da vontade divina. O final do folheto (ironicamente, pelo inconsciente textual), anuncia a produção de *O feiticeiro do Reino do Monte Branco*, livro que se extraviou do espólio do trovador, pois não o encontramos entre os cerca de 550 estudados.

Sequenciando sua filiação ao ciclo de Getúlio Vargas na literatura de cordel, mas desta vez incorporando as reservas e queixas da população, Minelvino produziu *O governo de Getúlio e a queixa da pobreza*. Inicialmente, o trovador se limita ao registro dos queixumes e a um possível estelionato eleitoral, com o calote passado nas promessas. Depois irá contra-argumentará, saindo em defesa de Vargas, que teria encontrado um Brasil falido, a que a população havia se acostumado, sobretudo ante a falta de iniciativas, a seca por conta do sol e os costumeiros desvios de orientação moral e profissional: "A carestia está aí!/É poucos pra produzi/E muitos prá devorar" (Cit., 4).

Já em *A morte do Presidente Getúlio Vargas*, encontraremos um dos momentos mais felizes na produção poética de MFS,

captando e interagindo, com riqueza de estilo, o sentimento popular coletivo. O folheto é elegia e necrológio, e sublimiza a comoção popular, contextualizando o *Pai Nosso* adaptado e dialógico à morte de Vargas, pelo suicídio, fazendo convergirem oração e desejo de remissão. O ciclo Getúlio Vargas é dos mais inventivos na produção de Minelvino e acompanha o "Pai dos Pobres" desde a reinvestidura na presidência da República em 1950 até a carta-testamento (revisitada e glosada sob novas motivações pelo trovador) e a presumível chegada de Getúlio Vargas ao Céu dos cristãos. O folheto *A carta de Getúlio interpreta* e parafraseia o emblemático documento, reproduzido e entremeado com expressões populares a fim de redimensionar a emoção coletiva nos principais trechos, em especial aqueles cuja comoção interior do líder populista encontrará certeiro eco entre os desafortunados — base da liderança carismática getulista. Minelvino acentua esse caráter de doação (até da vida) que calava fundo na expectativa popular:

> Para defender o povo
> De ficar desamparado
> Nada mais vos posso dar
> Darei meu sangue gelado
> Pois as aves de rapina
> Desejam sangue, e imagina
> De ver meu corpo acabado (Cit., 5)

No final do folheto, uma bizarra e indignada declaração de Minelvino contra a pirataria (como se intuindo uma relação alusiva do tema Vargas ao assunto *pirataria, expropriação, dilapidação do patrimônio alheio*): "Os plagiadores deverão respeitar o direito de propriedade, sob pena de multa ou cadeia. O autor".

O folheto *A chegada de Getúlio Vargas no céu* tem abertura hiperbólica correspondente à temática e teor encomiástico anteriores, divinizando Getúlio à sombra mística do Cristo na Cruz, num

fenômeno que se aproxima claramente da escatologia cristológica. A abertura antecipa o grau de comprometimento do texto com o homenageado, e o folheto se desenvolve cumulativamente debruçado sobre os feitos extraordinários do sempre pranteado líder popular:

No dia que Getúlio Vargas
No Rio se suicidou
Houve um silêncio na terra
O mundo todo mudou.
O vento ficou parado.
O firmamento nublado
Até a chuva estiou
(...)
Os pássaros todos calaram
Galo deixou de cantar.
O papagaio na gaiola
Também deixou de falar. (Cit., 1)

Mas nem só de louvar Getúlio Minelvino se ocupou. N'*A vitória de Juscelino e João Goulart*, traça-se o perfil do primeiro, seus estilos, métodos e preocupações. O folheto invoca a ação de JK para combater a carestia, fustiga o Congresso, cuja Câmara é, ao ver do trovador, constituída de *infezados* que prejudicam a nação com sua teimosia, botando a perder decretos importantes para o país:

Um diz: eu quero é assado
Outro diz: eu quero é assim
Outro diz: eu quero é cru
E finda a coisa ruim.
Afinal, o resultado?
Nem cuzido, nem assado
Tem que ficar encruado
É o que resulta por fim. (Cit., 6)

Receitas de Minelvino Francisco Silva para viabilizar o processo eleitoral: educação para o voto e eleição a cada ano. Em *A volta de Juscelino*, discute males brasileiros como a falta de continuidade administrativa e a escalada da inflação. Um mote conduz a narrativa: *Juscelino vai voltar*. O folheto é otimista, de consagração a outro líder popu1ar forjado para substituir Getúlio Vargas. O exercício escapista impele Minelvino à alusão sobre sua condição de poeta-vate, culminando a teoria pelo toque de esperança no retorno de Juscelino na eleição prevista para 1965 e afinal frustrada pelo golpe de 1964:

Poeta conversa muito
Mas sabe profetizar
E quando diz uma coisa
Só Deus para revogar
Pode o ouro virar zinco
Porém em sessenta e cinco
Juscelino vai voltar. (Cit., 8)

Um curiosíssimo prognóstico, inconsciente e bizarro, encerra o folheto *A volta de Juscelino*, traduzindo um fenômeno de incorporação simbólica ao extrínseco textual: Minelvino grafa *FMI*, ao invés de *FIM* da sua história...

Outros livretos — *A chegada do Dr. Adhemar de Barros e o fracasso de Itabuna, A vitória da democracia e a derrota dos comunistas* (Minelvino tomando o partido do golpe de 1964) — sinalizavam para a identificação de Minelvino Francisco Silva com a contemporaneidade política. Festejador do golpe como redenção do Brasil pelo estatuto da democracia, Minelvino projetou nos generais-presidentes os ideais de soerguimento da Nação, justificando tal assertiva nos laudatórios *A entrada do ex-presidente Castelo Branco no Céu e seu encontro com o ex-presidente Getúlio Vargas* — peça de absolvição, via simpatia do poeta, dos dirigentes militares, ungindo-os com a quase santidade da misericórdia refeita. O final do

folheto escapa ao óbvio, com o trovador se relacionando ludicamente com o leitor: "Leitores não são patetas/Vê e sabem que os poetas/ Aqui precisam seu pão" (Cit., 8) — e *A morte do ex-presidente Marechal Artur da Costa e Silva*, em que Minelvino elogia o ciclo militar pós-64, buscando compatibilizá-lo com os objetivos de uma reforma agrária cristã, que o poeta defende, argumentando que "Gente não é passarinho/Pra só ir comer pimenta..."(Cit,, 8).

A vitória de Tancredo Nevez e a derrota de Paulo Maluf assinala o começo efetivo da abertura democrática e fim da égide de presidentes militares. O folheto noticia o triunfo do experiente político mineiro e encerra (porque também conclui por) com a expressão dos desejos de Minelvino ao novo país legado pelo episódio civil e democrático. Eis o transporte dos sonhos do poeta popular:

Tomara que Deus ajude
Com muita sabedoria
Para Tancredo mudar
Tudo que nos atrofia
Principalmente a marreta
Chamada carestia

Uma coisa a gente compra
De manhã paga cinquenta,
De tarde já custa cem
Não vende nem por noventa.
No outro dia é duzentos
Não há cristão que aguenta

Se vai num Supermercado
Toda coisa que ele pega
O preço está remarcado
E o gerente não nega
Ontem comprou mais barato
Hoje cai na faca cega.

E a tal da gasolina
Se dana por sua vez
Porque já está subindo
Duas, três vezes por mês
E quem falar contra aumento
Arrisca ir pra o xadrez

O pobre trabalhador
Para o salário aumentar,
Juntam todos formam greve
Pensando de melhorar
Mas quando o salário aumenta
Acaba de piorar.

Assim que sai no jornal
Que o salário vai sair
A mercadoria toda
Começa logo a subir
E sobe por conta dela
Sem ninguém fazer cair

E quando sai o salário
Ela sobe novamente
Sem ter uma autoridade
Que lute de frente a frente
Em defeza dos humildes
A pobre classe de gente.

Mas agora com Tancredo
A coisa tem que mudar
Vamos que ele não faça
As coisa baratiar
Porém controle os seus preços
Que todos possam comprar

Porque do jeito que vai
Uns ganhando muito "cobre"
Querendo que sua riqueza
Cada momento se dobre,
O rico fica mais rico
E o pobre fica mais pobre

Agora eu quero fazer
A Deus uma oração:
Ó Senhor Deus de Israel
Apontai a solução,
A doutor Tancredo Neves
Sobre esta nossa Nação.

Dai muita sabedoria
Nosso novo presidente
Para que faça um governo
Que todos fiquem contente
Principalmente os humildes
Que sofrem terrivelmente

Mandai esta carestia
Fazer logo um paradeiro,
Sobre a dívida do Brasil
Inspirai Pai Verdadeiro,
Livra-nos da escravidão
Vejamos nossa Nação
Assim livre do estrangeiro.
FIM

O próximo folheto, *A morte e o enterro do Prezidente Tancredo Nevez*, segue a linha dos livrinhos de ocasião, sensíveis à expectativa e comoção populares em face de grandes acontecimentos históricos e sociais. Segue-o *A chegada do Prezidente Tancredo Nevez no Céu*, em que o trovador se aproveita para reconduzir, pela voz do Cristo, o anátema pelos desvios morais na Terra: "Poucos se lembram de mim/E da vida espiritual,/Só quer fazer todo ano/Seis dias de carnaval/Cantando música indecente/Seguindo o ritmo do mal" (Cit., 7). Em *A palestra de Tancredo Nevez com Getúlio Vargas no Céu sobre a Reforma Agrária*, o registro da habilidade do trovador em aliar

temas da comoção popular com esforço de conciliação política face aos problemas enfrentados pelo povo brasileiro. Minelvino recorre à *Deusa da Poesia* na abertura do folheto (datado de "Itabuna, 6 de junho de 1985"), alternando-se, pois, as aberturas com a invocação ao panteão católico quanto às musas de inspiração clássica pagã. O trovador transparece clara consciência política e dos problemas brasileiros, mas induz a que as reformas se façam pelos caminhos da paz e da legitimidade.

Já a *História da cova de Tancredo Nevez e seus milagres* contém surpreendente dose de extravagância temática, não só pela emergência da morte do homem público como pelo desejo inconsciente do trovador em pacificar a Terra através dos santos óleos da via milagrosa... No folheto *O sonho do Presidente José Sarney com o Presidente Tancredo Nevez no Céu*, Sarney ouve de Tancredo todas as queixas dos pobres que batem no Paraíso, mortos pela fome, abatidos pelo parco salário, pelo desemprego e pela carência da reforma agrária. Datado de "Itabuna-Bahia, 5 de janeiro de 1988", o folheto do sonho de Sarney revela-o conduzido pelo anjo-da-guarda à presença de Tancredo, que adverte o maranhense: "Você criou o gatilho/Que a inflação desacata,/Gatilho contra inflação/A gente pensa que mata,/ Mas me disseram que os tiros/Saiam pela culatra!" (Cit., 5).

Como todos temos o direito a equívocos, Minelvino Francisco Silva cometeu o seu ao acreditar n'*A vitória de Fernando Collor e a Derrota dos comunistas*. Data do folheto: "Itabuna, 18 de dezembro de 1989". A hipótese ruiria em 1992 e o mesmo Minelvino acusaria o golpe, ministrando no folheto *O governo do Presidente Collor e o choro da pobreza*, a constatação:

A pobreza está chorando
Sem achar consolação,
Porque votou para Collor
Na maior satisfação.
E piorou mais a mais
A nossa situação.

O livreto descreve as agruras provocadas pelo confisco dos ativos financeiros, alta de preços, desemprego, inflação, congelamento de salários, impossível garantia da cesta básica etc. Testemunha como traição a atitude de Collor para com o povo que o elegeu. Assim antenado com a evolução histórica do Brasil até sua morte em 1998, Minelvino traduziria em sua obra os avanços e recuos da democracia e da vida dos pobres, objeto de sua especial consideração. O ultimo folheto produzido na seriação histórico-política foi justamente *A vitória de Fernando Henrique o novo presidente do Brasil*, publicado quando da primeira eleição de FHC, em 1994.

Outras circunstâncias históricas, acontecimentos que, de alguma forma, comoviam setores da população interessados no que divulgava a literatura de cordel, também despertariam motivações temáticas e estilísticas de Minelvino Francisco Silva. Reativo e episódico, mas com saldos de recuperação de fatos históricos e doutrinários é o relato d'*A guerra do Juazeiro e o poder do Padre Cícero* em que Minelvino, seguindo a lógica cordelista de acolhida irrestrita ao taumaturgo cearense, louva-lhe a bravura e os rasgos de santidade: "Pois lutou com o governo/E botou o pra correr". O folheto descreve e narra as intrigas do Crato contra Juazeiro do Norte, ou o Padre Cícero Romão Batista, investido de poderes demiúrgicos e messiânicos, combatendo e vencendo o governo do Estado do Ceará, que atentara contra as crenças populares, proibindo romarias. O padre Cícero contou com a decisiva ajuda de Floro Bartolomeu, curiosa circunstância de ode especulativa de valores, se cotejarmos o folheto com o que narra a saga inglória do Conselheiro em Canudos. Minelvino usa dois diferentes pesos, consagrando o padim Ciço e deplorando o radical Antonio Conselheiro, sendo que ambos enfrentaram expressões semelhantes de forças governamentais e desafio a códigos. Já o folheto *A tragédia do estádio Otávio Mangabeira na Fonte Nova*, quase um século depois da guerra do Juazeiro (CE), faz reportagem descrevendo o falso alarme de desabamento de um setor das arquibancadas do estádio, o desespero dos assistentes, jogadores e autoridades, com dois mortos

e 2.886 feridos, pisoteados pela multidão em pânico e com repercussões até no gramado ("Ali naquele recinto/Não ficou nem o juiz"). No final do folheto, a data: "Itabuna-BA, 8 de março de 1971".

O *ABC de Lampeão escrito pelo seu próprio punho* (como inúmeros dedicados ao "Rei do cangaço") descreve a ira justiceira do moço simples, traído pela justiça dos ricos. Há no folheto um trecho que é clara referência (e citação) à Carta-testamento de Getúlio Vargas. Quando Lampião mata o assassino do pai, assim se pronuncia sobre a profundidade e o alcance de sua vingança: "Se mil vida possuísse/Tinha que todas perder" (Cit., 6). Minelvino apresenta a versão (*de próprio punho*) do heroi desviado, produzindo imagens de surpreendente beleza épica:

Deixei prostrada por terra
A covarde cabroeira,
Não vi o resto da força
— Virou alcanfor, poeira. (Cit., 7)

E também imagens de uma certeira graça irônica:

Mato gente a todo instante,
Quando paro é por preguiça (Cit., 8)

As duras ponderações do heroi reproduzem o timbre da indignação popular contra a justiça vendida, os poderes delinquentes:

A Justiça brasileira
Muito será feliz
Porque só crer no dinheiro
Para sua diretriz!
Ella se oculta p'ro pobre!
Não liga o que elle diz!

Fui Virgulino Ferreira
E porque sou Lampeão?
Si Justiça houvesse eu era
Um pacato cidadão!
Mas não quizeram assim,
Pois gemam no meu facão!

Adeus Justiça de borra!
Adeus, polícia gorada!
Só converso com vocês
Com entrevista marcada!
Si querem melhor lembrança,
Dou um adeus de mão fechada!

No referencial *ABC dos tubarões*, um surpreendentemente ácido Minelvino Francisco Silva (não mais o trovador-apóstolo da conciliação) se imiscui em diferentes setores do texto, aliás, um primor de indignação cívica em defesa dos espoliados:

De sempre morre um burguez
Perde a farinha e o feijão
Porque tem muito dinheiro
Só morre de avião.
Eu digo: Já morreu tarde!
Só assim acaba a metade
do grupo do Tubarão. (Cit., 2)

A morte então é vista como parceira determinada e democrática:

Porque vem mata sardinha
E mata também Tubarão. (Cit., 2)

Todo o tempo, lúdico e interativo, seja quanto ao virtual ou quanto ao simbólico, Minelvino radicaliza na pedagogia do voto ideológico, alertando para a escolha que se deve fazer de candidatos comprometidos:

Pra não votar no escuro
Para qualquer Tubarão

Inscrito na série de romances celebrando o amor triunfante, *O destino de dois amantes e a vingança de um pintor*, com 16 páginas em duas colunas (32 páginas no total), radica um gênero em que Minelvino Francisco Silva se notabilizaria: o maravilhoso. Prometida a um modesto pintor, que a desposaria em tempo combinado entre os interessados, uma condessa (de um reino distante, claro!) é sequestrada por um sultão, que a deseja para si e objeta seu amor não-correspondido promovendo a perfídia, o desejo malsão e as ações mesquinhas, produtos típicos dos vilões. A tensão dramática não impede que MFS inove em malícia gracejadora. Os partidários do sultão invasor, para escaparem da morte, "Chamaram por "São Veado"/E abriram a perna a correr".

Os encantos dos amores ou o casamento de Minerva (com 34 páginas) interpõe assunto mitológico, costurando no panteão greco-romano um insólito consórcio entre Netuno Deus do Mar com Minerva Deusa das Artes. A variante modernista do tratamento em poesia popular faz Minelvino descrever o palácio de Minerva dotado de dez andares e servido por elevador. O diálogo entre os amantes é de singular e cerimonioso formalismo e o trovador restabelece um contraditório concílio dos deuses, apoiando e desestimulando o casamento das divindades, com os ciúmes antropomórficos já apreendidos por Camões n'*Os Lusíadas*. Minelvino grafa Vênus como vaidoso deus masculino, irmão da orgulhosa Minerva.

Outros romances reproduzindo dramas sentimentais alicerçam o perfil trovadoresco na expressão do maravilhoso. A *História*

de Maninha e Machadinho perfila o encantamento, o fabuloso, o fantasista, pondo em evidência uma ativa dedicação do poeta ao gênero. Machadinho é protegido por uma princesa encantada, que lhe cata piolhos e o alivia das exigências absurdas de um monarca tirânico. A história tem o molho e a picardia das peripécias fabulosas, incluindo figuras mitológicas e alegóricas, o proverbial final feliz e o apelo do trovador: "Pague aqui 5 cruzados/Ajude quem escreveu" (Cit., 32).

Vida e morte de Sansão e a falsidade de Dalila funde o romance maravilhoso e o assunto bíblico. O belo exemplar de xilogravura e a própria confissão de MFS reproduzem ambiência e temática tal como desenvolvidas no filme *Sansão e Dalila*, com Victor Mature e Hedy Lamar nos papeis-título. Uma curiosidade é reservada por Minelvino ao final de seu livrinho: "Desculpe caro leitor/os erros do trovador/Porque não sou um formado". O romance *A vingança de Ismael pelo amor de Angelina* é um épico ambientado "No sertão do Mato Grosso" e a história se centra no sentimento amoroso cercando as filhas de rico potentado, "três rosas formosas (...) três morenas belas", com um terrível agravante: "Seria morto o rapaz/que olhasse para elas". As mitológicas imagens de rusticidade paranoica são imprimidas no pai das donzelas, o temível coronel Vitoriano, justamente para infundir no leitor o terror e o suspense das ações: "Tinha um gênio desumano/Mais do que Leviatã/Do fundo do oceano" (Cit., 4). O autor data de "Itabuna, 18 de dezembro de 1976" e encerra o folheto com uma graciosa advertência ao leitor, que funciona também como peça de *marketing*: "Agora eu quero avisar/Quem este livro obter/Não empreste a ninguém/Que não vai mais receber/Diga assim Seu Minelvino/Ainda tem para vender".

Dentre os numerosos relatos do maravilhoso *stricto sensu*, Minelvino cristalizaria a fagulha mítica dos folhetos com *A terra de São Suruê*, adaptada e ampliada de folheto de autor desconhecido. São Suruê é uma espécie de Pasárgada do trovadorismo nordestino, em que predomina o exagero compensatório, as hipérboles reorientando as inúmeras carências da sofrida população. Por isso,

"Arroz in São Suruê/É de chamar atenção/Cada pé de trinta caixa/Qui faz admiração/Cada caroço de arroz/Enche quatro caminhão". Em sete páginas, Minelvino maximiza as maravilhas distribuídas aos nativos e moradores do país mítico. Na página 8, ironiza os períodos eleitorais assinalando os desvios de comportamento dos candidatos, cujas prioridades se invertem tão logo cessam as eleições. A sátira atinge ressonâncias de indignada manifestação cívica, acompanhada de um sarcasmo quase paroxístico: "Depois que tiver eleito/Bota sela e cabeção/Por isso que eu digo assim:/Vão fazer besta do cão".

A notação parodística do folheto contemporiza as agruras do povo nordestino, à metonímica São Suruê atribuindo similitudes paradisíacas. O trovador, não raro, exprime uma tradicional visão sebastianista aplicando-a à terra suspirada: "Nas ruas de São Suruê/Corre dois rios de leite (..,) Nasce no pé duma serra/Um riacho de azeite". Por isso que o texto imanta ao horizonte contemplado as delícias ansiadas pelo imaginário popular de um Nordeste mítico, simbólico, nutrido por sonhos e desejos de prosperidade:

São Suruê é a terra
Qui o pobre pode viver
Pranta dinheiro meio dia
De tarde pega nascer
No outro dia cedinho
Já tem nota pra cuiê
(...)
Terra de São Suruê
É a terra da fartura
Pranta fruta de manhã
De tarde come madura
Tem serra de requejão
E morro de rapadura

Outros folhetos de expressão do maravilhoso, no entanto, seguirão a marca patenteada da fantasia, por vezes alucinatória e quase delirante, justamente para espicaçar a curiosidade leitora e disseminar-lhe o gosto do imaginário, não importando a regularidade de frequentes sinais de inverossimilhança. É o caso da *Estória da Serpente Encantada e a Espada de Quatorze Arrobas* (16 páginas em duas colunas = 32 p.), que alcançaria a terceira edição impressa em 6 de julho de 1972. O heroi é um gigante chamado Quatorze, com a síndrome hiperbólica de tudo comer em número de quatorze (14 bois em um só almoço, por exemplo). O exagero é igualmente compensatório, no sentido de prover (pelo inconsciente) a fome colossal dos pobres do Nordeste. O poeta inova na estrofe final, variando os sentidos do apelo à sensibilidade do leitor, capturando-a mercadologicamente: "Senhores, vou terminar/A minha imaginação/Os exageiros que fiz/A todos peço perdão/Pois a história sem graça/Não agrada a multidão" (Cit., p. 8). Já na *Estória do gavião maldito, ou o mau exemplo da mãe que xinga os filhos*, as sétimas de moralidade explícita funcionam para proveito de punição e consolo dos descaídos e reorientação da palavra divina. É o maravilhoso combinado com a reflexão moral, fórmula constante na produção de Minelvino.

No ciclo do Pavão, aberto com a história do Pavão Misterioso, de Manoel Camilo dos Santos, Minelvino inscreve como variante o romance (16 p. + 2 colunas = 32 p.) *Estória do Pavão Encantado*, no mesmo gênero que consagraria o criador original. O fabuloso, o recorte de encanto e magia da expressão maravilhosa agora vêm inovados com as ilustrações internas que Minelvino incorpora como ampliação da capa e do assunto renovado. O Pavão do trovador grapiúna é um príncipe enfeitiçado por uma bruxa maldita. O modelo de beleza e encantamento pertence à convenção cordelista contaminada pelo etnocentrismo europeu, no molde *branco de olhos azuis*, com extensão mitológica ao cristianismo: "Quem o visse comparava/Com o menino Jesus". Já o negro é sua mais acabada antítese, a este se associando um conjunto formidável de malefícios.

O que compensa a exageração preconceituosa é a contrapartida da heroína — que desencanta o Príncipe e com ele se casa ao final das peripécias do romance —, a camponesa Maria (clara herança mítica de reverência mariológica). O folheto é datado de "Itabuna, 1º de janeiro de 1975" e é, certamente, um dos últimos *livros grandes* produzidos pelo cauteloso (e caudaloso) *trovador-apóstolo*.

A natureza do senso comum aplicado à convenção do relato maravilhoso gera uma situações de familiaridade entre as histórias, repetindo-se, não raro, modelos e entrechos que percorrem os motivos de um e outro relato. É assim no romance de MFS *História do valente José Tenengo e as três princesas do Reino Misterioso*, onde se observam nítidos contornos de histórias assemelhadas entre si, reproduzindo elementos temáticos, repertórios, imagens, cenas e até vocabulário. Altera-se, contudo, o lugar. O reino agora é a Noruega e o trovador percorre outros mapas e perfis. O protagonista também é diferenciado. José Tenengo nasce de 6 meses do joelho da mãe e já falando tudo, anunciando que nascia e já se iria embora. Homem já feito e encorpado, na Noruega, ganha do pai um chapéu de cangaceiro (!). O maravilhoso, então, cede ao fantástico e ao surreal. A velha do romance é antropófaga, mas Tenengo é esperto como João Grilo e escapa das armadilhas, incorporando novas aventuras como um Rocambole nórdico-sertanejo e delas saindo vencedor por meio das simbologias dos objetos (O sal é o mar, o alfinete é a mata fechada de espinho, o cinza é a neve etc.). A palavra *remorso* traz no folheto a implícita carga de significantes a ela atribuídos no Nordeste, reverberada como repugnância, náusea, enjôo etc.

Minelvino Francisco Silva segue a trilha dos contos de fadas em muitos desses folhetos. O romance *Os martírios de três irmãs e a tragédia de um pássaro encantado* percorre esse diapasão temático, de novo movimentando personagens como a velha antropófaga. A astúcia vence o poder, e um pedaço de rabo de lagartixa (como na narrativa de *João e Maria*) substitui o dedo mindinho. A ambiência do conto de fadas convive com a reação naturalista: "Deu uma

dentada na língua/Que logo o sangue desceu" (Cit., 5). O triunfo dos humilhados vem reforçado no romance *O poder do rei dos peixes e a inocência de uma princesa*, em que o inusitado se associa ao bizarro nessa história de encantamento curioso. Minelvino investe em alternativas metafóricas para o verbo *parir* e por isso diz que a mãe "*descansou*/Um garoto muito forte". O tal menino já nasce com uma carta na mão, afirmando que só a entregaria ao seu pai biológico, o pitoresco Zé Preguiça, heroi picaresco que engravida uma princesa em mais um acidente fruto de encantamento. O romance do rei dos peixes (escrito em 1965 e publicado em 1973) reafirma o prestígio do maravilhoso entre as composições minelvinas.

A série de histórias de bravura e valentia, conjugando o maravilhoso com aspectos picarescos dos herois, ganha então uma maior relevância. Nesse campo tem destaque a *História do gigante Quebra-Osso e o Castelo Mal-Assombrado*, que alcançou enorme popularidade, sendo inclusive reeditada pela Luzeiro, de São Paulo (sem data), anunciando-se na folha-de-rosto ter sido o texto de MFS "revisto e classificado por Hélio Cavenaghi". Na *História de Martim Tomba-Serra e o gigante Plutão do deserto*, um raro trecho (inclusive no cordel) de discurso indireto livre sugere que: "Desta maneira falaram:/Para que ele queria/As pernas tão amarradas?" Já no romance (32 páginas, aparentando ter sido editado em Juazeiro do Norte (CE), 30 de junho de 1964) *A prisão do Gigante da Montanha Assombrosa*, irão permanecer os trunfos da convenção do cordel, salientando-se a subversão de geografia, de tempo histórico etc.

N'*A história de João Valentão*, o heroi picaresco evolui de covarde (o João Cara Feia que apanhava todo dia da mulher) a destemido, aventureiro, vitorioso e vingador. Estilo típico do cordel maravilhoso, o folheto movimenta personagens e situações arquetípicas, a exemplo de monarca e reino longínquo, com seus enigmas e desafios. Como figurante tropical, uma onça tapuia, famosa por comer gado e gente, até sem mastigar. Por causa do apelido irônico, o covarde João Valentão é convocado pelo rei para matar a onça devastadora. Valentão

é um mofino blasonador, mentiroso e arteiro, mas esperto e ardiloso como seu contra-parente João Grilo. A personagem de MFS segue percurso semelhante aos de João Grilo, Pedro Malasartes e Canção de Fogo, dessa mistura se distinguindo, embora com proezas bem distintas das de seus arquétipos. João Valentão será a antítese viva e irônica do valente, mas metonímia da esperteza e do ardil picaresco para sobreviver: "Seu João de tanta coragem/Deu até para tremer./ Com licença da palavra/Foi vendo merda descer/Que encheu logo a cueca/E começou a escorrer" (Cit., 24). E o que se segue é um acúmulo de graça e humor, com João Valentão, em cima de uma árvore, fazendo as fezes atingirem os malfeitores. O heroi se cagava e a merda descia, emporcalhando incautos ladrões. Embora faltem ao folheto as páginas 25 e 26 e as finais 31 e 32, as sequências do relato evidenciam tanta hilaridade, que as faltantes páginas não comprometem a eficácia do conjunto, nem o próprio desfecho narrativo.

No romance de 16 páginas *As aventuras de Valdino e a camponesa misteriosa*, Minelvino revela seus definitivos pendores para o maravilhoso, confessando-se inconscientemente influenciado pelo gênero cordelista que fez talvez o mais frutuoso sucesso entre os trovadores, de Leandro e Athayde a Firmino Amaral e José Bernardo da Silva. MFS declina: "Eu que bastante admiro/Um romance de princesa (...) Num reino muito distante/Que fica no horiente" (Cit., p. 1). O fabuloso aqui se nutre do inverossímil e fantástico com fins de produzir efeitos estéticos cumulativos, extensivos e catárticos. A bela camponesa subordina um grupo enorme de pretendentes a seus desejos. Os submetidos à esperteza da donzela se sucedem nos fracassos ante um labirinto construído no interior da casa da pretendida, até que esta é vencida por astucioso heroi, que reúne os ardis capazes de triunfar sobre os obstáculos.

A *Estória da rainha Rosinalva ou a tragédia do príncipe Emiliano* funde o maravilhoso ao real concreto. Despeitado pela recusa de Rosinalva a seu amor, Emiliano contrata um primo "Para matar o soberano/Que lhe daria mil dólares/Em dinheiro americano"

(Cit., 3). No reino de Adry Malva, o pagamento de traição e corrupção é em... cruzeiros... Minelvino Francisco Silva segue rastros da tradição martirológica e devocionária do maravilhoso cristão, no feitio, por exemplo, de um Baltasar Dias narrando o sacrifício da Imperatriz Porcina. O Bem vence o Mal por meio da força da Verdade e da Fé, personagens alegorizadas pela determinação do culto à Virgem. O Mal é proscrito, os bons (depois de muito padecerem) são cumulados de virtudes e de graças. O folheto (escrito em 1958 e publicado em 1976) perpendiculariza a vocação minelvina para o fabulário redentorista e místico desse gênero de cordel.

Uma curiosidade circular e frequente em todos os folhetos que implicam demonstrações de prosápia e valentia é marca característica também expressa na linguagem e no estilo dos duelos, ou desafios, entre protagonista e antagonista. Na *História do filho de João Acaba--Mundo e o dragão do Reino Encantado* encontramos esse tipo de repto: "Disse o gigante: a você/Vou mostrar como é que é/Você para mim é um sirir/Na vazante da maré/Vou te lascar da cabeça/Até no dedão do pé" (Cit,, 12). Monstros, duendes, dragões, gigantes, anões, todos energizados por tamanhos descomunais, compõem curiosa galeria de assento permanente nas histórias de encantamento e fabulação, com predominância para o hiperbólico e o extraordinário. Os vencidos se deixam escravizar pelos vencedores. Na *História do filho de João Acaba-Mundo e o dragão do Reino Encantado*, aos ingredientes tópicos conhecidos, acumula-se uma frequência de encantamentos/desencantamentos. O heroi, filho de um outro já consagrado na tradição triunfalista, desencanta o Reino Encantado e se casa com a princesa, herdando metade do mesmo reino e sendo feliz para sempre no novo *habitat*.

O triunfo do heroi picaresco conduz a narrativa da *Firmeza de dois corações e a espada vencedora*, ou a vitória do pobre valoroso e destemido (que alimenta o número quase completo dos folhetos que conhecemos) contra o maniqueísmo rasteiro do rico e soberbo mandante de mortes. Por conta superlativa da vitória do *proveito* e *exemplo,* os herois Agnaldo e Esmeralda desafiam o poder do pai da

moça e alcançam a felicidade sentimental, antecipada por arroubos de intensa passionalidade (do heroi e do narrador): "Entro em coivara de fogo/Sem mesmo a morte temer" (Cit., 4). O heroísmo também incorpora a mulher, ainda que a jactância seja atributo quase exclusivamente masculino. A bravura é combinada com a resistência, em dose compreensível de exagero: "Esmeralda deu um tiro/Que trinta e três derrubou" (Cit,, 14). Mais próximo do final, o romance desloca-se do drama sentimental para o conto maravilhoso, fundindo-se o encanto com o virtual. No fim, anel e espada edificam prodígios: os noivos vencem e são transportados da Paraíba para São Paulo, onde se casam e viverão felizes para sempre.

No romance (de 32 páginas) *História da Cegonha Encantada e o Reino dos Mistérios*, Minelvino varia em muito a abertura de seus folhetos, servindo esta como ilustração pela expansão de sentidos que provoca no leitor: "Andando meu pensamento/Passeando nos impérios/Dos reinos imaginários,/Conhecendo os hemisférios/Viu uma linda cegonha/No Reinado dos Mistérios". O assunto do folheto também soa um tanto bizarro, podendo-se até perguntar: E cegonha canta? Tal como o sabiá de Gonçalves Dias (no poema *Canção do exílio*) cantando na implausível (conforme os ornitólogos) palmeira, a cegonha de MFS não apenas cantava como "Um belo hino entoava/ Quem ouvisse aquele hino/Logo ali se apaixonava" (Cit., 3). A cegonha, como facilmente se observa em se tratando de relato maravilhoso, é uma princesa encantada em ave por um despeitado feiticeiro. O ciclo de cavalaria cumpre aqui rito de passagem, compreendendo até duelo, com discurso e bravata, entre serpentes e o heroi guerreiro. Minelvino nomeia herois e heroínas, príncipes e princesas de reinos exóticos, com nomes sertanejos e o protagonista engalfinhando-se com o portador dos malefícios: "Ali o ferro trincou/O príncipe com o feiticeiro/Se um era bom no ferro/O outro, ferro ligeiro/Se um dava golpe certo/O outro, golpe certeiro" (Cit., 13). O final feliz reserva sucesso e triunfo ao príncipe libertador, o reino se desencanta e o príncipe do Reino da Saudade se casa com a princesa do ex-Reino dos Mistérios.

A *História da onça tapuia e o Homem destemido* apresenta-se na segunda versão como *História da Onça Encantada e o homem destemido*. Nele, Minelvino manifesta o arrebatamento do poeta entusiasmado com seu ofício, em duas estrofes ausentes na segunda versão (que, aliás, corrige palavras e situações do texto anterior, por exemplo, *puxaram* ao invés de *pucharam)*:

Eu comparo a veia poética
Como uma água minada
A água sai abundante
A fonte estando zelada
Poesia inspira o poeta
Cada vez mais culturada

Por isso eu sou amante
Sou amigo da poesia
Quanto mais pucho por ela
Mais elá dá-me alegria
Poesia é distração
Que todo mundo aprecia.

Resta lembrar que a onça tapuia, para reforçar imageticamente a expressão mítica do conto maravilhoso, era uma velha encantada em felino e que devorava corpos humanos, mas, tendo um ponto vulnerável em seu corpo, por este seria abatida.

Num de seus romances mais festejados, a *História da princesa do Reino da Branca Aurora*, Minelvino narra a epopeia de uma princesa marcada pela inveja e violência imposta por uma sogra vingativa no Reino da Serrania. Os filhos da princesa são trocados pela avó por animais peçonhentos, o que faz MFS se permitir uma incursão pelo azedo palavrão, classificando a maldosa antagonista como *sujeita escrôta e nojenta* (segundo volume, p. 7). O Mal, claro, é novamente punido. Um pássaro, zeloso do bem-estar da princesa,

encarrega-se de transtornar o malefício, redimensionando-o e restabelecendo a honra, dignidade e virtude da nobreza humilhada.

A *História da princesa do Reino do Parreiral* é uma espécie de versão de relato maravilhoso para o conflito Gata Borralheira x Madrasta, ou a princesa bonita e virtuosa arrastada pela fada invejosa e má, que a encanta em arara. Os mitos se associam no maravilhoso, na forma de um gavião, que salva os amantes do enfeitiçamento. No final do folheto, Minelvino, mais uma vez, recorre à sedução mercadológica para convencer o leitor: "Senhores minha historinha/Aqui eu vou terminar/Me paguem só 6 cruzeiros/Para o poeta ajudar/Que agente para escrever/Precisa se alimentar" (Cit., p.·32). Na *História da Princesa Encantada ou o monarca sem coração*, o reino é longínquo e estrangeiro, mas a moeda é brasileiríssima: *cem contos de réis*, por exemplo. O folheto movimenta mitos, legendas heroicas, bruxedos e abusões, águas do Céu e do Inferno, tições de fogo do Purgatório, elementos bastante circulares no universo medieval, de resgate maravilhoso. Um pássaro encantado intermitentemente entoa canções para um rei que o pretende eliminar, alternando-se sucessivas tentativas de morte e permanentes escapadas. O humor de MFS aqui deriva para o mórbido. Ao Zequinha Atirador, que o rei mandou matar, "Cortaram bem miudinho./Dava até sarapatel/Botando sal e cominho" (Cit., 29).

Os folhetos do gênero maravilhoso premiam os herois libertadores com encantos especiais e casamentos com princesas libertadas. *A história da princesinha do mar e a bruxa da solidão* pluraliza os ambientes de diferentes monarcados, alegorizando-os (Solidão, Dor, Pedra Verde, Maldição, Desespero, Pensamento etc.) e associando-os com fadas e bruxas, feiticeiros e reis, poderes distintos confundidos (o da Beira-Mar com a Mãe D'Água, por exemplo), com que MFS pretende influir nos sentimentos humanos. A graça ingênua e a espontaneidade permanecem marcas características desses folhetos e seu objeto temático também será perenemente alcançado: o triunfo da moral cristã e a redenção dos pobres não-malfeitores

sobre as adversidades morais e econômicas. O romance *História de Antonio de Lisboa e a sereia do fundo do mar* realiza subliminarmente tal configuração, com o relato ambientado na Inglaterra, e tendo como protagonista uma moça pobre travestida de guerreiro e protegida por Santo Antônio de Lisboa, a quem a mãe destinou para a carreira das armas e deu-lhe o nome masculino de Antonio, em homenagem e devoção ao taumaturgo.

Nesse modelo de unção mística, o maravilhoso cristão se cumula do mítico e do lírico, destacando-se a viola e o canto de Antonio a todos encantando e protegendo a heroína dos desvios morais e das penas do Inferno simbólico e do mundo real. A invocação no texto não mais se destina já a entidades míticas, lendárias, mas ao triunfante Santo Antonio, capitão das legiões portuguesas e padrinho da heroína, cuja sorte é decidida por uma sereia, que desata os nós da intriga e desvenda os enigmas. A rainha, que perseguia Antonio julgando ser ele um homem, uma vez rejeitada, levantaria falsos testemunhos aos ouvidos do rei e incriminando a heroína. A sereia falante tudo deslinda e esclarece: "O teu nome é Antonia/Teu olho é muito graudo/Porque se tu foste Antonio/O monarca era chifrudo" (Cit., 16). O final não chega a surpreender: desmascarada, a rainha morre. O rei e a donzela Antonia se casam e serão felizes para sempre.

Atento aos novos suportes envolvidos na comunicação estética, MFS sempre buscou inovar em seus folhetos. Na *História do Reino do Vai não Torna e o Gigante Encantado*, os animais são polimorfos e o Gigante tem partes de cobra, dragão e leão. A subversão geográfica incorpora ambiências mitológicas como o Reino da Babilônia. No *Romance do mistério da princesa* (em parceria com Rodolfo Coelho Cavalcante), a modernidade narrativa inclui até o uso do telefone. O diabo é mensageiro, escravo do heroi, enquanto a madrinha que salva os prudentes é Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Já o romance *A vingança da princesa do Reino do Bom Jardim* (datado de "Juazeiro (?), 20 de maio de 1961") emblematiza o famoso tripé Amor, Bravura, Traição subordinado a um príncipe do Reino da Espe-

rança. Nomes, lugares e herois são assim associados aos signos positivos, a exemplo de Bom Jardim. Seguindo o ordenamento da maioria dos folhetos de MFS, nesse também a luta ou cessa ou varia quando "acaba-se a munição". O príncipe Laudelino, em sua delegação de vingança pela invasão do Reino do Bom Jardim, desafia os inimigos, lançando-lhes reptos como uma canção de gesta, provável influência do Graal e do prestígio de Carlos Magno, ou Ricardo Coração de Leão: "Não quero metralhadora/não preciso de canhão/não preciso de fuzil/não preciso mosquetão/no gume da minha espada/não deixo nem geração" (Cit., 13).

Um folheto, todavia, desafia a classificação tradicional da literatura de cordel reconhecidamente inspirada no conto maravilhoso. Ambientadas no distrito de Ventura, antiga comunidade das Lavras Diamantinas, em especial por sua temática ancorada no grotesco extravagante, *As proesas de Zé Bufão* descreve o feito extraordinário de um prosaico (anti) heroi, que propõe comprar um cavalo (exposto à venda por 50 mil réis), dando em pagamento ao vencedor, como forma singular de transação, a quantia total de 50 bufas (nome da ventosidade anal que, na Bahia, alterna-se com o também vulgarmente conhecido *peido*). Com o folheto, nosso trovador definitivamente ingressa e navega na ambiguidade maliciosa de inspiração popular, registrando que "Ali de cabo pra baixo/Tinha grande multidão/(...) O homem soltando as bufas/Pra o delegado contar" (Cit., 3). Sem qualquer dúvida, é o mais bizarro dos muitos relatos de MFS, mostrando um inconformado Zé Bufão, ante a perda da aposta (pois disparou 51 bufas, uma a mais que o combinado, dada *de agrado* ao dono do cavalo, que afortunadamente recusou), derrubando batalhões de polícia a golpes de peidos estrondosos e fatais. Minelvino encerra seu livrinho ameaçando a quem não comprá-lo — "Ganhará 50 bufas/Bufadas por Zé Bufão" (Cit., 8) — e anunciando o próximo folheto a ser publicado: *A mulher que morreu mascarada*.

O trovador investe em diferentes percursos no tratamento do simbólico e do mítico, característicos do conto maravilhoso. No

hilariante *O sindicato dos bichos*, ou seu complementar romance *O sindicato dos bichos e a luta do gato com o cachorro*, de par com a antropomorfização dos animais e a natureza de fábula daí consequente, Minelvino reinveste na máxima horaciana do *castigat ridendo mores*, reiterando redenções morais por meio da sátira e do riso. Dentre os folhetos antropomórficos, destacam-se *O casamento da raposa com o veado no tempo que o jeque era chofer* e uma *História do papagaio malabarista*, ambientada no sertão do Piauí, onde um louro endiabrado e piadista, antropomorfizado pelo relato, protagoniza as mais extraordinárias peripécias e inacreditáveis quiproquós. Mesma ambiência de graça, leveza e ardil da fábula percorre a *Estória do peixe, o homem e a raposa*, com seres antropomorfizados interagindo, purgando costumes e renovando predicados éticos nos humanos. A *História do Touro Branco Encantado* é alusiva às conquistas da humilde disposição do heroi pacífico, humilhado pela soberba e triunfante sobre a arrogância. O touro, a fazenda onde este pastoreia e o próprio causo do relato localizam-se no Rio Grande do Norte. O folheto é pastoral, do ciclo dos bois encantados e bichos falantes. O touro, além de encantado, é chalaceador, desafiando vaqueiros que se destinam a persegui-lo.

A *História do Touro Branco Encantado* pertence à convenção do fantástico, contemplando aspectos de ineditismo na literatura de cordel, porque correlaciona suspense, surpresa e expectativa. O boi fabuloso, que a todos vencia pelo temor infundido e a coragem que a todos inspirava, também impressionaria pela destreza, habilidade e velocidade na corrida. MFS universaliza a atividade dos vaqueiros, imprimindo maior dificuldade na tarefa de domar e amarrar o animal, vencer o desafio e alcançar o prêmio da conquista, glória e riqueza. Assim, rivalizam vaqueiros franceses, poloneses, italianos, alemães, portugueses, japoneses, todos derrotados pelo Touro Branco Encantado. O laurel e a surpresa tomam a forma do vaqueiro Romualdo, do Piauí, que se apresenta com sua aparência humilde e tosca, e seu cavalo, idem. É justamente ele

quem vence a disputa, derrubando o touro pela cauda e arrastando-o pelo chão. A humildade, mais uma vez, é consagrada, protegida por duas insuperáveis divindades, a quem o vaqueiro invoca: Deus e Nossa Senhora. E o romance (32 páginas) se encerra com uma informação adicional de que "foi escrito em março 1957 e publicado em 10 de abril de 1972".

Outro romance, *A vaca misteriosa* (Editora Luzeiro — "Direitos adquiridos e registrados de acordo com a lei na Biblioteca Nacional", 1980, "texto revisto e classificado per Hélio Cavenaghi", tamanho padrão, com 29 páginas, 6 estrofes por cada, 157 estrofes heptassilábicas), é a versão feminina da *História do Touro Branco Encantado*, incluindo variantes. Desta vez, até o antes vitorioso, o vaqueiro piauiense Romualdo, é derrotado. Quem o substituirá no triunfo será o também piauiense João Desastrado, que disputa a tiro o resultado. O final difere do folheto do Touro Branco. A vaca misteriosa é comida no banquete de casamento do vaqueiro vencedor e MFS opõe um outro fecho, invectivando seu leitor a produzir outro final, caso queira, pois "Se a história não é boa,/Não é assim tão pior—/E quem achar que não serve/Escreva outra melhor".

Em *Uma eleição na floresta* são os bichos que se candidatam (e revelam os mesmos vícios dos modelos humanos) a cargos eletivos. O Veado, candidato a presidente da República, logo desperta a ira do eleitor Mestre Sapo, que verbaliza a ironia sub-reptícia calcada no meio social transbordante de hipocrisia: "Disse o sapo: eu só voto/Pra governo do estado/No candidato Cachorro/Que é um senhor ilustrado./Não está vendo que eu não vou/Dar meu voto a um Veado?" (Cit., 2). A deliberada ambiguidade do texto (Candidato *Cachorro*, a Governador, e *Veado* para presidente da República) é, na verdade, um recurso sutil surpreendentemente inscrito num trovador que encarava eleição como um ato cívico, indo votar (in)vestido de paletó e gravata... MFS denuncia que o Veado e o Sariguê andavam comprando votos e a eleição termina em briga e sopapos, com a vitória do Leão e os protestos da oposição (o Veado e o Sariguê).

No folheto *Um futebol na cidade dos pássaros*, os craques são aves da floresta e domésticas. A narrativa *adapta* ao português as designações futebolísticas em inglês, num exercício de prosódia quase parodística: "Centrefor era o sofrer/Centerafo jurity/Rafo direito o periquito/Rafo esquerdo o bibiry/O pato ponta direita/O juiz o bentivy" (Cit., 2), enquanto o locutor era o papagaio. Mas o preconceito também se manifesta na mata, que repele o urubu: "Mas nenhum time aceitou/Dizendo: negro é por fora/O urubu se zangou" (Cit., 2). E quem "cantava de improviso?" Justamente "o poeta sabiá" (Cit., 3). Minelvino alterna em décimas versos de cinco sílabas (redondilha menor), de quatro e quebrados de seis, ao modo da narração esportiva. O perfil alegórico é semelhante ao desenvolvido no folheto *Uma eleição na floresta*.

Por natureza, os folhetos devocionários de Minelvino Francisco Silva são encomiásticos da doutrina católica, em seus ramais místico, ascético, hagiográfico, de teologia moral e dogmática, todos versados em linhagem apologética, descrevendo exemplos e milagres, sumariando extratos morais, dos martírios e sacrifícios e a recepção da fé entre os romeiros. A variação temática quase não chega a ser notável e antes reitera episódios emblemáticos, com base ou não em fatos reais, reforçando a devoção de homens e mulheres simples, e suas ações singelas em louvor (reintegrando os mitos de retorno à ascese medieval) de divindades católicas (principais: Bom Jesus da Lapa e Nossa Senhora e suas diferentes designações). Os folhetos também citam as contraditas, punições aos ateus e hereges, desdobrando-se em debates teológicos, geralmente entre católicos e protestantes. Os milagres têm a força demiúrgica dos valores católicos e sua simbologia predominante (pão, peixe, água, fogo celeste). Por isso a fortuna considerável de MFS em cânticos e benditos, acervo peculiar ao gênero místico.

Inúmeros exemplos de capilaridade moral e ética dos cristãos são demonstrados à exaustão nos folhetos de MFS, explicitando o comprometimento do romeiro com suas ações devocionárias, impondo-lhe o retorno, ano a ano, à Lapa do Bom Jesus, à Nossa Senhora das Candeias, ao Juazeiro do Padre Cícero e a outros lugares considerados

sagrados. Os mistérios se acrescentam ao universo da Paixão (desde a Anunciação, Nascimento, Encarnação, Batismo, Eucaristia, Paixão, Morte e Ressurreição), tudo para instilar no devoto sua definitiva via de ascese para a Divindade. Os exemplos personalizados da Graça também constituem o mosaico da produção reflexa de Chegada, Promessas, Cumprimento de Votos e Despedida dos romeiros. Um que outro folheto de Minelvino versa sobre outros assuntos (*A queixa dos vendedores da Lapa e o fracasso da romaria*, *História dos ladrões na romaria do Bom Jesus da Lapa*, por exemplo). Ocupam-se em geral de assuntos paralelos ou perpendiculares àqueles associados diretamente à romaria (*Os sofrimentos dos mendigos na Lapa do Bom Jesus*), dos desdobramentos da fé com as histórias sagradas, as unções místicas cristológicas e mariológicas, bem como ao que aluda ao místico, a exemplo da descrição da gruta, os primeiros eremitas etc. Minelvino incursiona ainda por assuntos e temas bíblicos, pela história e relevância dos profetas, de Suzana, do rei Ezequias, do relógio que andou atrasado e outros, fundindo os gêneros místicos, míticos e maravilhosos (*História da Besta Fera e o Dragão Vermelho* etc.). Com isso repercutem no imaginário coletivo, inclusive, reações ante deslocamentos devocionários na modernidade (*O nascimento do Menino Jesus e a carreira que um padre da Renovação deu no velho Papai Noel*).

O vate popular estimula assim a pregação e recepção martirológicas, no intuito de extrair absolutas fidelidade e resistência do estoicismo cristão (*Os três jovens que o rei mandou jogar numa fornalha de fogo ardente*). Folhetos como *O aniversário de Nossa Senhora*, *Os vinte e cinco anos do programa A Voz Mariana ou o Terço de Nossa Senhora* e outros tantos da vasta produção minelvina no gênero salientam a identidade sagrada da mãe de Deus (principal objeto da refutação dos protestantes), destacando fenômenos em que a intercessão da Virgem se revelou decisiva para a salvação dos penitentes. Donde as diferentes denominações santas de Maria como Nossa Senhora: da Conceição, das Graças, da Piedade, do Perpétuo Socorro, Aparecida, da Ajuda, das Dores, do Carmo, de Fátima, dos

Milagres, da Pena, da Rosa Mística, do Rosário, da Soledade e tantas mais acolhidas no extraordinário panteão católico.

A Teologia Dogmática é campo pouco frequentado por MFS, mas acontece tematicamente em folhetos como *A discussão de um católico com um protestante*, *A discussão de um protestante com um romeiro do Bom Jesus* etc. O trovador então se revela um exímio argumentador, particularmente hábil nas disciplinas da Teologia Moral (*O homem que quiz ir para o Céu apulso*, *O homem que tentou da uma surra no padre*, *Quem fala de Pai de Santo*, *O que se ver no candonblé*), Apologética (*A descoberta da Lapa com a chegada do monge Francisco da Soledade*, *A despedida de Dom José Nicomedes Groszi ao romeiro do Bom Jesus*, *A despedida do Monsenhor Turibio Vilanova, aos romeiros do Bom Jesus*), Hagiografia (*Um milagre de Santa Cecília*, *História de Santa Helena, protetora dos romeiros*, *Um milagre de Santo Antonio e um morto rezzuscitado*, *Os milagres de Santo Antonio e o poder da palavra de Jesus*, *A vida e martírio de S. Cosme e S. Damião padroeiros de Itamarajú*, *A vida de S. Cristóvão*, *Historia de S. Francisco de Assis (o patrono dos trovadores)*, *Nascimento e morte de São João Batista*, *Debate de Lampião com São Miguel* e *Vida e martírio de Paulo Apóstolo*).

Os valores cristãos serão todo o tempo realçados na poesia popular de MFS, incorporando-se a predicados próprios de determinado ideário político, de que não raro resultam inferências partidárias ou ideológicas. No folheto *As promessas dos romeiros que agradam Bom Jesus*, Minelvino prognostica intervenções redentoras do Senhor Bom Jesus da Lapa:

Disse ele que em março
Antes da revolução
O comunismo vermelho
Perverso sem coração
Desejava escravisar
Nossa querida Nação

Romeiro devotado e crente, o trovador também investe em promessas:

A minha promessa eu fiz
No mundo enquanto eu viver
Ouvir missa inteira vida
Meu irmão não ofender
Não escrever indecência
A Jesus obedecer

Justamente por conta dessa observância do ofício de trovador-apóstolo (o tempo todo humilde e submisso), Minelvino acolhe a fabulação convencional do gênero. E em alguns momentos (como em *Vida, Morte e Vitória de São Jorge Cavaleiro*), a musa inspiradora será a própria divindade cristã, católica, substituindo as musas pagãs. A trajetória heroica de São Jorge ajusta o épico e o estoico ao assunto maravilhoso. No desdobramento da história, o heroi é isentado de qualquer mácula. Pela via persuasiva da leitura, chegaremos sempre à convicção de que a fé do trovador contamina suas personagens, geradas por contagiante halo de empatia. A linha fantástica compreende heroísmo e bravura, antecipando os lances dramáticos deliberadamente antepostos à vitória final. Jorge, um ex-centurião romano martirizado por seus antigos líderes, sobrevive ao martírio e à dor pela vibratibilidade da doutrina cristã:

O rei disse: miserável
Agora tu vais pagar
Zombando do nosso deus
Por isso tem que penar
Num tacho de chumbo quente
Você tem que mergulhar

O moço foi mergulhando
Sem precisar desafio
Todo chumbo derretido
Para ele estava frio
Igualmente e refrescante
A mesma água do rio

Minelvino protesta, por fim, contra a suposta cassação de santidade conferida por incontáveis massas populares a Jorge, santo que merece todo o respeito e veneração do trovador. O livro, escrito em 1952 e publicado em 27 de abril de 1974, confirma a vocação mística, ascética e hagiográfica por ele seguida. O teor devocionário, porém, não isola o trovador da faceta graciosa, convenção do estilo. No folheto *A visita dos romeiros a Nossa Senhora da Juda*, por exemplo, na quarta estrofe da página 4, Minelvino brinca com as condições de sacrifício a que os romeiros se impõem para consagrar-se à santa:

Outros vão de caminhão
Naquela estrada ruim
Tomando tombo e mais tombo
Que chega dizendo assim
Já misturei o meu figado
Com tripa, com bofe e rim.

Os modelos de versos simples se associam ao fundo apocalíptico, precedidos de imprecações contra os pecadores, exortações aos fieis e invocações ao Cristo para perdão dos pecados e dos pecadores. Entre *Os vinte mandamentos de Satanás*,

O terceiro mandamento
Dessa Lei de Lucifer
É beber muita cachaça
Dançar bem no cabaré
Falar mal da vida alheia
E pular no candomblé.

Em *A queixa dos vendedores da Lapa*, o trovador teoriza sobre o ofício de poeta — "Poeta não se governa/Eu ouço o povo falar/E falta um grau para doido/Nisso eu posso acreditar/Pois nada lhe mete medo/Quando quer guardar segredo/A língua dá pra coçar" (Estrofe 1, página 1) — e ironiza com graça ingênua a propósito dos sofrimentos dos romeiros na Lapa do Bom Jesus:

Só não queixa é a farmácia
Que ali é só vendendo
Remédio para o intestino
E todo povo querendo
Só se vê na romaria
Gente com desinteria
Com a barriga torcendo (Estrofe 1, página 7)

Um número expressivo de folhetos serão compreendidos como repercussivos de fenômenos naturais, sociais, morais, históricos, escatológicos etc., todos (ou quase todos) associados ao universo das preocupações morais e éticas do trovador. Boa parte desses folhetos traz o carimbo humorista do pitoresco, absurdo ou fantástico, justamente para imprimir no espírito do leitor/ouvinte a senha, sentença ou suma, repercussivas ou comovedoras, para os efeitos da reflexão cristã. Em todos, todavia, a moralidade excludente não interfere na composição da ironia maliciosa, do tom faceto de que o humor minelvino nunca abrirá mão. É assim que teoriza, no *ABC do Mata o Veio* (datado de "Itabuna, 20 de dezembro de 1983"), apropriando-se

do *castigat* e aludindo aos efeitos psicológicos do riso e sua função purgadora e desalienante: "Basta saber que a gente/Sorrindo vive melhor,/Se esquece do sofrimento/E ele fica menor,/Porque se formos chorar/O sofrimento é maior" (Cit., p. 1).

A *História do boi ladrão e o delegado fiel*, a despeito da sugestão do título, não pertence ao gênero maravilhoso, mas é relato parabólico dos dramas sociais inerentes ao sertão feudal, com destaque para a astúcia e justiça salomônica de um delegado eticamente isento, *fiel* aos imperativos da ordem legal e sensível à defesa intransigente do Direito e da correta aplicação da Justiça. A ambiência de discórdia fornecida pela intriga é documentada no folheto *A maldade de um mau vizinho e as mortes de dez inocentes*, em que o trovador deixa a nu, satirizando-a, uma sociedade de confrontos produzidos pela inconveniência de uma vizinha intrigante. Na *História da mulher ciumenta que comeu o marido assado*, curiosa nota de rodapé interroga o leitor: "Você sabia que o ciúme é uma arma destruidora?".

O prestígio da sátira será intensificado na seriação analítica da situação brasileira fruto de enormes carências. Assim atuam folhetos como *A baixa e a tabela da carne fresca* (com tabela de preços na capa do livrinho) e *A baixa e o desaparecimento da carne fresca*, ocasiões em que o poeta popular denuncia a inflação de preços e os sérios problemas de desabastecimento da carne bovina quando da frustrada tentativa de congelamento de preços e salários no governo Sarney. N'*O conto do pacote ou o ABC dos marreteiros*, MFS alerta incautos para o golpe dos pacotes vazios, *encontrados* por malandros na rua. A data: "Itabuna, 15 de junho de 1972". Em *A guerra dos cruzados e queda da inflação*, o trovador denuncia, mais uma vez, a violência enfrentada pelos brasileiros, vítimas da carestia, da inflação, do sacrifício imposto aos mais pobres. A crítica é comportada, respeitosa às autoridades e às leis, mas de franco protesto contra desvios do congelamento de preços e salários na era Sarney. MFS esclarece a conversão cruzeiro/cruzado e defende a

ideia da nova moeda, didatizando questões suscitadas pela implantação do cruzado e persuadindo os hesitantes para a boa conformação das medidas do governo, estimulando-os às ações de concórdia, na recepção ao Plano Cruzado.

No estilo de abordagem dos desastres naturais, Minelvino se ocuparia de *Um dilúvio em Buerarema e o flagelo de Itabuna*, d'*A enchente da Lapa e o flagelo do bairro Nova Brasília* e mais inundações em Vitória da Conquista, Igrapiúna, Gandu, Ibicaraí, Belmonte, Ipiaú, Jequié, Jacobina, Juazeiro, Senhor do Bonfim, São Félix, Cachoeira, Ubaitaba e, especialmente, a de Itabuna em diferentes períodos (1964, 1967, 1981 e outras). Em todas essas ocasiões, ministra recitativos apocalípticos, acreditando serem as cheias um sinal sagrado, chegada a hora da expiação dos pecados. Por isso defende a hipótese de os desastres não serem definitivos: "Não é mesmo o fim do mundo/É o principio das dores". Mesmo no mais agudo dessas tragédias, o trovador não abre mão do humor gracioso e ingênuo. Na *História da enchente de 1981 em Itabuna*, "Até o pinico da sogra/A água já carregou" (Cit., 2). Como não lhe escapam também um terremoto no Chile e *A enchente do Rio de Janeiro e os sofrimentos dos cariocas*. Assim como trata das enchentes, MFS documenta também as secas (*História da horrorosa seca do Nordeste e a solução para resolver o problema*), a tudo renovando pela penitência, pedido de clemência, ou seja, proclamando a via ascética (cantoria de benditos e romarias) como instrumento de redenção e reforma.

Antenado com o que acontece à sua volta e no Exterior, MFS noticia o atentado contra o papa João Paulo II, a morte e a ascese de Irmã Dulce e outros motivos e assuntos de sua contemporaneidade. Em *O disco voador que apareceu na praia de Ilhéus*, a especulação é sobre extra-terrestres e sua civilização superior "Aonde nunca existiu/O criminoso e ladrão". Nesse gênero, projetando no ignoto virtudes ausentes na Terra, o trovador descreve os sucessivos vôos da série Apolo e, n'*As façanhas do Apolo-8 e os homens que foram a lua*, informa o trânsito da nave espacial, deplorando os gastos

com a pesquisa em campo que julga estéril, quando deveríamos "É cuidar d'outra invenção/O remédio para o câncer /Para curar nosso irmão" (Cit., 7), além de trabalho para todos e construção de escolas e hospitais. Declarando-se ignaro "do que a ciência faz/Meu estudo na escola/Foi só do A para traz/ Minha opinião para a Lua/É que deixem a Lua em paz" (Cit., 7), MFS se reporta como um atento observador e comentarista das conquistas extraterrestres. A série de lançamentos da Apolo foi, aliás, por ele coberta desde a descida no solo lunar (*As façanhas do Apolo 8 e os homens que foram a lua* e *O reino da Lua*), seguidos de *A partida da Apolo 11 e a descida do homem na face da Lua*, *O fracasso da Apolo 13 e os sofrimentos dos bambas da lua* reacende o azedume do poeta contra a aventura lunar, defendendo o satélite como habitação de São Jorge e especulando sobre *A idade da Lua*, aí por volta de 4 milhões e 600 mil anos.

Espécie de David Nasser do cordel, MFS baseou seus folhetos em episódios da história contemporânea, a eles conferindo um tratamento jornalístico, investigativo, persuasivo e exegético. O trovador nem sempre incorre na neutralidade, manifestando-se convencido pelos fatos a emitir opiniões. N'*As façanhas do beato Lourenço e a batalha do Pau de Colher*, postando-se contrário ao taumaturgo sertanejo, julga-o um fanático facinoroso e ladrão, oportunista da fé e da crendice do povo, ainda que sua versão no folheto seja declarada (como afirma em nota de "Itabuna, 30 de outubro de 1967") "Reportagem dada pelo cabo Francisco Ferreira Lima (...) soldado de uma das volantes da Bahia, e venceu a guerra do Pau de Colher" (Cit., 8). Por vezes, o partidarismo de MFS antecipa-se no próprio título do folheto: *A falsidade de Gregório o pistoleiro do Catete*, cujo início logo denuncia o comprometimento da fonte: "Comprei um jornal "O Globo"/E vi toda a falsidade/De Gregório com Getúlio". De inspiração regional são os mini-folhetos da série *Noticiário Itabunense — A filha que matou o próprio pai —* e *A garota raptada em Ilhéus e a prisão dos raptores*, onde um sarcástico MFS execra marginais: "O resto cairam fora/Para não comer bofete/Com farofa de cadeia/E um chá de cacitete" (Cit., 8).

Em sua desenvoltura noticiarista, MFS ocupa-se dos assuntos mais diversos especialmente os que balizem a comoção popular, ou a repercussão pública. É assim com *A agressão dos ciganos e as mortes do delegado Antonio Isquer e Nem da Farinha, em Coaraci*, ocasião em que o indignado trovador chega a pedir ao então presidente Collor que expulse os ciganos do Brasil. O crime aconteceu em Itamarati, distrito de Ibirapitanga e o *Isquer* deve ser entendido como *Scher*. *Uma agressão fízica a Lucilio Bastos e a Rádio Difusora* é ode à imprensa livre e ao seu papel difusor do conhecimento, da crítica e da informação. Protestando contra os agressores Baldi Kalid (sic = Cálide), prefeito de Gongogi, e seu filho Rômulo (o folheto é datado de "Itabuna, 29 de maio de 1979"), MFS adverte com graça ingênua: "Quem vive batendo em homem/Pode virar lubis-homem/E arrisca a vida perder" (Cit., 7). No folheto *Os assaltantes de Banco no Estado da Bahia e o linchamento de um deles em Firmino Alves*, o trovador repórter confere à notícia o imediatismo inscrito na esteira vertiginosa das ações localizadas (no caso: 1987). Enquanto considera que "Bala é bicho sem juízo/O povo todo afastava" (Cit., 7), o linchamento do assaltante assume, para o poeta — e, por extensão, o leitor — fumos de vingança inconsciente e fanática disfarçadamente concelebrados na obra.

Entretanto, o espírito conciliador do trovador-apóstolo dirige a maioria de suas intervenções, retomando um discurso de intermediação e implemento de reformas pacíficas, legitimada pela redução do custo de vida e uma melhor distribuição de terra, moradia e alimentação. No folheto *A assinatura da Reforma de Baze*, por exemplo, mantém-se essa constante de regulação intermediada e dialógica, junto com um arremate irônico do trovador a propósito dos preços dos produtos no mercado brasileiro: "Só meus livros de histórias/Nessa tabela não chia/Dois por cinquenta cruzeiros/No Estado da Bahia!/Mais barato do que isto/Só casca de melancia" (Cit., 8).

Conquanto não se restrinja aos assuntos da contemporaneidade regional ou nacional, MFS contempla o noticiário local ou regional, com a importância conferida a eventos de vulto. Em *O avião*

sinistrado da Serra do Pilão, se alterna o relato de desastres com vítimas, com o festejo do invento de Santos Dumont, rasura-o ("Obra prima importante/E pra matar gente rica/Ainda é mais interessante") e também se previne ("Nunca andei de avião/Nem nunca pretendo andar/Porque não sou passarinho/Pra no espaço voar/Pois no espaço não tem/Onde ninguém segurar"). Intervém como um quase especialista em aviação militar no *O avião Pantera e a guerra da Coréia*, folheto que toma o partido da indústria e ideologia norte-americanas contra *desumanos* e *escravocratas* soviéticos e coreanos.

As peças de humor se ampliam e se encaixam na análise dos problemas brasileiros avaliados pelo trovador-apóstolo. *A baixa da carne fresca e a tristeza dos vendedores*, extraído de uma notícia publicada no *Diário de Itabuna,* de 15 de dezembro de 1973, denuncia açougueiros e pecuaristas escondendo o gado abatido para forçar a alta dos preços e subverter a tabela de contenção. O trovador se indigna, atribuindo a alta a gananciosos e marreteiros, e ainda salientando maliciosamente que

> A consciência dos homens
> Tem chifre, esporão e rabo
> A barriga estando cheia
> De carne, feijão, quiabo
> Desejam se divertir
> Só querem Deus para si
> para os outros querem o diabo. (Cit., 2)

Folhetos afiliados a debates de tais problemas são peças que acrescentam ao ideário da obra de MFS um teor de investimento crítico. *A carreira da Sunab com medo da carestia* dá voz alegórica à Carestia, prorrompendo em jactância, instilando o caos financeiro e humilhando os controladores de preços: "Sou uma negra peituda/Que não respeita ninguém,/Meto a taca em todo mundo/Não tem porque nem porém/Quem batalhar contra mim/Por fim apanha também".

Carestia bota Sunab para correr ("Peguei a tabela dela/Rebentei toda no chão"), desmoralizando esforços de contenção inflacionária e a queda dos altos preços. *O carro da carestia*, como outros, defende os economicamente mais fragilizados, sem esquecer-se do sarcasmo: "Os urubus já estão usando/Patente de generais" (Cit., 3). A série alegórica segue um ritmo brincalhão e lúdico, pontificando um curioso diálogo entre o maxixe e o quiabo, verdadeiros lordes cortejados pelos ricos. O quiabo acentua: "Quando aqui me chega um pobre/Eu fico de prontidão/Para pegar na abertura/E dar muito bofetão" (Cit., 3). E não se diga, porém, que MFS é alienado, por conta de seu aparente conformismo cristológico, uma vez que o trovador adverte para riscos iminentes: "Ou vai ter guerra civil/Ou morre todo operário" (Cit., 6).

Na descrição de desastres automobilísticos, o trovador igualmente notabilizará um gênero de folheto de imediato alcance na comoção popular. É assim no *A caída do ônibus na Lagoa de Baixo e a morte da professora Valdelice Borges* (datado de "Itabuna, 29 de janeiro de 1968"), em que uma reportagem do jornal *A Tarde* serve de inspiração à temática de veiculação popular. O impacto do desastre e a comoção por ele provocada repercutem dramaticamente no sensível poeta, que quase sucumbe: "Já não tenho mais vontade/de escrever tanto horror/meus olhos se enchem d'água/meu coração sente dor/mas sou obrigado a escrever/porque sou um trovador" (Cit,, 8). E justificando ante a tragédia, invoca a veia estética, num dos mais geniais fechos com acróstico da literatura de cordel brasileira, por sua proverbial força verbal acumulada ao estro de inspiração popular:

> Mesmo o poeta na farra
> Faz o que o povo quizer
> Se for pra rir é com ele
> Indo chorar também quer
> Leva a vida com o povo
> Versa o velho e versa o novo
> Assim versa o que vier (Cit., 8)

Idêntico recurso à persona alegórica permanecerá satirizando os descompassos de um sistema econômico ocupado em minar as já frágeis resistências do brasileiro sacrificado. Em *A marreta da carestia*, MFS dotará de fala a bizarra personagem, assimilando-lhe as grotescas razões ("Eu defendo quem é forte/Quem for fraco se derreta" — folheto datado de "Itabuna, 12 de novembro de 1977"). Título e tema sequenciam *A carreira da Sunab*, e mais acréscimos e variações em *O sofrimento do pobre na taca da Carestia* ("Itabuna, 20 de outubro de 1977"), incluindo minucioso quadro de outros tantos flagelos e explorações. E num folheto aparentemente neutro, *A guerra do Oriente Médio e os sinais do Fim do Mundo*, o cordelista opta pelo alinhamento automático ("Ao lado do americano /Entra também o Brasil" – Cit., 5) e pelos apocalípticos sinais da desintegração humana na Terra, além de outros signos explícitos do final dos tempos. O trovador rasura a suma de sangue e terremotos, glosando horrores sinalizados pelas estrelas e deixando escapar mais uma motivação para agudeza da crítica à carestia:

> Carne de 15 cruzeiro?
> (...)
> Só pode comer um peixe
> Quem tiver unha de gato
> (...)
> Carne fresca o pobre hoje
> É feliz quem vê o cheiro
> Ou mesmo o cheiro sentir
> Aquele que residir
> Bem perto do açougueiro (Cit., 5)

Mas há um elenco — em quantidade, intensidade e densidade — de folhetos de MFS cujos temas ocasionais funcionam como instrumental persuasivo, dissuasivo ou doutrinário. Eles superam

em recursos dialógicos os explícitos *Aparição de Nossa Senhora das Dores e a Santa Cruz do Monte Santo*, *Coleção de benditos do Bom Jesus da Lapa, O nascimento do Menino Jesus*, *A perversidade que fizeram com a imagem de Nossa Senhora da Soledade e Os conselhos do Bom Jesus da Lapa*, *As promessas dos romeiros que agradam Bom Jesus*, *A voz de Nossa Senhora das Graças e a moça de Itaberaba* ou uma *Coleção de músicas sertanejas de autoria de Minelvino Francisco Silva*, alternando letras religiosas e profanas.

Inequivocamente, o poeta grapiúna se sente mais à vontade nos folhetos devotos e naqueles que resultam na (e da) comoção popular. A humildade trovadoresca acompanha a invocação, que o poeta não mais dirige a musas pagãs, mas aos sujeitos ou objetos sagrados (Bom Jesus, Nossa Senhora, o Divino Espírito Santo, a Santa Cruz etc.). No que versa sobre a chegada de Tancredo Neves ao Céu, por exemplo, a invocação assim se dispõe:

Meu Divino Espírito Santo
Cobre com seu santo véu
Da vossa sabedoria
Este pobre tabaréu
Para escrever a chegada
de Tancredo lá no Céu

O positivista moral Minelvino Francisco Silva parece nunca desfalecer em suas bandeiras do catolicismo em tempo integral. Assim se expressa no folheto *O jacaré apaixonado e a meretriz arrependida* e o que lhe segue com o mesmo título, e complemento *ou o feitiço contra o feiticeiro*. O tributo intensivo aos valores da moral cristã transparece em seus mais variados aspectos, incluindo tanto apelos convencionais (*Louvores ao coração de mãe no dia 13 de maio*, Itabuna, 13/5/1974), quanto fenômenos transgressores repercussivos (*O Papa-Fígado de criança que apareceu em Porteirinha, Minas Gerais*), duas impressões de folheto em capas rosa e verde; a

Segunda edição do Rapaz que casou com um cabeludo pensando ser u'a moça (e "Sem saber que a loteria/Ia dá burro e veado", com direito a glosas de Roberto Carlos e da Jovem Guarda, do tipo *Eu não presto mas eu te amo* e *Pode vir quente que eu estou fervendo*). Motivação semelhante — agora com atributos simbólicos e emblemáticos — se renova no folheto-reportagem sobre *A triste história de uma família soterrada em Ilhéus e os sentimentos dos cachorros dos mortos*. O casal de cães Rex e Bolinha, ganindo junto aos corpos dos soterrados, remete o trovador à expressão requestadora dos sentimentos cristãos que acompanham as dores dos infortunados. Talvez o mesmo se possa depreender de *O rapaz que castraram no Ceará; e a perversidade de um rico orgulhoso*, relato de uma falsa denúncia de moça desprezada contra o moço pobre inocente. Sabiamente, Minelvino omite os nomes dos envolvidos ("Com medo que o ricaço/ Mande me castrar também"), mas não renuncia à reflexão de ontologia crítica, concluindo que "o falso adoece a alma". O folheto é datado de "Itabuna, 20 de abril de 1976" e atribui o absurdo da violência às desordens e ruínas da moral cristã no seio da família brasileira.

Como a narrativa popular em verso ocupa-se frequentemente do real, mimetizando-o ou e transfigurando-o, estende-se seu perfil temático naturalmente a um conjunto imensurável de circunstâncias e modelos. Sensível à comoção popular galvanizada por artistas identificados com a expressão de sentimentos mais comuns e populares, Minelvino Francisco Silva traduz tais comoções em cargas simbólicas e emocionais. É o caso de folhetos como *A morte de Francisco Alves e a chegada no Céu* e *O pedido de Francisco Alves, depois da chegada no Céu*, onde sextilhas e sétimas ambientam o cantor popular no aconchego afortunado do Paraíso, na companhia de outros vultos históricos, políticos e artísticos, todos legitimados pelo halo de simpatia compensatória empreendida pelo trovador. Alguns títulos chamam a atenção e ajudam a *vender* o produto artístico. *A prisão de Roberto Carlos o cantor da juventude* é folheto sobre o boato de prisão do *Rei do Iê-iê-iê*. A curiosidade do folheto, porém, é

ultrapassada, pois Minelvino dele se aproveita para discursar sobre a dignidade dos ofícios, recomendando respeito equânime ao advogado e ao roceiro, ao médico e ao trovador.

No relato do *Nascimento e morte de Luiz Gonzaga Rei do baião* e n'*A prisão de Luiz Gonzaga*, reproduzem-se elegias ao artista popular, com direito a ode rasgada de elogio e empatia, de par com o intercurso das principais canções do ícone nordestino. *A morte do coronel Ludugero e seu secretário Otrope* celebra outro ícone, assim como a *História da morte de Barnabé*, em que Minelvino reconta divertidas anedotas do artista e diz que ele "É dos tais que a morte mata/E depois chora com pena". *A paixão de Pedro Caroço por Severina Xique Xique*, reproduz em versão para o cordel conhecida música popularizada por Genival Lacerda. Versão romanceada de música popular iremos encontrar também na *História do fazendeiro que cortou o rabo do jumento*. Na contracapa do folheto, *O rabo do jumento*, do Coronel Ludugero, motivo da versão, em que o fazendeiro se chama Nascimento Brabo e seu vizinho e reclamante é o próprio Ludugero. Celebridades de outro nível também merecerão homenagem em folheto, a exemplo d'*A morte de Ayrton Sena e sua chegada no Céu*.

Ainda com base nesses exemplos de espelhamento do real, MFS varia os temas de seus livrinhos, desde circunstâncias e vivências pessoais — o episódio de *Um roubo em Canavieiras ou a injustiça de um tenente*, relatando as humilhações sofridas pelo trovador num episódio de furto numa pensão e a arrogância e o desrespeito do Tenente Aniceto — ao *O golpe do destino ou a morte de Geovaldo*, narrando um acidente com arma de fogo na sorveteria Pif Paf, defronte ao Cine Itabuna, quando um menino, imitando Rocky Lane, matou outro sem saber que havia uma bala no revólver fatal. O trovador então critica a mímese do cinema produzindo simulacros trágicos. Na *História da região cacaueira e a jagunçada do passado*, o folheto denuncia as boas e más ações no eito de uma rica lavoura, suas exploração e benfeitoria, a cultura e a civilização nascidas e desenvolvidas

no sul da Bahia, ressaltando instituições como a Ceplac e o Conselho Consultivo dos Produtores de Cacau. Atento aos fatos ocorridos em sua região, o poeta documenta *A temerosa explosão de uma caminhonete de fogos em Jitaúna no domingo, 14 de abril de 1991* e *O temeroso desastre em Jitaúna, no dia da Micareta*, descrevendo a imprudência criminosa de um motorista de Jequié, cujos erros acabam matando 14 pessoas e ferindo dezenas, razão pela qual quase foi linchado pela população enraivecida.

Em sua feição celebrativa, MFS produziu folhetos *Em homenagem a Itabuna e aos seus habitantes*, com capa mostrando a lateral do Banco Econômico e o painel de Lênio Braga, na praça Adami. A ode à cidade que o acolheu faz o trovador declinar: "Conheço esta cidade/Há uns 6 anos passados", o que sugere ser o folheto de 1954. A obra enaltece o fundador e os colonizadores do município, o comércio, as gráficas (algumas também jornais) *Voz de Itabuna*, *A Época*, A Agenciadora, *O Intransigente*, Melgaço, Santo Antonio, no bairro da Conceição, os médicos, dentistas, advogados, as instituições públicas, escolas, os bairros, ruas, igrejas, centros de outras religiões, além das empresas de ônibus, farmácias, casas exportadoras, indústrias de café e macarrão. Destaca ainda o que hoje tornou-se absolutamente improvável: "Temos o rio Cachoeira/Pra quem quiser se banhar/O peixe aí à vontade/Pra nosso povo pescar".

Nas sétimas heptassilábicas com que festeja *A vitória da Seleção de Ouro de Itabuna e sua chegada em Ilhéus*, Minelvino Francisco Silva se arrisca até a narrar lances e gols da equipe tricampeã do torneio intermunicipal, nomeando jogadores e efeitos das partidas, a exemplo de Fernando Riela, Luiz Carlos, Tombinho, Santinho, Zé Reis, Gagé, Ronaldo e outros. O feitio celebrativo também seria enunciado em folheto (datilografado e manuscrito, datado de "Itabuna, 14 de junho de 1996"), festejando *A libertação do Brasil das algemas de Portugal*, onde se verifica nítido penhor retrospectivo da nacionalidade. Celebrativos seriam ainda *A inauguração de Brasília e a ideia de J. K.* — em que MFS compara Juscelino a Pedro

Álvares Cabral ("Descobriu Pedro o Brasil/E Juscelino a Brasília") e glosa ironicamente os ciúmes do Rio de Janeiro com a transferência da Capital Federal. A ode à Novacap catalisa frentes de trabalho e o trovador defende a divisão territorial dos Estados de Minas Gerais e Bahia com uma cândida justificativa: "Porque são grandes demais..."

Nos folhetos circunstancialmente reflexos de acontecimentos políticos e sociais, MFS é declaradamente conservador e rigoroso e disciplinado asceta do império da autoridade. Em *As greves no Brasil e a eleição de Fernando Collor*, é ainda o crédulo (que depois se declarará traído) nos ideais *reformistas* do político alagoano. Denunciando o país das exclusões, no entanto, revela todo o seu potencial de ironia, apupando o caos onde as inversões prosperam e "Linguiça come cachorro/Banana come o macaco". *A greve de Itabuna* (contracapa elogiando a polícia) é folheto que deplora a greve, não lhe reconhecendo perfil político adequado, nem nas conquistas, nem nas ações, ainda que o trovador relativize a autoridade das leis e do direito: "Tudo com lei se conquista/Dentro da educação/Para isso temos lei/Em nossa bela nação,/Embora que poucos cumpra/E obedeça a razão" (Cit., 7). A *Revolução da Reforma Agrária* é manifesto conciliador e contra greves. Em *A vassoura de bruxa no sul da Bahia* (datada de "Itabuna, 28 de fevereiro de 1990"), o tom é apocalíptico, vingador, acusatório dos tempos de fausto irresponsável. A voz do texto começa alegórica, com a vassoura expedindo seus libelos acusatórios, depois vai descrevendo as etapas de evolução da epidemia e seus resultados e repercussões catastróficos. Já n'*Os sofrimentos de um bahiano no Estado de São Paulo* (de 1952) revela-se um ironista deplorando o êxodo sem planejamento e a frustração em São Paulo (tido como a Pasárgada de desesperados trabalhadores). Inclusive, MFS glosa Bandeira — "Vou-me embora pra São Paulo" (Cit., 2) — satirizando as amarguras de desiludidos trabalhadores e seus fracassados retornos. Incurável otimista, todavia, MFS invectiva seus conterrâneos a permanecerem e confiarem na recuperação da Bahia como lugar de trabalho e progresso individual e coletivo.

No plano internacional, o conservadorismo de Minelvino Francisco Silva também pouco se altera. Analisando *A guerra do Iraque e a loucura de Sadam Russém*, apresenta uma versão dos episódios contaminada pela embalagem de produto jornalístico favorável aos Estados Unidos. Os estadunidenses e a ONU aparecem como salvadores da paz e do estatuto do direito internacional. Amparado por esse noticiário a favor de um só lado, claro que o ânimo do trovador demonizará o outro, oriental, com o registro ingênuo das falácias da primeira guerra contra o Iraque, representando os Estados Unidos como salvaguardas da democracia, prendendo seus inimigos e tratando-os com patética brandura: "Porém eles são tratados/Como uns seres humanos" (Cit., 6). O curioso é como o trovador grafa os nomes estrangeiros, tal como pronunciados na oralidade popular: Jorge Buxe, S. Russém, Miterran, Tela-Vive, Kuáite. Mísseis, por exemplo, são *Misses*. Em outra circunstância de alinhamento incondicional, *Libertação dos reféns americanos do cativeiro do Iran* legitima a política internacional dos Estados Unidos, sua versão triunfalista contaminando o ingênuo trovador, ao tempo ("Itabuna, 26 de janeiro de 1981") do envolvimento de nomes como Reza Pahlev, Komeini, Jimmy Carter, Ronald Reagan e quejandos...

Onde talvez MFS melhor tenha estruturado sua obra trovadoresca é nos folhetos de inspiração fantasiosa, especialmente em casos picarescos e humorísticos. *Um matuto vendendo Rola assada*, por exemplo, apela para a ambiguidade metonímica, o duplo sentido que se aplica aos nomes de passarinho e membro viril na sinonímia popular da Bahia. O lúdico das cenas e da forma espicaça o humor gracioso e espontâneo, com o trovador reproduzindo a fala maliciosa de um vendedor de pássaro assado nos vagões e nas estações de trem: "Minha rola é tão gostosa/De gorda já tá minano (...) O efeito da menor/É o mesmo da graúda" (Cit., 2), "Nem polvor [provou] de minha rola/Logo no mato jogou" (Cit., 3). O folheto embarca gozoso na ambiguidade subreptícia: "Pois minha comadre Perola/Com o diabo da usura/Comeu rola a tarde toda/Com tanta da gustusura/Comeu

uma rola inteira/Quando foi na derradeira/Ela já estava dura" (Cit., 5) — e ambiguidade explícita que associa a malícia ao inconsciente desreprimido, pois intencional: "Eu como macaco velho/Não vou cair na cilada" (Cit., 7). Assegurando-se do que chamou de "idioma brejeiro" (Cit., 8), MFS anuncia novas duplicidades, entre as quais *Matuto vendendo ovos* e *Casamento da pulga*. Semelhante identidade humorística é seguida em *Um samba de murros no jogo do Bahia com o Itabuna* (14 de junho de 1979), *História de Zé Valentão e sua luta com Olegário Piadista* (glosa de causos, piadas e humor ingênuo e faceto, folheto datado de "Itabuna, 5 de março de 1990") e *O trovador radiotécnico*, mini-folheto de 8 páginas, composto em décimas, com martelo e mote: "Monto/rádio num só dia/Ou um amplificador". Neste exemplar de facécia ingênua, MFS se arroga autossuficiente no conhecimento do ramo anunciado, mesmo declarando-se tipógrafo que "arranjo como xilógrafo/Atrás do jeito da vida" (Cit., 8). O mote final é alterado, culminando com a explicação: "Senhores vão desculpar/Esta minha brincadeira/Escrevir tanta besteira/Que faz até abuzar". Justificando-se, por fim, apenas como trovador, confessa: "Nem monto um rádio num dia/Nem um amplificador".

A última moda para 1977 e o casamento da raposa (romance de 16 páginas sugerido pelo título interno *A mulher de 7 metros que apareceu em Alagoas propagando a última moda para 1977*. é bastante curiosa: "Agora em setenta e sete/É só tamanco e chapéu". A mulher de sete metros é filha de Lúcifer, impedida de casar-se porque as moças da Terra a imitam e roubam suas modas escandalosas, prejudicando-lhe a novidade. No mesmo diapasão, *O casamento da raposa com o veado* cristaliza o modelo de prestígio antropomorfo dos animais, seguido no exemplar de *Uma eleição na floresta*, ambos mantendo a mesma graça maliciosa e ambígua dos folhetos picarescos.

N'*O valor da Reforma Agrária e a missão da terra*, destaca-se o quase solitário defensor da Reforma Agrária dentro da lei, sem invasões nem represálias. As sétimas heptassilábicas reconhecem a

legitimidade da luta dos posseiros e Sem Terra, despontando para um otimismo recalcitrante e messiânico: "Depois da Reforma Agrária/ Todo pobre vai ter nome/não terá vida precária/Porque a Reforma Agrária/Da pão para quem tem fome" (Cit., 8). O nostálgico redentorismo d'*O valor da Reforma Agrária* permanece em dois outros folhetos tematicamente relacionados à manifestação expletiva dos desejos utopistas do trovador. Em *A volta do presente para o passado e o valor do cruzeiro forte* e, mais especialmente, *A volta do passado*, MFS todo o tempo suspira por um passado grandioso, antenado com típico mote proustiano: "Ah se o passado voltasse..."

A *Historia de Lampião em Vila Bela*, romance de 32 páginas ampliado do *ABC de Lampião*, reinveste no vergaste à usura e ambição projetadas em uma velha ingrata a um Lampião protetor, a quem a mulher pretendia envenenar. Descoberta a trama por meio de uma colher de prata — que negreja em contato com o veneno —, o rei do cangaço manda incendiar a traidora para proveito e exemplo da moralidade. O folheto é claramente de feição favorável ao cangaceiro, que promove no sertão a justiça e o castigo. A narrativa hiperbólica faz um trem-de-ferro "levantar poeira..." Mesmo teor justiceiro e punitivo se inscreve na *História de Mão Branca o matador de bandido no Rio de Janeiro*, em que o cordelista subsume o crime e a ação justiceira, tomando como pretexto a defesa da lei de Talião do Velho Testamento, desejando a existência de mais vingadores espalhados pelo país com a justificativa de que "Precisa muitos Mãos Brancas/Em nossa bela Nação" (Cit., 5). Quanto aos ladrões, o trovador vai mais longe em sua sequência de reptos justiceiros, deixando aflorar um curioso MFS partidário da pena de morte para latrocidas: "Pode matar que é bicho", pois "Quem mata pra roubar/É um filho do diabo" (Cit., 6).

Desvios morais como incesto, estupro e homicídio são igualmente alcançados e punidos pela semântica justiceira de outros tantos folhetos de MFS. N'*O irmão que matou a irmã na Fazenda Canudos*, em Poções, a ironia do nome do fratricida: Clemente. Mesma constância de apelo à justiça está inscrita em *A morte de Maria de*

Lurdes e a prisão do monstruoso tarado, *A morte de um fazendeiro e a revolução em Itapetinga*, *A morte de um menino na Desportiva Itabunense e a fuga do soldado Elias*, *A morte do guarda Maroto na Vitória da Conquista*, *A morte do motorista de táxi e a prisão do criminoso*, *As mortes de cinco crianças e o sentimento de uma professora*, *As mortes em Buerarema ou o direito de matar* (em que MFS proclama que "Já estamos em 53" e confirma Nostradamus, anunciando que não chegaremos ao ano 2000...). N'*O linchamento de 5 ladrões de carros em Ipiaú* a riqueza de detalhes aprofunda as justificativas do trovador de que a justeza dos atos se baseiam na leitura enviesada do Velho Testamento e da Lei de Talião "porque quem mata sem lei/Sem lei terá que morrer". Outros títulos confirmam a personalização do fetiche na danação aos transgressores. Em *O monstruoso crime de José Carlos dos Santos e a prisão de Paulo César Farias* denuncia-se o rolo compressor da corrupção endêmica na Brasília da era Collor e dos anões do Orçamento. N'*A morte da viúva Precilia ou o fazendeiro que mandou matar a irmã e cortar uma orelha*", narram-se testemunhos extraídos do programa de Pedro Lemos na Rádio Clube de Itabuna, 18 de maio de 1970. A base material fornecida pela imprensa também será ampliada no folheto *A morte de Aragão pela polícia de Itatingui*, em que MFS, inspirado no noticiário do *Diário de Itabuna* de 9 de fevereiro de 1978, elogia o combate sistemático a bandidos, requestando os pecadores para a via do perdão e da penitência.

Reflexos morais ou teológicos igualmente permeiam os folhetos, notabilizando o poeta popular como pregoeiro de máximas da exegese cristã para purgação dos conflitos no mundo. A *Tragédia de morte de Barrinhos*, ao transcrever notícia publicada no jornal *O Intransigente*, especula em sextilhas heptassilábicas sobre a tentativa de assassinato, via atropelamento na rua Paulino Vieira, em Itabuna, e o quase enforcamento do milionário Oscar Marinho Falcão, fatos acrescidos do que viria a acontecer ao quase homicida Barrinhos, apontado como executante de um plano para eliminar

o rico fazendeiro. Já a *História do falso profeta da Assembléia dos Santos e a morte de oito crianças em Salvador* reencena a suma de protestos do trovador contra fanáticos e tendo em vista uma mais correta exegese do Texto Sagrado, cuja leitura não se deve fazer "ao pé da letra".

Os folhetos cujas diretivas temática e conteudística obedecem ao arcabouço do fantástico ou do extraordinário constituem capítulo fascinante envolvendo a obra de Minelvino Francisco Silva, tanto pela riqueza e variedade dos lances de ação, quanto pelos aspectos singulares que enfeixam essa obra. Na *História de João Preguiçoso e a cabra que chocalha dinheiro*, o próprio Minelvino designa a narrativa como integrada *no assunto fabuloso*. Particularmente feliz nos entrechos narrativos do conto maravilhoso, descreve o percurso picaresco de João, sua toalha mágica (que sempre trazia comida farta à mesa) roubada por uma velha. João Preguiçoso é o heroi castigado pela esposa iracunda. Sua história graciosa encerra o triunfo celebrativo da boa intenção, junto com a vitória dos ingênuos e puros, castigando os arrogantes e gananciosos. A *História do homem que engoliu um caminhão e defecou um automóvel* evidencia o humor hiperbólico e sutil, satirizando, pelo exagero, as fantasias da soberba (e da gula, naturalmente). Um homem aparentemente comum engole um caminhão inteiro, com chofer e tudo. O médico chamado para lhe prestar assistência analisa o caso e apresenta a solução mais viável para combater aquilo considerado fenômeno e primor das circunstâncias naturais: "Disse o doutor: eu não faço/Neste bruto operação/ Mas vou ensinar um remédio/ Que salva a situação,/Porque o que passa na guela/Passa também no botão" (Cit., 4). A sutileza de MFS indicia curiosa metáfora para a extremidade terminal do reto, sutileza que parece desaparecer quando admite prescrever-se trinta toneladas de azeite a fim de o gigante expelir o engolido, com as consequências mais danosas aos sentidos, especialmente ao olfato: "A barriga de Gonsalo/Começou a papocar,/Cada vento que ele dava/Só via azeite voar/Um fedor tão horroroso/De ninguém mais suportar" (Cit., 5).

O *fabuloso* absorve o fenomênico e dita a ordem do gênero do folheto, ainda que este recorra ao virtual, promovendo o internamento do chofer sobrevivente a tão bizarra experiência no itabunense Hospital Santa Cruz... A hilaridade se associa ao humor ingênuo e envolvente em outros folhetos como a *História do homem que ia ser enterrado vivo*. O entrecruzamento do real com o fantástico ou extraordinário subsiste na *História do homem que matou o pai* e bebeu-lhe o sangue. O assassino é descrito como um pobre celerado, o que talvez faça com que o trovador recorra aos expedientes costumeiros: "Se é que não foi assim/Ninguém se queixe de mim/Vi no jornal publicado" (Cit., 8). Na *História do português inocente e a Ponte que caiu* ocorre seguramente a única oportunidade na obra de MFS em que aparece a sugestão de um palavrão, ainda que descolado de seus aparentes significante e significado. O expletivo irado *Puta que Pariu* é socialmente convertido para *Ponte que Partiu*. Mas no começo da narrativa (p. 1), MFS grafa *História do português inocente e a Puta que pariu*. Comentando seu folheto como *história de gracejo*, MFS chama a atenção para a "puta que pariu/Lá dentro do cabaré" e esclarece, eximindo-se da responsabilidade do dito, tudo atribuindo à confusão de contextos e à falta de malícia do português, inocente da ambiguidade prosódica brasileira. O português é acusado de desacato à autoridade policial porque assim respondia a propósito do parto no cabaré: "Foi a puta que pariu". A graça ingênua suspende o pendor escandaloso do palavrão, a fala deslocada injetando verdade essencial do dito em seus diferentes contextos. O trovador investe no ludismo da fala e suas representações, aludindo ao reforço praguejador do brasileiro que "Quando ver uma coisa feia,/Grita: puta que pariu!" (Cit., 8).

Os simulacros das crendices populares ou o universo dos bruxedos e abusões também irão transparecer amplamente nos textos de Minelvino. A *História da mula de padre que apareceu no Estado de Sergipe* reproduz o repertório do fantástico e absurdo inscrito no imaginário popular e folclórico. A *História da mulher xingadeira*

e o menino que nasceu com dois chifres em São Paulo transcreve fenômeno escatológico: o bebê diabo gerado por mãe praguejadora: "O moleque deu um pulo/Depressa na jaula entrou,/O médico bateu a porta/Ligeiramente trancou,/O negro deu uma dentada/Num ferro que envergou" (Cit., 5). Intervalando-se ao predomínio do absurdo ditado pelo fenomênico, alguns folhetos permanecem no território do fabuloso, mas engendrados numa ambiência de leveza até idealística, ou quimérica. É o caso *d'O amor do filho da raposa com o filho da galinha*, consagrando a amizade como um valor imemorial, reunindo um raposinho a um pintinho, unidos em jogos e brincadeiras, equivalendo ao afeto impossível entre *O gato Malhado e a andorinha Sinhá*, de Jorge Amado. A raposa, porém, impõe ao filho o senso de medida do real, virtualizando um choque lógico da ordem material concreta, signo da vida prática, e argumentando: "Aquele seu amiguinho/É ele o nosso pirão/(...)/Já está no tempo, meu filho/De brincar de mastigar" (Cit., 4).

A história então torna-se fábula de quando os bichos falavam... e sentiam, a exemplo do que versa *O casamento do tigre, ou o cavalo do mestre coelho*, romance de 32 páginas que elogia o triunfo da astúcia e da inteligência contra a força e a agressividade. *A Estória do papagaio criminoso e o macaco pistoleiro* exercita o lazer descontraído, de riso fácil, num folheto que se transmuda em folhetim. No surpreendente *O encontro do rei das feras com o bicho homem*, MFS alia e põe em relevo as mais realistas preocupações ecológicas e reflexões da filosofia humanista e cristã. Já *na História de Zé Lambada, o rapaz que dançou lambada no Inferno*, o trovador revisa seus assuntos e modelos temáticos e estilísticos, atualizando-os e renovando-os de acordo com os registros sociais de sua contemporaneidade, a esta acrescentando uma pitada do extraordinário, do fabuloso ou escatológico. Uma vez que suas prerrogativas são sempre de ordem moral (e da moral religiosa católica, apostólica, romana), MFS põe os diabos dançando lambada, com seus "chifres/Em forma de um quiabo" (Cit., 3). E com a mesma frequência, como bem observou Clóvis

Moura no *O preconceito de cor na literatura de cordel* (São Paulo: Ed. Resenha Universitária, 1976), MFS reinveste na discriminação corrente, associando cores emblemáticas da geografia e antropologia etnocêntrica, em que os diabos são sempre negros.

Na fronteira entre o virtual e o escatológico, a *História do homem que vomitou sete urubús* é texto de investigação atribuído a um jornalista, que vê diminuída a quantidade de urubus vomitados até concluir por uma verossimilhança escandalosa: o vômito era preto como as aves rapinadoras. O relato gracioso descamba para diferentes versões de um fato que, desvelado, passa de fenômeno a simples imagem comparativa. O ciclo da "mulher de sete metros", que originalmente "apareceu em Itabuna", teve sequência alarmante "no caminho da Lapa e assombrou um motorista em São Paulo", além de outros circuitos, desvela histórias distintas, com a mesma personagem fantástica e semelhante diapasão moralista, incorporando, por vezes, os mesmos trechos de exageração superlativa com o fim de infundir no leitor a fragrância alarmista.

Assim se constitui a produção do folheto extraordinário na obra de Minelvino Francisco Silva: variada e dinâmica, exibe a familiaridade do trovador com diferentes signos de linguagens e motivos. *A muriçoca que enguliu um caçador*, por exemplo, revela o quanto os folhetos serão assistidos por hipérboles espetaculares, pois do inseto enfim capturado, "Zuza tirou só de banha/Vinte e cinco toneladas" (Cit., 7).

Os modelos seguidos no tratamento de assuntos históricos não raro indiciam um MFS pouco afeito a considerar versões, sobretudo as que divirjam da interpretação oficial. Na *História de Antonio Conselheiro e a guerra de Canudos*, por exemplo, desenvolve-se uma malha de análises pantanosas, com MFS enxergando no Conselheiro alguém completamente desviado da ética cristã para a política, tanto assim que "se virou no carniceiro" e num falsário, pois com "sua imaginação/(...) iludia/Toda aquela multidão" (Cit., 1). Os exageros da análise são condicionados à formulação papista,

de continência absoluta aos rigores da Igreja Católica e ao respeito integral aos governos. MFS é um legalista em estado puro, o que o impede de perceber a alteridade de pensamento ou de relativizar os contornos da verdade histórica. Escapam-lhe, em decorrência, a distância crítica sobre a natureza e característica da morte humilhante do soberbo Moreira César, dos impostos escorchantes da República ou da fraude na recusa à entrega da madeira de Juazeiro, conquanto a encomenda já estivesse paga pelos canudenses. Enquanto para o Conselheiro sobram epítetos como "aquela bruta serpente" e os conselheiristas são tachados como "bandidos", o general Oscar Andrade é galardoado com caracteres bíblicos: "Na coragem era um David/Na força era um Sansão". O poeta cita *Os sertões*, mas omite o massacre denunciado por Euclides, ao passo que as tropas oficiais aparecem sempre como generosas e complacentes.

Obediente ao seu perfil *apostolar*, a obra de Minelvino Francisco Silva perfila um trovador obcecado pela função social da educação, caracterizando-lhe o papel de regeneradora dos costumes. Uma das mais prestigiadas seções da obra minelvina reside justamente em sua preocupação com os fenômenos morais afligindo a sociedade contemporânea brasileira, conforme comprovam títulos como *ABC da maconha e o desacerto do maconheiro*, em que o inconsciente textual revela uma sintomatologia de caráter autoritário, pouco frequente no cordelista. *A barbaridade dos ciganos e a vingança de um motorista* é peça de revanchismo moral narrando os trágicos episódios envolvendo um motorista paranaense, que involuntariamente atropela e mata o filho de um cigano, é trucidado com requintes de selvageria homicida e depois vingado por seus pares. Em *Os conselhos de sua mãe* subsistem a exemplaridade moral e relatos de Trancoso em versos de purgação. *A morte do Santo Padre o papa Paulo VI* comunga do pensamento papista contra o divórcio, o aborto, o casamento de padres etc.

A série de *Conselhos* compreende desde *O crime de quem não sabe ler* — malfadada história de um analfabeto que mata a

mulher supondo ter sido traído por ver (e não ler) uma carta da mulher dirigida a um infame que a cobiça e em que ela protesta eterno amor e fidelidade ao marido — aos folhetos adventícios alertando para os riscos do analfabetismo, e da má educação, além d'*Os conselhos do Padre Cícero e a vocação a Nossa Senhora dos Dores*, *Os conselhos do Padre Vítor e o incêndio na procissão* e *Coração de Mãe*. *Os conselhos do Padre Cícero*, aliás, começam por profetizar secas e inundações, fomes, mortes, maldições e doenças, as guerras e a iminente chegada do Anticristo. Antes de aconselhar (de se penitenciar, orar, respeitar o Deus dos cristãos), o padre de Juazeiro do Norte prognostica, em hiperbólicas premonições, a proximidade do Anticristo, retomando os humores do Nostradamus permeado pelo Apocalipse e confirmado pelo trovador: "O caso aí vai ser sério/Ninguém deve duvidar,/O sangue dá no joelho/Só parece com o mar./Pois o sol desaparece./ O mundo todo escurece./As águas dão pra amargar" (Cit., p. 6).

Folhetos há que concelebram o exclusivismo doutrinário dos representantes da Igreja Católica Apostólica Romana, comentando e interpretando as teses papistas sobre as reformas sociais (com destaque para a análise do percurso da Reforma Agrária por todo o país) e outras. Na glosa de glorificação beatífica encontramos *A segunda chegada do papa no Brasil e sua visita a Irmã Dulce*, *O doloroso atentado contra o papa João Paulo Segundo* e *A gloriosa chegada de Irmã Dulce no Céu*, ocasião em que um sempre surpreendente trovador pede perdão a Deus pelo *pecado da imaginação*, presumindo e antecipando-se a hipóteses divinas. E justificando-se previamente face à produção de folhetos imaginosos: "Que isto é arte de viver/Pra de fome não morrer/Nem roubar ao meu irmão/(...)/ Antes julgar para o bem/De que julgar para o mal" (Cit., 8).

Repórter documentarista de crimes, MFS purga com seus folhetos a ambiência de desvios morais, denunciando a banalização da violência homicida. Em *O crime misterioso ou o homem que tomou 80 facadas*, descrevendo o macabro assassinato no antigo bairro do

Cajueiro, em Itabuna, em 7 de dezembro de 1958, a vítima é assim referida: "Furado mesmo a miúdo/Como quem fura um mamão/(...)/Fizeram com o pobre homem/Como faz com melancia". Os títulos se sucedem numa seriação de horrores: *Os crimes de Emilio Caroba e o milagre da promessa*, *Os crimes em Candido Sales antiga Nova Conquista* (com o idealista abstrato pronunciando-se pelo desarmamento: "Em vez de usar um revólver/Use o Novo Testamento"), *O direito de Matar* — formulação pacifista invocando a fábula em defesa do desarmamento: "Nós pensamos que as armas/Servem para nos salvar/Mas é engano amiguinhos/Só é pra nos condenar/Porque elas dão a nós/O direito de matar" (Cit., 6).

O vezo moral induz a totalidade das conclusões firmadas nesses folhetos. Em *O direito da mulher*, o trovador inova com o reconhecimento dos direitos de igualdade sexual, atribuindo à mulher mecanismos sociais de equiparação profissional e equidade de direitos e deveres. Mas o texto também adverte para a exacerbação feminista, com as hipérboles da praxe, que resulta numa mulher formulária, liberada para cometer os mesmos vícios masculinos:

> Se você beber cachaça
> Eu também quero beber,
> Se você for namorar
> Não tenho tempo a perder,
> Tanto aqui e como além
> Eu vou namorar também
> Para todo mundo ver. (Cit., 2)

A ordem moral permanece como principal reforço ideológico e filosófico nos folhetos de Minelvino Francisco Silva. Veja-se como ele abre *O filho que matou o pai, e mãe para ficar com a erança*, que reproduz carta do presumível assassino (José M. Souto Maia, "sem retoque, segundo o jornal *A Tarde*"): "O diabo antigamente/Com chifres como quiabo/Atentava a todo mundo/Em tudo

metia o rabo/Porém o povo de hoje/É quem atenta o diabo". Depois apurou-se ser a carta apócrifa e o verdadeiro assassino, um irmão de José M., Marcelo, o criminoso que matou os pais e incriminou o irmão deficiente mental pelo incidente. Em *As quatro misérias deste mundo* (datado de "Itabuna, 26 de setembro de 1968"), décimas decassilábicas, compostas em ritmo de martelo agalopado, testemunham uma das mais notórias referências poéticas de MFS no âmbito do ludismo medieval, incluídos o mote e suas glosas: "Jogo, dança, cachaça e mulher ruim/São as quatro misérias deste mundo".

O inventário dessas considerações morais tangencia um sem-número de assuntos. A *História de João Besta* descreve as tropelias do tosco João, parvo de doer, homem mais besta, impossível. A *História de um rico orgulhoso* escarnece de valores negativos como orgulho, soberba e ausência de caridade. A *História do fim do mundo e julgamento final* é versão do trovador-apóstolo para o Apocalipse cristão, ambiência escatológica e simbólica que se estende a *Uma história contada por Jesus, Lázaro Leprozo e um rico avarento*. O debate sobre valores cristãos se superpõe à *História dos quatro irmãos usurários*. Na disputa por um caroço de milho, os irmãos ganham um boi, que esmaga três deles, fazendo evoluir a predominância de motivações fantásticas na narrativa em verso popular. O irmão sobrevivente assim festeja o fatídico usucapião: Respondeu o usurário:/Sai daqui velha ruim/Comida de velha é terra/Ou então grama ou capim,/Enfrento todo embaraço/Mas não te dou um pedaço/Nem que tu me faça assim" (Cit., 5). O *assim* determina o gesto de cortar a garganta, o que acaba acontecendo ao avarento e à velha.

O moralismo adstringente faz-se acompanhar das instâncias de riso como em *A língua de minha sogra*, folheto em oitavas, rimado em ABCBDDDB, hilariante nas peripécias e situações típicas dos quiproquós, aí incluído o conselho ortodoxo que o trovador (nada *apóstolo*...) prescreve aos que sofrem com as sogras:

Quem tiver sogra ruim
O remédio é dar bofetada,
É um remédio tão bom
Que logo fica domada,
E mulher conversadeira
Má criada fuxiqueira
Que se mete a lambanceira
O remédio é dar pancada (Cit., 8)

A contraversão virá no folheto *A razão das sogras e porque elas são linguarudas*, que encena os motivos da irascibilidade atribuindo-os ao desmazelo de genros ou noras para com seus parentes. Um MFS copista atrai para seus folhetos notícias de jornal, os entreouvidos nas ruas e feiras e os relatos de outrem. Na narrativa sobre *O que faz o mau vizinho e os crimes da feirinha* (caso sucedido em Vitória da Conquista), as considerações judicativas analisam em perspectiva ética o que a errância moral acarreta à vida em comunidade: "A ignorância é irmã/Gêmea da incompreenção/Prima carnal da disordem/E filha da perdição/É neta da inconsciência/Amiga da maldição" (Cit., 8). Em *A marreta da morte é tão pesada que a pedreira da vida não agüenta*, o próprio título do folheto já é mote em dois versos decassílabos. O mote percorre a integralidade da narrativa, introduzindo-se aí um caráter inovador para a composição (e glosa) seguindo décimas decassilábicas. O livreto sugere uma prática *democrática* da morte, que a todos alcança — os fracos e fortes, poderosos e pequenos, santos pecadores, e reis, papas, profetas, políticos, anônimos cidadãos e até lastimados poetas como Bocage, Camões, Leandro e Athayde:

Sem protesto, sem choro e sem duelo
Seja preto, moreno ou amarelo,
Pode ser sua cor até cinzenta
O guerreiro mais forte ela enfrenta
Sua vida ela leva empacotada (Cit., 6)

Em *Os menores transviados*, folheto refletindo os dramas sociais produzidos pelo abandono familiar e pelo Estado, Minelvino descreve comportamentos e analisa criticamente a sociedade permissiva responsável por esses dramas, defendendo a pedagogia do cinturão para bem educar os filhos. O trovador insinua ter sido o livrinho escrito em 1961, em Brasília, e publicado em "Itabuna-Bahia, 27 de junho de 1979". Em iguais períodos, reflete com desalento: "Está passando do tempo/De termos ordem e progresso" (Cit., 7). A crítica de comportamentos sociomorais também orienta *A moda da mini-saia e a garota Braza Viva*, descrito à luz de fenômenos universais de desagregação: "Em Saigon a guerra é feia/matam pra mais do "contrato"/o Egito com Israel/vive sempre em desacato/Viatinã morre gente/que só cabelo de gato" (Cit., 7). Os signos apocalípticos são apreendidos das Escrituras e, conforme Minelvino citando o "velho Nostradamus", das profecias de que não chegaríamos a 2000 (o folheto é de 1966 ou 1967, salientando que "para inteirar 2 mil/ não falta nem trinta e três" — Cit., 7). Igual senso de desproporção comportamental e insuficiência de exemplaridade moral percorre *A mulher que bateu no marido de sandalha japoneza*. Já em *A morte de Maçú vitima de um candomblezeiro* o desnivelamento resvala para o preconceito de origem religiosa, com o final do folheto revelando temor e precaução do trovador, que invoca o bom senso dos afetados: "Agora, meu folhetinho/Aqui eu vou terminar/Pedindo aos candomblezeiros/Que queiram me desculpar/Não vão me botar por baixo/Do seu tremendo despacho/Com raiva pra me matar" (Cit., 8).

Ambientado "no reino de Sião", mas livremente inspirado na canção dramática de Vicente Celestino, "Nobreza de um coração de mãe e a loucura de um filho apaixonado" reproduz as instâncias do *Coração materno*, de Celestino e Gilda de Abreu. Sua abertura desloca o trágico para o lírico: "Amor de mãe é tão grande/Não se pode comparar,/É maior do que a terra/Mais profundo que o mar,/Mais suave que a brisa/Numa noite de luar" (Cit., 1). Tematicamente, não se altera a reprodução: Adriano, apaixonado por Rita Aragão, investe

contra o coração de sua mãe, arrancando-o com violência. O cordel acrescenta ao drama o penhor materno intervindo pelo filho prestes a ser enforcado, livrando-o da morte justamente por tê-la assassinado.

Na linha de folhetos descrevendo desvios de ordem moral por influência do alcoolismo, *O poder da cachaça contra a lei do Criador* é alegórico, passando a voz à Cachaça, que protagoniza um humor ingênuo projetando uns curiosos mandamentos para observância do consumidor etílico. A narrativa de proveito e exemplo permanece extensiva a' *O rapaz que comeu a orelha do amigo com cachaça*, título ampliado no interior do folheto para *O rapaz que comeu a orelha do amigo com sal, limão e cachaça*. Aqui MFS especula e amplia anúncio escandaloso, extraído da leitura de notícia no jornal *O Repórter*, de Goiânia, em 6 de outubro de 1977. Encerrando sua catilinária contra o uso de bebidas alcoólicas, reafirma o trovador, em verve apocalíptica e regeneradora:

> Pois quem toma um pouquinho
> Um dia toma um poucão
> Desconhece seus amigos
> Solta logo palavrão
> Ou toma tapa na cara
> Ou vai dormir na prisão (Cit., 8)

O moralista impregna suas criações desse apontamento de males oriundos dos vícios. A fonte desses males, para o trovador, não é quase nunca é de origem externa, mas decorrente da intimidade humana com o universo das perversões de origem, geralmente atribuídas ao vocabulário desviante próprio de indivíduos extraviados da religião libertadora. *Reclamação e sofrimentos de uma prostituta* reorienta a voz do relato, encaminhando-a à própria meretriz, que monologa sobre seus espelhos e reflexos. A fala do texto em oitavas registra o discurso da desviada, que reconhece: "Taca de pai é conselho,/Taca de mãe é espelho/Que mostra como aparelho/A buraqueira

da vida/Pra gente se desviar/E não ir se atolar/Na lama pra se acabar/ Como eu aqui perdida" (Cit., 7). Nas décimas de *A resposta do direito de nascer* avultaram algumas novidades estilísticas na composição dos folhetos: o ritmo de galope, as pertinentes indagações e a produção por encomenda, mas sem conotação política. O tema proposto por outrem é então desenvolvido pelo trovador obedecendo a imperativos do arrazoado e referendo contra o aborto.

Em outra ponta da moralidade irônica, MFS narra *O resultado de quem vende fiado*", décimas contendo agudas advertências ante um mundo submergido ao caos moral, ausência de caráter (comido por cachorros) e vergonha (lambida por gatos). O trovador não apenas adverte, mas igualmente admoesta, recriminando a quem fia e, por consequência, assim lavando as mãos:

> Quem quizer ser bom que morra
> Ou então vá para guerra
> O bom aqui nessa terra
> Termina como gangorra
> Ou trepado numa zorra
> Se arrastando pelo chão
> E se quizer ter razão
> Quem vender o seu fiado
> Està bastante arriscado
> Ir até para prisão (Cit., 1)

Usando do recurso da alegoria, Minelvino movimenta personagens como Consciência, Vergonha, Caráter, Firmeza, Critério, Sincero, Opinião, Certeza, Cerimônia, criaturas destinadas à morte, afogadas no São Francisco. Firmadas no presente, ao contrário, serão também personas e vozes alegóricas da Descaração, Injusto, Indecente, Inconsciente, Relaxidão, Senvergonhêsa, Imoral, Perverso, Tratante e Feitiço. Do drama do fiado não escapa o próprio trovador, que conclui: "Quem vende [fiado] perde a razão/Quem compra faz

anarquia". Na trilha desses e de outros tantos descaminhos, o poeta se indigna contra *As safadezas de hoje em dia*. E com o mote "É a maior safadeza", reúne todos os males recriminando o nudismo, o top-less, a maconha, o homossexualismo, o fiado, o furto no peso, o aborto, o adultério e outros ingredientes da degenerescência moral e social que leva o poeta popular ao limite da intolerância.

A sensibilidade minelvina para os dramas sociais, especialmente os que atingem os fracos e desprotegidos, faz o trovador, de forma recorrente, investir na denúncia e na sátira. Em *Os sofrimentos do pai de família e a marreta da carestia* (título depois alterado, à mão, pelo autor, em razão da mudança temática, para *Os sofrimentos do pai de família e a Mulher Preguiçosa*), sétimas heptassilábicas reproduzem a crítica à inflação e ao descontrole de preços, lembrando-se que a moeda ainda era o *cruzeiro*:

O dinheiro se sumiu
Ninguém sabe onde ele entrou
Só se vê gente queixando
Que o dinheiro exalou
A malvada carestia
Aumenta de dia a dia
E agora foi que danou (Cit., 1)

N'A tragédia de dois ladrões e morte de Cancelão, MFS narra a morte do poeta popular Tranquilino Ribeiro de Oliveira, o Cancelão, falecido em setembro de 1974, em Eunápolis, conforme esclarece o próprio autor no rodapé da página 1. A comoção pela lembrança do amigo, que lhe contara o episódio envolvendo os dois ladrões, não impede MFS de desenvolver o relato com a verve costumeira, apimentada pelo pitoresco: "Com três dias depois disto/Foi ele encontrado nu/Numa roça de mandioca/Parecendo um cururu/Comendo mandioca crua/Mais do que um boi zebu" (Cit., 6). Obcecadamente afiliado ao espírito regenerador do Apocalipse, em *O tremor*

de terra em Ibicaraí e os sinais do fim dos tempos, repete o advento do destino final dos cristãos. De forma inconsciente, o trovador reitera o jesuíta Antonio Vieira que, no século 17 e num dos sermões do Advento, confirma parábola de Jesus Cristo segundo a qual, *Passará o céu e a terra*. Assim começa o folheto sobre o tremor de terra em Ibicaraí, justamente numa micareta. Minelvino intervém no folheto impresso, substituindo estrofes por outras escritas à mão e papel colado por cima do material gráfico. Registram-se diferentes motivos para o tremor, segundo opiniões correntes, mas MFS se reserva ao anúncio de suas particulares suspeitas de crente: "E eu digo que aquilo/Pra senhoras e senhores/É o sinal do fim dos tempos/Sem meter medo aos leitores/Porque não é ainda o fim/É o princípio das dores" (Cit., 5). As anotações finais escritas à mão informam, do ponto de vista técnico, que especialistas "disseram pela televisão que a terra afastou dois graus do eixo" (Cit., 8).

A frequência da ordem moral permanece dominante n'*A vida de Romãozinho* (Escrito à mão, MFS acrescenta: *O menino que levantou um falso à mãe e virou bicho*). O falso a que alude é atribuição de adultério e a mãe inocente é assassinada pelo marido, pai de Romão. Este, excomungado pela mãe, vira bicho acostumado a remexer panelas e pratos e transformar comida em cocô. A estrofe final serve ainda como peça de aterrador merchandáising: "Quem não comprar este livro/Tem de cair na cilada/Armada por Romãozinho./Vai ser grande a emboscada/Sofre o que o Preto sofreu./Come o que ele comeu/Pensando ser carne assada" (Cit., 8). A ambiência de desordem ética transparece sugerida por MFS como extensão d'*Os vinte mandamentos da lei de Satanaz*. Relatando *A vida sofredora de um maconheiro*, o narrador cede a voz ao próprio protagonista, que monologa sobre suas desventuras até deixar o vício, convertido à Igreja Universal do Reino de Deus. A história real, segundo MFS, pertence ao próprio, Manoel Bonfim dos Santos, que a encomendara ao poeta e não lhe pagou, aplicando-lhe o calote. Denunciando o estelionato, MFS assim se vinga do esbulho e do viciado: "Manoel Bonfim

dos Santos/Este livro não pagou/Pois, me mandou escrever/E depois me "enrolou"/O pastor de sua Igreja/Eu contei toda "peleja"/Ele nem siquer ligou" (Cit., 8).

Outros títulos como *A briga de um mudo com um embriagado*, *Um cabaré no Inferno*, *Uma caçada de Lubizome na Lapa*, *O caranguejo que apareceu na Paraíba anunciando o fim do mundo*, *O diabo que apariceu na Barra do Rocha e a rural misteriosa* — em que a rural, ao invés de carro, era a habitação do Demônio — etc. confirmam a enormidade material dos folhetos intensificando temáticas reflexivas da expiação teológica como maneira de alevantamento ascético para a ordem cristã. N'*A caveira misteriosa e o pecado da língua* conclui-se que "Língua é o castigo do corpo" (Cit., 1). Em *Um carnaval no Inferno*, MFS usa vocabulário e imagens um pouco mais sugestivos da ousadia estilística: "Um rapaz em Jacobina/Brincando em um cordão/Tinha uma mulher por traz/Ele aí correu a mão/Pegou uma traíra mole/Como um cambalião" (Cit., 8). N'*A carta de um jumento para o Senhor Governador*, um manifesto de jumentos investe contra o abate e a comercialização de carne de jegue no Estado da Bahia. N'*O casamento apulso do macaco com a preguiça*, um mesmo estratagema trovadoresco é utilizado como peça de *marketing*: "Quem não me comprar livro/Uma coisa eu vou dizer:/Vai casar com uma preguiça/E a onça vai comer/E se escapar da onça/De fome tem que morrer" (Cit., 8).

Mas a legitimação da ordem moral não se submete exclusivamente ao crivo religioso. O trovador manifestaria sempre uma preocupação recorrente: a luta contra o analfabetismo, o primado dos folhetos por uma pedagogia de paz e de concórdia entre os indivíduos, por uma espiritualização das letras humanas, a literatura de cordel concorrendo para a elevação civilizacional das pessoas. Tudo isso parece galvanizar-se n'*O encontro de um trovador com uma fera monstruosa*. O trovador é ele mesmo, MFS, e a fera monstruosa é o analfabetismo. A obra celebra a atividade de trovadores e repentistas como linha auxiliar imprescindível na pedagogia da alfabetização,

sublinhando a enorme contribuição de Leandro Gomes de Barros e demais poetas do cordel. Em trecho do folheto, MFS diz ter completado 39 anos de idade. Nascido o poeta em 1924, logo se deduz que o folheto é de 1963. Aliás, discorrendo poeticamente sobre o seu ofício, não raro MFS teoriza. Em *Os falsos profetas*, por exemplo, raciocina teoreticamente sobre os estilos:

O poeta popular
Que se meter a escrever
Somente história verídica
Morre a fome pode crer
Porque o povo não gosta
Nem mesmo pegar para ler

Por essa razão talvez se deva atribuir a enorme variedade temática dos folhetos. Na *História da carne de égua em Conquista e a morte de Piléria*, manifesta-se o trovador em repúdio ao abate de éguas e jumentos para consumo humano. Na *História da cobra de sete cabeças que apareceu na Lapa depois da enchente*, as sete cabeças são identificadas como os vícios sociais ou ideológicos (o álcool, o jogo, o namoro no escuro, o roubo, o desrespeito subversivo, a maconha, o mau católico), enquanto o pistoleiro é alcunhado de "empreiteiro da morte" (Cit., 5). O fabular e o maravilhoso permanecem fermentando imaginários: *História da jibóia do Pará que atraiu o caçador*, *História da jumenta que teve um menino na Fazenda Batalha*, *História da moça que levantou um falso ao diabo*, *História da porca que apareceu no Carnaval de Itabuna cantando: Rala o pinto* (onde se combinam o fantástico e o surreal, em misto de assombração e gaiatice), entre outros títulos.

Um dos primeiros folhetos de Minelvino Francisco Silva, a *História de João Danado o homem que matou o diabo* (título depois alterado para *A vingança de João Danado o homem que escravisou o diabo*) começa por uma contenda entre vizinhos, evoluindo para as

façanhas heroicas de um vingador, incluídas as extraordinárias hipérboles do gênero. Acabada a munição, João armou-se com uma vara de cerca, potente e enorme, e "Para os contrario marchou/Deu-lhe uma porretada/Que trinta e dois derrubou//Deu-lhe outra cacetada/ Derrubou uns dezesseis/Na terceira cacetada/Abateu noventa e seis/ Repetiu outra e mil/Cairam de uma só vez" (Cit., 9). Com efeito, terá razão o trovador em suas prerrogativas revisoras: é vingança e o diabo não é morto, mas escravizado pela força do imaginário e potência do heroi. Quinze páginas movimentam o fôlego épico, ao cabo das quais MFS anuncia: "Leiam a história do alferes Tiradentes o heroi da Inconfidência". Na página 16, "Procure conhecer os livros do trovador MFS" *A fada misteriosa, A segunda vida de Cancão de Fogo e sua chegada no Céu, O touro da Floresta Negra, O valente João Caba-Mundo e a Serpente Negra, A fada da Serra Negra, A princesa da Serra Misteriosa, As princezas do Reino Encantado, O reino do Vai não Torna e o Gigante Encantado, O mau ladrão ou os sofrimentos de Maria, O ideal misterioso, As proesas do Amigo da Onça ou as bravuras do Mestre Coelho* e muitos outros.

Na *História do diabo que apareceu no Estado de Minas Gerais*, MFS sugere a fonte de onde extraiu o relato, assegurando-se da prévia defesa ante uma possível acusação de inverossimilhança: "Aqui eu vou terminar/Este livrinho fagueiro./Quem achar que é mentira/Não se queixe do troveiro,/Queixe-se de quem contou/ Também de quem publicou/Lá na revista O Cruzeiro" (Cit., 8). Da mesma série de folhetos sobre fenômenos e metamorfoses sob inspiração da exemplaridade moral, a *História do homem que virou burro* porque escarneceu das Santas Missões mandando bandeja de capim para o altar, ajusta a punição que não tardaria: "Pois o ateu se virou/Num bicho feio esquesito/Tinha cauda como burro/As pernas como cambito/A cara como morcêgo/E chifre como o maldito" (Cit., 5). Igual sintonia com as narrativas de proveito e exemplo será alcançada na *História do homem que virou cavalo ou o grande exemplo de um criminoso*, de registro parabólico, destacando-se

ações de mistério envolvendo Jesus Cristo. Na *História do macaco que quis se virar gente*, farra e facécia contestam a ciência e, sobretudo, Darwin e sua teoria da evolução. Outro folheto também contestaria o Evolucionismo num filme norte-americano que discute a pedagogia sobre o assunto. *O homem que atirou no sol e desceu de chão abaixo* traz fenômeno temático semelhante ao de um conto do poeta simbolista baiano Artur de Sales, prefigurando o drama do sertanejo ante a inclemência do sol. Minelvino, no entanto, pune o indivíduo, soterrando o herege, inexoravelmente vinculado à pedagogia da passividade triunfante. No mesmo ciclo temático, *O homem que foi buscar uma caveira meia noite no cemitério* combate o vício do jogo; *O homem que matava onça de chicote* ou *O homem que matou uma onça de chicote pensando ser um cachorro* relata peripécias de um valente equivocado, matando por engano o animal que vinha comendo suas ovelhas.

Seguindo uma variante à sisudez desses temas, MFS sucumbe ao fácil espetaculoso, produzindo um folheto de escândalo, considerado como de vendagem certa. Assim se apresenta *O homem que teve uma criança no Estado de Alagoas*, que, no entanto, amplia o raio das reflexões morais do autor sobre o mundo e suas danações. A moral sermonária é para persuadir, convencer e sofismar a pretexto dos valores cristãos, em cujo interior não se cogita da aceitação ou debate de aspectos psicológicos ou sociológicos aplicadas ao homossexualismo, aos cabelos grandes ou a outras naturezas consideradas inversão ou desvio da norma. Estão nesse caso alguns títulos: *A moça que mordeu o nariz da Mãe pensando que era Luiz Gonzaga*, *A moça que namorou com o diabo, pensando ser Roberto Carlos*, *A moça que xingou a mãe e virou serpente*, *A mulher que morreu mascarada e quis brincar carnaval na porta do Céu* — onde MFS arremata, com graça: "Quem duvidar deste livro/Vá a Lucifer perguntar"... Em *A moça que casou-se com outra pensando ser um rapaz, ou o homem que teve 4 crianças em S. Paulo*", MFS desenvolve curiosa teorética sobre o ofício de escrever:,

O poeta nunca mente
Eu digo, afirmo e sustento;
O poeta quando escreve
Qualquer um acontecimento
Se não viu com os próprios olhos
Porém viu com o pensamento (Cit., 1)

Por fim, não raro apresentando uma curiosa e discreta misoginia em seus folhetos, Minelvino Francisco Silva confirma vezo antigo entre poetas e pensadores, que inconscientemente, ou não, sacralizaram o espaço de afirmação feminina como território livre de sonhos. Séculos antes de Minelvino, aliás, Hipócrates considerava a mulher criatura úmida e encharcada, fecundo varal, poço de filhos; Hesíodo, uma espécie de central única de malefícios; Aristóteles, um defeito da natureza, o macho mutilado, cuja incompletude imprescinderia do homem; Tomás de Aquino, um ser humano inacabado, de inteligência curta, indesenvolta. Bem mais modesto, diríamos, em *A mulher que tentou comer um foguetão assado pensando ser um mocó*, Minelvino tão somente opõe as culturas urbana e tabaroa, com peças pregadas a roceiros e matutos, homens e mulheres inibidos e atemorizados em face do novo.

As capas, xilogravuras e contracapas

Por necessidade de superação funcional de sua obra, Minelvino Franciscio Silva municiou-se muito cedo da composição das capas de seus folhetos em xilogravura, matéria complementar ao universo objetual do que tinha a oferecer em efeito e atrativo ao envolvimento do leitor. Munido da técnica consagrada pelo pernambucano José Soares da Silva (que alterou o nome para José Cavalcante e Ferreira), o Dila, o trovador baiano, de exercício em exercício, fez da arte popular da escultura em madeira um aprimoramento constante, havendo mesmo algumas situações em que sua xilogravura vale

como uma peça em si mesma, autônoma, para além da funcionalidade como ilustração eventual.

Raríssimas são as capas dos folhetos minelvinos sem a ilustração em xilo, estando neste caso as peças promocionais ou celebrativas (a foto do político vitorioso em eleição, o retrato da cidade homenageada, a reprodução de um painel artístico, o reclame adicional sobre o assunto de tratamento do folheto e pouquíssimos outros). No geral, de forma quase exclusiva, é a xilogravura que ilustra e *vende*, estabelecendo um contato de imediato apelo ou empatia indispensável à aquisição do produto.

A imensa maioria das peças reproduzem, antecipadamente, o principal motivo, assunto ou tema do folheto, ilustrando protagonistas ou situações dramáticas sugeridas pela narrativa. Ultrapassam, essas representações artísticas, algumas vezes, a motivação temática para valorizar-se utiludicamente como arte popular individual. O traço seguido por Minelvino é o da convenção cordelista, do naturalismo de uma ou outra cena sugerida pelo assunto ou, mais agudamente, revestido do pathos expressionista, comungando pistas, conflitos, ou fantasias enunciadas pelo relato em verso. Os caracteres xilogravurados realizam uma complementaridade da feição escrita, texto e gravura casados para realimentar uma impressão gráfica e repercussiva. Por isso a reprodução xilo e seus contextos de aproveitamento gráfico veio sendo progressivamente revalorizada, reaproveitada, aliás, como ilustração de outros mecanismos artísticos (capa de discos, livros, rótulos, telas, imagens, o cinema, o teatro, a fotografia etc.).

Por esse viés de incorporação temática, algumas xilogravuras de MFS imprimem-se sob aspectos simbolistas, alegóricos, patéticos, pontuando-se até por uma certa morbidez, como em *O disastre do caminhão de Ilhéus* (datado de "Itabuna, 26 de agosto de 1956"), cuja capa traduz a máscara da morte em figuras no centro de um carro sinistrado e flagrando uma ambulância com a inscrição: "Cuidado! A vagar sinão vai ter!"

Numa breve reconstituição de elementos temáticos e conteudísticos, algumas peças xilogravuristas e as contracapas dos folhetos ocupam um relevo especial, desempenhando papeis de extensão e complementaridade. As contracapas exercem uma importância capital nessa produção, divulgando folhetos, anúncios de utilidade pública, benditos religiosos, lembretes de advertência moral, da ética social, religiosa e ideológica, glosas de poemas e canções populares, informes políticos, históricos e sociológicos, celebrações e comemorações, notadamente consagradas ao universo trovadoresco. É quase nula a incidência de folhetos com a contracapa em branco. Quando não apresenta uma motivação extra, o trovador-apóstolo ocupa o espaço com benditos.

Uma das características melhor acentuadas por Minelvino Francisco Silva em suas contracapas é a variedade dos assuntos. Alguns textos se repetem, reforçando mensagem anteriormente veiculada. Outros se impõem por seu ineditismo ou iniciativa de renovação ampliada dos apelos. No folheto *Justiça e desordem de Lampião*, editado, aliás, com uma xilogravura e duas capas em cores diferentes (rosa e verde-cana, talvez duas edições para influir no espírito popular não só pelo tema, mas também pela imagem), a contracapa traz um título que já é um mote (*Já rimei e tá rimado/Não quero reclamação*) e as décimas interativas do trovador interpondo assuntos bizarros e curiosos. O livrinho, datado de "Itabuna, 10 de dezembro de 1975", glosa antromorficamente as exagerações do cotidiano, culminando com o mote de provocação dialógica, desde que não admita contestação:

Vi um caçador zangado
Pegar uma onça de mão,
Vi um mosquito enfezado
Derrubar um avião,
Vi um carrapato inspirado
Cantar na televisão,
Vi um percevejo fardado

Comandando um batalhão
Já rimei e tá rimado
Não quero reclamação

No mato vi um veado
Afinando um violão
Vi um canário arrepiado
Cantando um samba-canção,
Beija-flor do outro lado
Engulindo um gavião,
Vi um socó traspassado
No dente de um camarão
Já rimei e tá rimado
Não quero reclamação

Vi um rato malcriado
Dirigindo um caminhão,
Mucuim embriagado
Dizer tanto palavrão,
Vi um mico depravado
Ser preso na detenção
Vi um caçote afogado
Morrer lá no ribeirão,
Já rimei e tá rimado
Não quero reclamação

Esta certamente é uma das muitas circunstâncias curiosas em que a contracapa revela qualidade tão superior sobretudo se cotejada com o assunto do folheto. O mesmo se poderia dizer d'*A luta do velho Papai Noel com um padre da renovação*, cujo texto, de 6 páginas, complementado por artigo do padre Almir Simões e, reproduzido por MFS ainda nas últimas páginas (7 e 8) do folheto, culmina na contracapa, em experiência dialógica de surpreendente

efeito popular, com o artigo do padre aplicando uma surra eficaz na empulhação mistificatória do Papai Noel como metonímia e alegoria da Operação Consumo, legitimando a festa do Natal como única e exclusiva representação do nascimento do Menino Deus dos cristãos.

A Minelvino não importa o estilo do folheto desde que possa veicular mensagens que considera úteis ao seu ofício de trovador. Na contracapa de *A vitória do MDB na pessoa do Sr. Fernando Gomes*, por exemplo, noticia-se a 1ª Feira Regional de Literatura de Cordel, organizada pela Fundação Cultural do Estado da Bahia e prevista para acontecer no período de 3 a 13 de novembro de 1976. No folheto *O cajueiro*, um poema à lua apela para iluminar as ideias, poesia e inspiração do trovador.

No *ABC do Mobral na cidade de Itabuna*, MFS homenageia equipe da comissão municipal da Fundação, repudiando o que chamou de "dialeto do analfabetismo", e reproduzindo uma imagem do inconsciente feliz a propósito do fenômeno de *prestígio* antipedagógico. Os versos, aliás, reiteram homenagem em ode à comissão e ao objetivo de extinguir o que o trovador denomina "praga do analfabetismo":

Xarope faz bem a guela
Leite faz bem o pulmão
MOBRAL faz bem nas cidades
De toda nossa nação,
Acabando o negro abismo
Do grande analfabetismo
De toda população

A exemplo do satírico Manoel Pessoa da Silva, que fez furor em versos na crônica baiana do século 19, na contracapa do *ABC dos tubarões*, MFS ironiza com um *Baião político* aqueles que muito prometem antes das eleições e os que compram votos para se elegerem. O mesmo folheto, sarcasticamente, compara o Brasil ao mar

sem peixes e a pobreza desamparada equivalendo a uma sardinha consumida por tubarões. No devocionário *O choro de Itabuna depois da enchente*, a contracapa comenta com graça a invasão fluvial em Camacan e sua repercussão ao mesmo tempo positiva e particular: "Com isso o tucunaré/Do jardim foi quem gostou/Que foi se embora nas águas/E até hoje não voltou" (Cit., 2). Na contracapa da *História da enchente de 1981 em Itabuna*, MFS apela para a construção de um canal na rua em que mora a fim de escoar as águas pluviais. O apelo é circunstanciado por um relatório — o que radica o aproveitamento de todos os espaços no folheto, que o trovador aproveita para veicular ideias, sensibilidade social ou devocionária. Sob qualquer forma, todavia, MFS não abre mão do humor contingente, mesmo em face de tragédias: como n'*A enchente do Rio de Janeiro e os sofrimentos dos cariocas*, em que serve, na contracapa, um poema otimista em resposta ao pessimismo de seu colega Antonio Teodoro dos Santos. A graça espontânea transfigura-se entre a consternação e a culpa, deixando evolarem desejo e decreto certamente implausíveis: "Se eu fosse um presidente/Deixava na presidência/Uma lei feita e assinada/Pra nunca ter violência/Os três dias de Carnaval/Ser três dias de penitência" (Cit., 6).

Na contracapa do folheto *O amor do filho da raposa com o filho da galinha*, curiosa asserção minelvina sobre *O valor da mulher* contraria vigorosas teses misóginas circulares no mundo ocidental, vigentes desde Hesíodo. Diz MFS, em surpreendente exercício de virtuosismo decassilábico, que

> A mulher é um anjo sem segundo
> É a luz que melhor beleza enserra,
> Sem mulher todo homem nesta terra
> Detestava os prazeres deste mundo
> Pois a terra seria um vaco fundo
> Se faltasse a mulher que nele habita
> Sem mulher toda terra era esquesita

Sem mulher não há riso e não há festa
Sem mulher neste mundo nada presta
Se a mulher é a prenda mais bonita

Já a contracapa d'*A vitória de Tancredo Neves e a derrota de Paulo Maluf* revela o tirocínio do trovador-apóstolo, seguro de argumentos num

DEBATE DE UM CATÓLICO COM UM PROTESTANTE

O protestante pergunta ao católico: Para que serve
o batismo? Responde o católico: Para arrependimento
de pecado. Diz o protestante: E que pecado tem uma
criancinha com um mês de nascida para ser batizada,
quando Jesus foi batizado com 30 anos?
Responde o católico: E que pecado tinha Jesus
mesmo com 30 anos para ser batizado?
Diz o protestante: Foi para cumprir a lei.
Diz o católico: Isto mesmo, o católico batiza
as crianças com um mês de nascida para
cumprir a lei de Jesus, que
antes não existia o batismo, e sim a circuncisão
e o próprio Jesus cumpriu essa lei com 8 dias de
nascido, com sua apresentação no templo e a
purificação de Nossa Senhora.

São Lucas (2,21).

Complementa a contracapa a notícia histórica sobre o "Resultado da Eleição para Presidente da República/Em 15 de janeiro de 1985/Paulo Maluf 180 votos/Tancredo de Almeida Neves 480 votos".

O que se depreende dessas circunstâncias editoriais é que todos os assuntos são passíveis de atenção pelo trovador, desde os mais

distintos recursos de acesso, mantendo-se fiel depositário da informação e de suas malhas repercussivas. No folheto promocional *História do hospital de Ibirataia doado pelo Funrural*, a contracapa é uma ode ao presidente do Sindicato Rural, José Antonio da Costa. N'*O resultado da mulher falsa ao marido*, a contracapa anuncia os efeitos do progresso na cidade de Pau Brasil, sob a administração de novos prefeito e delegado. *N'O encontro de dois faladores: Minelvino Francisco Silva e Lucílio Miranda Bastos*, a contracapa verbera contra os males e vícios do cigarro, em poema de Manoel d'Almeida Filho. A contracapa de *O encontro de Minelvino Francisco Silva com Otacílio Ramos da Silva* é anúncio comercial da Eletrônica de Bom Jesus da Lapa. E na contracapa *d'O encontro de Zé Papa-Jaca com Chico Papa-Caranguejo* (sobre disputa e emulação entre as cidades de Itabuna e Ilhéus), MFS anuncia folhetos *O poeta e a natureza*, *João Valentão*, *A fada da Serra Negra*, *A Princeza da Serra Misteriosa*, *O dedal misterioso*, *O mistério das princezas do reino encantado*, *O homem que matou 14 de um tapa*, *O feiticeiro do reino do Monte Branco*, *Peleja de Minelvino Francisco Silva com Manoel Peixoto* e *A onça tapuia* — folhetos, aliás, que nem sempre encontramos no espólio do poeta.

E como evidência de que até os acidentes mais prosaicos motivaram o poeta popular ao exercício de sua atividade, na contracapa d'*O poder do rei dos peixes e a inocência de uma princesa*, Minelvino conta em verso as agruras uma vez experimentadas a fim de aproveitar um clichê na impressão de um folheto. Título do poema: *O sofrimento de um impressor com um clichê desajustado*.

Numericamente, os assuntos tratados nas contracapas exibem um relevo distintivo de categoria estilística. Os pouco frequentes celebrativos não passam de uns dois ou três. Em *Os menores transviados*, a contracapa celebra *O dia da cidade de Itabuna*, ode que também acompanha o folheto *História da região cacaueira*. A contracapa da de *História de João Acaba-Mundo e o dragão do Reino Encantado* é poema de *Exaltação ao sul da Bahia*. Também pouco expressivos em termos numéricos serão os

temas relacionados a assuntos extravagantes, relato fabuloso e o maravilhoso do gênero híbrido. A contracapa de *A morte de Maria de Lurdes e a prisão do monstruoso tarado* narra a história assombrosa d'*O homem que morreu e ressuscitou*. Na *Peleja de Zé Andorinha com João Cabeludo*, a contracapa descreve a fábula d'*O casamento da filha do Jabuti*, ampliando a ambiência do imaginário no duelo entre repentistas, duelo final vencido por Andorinha nos mesmos moldes do troca-letras do Cego Aderaldo. Minelvino ainda acrescenta anúncio do extraordinário e maravilhoso no folheto *O bicho de Sete Cabeças*.

Onde a contracapa de um folheto alcança talvez sua maior ressonância é no *Alto Repórter Super-Mentira*, criação apensa a algumas contracapas, glosando o noticiário espetaculoso de emissoras sensacionalistas. O senso de humor e a picardia enumerativa são marcas estilísticas de MFS, tal como se exprime na contracapa de folheto sobre a vitória eleitoral do prefeito de Itabuna, Ubaldo Dantas:

> Senhoras e senhores, aqui fala o Alto Repórter Supermentira, diretamente dos seus estúdios edifício arranha chão nº nada numa gentileza da Companhia inimiga do trabalho. Rio, um edifício de 152 andares desabou violentamente, matando 646 moriçocas, deixando um saldo de 1545 hospitalisadas. São Paulo: Uma bicicleta chocou-se com um avião, morrendo 163 passageiros da bicicleta, enquanto os do avião sairam todos em paz. Japão: Um caminhão carregado passou por cima de uma japonesa, quando um japonês correu para dar socorro, foi tarde, da japonesa só encontrou as correias. Buenos Aires: Um trem de ferro que seguia para esta capital, ao passar por um pontilhão foi tragado por uma cobra sucuruju que ali estava esperando de bote armado e engoliu o trem de ferro com todos os passageiros. Itabuna: Uma moriçoca enguliu um guarda da Malária com todos os materiais e droga para matar mosquitos. Volta Redonda: Um ônibus viajava de São Paulo a Fortaleza, chocou-se com outro que seguia o destino contrário, passando um por dentro do outro, nada sofrendo os ônibus nem os passageiros, apenas morreram as pulgas paulistas e as pulgas cearenses que iam na roupa de cada um. E atenção para última notícia: Florianópolis. Um candidato fez sua brilhante campanha eleitoral, depois de eleito comprou um caminhão

de bananas e deu uma banana para cada um. Aqui se despede o Alto Repórter Supermentira prometendo voltar no momento que tiver outra mentira muito maior, muito bom dia e até lá.

Exemplar da natureza dessas contracapas utilizadas como "Serviço de Utilidade Pública" (muitas delas repetidas em diferentes folhetos) pode ser percebido n'*O conto do pacote ou o ABC dos marreteiros*, de 15 de junho de 1972. No espaço reservado à contracapa, MFS ostenta um anúncio informando o público do cordel sobre pessoas desaparecidas. No romance *A flecha de Cupido traspassou dois corações*, o poeta anuncia que está à procura de seus irmãos residentes no município de Jequié. Em *O amor de Nelson e Léo*, publicidade do editor Minelvino anuncia "completo sortimento de romances, folhetos, orações e Jornaes de modinhas com grande desconto para revendedores".

Em outra ponta, mas ironicamente perceptível como de *utilidade pública*, é a contracapa de *Os encantos dos amores ou o casamento de Minerva*, que flagra um justificante MFS satirizando os candidatos no *Baião da política de 55*, incluindo música de Luiz Gonzaga, *Paulo Afonso*, glosando Ademar, Juscelino, Juarez Távora e Plínio Salgado:

Estou vendo meu Brasil
Num completo desespeiro
Veja o nosso operário
Sofrendo sem ter dinheiro

Vejo o Brasil subindo a bandeira
E Ordem e Progresso, sair na carreira

Vejo o granfino
Aumentando a riqueza
E a falta de pão
Acabando a pobreza

A carestia infeliz traiçoeira
Deixando o pobre na quebradeira.

O Brasil vai vai vai vai (*Bis*) (Pratraz)

Uma busca de explicação do cruzeiro novo tenta esclarecer ao público a nova moeda em 1967, a contracapa servindo-se de notícia extraída do jornal *O Globo*, de 9 de fevereiro daquele ano. O folheto tem título sintomático: *A confusão do cruzeiro novo* e, na contracapa, a *Explicação...* de MFS recomenda levar aos bancos as notas de cruzeiro para trocar por cruzeiro novo e evitar prejuízo. Em *O disco voador que apareceu na praia de Ilhéus*, a contracapa oferece, como serviço de utilidade pública, um ABC do Código Postal Brasileiro. *A maldade de mau vizinho e as mortes de dez inocentes* traz na contracapa um *Recenciamento do Estado da Bahia em 1980*, confirmando dados do IBGE, que aponta a existência de 9.514.800 habitantes no interior do Estado e Salvador com 1.400.000. As cidades mais populosas do interior aparecem como sendo, no tempo da informação transmitida por MFS: Feira de Santana (275.279), Vitória da Conquista (172.479), Itabuna (154.018), Ilhéus (127.643), Juazeiro (117.172), Jequié (116.415), Alagoinhas (109.353) e Jacobina (103.451). O trovador se assegura de sua fonte: o jornal *Diário de Itabuna*, 12 de novembro de 1980. N'*O encontro de Lampião com o padre Cícero no Céu*, a contracapa transcreve o código postal das capitais brasileiras. E, finalmente, *O rapaz que comeu a orelha do amigo com cachaça* traz na contracapa uma *Explicação do dinheiro velho e do novo*, incluindo tabela de conversão e um parágrafo final glosando a notícia com ingenuidade e aparato lúdico: "Morou? Morais! Se não morou, não mora mais".

Em número ligeiramente superior é o conjunto de contracapas parodiando o cancioneiro popular. As expressões parodísticas variam de intensidade icônica ou simbólica e não guardam qualquer relação com os motivos de cada folheto. No *ABC de Lampeão*

escrito pelo seu próprio punho, um insólito *Baião do paradeiro* desconvencionaliza o queixume sarcástico com a ironia deslocada para o humor ingênuo que aponta descaminhos da política social e econômica dos governos. O *Baião do paradeiro* tem como base a música de *Triste partida*, do cearense Patativa do Assaré, popularizada por Luiz Gonzaga:

Triste paradeiro
Estamos passando
É pobre penando
Sem ter o que comer,
Não acha um emprego
Não acha uma trilha
E pai de familia
Só falta é morrer.

Se queixa o chofer
Se queixa o artista,
E propagandista,
Se queixa o pedreiro
Se queixa o carpina
Se queixa o servente
E toda essa gente
Neste paradeiro.

Se queixa o ambulante
E o estacionado,
Cada um calado
Que nada apurou,
Com tanto imposto
Que tem a pagar
O que vai contar
Quem o confiou.

E a carestia
Não fala n'ela
Se botar tabela
Piora inda mais
Não acha a carne
Não acha farinha,
Não acha galinha
E o pobre o que faz?

Também gasolina
Se dana aumentar,
Para piorar
Em todos rincões,
E mais um perigo
Pra todas cidades
Se as autoridades
Soltar os ladrões.

A nossa Bahia
Neste sofrimento
É grande o tormento
No Estado inteiro
Peço ao Presidente
Que corte esta sina
Mande uma vacina
Contra o paradeiro.

N' *A assinatura da Reforma de Baze*, a contracapa aplaude ideias reformistas de João Goulart, mas ressalvando invasões de terra ou ações de esquerdistas, e parodiando música de Teixeirinha, *Brasileiro de verdade*. Em *A baixa da carne fresca e a tristeza dos vendedores*, a contracapa pratica curiosa paródia da música do Trio Nordestino, *Procurando Tu*, aludindo à *Baixa e o desaparecimento da carne fresca*:

Ó carne Fresca
Onde é que tu tá
Onde é que tu tá
Onde é que anda tu
Fui nos açougues
Procurando tu
Procurando tu
Procurando tu

A carne fresca
Já barateou
Mais já exalou
Sem ninguém saber

Qual é o canto
Que ela foi ficar
Pra o povo ir buscar
Pra a gente vender

Só a SUNAB
Poderá dar jeito
Porque mete o peito
Pra fazer valer

O fazendeiro
Se ver obrigado
A vender o gado
Pra o povo comer

Ó carne fresca
Onde é que tu tá etc.

Três e sessenta
Agulha com osso
Isso é um colosso
O povo a dizer

Filé mignon
Custa desenove
Nem que fosse nove
Eu não vou querer

Contra filé
Custa dezesseis
Figado custa seis
Dá pra entender

Carne de pá
Cinco e sessenta
Com muita pimenta
Dá para comer

Ó carne fresca etc.

Uma mesma disposição parodística é seguida por MFS na contracapa *d'O desaparecimento do dinheiro e os sofrimentos dos profissionais*, com a música do *Procurando Tu* servindo para lastimar a ausência de dinheiro no bolso do trabalhador. Na contracapa de *As greves no Brasil e a eleição de Fernando Collor*, o *Baião da política* dá o tom escarnecedor, parodiando o *Xote das meninas*:

Quando se vê propaganda de política
É um sinal que está próximo a eleição
Os candidatos quando querem ganhar votos
Vem prometendo a pobreza cada qual um avião

Falando alto não quer mais conversar baixo
É comício e mais comício se vê na televisão.

Eles só quer que a pobreza vá votar...

De manhã sedo já tá trajado
Igualmente um grande lobo
De cordeiro mascarado,
Abraça o tabaréu
Se mostrando delicado
E diz vota comigo pra prefeito
Ou deputado.

Eles só quer que a pobreza vá votar...

Ai seu doutor, diz o tabaréu
Meu é do senhor não precisa escarcéu
Quando é eleito, para recompensar
Manda todos se estourar
Lá na casa do chapéu.

Eles só quer que a pobreza vá votar Bis

O folheto *Nova explosão do salário mínimo* anuncia, em glosa engraçadíssima, o *Enserramento do jogo do bicho*, que acarreta prejuízos e alívios: "O veado se cobriu de luto por que o jogo do bicho acabou e ele perdeu todo cartaz. O touro ficou muito contente porque ninguém vai fazer mais confusão com o nome de sua fiel esposa". *A última moda para 1977 e o casamento da raposa* tem como contracapa uma *Farofa do F*, extraída do *Almanaque Renascim*. N'*O encontro do rei das feras com o bicho homem*, a contracapa parodia a sonoridade de *A ema gemeu*, também curiosíssima peça de contestação a nossos hábitos eleitorais:

A urna gemeu, chamando quem quer votar
A urna gemeu, chamando quem quer votar
Virgem! foi um gemido triste meu Deus
Fiquei quase a chorar
Será que a carestia, meu Deus, ainda vai se danar

Todos já sabe que a urna quando geme
Quase todo mundo teme que tudo vai aumentar
Oi! a carestia, imposto e tudo mais, se vira no Satanás
quando o outro ir governar

Meu Brasil, meu Brasil
Vou votar, vou votar
Dou um voto, dou um voto
Pra os corruptos se acabar

Um jacaré que aparece no bairro Lomanto, em Itabuna, motiva o trovador para a glosa de uma canção popular na contracapa de *As safadezas de hoje em dia*. N'*O suicídio de um farrista em Vila Nova e uma carta aos seus colegas*, MFS inova na contracapa, perenizando a glosa paródica de *Coração de luto* iniciada na página 8 do folheto. E finalmente n'*O filho que matou o pai, e mãe para ficar com a erança*, parodiando a letra de *Homem valente não chora* com a música de *Quem é do mar não enjoa*, Minelvino constroi um de seus mais sólidos textos de contrafação parodística:

Homem valente não corre ai não corre
Nem nunca apanha nem morre, ai não
morre.

Quem tiver mulher bonita
Prenda no pé do fogão
Que a turma da jovem guarda

Se transforma em gavião.
Quem tiver mulher bonita
Muito nova e muito bela
Deixar vestir mini-saia
Diga que ficou sem ela.

Quem tiver mulher bonita
Não deixe andar sosinha
Porque o gavião carrega
Pensando ser andorinha.
Quem tiver mulher bonita
Precisa andar reparando
Sinão ela vai se embora
E deixa o cabra sobrando.

Eu gosto de mulher feia
A feia é que é mulher
Porque passea á vontade
Ninguém olha, ninguém quer.
A mulher feia é que é boa
Que vai pra todo lugar
Ninguém quer olhar pra ela
Com medo de se assombrar.

Eu sou o maior valente
Por isso que estou aqui
Nunca briguei com ninguém
Nunca matei nem morri

Ao abraçar temáticas de ascese moral, Minelvino deixa fluirem distintas manifestações de seu credo católico apostólico romano, derivando, nos folhetos e nas ilustrações de contracapa, para as agudezas do senso religioso a que segue. Ao número extra-

ordinário de folhetos sob essa orientação, o trovador, não satisfeito, amplia os assuntos, estendendo-os também como matéria das contracapas. Mesmo quando tangencia aspectos críticos das reformas sociais necessárias ao desenvolvimento do país, MFS o faz sob o influxo religioso, como se observa na contracapa do *Bendito do Bom Jesus e a Reforma Agrária*, onde um agudo civilista cristão assim se reconhece:

Só mesmo Jesus nos salva
No seu glorioso nome
Só mesmo a reforma Agrária
Dar pão para quem tem fome

Tanta terra devoluta
Sem nenhuma produção,
E o pobre morrendo de fome
Sem ter casa e sem ter pão

Os ricos tomaram as terras
Da baixa até o rochedo
E os pobres desabrigados
Somente chupando o dedo

Um pobre faz uma roça
Em terra desocupada
Vem de noite os pistoleiros
Tocam fogo na morada

Pedimos ao Bom Jesus
E Maria Concebida
Pra os pistoleiros deixarem
Do pobre tirar a vida

Conforme se lê, e *malgré-lui*, MFS era partidário da Teologia da Libertação, conquanto o lastro de suas prerrogativas reivindicatórias percorresse sempre o desejo do poeta de alcançar as reformas imprescindíveis, mas pelas vias pacíficas, reforçadas por atos jurídicos que zelassem pela harmonização de interesses conflitantes entre latifundiários e posseiros. Experiente e versado na História Sagrada, que conhecia integralmente (em 1975, confessaria ao autor deste ensaio, ter lido a Bíblia, "do Gênesis ao Apocalipse", umas quatro vezes...). O conhecimento manifesto dos Evangelhos e da vida dos santos, da forma mais simples e despojada possível, era a marca distintiva de seu caráter de pessoa amável e *trovador-apóstolo*. Sempre renovando seus motivos temáticos, na contracapa d'*A vitória de Tancredo Nevez e a derrota de Paulo Maluf*, ministraria um curioso *Debate de um católico com um protestante*, em que demonstra apreciáveis conhecimentos de teologia dogmática. Em *A morte e o enterro do Prezidente Tancredo Neves*, a contracapa ostenta *ilustrativo Bendito de Santa Luzia*, que confirma a sensibilidade do trovador-apóstolo para sucessivos trechos da hagiografia católica, a exemplo dos santos Pedro, Paulo, Jorge, Francisco, Agostinho, Sebastião, Cristóvão e Bernardete. Ortodoxo quanto ao cristianismo primitivo, MFS assimilava os preceitos e interditos papais quanto ao divórcio, aborto etc. No folheto *O caminhão sinistrado ou os quatro disastres de Itabuna*, a contracapa exibe curiosíssimo anúncio (datado de "Itabuna, 13 de novembro de 1958"), dando conta de um informe bizarro com sainete de taumaturgia:

> ATENÇÃO A moça de Itaberaba avisa a todos os devotos de Nossa Senhora das Graças, que ela não se casou nem se casará e convida a todos para a festa no dia 27 deste.

A moça devota, líder espiritual no povoado místico de Alagoas, distrito da cidade sertaneja de Itaberaba, Bahia, conduziria por anos os misteres da fé e da doutrina mariológica respeitada pelo cordelista. Os caracteres ascéticos seriam assim predominantes na heráldica particular de MFS, que tudo pretenderia coletivizar. Na

contracapa de *A chegada do Prezidente Tancredo Nevez no Céu*, um *Bendito de São Francisco de Canindé*, padroeiro dos trabalhadores (o pescador, o motorista etc.), destina-se à súplica de proteção para os devotos romeiros e os atingidos pelas enchentes ou secas. Na *Estória da rainha Rosinalva ou a tragédia do príncipe Emiliano*, a contracapa absorve lições do real e contrapõe-nas com as virtudes e desavenças descortinadas entre os humanos. Uma (dentre outros exemplos em distintos folhetos) *Campanha de amor ao próximo* é desfechada na *História de Antonio Conselheiro e a guerra de Canudos*. Já a contracapa de *Uma história contada por Jesus, Lázaro Leprozo e um rico avarento* investe em delicada questão teológica, que costuma dividir católicos e protestantes. O texto *No céu existe mulher?* primeiro choca pela insinuação misógina da indagação, depois esclarece aludindo à concreta presença da Virgem Maria no Paraíso.

Em outra ponta, no folheto *A morte de Maçú vitima de um candomblezeiro*, a contracapa atenta para uma inusitada mensagem entre conciliatória e mercadológica: "Alô! Alô! Senhores Candomblezeiros interessados Minelvino Francisco Silva avisa a VV. SS. que não escreve por despeito nem proposital, sim para ganhar o pão de cada dia. Se VV. SS. desejarem um folheto ao lado das suas artes ou religiões, cooperem com a edição do folheto intitulado: 'Quem fala do Pai de Santo'". Isso, num extremo de interpretação maliciosa, muito se assemelharia ao jornalismo marrom praticado em cordel por Cuíca de Santo Amaro... A saudação ao ano de 1986 vem contida na contracapa de *Nobreza de um coração de mãe e a loucura de um filho apaixonado*. Já a d'*O rapaz que namorou errado no carnaval de Itororó* emite erudita transcrição de Minelvino sobre a *Origem do Carnaval* conforme o "Pequeno dicionário católico, página 44", citando as saturnais romanas (17 a 23 de dezembro), as festas a Pã (15 de fevereiro) e Baco (16 de março), e incluindo os *trios* na Antiguidade e as máscaras carnavalescas, cujo tríduo transcorria quarenta dias antes da Páscoa e no início da Quaresma.

O vício do alcoolismo é combatido por um soneto de MFS na contracapa de *As palhaçadas de Zé Bêbinho o filho de João Cachaça*. Uma *Exortação a conversão*, segundo a *Bíblia Católica*, livro do Eclesiástico, capítulo 17, versículo 21, é apresentada na contracapa de *Os sofrimentos do pai de família e a marreta da carestia*. Sobre este mesmo assunto, aliás, concentra-se a contracapa de *A caveira misteriosa e o pecado da língua*, que traz ainda um manifesto de MFS pela concórdia, paz e amor ao próximo, além do desejo autoral por um pacto federativo para fazer baixar a carestia.

Minelvino nos acrescentou, assim, em quantidade e qualidade notáveis, um rico manancial, extensivo e intercomplementar, oriundo de suas contracapas, espaço ocupado para divulgar versos, anúncios, repentes, letras de música, poemas e demais peças promocionais de folhetos e convocação de encontros de trovadores e violeiros. O capítulo dessa usança de contracapas é particularmente sensível numa produção que, além do mérito intrínseco, exprime todo o potencial do cordelista na divulgação de sua arte. Na contracapa da *História da onça encantada e o homem destemido*, por exemplo, teoriza sobre a verdadeira destinação do criador popular. Em *A riqueza do poeta*, mais confessional e intimista, a expressão não é de soberba, mas de reconhecimento de uma identidade: "Jesus me deu a riqueza/Que pouca gente contém/Eu dou, eu vendo, eu empresto/Eu mando pra muito além/Quando morrer levo toda/ Nada deixo pra ninguém".

Uma das maiores dessas contribuições é o poema *O Reino da Lua*, que aparece na contracapa do folheto *O homem do nariz de sete palmos que apareceu em Salvador*. À semelhança da Pasárgada de Bandeira, MFS projeta na Lua a instância paradisíaca dos poetas, invocando e convocando imaginários (no exemplo seguido pela canção de Gilberto Gil) para povoar o satélite com movimentos humanistas. O poema implica a acepção de um modelo de sociedade libertária, a um tempo de tom faceto e gracioso e especulando sobre como seria viver na Lua. Leia-se o poema, em oitavas heptassilábicas,

um trabalho composto no mesmo ano da primeira viagem dos cosmonautas ao satélite, isto é, 1969:

O REINO DA LUA

Vou contar uma viagem
Que fiz uma ocasião
Botei a sela num raio
Escangalhei um trovão
Encabrestei um relampo
Botei bride e cabeção
Fiz uma carga de nuvem
E subi pra amplidão

Cheguei no reino da Lua
Fiz uma admiração
Que água do rio é leite
E cai chuva de feijão
As fôias do mato é carne
Os talos é macarrão
A terra lá é farinha
E as pedra é requeijão

A lei do Reino da Lua
Vou dizer como é que é
Um home pra ser home
De brio, cartaz e fé
Precisa ser muito forte
Que imite Sansão até
É obrigado ele ter
Sessenta e cinco muié

Menina de lá da Lua
Faz até admirar
Menina nasce de noite
De manhã qué namorá
Meio dia já é noiva
Começa os pai aprontá
E antes do sol se pô
É obrigado a casá

As moça de lá da Lua
Faz graça até se contá
Quando gosta dum rapaz
Começa logo a beijá
Se namora de manhã
De tarde tem qui casá
No outro dia tem fio!...
Só cabelo de preá

Ali no reino da Lua
Vi coisa de admirá
Agora é que vou dizer
Pruquê não fiquei pru lá
Pruquê tem uma lei
Qui eu não quis aceitá
As muié pare dez fio
E os home dá de mamá

O poema reúne relato fabuloso, utopia lírica, visionarismo redentorista e messiânico, anedotário gracioso e idílico e linguagem imagética, feições estilísticas que avultam na produção de Minelvino nos folhetos e em suas contracapas. A variedade dos motivos é a característica mais marcante dessas contracapas, pontificando o merchandáising dos folhetos. Na *História do português inocente*

e a "Ponte que caiu", MFS apela ao colecionador de cordel: "enriqueça sua coleção..." Na história d'*A muriçoca que enguliu um caçador*, a contracapa exibe flagrantes temáticos e rítmicos à sombra inspiradora do romance *O sertanejo*, de Alencar. Em *O direito da mulher*, um soneto de MFS, *O sopro do Criador*, ostenta na contracapa um misto de lírica sagrada com renascença humanista e primado neobarroco:

O SOPRO DO CRIADOR

O meu corpo do nada foi criado
Mas o sopro que veio do Criador
Fez em mim um espírito elevado
De ciência, caricia e de amor.

Volta ainda esse espírito ao seu Autor
Como volta um soldado duma guerra,
Pra dar conta dos feitos de valor
Ou dos erros que fiz aqui na terra

Prossegui pelas vias do pecado,
Mas depois conheci que estava errado
Resolvi no momento abandonar.

Hoje peço perdão ajoelhado
Ao meu Deus pelo erro praticado,
Tenho fé que ele vai me perdoar

Minelvino tinha na inteireza do ofício uma de suas características maiores, além da consciência, dignidade e crença na pedagogia dos folhetos como signos de aprendizado, alfabetização e legitimidade moral. Em pelo menos três contracapas desses folhetos, o trovador descreve o seu nascimento. A *História do fim do mundo e julgamento*

final (versão minelvina para o Apocalipse, verdadeira obsessão em sua obra) apresenta uma variante, em quartetos:

O NASCIMENTO DE MINELVINO FRANCISCO SILVA

29 de novembro
Quando o dia amanheceu
O galo cantou dizendo:
Mais um poeta nasceu.

O sol fez cair das folhas
O orvalho matutino,
Os passarinhos cantavam:
Hoje nasceu Minelvino

O relâmpago no espaço
Mostrava tão forte luz
Dizendo: nasceu na terra
O cantor do Bom Jesus

A chuva caía fina
Naquele ditoso dia,
Como se fosse uma chuva
Somente de poesia.

Pela noite os pirilampos
Iluminavam a floresta,
Dizendo Miné nasceu
Vamos fazer uma festa.

A lua de lá do céu
Seu lençol branco estendia
Em homenagem a Minelvino
Que nessa hora nascia.

As estrelas clareavam
De vez em quando piscando
Pois ao trovador apóstolo
Estavam homenageando.

Por não ter outras palavras
De carinho e de amor
Por isso agradeço a Deus
Muito obrigado Senhor.

Por sessenta e cinco anos
Que completo no momento
Muito obrigado meu Deus
Por este acontecimento.

Pela minha inspiração
De poeta do Nordeste
Muito obrigado meu Deus
Por tudo quanto me deste

Mesma estrutura límpida e espontânea observamos nas sextilhas de registro autobiográfico afixado nas contracapas dos folhetos *História de Antonio de Lisboa e a sereia do fundo do mar* e *A palestra de Tancredo Nevez com Getúlio Vargas no Céu sobre a Reforma Agrária*. O texto é o mesmo, descrevendo resumidamente a trajetória existencial do nascido em Mundo Novo e radicado em Itabuna. A diferença única é que na *História...* o ano de nascimento é 1926, corrigido para o efetivo 1924, conforme certidão definitiva recolhida pelo poeta em cartório. Por ser mais esclarecedora e atual, a contracapa de *A palestra...* revela a autorizada

AUTOBIOGRAFIA DE MINELVINO F. SILVA

Minelvino Francisco Silva, nasceu em 29 de novembro de 1924. "Por engano foi registrado como 20 de setembro de 1926". Numa fazenda denominada Olhos d'água de Belém, sendo proprietário descendente de judeu, próximo ao arraial do Palmeiral, município de Mundo Novo, Estado da Bahia. filho de José Francisco da Silva e Laura Maria de Jesus, ambos bahianos. Em 1929 Minelvino resolveu aprender a ler. Entrando numa aula noturna, onde estudou um mês e pouco, pois seguiu por conta própria, pedindo lição a um e a outro, assim que aprendeu assuletrar, começou a ler os livrinhos de literatura de cordel e hoje é autor de centenas de obras de cordel conhecidas em todo Brasil e exterior, como sejam: Estados Unidos, França e Japão. Minelvino reside em Itabuna, no Estado da Bahia, onde chegou em 11 de dezembro de 1948.

Eu e Jesus em Belém
Nascemos quase num dia
Ele em Belém da Judéia
Eu em Belém da Bahia
Ele pregava o Evangelho
E eu prego a poesia.

Por ordem do Pai Eterno
Jesus nasceu em Belém
Lá na terra dos judeus
Bem proximo a Jerusalém
E o Belém que eu nasci
Era de judeu também

Vinte nove de novembro
De 24 eu nascia,
Nas terras do Mundo Novo
Pra meus pais grande alegria
Meu pai chamado José
Minha mãe, Laura Maria

Pela vontade do Pai
Sem parte eu ter com hebreus
Nem por meus merecimentos
Ou seja os bons atos meus
Tornei-me irmão de Jesus
E também filho de Deus

A sua misericordia
Me levou pra sua luz,
Portanto com paciencia
Quero levar minha crus
Até chegar na presença
Do Santo mestre Jesus

Deixando isto bem claro
Pra ficar bem compreensivo
E não fazer confusão
Ficando bem positivo
Jesus é filho legítimo
E eu sou filho adotivo

Atento a todas as solicitações de inspiração popular, em contato com o mundo físico e social, MFS tanto descreve *Uma viagem ao sertão* — poema em sétimas publicado na contracapa da *História do boi ladrão e o delegado fiel* — quanto devolve homenagem a professores e alunos de um colégio itabunense (CIOMF), que estudaram sua obra, reconhecimento que emerge da contracapa da *História de João Besta*. *A temerosa explosão de uma caminhonete de fogos em Jitaúna no domingo, 14 de abril de 1991* socializa na contracapa a justeza da concessão do título de Cidadão Itabunense a Minelvino Francisco Silva em 28 de julho de 1989, após 41 anos de fixação na cidade, exibindo ainda um soneto declamado por MFS quando do recebimento da honraria. Em *Um roubo em Canavieiras*

ou injustiça de um tenente, a contracapa descreve as humilhações sofridas pelo poeta desde o furto de que foi vítima numa pensão ao desrespeito acintoso do delegado local.

Na contracapa da *História do Touro Branco Encantado*, Minelvino incursiona por curiosos relevos de estilo e linguagem, questionando o divórcio entre a grafia e a pronúncia da letra *X*. Analisando os aspectos confusos da reforma ortográfica e da pronúncia do *X* nas circunstâncias da fala popular, o poeta arrisca-se pelos meandros do idioma, ampliando questionamentos e ilustrando-os com exemplos e situações em que o X é confusamente pronunciado. Vale a pena a transcrição do poema decassílabo.

"A CONFUSÃO DO X"

Acabou-se a metade dos acentos
Na fonética, isto assim ficou melhor
Mas o X sendo ainda letra mágica
A pronúncia do povo é bem pior

O valor deste X será menor
Quando escreve este X pra ser um Z
Na pronúncia será muito pior
Quando obriga este X servir de C

Quando o X vale ainda como Q
Para o povo que tem pouca instrução
Este X valer S e valer Z
Este X está fazendo confusão

Este X deve ter um só valor
Como X e X mesmo e nada mais
No futuro virá um professor
Pra acabar deste X o seu cartaz

Na contracapa d' *As desordens de Pedro Mineiro*, MFS explica seu ser múltiplo, em função da necessidade e economia de seu ofício. No poema *O que sou*, o poeta diz que "Tem hora que sou tipógrafo/Hora que sou repentista/Tem hora que sou xilógrafo/Hora sou propagandista/Tem hora que sou fotógrafo/Hora que sou desenhista". E poderia completar com o que dele achamos: "Sendo eu todas as horas/em todo o tempo um artista". Preocupado sempre com a recepção leitora aos folhetos, MFS justifica, na contracapa da *História do barbeiro que fez a barba do Cão*, a elevação dos preços dos folhetos em função dos preços do papel para impressão. O mesmo comportamento irá adotar (confessando-se obrigado a reajustar os preços dos livrinhos) na contracapa de *Vida e morte de Sansão e a falsidade de Dalila*. Na *História do valente Joaquim Azougue, o terror da zona de Jacobina*, a contracapa traz uma *Classificação dos livros da Editora Luzeiro, em vendagem*, nomeando, em primeiro lugar, Manoel d'Almeida Filho; em segundo, Antonio Rufino do Nascimento; o terceiro, Isaías Moreira Cavalcante e o quarto, Minelvino Francisco Silva, com três livros: *O gigante Quebra-Osso*, *Zé Pretinho e o Cego Aderaldo* e *O cachorro dos mortos*.

Outro signo distintivo da obra de Minelvino (de que resultou um pacto com Rodolfo Coelho Cavalcante) é sua legendária campanha contra livros pornográficos. Ao assunto dedicaria as contracapas de *A morte da viuva Precilia ou o fazendeiro que mandou matar a irmã e cortar uma orelha* (protesto e advertência contra "folhetos imorais"), *A morte de Francisco Alves e a chegada no Céu* (contra livros pornográficos e os delitos de quem faz e de quem lê) e *Os crimes em Candido Sales antiga Nova Conquista*, onde emite *Um conselho aos vendedores de Livros Imorais*, vazado nos termos seguintes: "Portanto meu amigo, vamos arrancar o mal pela raiz, queimando ou condenando todos os livros que não dão bom exemplo".

O folheto *Em homenagem a Itabuna e aos seus habitantes* é o que melhor põe em relevo a competência mercadológica de MFS. A capa reproduz em foto o painel de Lênio Braga na lateral do antigo

Banco Econômico, na Praça Adami; a página 12, um soneto *A caminho da prosperidade*; da página 13 à 16, um *Catálogo dos livros de Minelvino Francisco Silva* até março de 1955, anunciando novidades como *O almoço de Zé Grilo* e *O encontro de Cancão de Fogo com Pedro Malazarte* e, na contracapa, o soneto *Gratidão* dedica-se a homenageando Luiz Gonzaga. No *ABC da maconha e o desacerto do maconheiro*, a contracapa glosa o mote "Se eu mandar um cantor pra o cemitério/Ou gemendo ou chorando tem que ir", expondo um viés autoritário pouco frequente no trovador-apóstolo, mas simbiótico com o inconsciente textual do *ABC*. Na contracapa de *Os conselhos de sua mãe*, MFS ironiza a função social do poeta popular na sociedade brasileira, com destaque para a crônica de dificuldades geradas pela sobrevivência:

O dinheiro é um touro bravo
Que faz bastante manobra,
Faz que vai, volta de novo
Pra todo lado se dobra,
E o dinheiro do poeta
É como perna de cobra.

A contracapa d'*Os pistoleiros em Vila Nova* anuncia livros de MFS em Vitória da Conquista, "com um maravilhoso sortimento de romances, folhetos, etc". Vila Nova é a atual Anagé e a data do folheto é "Vitória da Conquista, 26 de novembro de 1956". O *marketing* direto é uma constante em Minelvino, tanto que, na contracapa da *História do homem que virou cavalo ou o grande exemplo de um criminoso*, anuncia a venda de folhetos pelos Correios, contrarrecibo. Mas o estilo cauteloso do trovador adverte (contracapa irônica d'*O resultado de quem vende fiado*):

> Atenção Só vendemos fiado a criança de 150 anos em diante. Vindo acompanhada dos seus pais, avós, bisavós, trisavós paternos, maternos munidos dos seus documentos legais, e uma ordem especial assinada por meu irmão que nasceu morto.

Minelvino Francisco Silva, elogiado pelo romancista Paulo Dantas em programa de televisão em São Paulo, reconhecido, divulga o fato na contracapa d'*O disastre do caminhão de Ilhéus* (datado de "Itabuna, 26 de agosto de 1956"). E aproveita para nomear outros colegas trovadores do sul da Bahia: Manuel Peixoto, Otaviano Curvelo de Souza, João Nobre, Hermes Gomes, José S. Silva, Raimundo Barbosa, Laurindo Gomes Maciel e Eléus Leonardo de Sá. Tal comportamento robustece a expressão generosa com que alia seu estilo de poetar, associando ao seu outros nomes de trovadores nacionais no esforço comum de divulgar a narrativa popular em versos e empenhar-se pelo acolhimento dos folhetos na comunidade letrada.

Para MFS as fronteiras entre literatura canônica (acadêmica ou erudita) e literatura popular facilmente se dissolveriam. Em ambas reconhecia valores positivos, fazendo circularem ideias que apontavam para uma feliz contiguidade estilística. Daí o concurso enaltecedor que sua obra percorre, redimensionando os trovadores numa mais justa recepção crítica. Assim como consagra os cordelistas, Minelvino festeja (contracapa da *Estória do papagaio criminoso e o macaco pistoleiro*) o Rui Barbosa jurista e escritor, em ode de quatro estrofes de quatro versos decassilábicos. Um soneto em louvor de Castro Alves é tema da contracapa d'*O pedido de Francisco Alves, depois da chegada no Céu*. E n'*O monstruoso crime de José Carlos dos Santos e a prisão de PC Farias*, a contracapa homenageia a escritora itabunense Geny Xavier. Tal ecletismo, portanto, autoriza MFS a cotejar sua obra com a de seus pares em sucessivos folhetos, cristalizando um estilo especial de camaradagem entre os poetas populares, conforme assinalado na contracapa d'*A revolta de Mão Branca e seu encontro com o bandido Rifle Certo*, quando divulga o I Congresso Nacional de Poetas de Cordel no Rio de Janeiro, de 14 a 16 de março de 1980.

A predominância do *marketing* direto aplicado a uma mais ampla divulgação da literatura de cordel e de seus cultores encaminha MFS a um modelo de composição sistêmica nas contracapas,

estas travestidas do valor potencial do folheto como retransmissor de interesses pedagógicos e de informação geral. Veiculando notícias, comentários, críticas, sugestões, recomendações, notas de curiosidade, causos humorísticos e de pedagogia moral, acompanhados sempre da fala e oralidade proverbial do trovador, manifesta-se o poeta popular em tons de uma mansa e risonha ironia, a linguagem cumulada de pureza, sensibilidade social e popular, espontaneidade e autenticidade naturais e desprovidas de qualquer soberba, ou arrogância.

Bastante comuns, aliás, na impressão das contracapas de MFS são seus informes sobre o desaparecimento de colegas. O espaço correspondente ao folheto *Estória do peixe, o homem e a raposa*, noticia a morte do trovador Antonio Pereira de Queirós em Jequié, 17 (ou 27) de julho de 1976. As preocupações do trovador-apóstolo servem ainda para legitimar a atuação de colegas como José Bernardo da Silva que, na contracapa de *A guerra do Juazeiro e o poder do Padre Cícero*, recebe de Minelvino o atestado de um autêntico criador e não apenas aquele usufrutário e mero adquirente dos direitos sobre os originais de João Martins de Athayde.

No folheto *A vitória de Fernando Henrique Cardoso, novo presidente do Brasil*, a contracapa lastima, em três décimas, com mote e versos heptassilábicos, *Eu vi a morte chorando, porque matou um poeta*:

Eu vi a morte contente
Porque matou um soldado
Um sargento e um delegado
Com um cabo e um tenente
Um Governo e um presidente
Um prefeito e um atleta
Um juiz e um profeta
Depois ficou soluçando
Eu vi a morte chorando
Porque matou um poeta

Vi a poesia chorar
Com a metrificação
Vi também a inspiração
Tristonha se lamentar
Vi a rima soluçar
Seguindo por linha reta
Porque era a sua meta
Eu fiquei admirando
Eu vi a morte chorando
Porque matou um poeta

Vi Rodolfo recitando
Vi Zé Camello cantar
Leandro Gomes glosar
João Athayde prosando
Com Zé Pacheco falando
Que nunca foi um pateta
Não perderá sua seta
No alvo que está apontando
Eu vi a morte chorando
Porque matou um poeta

MFS renova e redimensiona essa reverência a todos os artistas populares do verso, da canção e do repente. É assim que, na contracapa d'*As cartas apaixonadas do Programa de Fazenda em Fazenda*, aplica nota *dez* a trovadores como Rodolfo Coelho Cavalcante, Francisco Amaral, Manoel d'Almeida Filho, a xilogravuristas como José Cavalcante Dila, ao sanfoneiro Vavá dos 8 Baixos, ao poeta e professor Manoel Teixeira Santos, ao tipógrafo Nozor Oliveira, ao contista Odilon Pinto de Mesquita, ao datilógrafo Ronaldo Cardoso, ao desenhista Sinézio Alves e a outros tantos profissionais das artes populares. A graça minelvina inspira-se na interlocução direta, por vezes com rara malícia:

Quem toca fogo no mundo
Para minha opinião
É a moça e o rapaz
Namorando no portão
O rapaz suspende o mundo
E a moça baixa o tição

Na contracapa d'*O sonho do Presidente José Sarney com o Presidente Tancredo Nevez no Céu*, uma *Homenagem póstuma a Rodolfo Coelho Cavalcante* torna-se poema de exceção em quartetos decassilábicos:

Meu amigo Rodolfo Cavalcante
Que na terra viveu sem mostrar falha,
No cordel no Brasil foi um gigante
Ganhador da vitória e da medalha

Sua pena serviu como metralha
Defendendo a bandeira do civismo
Venceu todo obstáculo da batalha
Derrotando com o analfabetismo

Condenou no seu livro o ateísmo
Mas um dia um chofer sem compaixão,
Atirou meu amigo no abismo
Com um carro sem freio, sem direção.

Tenho fé no Autor da Criação
Que no Céu ele está muito contente,
E quem fez esta grande ingratidão
Será sempre punido eternamente

Mesmo tom de elegíaca homenagem se imprime na contracapa d'*Os assaltantes de Banco no Estado da Bahia e o linchamento de um deles em Firmino Alves*. N'*A vingança de Ismael pelo amor de Angelina*, a contracapa reproduz biografia e versos de Rodolfo Coelho Cavalcante. A admiração e o preito devotados a Rodolfo fariam o poeta grapiúna, na contracapa da *História de Zé Valentão e sua luta com Olegário Piadista*, reproduzir carta ao prefeito de Ribeirão Preto (SP), agradecendo a homenagem de uma rua com o nome de Rodolfo Coelho Cavalcante. A admiração e o preito permaneceriam na transcrição *d'Os dez mandamentos do trovador*, compostos por Rodolfo e compartilhados integralmente por Minelvino, que os reproduz na contracapa de um dos folhetos como expressão e decálogo da dignidade e consciência do ofício, ética no trabalho e na vida social e apurada técnica:

OS DEZ MANDAMENTOS DO TROVADOR

1º Amar a Deus, o próximo e a poesia sobre todas as coisas
2º Não jurar pelos editores [Ver sarcasmo e boutade]
3º Guardar respeito as obras alheias
4º Honrar a sua profissão
5º Não matar a métrica da poesia
6º Guardar castidade dos títulos de obras alheias
7º Não furtar os enredos dos outros
8º Não levantar falso a quem quer que seja
9º Não desejar a prosperidade dos versos alheios
10º Não cobiçar dos outros as suas glórias

Na *História do cangaceiro João Serra Negra*, a contracapa entoa curiosíssimo louvor ao poeta popular. No final MFS indaga do leitor, conclamando-o, com ar gaiato: "Gostou? Então pague". A contracapa d'*A história da princesinha do mar e a bruxa da solidão* transcreve completo relatório do Congresso de Trovadores

e Violeiros em Jequié, 26 de março de 1956. Na da *História dos quatro irmãos usurários*, ode ao nascimento do trovador Manoel d'Almeida Filho. Em *Firmeza de dois corações e a espada vencedora*, elegia de MFS ante as sucessivas mortes de colegas trovadores. A mesma temática acompanha a contracapa d'*A invasão dos ciganos em Várzea Nova*, aí incluído um poema, em parceria com Azulão Bahiano. Na *História de Mão Branca, o matador de bandidos no Rio de Janeiro*, Minelvino noticia a criação da Casa de Cultura São Suruê, pelo militar e escritor potiguar Umberto Peregrino, destinada a estudos e pesquisas sobre literatura popular. *O temeroso desastre em Jitaúna, no dia da Micareta* divulga o I Congresso Nacional dos Poetas da Literatura de Cordel em Brasília, 1978. *Os vinte mandamentos da lei de Satanaz*, um festival de Trovadores e Violeiros em fevereiro de 1956, em Itabuna. *N'O diabo que apareceu na Barra do Rocha e a rural misteriosa*, mais um Encontro de Trovadores do Nordeste.

No folheto *História da moça que levantou um falso ao diabo*, a contracapa interpõe curiosas décimas de MFS glosando o mote "Foi Gregório de Matos na Bahia/que inventou o martelo agalopado". O trovador mistura apreciável cultura geral e cultura poética, adicionando preciosas informações sobre os fundadores das ciências, em versos decassilábicos, estrofes e glosas bastante criativas:

Foi Alberto o inventor do avião,
Foi Guilherme que o rádio inventou
Já à luz Otto Von concretizou,
Alma viva de toda invenção,
Desde o rádio, o radar, a televisão,
Thomas Édison a lâmpada no passado
Inventou com carinho e com cuidado,
Marco Pollo inventou a geografia,
Foi Gregório de Matos na Bahia
Que inventou o martelo agalopado

A Inglaterra inventou o trem de ferro
E o barco a vapor o americano,
Pra chegar nos confins do oceano
Sem conflito vechame ou mesmo berro,
Este assunto aqui eu não encerro
Que Evaristo da Veiga é bem falado
Inventou o jornalismo no passado
E Daguerre inventou a fotografia
Foi Gregório de Matos na Bahia
Que inventou o martelo agalopado

Tubal-Caim foi o primeiro ferreiro
Os instrumentos de som da geração
De Jubal o seu primo ou seu irmão
Pra tocar de dezembro até Janeiro,
Dai vem a viola e o violeiro,
Que acompanha o trabalho improvisado
Disto tudo Noé ficou lembrado,
Do saltério e de sua melodia,
Foi Gregório de Matos na Bahia
Que inventou o martelo agalopado

Em sua proverbial e missionária campanha de divulgação da poesia popular e dos trovadores, MFS não se esquiva de promover colegas baianos. A contracapa d'*O rapaz que se apaixonou por outro, por força de Bruxaria*, comemorando o dia do trovador, homenageia Cuíca de Santo Amaro, e na d'*A incrível história de Isaura e Ailton, o menino morto que voltou a terra do Estado de São Paulo*, o homenageado é Bule Bule, singularizando-o com uma xilogravura em que o poeta de Antonio Cardoso aparece com sua inseparável viola: "Aqui está o violeiro/Antonio da Conceição,/Conhecido Bule-Bule/ com a viola na mão,/É um gênio no repente/está sendo o Presidente/ De nossa Associação".

Poetas de outros Estados também mereceriam merecendo os louvores do trovador-apóstolo. Na contracapa d'*O poder da cachaça contra a lei do Criador*, biografia do repentista João Ferreira da Silva. Na da *História da mulher da língua grande*, poema *Meu sonho pacifista*, de Cícero Pedro de Assis. Em seu penhor e tributo, MFS democratiza os folhetos a ponto de ceder espaço aos colegas. A contracapa d'*O filho que matou a mãe por causa de um pé de mandioca*, por exemplo, transcreve um acróstico de Alípio Bispo dos Santos, desejando *Feliz Natal e um Próspero Ano Novo*, no período 1975/1976. E Minelvino, na contracapa d'*O preguiçoso que se virou cachorro a fim de não trabalhar*, homenageia o pintor itabunense Galeno, descrevendo-lhe um breve perfil biográfico e artístico.

Mas talvez a culminância dessa generosa acolhida de MFS ao intercurso com seus pares trovadores esteja exposta na contracapa da *Estória dos três irmãos usurários e o laço do diabo*, onde MFS apresenta duas *Cartas em versos*, fazendo interlocutores José Bernardo da Silva ("Juazeiro do Norte-CE, 31 de maio de 1971") e o próprio Minelvino Francisco Silva (Sem data nem local). A carta de José Bernardo tem o seguinte teor:

Meu prezado Minelvino
Eu sempre vivo lembrado
Dos grandiosos favores
Que a mim foram dispensados
Peço a nosso bom Deus
A ti faça compensado

Ana minha cônjuge
Consorte da minha vida
Manda um fraterno abraço
A esta mansão querida
Que por mim ela jamais
Daí será esquecida

Para Antonio e os demais
Garotos que não me lembro
Um abraço e lhe espero
Aqui no mês de setembro
E para meu aniversário
No dia 2 de novembro

Cantar versos e vender
A todo povo romeiro
Que chega aqui em setembro
Pra visitar Juazeiro
E olhar o monumento
Do nosso bom conselheiro

MFS assim respondeu ao colega cearense:

Amigo José Bernardo
Eu tive o prazer de ler
Os teus versos tão amigos
Para me agradecer
O que fiz aqui por ti
Sem nada eu poder fazer

Para mim foi um prazer
A sua chegada aqui
Agradeci a Jesus Cristo
Pela vitória que vi
A que eu mais desejava
Desta vez o conheci

A minha chegada aí
Isto não é bem certeza
Porque o Nosso Senhor

O Autor da Natureza
É quem sabe do futuro
Por ser o Pai de grandeza

O folheto traz a data final de "Itabuna, 13 de janeiro de 1976", mas MFS aduz uma nota, após sua carta-resposta, dando conta de que "Quando foi em novembro de 1972 Minelvino recebeu uma carta que José Bernardo tinha viajado para Eternidade no dia 23 de outubro de 1972".

Antologia

A literatura de cordel é, por natureza, manifestação de oralidade, que ganha o estatuto da forma escrita, mas permanece registro da cultura oral, com ênfase na mímesis e no palimpsesto. É ressurgência da tradição dos relatos épicos em seu formato mais tradicionalmente vinculado à origem da narrativa em verso, cujas matrizes poderíamos resgatar dos grandes poemas épicos. Por isso, forma e conteúdo obedecem ao império da transfiguração e da catársis. Razão e instinto, imaginação e reinvento do real são distinguidos pela forma e expandidos para a impressão gráfica. Os trovadores (poetas populares disciplinados pela poética clássica e pelo imaginário medieval) reverberam e repercutem ideários, expressões sentimentais e anímicas do povo de que se originam. Justamente por conta da fidedignidade da tradição oral, optamos por transcrever os folhetos de MFS ora antologiados (75 dentre mais de 500) obedecendo ao critério de sua grafia original, absorvendo integralmente os textos e corrigindo tão somente os equívocos de impressão. As intervenções, rasuras e emendas de MFS escritas à mão, sobrepondo alterações ao texto, nem sempre foram levadas em conta no processo editorial aqui seguido, dadas as razões de natureza filológica, exegética e literária.

Por quase cinquenta anos de atividade na narrativa popular em versos (exatos 49, entre 1949 e 1998, quando morre o trovador),

Minelvino Francisco Silva testemunhou quase meio século da vida brasileira, baiana e grapiúna, frequentando assuntos e motivações temáticas relacionados com a poética, a sociedade, a religião, a moral, a ética, a formação social e mais desejos, sonhos, aspirações de uma coletividade, cujo intérprete (o trovador) se fazia perscrutador de modelos sociais mais consentâneos com a ética religiosa que abraçava: o catolicismo.

Politicamente conservador e ancorado numa ortodoxia moral bebida no espectro cultural de que era originário, claro que MFS reflete o mundo à sombra do pensamento doutrinário da Igreja Católica Apostólica Romana, orientando sua obra para a experiência nuclear dessa ortodoxia. Mas esse conservadorismo político e ideológico — que se horizontalizaria na perspectiva modelar dos costumes sociais preservados incólumes — deixava margem a que o poeta também refletisse sobre o panorama de exclusões da sociedade brasileira. Orientava-o o modelo trabalhista de governar "para os pobres" — e aí Getúlio Vargas ocuparia uma liderança incontestável, e com Getúlio os que a ele se associassem ou por ele se deixassem influenciar — e o narrador popular descreveria uma busca infatigável pelas reformas imprescindíveis ao desenvolvimento nacional. A principal dessas reformas, a agrária, mereceria de MFS um estatuto privilegiadíssimo, desde que reforma promovida e consolidada sob ditames legais, sem invasões, nem conflitos — e também sem latifúndios improdutivos.

Na obra de MFS são poucos os folhetos com data de publicação explícita (aliás, característica comum aos demais trovadores). O coordenador desta edição e da antologia que se segue lembra que, em 1975, recomendava ao criador do *ABC dos tubarões* a necessidade de datá-los, e ora atesta que, desde então, os livrinhos passaram a conter data de impressão, de forma um pouco mais regular. Alguns desses folhetos seriam baseados em acontecimentos reais ou relatados ao poeta popular, que os revestiria de formato cordelístico. Alguns dos não aqui antologiados apresentam-se em tamanho reduzido à metade do tamanho tradicional, à semelhança da medida de 1/16 do

livro, digamos, canônico. Se, dos mais de quinhentos títulos, apenas 75 deles foram elencados para compor essa amostragem da produção minelvina, isso não significa que outros aqui não pudessem estar. A natureza da edição não comportaria um número maior e os aqui selecionados demonstram à exaustão a variedade de modelos e estilos seguidos por MFS em seu tão rico quanto extraordinário labor.

A seleção de textos que compõem a presente antologia não se preocupou em alinhar obras-primas, apenas exprimir os diferentes signos e modelos praticados por um poeta antenado com a disposição especular do espírito coletivo. Os folhetos perlaboram dialogicamente com o leitor, antes de se mostrarem virtuoses no gênero. O virtuosismo, aliás, está daqui distante, seja do ponto de vista técnico, ou ornamental.

A antologia começa, portanto, com a inclusão dos primeiros folhetos produzidos por MFS (para preservá-los do desaparecimento e indicar as matrizes de composição e evolução seguidas nos demais), acompanhados dos outros tantos de que foi capaz de criar o gênio narrativo de MFS, notadamente nos gêneros de relato de inspiração histórica, doutrinária, de exemplaridade moral, de engenho e fabulação, textos obedientes à classificação tradicional das narrativas de apelo maravilhoso, de conselhos, santidade, profecias, gracejos, acontecidos, carestia, fenômenos, pelejas, bravura ou valentia, ABCs, política etc. Respeitamos aqui, integralmente, os textos originais com suas grafias e idiossincrasias, seus relevos de linguagem, lacunas verbais, usos arcaicos, de maiúsculas e minúsculas, acentuação, pontuação etc., não só por identificá-los como marcas de estilo, também para preservá-los em seu saber e sabor de origem nitidamente popular e espontânea, o que muito servirá aos interesses de estudos linguísticos e filológicos em outros momentos percorridos por outros tantos estudiosos.

O ensaísta Jorge de Souza Araujo e Minelvino Francisco Silva (1975)

Carta de MFS a JSA em 1976.

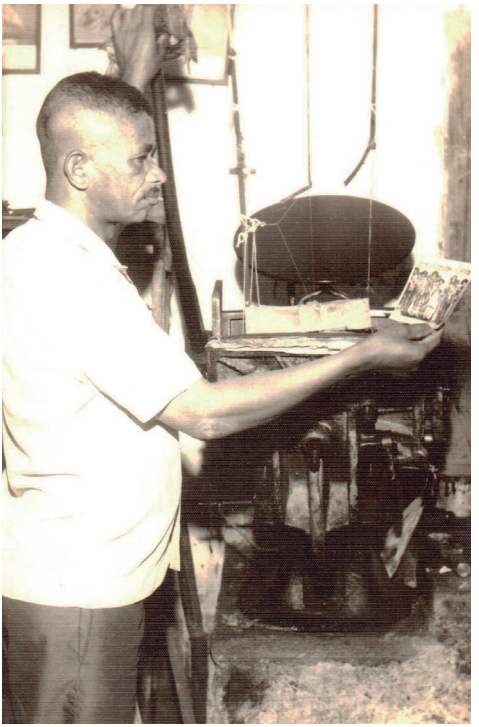
Itabuna 15 de Março de 1976.

Presado amigo professor Jorge Araujo
A Santa paz de Jesus permaneça sempre entre nós. Recebi a sua carta fiquei bastante satisfeito em saber suas boas noticias principalmente porque passou a ser professor universitário. Eu aqui vou lutando com os livrinhos, situação financeira cada vez mais fracassada, mas o poeta é sempre assim mesmo. Junto a esta estou enviando 6 livrinhos para você, onde vai os Encantos dos Amores ou o Casamento de Minerva, livro muito antigo. O cascudo que você mandou para os meus meninos, eu vou dando aqui quando merecer e o de Azulão, eu vou dizer a mãe dele para dar esse presente que você mandou. Para voce e toda sua familia aqui fica o abraço do "Trovador apóstolo."

Minelvino Francisco Silva

Minelvino com
a esposa e filhos
(1975)

Minelvino em sua oficina, portando um componedor tipográfico.
Ao lado, uma guilhotina (1975)



Minelvino, a prensa manual e uma xilogravura

Reunião de folhetos

Algumas das xilogravuras que ilustram os folhetos de MFS

8.82.4-a	—Idem, idem § 2º, idem	50.000,00
8.82.4-b	—Construção e conservação de estradas c/ aplicação da Taxa Rodoviaria	150.000,00
8.85.4	— Custeio dos serv. de Asseio	700.000,00
8.87.4	— Conservação dos proprios publicos e reparos de veiculos	160.000,00
8.89.4	— Melhoramentos nas vias de comunicação no interior do municipio	100.000,00

9 — Encargos Diversos

8.92.4	— Restituição de Impostos e Taxas	5.000,00
8.93.4	— Pagamento de salario familia	115.000,00
8.98.4-b	—Para auxilios diversos	5.000,00
8[illegible]	—Gratificações adicionais	12[illegible].000,00
[illegible]	—Pagamento de Seguro em Grupo	20.000,[illegible]
[illegible].99.4-g	—Para compensar diferença de caixa	570,00
	Total Cr$	5[illegible]

Art. 2º—Para cobertura das despesas decorrentes [illegible] lei, serão utilizados os recursos [illegible] artigo 104, item 5 da lei n. 140, de [illegible] de [illegible].

Art. 3º — Revogam-se as disposições em contrario.

Registre-se, [illegible]-se e cumpra-se.

Gabinete do [illegible] Municipal de Itabuna, em [illegible] de Dezembro de 1956

Francisco Ferreira da Silva — Prefeito
Daria Freire
Resp. pelo exp. da Secretaria.

Resolução N. 22

Denomina «Rua dos Trovadores» a arteria [illegible] por Rua da Rodagem de Pirangy.

O Prefeito Municipal de Itabuna, faço saber que a Câmara de Vereadores resolveu e eu sanciono a seguinte Resolução:

Art. 1º — A arteria conhecida por Rua da Rodagem de [illegible] passará a denominar-se «Rua dos Trovadores».

Art. 2º — Fica o Poder Executivo autorizado a abrir o crédito de Cr$ 5.000,00 para atender a despesa decorrente da execução desta Resolução, valendo [illegible] no [illegible] do orçamento em vigor.

Art. 3º — Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se, publique-se e cumpra-se.

Gabinete do Prefeito Municipal de Itabuna, em 13 de dezembro de 1956.

Francisco Ferreira da Silva — Prefeito
Daria Freire de Brito
Resp. pelo Exp. da Secretaria.

Portaria N. 2472

O Prefeito Municipal de Itabuna, usando de atribuição legal, resolve nomear a Sarta. [illegible] para exercer o cargo de Professora Municipal, regente da escola denominada [illegible] Bomfim, distrito de Itapé, deste município, devendo entrar no exercício da função no início do período letivo, após ter feito o curso de treinamento de professoras rurais.

Registre-se, publique-se e cumpra-se.

Gabinete do Prefeito Municipal de Itabuna, em 4 de Dezembro de 1956.

Naomar Monteiro de Almeida,
Prefeito em exercicio.
Dária Freire de Brito,
Resp. pelo Exp. da Secretaria.

Portaria N. 2473

O Prefeito Municipal de Itabuna, no uso de atribuição legal, resolve nomear a Sarta. Almerindo Silva para exercer o cargo de Professor Municipal, regente da escola localizada em Bomfim, distrito de Itapé, deste município, devendo entrar no exercício da função no início do período letivo, após ter feito o curso de treinamento de professoras rurais.

Registre-se, publique-se e cumpra-se.

Gabinete do Prefeito Municipal de Itabuna, em 4 de Dezembro de 1956.

Naomar Monteiro de Almeida,
Prefeito em exercicio.
Daria Freire de Brito,
Resp. pelo Exp. da Secretaria.

N. 2474

O Prefeito Municipal de Itabuna, no uso de atribuição legal, resolve nomear a Sarta. [illegible] para exercer o cargo de Professora Municipal, regente da escola «Amelia [illegible]» deste município, devendo entrar no exercício da função no início do período letivo, após ter feito o curso de treinamento de professoras rurais.

Registre-se, publique-se e cumpra-se.

Gabinete do Prefeito Municipal de Itabuna, em 4 de dezembro de 1956.

Naomar Monteiro de Almeida,
Prefeito em exercicio.
Daria Freire de Brito,
Resp. pelo Exp. da Secretaria.

O Prefeito Municipal de Itabuna, no uso de suas atribuições, designa o Snr. Julio Beatriz Cruz, Mecânico Profissional, lotado na Diretoria dos Serviços Industrializados, para exercer as funções de Encarregado da Usina Termo Eletrica de Itapé.

Registre-se, publique-se e cumpra-se.

Gabinete do Prefeito Municipal de Itabuna, em 4 de dezembro de 1956.

Francisco Ferreira da Silva
Prefeito
Daria Freire de Brito
Resp. pelo Exp. da Secretaria.

Resolução nº 22

Denomina " Rua dos Trovadôres" a arteria conhecida por Rua da Rodagem de Pirangy

O Prefeito Municipal de Itabuna, faço saber que a Câmara de Vereadores resolveu e eu sanciono a seguinte Resolução:

Art. 1º- A arteria conhecida por Rua da Rodagem de Pirangy, passará a denominar-se " Rua dos Trovadores".

Art. 2º- Fica o Poder Executivo autorizado a abrir o crédito especial de Cr$5.000,00 para atender a despesas decorrentes com a execução desta Resolução, valendo-se do código 8.99.4, letra f do orçamento em vigor.

Art. 3º- Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se, publique-se e cumpra-se.

Gabinete do Prefeito Municipal de Itabuna, em 13 de dezembro de 1956.

aa) Francisco Ferreira da Silva- Prefeito

Publicada no Jornal Oficial do Municipio sob nº 1263- de 8 de dezembrO de 1956-

Texto da Resolução nº 22, extraída do Jornal Oficial do Município de Itabuna, nº 1263 de 8/12/1956

Cartaz com autoxilogravura de Minelvino Francisco Silva

PRIMEIROS MOMENTOS

ENXENTE DE MIGUEL CALMON E O DISASTRE DO TREM DE ÁGUA BRANCA

Setembro de 1949[1]

Leitores por obsequio
Leia o livro com atenção
A tragedia da enxente
Quero dar a descrição
Panorama doloroso
De doer o coração.

A cidade meus leitores
De Miguel Calmon neste dia
Parecia um mar revolto
Casas mais casa caia
Era uma desolação
O clamor da multidão
Neste doloroso dia.

Caiu a Rua das Flores
Ficando a pobreza em vão
Uns lado da Rua da Palha
Desapareceu então
Naquele dia sombrio
Inundou todo baxio
E demoliu a Estação.

O véu do templo rasgou-se
Com as aguas do infinito
Homens, mulheres e crianças
Era num chamego aflito
Correndo de lado á lado
O oceano enraivado
Causava todo conflito

Valei-me Nossa Senhora
Gritava um pelajando
Para ver se salvava
Gritava outro chorando
Valei-me meu São José
Bom Jesus de Nazaré
Gritava um soluçando.

O Sr. Dr. Pelonha
Foi um heroi da Historia
Arriscou a propria vida
Isto temos na memória
Deus revogou o castigo
Livrou todos do perigo
Naquela tremenda hora.

[1] Primeiro folheto de Minelvino Francisco Silva

Agora meus bons leitores
Deixemos por um instante
A historia da enxente
Passemos outro flagrante
Sobre o desastre de trem
De Agua Branca convém
Eu narrar concretizante.

Partindo de Jacobina
Dez horas menos seria
Chegando nas Baraunas
Enquanto a chuva caia
O maquinista cismado

Ora, responde o chefe
Deixe de supertição
Seguimos com fé em Deus
Está acabada a questão
Prosseguiu o maquinista:
A morte nos faz a pista
Quando chega a ocasião

Porém o chefe do trem
Que é homem e não mulher
E tendo por compromisso
O seu dever de mister
Disse para o maquinista
Vamos fazer uma revista
Seja lá o que Deus quizer

Iremos não têm conversa
Acabe quem se acabar
Na Barra de Mundo Novo
Chegue a hora que chegar
Sejamos alviçareiros
Pra levar os passageiros
Nós temos que viajar.

Quando chegou no lugar
Por Agua Branca chamada
A chuva caia grossa
Em toda aquelas quebrada
A Bomba dagua caiu
Todo conflito surgiu.
Para a cena malfadada.

A grande destruição
No momento começou
O imenso pontilhão
Toda a agua devassou
E carregando em seguida
A linha desprotegida
Num pessimo estado ficou

De 11 á doze quilometros
A maquina desenvolvia
Quando chegou no local
A tragedia acontecia
O trem caiu no abismo
Neste grande cataclismo
Houve um drama de agonia.

A maquina saltou da linha
Das classes desengatou
O povo gritava tanto
Que todo mundo ficou
Sem saber o que fazer
Foi um supremo sofrer
Neste martirio de dor.

Felizmente meus leitores
Digo isto com razão
Só morreu o maquinista
Naquela tragica aflição
Por sua hora ser chegada
Sua mente era avisada
Da grande consumação

Agora volto leitores
Ao inicio da historia
O estrago da enxente
No espaço de uma hora
Naquele mar de tristeza
Quem sofreu foi a pobreza
Na sua trajetoria

A Igreja desta vez
Do pessoal não cabia
Quem nunca foi a Igreja
Teve esta primazia
Embora gritando tanto
Chamava por todo o Santo
E pela virgem Maria

O pobre de Miguelzinho
Foi quem sofreu aflição
A chuva caindo sempre
Numa grande proporção
Ele chorava e dizia
Valei-me Virgem Maria
Pela Sagrada Paixão

Manoel Peixoto tambem
Meu colega e camarada
Viajava neste dia
Naquela terrivel estrada
Não sabia com lhaneza
Ia vender miudezas
Na dita feira da Barra.

Na hora que o trem virou
Peixoto disse: negrada
Saltemos fora da classe
Se não vae na enxorrada
Foi pegando seu malote
E logo deu um pinote
Saindo na retaguarda.

O maquinista encontraram
No posto da profissão
Com oito dias depois
Morto como um cidadão
Digno conceituado
Foi nobre, bastante honrado
Morreu pela multidão

Volto de novo a enxente
Conforme estava dizendo
A Igreja estava cheia
O povo só se benzendo
Com tantos lamentos tantos
Chamavam mais de mil santos
E o tempo escurecendo.

Eu como um pobre poeta
Minh'alma se estremecia
Só o nome de Jesus
Eu toda hora dizia
Valei-me meu Salvador
Sêde nosso Bom Pastor
Livrae-me desta agonia

Oh! meu Salvador do mundo
Que salvaste Madalena
Salvae o povo que sofre
Nesta dolorosa cena
Vós que sois a Caridade
Tendes de nós Piedade
Do diluvio e da Gehena

Assim como Tu Senhor
Livrou Pedro da aflição
Quando ele sucumbia
Nas aguas do Rio Jordão
Salvae este povo aflito
Que chora neste conflito
Desta grande inundação

Ó Rabi da Galiléia
Manso e Divino Cordeiro
Livrae-nos do sofrimento
Deste diluvio altaneiro
As aguas se revoltaram
Neste pesado aguaceiro.

E assim caros leitores
A minh'alma com lhaneza
Rogava ao Filho de Deus
Que é autor da Natureza
Para que tudo calmasse
E o silêncio voltasse
Eu isto tive a certeza

M—inha historia finaliso
I—nda este verso improviso
N—este folheto analiso
E—ra um dia de Juizo
L—eitores amigos meus
V—i gente quasi morrendo
I—nfante num mar gemendo
N—os meus olhos revendo
O— fim de mundo, meu Deus.

F—iquei aflito pensando
R—efletindo imaginando
A— tudo presenciando
N—o meu caderno anotando
C—omo rude trovador
I—nstante a instante anotava
S—obre o quadro que pairava
C—om Jesus minh'alma estava
O—rando ao Deus Criador.

S—alve a musa que inspira
I—rradia a nossa lira
L—evando pro mundo inteiro
V—iva expressão da Enxente
A—qui só peço um cruzeiro.

FIM

A PRISÃO DE UM POETA EM PINDOBASSÚ[2]

Com o meu saber diminuto
Começo agora escrever
Um caso que aconteceu-me
Para todo mundo ver
O trabalhador hoje em dia
Perdeu toda garantia
É sujeito até morrer

Porque este mundo velho
Hoje está tudo mudado
Tem escola pra gatuno
Anda até documentado
Aquele que trabalhar
Pra seu pudor não manchar
É quem mais sofre coitado

Carater caiu da moda
Capricho o vento levou,
Opinião e criterio
Tudo isso se acabou,
Gatuno civilisado
Sendo bem documentado
É quem tem todo valor

Cheguei em Pindobassú
Um dia de Segunda Feira,
Vendendo livro de historias
Vendendo qualquer asneira
No outro dia cedinho
O Delegado Milinho
Prendeu-me desta maneira:

De Domingo pra segunda-feira
Furtaram neste logar
Uns 40 e tantos contos
Segundo eu ouvi contar
E eu como não sabia
Fui a prisão neste dia
Sem a ninguem agravar

No dia de Terça Feira
Eu segui pra estação
Às 10 horas mais ou menos
Encontrei um cidadão
Que era o proprio Delegado
Disse-me ascelerado:
— "Bote o malote no chão!"

[2] Segundo folheto de Minelvino Francisco Silva

Me disse: "Abra esta joça,
Quero ver o que tem dentro!"
Eu abri logo o malote
Naquele mesmo momento
Ele tudo examinou
E depressa perguntou:
"Onde está seu documento"?

Eu lhe respondi: Senhor,
Eu não tenho documento,
Tenho a minha certidão
Mostrei naquele momento
Minhas faturas de compra,
Respondeu ele: Esta pompa
Não vale mil e quiento(s)

Chamou José Badolaque
Um soldado rancoroso
Disendo leve este aí
Cabra muito audaciôso
Que anda sem documento
Aí naquele momento
Saí como um criminôso

Eu saí, caros leitores,
Com o soldado nesta hora
Direto para a prisão
Isto sem haver demora
Eu que de nada sabia
No pensamento disia:
Valei-me Nossa Senhora!!!

Cheguei na Delegacia
Foi chegando o Delegado
Naquele mesmo momento
Junto com quatro soldado(s)
Olharam a mercadoria
Repararam o que havia
Eu vendo tudo calado

Eu disse nesse momento:
— "Saiba Senhor Delegado
Que ando assim ambulante
Porem não sou relachado,
Nunca manchei meu pudor,
Sempre honro o meu valôr
Sou pobre porem honrado"

Respondeu Zé Badolaque
Nesta mesma ocasião:
— "Sua presença demonstra
Você não é bom assim não,
Por uma coincidencia
Negociar sem licença (1)
De qualquer forma é ladrão"

(1) Não existe esta "lei" de cobrar licença para se vender livros ambulantes, há o imposto do chão, em feiras livres. — O editor.

Nesta hora, meu leitor
Eu fitei para o soldado
Me chegou tanto do ódio
Que cheguei ficar pasmado
Mas não podendo lutar
Para da afronta vingar
Tive que aguentar calado

Pegaram a minha malêta
Mandaram a Coletoria
Me botaram na prisão
Umas 10 horas do dia,
Telegrafei ao Joazeiro
Foi o calculo mais certeiro
Graças à VIRGEM Maria!!!

Umas três horas da tarde
Chegou o soldado Alvino
Falou de lá do portão
Disendo "Seu" Minelvino
Olhe eu sou o carcereiro
Como o Senhor tem dinheiro
Um geito bom eu lhe ensino

Eu aqui dou a comida
E faço um preço barato
Tambem vou lhe perguntar:
— "O Senhor gosta de fato?"
Eu disse: "Nunca comí,
Mas, estando prêzo aqui
Prepare lá este prato!"

Veio o tal prato, leitores:
TRIPA ASSADA COM FEIJÃO
Eu petisquei um pouquinho
E disse: Não quero não,
Tinha comigo outro prêzo
Comeu fazendo gracêjo
Daquela "esculhambação"

Todo o meu dinheiro estava
Lá na mão do Delegado
Duzentos e dez Cruzeiros
Era o que tinha apurado
O telegrama chegou
Aí foi que me soltou
Eu saí com um soldado

Fui de novo ao Delegado
E o meu dinheiro entregou
Tambem a tal "calçaragem"
Dez Cruzeiros descontou
Alvino disse tambem:
— "Eu quero qualquer 'xerém'
Que hontem ele almoçou"

"Quanto é que ele lhe deve"?
Perguntou o Delegado
"Vou descontar Dez Cruzeiros
Que sou muito 'camarado'
Eu tenho um bom coração (1)
Se fosse numa pensão
Ele pagava dobrado".

(1) Que Deus o livre — O Editor

Assunte, caro leitor
Bonita comparação,
Pra ele tudo é igual
A Pensão com a Prisão
Vêja só que idea atôa
E "aquela" comida "Bôa"
Que cadeia!... Que pensão!!!

O Delegado me disse
Com toda filosofia:
"Seu malote eu já mandei
Hontem pra coletoria
Vá com ele se arrumar
Se o coletor lhe entregar
É sorte em demazia"

Eu fui a Coletoria
Conversei com o coletor
Na hora que fui falando
Ele a "mala" me entregou
Me perguntou a historia
Eu que tinha na memoria
Contei o que se passou

Este disse: "Que horror!
Você sofreu um bocado
Ai se você quizesse
Processava o Delegado
Isto é uma cousa injusta
Ele sabe quanto custa
Ultrajar um homem honrado"?!

O coletor em que falo
Seu nome é Pedro Luiz
Este já é falecido
Assim o povo me diz
Jesus há de perdoar
Botá-lo em bom logar
Na Glória seja feliz

Escute leitor amigo:
Este mundo presta mais?
Com quem merece faser
Deste geito não se faz
Gatuno documentado
Anda "bonito" alinhado
Ainda tem todo cartaz

Prendem qualquer ladrão
Que anda civilisado
Por andar muito decente
E tambem documentado
Não podem nada faser
Diz logo: Pra que prender?
O geito é ser deportado

Vêjam bem caros leitores
Que bela tapeação
Quando eles vão deportarem
Um ladrão de profissão
Dão dinheiro pra viagem...
Ainda pagam a passagem!
Reparem se é ou não?

É este um dos motivos
Que ninguem quer trabalhar
De todas as profissões
"A melhor hoje é roubar"
Lhe juro caro leitor
O homem trabalhador
Vai prêzo sem se queixar

Escreví este livrinho
Porque me vi obrigado
A vergonha que sofrí
Apesar de ser honrado
Antes fosse um ladrão
Para dar uma lição
Neste rustico Delegado
Povo de Pindobassú
Peço desculpa, pois bem,
A culpa não é de vocês
Nem do Coletor tambem
Agravei quem me agravou
Porque me desrespeitou
Como se eu fôsse um ninguem.

FIM

Leia na capa do fim do livro. — O Editor

O ENCONTRO DO POETA COM A NATUREZA

Musa deusa dos poetas
Mostrai a tua grandeza
Inspirai meu pensamento
Com rima, metro e beleza
Para eu versar uma história
Do Poeta e a Natureza

Certa vez meu pensamento
Numa tarde pura e fria
Fez uma longa viagem
Antes de finda-se o dia
Para ir tomar um banho
Na fonte da poesia

Voando pelo espaço
Nas meigas azas do vento
Apreciando a miragem
Com ele fui no momento
Para a fonte da poesia
Bem perto do firmamento

Planetas e mais planetas
No espaço atravessemos
Até que a linda fonte
Ainda lonje avistemos
Com mais um quarto de hora
Na dita fonte cheguemos

Eu com o meu grande amigo
Comecemos nos banhar
Naquela agua tão fria
De fazer admirar
Depois tomemos a roupa
Fiquemos a palestrar

Ali naquele momento
Surgiu um grande clarão
Eu sem saber o que era
Senti grande comoção
Apariceu uma dama
De chamar mesmo atenção

Seus olhos eram brilhantes
Seus dentes eram marfim
Sua face linda e corada
Duma beleza sem fim
Os seus cabelos de ouro
Parecia um querubim

Usava um lindo colar
Pra melhor encantamento
Com um vestido azulado
Com a cor do firmamento
Veio de lá sorridente
Abraçou meu pensamento

Logo ai meu pensamento
A ela me apresentou
Ela então disse pra mim:
As suas ordens estou
A sua linda mãosinha
A minha mão apertou

Eu quase perco o sentido
Diante tanta beleza
E disse: se for possivel
Quero saber a sua alteza
Como é seu lindo nome?
Disse ela: NATUREZA

Eu disse: minha professora
Eu tenho o maior prazer
De a vós pessoalmente
Hoje aqui eu conhecer
Tambem algumas perguntas
A vós pretendo fazer

Disse ela: meu aluno
Pergunte o que desejar
Sobre o céu ou sobre a terra
Sobre o vento ou sobre o mar
Pronta estou pra responder
O que você perguntar

Ó professora querida
De tanta sabedoria
Quero saber se está certo
A nossa Geografia
Que a terra é um grande globo
Que roda por noite e dia

Diz que a terra é um globo
Que faz sua rotação
O mesmo ao redor do sol
Faz sua revolução
Sustentado sobre o eixo
Que faz admiração

Disse ela: meu aluno
É uma realidade
Que a terra tem rotação
Vai e volta de verdade
Porem sempre diferente
Do que pensa a humanidade

Pois em vez dum grande globo
Fazendo sua rotação
É a terra um grande disco
Eu faço a comparação
Rodando reproduzindo
Toda sua gravação

Dignissima professora
Faça favor de explicar
Esse disco está rodando
Sem ter aonde apoiar,
Onde ele está seguro
Pra não se desmantelar?

Disse ela: meu aluno
Esse disco imaginário
Roda por cima das aguas
A direita e ao contrário
Que separa dia e noite
Porque isso é necessario

Para que tú compreendas
Dou-te uma prova acertada
Pois lá mesmo em tua terra
Tem a lagoa encantada
Com u'a mata no meio
Por todos admirada

Ali na hora marcada
Aquela mata tão bôa
Encosta terra com terra
Igualmente uma canôa
Quando chega sua hora
Vai pra o meio da lagôa

É este o maior exemplo
Que todo planeta terra
Está em cima do mar
Como um disco se enserra
Por uma força divina
Montanha, planice e serra

Ó destinta professora
Desculpe minha expressão
De ficar vos abusando
Com tanta perguntação
Disse ela: não tem nada
Tudo eu dou explicação

Professora sempre eu tenho
Um pensamento profundo
Dizem que lá por debaixo
Da terra tem outro mundo
E tambem tem habitante
De pensamento fecundo?

Disse ela: meu aluno
Lá tem outra habitação
Mas é tolice dos homens
Querer conhecer então
As terras de outros mundos
Que não darei permissão

A natureza terrestre
É mesmo calma e excelente
A natureza do rio
É bastante diferente
A natureza do mar
Não tem terrestre que aguente

Para ir no outro mundo
Nem mesmo um homem de mola
É saber a cor do vento
Furar com faca de sola
É tirar um peixe d'agua
E criar numa gaiola

Então minha professora
Já estou bem explicado
Porèm diz os cientistas
E eu fico encabulado
Diz-me se o planeta lua
Tambem será habitado?

Disse ela: meu aluno
Darei toda explicação
Pois a lua é habitada
Por tão grande multidão
Se acaso você visse
Causava admiração

Os habitantes da lua
São somente os imortais
Que esperam o julgamento
Por ordens Celestiais
São aqueles que se foram
Da terra pra nunca mais

Os homens querem ir à lua
Mas é a pura ilusão
Pois isso Deus não combina
E nem eu dou permissão
Devido a grande imprudência
E tão tremenda ambição

A terra ficou pra todos
Pra d'ela se alimentar
Com suor do proprio rosto
Até quando se virar
Em terra e pra mesma terra
O corpo torna voltar

A infeliz ambição
Nos ricos logo chegou
Tomaram conta das terras
Por todo canto cercou
O pobre ficou sem nada
E assim continuou

Agora querem ir a lua
Para direito explorar
Pra vê se acham um jeitinho
Da lua toda cercar
Para quem precisar luz
Ser obrigado a pagar

Por causa destas e outras
Que nosso Pai de grandeza
Não permite essa licença
Devido a grande esperteza
E se Deus não da licença
Que dirá a Natureza...

Minha bela professora
Ainda vou perguntar
Só a terra é quem se move
Como um disco sobre o mar
O sol se move tambem
Ou fica num só lugar?

A terra, o sol e a lua
São três discos a rodar
Todos três em paralelo
Não pode se encostar
Que entra em curto circuito
E o mundo vai se acabar

O sol é sempre o mais alto
Por ser o mais luminoso
Para os homens conhece-lo
Esse é o mais duvidoso
Só se for com uma ordem
De Nosso Pai Poderoso

Minha amada professora
Se vós quizesse levar
Eu convosco num planeta
Para de perto ir olhar
Quando eu chegasse na terra
Tinha muito o que contar

Disse ela: meu aluno
Para que fique completa
Agora nossa palestra
Vou seguir por linha reta
Irei contigo na lua
Só porque tú es poeta

Um Cadilac de nuvem
Naquele instante chegou
No seu volante de vento
Aquela dama pegou
Eu sentei juntinho d'ela
E ela o carro embalou

O carro saiu correndo
Cortando todo o espaço
Passando nuvem e mais nuvem
Sem ter nenhum embaraço
Devido a velocidade
Começou a da-me um cansaço

A Natureza depressa
Deu um sopro em meu ouvido
Acabou todo cansaço
Fiquei restabelecido
E o carrinho corria
Que só se ouvia o zunido

Passei em tanto planeta
Que faz até confusão
Passei no planeta Júpiter
Saturno, Marte e plutão
Pois o carrinho corria
Muito mais que um avião

A Natureza sentada
Só manejando o volante
Do Cadilac de nuvem
Aquela jovem galante
Até cheguemos na lua
Uma cidade brilhante

Quando cheguemos na lua
Vi coisa que nunca vi
O calçamento das ruas
Era pedras de rubí
Com os tijolos de ouro
São feito os predios dali

A Natureza me disse
Naquele mesmo momento:
Irei mostrar-te os poetas
Que esperam o julgamento
E lá no planeta terra
Viveram em padecimento

Cheguemos num edificio
Ela uma campa toucou
Ali foi chegando um guarda
E desta forma falou
Que deseja sua alteza?
A Natureza explicou

Quero ir no apartamento
Dos poetas do passado
Que viveram lá na terra
Cada um mais inspirado
E esperam o julgamento
Por nosso Pai adorado

O guarda disse: pois não
Com muito grande prazer
Vos mostrarei os poetas
Pois é este o meu dever
Disse ela para mim
Você vai compreender

Naquele mesmo momento
Peguei um elevador
Com a minha professora
Pra um salão encantador
Aonde vi os poetas
Cantando hino de amor

Louvando ao Pai Criador
E a Santa Virgem Maria
Cada um desses poetas
Recitava poesia
Quando viram a Natureza
Cada um d'eles dizia:

Salve, salve a Natureza
Nossa bela professora
Que vem chegando da terra
Tambem de tudo é autora
Hove uma salva de palmas
Nessa hora encantadora

Nesse instante a professora
A eles me apresentou:
Este aqui é um poeta
Que vir aqui desejou
Houve outra salva de palmas
Que no salão rebuou

De onde é o colega
Um poeta assim dizia
Eu respondi: meu amigo
Sou um filho da Bahia
Então é meu conterraneo
O poeta respondia

Como é o vosso nome
A ele assim perguntei
Disse ele: Castro Alves
Eu bastante admirei
Com muito grande prazer
A sua mão apertei

Sou Minelvino Francisco
Um trovador popular
Que pedi a Natureza
Para aqui me transportar
Pra quando eu chegar na terra
Ter bastante o que contar

Disse ele: Minelvino
Como vai nossa Bahia
Eu disse: está muito bôa
A terra da poesia
Seu nome imortalisou
Se fala por noite e dia

Teve o Primeiro Congresso
Que fez o mundo abalar
Somente de violeiro
E trovador popular
Lá nos pés de sua estátua
Fomos todos recitar

Disse ele: sendo assim
Minha terra se elevou
Com prazer muito agradeço
Quem amim apresentou
Sua alegria foi tanta!
Que de contente chorou

Naquele belo salão
Zé Pachêco aparecia
E João Martins de Ataide
Com a maior alegria
Apertei a mão dos dois
Que ha muito tempo não via

Chegou Antonio Marinho
Nessa mesma ocasião
Foi dizendo: Minelvino
Responde com exatidão
Tú estás vivo ou morto
Aqui nesta região?

Eu respondi: meu irmão
Estou vivo de verdade
A Natureza me trouxe
Por uma felicidade
Para poder me explicar
Como é a eternidade

Disse ele: meu irmão
Aqui tudo é diferente
Não é igualmente a terra
Que eu cantava repente
Aqui só canto louvores
Ao Bom Pai Onipotente

Eu cantava lá na terra
Pois precisava comer
E aqui não precisamos
Nem comer e nem beber
Só com as graças de Deus
Vive tudo com prazer

Me despedi dos poetas
Que tinha pra mais de mil
E falei pra Natureza:
Ó professora gentil
Eu quero vê os heróis
Que morreu pelo Brasil

Disse ela: muito bem
Tem o guarda nosso guia
Peguemos um elevador
Que correndo em demasia
Cheguemos em um salão
De grande soberania

Nessa hora a Natureza
Um vulto me apresentou
Este aqui é o Tiradentes
Por esta forma falou
Morreu pela liberdade
Seu nome imortalisou

Bastante admiradissimo
Eu apertei sua mão
E disse: senhor Alferes
Eu tenho satisfação
De conhecer um herói
De minha bela nação

Disse ele: seu poeta
Me explique de verdade
Portugal inda manobra
O Brasil sem piedade
Fazendo coisa impossivel
Com a nossa humanidade

Eu respondi: seu Alferes
Saimos da escravidão
Vosso sangue derramado
Libertou nossa Nação
Vós foste um segundo Cristo
Pela nossa redenção

Seu Alferes, o Brasil
Tornou-se um Brasil menino
Que elegemos um homem
Por nome de Juscelino
Que é vosso conterrâneo
Homem forte dum bom tino

Esse cujo Juscelino
Mostrando seu ideal
Construiu em nossa terra
Uma nova capital
Denominada Brasilia
Para todo pessoal

Essa nova capital
Para dizer a verdade
Para um é uma vitória
Pra outro infelicidade
E assim vive lutando
Toda aquela humanidade

Ali chegou outro vulto
De um bem forte ideal
Iluminado dos raios
Do fogo celestial
Eu perguntei quem sois vós?
Sou Pedro Alves Cabral

Eu respondi: seu Cabral
Grande vulto varonil
Eu tenho o maior prazer
Por tantas vitórias mil
De falar com o heroi
Que descobriu o Brasil

Aminha alegria é tanta
Que estou emocionado
Dou graças a Natureza
E Jesus sacramentado
De vir falar com os herois
Daquele tempo passado

Cabral então respondeu
Eu compri minha missão
Mandada por Deus Eterno
Em meu papel de cristão
Fui descubrir o Brasil
Formando grande nação

O Dr. Lauro de freitas
Nesse instante ali chegou
O guarda e a Natureza
A ele me apresentou
Quando falei em seu nome
Ele assim me reclamou

Não me chame de doutor
Trate-me como um irmão
No estado da Bahia
Quem ganhou na eleição
No ano quarenta e nove?
Quero esta explicação

SEGUNDO VOLUME DO POETA E A NATUREZA

Respondi: Reges Pacheco
Foi ele o governador
Juracy foi para traz
Com a morte do senhor
Senhor Antonio Balbino
Foi depois seu sucessor

Agora em cinquenta nove
Juracy foi o eleito
Em toda nossa Bahia
Tudo que faz é bem feito
Abriu jogo no Estado
Mesmo a torto e a direito

Ali chegou Ruy Barbosa
Por esta forma dizia:
Meu irmão e conterraneo
Tive bastante alegria
Será que o povo inda lembra
Do meu nome na Bahia

Eu respondi meu irmão
Foste um grande pioneiro
O seu nome é conhecido
Do Brasil ao estrangeiro
E tornou-se forte escudo
Para o povo brasileiro
O seu nome no Brasil
É lembrado noite e dia
Quando se fala em cultura
Seu nome logo anuncia
Como escudo do Brasil
E orgulho da Bahia

Despedi de Ruy Barbosa
Pra Natureza falei:
Minha bela professora
Bastante alegre fiquei
Mas inda quero ir num canto
Que agora imaginei

Disse ela meu aluno
Eu desejo te levar
Em qualquer reino ou planeta
Que você imaginar
O que não souber pergunte
Que tudo eu sei explicar

Eu respondi: professora
Já falei com os trovadores
Palestrei com os poetas
Homens improvisadores
Desejo falar agora
Com todos os inventores

Disse ela: nesse instante
Iremos lá com prazer
Estarei sempre a teu lado
A fim de te protejer
E tudo eu posso explicar
Que possa comprender

Peguemos nesse momento
Outro lindo elevador
Devido a velocidade
Eu fiquei de toda côr
Com um minuto cheguemos
Num salão encantador

Ao nosso Pai Criador
Estavam todos orando
Aconteceu que na hora
Que ali fomos chegando
Enserraram a oração
Estavam só terminando

Na hora que fui entrando
Ao lado da Natureza
Houve uma salva de palmas
Com a maior gentileza
Só se ouvia era riso
Ninguem falava em tristeza

A Natureza me disse:
Demonstre ai seu valor
Faça uns versos de improviso
Se ès improvisador
Saudando todos alunos
De nosso Pai Criador

Fiquei um pouco a pertado
Mas uzei o meu repente
Ao lado da professora
Falei pra toda essa gente
Saúdo vòs os alunos
Do bom Pai Onipotente

Sou um poeta popular
Que em nome dos trovadores
De lá do planeta terra
Que sofrem seus dissabores
Saudando o planeta lua
Com todos os inventores

Houve uma salva de palmas
Que no salão rebuou
De todos estes presentes
Um moço se levantou
Se aproximando de mim
A minha mão a pertou

Você sabe quem sou eu?
Eu lhe respondi que não
Eu sou de Minas Gerais
Àquele velho torrão
Sou eu o Santos do Mont
Inventor do avião

Nessa hora a sua mão
De novamente apertei
Dizendo: meu caro irmão
Eu sempre te admirei
De te vê pessoalmente
Ainda mais estimei

Disse ele: seu poeta
Como vai minha invenção?
Eu respondi: está bôa
Dando a maior produção
Tú fizeste um bom anzol
Para pescar "tubarão"

Santos do Mont, nessa hora
Soltou forte gargalhada
Eu lhe disse: é brincadeira
Tenha calma camarada
Tua invenção lá na terra
É bastante admirada

Já tem avião a jato
De grande velocidade
Helicoptero pra andar
Bem baixinho pela cidade
Já tem avião de guerra
De grande capacidade

E assim cada vez mais
Vai chegando a perfeição
E no assunto de guerra
Tornou-se tua invenção
A arma mais poderosa
Pra fazer destruição

Disse ele: meu irmão
Eu estou arrependido
De ter feito o avião
Sem nunca ter no sentido
Que todo homem na terra
Não está compreendido

Toda aquela minha ideia
De construir o avião
Foi pra elevar minha terra
Dando maior produção
Nunca pensei que ela fosse
Pra fazer destruição

Meu irmão, lhe respondi
Tenho no meu ideal
Que tudo tem dois caminhos
Que é o do bem e o do mal
Segue no mal quem quizer
Disse ele: é natural

Tú fizeste a invenção
Foi somente para o bem
Qum usa-la para o mal
No julgamento do alem
Cada responde por si
Disse ele: muito bem

No final desta palestra
Outro moço ali chegou
Era Guilherme Marconi
A minha mão apertou
Eu apertei a mão d'ele
E a palestra aumentou

Eu disse assim para ele:
Eu tenho o maior prazer
De vê o inventor do radio
E de perto conhecer
Embora foi bem dificil
Para esta gloria obter

Ele disse: meu irmão
Com toda realidade
Nada se arranja facil
Um tudo é dificuldade
Pra se arranjar o que é bom
Eu respondi: é verdade

Responda-me como vai
Na terra minha invenção?
Como é que vai o radio
Se causa admiração
Se meu nome tem prestigio
Na bôca da multidão

Meu irmão, lhe respondi
Agente falta é endoidar
Como foi que tú fizeste
Aquela invenção sem par
Se ouvir numa caixinha
Gente falar e cantar

Os vivos tomaram conta
De toda tua invenção
Já temos Radio-emissora
Até no alto sertão
Inspirado em tua ideia
Fizeram a televisão

Como é a televisão
Isto será coisa bôa?
Eu disse o recepitor
A sua voz bem entôa
Alem de ouvir bem a voz
Ainda vê a pessôa

Como é a estação
Faça favor de explicar?
Rapaz lá tem tanta coisa!
De fazer admirar
É tanto dos aparelhos
Que eu não sei nem contar

O radio se evoluiu
De chamar mesmo atenção
Já tem gravador de discos
Grava voz do cidadão
Com a agulha e um pik-up
Reproduz a gravação

Disse ele: sendo assim
É mesmo de admirar
Se eu voltasse pra terra
Para com radio lutar
Depois de tanta reforma
Era preciso estudar

Terminando esta palestra
Chegou outro cavalheiro
Foi dizendo aos vinte anos
Na terra fui um vaqueiro
Depois tornei-me inventor
Por um poder verdadeiro

Inventei o trem de ferro
Pra que desse produção
Em toda minha Inglaterra
De sul a norte e sertão
Depois serviu para o mundo
Aquela minha invenção

Respondi: sua invenção
Foi de grande utilidade
O mundo em peso admira
Sua invenção de verdade
Temos estrada de ferro
Pra toda e qualquer cidade

Depois de muita palestra
Enrique Ford chegou
Foi dizendo: seu poeta
As suas ordens estou
Eis a pequena pessôa
Que o automovel inventou

Eu apertei sua mão
Dizendo: eu tenho prazer
Do inventor do automovel
Pessoalmente aqui vê
Você trabalhou bastante
Para o carro se mover

Disse ele: lá na terra
Não fui bem recompensado
Com a minha invenção
Aquele povo atrasado
Me odiaram dum jeito
Quase vou apedrejado

Assim que viram meu carro
De por si movimentar
Disseram ser diabólica
Quizeram me a pedrejar
O prefeito proibiu
Fui obrigado a parar

Eu respondi: meu amigo
Sua invenção não parou
Depois de anos e anos
O exercito aproveitou
E o automovel perfeito
Pronto de tudo montou

Hoje temos automovel
Ônibus, gipe e caminhão
Taxi, moto, cadilac
De chamar mesmo atenção
Foi um dos grandes progressos
Pra toda e qualquer nação

Naquele mesmo momento
Outro moço ali chegou
Foi dizendo: seu poeta
Como vai, como passou
Eu perguntei com quem falo?
Ele assim me explicou

Seu poeta, disse ele
Ou trovador da Bahia
O meu nome é Gutemberg
Que lutei por noite e dia
Sou inventor da imprensa
De toda tipografia

E assim de novamente
Eu apertei sua mão
Dizendo: seu Gutemberg
Eu tenho satisfação
De falar com o autor
De tão belissima invenção

Como vai minha invenção
Depois que eu a deixei?
Vai muito desenvolvida
Desta maneira falei
Elevou-se cem por cento
E tudo mais expliquei

A nossa imprensa na terra
Não tem mais dificuldade
Não é como vós fizeste
No tempo da antiguidade
Hoje se imprime o jornal
Com toda facilidade

Temos maquina linotipo
Que faz a composição
Outra máquina especial
Para fazer impressão
O papel, imprime corta
Sem o impressor por a mão

Alem da máquina automatica
É tocada a energia
De uma eletricidade
De força que a terra cria
Porisso nosso jornal
Lá circula todo dia

Disse ele: muito bem
Se evoluiu de repente
À minha invenção na terra
Foi limpa perfeitamente
Se eu voltasse pra lá
Ia aprender novamente

Foi chegando OUTO VON
Com os seus olhos azús
Que tambem aqui na terra
Condúziu a sua cruz
O maior dos inventores
Porque inventou a luz

Eu apertei sua mão
Por esta forma a falar
Grandioso OUTO VON
Podes mesmo se orgulhar
Porque a sua invenção
Está em primeiro lugar

Porque com a luz e força
Tudo no mundo se faz
Sua invenção lá na terra
Tem grandecissimo cartaz
Com sua invenção na terra
Marcone foi para traz

Depois de toda palestra
Eu aí encaminhei
Para minha professora
Por esta forma falei
Eu quero vê os meus pais
E tudo a ela expliquei

Disse ela: meu aluno
Você vai me desculpar
A onde estão os teus pais
Eu não posso te levar
Se você falar com eles
Nunca mais torna voltar

Eu respondi: professora
Da terra estou muito além
Aqui no reino da lua
Nada falta tudo bem
Mas, eu não vendo meus pais
Não quero vê mais ninguem

E por isto professora
A mim queira desculpar
Porque aqui neste reino
Não pretendo mais ficar
Para meu planeta terra
Agora eu quero voltar

Descemos de novamente
Pelo mesmo elevador
Disse ela para o guarda:
Muito obrigado senhor
Vou agora para terra
Levar este trovador

Peguemos o cadilac
E seguimos a viagem
Para o planeta terrestre
Não me faltou a coragem
Eu ficava na janela
Apreciando a miragem

Correndo horrorosamente
Até que a terra avistei
As florestas e montanhas
Já bem perto observei
Com a bela professora
Aqui na terra cheguei

Assim que sai do carro
Pra ela tornei a falar
Minha bela professora
Ainda vou perguntar
Algumas coisas da terra
Que me faz encabular

O que você imaginar
Pode crer que tudo sei
Pergunte o que desejar
Que tudo te explicarei
Você e seu pensamento
Tudo foi eu que os criei

Minha amada professora
Eu só vivo a imaginar
Porque que a terra cria
Um fruto pra alimentar
E juntinho cria outro
Que só serve pra matar?

Sobre esta criação
Meu pensamento é sem fim
Pois a terra cria tudo
Eu fico pensando assim:
Porque cria um tão bom
E o outro tão ruim?

Até os frutos dos campos
Que a terra cria a granel
Cria um tão saboroso
Que é doce que só mel
Já cria outro juntinho
Que amarga que só fel?

Porque nasce uma pessôa
Tão amiga, tão bondosa
Em todo assunto falando
É bastante valorosa
Sendo irmã já nasce outra
Perversa e maliciosa?

A Natureza me disse
É uma realidade
A terra cria de tudo
Por ordem da Divindade
E nada existe na terra
Sem a sua utilidade

As coisas daqui da terra
Que você vê todo dia
Tem um fruto aqui que mata
Já tem outro ali que cria
Se não fosse necessário
Nenhum dos dois existia

Eu te levei lá na lua
Aonde viste beleza
Dando uma explicação
Que sou quem tenho grandeza
Porque o teu pensamento
Não é mais que a Natureza

Eu sou tua professora
Eu mesmo quem te criei
Eu te levei para a lua
E tudo te expliquei
Se quer ir no outro mundo
Agora te levarei

Deus me livre, professora!
Compreendi o vosso aviso
Não quero saber mais nada
Falar a verdade é preciso
Se assim continuar
Já vi que perco o juizo

Logo aí a Natureza
Para mim se dirigiu
Apertando minha mão
Saudosa se dispediu
Entrando no cadilac
No espaço se sumiu

Quando ela foi se embora
Eu com saudade fiquei
Que eu estava acordado
Todo esse tempo pensei
Mas eu estava dormindo
E nessa hora acordei

A Natureza com isto
A todos quiz explicar
Que todos homens na terra
Deverão se conformar
Que o que foi feito na terra
N'ela tem que se acabar

Os que pensam ir a lua
É uma pura iluão
Lá pode ser habitado
Mas por outra geração
Nós somos filhos da terra
Não adianta ambição

Senhores, quem duvidar
E quizer ter a certeza
De toda minha historinha
Vos aviso com franqueza
Vá na fonte da poesia
E pergunte a Natureza

Minha bela professora
Fez eu ficar vacilando
Será que tudo é assim mesmo?
Inda estou imaginando
Leitores comprem o livrinho
Vão estudar direitinho
Aqui eu vou terminando

AS PROESAS DE ZÉ BUFÃO

Tem homem mais do que outro
Em tudo que se pensar
Tem na coragem, na força
No saber e no andar
Na destreza e no dinheiro
Tem até para bufar

Na lavra diamantina
Denominada Ventura,
Meu Pai contou-me que um dia
Viu uma pobre criatura
Fazer uma aposta com outro
Que a gente até esconjura

Tinha um homem com um cavalo
Que estava todo arreiado
E tambèm disposto a venda
Estava ali preparado
Pra quem quizesse compra-lo
E tivesse o apurado

As coisas naquele tempo
Era um preço de rachar,
Um cavalo muito bom
Depois do dono arreiar
Pra dar 50 mil rèis
Era de admirar

O homem estava vendendo
Esse cavalo arreiado
Quando um senhor foi chegando
Bastantemente trajado
Foi olhando o animal
Perguntou interessado:

Quanto custa este cavalo?
O homem foi perguntando,
Custa 50 mil rèis,
O dono foi lhe falando
Você quer qu'eu ofereça?
O homem foi replicando

Ofereça, disse o moço
Tem direito a oferecer
Eu sò dou cinquenta bufas
Se o senhor quer receber
Eu comprarei seu cavalo
Para todo mundo ver

O dono do animal
Achou que aquilo era horrivel
Cinquenta bufas assim
Disse consigo: é incrivel
Cinquenta bufas contadas!
É inteiramente impossivel

Disse o homem eu dou o cavalo
Mas, vamos testimunhar
Se não der as cinquenta bufas
O senhor vai se enrascar
Porque o valor do cavalo
O senhor tem que pagar

Ali foi juntando gente
Nesta mesma ocasião
De sargento a inspetor
Delegado e escrivão
Ali de cabo pra baixo
Tinha grande multidão

Afinal testimunharam
E mandaram começar
O homem soltando as bufas
Pra o delegado contar
Vamos ver se ele perde
Ou então se vai ganhar

Ele bateu na barriga
Afroxou o cinturão
E começou a soltar
Os seus tiros de canhão
O povo dava risada
Que se enrolava no chão

O delegado contava
O escrivão anotando
O sargento estava ali
Daquilo se admirando
E o inspetor com um espeto
Pegando bufa e espetando

O homem soltando as bufas
Começou a se vexar
Foi o sargento e pediu
Pra bufar mais a vagar
Porque daquela maneira
Arriscava até errar

O bufão dali avante
Bufava mais compassado
Soltando de vez em quando
Um peido mais reforçado
Em tempo de atingir
A cara do delegado

Dando 25 bufas
O homem deu pra tremer
Porque viu que seu cavalo
Daquela vez ia perder
Ficando muito assustado
Começou se esmorecer

O bufão continuou
Danadamente bufando
E o sr. Delegado
Ligeiramente contando
O escrivão ao seu lado
No papel tudo anotando

Tinha trinta e cinco bufas
Que o escrivão anotou
O dono do animal
Sua cabeça coçou
E disse consigo mesmo:
Este bufão me roubou

O bufão continuando
Danadamente bufava
E o sr. Escrivão
No seu papel anotava
Quando o sr. Delegado
Contando lhe ordenava

E assim continuou
Bufando danadamente
Para ganhar essa aposta
No meio de toda gente
Para mostrar que tambem
Era um pouco inteligente

Nessa hora ja estava
O promotor e o juiz
Para ver naquela aposta
Quem era mesmo o feliz
O dono do animal
Já se julgava infeliz

Afinal cinquenta bufas
Já tinha ali completado
O bufão disse pra o moço:
Tome uma de agrado
E deu uma bufa tão grande
Fedendo a chifre queimado

O dono do animal
Lhe disse perdeu a aposta
Eu não pedir o agrado
Creio que aqui ninguem gosta
Estes cinquenta mil réis
Vai sair de suas costas

Zé Bufão naquele instante
Quiz logo se alterar
O delegado lhe disse:
Não precisa se vexar
Pois você perdeu aposta
Por tanto tem que pagar

O bufão naquele instante
Bastantemente zangou
Bateu a mão na cintura
Um grande punhal puxou
E foi em cima do outro
Para mostrar que ganhou

O cabo que estava ali
Temendo a destruição
Pegou ele pelo braço
Tomou o punhal da mão
Mas, ele deu um bofete
Deu com o cabo no chão

O bufão enfurecido
Se tornou um disastrado
Deu outro grande bofete
Derrubou o delegado
O cabo se levantou
Tristonho e todo melado

Um sargento foi na guela
Daquele cabra bufão
Foi dizendo: se entregue
Se renda logo a prisão
O bufão deu uma bufa
Botou o sargento no chão

O sargento deu lhe um sôco
Depois que se levantou
Para arrancar-lhe o pescoço
Zé Bufão se abaixou
O cabo para o bufão
De novamente avançou

O inspetor não se fala
Que tomou uma murraça
Bem na caixa do catarro
Daquelas mesmas que assa
Ficou ele dez minutos
Rodando no meio da praça

Com uma hora de luta
Sempre pegaram o valente
Levaram para cadeia
Para não ser renitente
Ele sorria e chorava
E de raiva rangia dente

Chegando lá na cadeia
O bufão disse zangado
Vou dar mais cinquenta bufas
Agora pra o delegado
Cinquenta para o sargento
E trinta a cada soldado

Secenta para o inspetor
Cinquenta pra o escrivão
Cinquenta para o tenente
Cinquenta pra o capitão
Quarenta pra o promotor
Dou de gratificação

Cento e dez eu ofereço
Ao governo do estado
Duzentas ao presidente
Por ser mais conceituado
Cem para os veriadores
Trinta a cada deputado

Depois que disse isto tudo
Começou ele a bufar
Bufou a noite todinha
Ninguem mais soube contar
Bufou da bôca da noite
Foi até o sol raiar

Meu Pai contou-me este caso
E eu gravei na mimoria
O dono do animal
Foi quem levou a vitoria
Zé Bufão deu mais 50
A quem não gostar desta historia

Agora meus bons amigos
Termino minha narração
Quem não comprar este livro
Vai sofrer dessepição
Ganharà 50 bufas
Bufadas por Zé Bufão

FIM

Não deixe de ler A Mulher que Morreu Mascarada

FOLHETOS DE ACONTECIMENTOS POLÍTICOS E COMOÇÃO POPULAR

A POLITICA D'AGORA

Implorando a Jesus Cristo
Que me dê inspiração
Para fazer um livrinho
Com delicada atenção
Falando sobre os politicos
No tempo da eleição.

Já fazia aborrecer
Se vêr os radios cantar
Seu Juracy Magalhães
Pra Bahia governar
Em propaganda politica
Era em que se via falar.

Só foi melhor a politica
Pra quem tinha tipografia
Em propaganda politica
Trabalhavam noite e dia
Os tipografos ganharam
Dinheiro em demasia.

Boletim por todo canto
Eles todos espalhavam
Com propaganda politica
Muito dinheiro gastaram
Mais uma esmola a um pobre
Nem um deles nunca davam.

Para ir para o Catête
Gastavam muitos dinheiros
Brigadeiro e Cristiano
Gastaram muitos cruzeiros
Quem ganhou foi seu Getulio
O maior dos Brasileiros

O pessoal udenista
Já estão discalqueados
Porque Juracy perdeu
Tão todos apaixonados
Em tempo de armar cordas
Para morrer enforcados.

Nós queremos um Bahiano
Pra Bahia governar
Como seu Regis Pacheco
No meu modo de pensar
Candidato Cearense
Pode ir pra o Ceará.

Meus amigos trabalhistas
Ficamos todos contentes
Que veio de novo ao Catête
Nosso amado Presidente
Getulio Dorneles Vargas
Pra socorrer toda gente.

No seu gordo cavalinho
Getulio vem esquipando
Direto pra o Catête
Café Filho acompanhando
Cristiano e Brigadeiro
Ficaram quase chorando.

A U. D. N. dizia
Que Brigadeiro ganhava
Que Juracy Magalhães
A Bahia governava
Pensando que seu Getulio
Nunca se candidatava.

Getulio candidatou-se
Eles ficaram zangados
Os udenistas disseram
Nós estamos desgraçados
Porque o Getulio Vargas
Vai deixar todos enrascados.

Outros diziam ao contrario
A U. D. N. vai ganhar
Seu Juracy Magalhães
Ele é quem vai governar
E seu Eduardo Gomes
Este é quem vai triunfar.

Faziam grandes comicios
Muita gente se juntavam
Falando sôbre os partidos
Muitos ali se zangavam
Iam na guela um do outro
Assim se estapiavam.

Quando Lauro faleceu
Muita gente se alegrou
Dizendo nós ganha agora
Tudo para nós chegou
Porem tudo foi errado
E eles todos se enganou.

Esta politica este ano
Já era uma confusão
Cada qual que discursava
Querendo ter mais razão
Até que chegou o dia
De fazer a votação.

No dia 3 de outubro
Foi tudo realizado
Reunia os eleitores
Da cidade e povoado
Pra depois da votação
Saberem do resultado.

Muitos que com a U. D. N.
Foram se qualificar
Diziam abertamente
Se Juracy não ganhar
Eu vou-me embora daqui
Não fico neste lugar.

Um matuto disse ao outro
Meu compadre Julião
Vamos votar com Getule
Cum toda satisfação
Seu Juracy Magalhães
A nois não presta atenção.

Istá certo meu cumpadre
Só voto pra seu Getule
Pra ele vim pú Catête
Meu Jisus Cristo ajude
Dê fôça Getule Vaga
Cubra ele de virtude.

Adepois da votação
As urnas foram abrir
Cem votos pra seu Pacheco
Cinquenta pra Juracy
Para o pobre Mangabeira
4 e 5 achavam ali.

Duzentos pra Cristiano
Trezentos pra Brigadeiro
Oitocentos pra Getulio
Se via no dianteiro
Quinhentos pra Café Filho
Este digno cavalheiro.

Todas cidades Bahianas
Cada urna que abria
Getulio na dianteira
Era logo o que se via
Os udenistas coitados
Cada vez se maldizia.

Diziam que os paulistas
Pra Getulio não votava
Que o partido Trabalhista
Um voto não arranjava
No estado de S. Paulo
Era o que todos falava.

Mais quando abriram as urnas
Muitos com todo orgulho
Iam contar todas chapas
Sem precisar de barulho
50 pra Brigadeiro
110 pra seu Getulio.

Eu sôbe que um politico
Na Capital da Bahia
Este era comunista
Abertamente dizia
Se o P. R. P. perdesse
Ele lá não residia.

Que quando apuraram os votos
O seu radio anunciou
Os outros todos perderam
O P. T. B.quem ganhou
Ele deu um bofetão
Que o radio esbagaçou.

Teve deles de ficar
Bastantemente zangado
Em tempo de se morder
Ou morrer envenenado
Porque Juracy perdeu
Nos votos bem disputado.

Eu pesso desculpa a todos
Que perdôe minha expressão
Que não escrevo por despeito
Escrevo por precisão
Escrevo meu folhetinhos
Para adquirir o pão.

Pesso não fazer censura
Com o pobre trovador
Quando os vossos partidos
Forem tambem vencedor
Eu faço um folhetinho
Dando a vós todo valor.

Vou terminar meu livrinho
Implorando os cavalheiros
Que comprem o livro e o Baião
Do maior dos Brasileiros
Compre o livro eu dou o samba
Me pague só dois cruzeiros.

VITÓRIA TRABALHISTA

Brasileiro! Trabalhista!
Patriota da Nação!
Votemos com o P. T. B.
Com grande satisfação
Que é o partido de Getulio,
Votemos com todo orgulho
P'ra ser Chefe da Nação

Trabalhista consciente
Não perca tempo, vá votar
No Partido Trabalhista
Pois é quem vai triunfar
Não se iluda Trabalhista
Votemos no Getulista
É êste quem vai ganhar

Alerta pobrêsa em massa
Vamos nos qualificar
No Partido Trabalhista
Que Getulio vai voltar
Ao Catête de novo
P'ra governar nosso povo
Vamos todos trabalhar

Votemos com o Trabalhista
Digo com força e valôr
Sem Getulio no governo
Lhe juro, trabalhador
Juro, protesto e sustento
E o que agora apresento
É o trabalho não têr valôr

Mais vote sinceramente
Sêja homem de valôr
Não se venda por besteira
Que é o papel de traidor
Votemos no Trabalhista
Seja um firme Getulista
Que é o nosso defensor

Aquêle que vende o voto
Por qualquer uma ninharia
Lhe digo caro leitor
É a maior covardia
Relaxando seu pudôr
E rebaixa o seu valôr
Cada vez de dia a dia

Sou um trabalhista pobre
Posso não ter um cruzeiro
Porém a minha palavra
Não se vende por dinheiro!
Dinheiro, caro leitor
Não compra o trovador
Dêste folheto fagueiro

Alerta, pobreza, alerta!
Trabalhista brasileiro!
Votemos em Getulio Vargas
O homem do mundo inteiro
Do pobre operariado
Do cégo e do aleijado
Não se iluda cavalheiro

Não se iluda com dinheiro
Não se iluda com parola
Não se iluda com conversa
Pode emborcar em aviola
Nosso partido é Getulio
Votemos com todo orgulho
Não vá entrar em gaióla

O dinheiro compra tudo
Mais não compra opinião
A palavra de um homem
Que tem consideração
Dinheiro nenhum não paga.
Votemos em Getulio Vargas
O homem do coração

Fui um dia uma viagem
Lá para o alto sertão
O povo só quer Getulio
O leitor preste atenção:
Mangabeira e Ademar
O poéta popular
Não vendeu nenhum tostão

Portanto êle é o Maior
Falo sem pedir segredo
Na arte de trovador
Eu nunca temí enrêdo
Porque sou um getulista
Do Partido Trabalhista
Digo e garanto sem mêdo

O colega Rodolfo Coelho
Que é poeta preparado
Este é um getulista
Que está sempre ao seu lado
O poéta que escrever
Um livro contra Gêgê
Dos outros é condenado

Getulio, nome estimado
Getulio, nome querido
De todos é conhecido
De todos é adorado
Getulio é nome falado
Por toda localidade
Quer na roça ou na cidade
Este nome valoroso
Este coração bondoso
De todos tem piedade

Getulio, nome garboso
Homem de sabedoria
Deu Abôno de Família
Com seu coração bondoso
Com um poder glorioso
Acabou com os Cangaceiros,
Assassinos e desordeiros
Daquele tempo passado.
Hoje são civilisados
Graças a Deus verdadeiro

Quem foi que deu garantia
A todos os operarios?
Quem aumentou seu salário?
Leia bem esta poesia!
Quem deu a sabedoria
Muito querer aos sabidos?
Não seja desconhecido:
Vamos votar trabalhista
Só quem não é Getulista
Que é mal agradecido

Se Getulio não voltar
Agora nesta eleição
Pode crêr que no Sertão
A guerra vai começar.
Porque eu passei por lá:
Armas de fogo e facão
Lotava um caminhão
Eu me puz a imaginar
"Se Getulio não voltar
Irá ter outro Lampião"

Getulio caro leitor
Já nasceu para governar
Sabe bem disciplinar
A quem é merecedor.
Excelentíssimo Senhor
Getulio Vargas, falado
De todos é adorado
Por seu coração fiel
Como o anjo São Miguel
Tão sublime idolatrado

Getulio Vargas é bondoso
Getulio é uma beleza
Seu coração de grandeza
Confia no poderoso
É o homem mais ditoso
Que no Brasil foi nascido
De todo mundo é querido
De todo mundo é estimado
De todo mundo é presado
Seu nome é reconhecido

O pobre que não tem nada
E de Getulio falar
Merece outro pegar
Dar até umas pancadas
Dar-lhes umas borrachadas
E depois tornar soltar
P'ra nunca mais defamar
Quem não é merecedor
Se eu fosse policiador
Eu garantia exemplar

No seu tempo Dr. Getulio
Auxiliou muita gente
Quando era Presidente
Sem precisar de barulho!
O candidato é Getulio
Não tem quem diga que não
Agora na eleição
Tira muitos do engano
Sujeitos bárbaro e profano
Getulio dá uma lição

Getulio, estrela brilhante
É um coração valoroso
Por ordem do Poderoso
Getulio sai triunfante
Com o seu coração amante
Crente na religião.
É nesta ocasião
Quem o não gosta se acabar
Vai comprar veneno e tomar
Escute se é ou não

Votemos no P. T. B.
Que é partido de Getulio
Só vai cair em embrulho
Quem votar no P. S. D.
O partido U. D. N.
Eu nunca fui com a pinta
Não vejo quem me desminta
O partido é o Trabalhista
Nenhum dos outros não pinta

Só quem fala de Getulio
É somente o burguês
Quando junta dois ou treis
Metem êle em embrulho
Querendo fazer barulho
P'ra Getulio não voltar
Com mêdo dêle acabar
Com esta devassidão
É tanta descaração
Que faz vergonha contar!

Deixe está que Getulio volta
P'ra a bandalheira acabar
Quem ganha sem trabalhar
P'ra estes assim não gosta
É estes que pego aposta
Como só votam do contra
Porque não pagam o que compra
P'ra esses aí é espeto
Porém quem anda direito
Nada ruim não encontra

O capitão de areia
Nunca quer p'ra ele votar
Porque não quer trabalhar
A vida toda vadeia
Roubando as cousas alheia
Estes só querem comunista
No Partido Trabalhista
Nada não podem roubar
Se roubar vão apanhar
Isto já levo de vista

O partido é o Trabalhista
Haja lá o que houver
Homem, menino, mulher
Tudo isto é Getulista
Queremos ser queremista
É a voz do mundo inteiro
Diz o povo brasileiro:
"Nós queremos é Getulio"
Sem precisar de barulho
É o homem do mundo inteiro

Getulio é competente
Só nasceu para governar
Outro remédio não há
P'ra não ser o Presidente,
Querido de toda gente
Com seu porte varonil,
É o homem do Brasil
Getulio Vargas, falado
Com os trabalhistas ao lado
Deste Senhor tão gentil

Povo dos outros partidos
Vocês queiram desculpar
Que nesta minha profissão
Quero cruzeiro arranjar
Comprar uma roupa bonita
Também quem for Getulista
Se gostou vai me pagar

FIM

Jacobina, Abril de 1950

A MORTE DO PRESIDENTE GETULIO VARGAS

A 24 de Agosto
Quando o dia amanheceu
Um negro manto cobriu
Ligeiro o sol se escondeu!
O mundo em peso chorou
Qual a noticia vagou:
Getulio Vargas morreu!

Se via gente chorar
Sentindo grande agonia,
Já outros, que eram contra,
Saltavam de alegria,
O reporter anunciava,
João Café Filho falava
O que seu peito sentia.

A multidão getulista
Se vendo assim sem defeza
Chorava e semal dizía
Pois via a grande fraqueza,
Chamava por todo santo
Dizendo todos em pranto:
Morreu o Pai da pobreza.

Outro dali já sofria
Sentimento absoluto
Receber inesperado
Um golpe deste tão bruto.
Porque não tinha outro jeito
fazia logo o enfeito
Da sua porta de luto.

Ouvi no Reporter Esso
Que a tragedia fatal
Dessa morte de Getulio
No Brasil foi sem igual,
Que deixou emocionado
Bastante atemorizado
Metade do pessoal.

Logo assim que foi deposto
Que o catête entregou
Seguiu pra seu gabinete
Pensando o que se passou,
Pedindo a Jesus, clemência,
Mas a sua paciencia
Naquele dia esgotou.

Dr. Getulio pensava
Ficar desmoralisado
E por seus adversarios
Ficar bastante vaiado,
Com isso se desgostou
A sua pena apanhou
Bastantemente inspirado

Escreveu em um papel
Ao punho de sua mão
Porque ia se suicidar,
Fez toda declaração
Pedindo ao Pai de grandeza
Para olhar para a pobreza
De sua bela nação.

Disse ele: meus amigos,
Não posso mais governar,
Direto pra vida eterna
Eu pretendo viajar,
Só me resta um sentimento
É o do meu prometimento
Eu a vós não poder dar.

Mas dou minhas gotas de sangue
A bem de nossa nação.
Dou minha carne, dou meus ossos
De todo meu coração.
Vou pra terra da verdade
Minha alma pra eternidade
Meu corpo pra o frio chão.

Quando acabou de escrever
Aquela carta fechou,
De dentro de uma gaveta
O seu revolver apanhou.
Sem ter ninguem pra dar geito
Apontou o próprio peito
E um tiro disparou.

Assim que o povo escutou
Aquela grande explosão
Deles que ficou parado
Ali no meio do salão
Snr. Lutero correu
E lá na porta bateu
Com toda disposição.

Quando êle chegou no quarto
Que ouviu a explosão
Getulio estava caído
E com um terço na mão,
Já tinha perdido a fala,
Traspassado por uma bala
Em cima do coração.

Como não ficou seu peito
Traspassado pela dor
Vendo seu querido Pai
Nesse Estado de horror,
Com o peito dilacerado
Com a propria mão alvejado
Dum projetil matador.

Aí correu a notícia
Por todo mundo a espalhar:
Morreu o Pai da pobreza!
Só via gente chorar,
Logo a cidade fechou
O povo se aglomerou
para de perto ir olhar.

Após isso num momento
Foi o corpo embalsamado,
Lá na cidade São Borja
Foi êle sepultado
Com grande acompanhamento,
Naquele triste momento
Foi tudo penalisado.

Morreu o Pai da pobreza,
Da nacionalidade,
Devia os pobres juntarem
E cobrir de luto a cidade
Demonstrando sentimento
E temeroso tormento
Sofrendo na orfandade.

O pobre sem conciência.
Que vive sempre a dizer
Que Getulio não prestava
Nada fez em seu poder,
Lhe odiava bastante
Vamos ver d'agora avante
O que vai acontecer.

Deus ajude que eu minta,
Que seja mesmo ao contrario,
Que venha tempo melhor
Pra todo pobre operario
E venha a justiça reta
Feita direita e diréta
Pra todo proprietario.

O Dr. João Café Filho
Promete a todos fazer
O que Getulio fazia
Quando estava no poder,
Promete sem ter orgulho
Todas ordens de Getulio
Ele nunca desfazer.

Mas é dificil cortar
Por onde o outro riscou:
Sendo ao lado da pobreza
Conforme o outro marcou
Pois há quem possa empatar
E tem mêdo de chegar
Ao que Getulio chegou.

Pois aqui neste planeta
Quem vier fazer o bem
Sempre olhe para traz
Porque o mal aí vem,
O bom sempre é massacrado
Por muitos sempre odiado
Não tem porque nem porém.

Até o Filho de Deus
Que era santificado
Desceu do céu para terra
Pra nos salvar do pecado,
Veio aqui fazer o bem
Não ofendia ninguém.
Foi logo crucificado.

Agora, meus bons amigos,
Vamos fazer oração
Para a alma de Getulio
Nosso Chefe da Nação,
Para Deus lhe perdoar
Lhe conceder um bom lugar,
A santissima salvação

Pai nosso que estás no céu
Teu nome é santificado,
Venha a Getulio o vosso reino
Perdoando o seu pecado,
Pelo vosso Santo Amôr
Perdoa esse pecador
De ter se suicidado.

Seja feita, ò! Senhor Deus
Como quis vossa vontade,
Perdoai Dr. Getulio
Tenha dele piedade
Que a paciência esgotou
E aqui se suicidou
Por causa da humanidade

Assim como foi na terra
No céu também é querido
Vós conceda a salvação
Não deixai ser desvalido
Esse homem de nobreza.
Que o homem da pobreza
Não deixou desprotegido.

O pão nosso nos dai hoje
Amanhã e todo dia.
Livrai a Getulio Vargas
Daquela grande agonia,
Tenha dele compaixão
Lhe conceda a salvação
Pela santa virgem pia.

Senhor, perdoa suas dividas.
Eu peço por piedade,
Como ele perdoava
A língua da humanidade
Que ate falso levantava
Para ver se êle deixava
Seus filhos na orfandade

Não deixai, ó! Senhor Deus,
Que êle caia em tentação
Livrai Getulio do mal
Lhe conceda a salvação,
Lhe dê o reino da glória
Que ele tenha a vitoria
Em vossa Santa mansão.

AVE MARIA

Ave Maria, cheia de graça
O Senhor será contigo,
Getulio Dorneles Vargas
Nosso verdadeiro amigo,
Que nasceu entre as mulheres.
E pouco teve inimigos.

Digno fruto de um ventre
Tú nasceu pra governar
E uma parte do Brasil
Não soube recompensar
Os favores merecidos
de um cidadão popular.

FIM

A CARTA DE GETULIO

Brasileiros trabalhistas,
Cumprindo assim meu dever
Na minha arte poetica
Que Deus veio me oferecer,
Eu terei êxito peculio,
Sobre a carta de Getulio
Em verso vou descrever.

O nosso Getulio Vargas
Quando viu que não podia
Dar direitinho à pobreza
O que sempre pretendia
Sentiu bastante tormento
E escreveu num momento
O que seu peito pedia.

Escreveu: mais uma ves,
Ele a carta começou,
A força que os interesses
Contra o povo coordenou
Sobre mim desencadeam
São muitos que me odeiam
E assim continuou.

Não me acusam, insultam-me,
Tudo a me caluniar,
Não me dão direito a nada
Querem minha voz sufocar,
Impedir a minha ação
Para o bem da multidão
Humilde, não trabalhar.

Sigo o triste destino
Que a mim sempre é imposto
Isso depois de dez anos
Tudo me causou desgosto,
Pois a espoliação
Se eu reclamar me dão
Até tapona em meu rosto.

Dos grandes grupos economicos
E também dos financeiros
E dos internacionais,
De todos os brasileiros
Fiz-me chefe da nação,
De uma revolução
De todos os cavalheiros.

Iniciei o trabalho
De uma libertaçao
E instaurei um regime
Para ver minha nação
Ficar toda em liberdade,
Era esta minha vontade
De todo meu coração.

Mas depois dum certo tempo
Tive que renunciar,
Voltei ao Catête outra vez
Meu povo foi me levar,
Todos comigo nos braços
Era abraços e mais abraços
Fui outra vêz governar.

Grupos internacionais
Esses eram aliados
E os grupos nacionais
Esses eram revoltados,
Porque nenhum não queria
Regime de garantia
Ficaram muitos zangados.

A lei dos maiores lucros
Foi detida no congresso,
Sobre o salario minimo
Se via grande regresso
Odio desencadearam
Contra mim muitos falaram,
Me desejavam processo.

Quiz criar a liberdade
No Brasil todo em geral
Que podia intitular:
Liberdade Nacional,
Ficaria uma beleza
E através de uma riqueza
Que temos em mineral.

A Petrobraz por exemplo
Mal começa a funcionar
A onda de agitação
Dá começo a atrapalhar,
Foi primeiro a Petrobraz
E depois a Electrobraz
Fizeram obstacular.

Não querem que o operário
Seja livre e liberto,
Pois não querem independencia
Isso eu conheço de perto.
Querem ver nossos irmãos
Pegando cobras com as mãos,
Sofrendo lá no diserto.

Eu assumi o governo
Na inflacionária,
Dos que todos os valores
Do trabalho destruia,
Porque eu era ao contrário
Valorisava o operario
Nenhum assim não queria.

As emprezas estrangeiras
Uns lucros exagerados
Davam quinhentos por cento
Conforme os calculos traçados.
Nas suas declarações
Eram mais de cem milhões
Por ano, seus resultados.

Veio a crise do café,
Para nós valorisou
Esse principal produto,
Até pra nós melhorou
Não podiamos perder
De seu preço defender,
A opressão mais aumentou.

A resposta que tivemos
Foi violenta pressão
Sobre a nossa economia,
Por esta justa razão
Obrigou-nos a ceder,
Pois não podemos vencer
A triste situação.

Resistindo uma agressão
Tenho lutado dia a dia
Constante eu suportando
Tão temerosa agonia,
Eu a mim renunciava
Porque eu não desejava,
Ao povo, o que eu padecia.

Para defender o povo
De ficar desamparado,
Nada mais vos posso dar
Darei meu sangue gelado
Pois as aves de rapina
Desejam sangue, e imagina
De ver meu corpo acabado.

Só sugando os brasileiros
Desejam continuar,
Ofereço em holocausto
Meu corpo pra sepultar,
Pois a opressão é sem freio
Só assim achei um meio
De convosco sempre estar.

E se vos humilharem
Minha alma há de sofrer
Estarei ao vosso lado
Quando a fome bater
Lá por toda vossa porta,
Rogo a Deus que os conforta
Livrai-vos de padecer.

Sentireis em vosso peito
Mais tarde grande energia
Para lutar por vós mesmos
Sofrendo grande agonia
E também por vossos filhos
Que seguem nos mesmos trilhos
Padecendo dia a dia.

Sentireis no pensamento
A força pra reação,
Quando vilipendiarem
Sentirei no coração
Os meus grandes sacrificios,
Trabalharei por meus patricios
Contra a negra escravidão.

Manterão e ficará
Nessa terra brasileira
Meu nome por toda parte
Que será vossa bandeira
Para com ela lutar
Para poder se salvar
Em nossa terra altaneira.

Quem tiver odio de mim
Respondo com meu perdão
Mas desejo que minha pátria
Mantenha libertação,
Talvez que nenhum se zangue
Cada gota do meu sangue
Sentirão no coração.

Os que ficam aí pensando
Que assim me derrotaram
Estão mesmo equivocados
Desta vez se enganaram,
Entrarei para a história
Terão de ver minha vitória
Desta vez se atrapalharam.

Eu era escravo do povo
De toda localidade,
Mas hoje fico liberto
No reino da eternidade
E escravo de ninguém
Seja o meu povo também
Terá sempre a liberdade.

As infamias e calunias
Meu ânimo não abateram,
Os que pensam desse geito
Podem crer que já perderam,
Minha vitória é tão forte
Que ofereço minha morte
Mas outros não me venceram.

Governei 18 anos
E não fui recompensado,
Todo povo brasileiro
Unisse todo a meu lado
Livrava meu padecer
Impedia de tudo ver
O Brasil todo enlutado.

Vivi num mar de amargura
Ao lado dos operários,
Resolvi dar aos meus filhos
Galardão dos seus salários,
Agora darei meu sangue
Sugado pelos contrários.

FIM

A VITÓRIA DE JUSCELINO E JOÃO GOULART

Meus amigos e patricios
Peço um pouco de atenção
Que vou escrever um folheto
Com muita satisfação
Falando do Presidente
Pra governar a nossa gente
Cidadão calmo e decente
Que venceu na eleição.

Ademar ia na frente
Dizendo: em todo pagode
Todo mundo me respeita
Comigo ninguem não pode
Sou eu que vou triunfar
Sou eu que vou governar
Todos tem de respeitar
Estes fios do meu bigode.

Juscelino ouvindo isto
Começou a se zangar
Esporou o seu cavalo
E fez ele disparar
Que a poeira voou
Por todos logo passou
E por fim quase arrancou
O bigode de Ademar.

Juarez ficou atraz
Com seu cavalo cansado
Fez 2 milhões e danou-se
Mas tudo sem resultado
O Plinio desde a partida
Vendo a batalha perdida
Ficando muito zangado.

Danton Coelho do outro lado
Bastantemente corria
Montado num jabuti,
Milton Campos, numa gia
João Goulart experiente
Corria sempre na frente
Juntinho ao Presidente
Montado numa cutia

Viva o nobre Juscelino
Nosso amado Presidente
Que venceu na eleição
Estou bastante contente
Este nobre cidadão
Governa nossa nação
Sem fazer perseguição
Desde o rico ao indigente.

Juscelino meu amigo
Eu te peço por favor
Não maltrate o operario
Seja um distinto senhor
Tenha um bom golpe de vista
O Partido Trabalhista
Ao homem progressista
Dê o que é merecedor.

Juscelino meu amigo
Te peço por caridade
Que faça muitas industrias
Em toda e qualquer cidade
Para os pobres se empregar
Todo mundo trabalhar
Licitamente o pão ganhar
Pra matar a necessidade.

Eu te peço Juscelino
Como chefe da Nação
Faça um jeito de acabar
Com vagabundo e ladrão
Que vivem perambulando
A um e a outro enganando
Muitos até atacando
Aos outros sem compaixão

Meu amigo Juscelino
Te faço mais um pedido
Sobre esta carestia
Que traz o povo abatido
Desde da carne ao requeijão
Isto custa um dinheirão
Da mesma forma o feijão
E muito mais o tecido.

Um quilo de carne verde
Custa vinte e dois cruzeiros
Sendo sêca é trinta e oito
Morre a fome os brasileiros
Com os preços dos cereais
A exploração é demais
Eu não aguento jamais
Com todos meus companheiros.

Bacalhau quarenta e oito
A jabá custa cinquenta
O toucinho de trinta e cinco
Nem satanaz não se aguenta
E assim continuando
De dia a dia aumentando
E os pobres todos brincando
Quando acha um dia é quarenta.

Muitas vezes o Presidente
Deseja realisar
Uma coisa que mais tarde
Venha o pobre melhorar
Há de ter impedimento
Naquele mesmo momento
Com muito contentamento
Tem muitos para impatar.

O Brasil está errado
No meu modo de pensar
O povo dói a cabeça
Para fazer melhorar
Conforme o que já pensei
O calculo que planejei
De acordo com esta lei
Ninguem pode consertar.

Porque quem manda o Brasil
Não é só o presidente
E por isso muitas coisas
Porque tem muito mandão
Não concorda opinião
Por esta justa razão
Prejudica muita gente.

Qualquer um quando é eleito
Para chefe da nação
Que forma qualquer decreto
Para o bem da multidão
Na camara dos Deputados
Estão com ele zangados
Bastantemente infezados
Botam o decreto no chão.

Um diz: eu quero é assado
Outro diz: eu quero é assim
Outro diz: eu quero é crú
E finda a coisa ruim,
Afinal o resultado?
Nem cuzido, nem assado
Tem que ficar encruado
É o que resulta por fim.

Agora aqui vou dizer
Como é minha opinião,
Bastava dois candidatos
Para Chefe da nação
Da mesma forma o Prefeito
Depois de todo este pleito
Qualquer um que fosse eleito
Governava a multidão.

Quando formasse um decreto
Todos tinham que assinar
O Presidente ordenou
Todos iam executar
Seguiam todos seus planos
Sem haver odios nem danos
Isto depois de dois anos
Nova eleição começar.

Se o povo se agradou
Dos feitos do Presidente
Ele era reeleito
Seu governo ia a frente
E se não, desocupava
O Catete entregava
O outro se ingressava
Pelo gosto dessa gente.

Pra governo do estado
Fazia uma eleição
Uma vez por cada ano
Na mesma situação
Só assim se endireitava
Nosso Brasil melhorava
Estes homens trabalhava
A bem de nossa nação.

Nas eleições no Brasil
Tem quinhentos senadores
Quatro, cinco a Presidentes
Vinte mil vereadores
Cada um quer ser exato
Mas com estrategica de gato
No Brasil tem candidato
Muito mais do que eleitores,

Desse jeito nossa terra
Nunca pode melhorar
O dinheiro da nação
É somente pra pagar
A todos estes senhores:
Deputados, senadores
Com tantos vereadores
Comendo sem trabalhar.

Porisso meus bons amigos
Esta é minha opinião
Enquanto nosso Brasil
Não chegar a conclusão
Do jeito que estou falando
Conforme estou explicando
Nada vemos melhorando
Fica tudo em confuzão.

FIM

A VOLTA DE JUSCELINO

O Brasil se estremeceu
E começou declamar
Uma linda poesia
De fazer admirar
Recitando os versos seus
Dizia: com fé em Deus
Juscelino vai voltar

Temos presidêncialismo
Acabou o parlamentar
Nenhum regime estrangeiro
Nós queremos o imitar
Pra fazer muita melhora
Com fé em Nossa Senhora
Juscelino vai voltar

A carestia danou-se
Que ninguem pode aguentar
E o tal salário mínimo
Acabou de derrotar
Os preços de tudo o engole
Para acabar êste mole
Juscelino vaivoltar

Para da serviço ao povo
Que precisa trabalhar
Acabando a carestia
Em todo e qualquer lugar
A bem da classe operaria
Trazendo a reforma agrària
Juscelino vai voltar

Tanta greve no Brasil
Pensando de melhorar
Cada greve os tubarões
Se dana o preço aumentar
O pobre fica na mão
Pra acabar esta inflação
Juscelino vai voltar

Quando se trata de greve
Os grandes pra marretar
Esconde á mercadoria
Pra melhor preço pegar
Só vendem na marretagem
Contra esta malandragem
Juscelino vai voltar

Se vem o salário minimo
Dez cruzeiros aumentar
Para o infeliz operário
Que está pra se acabar
Redobra na carestia
Diz o povo em agonia:
Juscelino vai voltar

Vive os pobres se acabando
Morrendo de trabalhar
Para enricar tanta gente
Lá sentada em seu lugar
Contra tanta inconsciência
Ao lado da inocência
Juscelino vai voltar

Eu sou contra o comunismo
E nem quero ouvir falar
Mas o proximo como a si
Cada um devia amar
Considerar como irmão
Pra melhor situação
Juscelino vai voltar

Pra poder da nosso voto
Devemos investigar
Com quem estamos votando
Para não nos enganar
Pra melhora do Brasil
Diz militar e civil:
Juscelino vai voltar

Quem o chama comunista
Talvez não possa provar
Quando pôr em prato limpo
Arisca se condenar
Pra melhora verdadeira
Desta terra brasileira
Juscelino vai voltar

Os pobres de passar fome
Não podem mais suportar
A corda já esticou
Agora tem que quebrar
Se Deus der a permissão
Pra salvar nossa Nação
Juscelino vai voltar

Êle tem capacidade
De um regime inventar
Ser discutido na câmara
E todos possam apoiar,
Nem de mais e nem de menos
Pra melhor dos pequenos
Juscelino vai voltar

Vive tudo esmantelado
Nada pode controlar
Uma coisa hoje é um preço
Amanhã querem dobrar
O pobre é quem paga o pato
Para fazer tudo exato
Juscelino vai voltar

No seu govêrno passado
Não se viu nada aumentar
Todo dia e tôda hora
Foi um govêrno exemplar
Tudo foi mesmo excelente
Pra melhorar novamente
Juscelino vai voltar

O terreno de Brasilia
Quando beneficiar
Paga as contas do Brasil
E pode ao mesmo elevar
Sem precisar de auxilio
Para da um novo brilho
Juscelino vai voltar

O que será de nòs pobres
Se eleger sem pensar
Um cabeça sem juizo
Que não pense em prosperar
Só queira destruição?
Pra salvar nossa Nação
Juscelino vai voltar

Fez coisas em quatro anos
Que estava a governar
Que outro governo em 15
Não pôde realisar
Neste torrão soberano
Concretisando seu plano
Juscelino vai voltar

Pois construiu a Brasilia
De fazer admirar
Socorreu aos nordestinos
Que estavam a se acabar
Dê no ferro, dê no zinco
No ano sessenta e cinco
Juscelino vai voltar

Quando êle entrou em Brasilia
Era úm inculto lugar
Um diserto tão horrivel
De fazer gente assombrar
Transformou-o em capital
Para melhora geral
Juscelino vai voltar

Construiu muitas estradas
Ainda pôde asfaltar
De Minas para Brasilia
Corre carro sem parar
A viagem é um encanto
Vê se escrito em todo canto
Juscelino vai voltar

Se vê em Belo Orizonte
Em todo e qualquer lugar
A gente passa de ônibus
É o que pode enchergar
De frente e mesmo de banda
Só se vê é propaganda
Juscelino vai voltar

A Bahia e Pernambuco
Alagoas, Ceará
Paraiba, Maranhão
Minas, São Paulo e Pará
Piauí e Espirito Santo
Diz o povo em todo canto:
Juscelino vai voltar

O Rio Grande do Sul
Mato Grosso e Paranà
Rio, Santa Catarina
De Goiás a Amapá
No Rio Grande do Norte
Diz o povo inda mais forte:
Juscelino vai voltar

Governou Minas Gerais
Fez um tudo prosperar
No govêrno do Brasil
Já não precisa falar
Nêste torrão brasileiro
Diz todo povo mineiro:
Juscelino vai voltar

Os preços dos cereais
Está mesmo de matar
Carne, um quilo mil cruzeiros
Pobre não pode comprar
Pra melhor situação
Depois da proxima eleição
Juscelino vai voltar

Deus mandou para Bahia
Chuva pra todo lugar
A farinha já baixou
E ainda tem que baixar
Só a carne vai medonha
Para a ela da vergonha
Juscelino vai voltar

É greve, greve e mais greve
Por todo canto a rolar
Um faz com necessidade
E outros pra chatiar
Todo mês e todo dia
Pra acabar esta anarquia
Juscelino vai voltar

E foi assim meus amigos
Que vi o Brasil declamar
Uma linda poesia
Em linguagem popular
Transcrivi os versos dele
E tambem digo com êle:
Juscelino vai voltar

Poeta conversa muito
Mas sabe profetizar
E quando diz uma coisa
Sò Deus para revogar
Pode o ouro virar zinco
Porém em sessenta e cinco
Juscelino vai voltar

FIM

A MORTE E O ENTERRO DO PRESIDENTE TANCREDO NEVES

O Brasil está de luto
Chora todo varonil.
Chora o rico, chora o pobre,
O militar e o civil,
Por perder Tancredo Neves
Esperança do Brasil.

O poeta também chora
Com a caneta na mão,
Para escrever o que sente
Dentro do seu coração,
Por ver Tancredo ir se embora
Deixando nossa Nação.

A vinte e um de abril
De oitenta e cinco, um mineiro
Um Presidente querido
Deste País brasileiro,
Foi atender um chamado
De Nosso Pai Verdadeiro.

O Dr. Tancredo Neves
Demonstrando seu valor,
Deixou a Belo Horizonte
Onde foi governador,
E se ingressou na política
Com heroísmo e amor.

Para ser o Presidente
Com idéia vencedora,
Fazer uma nova República
Que fosse mais criadora,
Em defeza dos humildes
A classe mais sofredora.

Votação esmagadora
Foi Dr. Tancredo eleito,
O seu plano de governo
Estava muito bem feito,
Todo Brasil aprovou
Achando muito direito.

Escolheu seu ministério
Pra governar toda gente,
O Dr. José Sarney
Pra ser Vice-Presidente,
E todas autoridades
Cada vez muito contente.

Pra o dia 15 de março
A posse estava marcada,
O Brasil todo esperando
Esta vitòria alcançada,
Mas só Deus sabe o futuro
E nós não sabemos nada.

Quando foi no dia 14
O Brasil extremeceu,
Pois Dr. Tancredo Neves
Pela noite adoeceu,
Foi obrigado a operar,
Todo mundo entristeceu.

O Dr. José Sarney
Dia 15 se empossou,
Mas não teve aquele brilho
Que todo mundo esperou,
O Dr. Tancredo Neves
Nessa noite se operou.

E a previsão dos mèdicos
Antes de o operar,
Era uns 4 ou 5 dias
Pra ele recuperar
Então de sete até oito
Podia então se empossar.

E assim mesmo fizeram
A primeira operação,
Que estava passando bem
Falava pra multidão,
Que estavam no pé do rádio
Ou mesmo a televisão.

Sem se ver o Presidente
Passou dias e mais dias,
O povo sem se conter
Nas setas das agonias,
Para acalmar todo povo
Mostraram as fotografias.

Estava Dr. Tancredo
Numa cadeira sentado,
E a dona Risoleta
Tambèm estava a seu lado,
E mais dois kilos em peso
O Dr. tinha aumentado.

Com esta boa notícia
Acalmou a multidão,
Mais tarde o rádio bradou
Tambèm a televisão:
O Dr. Tancredo Neves
Sofreu outra operação.

No hospital de Brasilia
Parece até brincadeira,
Fez primeira operação
A segunda e a terceira,
Fez a quarta, fez a quinta
Quase faz a derradeira.

Vendo que não dava jeito
Fazer mais operação,
Falaram com os parentes
Botaram num avião,
Seguiram para são Paulo
Com uma dor no coração.

Do Coração o Instituto
Nosso Tancredo internaram,
Ainda mais uma vez
Os médicos lhe operaram,
Não deu um bom resultado
Porèm não se conformaram.

Com isso estava chegando
O meado do outro mês,
Todos 35 médicos
Cada um seu plano fez,
Controlaram uns com os outros
E operaram outra vez.

As máquinas das novas técnicas
Cada vez mais para frente,
Estavam todas ligadas
Ao lado do Presidente,
Para ajudar o coração
E os pulmões certamente.

Enquanto isso o Brasil
Prosseguia em oração,
Católicos e protestantes
E toda religião,
Pedindo a Deus que salvasse
A vida desse cristão.

Promessas e mais promessas
Muita gente atè fazia,
Isto de várias maneiras
Para ver se resolvia,
E Dr. Tancredo Neves
Daquela vez não morria.

Um homem em Pernambuco
Controlou com a familia,
E pôs uma cruz nas costas
Deixando a casa e a mobilia,
E saiu de Pernambuco
Para a Igreja de Brasilia.

Mandaram buscar um médico
De lá da América do Norte,
Pagando toda despesa
Do alimento ao transporte,
Que podia o pasciente
Com ele até dá mais sorte.

Os médicos continuavam
Dia noite a trabalhar,
Para ver se achava um jeito
Do Presidente salvar,
A vida tão preciosa
Para o Brasil governar.

Mas o médico americano
Não teve mais condição,
Pois achou o pasciente
Já na sétima operação,
só os milagres de Deus
pra fazê-lo ficar são.

E assim cada um mèdico
Um boletim assinava,
Dizendo: está bem melhor
Com pouco já piorava,
E o pobre Dr. Tancredo
Cada vez mais se acabava.

Da boca dos populares
Muita noticia saía,
Dizia um: com certeza
Isto é feitiçaria,
Pra matar o Presidente
E aumentar a carestia.

Mas antes da eleição
Foi mesmo de amargar,
Perguntaram ua cartomante
Quem era que ia ganhar?
Nem Maluf e nem Tancredo
Vai o Brasil governar.

A vinte e um de abril
A data memorial,
De nosso heroi Tiradentes
Em nossa terra natal,
Disse um médico: já está morto
Óh! que anuncio fatal...

Ai foi grande tristeza
Em nosso Brasil inteiro,
O luto por oito dias
Neste País brasileiro,
E um dia de feriado
Por decreto verdadeiro.

O corpo do Presidente
Mandaram embalsamar,
Botaram num avião
Para São Paulo deixar,
E seguir para Brasilia
Para o povo o visitar.

E assim mesmo fizeram
Botaram num avião,
O corpo do Presidente
Nessa triste ocasião,
Deixando o povo paulista
Na maior lamantação.

Chegando lá em Brasilia
O povo estava esperando,
Na mais profunda tristeza
Muita gente soluçando,
Por perder Tancredo Neves
O povo todo chorando.

Passou a noite todinha
Por esta vez derradeira,
Para ver o Presidente
O povo fazia fileira.
No outro dia seguiu
Para a capital mineira.

Chegou em Belo Horizonte
O povo estava esperando,
Com flores, gritos e chôros
Quando o corpo foi chegando,
Mais de dez mil motoqueiros
Foram o corpo acompanhando.

Da Liberdade o Palácio
Colocaram o Presidente,
O povo querendo ver
Avançavam para frente,
E por fim morreram cinco
Inda feriu muita gente.

E para São João del-Rei
No outro dia seguiu,
Onde Tancredo nasceu
O povo se reuniu,
Querido como Tancredo
No Brasil nunca se viu.

E a D. Risoleta
Seu esposo acompanhou.
Chegando lá na Igreja
Veio o padre o encomendou,
Depois do povo ter visto
No cemitèrio o enterrou,

FIM

A PALESTRA DE TANDREDO NEVES COM GETULIO VARGAS NO CÉU SOBRE A REFORMA AGRÁRIA

Já peguei na minha pena
Já tirei o meu chapèu,
A Deusa da Poesia
Me cobriu com o seu véu.
Sem soberba e sem orgulho
Pra escrever sobre Getulio
Com Tancredo lá no céu.

Tancredo chegou no céu
Foi por Jesus recebido.
De todos os seus pecados
Ele foi absolvido
Admirando a beleza
Onde não se ver tristeza
E nem chôro nem gemido.

São Francisco de Assis
Disse: agora meu irmão
Vamos aqui passear
Nesta sagrada mansão,
Pra você ver a beleza
Por obra da Natureza
Do Autor da Criação.

Saíram os dois passeando
Chegaram em um jardim,
Todo bem iluminado
Uma riqueza sem fim,
Os bancos eram brilhantes
Feitos só de diamantes
Cravejados no marfim.

As casas eram de ouro
Com as portas de esmeralda,
As janelas de rubi
Cada qual bem cravejada,
Para quem levou de vista
Os ripões prata dourada.

Ali naquele jardim
Daquela santa mansão,
Não precisa a luz eletrica
Deste mundo de ilusão,
Tem a mais finissima luz
Sò o clarão de Jesus
Clareando a multidão.

São Francisco de Assis
Com Tancredo palestrando,
Todas aquelas belezas
A ele estava mostrando,
Naquelas ruas tão largas
Foi quando Getulio Vargas
Também ali foi chegando.

Foi dizendo: alô Tancredo!
Que grande satisfação!
Eu me encontrar com você
Aqui na santa mansão,
Só mesmo o poder da luz
Do santo Mestre Jesus
Que nos deu a permissão.

Meu irmão, disse Tancredo
Em também tive alegria,
De me encontrar consigo
Em grande soberania,
Sò mesmo o poder de Deus
Com todos prodigios seus
E as bênçãos de Maria.

Getulio disse: Tancredo
Cometi grande pecado,
Naquele tempo na terra
Eu me vi apavorado,
Por causa das orações
Das enormes multidões
Eu fui por Deus perdoado

Me diz a Reforma Agrària
Será que vai funcionar?
Eu fiz aquele projeto
Mas não pude executar.
Disse Tancredo a sorrir:
Deixei esse abacaxi
Pra Zé Sarney descascar.

Eu fiz aquele projeto
Disse Getulio a Tancredo,
Pra melhora do Brasil
Da baixa até o rochedo,
Arrisca estourar uma guerra
Os ricos com tanta terra
E os pobres chupando o dedo.

Não que eu quizesse fazer
Da maneira comunismo,
Tomar as terras dos ricos
Depois fazer bandalhismo
Quem faz assim se inguiça
Eu queria fazer justiça
Dentro do cristianismo.

As terras improdutivas
Ou que não dão produção,
E os donos dessas terras
Delas não tem precisão,
O governo desmembrar
Ou então mesmo comprar
E vender pra multidão.

E quem tiver mil alqueles
De terreno bem cercado,
E paga o imposto de cem
Que é o que está cadastrado,
Manda o governo medir
A sobra destribuir
Com quem está necessitado.

Meu irmão, disse Tancredo:
Eu quiz fazer isso aí,
Na vespera da minha posse
Em Brasilia adoeci,
Os mèdicos muito lutaram
Porém não me empataram
De vir me parar aqui.

Mas, deixei José Sarney
Que assumiu meu lugar,
E sua Reforma Agrária
Ele vai realisar,
Isto eu digo com certeza
Pra melhora da pobreza
Custe lá o que custar.

Porque difato a pobreza
Padece sem compaixão,
Sem ter a onde morar
Falta água e falta pão,
Pode estourar uma guerra,
E por isso lá na terra
Está assim... de ladrão.

Já soube que lá na terra
Depois que eu vim para aqui,
Mil familias se juntaram
Foram fazenda invadir,
Santa Catarina o Estado
Zé Sarney muito zangado
Expulsou todos dali.

Fez o que devia fazer
Porque eu tambèm faria,
Que a Reforma Agrária é
Projeto de garantia,
Para ajudar os posseiros
E também os fazendeiros
Viverem em doce armonia.

Depois que José Sarney
O projeto organisar,
O INCRA coloca o povo
Cada qual no seu lugar,
E explica a rapaziada
Se vai ser de mão beijada
Ou quanto tem que pagar.

Eu também soube aqui
Pelas más compreenções,
No Pará os fazendeiros
Pediram 15 milhões
Sò de armas estranjeiras
Para enfrentar as barreiras
Relativo as invasões.

Getulio disse: Tancredo
Foi pena tu não ficar
No Brasil mais uns dez anos
Pra Reforma executar,
Resolver a coisa pública
E sua Nova República
Botar para funcionar.

Só assim os Brasileiros
Iam ter um melhor Brasil,
A queda da carestia
Pra militar e civil,
Confiando no teu nome
O pão para quem tem fome
Salvava pra mais de mil.

Mesmo assim José Sarney
Que está a governar,
Vai fazer alguma coisa
Que o povo vai gostar,
Você a ele escolheu
E não se arrependeu
Não vai decepsionar.

Você naquele Brasil
Teve bastante cartaz,
O povo gostou dum jeito
Que me passou para traz,
Foi muita gente a morrer
Porque queriam lhe ver
Já morto em Minas Gerais.

Tancredo disse: Getulio
Isto foi realidade,
Nada mais posso fazer
Por aquela humanidade,
A não ser uma oração
Pra eles a salvação
Da Santíssima Trindade.

Quando ele disse assim
No momento me acordei,
Meu relógio despertou,
Eu na cama um pulo dei,
Todo sem jeito, bisonho
Vim saber que foi um sonho
Que no momento eu sonhei.

Quem disser que é mentira
Que não foi realidade,
Eu tenho minha testemunha
Aqui dentro da cidade,
Com palavra de conforto
Meu irmão que nasceu morto
Afirma toda verdade.

Agora meus amiguinhos
Meu livro eu vou terminar,
Pague só um mil cruzeiros
Para o poeta ajudar,
E aguarde a Reforma Agrária
Que coisa extraordinária
Mas ela vai triunfar

FIM

FOLHETOS DE DISPUTA, DEBATE, DUELO, ENCONTRO, PELEJA OU DESAFIO ENTRE CANTADORES

HISTÓRIA DO VII ENCONTRO DOS POETAS DA LITERATURA DE CORDEL EM LARANJEIRAS E A MORTE DE UM TROVADOR

Elevo meu pensamento
No Santo Deus de Israel
Pedindo o consentimento
Pra neste simples papel
Escrever o sétimo encontro
Dos poetas de cordel.

Pois os livros de cordel
No assunto cultural,
Estão bastante elevados
Do sertão a capital,
Mas caídos na vendagem
Para todo pessoal.

Nossos poetas são pobres
Para fazer a impressão
Em papel especial
Que chame mais atenção,
Da classe fraca e da forte
Com melhor ilustração.

Este è o primeiro fracasso
Pra nosso povo leitor,
Por outro lado tambèm
o poeta ou trovador
Para comprar seus livrinhos
Não acha revendedor.

Os folhetos mesmo simples
É dificil pra fazer,
E se os fizer é dificil
Encontrar quem revender,
Ficam lá nas pratileiras
Para barata comer.

Tem tido muitos Congressos
Afim de colaborar
Com os versos de cordel
Para eles melhorar,
Porque do jeito que vai
Terà que se acabar.

O Governo sergipano
Que jamais pensou asneiras,
Augusto do Prado Franco
Passou baixas e ladeiras,
Fez o Encontro de "Cordel"
Na cidade de Laranjeiras.

Bem perto de Aracaju
O Sr. Governador
Convidou de todo Estado
Poetas e cantador
Para aquele festival
De grandioso valor.

Poetas da Paraiba
Tambèm veio violeiro
Do Estado do Pernambuco
Cada um mais prazenteiro
Os poetas da Bahia
Também do Rio de Janeiro.

Sebastião Nunes Batista
Dignissimo professor,
E nos versos de cordel
Demonstrava seu valor
De poeta inspirado
Das rimas conhecedor.

Basta dizer que è filho
Do velho Chagas Batista
E irmão de Paulo Nunes
Trovador e repentista,
Que no Anàpolis Goiàs
Prossegue na mesma pista.

Professor Sebastião
No Rio deixou sua equipe,
Passou Feira de Santana,
Passou pelo Jacuípe,
Até chegou em Laranjeiras
No Estado de Sergipe.

Dia 8 de janeiro
De oitenta e dois o ano,
Sebastião foi chegando
No Estado de Sergipano,
Abraçou os seus colegas
Do velho Estado bahiano.

Pois com a chegada d'ele
Naquele mesmo momento
Os colegas o abraçaram
Com todo contentamento,
A festa continuava
Sem nenhum constrangimento.

Quando foi no dia nove
Ia ter a reunião,
Denominada SIMPÒSIO
Para qualquer cidadão
Discutir tese em defesa
Desta nossa profissão.

De nove meia pra dez
O SIMPÒSIO começou,
Um componente da mesa
Bem inspirado falou,
Em defesa do "cordel"
E todo povo apoiou.

Depois passou a palavra
Professor Sebastião,
Que pegou o microfone
Com delicada atenção,
Sobre os velhos repentistas
Começou a explanação.

Nos antigos cantadores
Falava entusiasmado,
Recitava versos deles
Cada qual maìs engraçado,
O povo dava risadas
Achando muito adequado.

Ele falou em Romano
E Inácio da Catingueira,
Falou em Chagas Batista,
Naquela època fagueira,
E muitos e muitos outros
Desta terra brasileira.

Já de dez pra onze horas
Sebastião desmaiou,
Dr. Antônio Garcia
No momento o segurou,
E começou dar massagem
O povo se aglomerou.

Pôs ele em cima da mesa
E começou dá massagem,
Fez um teste bôca a bôca
Com desmedida coragem.
Porèm não pôde empatar
Aquela santa viagem.

Trouxeram a maca depressa
Com a maior brevidade,
Botaram-o numa ambulância
Com muito boa vontade,
Mas a alma do poeta
Já estava na eternidade.

Levaram-o pra Aracaju
O Sr. Governador
Mandou logo embalsamar
O corpo do professor
E para o Rio de Janeiro
Mandar com tristeza e dor.

E assim mesmo ele fez
Nessa hora dolorosa,
Pôs o corpo num avião
Com a alma tão penosa
Mandou entregar no Rio
Là na Casa Rui Barbosa.

Com esse acontecimento
Para todo trovador,
Foi um grande sentimento,
Foi o maior dissabor,
A doçura do principio
No fim virou-se em amargor.

A festa continuou,
Porém na realidade,
Já não tinha o mesmo brilho,
A mesma vivacidade,
Sem poder mais esquecer
Da triste fatalidade.

Agora no proximo encontro
Neste Pais brasileiro;
Seja em Sergipe ou Bahia,
Ou no Rio de Janeiro,
Precisamos abordar
É o assunto financeiro.

Precisa estudar um meio
Pra saida o livro ter,
Se os nossos estudantes
Não comprar livros pra ler
Os poetas de cordel
De fome tem que morrer.

Ou então pra não morrer
Abandona a profissão,
Vai pegar na picareta,
Trabalhar na construção,
Vai puxar cobra pra os pés
Depois que pegar com mão.

Para a familia inlutada
Do nosso Sebastião,
Aceitem meus sentimentos
De todo meu coração
E de todos meus colegas
Daquela reunião.

Esta vida que è nossa
Afirmo nos versos meus,
Precisa compreendermos
Pra não ser como os ateus,
Nossa vida está segura
Sò na palavra de Deus.

Meu divino Salvador
Faço minha oração:
Sebastião là no céu
Imploro, der o perdão,
Leve ele para à glória
Vivendo sempre em vitória
Até a ressurreição

FIM

Você sabia que todo dia 4 de outubro é o dia Nacional do Trovador? Que de Tres para quatro de outubro de 1982 vamos fazer uma festinha de trovadores em Itabuna?

HOMENAGEM AO DESENHISTA, CARICATURISTA, ESCULTOR E DECORADOR, SINÉZIO ALVES

É um grande desenhista
Do Estado da Bahia,
Que admira a poesia,
Ainda mais o repentista,
Considera um grande artista,
Seja letrado ou caipira
Que a natureza o inspira,
Seja João, Paulo ou Enézio,
Eu admiro Sinèzio
E Sinèzio me admira.

Vai ele em todo Congresso
Nacional de trovadores,
Expandindo seus valores
Porque gosta do progresso,
Fazendo o maior sucesso
Quando sua caneta tira
E no papel quando gira
Desenha Pedro ou Memèzio,
Eu admiro Sinèzio
E Sinèzio me admira.

OS REPENTES E PROESAS DE BOCAGE

O poeta quando escreve
Sente uma grande alegria
Que a Deusa dos Poetas
Com sua soberania
Nos traz a inspiração
Pra fazer a poesia.

Poristo aqui vou contar
Uma historia engraçada
Das proezas de Bocage
Ele era camarada
Mas quem fosse a ele estava
Com a vida atrapalhada.

Naquele tempo de rei
Que tinha soberania
Quando dava uma palavra
Dava mesmo e garantia
Era palavra de rei
Ali não mais voltaria.

O rei deu para Bocage
A carta de liberdade
Dando o direito a trovar
O que tivesse vontade
Mas o dia que errasse
Ia morto de verdade

Bocage com esta carta
Não se temia de nada
Do rei, a rainha, a tudo
Levava de embrulhada
Nunca respeitava uma cara
Que não desse uma xarada.

Bocage estava demais
O rei deu pra perseguir
Armava toda cilada
Para Bocage cair
Bocage topava tudo
Sabia bem se sair.

O rei mandou um recado
Pra Bocage aparecer
Disse o rei com esta agora
Sei que ele vai perder
Desta ele não se sai
Com certeza vai morrer.

Disse o rei: é para vir
Nem de noite nem de dia
Nem a pé e nem montado
Como é que ele ia?
Nem vestido e nem nú
Mas, Bocage resolvia.

Disse Bocage: eu irei
Porem vou me aprontar
Diga ao rei que me espere
Que lá eu tenho que chegar
Se eu não resolver o caso
Ele pode me matar.

Bocage em uma tarrafa
Ligeiro ali se vestiu
Amontou-se em uma porca
E para o palacio seguiu
Chegou ali as seis horas
O povo todo sorriu.

O povo lá no palacio
Estava lhe esperando
Quando deu seis horas em ponto
Bocage ali foi chegando
Fez a sua continencia
Foi desta forma falando:

Pronto seis horas em ponto
Não é noite nem é dia
Não estou nú nem vestido
Olhe minha montaria!
O povo batia palmas
Tudo ali lhe aplaudia.

Disse o rei: tu ganhou esta
Mais tem outra pra fazer
Amanhã às cinco horas
É pra tú aparecer
Pra tirar leite nuns bois
Pra o povo todo beber.

Disse Bocage: é o diabo
Com esta eu não me aguento
Fazer um macho dar leite?
É fazer careta ao vento
É fazer cósca em pedra
Ou encebar um pensamento.

Disse Bocage: esta agora
Eu tenho que resolver
É sob pena de morte
Que tenho que aparecer
Se eu não resolver o caso
Com certesa vou morrer.

Quando foi no outro dia
Bocage estava deitado
Levantou às sete horas
Lavou o rosto folgado
Sentou e tomou café
Em casa bem descansado.

Quando foi às nove horas
Bocage pra lá seguiu
Bem na frente do palacio
Num pé de arvore subiu
O rei saiu na janela
Bocage olhou e sorriu.

Disse o rei: que é do leite
Que mandei você tirar?
Disse ele a majestade
Muito vai se admirar
Papae pariu esta noite
Mamãe está louca a chorar.

Disse o rei: o que é isto
Que eu nunca ouvi falar
Quem já viu homem pari?
Bocage: aí é que está
Se é que homem não pare
Leite tambem boi não dá.

Um dia o rei mandou
Para Bocage um recado
Pra ele chegar urgente
Até ali no reinado
Dizendo com esta agora
Eu deixo ele enrascado.

Disse o rei: vou inventar
Que estou muito doente
E eu mando chamar ele
Para vir aqui urgente
Só ele cura o meu mal
Pois ele é experiente.

Ligeiramente a Bocage
O rei mandou um recado
Que viesse com urgencia
Que ele estava adoentado
Bocage veio atender
Um pouco desconfiado.

Bocage disse ao rei
Quer me pegar na cilada
Ele comigo não ganha
E eu topo qualquer parada
Eu sei que isto é trama
Não é doença nem nada.

Bocage ali foi chegando
O rei mandou ele entrar
Disse o rei: estou doente
Poristo mandei chamar
Tú és muito experiente
Poristo vai me curar.

Disse o rei: o mal que sofro
É não sentir gosto e nem cheiro
E não poder falar a verdade
Vivo neste desespero
Você tém que me curar
Com um remedio certeiro.

Disse Bocage, eu dou jeito
É já, eu vou preparar
Um remedio lá em casa
E já eu torno a voltar
O rei tomando o remedio
Ligeiro tem que sarar.

Ficou o povo esperando
Tudo ali em confuzão
Dizendo: este remedio
Ele não arranja não
Se ele é bom quero ver
Ele ganhar a questão.

Bocage chegou em casa
Dentro da privada entrou
Pegou um pouquinho de esterco
Ligeiramente embolou
Preparou treis comprimidos
Para o palacio voltou.

Foi entrando no palacio
Com o remedio na mão
Deu ao rei para engulir
E disse: é já está são
Disse o rei: se eu não sarar
Tú vai morrer sem perdão.

O rei enguliu a primeira
Logo ai desconfiou
Cortou a outra no dente
Ligeiramente cheirou
Foi conhecendo o que era
O rei aí se danou.

O monarca se danou
E disse, isto é o diabo
Bocage aí disse: voute
Como este doente é brabo
É o efeito das pilulas
Pra dar remedio eu me gabo.

Disse o rei: qual é remedio
Perverso sem coração
Me deu merda pra engulir?
Disse Bocage: está são
Falou a verdade agora
Desta vez não mentiu não.

Disse Bocage: está são
Dá primeira que enguliu
Sentiu o gosto da merda
Cheirou a outra e sentiu
O cheiro e falou a verdade
Está sarado e sadio.

Sentiu gosto e sentiu cheiro
E tambem falou a verdade
Bocage dizia ao povo:
Dei remedio à majestade
Estava muito doente
Já está sem novidade.

Disse o rei para Bocage:
Você é um desgraçado
Bocage: é isto mesmo
É com que sou recompensado
Gastei minha merda contigo
Foi até mal empregado.

Bocage aí viajou
Numa rua ia passando
O dono de uma loja
Dali estava mudando
Bocage entrou e sentou
Ficou ali palestrando.

O moço arrumando os trens
E com Bocage a conversar
Abaixou-se no balcão
E começou a urinar
O curioso Bocage
Foi a ele perguntar.

Mijando dentro de casa?
Bocage lhe perguntou
Disse ele: é Bocage,
Meu pessoal já mudou
Já foram pra outra casa
Eu amanhã tambem vou.

Poristo é que estou mijando
Por que daqui vou mudar
A casa fica vazia
Ninguem aqui vem morar
Bocage disse: está bem
Sendo assim eu vou cagar.

O moço entrou lá pra dentro
Bocage o balcão saltou
Ligeiro no meio da casa
Bocage logo cagou
Tornou saltar o balcão
E bem calmo ali ficou.

O moço dono da loja
No momento ali chegou
Viu a merda fedorenta
A Bocage perguntou
Quem seria este safado
Que aqui dentro cagou?

Bocage disse fui eu
Que aí dentro entrei
Vi você aí mijando
Então eu também mijei
Tú vai amanhã, mijou
Eu que vou hoje caguei.

Aí foi dando até logo
Também foi se retirando
O moço dono da casa
Ficou danado xingando
Bocage saiu sorrindo
E do moço anarquizando.

Passando em uma rua
Uma dona lhe chamou
Bocage muito safado
Da porta se aproximou
Apertou a mão da dona
Sorrindo a comprimentou

Ela ficou na janela
Com Bocage a palestrar
Vai palestra e vem palestra
Começaram namorar
Bocage andava atraz disto
Não podia dispensar.

O marido desta dona
Tinha feito uma viaje
Ela estava em casa só
Safadinha de corage
Acertou logo um namoro
Neste dia com Bocage.

Pensando ela que o marido
Não voltava neste dia
Feixou a porta e entrou
Na hora do meio dia
Foi palestrar com Bocage
Toda cheia de alegria.

Eles estavam deitados
À vontade palestrando
Quando menos esperavam
Na porta estavam chamando
Era o marido da dona
Que ali ia chegando.

Ela conheceu a fala
Disse: é o marido dela
Não tinha outra saida
Que hora apertada aquela
Mandou Bocage deitar
Dentro de grande gamela.

Bocage ali na gamela
Ficou bastante encolhido
A mulher cobriu com roupa
Pra tapiar o marido
Depois foi abrir a porta
Ele estava aborrecido.

Sempre a mulher é jeitosa
Sabe muito tapiar
Deu um beijo no marido
E começou carinhar
Disse eu estava arrumando
Roupa suja pra lavar.

Disse o pateta a mulher
Tú hoje não vai lavar
Domingo é um dia santo
Não se pode trabalhar
Disse ela eu levo a roupa
Só para ensaboar.

Bocage lá na gamela
Não podia se bulir
Alem disto estava nú
Não podia se vestir
Com uma cosquinha na guela
E não podia tocir.

Bocage disse: eu não tusso
Se eu tussir vou pegado
Se esse homem me pegar
Eu sei que estou derrotado
O que na vida eu estimo
Desta vez vai arrancado.

A mulher disse: eu já vou
Marido vem me ajudar
A gamela está pesada
Eu não posso arribar
Ele arribou a gamela
Ela saiu foi lavar.

Disse ele: esta gamela
Eu achei muito pesada
Disse ela: é roupa suja
Por baixo roupa molhada
Vou a fonte e volto já
Trago tudo ensaboada.

Com o peso da gamela
A mulher ía tremendo
Bocage dentro calado
Todos seus calculos fazendo
Se chegar sair na porta
Deste bruto eu me defendo.

No meio da casa um sepo
A mulher se entropeçou
Caiu com gamela e tudo
Até os joelhos ralou
Debaixo da panaria
Bocage se levantou.

Levantou-se mesmo nú
E jogou-se porta afora
Bocage não levou roupa
Mas mesmo assim foi embora
Correndo que só um trem
Bocage foi dando o fora.

Quando a mulher levantou-se
Que viu Bocage correndo
Disse ela: ola marido:
Respondeu estou vendo
Disse ele: foi castigo
O diabo que vae correndo.

Disse ele: hoje é domingo
Não se pode trabalhar
Tu apanhou tanta roupa
Pra ir na fonte lavar
Aquilo é o diabo
Que veio pra castigar.

Ela disse: vae maldito
Infeliz amaldiçoado
Vai pra cacimba de baixo
Vai satanaz condenado
Vai pra cacimba de baixo
E fica do outro lado.

Bocage nesta carreira
Foi parar do outro lado
Foi pra cacimba de baixo
Como ela tinha mandado
Ficou lá nú escondido
Um pouco desconfiado.

A mulher foi ao marido
E muito lhe tapiou
E a roupa de Bocage
Dentro do pote botou
Foi pra fonte buscar agua
Lá com Bocage encontrou.

Lá na cacimba de baixo
Com Bocage ela encontrou
Deram uma big palestra
E depois ela voltou
Bocage de lá sumiu
E desta se arrenegou.

Mas ele era curioso
Arranjou uma namorada
Era filha de uma cega
Mas a cega era danada
Das que falava por cinco
Quando estava zangada.

A cega não estava em casa
A moça foi se soltando
Mandou Bocage entrar
Ele entrou e foi se sentando
Sentou-se numa cadeira
Ambos ficou se beijando.

Com pouco vinha a ceguinha
A moça disse: danou
Fica aí de quatro pés
Para eu ver que jeito dou,
Bocage ligeiramente
De quatro pés se prostou.

A velha assim perguntou:
Com quem estava prosando?
A moça disse: mamãe
Eu estava era comprando
Um presente pra senhora
Creio que vai ficar gostando

Então mostre, minha filha
O que foi que tú comprou.
Disse a moça: foi um banco
Que muito me interessou
Pra senhora lavar roupa
E pra Bocage apontou.

Bocage de quatro pés
Tirou a camisa ligeiro
A velha passou a mão
Nas costas dele primeiro,
E disse este banquinho
Foi feito no estrangeiro.

Disse a velha: que beleza!
Tú comprar este banquinho
Para eu lavar minha roupa
Gostei mesmo direitinho
Até pra correr a agua
Eu vejo aqui o reguinho.

Vou apanhar ali uns panos
Que eu quero inaugurar,
E seguiu lá para um quarto
Sua roupa foi apanhar
Disse Bocage: o diabo
É quem quer mais esperar

Bocage saiu na porta
Ligeirinho caiu fora
Não quiz saber mais de nada
Nem tão pouco ter demora
Seguiu no caminho de casa
Num instante foi embora.

O rei tinha tres perguntas
Pra qualquer que decifrasse
Ganhava um grande premio
Que dava pra enricar-se
E depois dava a princesa
Para com ela casar-se.

Todo dia vinha gente
Para as perguntas dizer
Por fim não adivinhava
O rei mandava prender
Terminava indo a forca
Só vinham ai pra morrer.

E nesta cidade havia
Um tal de João pequenino
Que vivia mindigando
Este pobre peregrino
Disse: hoje vou ao palacio
Para cumprir meu destino.

João disse: amanhã eu vou
No palacio apresentar
E na hora das perguntas
Que o rei me perguntar
Eu que me importa que morra
Se eu não adivinhar?

E na hora das perguntas
João se apresentou
O rei lhe fez as perguntas
E o seu praso marcou
Deu três dias pra João
João a casa voltou.

Quando João chegou em casa
Já estava arrependido
As perguntas era dificil
João disse: estou perdido
Ali começou a chorar
Fazendo um grande alarido.

João sentado na porta
Estava se lastimando
Naquela hora Bocage
Por João ia passando,
Porque tu chora João?
Foi Bocage perguntando.

Disse João: é três perguntas
Que eu tenho que responder
É sob pena de morte
Se as perguntas não dizer
Terminou-se a minha vida
Nos três dias vou morrer.

A primeira é pra dizer
Quanto é que vale o rei,
Isto é pergunta dificil
Que jamais responderei.
Não tenho a quem implorar
Só a Deus implorarei.

A segunda é pra dizer
Quanto a terra está pesando.
A terceira é pra dizer
O que ele está pensando,
Eu que não sei responder
Por isto estou chorando.

Bocage disse: que nada
Deixe que vou resolver
Dê-me tua vestimenta
Pra contigo eu paricer
E as perguntas do rei
Deixa que vou responder.

Bocage vestiu a roupa
Para o palacio marchou
Com a roupa de João
Muito serio ali chegou
Disse pronto, majestade
As vossas ordens estou.

Disse o rei: vá me dizendo
Quanto é o meu valor
Quanto é que pesa a terra
Vá me dizendo o senhor
O que é que estou pensando
Diga logo por favor.

Jesus Cristo rei do céu
Venderam por trinta dinheiro
O rei da terra vale quinze
Isto é um plano certeiro
O povo se levantaram
E palma pra ele bateram.

Disse o rei: e a terra
Me diga que peso dar,
Disse êle é muito facil
É o senhor arretirar
O que tem em cima dela
Que hoje mesmo eu vou pezar.

Disse o rei: que homem é este
Este homem é danado
Responde todas perguntas
Como que tem decorado
Só falta uma pergunta
Mas eu deixo ele enrascado.

Disse o rei: responde-me
O que é que estou pensando,
Bocage lhe respondeu
Que com João está falando
Mas não sou João sou Bocage
Que aqui está conversando.

Disse o rei: não è João
Que comigo está falando?
E que está respondendo
O que estou perguntando?
Disse Bocage: é isto mesmo
Que o rei está pensando.

Mas não sou João sou Bocage
Que aqui vim responder
As perguntas de João
Para ele não morrer
Se tem mais vá perguntando
Que todas eu vou dizer

Disse o rei: ora Bocage
Se eu vou me ocupar
Em a ti fazer perguntas
Antes ir secar o mar
Tú já respondeu todas
Não tenho o que perguntar.

Bocage no seu repente
Era bastante afamado
O Rei lhe deu cárta branca
Em todo aquele reinado
Mas quando errasse no verso
Havia de ser degolado.

Porisso toda moçada
Vivia tudo a tentar
Armava toda cilada
Pra ele se atrapalhar
E fazer um verso errado
Para o Rei lhe degolar.

Um dia vinha Bocage
Num bom cavalo montado
Passeiando direitinho
Bastantemente trajado
Duas moças lhes esperavam
Cada, com um plano formado.

Disse uma: seu Bocage
Desta vez sua casa cai
De onde é que tú vem
Pra onde é que tú vai?
Eu venho do nariz da mãe
Vou para o ouvido do pai.

Bocage lhe respondeu
Esta pequena charada
E disse mais uma quadra
Que é um pouco pesada
A moça logo saiu
Bastante descabriada.

Um dia estava Bocage
Sem um tostão na algibeira
E ia ter no palacio
Uma otima brincadeira
Só lhe faltava um chapéu
Pensou por esta maneira.

Disse ele está danado
Eu me comparo com um réu
Se eu não for nesta festa
Porque me falta um chapéu
Porém eu vou tomar um
De qualquer um tabaréu.

Agarrou um chapéu velho
Pela estrada marchou
Bem no meio do caminho
Ligeiramente ele obrou
Botou o chapéu em cima
Com cuidado segurou

Dizendo: espera bichinha
Que não te deixo vôar
Vou esperar uma pessôa
Que possa aqui segurar
Pra eu ir buscar uma gaiola
Para te engaiolar.

Quando olhou para estrada
Viu um grande cavaleiro
Montado num bom cavalo
Era esse um fazendeiro
Que ia para cidade
Bem lorde e cheio de dinheiro.

Vinha ele bem metido
Com um bom chapéu mangueira
Foi avistando Bocage
Com aquela brincadeira
Ele parou o cavalo
E disse desta maneira:

Porque é que tú está
Com este chapéu no chão
Segurando com cuidado?
Disse êle: cidadão
Com sua chegada agora
Alegrou meu coração.

Porque aqui eu peguei
A sabiá da Rainha
Que escapoliu da gaiola
Anteontem à tardinha
Vou ganhar cinco mihões
Levando esta bichinha.

O senhor segura aqui
Que vou buscar a gaiola
Pra botar esta danada
Pra ver se assim controla.
Porém aquela conversa
Era somente parola.

Nessa hora o fazendeiro
Do cavalo se apeiou
Bocage entregou o chapeu
O manata segurou
Bocage saiu andando
Mas novamente voltou.

Disse ele ao fazendeiro:
Queira o chapéu me emprestar
Para eu ir lá no palacio
Essa gaiola buscar
Fiqui aí que vou correndo
Ligeiro torno voltar.

Nessa hora o fazendeiro
Tirou o chapéu lhe entregou
Bocage seguiu viagem
Que nem para traz olhou
Seguiu direto pra festa
Bem a vontade ficou.

O fazendeiro que viu
Bocage muito custando
Com duas horas que ele
Estava ali esperando
O fazendeiro com isto
Bastante foi se vexando.

Disse ele: aquele cara
Me mandou eu segurar
Este chapéu para ele
Ir a gaiola buscar
Já completou duas horas
E nada dele chegar.

Eu agora vou pegar
Este tal de passarinho
E vou até ao palacio
Porque já sei do caminho
Cinco milhões eu recebo
E fico pra mim sosinho

O velho pegou o chapéu
E começou arribar
Prá pegar o passarinho
Com um cuidado sem par
Foi agarrando o tal pássaro
Sentiu a mão atolar.

Quando o velho foi pegando
Viu atolar sua mão
O velho disse: danou-se
Mas que cilada do cão?
Mas como foi que caí
Nos laços deste ladrão.

Bocage chegou na festa
Decentemente trajado
A música estava por conta
O baile muito animado
Bem na porta estava o Rei
Com a Rainha a seu lado.

Bocage pediu licença
Que ali queria entrar
Pois naquela brincadeira
Ele queria dançar
Disse o Rei que não podia
A razão foi explicar.

Disse o Rei para Bocage
O nosso meio é decente
Você dançar sem gravata
Ninguem ficará contente
Vá buscar uma gravata
E volte de novamente.

Bocage ligeiramente
Pra sua casa voltou
Tirou logo a roupa toda
Uma gravata amarrou
Para o palacio do rei
Ligeiramente voltou.

Bocage seguiu direto
Para o palacio real
Nuzinho como nasceu
Chegou lá no festival
Entrou e saiu dançando
Pois tinha ordem legal.

As moças correram todas
Nesse grande burburim
Rebentaram o contra-baixo
Pisaram no tamburim
O pobre do violão
Duma só vez levou fim.

O rei foi a toda pressa
Pra saber o que aconteceu
Quando foi vendo o marmanjo
O monarca conheceu
Que o mesmo era Bocage
Nuzinho como nasceu.

Disse o rei para Bocage:
Que grande infelicidade
Você vir pra aqui despido
Está doido de verdade?
Não senhor estou cumprindo
A ordem da majestade.

O Monarca se lembrou
Que mandou ele ir buscar
Uma gravata primeiro
Para depois vir dançar
O recurso aí agora
Foi ver o baile acabar.

Uma certa ocasião
Sua Real Majestade
Fez outra festa bacana
Naquela localidade
De Principe, Rei e Princesa
Tinha de toda cidade.

A coisa estava animada
Príncipes ali recitando
Todas familias Reais
Estavam ali escutando
A Rainha estava ao lado
Do Monarca apreciando.

Mais tarde a bela Rainha
Um pouco facilitou
Foi se virar um pouquinho
E grande bufa soltou
Foi um fedor tão horrivel
Que até mosquito entontou.

A Rainha envergonhada
Correu logo do salão
O povo tapou o nariz
Nessa mesma ocasião
Foi esta a maior vergonha
Pra o Rei daquela nação.

O Rei ficou imaginando
Naquela hora mesquinha
Passar naquele momento
Esta vergonha todinha
Tentou tirar toda culpa
De sua esposa Rainha.

Mandou ir chamar Bocage
Para ver que jeito dava
Pra recitar uns versinhos
Para ver se minorava
A vergonha que a Rainha
Naquela hora passava.

Com pouco chegou Bocage
O rei lhe participou
A bufa que a Rainha
Naquela hora soltou
Disse Bocage: está certo
Eu vou ver que jeito dou.

Vou recitar uma poesia
Do principio até o fim
Tirando a culpa todinha
Botando em cima de mim
O povo fica sabendo
Que nada teve ruim.

Bocage neste momento
Lá para sala marchou
Chegando falou ao povo
Como o Monarca mandou
Para ver sua poesia
O povo todo parou.

Bocage disse: senhores
Nada mais aconteceu
Quero explicar que a bufa
Que a nossa rainha deu
Não foi ela quem bufou
Quem deu a bufa foi eu.

Com os versos de Bocage
Toda aquela multidão
Soltou tanta gargalhada
Que se embolou pelo chão.
A rainha envergonhada
Quase morre de paixão.

Naquele mesmo reinado
Uma viuva existia
Chamava-se D. Costa
Que só de festa vivia
Na casa desta viuva
Era festa todo dia.

Tinha três filhas bonitas
Chamava aqueles senhores
Caixeiros e jornalistas
Funcionarios e Doutores
Dentistas e Deputados
E muitos Vereadores.

Ia tambem engraxate
Servente e carregador,
Malandros e dorme-sujo
Toda classe sem valor
Ficavam na retaguarda
Vendo este frevo de horror.

Na casa de dona Costa
Este frevo todo dia
Os visinhos dali de perto
À noite nenhum dormia
De tanto toque e cantiga
E tanta da gritaria.

Certa vez a dona Costa
Em Bocage ouviu falar
Que era o rei do improviso
Na arte de versejar
E para dizer piada
Não tinha com quem comparar.

Mandou depressa um convite
Para o poeta afamado
Que para dizer piada
Era bastante falado
E no verso da poesia
Ele era o mais respeitado.

Quando foi no dia seguinte
A festa estava rolando
O povo cantava samba
Os instrumentos tocando
No meio desta zuada
Bocage ali foi chegando.

Parou todo movimento
Quando Bocage chegou
Deram a ele uma cadeira
Bocage aí se sentou
Se conservando tristonho
Ali no canto encostou.

Dona Costa perguntou
Aquele é mesmo o poeta?
Pensei que fosse outro homem
Que seguisse em linha reta
Que fosse um homem disposto
Mas veio aqui um pateta.

Porém eu vou nesse instante
Mandar êle conversar
Dizer alguma piada
Para nós apreciar
Ou então qualquer poesia
Pra ver se sabe trovar.

Dona Costa foi marchando
Para o poeta afamado
E disse: Sr. Bocage
Poeta muito falado
Diga aí uma piada
Que seja de nosso agrado.

Disse Bocage: o que sei
É coisa da antiguidade
De quando houve o diluvio
Naquela localidade
Disse ela: esta é bacana
Vamos gostar de verdade.

Noé foi um ancião.
Bocage continuou
Ele era um servo de Deus
E Deus a ele avisou
Que construisse uma arca
Bem direitinho lhe falou.

Pois ia ter um diluvio
Que ia tudo acabar
Ele com toda familia
Na arca podesse entrar
Que a arca sobre as aguas
Teria que flutuar.

Também de todos os bichos
Ele levasse um casal
Todos os tipos de aves
Todo e qualquer animal
Levasse dentro da arca
Toda fera irracional.

Então no dia seguinte
Noé a arca aprontou
De todas aves e feras
Ele um casal colocou
O bode foi abusando
Quando a arca flutuou.

O bode zuando tanto
Sem deixar ninguém dormir
O povo disse a Noé
O que se passava ali
Noé bastante zangado
Resolveu ir repelir.

Noé agarrou o bode
Bateu um pau pelas costas
E disse: cabra safado
Agora dou-te a resposta
Quer fazer de minha arca
A casa de dona Costa?

Isto aqui é um arca
Respeita cabra safado
Na casa de dona Costa
Tú és bem acostumado
Chatiar a noite toda
Ninguem dormia sossegado.

Bocage neste momento
Nem acabou de falar
Dona Costa foi lá dentro
Mandou a festa acabar
E nunca mais ela fez
Festa naquele lugar.

Bocage foi o maior
No verso da poesia
Toda questão que pegasse
Somente ele vencia
Ninguem naquela cidade
Com Bocage podia.

Senhores todos este livro
Não afirmo ser exato
Porque tem muitos malandros
Com estratégica de gato
Faz coisa que o Cão duvida
Bocage é quem paga o pato.

FIM

OS CANTADORES DO NORDESTE

Antigamente a poesia, meu amigo
Nesta terra ninguèm dava valor,
Pois chamavam de louco o trovador
Da poesia o povo era inimigo,
Esse pobre vivendo sem abrigo
E assim cada vez se maldezia
Hoje o povo conhece e aprecia,
Considera esse homem inteligente,
O soldado, o sargento e o Presidente
Todos eles são fãs da poesia.

O Camões, um poeta tão profundo
Pelo povo de hoje admirado,
Porèm quando no tempo atrasado
Muita gente o chamava vagabundo,
O Bocage, outro vate tão fecundo
Muitas vezes sò não se maldizia
Porque tinha a maior filosofia,
Hoje todo Brasil è diferente.
O soldado, o sargento e o Presidente
Todos eles são fãs da poesia

Alvarenga Peixoto, um cidadão
Foi poeta dos mais inteligentes,
Mas um dia aderiu-se a Tiradentes
Só afim de salvar nossa Nação,
Esse pobre acabou-se na prisão
Sua esposa morreu de agonia
Pela seta da grande nostalgia,
Hoje todo poeta està contente,
O soldado, o sargento e o Presidente
Todos eles são fãs da poesia

Castro Alves, um heròi da abolição
Convidou a José do Patrocínio,
Se juntaram os contra o latrocínio
Pra acabar com a negra escravidão,
A princesa Isabel deu permissão
E assim o poeta da Bahia
Trabalhando com pràtica e teoria
Libertou para sempre aquela gente
O soldado, o sargento e o Presidente
Todos eles são fãs da poesia.

O Gregorio de Matos no passado
Pelos versos de sua inspiração,
Encerraram esse pobre na prisão
Em Angola foi ele degredado,
E depois de ser tão martirisado
Ordenaram ele vir para a Bahia,
Sua terra que tinha simpatia
Mas morreu em Recife de repente
O soldado, o sargento e o Presidente
Todos eles são fãs da poesia.

Leandro Gomes de Barros, e Athaíde
Foram grandes poetas populares
Divertiram com versos muitos lares
Cada um là no céu hoje reside,
Um lugar que só Deus é quem preside
Onde nunca ninguém sofre agonia,
Sò se ver é beleza e alegria
Com as graças do Pai Onipotente,
O soldado, o sargento e o Presidente
Todos eles são fãs da poesia.

Zè Bernardo, Hermes Gomes de Oliveira
Zè Pacheco e também Josè Diniz,
Americo Marcelino, a morte quiz
Carregar desta terra brasileira,
Josè Gomes (Cuica) e o Teixeira
Que pra o povo seus versos escrevia,
Desde o sul ao Nordeste da Bahia
Se escuta dizer por toda gente:
O soldado, o sargento e o Presidente
Todos eles são fãs da poesia.

Foi Nicândo o primeiro trovador
Do Brasil com sua publicação,
Ugolino que era o seu irmão
Foi do Norte o primeiro cantador,
Nos seus versos cantava sua dor
Porque nosso Brasil não conhecia
Esta hética ou arte de poesia,
Porém hoje conhece e está contente,
O soldado, o sargento e o Presidente
Todos eles são fãs da poesia.

Zé Camelo o poeta conhecido
Que escreveu o Pavão Misterioso,
Trovador Cotinguiba, caprichoso,
João Melquides, que foi muito aplaudido
O Firmino Teixeira, foi querido
Escreveu Zè Pretinho em poesia
Com o Cègo Aderaldo em cantoria
Demonstrando ser muito inteligente,
O soldado, o sargento e o Presidente
Todos eles são fãs da poesia.

Vivos temos Rodolfo e Minelvino,
Cada um leva a cruz por um só trilho:
Erotildes, Manoel D'Almeida Filho,
João Ferreira. Expedito e Zé Silvino.
Diomédes, João Nobre e Zé Quirino,
O Raimundo Barbosa com alegria
Escrevendo pra o povo que aprecia:
Cada qual mostra ser inteligente.
O soldado, o sargento e o Presidente
Todos eles são fãs da poesia.

Tem o Gerson Lucena e Zé Vieira,
Paulo Nunes, Enéias, João Josè.
O Delorme Monteiro, mostra fé,
Paulo Lopes, tambem Manoel Pereira,
Antonio Teodoro é dianteira,
Expedito em Juazeiro tem valia,
Abraão nunca perde a garantia,
Diz Batista de Sena: estou contente,
O soldado, o sargento e o Presidente
Todos eles são fãs da poesia.

Quero agora falar aos violeiros
Conhecidos no Norte, repentista
Otacilio e o irmão Dimas Batista,
São dois grandes poetas brasileiros,
Lourival e o Pinto são luzeiros
Cada um mais falado em cantoria,
Os Bandeiras não perde em poesia,
Zè Francisco é gigante no repente,
O soldado, o sargento e o Presidente
Todos eles são fãs da poesia.

Cezanildo, Apolônio e Juvenal,
Caboquinho, Dadinho e Oliveira,
Barra Nova, Abdias, Zé Ferreira,
Azulão, João Ageu e Lourival,
Cantadores de fama nacional
O Benoni Evaristo e Zé Maria,
Ivanildo que é grande em cantoria,
Grita o Pedro Cezário e Zè Vicente:
O soldado, o sargento e o Presidente
Todos eles são fãs da poesia.

Passarinho, Sabiá e Larangeira,
Curiò, Asa Branca e Juriti,
Beija-Flor, Gavião e Bentivi,
Zé Viana, João, Pedro Bandeira,
José Alves Sobrinho, Luiz Pereira,
Josè Braga e Moisés que certo dia
Teve a vez de dizer em cantoria
Que o povo dali ficou contente:
O soldado, o sargento e o Presidente
Todos eles são fãs da poesia.

Tem o velho poeta Limoeiro,
Neve Branca também o Palmeirinha,
O Ricardo que mora em Serrinha.
João Quindingues poeta brasileiro,
Andorinha que canta o ano inteiro,
Bule-Bule e Limeira da Bahia,
Valdir Teles e Gaivota que um dia
Os chamaram de Aguia do repente,
O soldado, o sargento e o Presidente
Todos eles são fãs da poesia.

Alguèm nos pediu que cantasse um tema
Eu canto e tu cantas com capacidade,
Porque nossa vida tem mais vaidade,
Mas a morte chega trazendo o problema,
A matéria forte trassado o esquema
Vive nesta terra para batalhar,
Mas ele rebola para suportar
Que as vezes a foice repete o seu corte
A vida dormindo nos braços da morte
Eu canto em galope na beira do mar.

B. Eu gosto da vida, mas desprezo a morte
Porque nossa vida tem muita certeza
Quando a morte chega, vem com ligereza
No fio da vida ela dá um corte
Dentro dum caixão se pega um transporte
Para o cemitério iremos morar,
E desta maneira eu quero falar
Que a morte malfeita ninguèm se sucega
Que a vida prospera e a morte carrega
Nos dez de galope na beira do mar.

Z. Eu falo a você que a vida navega
De dia e de noite vivo conformado,
E a morte que volta de ferro afiado
Porque nesta vida as vezes entrega
E ele não ver porque sempre trafega
Por cima da terra só a palmilhar
E as vezes um homem gosta de reinar
O rei da coroa honra o seu critério
Transforma-se em pó lá no cemitèrio
São esses os mistérios da beira do mar.

B. Não gosto da morte pelo seu impèrio
Que leva a pessoa em plêna mocidade
Carrega a criança aqui da cidade
Da morte eu não quero saber do mistério
Deixando dizer no mesmo critério,
Mas também na vida preciso falar
Eu adoro a vida em primeiro lugar
Com a vida eu me abraço,
Com a vida eu me embrulho
A vida é feijão e a morte é gorgulho
Nos dez de galope na beira do mar.

Z. Eu sei que esta vida é mesmo um embrulho
Ela vai, ela volta, ela vira, ela vem,
São estes os segredos que a vida tem
Dentro dos segredos as vezes mergulho
O homem na terra é quase um fasfulho
Vive batalhando para desfrutar
As vezes na terra começa a pecar
Sem lembrar depois dos pecados seus
Na eternidade ele conta a Deus
São estes os trabalhos da Beira do mar

B. Da morte eu não quero os mistérios seus
Da vida eu quero a sua beleza
Na água que desce pela correnteza
Vai tirando o flúdio dos grandes plebeus
Trazendo a beleza desses versos meus
Eu adoro a vida em primeiro lugar
Mas também na morte eu preciso falar
A vida è o riso e a morte é a mágua
A vida è o barco e a morte è a água
Levando a pessoa pra beira do mar

Z. Aqui desta vida eu não magua
Vivo satisfeito com o dever da qual
Digo para o povo em assunto geral
Que a nossa vida as vezes bichaba,
O barco perfeito penetra na água
Que bem satisfeito vive a navegar
E a morte chegando pra lhe acabar
O sol se encobre e a vida se acaba,
O sol se afasta e a vida se embarga
São esses trabalhos da beira do mar.

B. A india Iracema da Ibiababa
Trazendo a origem do nosso terreno,
A india bonita com seu pè pequeno
Que o proprio Alencar na história se agaba
Esta tradição sei que não acaba
Mas para a morte eu quero mudar
E também na vida eu quero falar,
A vida é clareza de todo arrebol
A vida é a flor e a morte é o sol
Muchando a roseira da beira do mar.

Z. Eu sei que esta vida é mesmo um lençol
Cobrindo questão com patifaria
As vezes cantando com mais alegria
Cantando na vida puxa o arrebol
Mostrando o clarão deste rico sol,
A morte è uma pedra que da pra milhar
Catullo da qual gostou de cantar
Porque seu valor jamais se some
O corpo morreu ficou só o nome
São estes os trabalhos da beira do mar.

ENCONTRO DE ZÉ PAPA-JACA
COM CHICO PAPA-CARANGUEJO

Escutem bem meus amigos
Uma historia verdadeira
Que vou escrever agora
Com minha rima fagueira
De Ilheús com Itabuna
A título de brincadeira

O velho Zé Papa-jaca
Residia em Itabuna
Negociando com jaca
Nessa terra grapiúna
Lutando por noite e dia
A procura da fortuna

Chico Papa-caranguejo
Lá em Ilhéus residia
Era ele um pescador
E pescava todo dia
Um cesto de caranguejo
Lá no mercado vendia

Chico Papa-caranguejo
Um certo dia encontrou
Com o velho Zè Papa-jaca
Desta maneira falou:
Bom dia seu Papa-jaca
A discussão começou

Z. Bom dia seu paspalhão
Não venha com seu gracejo
Eu já sei você quem é
Nada de mal lhe desejo
Sò não posso é da valor
Comedor de caranguejo

C. Não é certo seu desejo
A precisão lhe consome
Quem vive comendo jaca
Não tem cartaz nem tem nome
De quinta pra sexta feira
Todos viram lubizome

Z. Tú vives morrendo a fome
Vai ao mangue por capricho
E na casa do vizinho
Vai pedir sal em cochicho
Comedor de caranguejo
Pode matar que é bicho

C. Quem vive comendo jaca
Começa se empalidecer
Fica logo cabeludo
As hunhas dão pra crecer
E dizem que vira bicho
Antes do dia amanhecer

Z. Quem vive dentro do mangue
Com um grande sexto na mão
Apanhando caranguejo
Tão feios que só o cão
Um homem deste é um bicho
Não pode ser um cristão

C. Quem vive vendendo jaca
Inda mais da roça alheia
Merece que a policia
Dê uma surra de peia
Tome as jacas jogue fora
E mande o para cadeia

Z. Vendedor de caranguejo
Nunca pode andar na linha
Quando o mangue não da nada
A sua sorte é mesquinha
E termina indo preso
Porque vai roubar galinha

C. O homem que come jaca
Vive de barriga inxada
Mela a barba e o bigode
Numa visgueira danada
Se a mulher der um beijo
A bôca fica pegada

Z. E quem come caranguejo
Essa comida horrorosa
Se for um homem casado
Com uma mulher dengosa
Se ele der um beijinho
Termina tuberculosa

C. Quem se alimenta com jaca
E vive assim nesta lida
Sem comer um caranguejo
A pessoa enfraquecida
Vai cair do pé de jaca
Termina perdendo a vida

Z. Jaca é comida forte
Para qualquer cidadão
O homem que come jaca
Se transforma num Sansão
Que com um braço suspende
Todo e qualquer caminhão

C. Quando eu como caranguejo
Pego curisco com a mão
Prendo relâmpago num vaso
Boto cangalha em trovão
Mato baleia de sôco
Boto chocalho em cação

Z. No dia que como jaca
Se alguem me aborrecer
Os rios correm pra cima
Faço a maré se encher
Pescador de caranguejo
De fome tem que morrer

C. Eu pegando um Papa-jaca
De acordo o meu desejo
Aperto ele na hunha
Igalmente a um pecevejo
Depois corto faço isca
Para pegar caranguejo

Z. E um Papa-caranguejo
Se a meu jeito o pegar
De cima dum pé de jaca
O malvado eu vou soltar
Quando cair fica pronto
Para os cachorros puxar

C. Papa-jaca come jaca
Por não ter o que comer
Fica de barriga inxada
Sem poder nem se mecher
Vai nascer um pé de jaca
Na cova quando morrer

Z. Comedor de caranguejo
Este sim é um caso serio
Come tanto caranguejo
Quando for pra o necrotéiro
Os caranguejos carregam
Da cova no cemitèrio

C. Meu amigo Papa-jaca
Vamos aqui terminar
Esta nossa discussão
Vou outro assunto puxar
A cidade de Itabuna
Quero agora elogiar

Z. Você muda eu tambem mudo
Não quero mais discussão
Quero falar sobre Ilhèus
De todo meu coração
Agradecendo este povo
De finissima educação

C. Itabuna é terra bôa
Terra de hospitalidade
Terra de Firmino Alves
Que foi para a eternidade
Cada vez mais Itabuna
Aumenta a prosperidade

Z. Os Ilhèus do mesmo modo
Para mim è um encanto
O Malhado e a Conquista
Não sei como crescem tanto
Terra de D. Eduardo
O bispo que virou santo

C. A cidade de Itabuna
Esta mesmo colossal
Cada vez mais predios novos
Construção especial
Itabuna já parece
Uma nova capital

Z. A cidade de Ilhéus
Vai seguindo seu caminho
Com três estações de radios
Desenvolve direitinho
Onde tem um bom mercado
Pra o grande e o pequenininho

Amigo te agradeço
De todo meu coração
Já vi que um Papa-jaca
Tem força e disposição
Sabe falar direitinho
Dentro da educação

Z. E um Papa-caranguejo
Agora posso afirmar
Que é homem cem por cento
Em todo e qualquer lugar
Inda mais tem seu valor
Na cidade a beira mar

Chico Papa-caranguejo
Demonstrando educação
Abraçou Zé Papa-jaca
Com muita satisfação
Todos dois dando risadas
Acabou-se a discussão

FIM

O GRANDE DEBATE DE BENTIVI DA FLORESTA COM GAVIÃO DA BAHIA

Uma centelha descendo
Lá do céu da poesia
Brilhou em meu pensamento
Pra versar a cantoria
De Bentivi da Floresta
Com Gavião da Bahia

O Gavião da Bahia
Era muito inteligente
Quando pegava a viola
Juntava ali tôda gente
Nunca encontrou cantador
Que lhe desse no repente

E o outro antigamente
Era Bentivi da Mata
Cantador pernambucano
Que quando não bate empata
E dizia: o nó que eu der
Cantador nenhum disata

Eu vou rasgar a gravata
Bentivi pensou um dia
Dêsse grande cantador
Do Estado da Bahia
Se êle for gavião
Vou pelar com agua fria

Na Capital da Bahia
Por nome São Salvador
Foi chegado Bentivi
Pra mostrar seu valor
Procurando Gavião
Assombro de cantador

Na casa de um senhor
Hospedou-se Bentivi
Pois era seu conhecido
Que a tempo morava ali
E de lá de Pernambuco
Sabia tudo dali

Almoçaram de persi
Entraram em conversação
Bentivi foi perguntando
Por este tal Gavião
Disse o amigo: eu conheço
É um cantador de profissão

Então arranje o salão
E và logo convidar
Êsse tal de Gavião
Para comigo cantar
Vou tirar pena por pena
Pra êle me respeitar

Eu quero ti avisar
Bentivi neste momento
Gavião para cantar
Não esgota o pensamento
Bentivi abra teus olhos
Gavião sempre é sangrento

Seja êle rabugento
Eu quero é que vá chamar
Se êle for gavião
Hoje aqui quero pegar
Arrancar pena por pena
Pra todo povo vaiar

O moço mandou chamar
O Gavião da Bahia
Para a noite em sua casa
Fazer uma cantoria
E cantar com Bentivi
Um gênio da poesia

O Gavião recebia
O convite de persi
E disse pra o portador
Conforme o que vejo aqui
Não tenho medo de águia
Quanto mais dum Bentivi

Diga a êle que aí
Vou ver se êle me aguenta
Se for fraco e não souber
Onde é que està a venta
Quebro a aza e quero o bico
Nunca mais come pimenta

Já tinha mais de oitenta
Pessôas lá no salão
Para vê naquele dia
Essa grande discussão
De Bentivi da Floresta
Com o famoso Gavião

Vinte horas no salão
O gavião foi entrando
O povo estava sentado
Logo foi se levantando
Êle foi saudando a todos
Desta maneira cantando

Boa noite meus senhores
Deste tão nobre salão
Vim atender um convite
Dum ilustre cidadão
E acabar com Bentivi
Somente de beliscão

Com a viola na mão
O Bentivi se ergueu
E falou pra o gavião
Que o salão estremeceu
Gavião abra teus olhos
Quem te avisa sou eu

G. Se ninguem nunca bateu
Neste magro Bentivi
Lutando com Gavião
Não tem pra onde fugir
Vou tirar pena por pena
Depois de tudo engulir

B. Mas eu posso me sair
Que isto não me atraza
Você para me engulir
É melhor engulir braza
Pois vai ficar sem muela,
Sem o fato e sem a aza

G. Diga logo onde é sua casa
Pra onde vai, donde vem
Se pensa voltar daqui
Ou se segue mais alem
Pois sem minha permissão
Não canta aqui com ninguem

B. Eu sigo para o além
Sou cantador pernambucano
Se pensa que aqui me vence
É bom tirar do engano
Vim bater num gavião
Aqui no solo bahiano

G. Arranco cano por cano
Deixo pelado no chão
Pra saber que na Bahia
Sò canta com permissão
Ou uma carta assinada
Com o nome de Gavião

B. Eu não quero permissão
Agradeço no momento
De um pobre gavião
Todo rôto e fedorento
Que anda de galho em galho
Magro, pelado e nogento

G. É feio o teu sofrimento
Que Bentivi atrevido?
Te tranco hoje nas unhas
Sem atender teu gemido
Te quebro osso por ôsso
Pra não ser tão enchirido

B. Não queira ser atrevido
Aqui dentro do salão
Responda se quer cantar
Ou se quer a discussão
No tiro ou na peixeira
No sôco ou no empurrão

G. É somente a educação
Que o bahiano admira
Vamos cantar um pouquinho
Cada qual de sua lira
Com pronuncia em português
Que ninguem diz ser mentira

B. Sem ter ódio e sem ter ira
Vamos cantar um quadrão
Para ver se alegra um pouco
O povo deste salão
Depois vamos no martelo
Vê quem tem inspiração

G. Pode bater o bahião
E da começo a cantar
Mas é um quadrão moderno
Para o povo apreciar
Conhecido em todo Norte
Por quadrão da beira mar

B. Eu garanto acompanhar
Mas você segue na frente
Dizem que o gavião
Não tem cantador que aguente
Mas Bentivi te acompanha
E vai atè no oriente

G. Não falo da vida alheia
Mas quando chego na areia
Que vejo tanta sereia
De maiô tudo a brincar
Eu fico só a olhar
Admiro a boniteza
Aquela tôda beleza
No quadrão da beira-mar

B. Eu fui a Copa Cabana
Vi uma menina bacana
Com essa linda praiana
Comecei a namorar
Terminando de banhar
Fui até a casa dela
Por fim me casei com ela
No quadrão da beira-mar

G. O pescador na jangada
Seguindo sua jornada
Enfrenta dura parada
Pras ondas fortes rasgar
Vai muito longe pescar
O vento forte soprando
Êle segue improvisando
Um quadrão da beira-mar

B. Chegando na pescaria
Seja de noite ou de dia
Enfrentando a ventania
Começa logo a pescar
O peixinho a beliscar
Porém vem o tubarão
O pobre fica na mão
No quadrão da beira-mar

G. Eu vou mudar de cistema
Pra resolver o problema
Cantando com outro tema
Pra o povo deste salão
É no dedo, è no bordão
È no bordão é no dedo
Pra cantar não tenho medo
Em oito pès de quadrão

B. Tem hora que sou rochedo
Tem hora que sou degredo
Tem hora que sou penedo
Tem hora que sou leão
Tem hora que sou dragão
Tem hora que sou cordeiro
Tem hora que sou ligeiro
Nos oito pés de quadrão

Hora que sou um guerreiro
Hora que sou brasileiro
Hora que sou estrangeiro
Hora que sou um Sansão
Hora que sou o bordão
Hora que eu sou a prima
Sou a viola e a rima
Que canta oito em quadrão

B. Sou mais do que um doutor
Mais do que governador
Mais do que um professor
Mais do que tabelião
Mais do que um capitão
Com soldado e com tenente
Mais do que um presidente
Pra cantar oito a quadrão

G. Bentivi agora mesmo
Vou mudando meu baião
Para cantar um martelo
De chamar mesmo atenção
E se ver que não aguenta
Corra logo do salão

B. Eu não temo assombração
Na arte de violeiro
Se vier como leão
Sai manso como cordeiro
Eu perco a fè do doente
Quando muda o traviceiro

G. Eu não mudo o traviceiro
Mudo só de cantoria
Pra saber se Bentivi
Tem repente e poesia
E se tem capacidade
Para cantar na Bahia

B. Tenho prática e teoria
E tenho repentes mil
Canto com cantador bravo
E com cantador gentil
Eu canto em todos Estados
De nosso caro Brasil

G. Eu bato pra mais de mil
Bentivís assim doente
Que não aguenta cantar
Fica chateando a gente
No bico do Gavião
Não tem Bentivi que aguente

B. Não sejas tão imprudente
Puxe logo teu martelo
Quero vê se tú suporta
O Bentivi em duelo
Onde êle põe o bico
Corta mais do que cutelo

G. Pra que da um Bentivi tão pequenino
Para o bico dum forte Gavìão
Pego êle e arranco o coração
Fìgado e bofe que o pobre perde o tino
Pra saber que sou Gavião ferino
Quando eu pego a meu jeito està pegado
Se maldiz e lastima o condenado
Eu seguro com êle pela guela
Quebro as azas e arranco-lhe a muela
No martelo de dez agalopado

B. Hoje eu pego este brouco Gavião
Corto unha e canela por canela
Pego êle agarro pela guela
E cabo com êle à beliscão
A cabeça eu esfrego pelo chão
Pra deixar de ser tão desaforado
Depois digo: conheça mácriado
Você hoje se vira em biribiri
Pra saber que o pequeno Bentivi
É dureza em martelo agalopado

G. Bentivi tú procuras teu lugar
Não se meta lutar com Gavião
Do contrário terá destruição
Sôbre um bico possante se acabar
Gavião sua arte é devorar
Todo pàssaro conhece do tratado
E por isso já vive assombrado
Quanto mais este pobre Bentivi
Vou o pegar quebrar aza e destruir
Na matéria de dez agalopado

B. É preciso a galinha criar dente
É preciso uma cobra nascer mão
É preciso o sul virar sertão
É preciso um mofino ser valente
É preciso um calangro ser tenente
É preciso um cachorro ser educado
É preciso o mar ficar parado
É preciso um leão virar quatí
É preciso saber que Bentivi
É espêto em martelo agalopado

G. Quando as aguas não ir mais para o mar
Quando o porco deixar de ser imundo
Quando o Rio São Francisco não ser fundo
Quando um pato nas aguas se afogar
Quando um peixe em gaiola se criar
Quando sol lá no céu ficar parado
Quando o vento ficar paralisado
Quando um gato almoçar junto com cão
Bentivi baterá em Gavião
Em matéria de dez agalopado

B. Se um dia o macaco virar gente
Se um dia o veado não correr
Se um dia o doente não gemer
Se um dia Lusbel virar-se crente
Se um dia o leão não for valente
Se um dia um grilo for soldado
Se um dia o elefante for formado
Se um dia um preá virar dragão
Nesse dia eu direi que Gavião
Da em mim em martelo agalopado

G. Não duvido do rio correr pra cima
Não duvido do mar todo secar
Não duvido dos peixes não nadar
Não duvido de manga virar lima
Não duvido da mãe vira-se em prima
Não duvido de pedra virar pão
Não duvido perdiz virar cancão
Não duvido um tatú ler um gibí
Sò duvido êste pobre Bentivi
Em martelo açoitar um Gavião

B. É mais facil se ver um boi voando
É mais facil uma paca saber ler
É mais facil a guariba escrever
É mais facil urubú se ver cantando
É mais facil uma pulga improvisando
É mais facil montar num sucuri
É mais facil teiù virar acarí
É mais facil casar com uma sereia
É mais facil açoitar uma baleia
Que em martelo açoitar Bentivi

Quando ver o espaço escurecendo
Quando ver o oceano revoltar
Quando o sol lá no céu se apagar
Quando ver tôda terra estremecendo
Quando ver todo povo se benzendo
Se acabando de medo ajoelhado
Vendo chôro ali por todo lado
Quando escuta o estouro do trovão
Quem conhece assim diz: o Gavião
Está cantando um martelo agalopado

B. Quando ver o relâmpago vadiando
No espaço fazendo caracol
Quando ver apagar-se a luz do sol
As estrelas ficar pestanejando
Vento forte cada vez mais soprando
No espaço fazendo um poeirão
O relâmpago clareia a amplidão
Diz o povo que passa por ali:
Tudo isto é porque o Bentivi
Deu uma surra danada em Gavião

G. Seu Bentivi da Floresta
Que diz que sabe cantar
Se metendo a valentão
Agora vou lhe pegar
E arrancar pena por pena
No galope a beira-mar

B. Na arte de improvisar
Eu estou de prontidão
Pode vir como quizer
Estou a disposição
Vou tirar pena por pena
Das costas do gavião

G. Peguei um Bentivi dei um beliscão
Joguei para cima subiu no espaço
Quebrou a cabeça, o pescoço e cachaço
Subiu pelo ar como um fuguetão
Na velocidade de um avião
Ninguem sabe aonde êle foi se parar
Porque no espaço não poude ficar
Por não atravessar o ecuador
Depois me disseram que um pescador
Viu êle cair lá dentro do mar

B. Uma certa vez peguei um Gavião
Querendo passar para o estrangeiro
Eu voei por cima pelo nevoeiro
Peguei na cabeça dei um beliscão
Batendo com a aza, dando bofetão
Aquele bichão começou a cançar
Para o estrangeiro não pôde passar
Que sua viagem logo atrapalhei
Quebrei dêle as azas ali derrubei
Morreu afogado lá dentro do mar

G. Peguei um Bentivi de là da Floresta
Com um pè no pescoço e outro na aza
Com bico, com unhas, só mandando braza
E disse pra êle: agora o que resta
Veja um Gavião pra quanto êle presta
Peguei o bichinho e sair pelo ar
Dentro do oceano que fui o atirar
Daì em diante findou-se a contenda
Os peixes com êle fizeram merenda
Brincando e pulando lá dentro do mar

B. Um dia nas zonas do alto sertão
Com uma armadilha que eu mesmo inventei
Com inteligencia num pau eu armei
Com pouca demora peguei um Gavião
Peguei no pescoço daquele bichão
Com força e com jeito consegui quebrar
O bicho morrendo começou a ciscar
Peguei pela perna deste deshumano
Levei pelo espaço joguei no oceano
Os peixes comeram lá dentro do mar

G. Pego um Bentivi piso no pescoço
Seguro nas azas agarro na guela
Abro o pelas costas arranco a muela
Porque Gavião é um cabra osso
Quando ver sangue pra êle é um colosso
Não há Bentivi que possa o aguentar
Mas quando está magro sò faço o matar
Seguro nos pès e sigo a jornada
Atiro o malvado na agua salgada
Pras os peixes comerem lá dentro do mar

B. Já dei um mergulho lá no oceano
Para conversar com uma sereia
Mas logo encontrei tão grande baleia
Puxei para fora porque sou tirano
Chegando na areia fiz logo meu plano
Chamei todo povo para observar
Dei carne a todos a té se fartar
Todo povo ali ficou admirado
Como um Gavião nogento e pelado
Joga um Bentivi là dentro do mar

G. Meu amigo Bentivi
Pode cantar na Bahia
Receba a chave simbólica
De destrancar cantoria
E um documento assinado
Dando tôda garantia

Aqui termina o livrinho
Traçado pelo meu tino
Em 31 de Dezembro
Sessenta e um eu termino
O livro de Bentivi
Escrito por Minelvino

FIM

PELEJA DE FRANCISCO DE ASSIS MEDEIROS COM MINELVINO FRANCISCO SILVA

Presado leitor a vós peço
Um pouco de atenção
Vou escrever para todos
Uma grande discussão
Que tive com um cearense
No Estado do Maranhão.

Em um dia resulvi
Percorrer o mundo inteiro
Percorri todo Brasil
Só não fui no Estrangeiro,
Procurando um cantador
Que désse no meu tempeiro.

São Paulo, Belo Horizonte,
Belém, Vitória, Amapá,
Niteroi e Curitiba,
Goiânia e Cuiabá,
Natal, Manaus, Boa-Vista
Não ficou canto por là.

Procurando um repentista
Para eu tirar-lhe o calor
Remechi Aracajú,
Maceió e Salvador,
Theresina e Fortaleza;
Procurando um cantador.

De Porto Alegre a Recife
Não ficou povoação
Que eu não andace em todas
Com bastante precaução
Procurando um cantador
Que não temece questão.

De lá fui a João Pessôa
Procurando um cantador
Para no verso da lira
Tambem mostrar meu valor
Ahi me deram noticia
De um grande trovador.

Quem me deu essa noticia
Me disse assim: sem agrado
Francisco de Assis Medeiros
É um cantador afamado
Pra ir discutir com êle
O Senhor tome cuidado.

Porque no verso da lira
Nunca temeu valentão
Quem vem discutir com êle
Ele amarra num mourão
Toma cafe com chibata
Almoça com cinturão.

Eu perguntei no momento
Onde mora esse Senhor?
Disse ele: em Joazeiro
Que reside o trovador.
Estado do Ceará,
Que chama tira-calor.

Eu segui pra Joazeiro
Na manhã do outro dia
Na pista do trovador
Que por nome conhecia
Eu vou tirar tua fama
No pensamento dizia.

Eu saltei em Joazeiro
A um guarda fui perguntando
Por Francisco de Assis
Ele foi me respostando:
Ele foi pra S. Luiz,
Por lá está passeando.

Eu disse muito obrigado
Naquela ocasião
Fui saltando ali do carro
Fui pegando o Avião
Pra Capital São Luiz
Estado do Maranhão.

Na Capital São Luiz
No momento que cheguei
No hotel dos Viajantes
Neste momento hospedei
Pelo trovador Francisco
Depressa eu perguntei.

O hoteleiro pergunta
Como chama-se o Senhor?
Minelvino Francisco Silva
Falei com força e valor,
Ando aqui na vossa terra
Procurando um trovador.

Ele ficou me olhando
Com gesto de mangação,
Disse: Francisco se hospeda
Tambem aqui na Pensão
Quem vem discutir com ele
Vai certo para a prisão.

O Hoteleiro mandou
Muita gente convidar
Tambem mandou um emissario
Para o Francisco avisar
Que chegou um cantador
Que veio lhe insultar.

Me chamaram para dentro
Me sentei lá no salão
Recostado no sofá,
Com minha viola na mão.
Tinha gente em quantidade
Para ver a discussão.

Ali naquele momento
Uma voz estremeceu,
Com o som de uma viola
Que doeu no peito meu
Eu senti tanto remorço
Que o corpo me estremeceu.

Bom-dia meu caro amigo,
Como chama-se o Senhor?
Minelvino Francisco Silva
Sou tigre devorador,
Sou poeta sem cultura
Mas não temo cantador.

Sou Francisco de Assis
Medeiros, meu sobre nome
Eu mato Burra de Padre
Os urubús é quem come.
Pego Alma e amarro
Com couro de lubisome.

M. — Já peguei uma pesadeira
Que veio querer me pegar
Prendi em uma garrafa
Que até hoje ela está lá
Pedindo por todo Santo
Para eu tornar soltar.

F. — Sou como Pantera Negra
Sou um Leão devorador
Na hora que estou zangado
Eu pegando um cantador
Na ponta do cinturão
Depressa eu tiro o calor.

M. — Eu pegando um cantador
Na hora que estou zangado
Dou dez surras todo dia
Adepois de algemado
Caindo nas minhas unhas
Diga que está desgraçado.

F. — Eu me vendo aperriado
Faço a luz do Sol faltar
Faço o mundo escurecer,
O vento paralizar.
Vai cair chuva de fogo
Dia e noite sem parar.

M. — Eu chegando a me zangar
Faço quem não quer querer
Levante ócaso, orizonte
Faço tudo escurecer,
Quem vem discutir comigo
Arrisca a vida perder.

F. — Eu chegando aburrecer
Sou forte como um leão
Mato canguçú de tapa
Bóto sela em Dragão.
A fera mais temeroza
Eu mato de bofetão.

M. — Eu ronco como um trovão
No dia que estou zangado,
Pego corisco de mão
Faço o ar ficar parado
O sol apaga seus raios
Todos morrem asfixiado.

F. — Já me vi aperriado
Fiz a terra revirar
Virei o mundo asavésso
Montanha, planice e mar.
Todo mundo ia morrendo;
Depois tornei concertar.

M. — Numa noite de luar
Na véspera de São João
Peguei um rosario bento
Montei num genio tufão,
Voando pelo espaço
Amarrei a mãe do cão.

F. — Já peguei um valentão
Que veio me insultar
Marrei ele num mourão
Pra puder me respeitar
Cortei um pedaço da lingua
Nunca mais poude falar.

M. — Disculpe eu lhe chamar
Senhor Francisco Medeiros;
Vamos cantar o Brasil
Como uns dignos Brasileiros.
No martelo agalopado
Eu canto trinta Janeiros.

F. — Eu sou como Oliveiros,
Carlos Magno e Roldão.
No martelo agalopado
Eu sou terror do sertão.
Pode vir quem quizer,
Nunca timi valentão.

M. — Mato Grosso, S. Paulo e Paraná,
Rio Grande, Bolivia e Goiaz,
Amazonas tambem Minas Gerais
Espirito Santo, Bahia e Pará,
Pernambuco, Sergipe e Ceará
Piauí, Alagoas, Paraiba,
São Luiz, Porto Alegre e Curitiba
Fortaleza, Recife e Salvador
No martelo é que eu pego um cantador
Desta vez êle ou morre ou se arriba.

F. — Bôa Vista, Vitoria e Cuiabá
De Manaus, Goiania e Natal
Povôado, Cidade e Capital
Niteroi, Teresina e Amapá
Desta vez não ficou canto por lá
Procurando um cantador afamado
Séndo forte, afoito e malcreado
Dessa vez esse pobre eu vou marrar
Para o couro das costas eu tirar
No martelo de dez agalopado.

M. — Eu pegando um Poèta Cearense
Marro ele num touco no terreiro
Pucho logo uma estaca do chiqueiro
Como eu fiz com um cantor Piauiense,
Em Vitoria hoje aqui você nem pense
Vai sofrer numa tremenda prisão,
Já mandei preparar um alcapão
Pra prender os cantores malcriados
Dar dez surras depois de algemados
Sair dizendo o Baiano é um leão.

F. — Já peguei um cantador na Bahia
Marrei êle num pé de uricuri
Todo povo ficaram a surrí
Pois surrei de manhã pra meio dia
O lugar que eu já vi mais covardia
Que ali ninguem veio me reclamar
Eu surrei faltou pouco pra matar
Nos meus pés me deu bença ajoelhado
Pra deixar de ser bruto e malcriado
E aprender um cearense respeitar.

M. — Fui um dia no Rio de Janeiro
Fui até lá no Campo Aviação
Vinha um YAK lotado de alemão
Pra acabar todo povo Brasileiro
Dei um pulo com o corpo tão maneiro
Dei um murro no monstro tão danado
Que caiu com cem leguas esbagaçado
No momento me fez arrepender
Os contrários tirei mandei prender
Dessa vez ficou tudo encarcerado.

F. — Foi no ano de trinta a trinta e seis
Que o nosso Brasil ia se acabar
Vinha um grande navio pelo mar
Cheio de Russo, Alemão e Japonez
Um exercito Suéco e um francez
Vinha cheio de metralha e de canhão
Eu depressa fiquei de prontidão
Revirei o navio no alto mar
Todos eles ficaram a se afogar
Dessa vez deram carne ao tubarão.

M. — Estou vendo que tú é valentão
Dum Baiano hoje aqui vai apanhar
Pé e mão com cabeça eu vou marrar
Mando logo amarrar em um mourão
Dou uma surra de urtiga e cansanção
Fica o povo dali horrorisado
Quando eu pego um cantor assim malcriado
Fica manço igualmente um cordeiro
Apanhando de Junho até Janeiro
Pra deixar de ser tão disaforado.

F. — De um tapa que eu der te esbandalho
Dou soquêite que os dentes saltam fora
Boto a séla e te rasgo de espora
De um murro que eu der te escangalho
Seu poéta sigura o velho galho
Que no verso da lira eu sou terror
Quando eu pego a meu geito um cantador
Marro êle num pé de gameleiro
Algemado eu deixo o ano inteiro
Sou igual um leão devorador.

M. — Dou-te um bofetão
No pé do ouvido
Sugeito atrivido
Ti boto no chão
Do teu coração
Eu ranco um pedaço
Ti faço um bagaço
Ti mato amarélo.
O meu martelo
É de puro aço.

F. — Eu quebro-te um dente
Com uma bofetada
Aventa amaçada
Ti deixo doente
Sou como a serpente
Quando chega ira
No verso da lira
Eu sou verdadeiro
Surro um ano inteiro
Um cantor caipira.

M. — Ti amaço o nariz
Ti arranco o bigode
Seu cara de bóde
Sugeito infeliz
Má hora que eu quiz
A ti conhecer
Mais tú vai saber
Quem é um baiano
Que luta um ano
Sem ninguem vencer.

F. — Sou féra valente
Sou tigre ou leão
Sou como um Dragão
Feróz renitente
Sugeito insolente
Tiro uma correia
Ti ranco uma orelha
Deixo amofinado
Ficando covardo
Peior que uma ovelha.

M. — Eu pego um cearense
Marro num mourão
Dou de cinturão
Ele se convence
Cantor não me vence
Ainda eu doente
Porque no repente
Sou cobra assanhada
Sou onça enfesada
Sou uma serpente.

F. — Eu pego um Baiano
Agarro na guela
Arranco a titela
Jogo no oceano
Meu genio é tirano
Quando estou zangado
Cantor malcriado
Eu pego um facão
Ranco o coração
E faço um guizado.

M. — Já peguei um duro
Era um valentão
Marrei o bichão
Lá no pé do muro
Em noite de escuro
Montei nessa hora
Rasguei de espora
Fiz dele um cavalo
De tanto esporal-o
Morreu sem demora.

F. — Tu és caviloso
Um sugeito imundo
És um vagabundo
Cabra mentiroso
Eu fico nervoso
Com tanta parola
Te quebro a viola
De um bofetão
Vai pra estação
Pedir tua esmola.

M. — Te passo a rasteira
Te boto no chão
Pucho o cinturão
Em toda carreira
Boto meu cachorro
Tu gritando eu morro
O cão agarrado
Ti deixo marcado
Com a marca do zorro.

F. — Sou como Sansão
Tenho força por seis
Mato deseceis
De um bofetão
Uma ocasião
Peguei um cantor
Dei surra de horror
Deixei amarrado
E disse malcriado
Tu viu meu valor?

M. — Eu ranco o pescoço
Eu capo, eu acino,
Cantor Minelvino
É um cabra osso.
Cantor velho e moço
Poéta afamado
Estou acostumado
Dar de cinturão
Boto na prisão
Deixo encarcerado.

F. — Sou guerreiro forte
Sou féra valente
Sou como serpente
Sou igual a morte
Do sul para o norte
Você se atreveu
Porém já morreu
Vai a sepultura
Nunca tem ventura
Quem canta mais eu.

M. — Quem luta comigo
Da luto a mulher
Pois nem Lucifer
Salva do Perigo
Em verdade, eu digo:
Eu pego um leão
Dou de bofetão.
Veja um cantor
Todo trovador,
Me toma benção.

F. — Meu amigo Minelvino
Eu dou por finda a questão
Deixemos pra decidir
Em outra ocasião
E mesmo já faz trez dias
Dessa nossa discussão.

M. — Muito bem caro Francisco
Não quero mais duvidar
Você é um cantador
Que paga a pena cantar
Se aumentasse um pouquinho
Eu ia me retirar.

FIM

PELEJA DE MINELVINO FRANCISCO SILVA COM UMA MULHER MISTERIOSA

Não tenho mêdo do bicho
Por mais que seja ferino
Não tenho mêdo do homem
Por mais que sêja assassino
De quem mais eu tenho mêdo
É de mulher e menino

Porque com êsses dois sêres
Homem nenhum tem razão
Se apanhar è covarde
Se bater perde a questão
Não tem jeito para o pobre
Não sofrer dessepção

Pois com lingua de mulher
Nem o diabo se aguenta
Devido eu ter tanto mêdo
Encontrei uma em cinquenta
Que quase que me tirava
Todo cabelo da venta

Era no ano cinquenta
Là no Norte da Bahia
Chegando eu em Bonfim
Numa certa hospedaria
Sem querer mesmo enfrentei
Uma luta em poesia

Logo assim que fui entrando
Com minha mala na mão
Ouvi uma voz de mulher
Num quarto desta pensão
Chamando pelo meu nome
Para entrar em discussão

Eu respondi: Dona moça
Com quem è que estou falando
Me diga como é seu nome
Para eu ir me preparando
Se ès casada ou solteira
Que vem assim me insultando

Misteriosa

Quem sou eu não interessa
Não queira se intrometer
Tambem como é meu nome
Não me interessa dizer
Se não sabe improvisar
Trate logo de correr

Minelvino

Dona moça no improviso
Pode vir como quizer
Seja moça ou seja velha
Seja mesmo lucifer
Eu nunca corri de home
Pra correr duma mulher?

Misteriosa

Seu Minelvino Francisco
Ainda está enganado
Se não tem mêdo de homem
Aqui será humilhado
Porque de uma mulher
Daqui só sai apanhado

Minelvino

Se eu vivesse embriagado
Caido lá pelo chão
Inda não acreditava
Quanto mais que vivo são
Vou tirar sua coceira
Na ponta do cinturão

Misteriosa

Vai sair só de calção
Que todo mundo acha graça
Pois quando vê o perigo
Pra não subir na fumaça
Corre tanto que por fim
Acaba perdendo a calça

Minelvino

Todo mundo faz chalaça
De vê um corpo despido
Duma mulher pela rua
Aprocura do marido
Com mêdo de Minelvino
Corre que perde o vestido

Misteriosa

Não tem rôgo nem pedido
Aqui hoje a coisa è feia
Em suas costas direto
Minha chibata vadeia
E depois de tudo isto
Mando meter na cadeia

Minelvino

A senhora cai na peia
Comigo se atrapalha
Improvise e metrifique
Olhe, não dê uma falha
Porque se errar o verso
A minha peia trabalha

Misteriosa

Eu nunca dou uma falha
Porque tenho inspiração
Já estou acostumada
Com a viola na mão
Açoitar cantador forte
Que se diz de profissão

Minelvino

Pode Joana ou João
Homem, mulher ou menino
Que vier cantar comigo
Vai sair em desatino
Pra respeitar o cartaz
Do trovador Minelvino

Misteriosa

Se for grosso fica fino
Se for fino vai morrer
Quem eu pego está pegado
Não tem pra onde correr
Eu pegando està seguro
Tem que desaparicer

Minelvino

A senhora pode crer
Que está muito enganada
Comigo a pamonha é grossa
E a parada é pesada
Mulher comigo, ou apanha
Ou corre ou fica enrascada

Misteriosa

Eu estou acostumada
Pegar homem valentão
Tirar a camisa dele
E puxar-lhe o cinturão
Da surra de tirar sangue
Depois meter na prisão

Minelvino

Mas eu não sou fanfarrão
Eu luto de frente a frente
Sendo homem eu corto a lingua
Sendo mulher imprudente
Eu dou um sôco na bôca
Que quebro dente por dente

Misteriosa

Mas comigo é diferente
Eu te agarro na béca
Com um cacête na mão
E grito: lá vai sapéca
Se acaso escapolir
Corre que perde a cuéca

Minelvino

Por João, Antonio e Manéca
A senhora toma váia
O seu barco contra amim
No pôrto logo se encàia
A senhora corre tanto
Que quebra o cordão da sáia

Misteriosa

Ou no sertão ou na práia
O senhor topa mulher
Que lhe pega na orelha
E leva pra onde quer
Pra não zombar mais de mim
E nem de outra qualquer

Minelvino

Se caso for lucifer
Eu tenho forte oração
Somente com três palavras
Você perde a questão
E se não for morrerà
Na ponta do cinturão

Misteriosa

Não temo sua oração
Porque não sou satanás
Mas quando canto repente
Me chega fúria vorás
E hoje a seu Minelvino
Vou mostrar como se faz

Minelvino

Vou acabar seu cartaz
Hoje aqui nesta pensão
Dum tombo derrubo a porta
Te arrasto pro salão
Pra respeitar Minelvino
Em toda repartição

Misteriosa

Seu Minelvino Francisco
Topo o que dér e vier
Mas mudamos de assunto
Pra outro assunto qualquer
O senhor defende o homem
E eu defendo a mulher

Minelvino

O homem é rei sobre a terra
Que Deus deu a permissão
Assim que fez o primeiro
E deu o nome de Adão
Pra governar todas as feras
Desde o cordeiro ao leão

Misteriosa

Se o homem è rei das feras
A mulher é a rainha
Deus fez a perfeitamente
Da forma que lhe convinha
Tão cherosa e tão dengosa
Tão gentil e bonitinha

Minelvino

Sendo assim és toda minha
Não quero mais pelejar
Me considero vencido
Não quero mais protestar
Quem não gosta de mulher
O satanás vai levar

E assim com este verso
A discussão terminei
Uns dizem que tomei taca
Outros dizem que empatei
Viajei no outro dia
Sem saber com quem cantei

Eu aviso aos meus colegas
Que não queiram discussão
Com a classe feminina
Que da atrapalhação
Porque de qualquer maneira
O homem não tem rasão

Eu não gosto de mulher
Porque mulher me atrasa
Juntem todas as mulheres
Pretas, brancas cor de braza
Joguem todas as profundas
Quer-dizer: de minha casa

FIM

PELEJA DE PEDRO GOIABEIRA COM MARTIM REDIMUNHO

Senhores quem é poeta
Só um defeito contem
Tem horas que fala tanto
Que abusa até alguem
Outras horas fica mudo
Que não fala com ninguem.

Eu agora estou disposto
Com vontade de falar
Minha lingua está coçando
Pedindo para eu contar
Uma peleja fantástica
Para quem apreciar.

Pedro Mota Goiabeira
Era um cantor afamado
No estado da Paraíba
Foi êle o mais respeitado
No galope á beira mar
Foi o maior do estado.

Martim da Cruz Redimunho
Era um cantor de verdade
Residia no Piauí
Naquela localidade
O cantor que fosse a êle
Fazia até piedade.

Pedro Mota Goiabeira
Viajando pra o sertão
Do estado da Paraíba
Uma certa ocasião
Encontrou com Redimunho
Numa noite de São João.

G — Bôa noite Redimunho
Eu sempre ouço falar
Que nunca perdeu em rima
E sabe metrificar
Nem tambem nunca apanhou
No galope a beira mar

R — A trinta anos que canto
Nunca temir cantador
No galope a beira à mar
Não temo superior
No som de minha viola
Sempre mostro meu valor.

G — Eu também sou cantador
Tambem sei improvisar
Vamos cantar um galope
Vamos ver quem vai cansar
Você vai seguir por dentro
E eu por fora do mar.

R — Eu canto em qualquer lugar
Brincando com a poesia
Pode vir de todo jeito
Em forma de cantoria
Eu cantando o beira mar
Vou até o romper do dia.

G — Já me ví zangado peguei um tufão
Montei no malvado e para o Céu voei
Segurei na bride quando esporei
Veloz como bala voei na amplidão
Cheguei lá em cima peguei um trovão
Montei novamente e tornei a voar
Chegando na lua fiz ele parar
Falei com São Jorge naquele momento
E disse pra ele: desça do jumento
Pra ouvir meu galope por fora do mar.

R — De um só mergulho vencí uma guerra
Lá no alto mar eu fui mergulhei
Um submarino eu desmantelei
Que vinha acabar com tôda minha terra
Um monstro aparelho que só uma serra
Desparafusei para agua entrar
Todos tripulantes fiz se afogar
A guerra acabou-se ninguem brigou mais
Botei os contrarios todos para traz
São coisas que faço lá dentro do mar.

G — Certa ocasião dormir no relento
Me escanhei no vento e voei para o céu
Bem embarbelado estava meu chapéu
Na porta do céu batí com talento
São Pedro saiu naquele momento
Foi abrindo a porta e mandou eu entrar
Puxou uma cadeira e mandou me sentar
Chamou São Francisco e São Sebastião
São Lucas; São Jorge e São Damião
Pra ouvir meu galope por fora do mar.

R — No dia que estou um pouco aperriado
Toda embarcação no mar não navega
O mar fica bravo a onda carrega
Se afunda o barco que foi rebelado
O vento assoprando todo malcriado
As nuvens se abaixam e começam a pingar
O trovão ribumba se ver faiscar,
O mundo escurece não fica um clarão
Ninguem pode olhar para amplidão
Faço tudo isto lá dentro do mar

G — Um dia eu estava um pouco aperriado
Peguei um transporte e fui ao inferno
Dei sôco nos cães de velho a moderno
Deixei o inferno todo esbagaçado
O rei do inferno deixei rebentado
Pedindo a mim pra não lhe matar
O bicho chorava e se pôz a gritar
Eu disse pra ele: aguenta o rojão
Vou lhe enserrar num grande alcapão
Nos dez o galope por fora do mar.

R — Eu dando um mergulho lá no oceano
Eu pego torpedo e faço em pedaço
Rebento com tudo meu pulso é de aço
E mostro ao povo como sou tirano
Industria contraria que fazem num ano
Só gasto um segundo para rebentar
Pregando com a mão faço esbagaçar
Na força não temo o proprio Sansão
Rebento navio rebento canhão
Rebento com tudo lá dentro do mar.

G — Já ví u'a mocinha com um namorado
Os dois palestrando seguiram pra o banho
Eu que não gostei achei aquilo extranho
Peguei uma chibata e segui de malvado
Dei logo uma surra no cabra safado
O cabra era mole saiu a chorar
Peguei a mocinha e fui exemplar
Dei logo uma surra naquele momento
E disse pra ela: eis o casamento
Que faço a malandro por fora do mar.

R — Já ví um vigario em Copa-Cabana
Com uma garota e todo sacudido
Brincando com ela todo intrometido
De fato a garôta era muito bacana
Simpática e tão bela a linda praiana
Falei com o padre pra se retirar
Fiz uma carranca fingindo brigar
Ele foi embora deixando a donzela
Brincando na areia eu fiquei com ela
Na praia bacana da beira do mar.

G — Um dia as seis horas lá em Juazeiro
Com um namorado na beira do rio
Tinha u'a mocinha que estava com frio
Os dois se abraçando em um disespeiro
Eu só estava vendo era cheiro e mais cheiro
Na bôca um do outro chegavam agarrar
Ali só se ouvia era beijo estalar
Entre um e outro não passava cisco
Findaram casando no rio São Francisco
Na areia macia bem longe do mar.

R — Já ví uma velha toda sacudida
Banhando na praia de lá de Itaípe
Falando fanhosa que estava com gripe
Com um velho de um lado bem intrometida
A velhinha estava até resolvida
Chamando o velhinho para namorar
Saíram eles dois foram palestrar
O velho e a velha de lá palestrando
Gostaram da prosa e foram casando
Na areia da praia da beira do mar.

G — No dia que o povo quer me aborrecer
Eu faço virar toda embarcação
Rebento automovel trem e caminhão
Até bicicleta eu faço abater
Motores e ônibus para todos ver
Até avião não deixo vôar
Voando escondido eu vou derrubar
Eu dou dia Santo e fecho a cidade
Isto para mim não é novidade
Nos dez a galope por fora do mar.

R — Tem dia e momento que estou zangado
Dou logo um mergulho lá no oceano
Pego uma baleia porque sou tirano
E saio para fora com ela agarrado
Eu mato a malvada e depois com cuidado
Boto muita gente para retalhar
Dou carne ao povo até se fartar
O povo conhece que sou ferino
Prendo valentão amarro assassino
Quando vou a praia da beira do mar.

G — Uma ocasião vi um sergipano
Um pouco zangado bem aborrecido
Dizendo que viu um cabra atrevido
Que estava abraçando a filha de um baiano
U'a moça segura na mão de um praiano
Chamando pra areia pra ir palestrar
Peguei um cacête fiz eles chotar
Corrir com os manatas e fiquei com elas
Dei um passo a frente e peguei nas mãos delas
E ficamos brincando por fora do mar.

R — Ví u'a mocinha lá em Salvador
Um dia a tardinha segui para o banho
Ela dava carreira de todo tamanho
Brincando na areia com um condutor
Eu estava espiando por ser trovador
Aquela mocinha alí se banhar
Banharam a vontade até se cansar
Sairam pra areia os dois se sentaram
Uma grande amizade alí controlaram
E casaram na praia da beira do mar.

G — Os nomes das feras pretendo dizer
As feras terrestres de lá da montanha
A onça pintada é uma fera tamanha
Que só com estouro faz negro correr
Mas o rei leão faz ela temer
Que urra nas selvas faz tudo assombrar
Tem o javalí iena e jaguar
Tem o crocodilo tem o elefante
Que em sua tromba ninguem vai avante
São feras valentes de fora do mar.

R — De peixe maior que tem no oceano
Temos a baleia e tambem o cação
Contando a sardinha até tubarão
Ninguem neste mundo contará num ano
Tem um peixe grande que chama caiano
Tem o tal bom-nome vermelho e tauar
Tem o peixe boto de admirar
Que este acompanha a embarcação
Defende o navio com a tripulação
É um grande amigo lá dentro do mar.

G — Conheço a piaba e conheço a piranha
Conheço a traíra iúiù e acarí
Conheço o piau e tambem lambarí
Tem o surubim que não se acanha
Os peixes miudos êle abocanha
Seja pocomom ou então cambotar
Seja sarapó ou seja jundiar
Vai ele engulindo de um só vez
Dez, doze, até quinze e até dizesseis
O galope só presta é por fora do mar.

R — É tanta beleza que tem no oceano
Chegando no cais qualquer uma pessôa
Avista navio avista canôa
Avista saveiro com um mastro bacano
Por força divina do Pai Soberano
O vento começa a embalançar
Carregando a onda pra areia beijar
Pra lá e pra cá fica embalançando
Rapazes e moças todos se banhando
Na areia da praia da beira do mar.

G — Bastante admiro a grande beleza
Que tem na floresta ao romper do dia
Nos bosques tão verdes só ver-se alegria
Que parece o riso da mãe natureza
Ali nessa hora se acaba a tristeza
Só em ver as aves nas selvas cantar
Tão lindos gorjeios que faz alegrar
Naquela floresta ninguem fica triste
Tristeza nenhuma ali não existe
O galope só presta é por fora do mar.

R — No dia que estou um pouco aborrecido
Encosto canôa saveiro e navio
Faço cair gelo ninguem aguenta o frio
O mar fica bravo e todo enfurecido
Quem for contra mim o esforço é perdido
Que até o vento eu faço parar
Se acaba afogado quem for navegar
Os outros se acabam morre asfixiados
Para todos outros não ser tão ousados
Faço tudo isto na beira do mar.

G — Os pássaros do mato de pena que vôa
Tem o zabelê iambú e perdiz
Tem a saracura e tem a cordiniz
Tem tantos dos pássaros que vive é atôa
Marreca e carão que é da lagôa
Cancão e juriti eu não deixo ficar
Jacú raquã gosto de caçar
Com minha espingarda que sempre sou
Mato papagaio e maracanã
O galope só presta é por fora do mar.

R — Goiabeira amigo eu vou lhe dizer
Que neste galope sou bem resolvido
Mas hoje apanhei estou convencido
Emborco a viola para todos ver
Nem mais uma estrofe eu posso fazer
Não tem no oceano mais o que eu falar
Já falei em peixe em muito lugar
Já falei em barco de todo tamanho
Já falei em praia já falei em banho
Não canto mais nunca por dentro do mar.

G — Amigo e colega você apanhou
Mas cantou direito e animou toda gente
Gostei direitinho de ver teu repente
Perdeu pois o tema não lhe ajudou
Presado colega você já cansou
Porisso aconselho que vá descansar
Procure uma cama e vá se deitar
Eu que estou forte sigo meu caminho
No verso da lira cantando sosinho
No velho galope por fora do mar.

G — Eu quero seguir falando em viajem
Desde o automovel até caminhão
De caminhonete até avião
De alimôsine por tôda paragem
Viagem de trem é barata a passagem
Com pouco dinheiro pode Viajar
Pra minas, pra Rio, pra qualquer lugar
Pra o Norte, pra o Sul, até pra São Paulo
Viaja à vontade sem sentir abalo
Nos dez a galope por fora do mar.

G — Que bela viagem é de avião
Por cima das nuvens proximo ao firmamento
Se olha pra baixo naquele momento
As vastas florestas se vê o azulão
Ninguem mais divide as matas do chão
Pra todos os lados que agente olhar
Vê dois firmamentos em baixo e no ar
Agente sentado só observando
Por dentro das nuvens vôando vôando
Vôando por cima por fora do mar.

G — Falando em viagem sigo novamente
Dou todo valor a viagem de trem
A locomotiva nesse vai e vem
Me inspira bastante para meu repente
Olhando as paisagens me sinto contente
Os montes e serras eu vejo passar
Os passaros nos campos eu vejo vôar
O trem dar um apito bastante saudoso
Já perto de casa eu fico animoso
Cantando o galope por fora do mar.

G — Eu gosto também do pau de arara
Quando eu vou pra casa que venho do sertão
Ajeito minhas malas pego um caminhão
Se acaso só trago coragem e a cara
Se o motorista para mim encara
Dizendo: as passagens aqui vou cobrar
Eu falo pra êle pra me dispensar
Ele cala a boca dali vai embora
Acelera o carro e sai sem demora
Nos dez a galope por fora do mar.

G — Fui em Alagôas somente pra ver
Os grandes milagres de Nossa Senhora
Vi tantos milagres ali toda hora
Que só a gente vendo para poder crêr
Vi bem de pertinho já posso dizer:
Vi louco sarando e mudo falar
Vi tanto aleijado sosinho caminhar
Por força divina da Mãe Soberana
Trabalha segunda e toda semana
Curando seus filhos por fora do mar.

G — Só com agua benta ela faz sua cara
Que molha a cabeça e dar pra beber
O pobre cristão sai logo a dizer
Dou graças a Deus e a Santa Virgem Pura
Estou são peritimo diz a criatura
A virgem das Graças eu devo louvar
Se ponhe de joelho e começa a rezar
Depois se levanta dali vai se embora
Dando muitas graças a Nossa Senhora
Em dez a galope por fora do mar.

G — Tenho visto louco todo algemado
Lá em Alagôas chegar furioso
Tomar agua benta e dizer animoso
Dou graças a Deus que estou curado
Pegar o microfone e dizer animado
A Virgem das Graças que veio me curar
Portanto eu devo pra ela rezar
E pra seu bento filho de noite e de dia
Louvando a Jesús e Virgem Maria
Nos dez a galope por fora do mar.

G — Meu colega Redimunho
Apresente um testemunho
Tú desencaiba eu acunho
Enxada lá no sertão
E chegada a ocasião
De nós dois experimentar
Quem é bom para cantar
Os oito pés a quadrão.

R — Meu amigo Goiabeira
Do jeito que você queira
Canto de qualquer maneira
Porque tenho inspiração
Aqui dentro do salão
Para o povo apreciar
Só não canto beira mar.
Mas canto oito a quadrão.

G — Na arte de improvisar
Improviso sem errar
Sem precisar me vexar
Com minha viola na mão
Sobe lá na amplidão
Meu amigo pensamento
Vai e volta num momento
Pra cantar oito à quadrão.

R — Botei a sela no vento
Naquele mesmo momento
Bati nele com talento
E voei pra amplidão
Peguei o sol com a mão
Para todo mundo ver
Para todos conhecer
Meus oito pés a quadrão.

G — Um cálculo pude fazer
Desejei a conhecer
Conforme via dizer
Os mistérios da amplidão
Fui no reino de plutão
Fui na casa de cupido
Onde fui muito aplaudido
Pra cantar oito a quadrão.

R — Fui ao reinado de marte
Aonde cantei com arte
Foi gente de toda parte
Que fêz admiração
Superlotou o salão
Dando viva ao meu repente
Sorria ali toda gente
Com o meu oito a quadrão.

G — Eu não sou inteligente
Porém sou experiente
Sou um cantador decente
Canto em qualquer salão
Não sou um tabelião
Porque nunca tive escola
Porém tenho minha caixola
Pra cantar oito a quadrão.

R — Eu nem nunca tive escola
Nem tenho bôa caixola
Só tenho minha viola
É muita pouca inspiração
Mas ronco como um trovão
No verso de minha lira
Muita gente me admira
Rimando oito a quadrão.

G — Quando eu pego um cantador
Depressa tiro o calor
Dou-lhe surra de horror
Somente de cinturão
Boto o malvado no chão
Agarro logo na guela
Rebento tôda custela
Nos oito pés a quadrão.

R — Tú ganhou em beira mar
Agora quer se julgar
Agora quer se mostrar
Perante a população
Mas aqui neste salão
Vou lhe dar uma bôa surra
Todo povo te emburra
Nos oito pés a quadrão.

G — Não nasceu pra dar em mim
Só Deus para dar-me fim
Veja este cabra ruim
Que não tem compreensão
Parece até uma canção
Este cara de viúva
Obrando no meio da chuva
Nos oito pés a quadrão.

R — Goiabeira meu amigo
Tornaste meu inimigo
Eu vou lhe dar um castigo
Em outra ocasião
Já é tarde e com razão
O povo já quer dormir
Portanto finda-se aqui
Meus oito pés à quadrão.

PELEJA DE MANOEL JOSÉ BASÍLIO (PARAIBINHA) COM MINELVINO F. SILVA

Enquanto o tempo não passa
Vou aproveitar meu plano
No meu modo repentista
De cantor paraibano
Que tive com um bahiano

Sou Manoel José Basilio
Que canto pelo meu tino
Comecei a ler romance
Desde o tempo de menino
Em tôda parte encontrava
História de Minelvino

Quando lia uma história
Achava tão bem rimada
A minh'alma de prazer
Ficava superlotada
Dizendo: um belo dia
Eu topo este camarada

Mas como tudo no mundo
Tem o seu dia de prova
Estava eu em Brasilia
Que é a capital nova
Quando ali chegou um bahiano
Que também gosta de trova

O nosso primeiro encontro
Foi no Núcleo Bandeirante
Por caso que êle tinha
Ali um alto-falante
Cantando livros na feira
Eu achei interessante

Cheguei e fiquei de fora
Escutando êle cantar
Nisto chegou um amigo
Comecemos prosear
No assunto de cantiga
De trovador popular

Disse assim o meu amigo
Este rapaz é decente
Està sendo meu vizinho
Fazem três dias somente
Até falei para êle
Que você canta repente

Já que você está aqui
Vou apresentar a êle
Nisto pegou em meu braço
Levou-me a presença dêle
Dizendo: olha o cantor
Que sempre lhe falo nele

Quando êle me apresentou
E falou quem era eu
O trovador Minelvino
Alegre me recebeu
Me deu ali o seu nome
Eu tambèm lhe dei o meu

Nisto fala o nosso amigo
Luiz de Gonzaga Lima
Disse já vi que vocês
Todos dois conhecem rima
Vão cantar hoje lá em casa
Que nòs lá também estima

Nesta hora despedi-me
Sai direto pra casa
Fui buscar minha viola
Mas sai pisando em braza
E meu coração dizendo:
Quem tem fé não se atraza

A noite eu segui direto
Quando cheguei no salão
Lá já tinha muita gente
Para ouvir a discussão
Depois chegou Minelvino
Com a viola na mão

Houve uma salva de palmas
Quando Minelvino entrou
Disse um viva o bahiano
Outro, o bahiano chegou
Atè a minha viola
Na hora desafinou

Ali o dono da casa
Pôs na sala uma bandeja
Dizendo: peço ajudar
Esta dupla sertaneja
Agora preste atenção
Que vai sair a peleja

O bahiano que já tinha
Custume de cantoria
Pediu licença a todos
Que no salão existia
E disse: Paraibinha
Hoje chegou o teu dia

P. Eu também na poesia
Sou um pouco acostumado
Para cantar, meu colega
Precisa tomar cuidado
O cantor que me enfrenta
Topa serviço pesado

B. Sou Minelvino falado
Poeta de idèia forte
Anzol que não perde a ferra
Navalha boa de corte
No assunto de repente
Sou eu o leão do Norte

P. Eu gosto que seja forte
Para não pedir a rôgo
Que eu sou igual a gêlo.
Da àgua que apaga o fogo
Hoje encontraste o baralho
Que deu certo no teu jogo

B. Eu não sou ponto de gôgo
Que qualquer pancada mata
Dizem que tua viola
Tem duas cordas de prata
Quebro ela o dono apanha
Conto certo dia e data

P. Não sou Bentivi da Mata
Mas faço uma imitação
Sou igual a um curisco
Quando cai de um trovão
Infeliz do cantador
Que cair na minha mão

B. Você diz que é bonzão
Então desmanche este enredo
Se não fizer com cuidado
Aviso que apanha cêdo
É dedo, é mão, é junta, é pé
É pé, é junta, é mão, é dedo.

P. Colega não tenho medo
De cantar neste salão
Vou desmanchar teu enredo
Porque tenho precaução
É mão, é pé, é junta, é dedo
É dedo, é junta, é pè, é mão

B. Colega, tu tens razão
Eu já vi que você é
Agua que apaga o fogo
O tempero do café
É pé, é mão, é junta, é dedo
É dedo, é junta, é mão, é pé

P. Minelvino você é
Repentista que assunta
O que diz no seu repente
E qualquer palavra ajunta
É junta, è mão, è pè è dedo
É dedo, é mão, é pé, é junta

B. Toda palavra se ajunta
Para fazer o repente
Agora eu vou mudar
Que já ti vejo doente
Eu já vi que você hoje
Vai sair de couro quente

P. Na presença desta gente
Que nos ouve em discussão
Vou falar uma verdade
Todos me prestem atenção
Na Bahia este bahiano
Passou muita precisão

B. Agora eu tenho razão
A verdade eu vou dizer
Tu deixaste a Paraiba
Pra de fome não morrer
Pois em tua terra passa
Quinze anos sem chuver

P. A Bahia é de doer
Isto aí ninguém me engana
Lá tem bahiano que passa
Só a custa de banana
Compra um quilo de farinha
Pra passar uma semana

B. Lá na Bahia tem cana
Tem côco, jaca e dendê
Tem banana e melancia
Tôda fruta de comer,
Ainda tem Minelvino
Pra dar uma surra em você

P. Com o V escrevo vitima
Com o L é legítima
E com o M marítima
E com o P é Patrão
Com o N escrevo não
Com G escrevo Glória
Com H escrevo història
Com o Q faço quadrão

Nessa hora todo povo
Disse assim: pode parar
Porque vocês no quadrão
Todos dois é de amargar
Vamos ver quem é que vence
No galope a beira-mar

Mas houve combinação
Do pessoal nessa hora
Disseram: os cantadores
Podem seguir sem demora
Um canta dentro do mar
O outro canta por fora

Nessa hora Minelvino
Disse fazendo um gracejo
Eu canto dentro do mar
Para mim isto è um queijo
Paraiba canta fora
Porque êle è sertanejo

P. Da maneira que eu vejo
Hoje vou até no centro
Minelvino pode entrar
Sabendo que também entro
Eu canto fora do mar
E você canta por dentro

B. Meu navio viaja com muita atenção
Porque é veleiro e não perde o trilho
Carrega o feijão a batata e o milho
Carrega o milho a batata e o feijão
Carrega arroz tambèm macarrão
Pra quem não conhece é de admirar
Chegando no porto vai descarregar
Esta grande carga de mercadoria
Voltando o navio nesse mesmo dia
Galope só presta por dentro do mar

P. Vou fazer galope do meu improviso
Do meu improviso vou fazer galope
No tope, na baixa, na baixa, no tope
Cantando ligeiro porque é preciso
Você Minelvino perde seu juizo
Porque no galope eu sou de amargar
Você não conhece, vai se atrapalhar
Porque meu rojão de cantor decente
De banda de quina, de lado de frente
Galope sò presta por fora do mar

B. Gosto de viver na beira da práia
Pescando lagosta, siri, camarão
Garôpa, abacora e o tubarão
Tuninha, agulha pescada e arraia
Nas águas bacanas da cor de cambráia
As ondas forçosas pegam requebrar
Seguro meu barco para não virar
Vou continuando minha pescaria
Só volto pra casa no amanhecer do dia
Galope só presta por dentro do mar

P. Gosto de viver é no meu sertão
Montado a cavalo e bem animado
Correndo nas serras campeando gado
Quando chega o tempo de apartação
Correndo atraz de um barbatão
Pega todo gado se leva a vagar
Se pega bizerro sò para ferrar
Depois de ferrado se solta no mato
O bicho ligeiro igualmente a um gato
Galope sò presta por fora do mar

B. É porque meu colega nunca viajou
Por dentro das águas do mar tranzatlântico
Passar o pacífico também o atlântico
Passando nas águas que nunca passou
Porque em navio nunca se embarcou
Quando eu for a cuba eu vou te levar
Península e Cabo eu vou te mostrar
Você não conhece fica conhecendo
Na àgua marinha o navio correndo
Galope sò presta por dentro do mar

P. Gosto da viagem de aeroplano
A gente viaja por cima nos ares
Em baixo se avista a terra e os mares
É bonito, é decente afirma o meu plano
Mas sei que faz medo a você bahiano
Pois não tem custume vai se afobar
Eu vou a Belém e vou te levar
Você vai gostar da boa viagem
No fim tu me diz na camaradagem:
Galope sò presta por fora do mar

B. Agora colega aqui vou mudando
Vou seguir agora por outra estrada
Falando em Jesus e na Biblia Sagrada
Quando neste mundo vevia pregando
O seu evangelho ao povo ensinando
Se alguem quisesse no céu se engressar
Deixasse esta vida de se condenar
E muitos que ouvia e acreditava
Ao Divino Mestre logo acompanhava
Pregando evangelho por dentro do mar

P. Seguindo Jesus direto a Judéia
Foi logo encontrando com uns pescadores
Pegando peixinhos naqueles setores
Vendendo depois pela galiléia
Jesus disse a êles tôda a sua idèia
Agora é homem que vamos pescar
Deixaram os barcos pra o acompanhar
Daí endiante seguiram a Jesus
Pois acreditaram que êle era a luz
Pregando evangelho por dentro do mar

B. Cumprindo Jesus a sua missão
Pelo oceano para uma cidade
Mais tarde soprava forte tempestade
Pra todos discipulos foi grande aflição
São Pedro, São Judas, Mateus, São João
Foram ligeirinho o mestre acordar
Ele se acordou e mandou parar
Tôda ventania logo ali parou
Com os seus discipulos Jesus viajou
Pregando evangelho por dentro do mar

P. Uma certa vez là em Nazaré
Numa sinagoga chegava Jesus
Embora que êle do mundo era a luz
Mas daquele povo ninguém tinha fé
Deram a Biblia a êle para ler de pé
Pra todos ouvir e apreciar
Sôbre êle mesmo começou a falar
Aquela assistência disso não gostou
Quizeram o matar Jesus viajou
Pregando evangelho por dentro do mar

B. Depois dum milagre que fez o Senhor
Foi orar sosinho no cimo dum monte
Disse aos seus discìpulos: cada se apronte
E sigam no barco pra outro setor
Atendendo a ordem do seu Diretor
Entraram no barco e sairam a remar
Mais tarde Jesus pra os acompanhar
Seguia nas águas na força do vento
Sem se afundar naquele momento
Pregando evangelho por dentro do mar

P. São Pedro, S. Judas, Tiago, S. João
Assim que avistaram Jesus caminhando
Por cima das águas, já iam gritando
Pensando que era uma assombração
Sou eu, disse o Mestre, Pedro disse: então
Conseda Senhor que eu vá te encontrar
Jesus ordenou, Pedro foi andar
Por cima das águas, foi logo afundando
Jesus tirou êle e sairam andando
Pregando evangelho por dentro do mar

B. Depois que Jesus na cruz padeceu
E o Pai Eterno o ressucitou
Aos onze discipulos se apresentou
Pedro viu de longe logo conheceu
Vestiu logo a roupa porque se temeu
Que estava nu no barco a pescar
O Mestre com êle começou a falar
Na vista de todos dizendo assim:
Tú és o Pastor pra século sem fim
De minhas ovelhas, na beira do mar

Todo povo bateu palmas
Disse um rapaz educado:
Minelvino canta bem
Paraíba è afamado
Quero agora um desafio
Em martelo agalopado

P. Meu colega me preste atenção
Que agora o assunto já mudou
Tu vais ver no martelo quem eu sou
Sei que tu não aguenta meu rojão
Porque hoje eu te dou de bofetão
Que o povo lamenta teu estado
Porque deixo o teu corpo retalhado
E o sangue correndo sem parar
Se acaso um dia tu sarar
Não quero mais um martelo agalopado

B. Eu pegando a meu jeito um cantador
Dou-lhe surra que êle desconfia
Nunca mais quer saber de cantoria
Sai dizendo: perdi o meu valor
Nunca mais vou zombar de trovador
Que na sala deixou-me envergonhado
Quando um dia lembrar-se do passado
Sai dizendo assim a todo mundo
Minelvino è um cantador profundo
Na matéria de dez agalopado

P. Já peguei um poeta da Bahia
Dei-lhe tanto que êle esmoreceu
Depois disso a viola êle vendeu
Nunca mais quiz saber de cantoria
Encontrei-me com êle outro dia
Êle ainda falou-me no passado
Me contando que tinha abandonado
A profissão de cantar de uma vez
E com este bahiano interou três
Que açoito em martelo agalopado

B. Este cabra chegou em Jacobina
E falou que era duro em cantoria
Foi cantar na casa de Zé Maria
Nesse dia apanhou de uma menina
E saiu lastimando sua sina
Foi cantar com um bahiano preparado
Nesse dia o seu couro foi tirado
O coitado sofreu que sò cavalo
Atè eu já cansei de açoitá-lo
Na matéria de dez agalopado

P. Este cabra chegou em João Pessoa
E falando que era repentista
Foi cantar com Otacilio Batista
Começou a soltar palavra atoa
Nesse dia a surra foi tão boa
Que o pobre ficou envergonhado
Nunca mais foi cantar em meu Estado
E dizendo assim a todo mundo
Na Paraiba tem cantador profundo
Na matéria de dez agalopado

B. Este homem inventa de cantar
Mas não sabe o que é geografia
Perguntaram se êle conhecia
Ele ai começou a gaguejar
Nessa hora pediu para mudar
Já dizendo que estava encomodado
Foi cantar um mourão desafiado
Começou mas não soube cantar nada
Inda vem me dizendo que é parada
Na matéria de dez agalopado

P. Tenho dó deste pobre trovador
Que só vem da Bahia levar couro
Vem afoito no fim termina em chôro
Jà porque nunca foi bom cantador
Ele està precisando de um professor
Que na rima está muito atrasado
Quando êle aprender mais um bocado
Pode ser que possa cantar comigo
Já porque Paraiba é um perigo
Na matéria de dez agalopado

B. Paraiba tù ès um cantador
Que o povo admira o teu rojão
No momento aqui neste salão
É preciso mostrar o seu valor
Neste tema que dou para o senhor
Fazer versos com prática e teoria
Pois aqui no salão tudo aprecia
Tuas rimas, teus versos, teu repente
O soldado, o sargento e o presidente
Todos eles são fãs da poesia

P. Dou por finda a nossa cantoria
Pois è tarde, é hora de parar
Outra vez que nòs dois nos encontrar
Vamos ter discussão em geografia
Para quem conhecer a poesia
Deve está satisfeito e obrigado
Nessa hora eu peguei o apurado
Logo aí eu chamei meu companheiro
Entreguei-lhe a metade do dinheiro
Terminou-se o martelo agalopado

FIM

Brasilia, DF, 25 de janeiro de 1961

PELEJA DE ZÉ ANDORINHA COM JOÃO CABELUDO

Em São Luiz existiu
Um cantador afamado
Por nome João Cabeludo
Que era muito falado
O cantor que fosse a ele
Saiu doido e assombrado.

Cantador de todo canto
Sempre a noticia sabia
Que o tal João Cabeludo
Era mestre em cantoria
E quem cantasse com ele
Ganhava grande anarquia.

Foi espalhando a noticia
Começou gente a chegar
Com bôa viola no peito
Para com ele cantar,
Depois saia na carreira
Querendo até se enforcar.

Foi se espalhando a noticia
Deste grande cantador
Na cidade de São Luiz
Terra de todo cantor
Que no repente e martelo
Nunca achou superior

José da Silva Andorinha
Morava no Pernambuco,
Quem fosse cantar com ele
Saia quase maluco,
Ele tirava o miolo
Deixava só o combuco.

José da Silva Andorinha
Um dia de segunda-feira
Soube a notícia de um homem
Um cantador de primeira
Que pra martelo e repente
Estava de orelha inteira.

Esse cantor residia
Na capital São Luiz
Toda questão que entrava
Saia sempre feliz,
Já era considerado
Pelo maior do Paiz.

Zé Andorinha sabendo
A fama desse durão
Que morava em São Luiz
Estado do Maranhão
Disse ele: eu vou pegar
Esse malvado de mão.

Vou dar-lhe uma bôa surra
Para esfriar seu calor
Rebento a viola dele
Para acabar seu furor
Ele tem que conhecer
Eu como superior.

José da Silva Andorinha
Pegou logo um avião
Direto pra São Luiz
Estado do Maranhão
Atraz de João Cabeludo
Para propor discussão

No mesmo dia foi chegado
Na capital São Luiz
Com sua viola enfeitada
Porque o destino assim quiz
Atraz de João Cabeludo
O campeão do país.

Foi se encontrando com ele
Em uma festa cantando
Tomando muita cerveja,
Todo povo apreciando,
Quando José Andorinha
Tambem ali foi chegando.

Bôa noite minha gente
Foi dizendo o cantador,
Quem é João Cabeludo?
Que vim tirar-lhe o calor,
Para ele conhecer
Que tambem sou trovador.

Quando ele disse assim
Levantou-se o Campeão
Sou eu aqui o bomzinho
Que enfrento qualquer questão
Se veio disposto pra luta
Segura as armas na mão.

A. — Eu sou José Andorinha
Que venho lá do sertão
Já venho bem prevenido
Para enfrentar a questão
Pra pegar um cabeludo
E cortar o cabelo a facão.

C. — Cantador velho afamado
Faço correr pra cozinha
Sem acertar com a porta
Emboca na camarinha
Eu pego e açoito três dias
Quanto mais uma andorinha.

A. — Eu sou uma andorinha
Porem tenho disposição
Eu estou acostumado
A dar surra em gavião
Mato de bico, serpente
Mato de soco um leão.

C. — Eu pegando uma andorinha
Não dá nem para gostar
Porque aperto na mão
Faço ela esbagaçar
Até as pennas se acaba
Assim que eu apertar.

A. — Vamos mudar de assunto
Para um assunto gentil
Responda com rapidez
Como um forte varonil
Quantos governos já teve
O nosso caro Brasil.

C. — São 16 Presidentes
E tudo muito muito capaz,
Deodoro da Fonsêca
O Dr. Venceslau Braz
Epitacio, Afonso e Washington
E Prudente de Morais.

C. — Artur da Silva Bernardes
Sr. Eurico Gaspar
Que tirou seus 4 anos
No Catete a governar
José Linhares e Hermes
Outro governo exemplar.

C. — O Dr. Nilo Peçanha
Francisco e Manoel Ferraz
Peixoto e Getulio Vargas
Nosso governo da paz
Agora João Cafe Filho
Tambem bastante capaz.

A. — Muito bem seu Cabeludo
Gostei de ver seu cantar
A historia do Brasil
Você soube decorar
Faça me uma pergunta,
Pra ver se sei explicar.

C. — Agora seu Andorinha
Responda que quero ver
Qual foi o fruto do Eden
Que fez Adão padecer?
Se não disser dereitinho
Com esta há de perder.

A. — Este fruto não existe
Isto aí está provado,
Foi o vicio da materia
Que fez o grande pecado
De Deus o consentimento
Já vinha antes traçado.

Deus queria que a geração
Crescesse e multiplicasse,
Não podia multiplicar
Se a serpente não tentasse,
Pois esse foi o motivo
Do mesmo Deus concordasse.

C. — Muito bem, gostei de ver
Disse tudo que sabia
Faça-me outra pergunta
Em termo de cantoria;
Que vou ver se lhe respondo
No verso da poesia.

A. — Seguindo o assunto da biblia
Que você me perguntou,
Vou fazer uma pergunta
Se este livro estudou,
Me diga qual foi a jovem
Com quem Caim se casou?

C. — Esta ai está dificil
Para eu lhe explicar
Pois na biblia não explica
Para a gente decorar
Porem vou fazer um calculo
Não sei se vai lhe agradar.

C. — Eu suponho que nesse seculo
Que o mundo foi formado
Irmão casar com irmã
Isto não era pecado,
Suponho que foi com a irmã
Que Caim foi espôsado.

A. — Está muito direitinho
A tua imaginação,
Achei muito de acordo
Esta tua explicação,
Eu quero ver no martelo
Se tú aguenta rojão.

C. — E no martelo é que quero
Agora te experimentar
Bater na safra três dias
Para ver fogo voar
Pode puxar o que quizer
Que garanto acompanhar.

A. — Eu pego um Cabeludo
Faço um desmantelo
Arranco o cabelo
Acabo com tudo
Deixo cego e mudo
Se põe a chorar
Para eu não matar
Vira uma galinha
Pedindo: Andorinha
Deixe eu escapar.

C. — Eu pego uma andorinha
Agarro na guela
Arranco a moela
Deixo miudinha
Toda salgadinha
Corto bem miudo
Com pena com tudo
Tem que se acabar
Pra não insultar
Mais um Cabeludo

A. — Quando estou zangado
Pego um cantador
Tiro-lhe o calor
Deixo amarrado
Todo algemado
Boto na cadeia
Meto-lhe a peia
Fica a soluçar
Para respeitar
Toda coisa alheia

C. — Já me vi zangado
Peguei um trovão
Levei ao mourão
Deixei amarrado
Surrei o malvado
Que a terra tremeu
O vento gemeu
Veio a nuvem escura
Quando dei soltura
Desapareceu.

A. — Numa Sesta-Feira
Correndo no campo
Peguei um relampago
Metir-lhe a madeira
Que voou poeira
O sol se sumiu
A lua pediu
Para eu lhe soltar
Fui desamarrar
O vento enguliu.

C. — Já fiz um horror
Dormi no relento
Peguei o pensamento
De um cantador
Com um cavador
Tirei o juizo
Ficou indeciso
Deixei o malvado
Todo maxucado
Com a cara de riso

A. — Peguei um poeta
Noite de lua
Deixeio o na rua
Feito um pateta
Peguei a reta
Deixei o malvado
Mandei um soldado
Meter na prisão
Meter o facão
Deixar encarcerado.

C. — Já peguei um duro
Era um valentão
Levei o bichão
La pra o monturo
Lá no pé do muro
Mandei a negrada
Dar de bofetada
Naquele alvoroço
Não ficou nem osso
Desse camarada.

A. — João Cabeludo
Vai hoje apanhar
Porque vou pegar
Cortar barba e tudo
Cabelo a miudo
Eu vou arrancando
Quem ver vai alarmando
Por onde passar
Vi João apanhar
E sair chorando.

C. — Eu pego andorinha
Rebento as azas
E jogo nas brazas
Apanho a farinha
Dou minha galinha
Para devorar
Com até fartar
Pra todos dizer:
Tú tem que aprender
A João respeitar.

A. – Este cabeludo
Vai ficar pelado
Vai bofetiado
Fica pelancudo
Cego doido e mudo
Diz a seu amigo
Que cantei comsigo
Pela tardezinha:
José Andorinha
Nada fez comigo.

C. — Tú és caviloso
Es um vagabundo
Es sujeito imundo
Cabra mentiroso
Es um curioso
Sem compreenção
Mêto o cinturão
Bato todo dia
Tiro a ousadia
Só no cansanção.

A. — Amigo João Cabeludo
Gostei de ver seu cantar
Vamos mudar pra cestilho
Pra o povo mais se agradar
Fazer pergunta um ao outro
Pra ver quem sabe explicar.

Os assistentes acharam
Muito bôa opinião!
Para cantarem em cestilho
Que agradava a multidão
Com versos pra dar risadas
O povo desse salão.

C. Responda minha pergunta
Quem lhe pergunta sou eu
Eu dei um tiro num Lifo
E o Lifo não morreu
Quero que você me diga
O Lifo, que grito deu?

O pessoal deu risadas
De se enrolar pelo chão,
Uns diziam: ele responde,
Outros diziam que não,
E assim ficou o povo
Em completa confuzão.

Mais ou menos 10 minutos
O povo dando risadas
As moças lá na cosinha
Deram tantas gargalhadas
Que os cantores ficaram
Com as violas paradas.

Depois os homens pediram
Pra aquelas moças parar,
Para escutar Andorinha
Esta pergunta explicar
Daremos outras risadas
Se por acaso ele errar.

Então com este pedido
As moças todas pararam
E para ouvir a resposta
Bem direitinho escutaram
No prato dos dois cantores
Muito dinheiro botaram.

A. — O Lifo quando gritou
Porque o tiro doeu
Pois ele é feito de carne
O tiro lhe ofendeu
Foi este o justo motivo
Do Lifo o grito que deu.

O povo ai bateu palma
E deu aperto de mão
Uns diziam: Andorinha
Ele é quem vence a questão,
Outros diziam de lá
Quem ganha hoje é João.

C. — Respondeste muito bem
Direito sem gaguêjar
Pergunte-me uma agora
Do geito que desejar
Que vou ver se lhe respondo
O que você perguntar.

A. — Quero que você me diga
No verso da poesia:
Encontrei o velho Felix
Com um fole velho outro dia
Tanto fedia o fole velho
Como o velho Felix fedia.

Com este verso a moçada
Se enrolou pelo chão
Risadas e mais risadas
No meio daquele salão
O cantor ficou parado
Com sua viola na mão.

C. — Danou-se esta pergunta
Parece uma anarquia
Se encontrar com o velho Felix
Com um fole velho meio dia
Tanto fedia o velho Felix
E o fole velho fedia.

A. — Respondeu bem direitinho
A pergunta sem errar
Você canta direitinho
E sabe pronunciar
Faça-me outra pergunta
Pra ver se posso explicar.

C. — Nunca achei um cantador
Para isto descifrar:
Meu pai tem uma lazarina
E quer deslarazinar.
Um deslarazinador
É bem dificil encontrar.

A. – Pra dizer esta pergunta
Tú nunca achou cantador
A Lazarina do velho
Vai encontrar seu autor,
Eu vou deslarazinar
Sou deslarazinador.

C. — Responda outra pergunta
Que eu vou lhe perguntar:
Uma arara faladeira
Ha dias quero comprar
Agora quero que diga:
Qual arara falará.

A. — Resido lá em Recife
Já cantei no Ceará
Já cantei em Mato Grosso
Já cantei em Paraná
Porem não sei lhe dizer
Qual arara falará.

C. — Respondeu exatamente
Pergunte agora outra a mim
Que já cantei na Italia
No Japão e em Berlim
Esta nossa discussão
Um dos dois perde por fim.

A. — Escute seu Cabeludo
O que vou lhe perguntar
Preste atenção direitinho
Me responda sem errar,
Sete socó de coceira
Pra um socó sosinho coçar.

C. —Amigo a tua pergunta
Foi muito ligeiramente
Sei que canta direitinho
E és muito experiente
A pergunta de socó
Me repita novamente.

A. — Já cantei em Fortaleza
João Pessôa e Maceió
Em Recife e Terezina
Já cantei no Piancó
Pra um socó sosinho coçar
Coceira em sete socó.

C. — Vou responder sua pergunta
Porque sei pronunciar
Os vocábulos portuguezes
Todos eu sei explicar
Sete coçó de soqueira
Pra um cocó cosinho socar.

O povo se enrolou
Pelo chão naquela hora
E o João Cabeludo
Papocou de porta a fora
Quebrou a viola nas pedras
E correu foi se embora.

O velho João Cabeludo
Não quis mais ser cantador
Mudou-se logo pra roça
Hoje é agricultor
Pague só 4 cruzeiros
A qualquer revendedor.

FIM

O ENCONTRO DE ZÈ BERNARDO DA SILVA COM MINELVINO FRANCISCO

A quatorze de outubro
De sessenta e oito, então
Na casa de Minelvino
Foi chegando um cidadão
Junto com seu companheiro
Que vinham do Juazeiro
Do Padre Cícero Romão

José Bernardo da Silva
Foi êste o recem-chegado
Que depois de Ataìde
Foi êle o mais respeitado
Por suas publicações
Professor das multidões
Do nosso país amado

Depois da apresentação
Deste velho trovador
Que com 66 anos
Vivendo neste labor
Suas trovas espalhando
Foi Minelvino o abraçando
Chamando de professor

Porèm êle com modestia
Isto não quiz aceitar
Dizendo que o poeta
Ninguem o pode ensinar
Seja mau ou seja bom
O poeta vem de dom
Sem ninguém nada explicar

M. Mas o que eu quero chegar
É relativo ao saber
De quem nunca teve escola
E sabe ler e escrever
Deve o que sabe aos senhores
Nos versos dos trovadores
Foi como veio aprender

Z. B. Durante a minha infancia
Eu fui bastante educado
O campo foi minha escola
O mestre Dr. Machado
A volta ali era preta
Porque a dona caneta
Tinha um pêso danado
O papel era sem fim
Ambos puxavam por mim
Que eu ficava suado

M. Fui educado bastante
Na escola do trabalho
Quebrando pedra ou cascalho
A lição dava constante
Tôda hora e todo ínstante
Para não ser castigado
Tinha bastante cuidado
Suava por todo canto
O meu pai trabalhou tanto
Que eu já naci cançado

Z. B. Assim neste vai e vem
Ligeiro me acostumei
Então aquelas lições
De perci eu decorei
Em tudo me pratiquei
Apesar de calejado
Com o corpo todo embembado
Sabe là o que è isso?
Sofri no arduo serviço
Mas sem gastar me formei

M. Eu sendo quase um formado
Porèm no analfabetismo
Vi que isto era um abismo
Deixei garimpo de lado
E aprendi ler gaguejado
Nos versos dos trovadores
Hoje pra todos leitores
Escrevo verso decente
Tirado de minha mente
Pra meus admiradores

Z. B. A êles devo o que sei
Os antigos trovadores
Os seus versos de valores
Foi o que eu estudei
Muitos atè decorei
Assim mesmo gaguejando
Hoje vivo publicando
Alguns versos que escrevi
Do jeito que aprendi
A muitos vivo ensinando

M. João Martins e o senhor
Leandro Gomes tambèm
Zé Camelo e mais alguèm
Os chamo de professor
E dou bastante valor
Aprendi nos livros deles
Por isso afirmo que aqueles
Que não poderam estudar
E sabe o nome assinar
O que sabem devem a êles

Z. B. Seu Minelvino Francisco
No Juazeiro do Norte
Ouvi falar no seu nome
Que era um moço muito forte
No assunto de poesia
Pra vim lhe vê na Bahia
Peguei direto um transporte

M. Eu também tive esta sorte
De encontrar o senhor
Que sò conhecia o nome
Deste homem de valor
Homem calmo de juizo
Sendo o rei do improvizo
Na arte de trovador

Z. B. Não sou improvisador
Apenas faço escrever
Qualquer assunto em história
Para todo povo lêr
Não me falta inspiração
Quando chega a ocasião
Faço versos pra valer

M. Eu também para escrever
Atè escrevo um pouquinho
A minha humilde caneta
Rabisca de vagarinho
Da minha pròpria memória
Escrevo livros de história
Pra o grande o pequenozinho

Z. B. Nunca mais fiz um livrinho
Pois não há necessidade
Porque de João Ataide
É minha a propriedade
Nesta jornada comprida
Trabalho o resto da vida
Inda não faço a metade

M. Eu tenho propriedade
De fazer admirar
Já escrevi tanto livro
Que já não sei mais contar
Escrevo por diversão
Quando vem a inspiração
Não è por necessitar

Z. B. Seu Minelvino Francisco
Eu vim aqui na Bahia
Para vê sua pessoa
Que de nome conhecia
E estou maravilhado
De aqui ter lhe encontrado
Mostrando tanta alegria

M. O senhor vir a Bahia
Foi pra mim satisfação
O maior prazer foi meu
De todo meu coração
Por vez este cavalheiro
Residente em Juazeiro
Do Padre Cícero Romão

Z. B. Padrinho Cícero Romão
Foi quem mandou eu escrever
Os meus livros de histórias
E pela praça vender
O seu conselho tomei
Nos versos me dediquei
A fim de me defender

M. Conforme ouço dizer
Que a cidade de Juazeiro
Está bem desenvolvida
Cresce mais do que coqueiro
Botou Crato para traz
Com muitas braças a mais
Assim diz todo romeiro

Z. B. Sim, difato Juazeiro
Està um pouco elevado
Temos estação de ràdio
E banco pra todo lado
Na cidade juvenil
Temos Banco do Brasil
Com tudo bem equipado

M. Então senhor Zé Bernardo
Não chamo pra discussão
Porque muito lhe respeito
Tenho bastante atenção
Quer um tema de amisade
Juazeiro é a cidade
Do Padre Cícero Romão

Z. B. O Juazeiro do Norte
Coração do Cearà
Onde canta o sabià
E o canário bem forte
Foi a onde eu tive a sorte
De ter uma proteção
Do Autor da Criação
E fiz o que tinha vontade
Juazeiro è a cidade
Do Padre Cícero Romão

M. Nossa Senhora das Dores
Que dali é Padroeira
Também é medianeira
Entre o filho e os pescadores
Portanto damos louvores
A mãe de todo Cristão
Que chamamos com razão
Santa Mãe de Piedade
Juazeiro é a cidade
Do Padre Cìcero Romão

Z. B. Onde o Beato Lourenço
Ali está sepultado
O verdadeiro e aprovado
De acordo o que eu penso
O romeiro queima incenso
Na cova dêsse cristão
Pra êle faz oração
A Divina Majestade
Juazeiro é a cidade
Do Padre Cícero Romão

M. Agora aceite um abraço
Com respeito e com amor
O senhor é um trovador
Que vence de passo a passo
Sua garganta é de aço
E de ouro o seu pulmão
Tem bastante inspiração
Aqui provou de verdade
Juazeiro é a cidade
Do Padre Cícero Romão

FIM

DEBATE DE RODOLFO CAVALCANTE COM MINELVINO FRANCISCO SILVA

Dia 30 de outubro
De 73 o ano, (1973)
Na casa de Minelvino
Foi chegando um alagoano
Que é Rodolfo Cavalcante
Um trovador militante
Em nosso solo bahiano

Depois que se abraçaram
Começaram a palestrar
Sobre a vinda dum cometa
Que estava pra chegar
Seguindo um proverbio antigo
Minelvino disse: amigo
O MUNDO VAI SE ACABAR

O Rodolfo respondeu:
Isto è tolice pra mim
Já existe esta conversa
Desde o tempo de Caim
Vai a ultima geração
Para minha opinião
O MUNDO NÃO TERÁ FIM

M. Foi Jesus Mestre profundo
Que na terra anunciou
E São Marcos publicou
Os sinais do fim do mundo
Seja rico, pobre ou imundo
O Bom Jesus vem julgar
Vão todos ressuscitar
Para nunca mais morrer
É a razão de eu dizer:
O MUNDO VAI SE ACABAR

R. O Senhor do firmamento
Com o seu saber profundo
Em seis dias fez o mundo
Pelo verbo e o pensamento
Com todo deslumbramento
Nada ele achou ruim
E por este modo assim
Sendo Deus Realidade
Se transforma a humanidade
O MUNDO NÃO TERÁ FIM

M. O sol não dar claridade
A lua perde o clarão
As estrelas cairão
O Cristo em sua majestade
Aparece em verdade
Pra vivo e mortos julgar
Todos vão se apresentar
Ao Cristo filho de Deus
Afirma até São Mateus:
O MUNDO VAI SE ACABAR

R. A má interpretação
Que o mundo vai se acabar
Faz muita gente negar
O Autor da Criação
Tudo marcha em evolução
Desde Adão, Eva e Caim
Quem ao contràrio pensa assim
Faz de Deus ser imperfeito
Quem sò faz tudo perfeito
O MUNDO NÃO TERÁ FIM

M. Desde o tempo de Noè
Que aquela multidão
Abraçava a corrução
Em Deus ninguém tinha fé
Fazia anarquia atè
Deus pensou de castigar
Mandou Noè fabricar
A a arca que salvaria
E assim Noè dizia:
O MUNDO VAI SE ACABAR

R. Se Deus mandou acabar
Nada fez com fundamento
Desde a terra ao firmamento
Deus soube tudo criar,
Não posso me conformar
Quem pensa de Deus assim,
Mesmo o homem mais ruim
É de Deus a semelhança
Devido a nova aliança
O MUNDO NÃO TERÁ FIM

M. A todos os fariseus
Jesus na terra falou:
Pratiquem o que Deus mandou
Para ser filhos de Deus
Mas com os malfeitos seus
Não podem se afiliar
Continuando a pecar
Terão uma triste sorte
Que o pecado gera morte
O MUNDO VAI SE ACABAR

R. Todo e qualquer cataclismo
Que se passa em toda terra
Mesmo fome, peste e guerra
Tem seu fundamentalismo
Somente quem ao pessimismo
Acha que tudo é ruim,
Coitado, quem pensa assim!
Morre primeiro a semente
Pra nascer fruto excelente...
O MUNDO NÃO TERÁ FIM

M. Quando visse em toda terra
Assim disse o Mestre amado
Terremoto em todo Estado
guerra e rumores de guerra
Destruir vales e serra
Podia nos preparar
Que estava pra chegar
O dia de ver o fim
E por isso eu digo assim:
O MUNDO VAI SE ACABAR

R. Diz a Escritura Sagrada
Que a grande consumação
Será a continuação
De uma terra renovada,
Por certo a Mansão Sagrada
Desce com Jesus por fim
Se a terra vai ser jardim
Como eu posso acreditar
Que o mundo vai se acabar?
O MUNDO NÃO TERÁ FIM

M. Se desce o fogo Celeste
Pra queimar toda impureza
Que a terra tem com certeza
De Leste Sul e Oeste
Desde o Sertão ao agreste
Tem que se purificar
Pra Jesus poder pisar
E conosco residir
Por isso que digo aqui
O MUNDO VAI SE ACABAR

R. Se houver fogo em Sodoma
Desde a cidade a masmorra
Da mesma forma em Gomorra
Quase destruiu-se Roma,
Entretanto o povo toma
Tudo tim-tim por tim-tim
Vai interpretando enfim
Ao pé da letra sem par
Que o mundo vai se acabar
O MUNDO NÃO TERÁ FIM

M. Sodoma foi destruída
Devido a devassidão
Veio sua destruição
O povo perdeu a vida
Por muitos hoje é esquecida
E continuam a pecar
Bater, matar, desonrar
É somente o que se ver,
Por isso torno a dizer:
O MUNDO VAI SE ACABAR

R. Disse o proprio Jeová
No mais sublimado tom:
"Tudo que fiz está bom
Assim quero como está"
Um dia o Filho virà
Com Arcanjo querubim
Pelo toque de clarim
Veremos sua Majestade
Porém na realidade
O MUNDO NÃO TERÁ FIM

M. Depois de Exterminada
Toda impureza que tem
De Nova Jeruzalém
A terra è denominada
Será de Deus a morada,
Mas antes disto chegar
Pra o fogo purificar
Todos terão que sofrer
Não deixarei de dizer:
O MUNDO VAI SE ACABAR

R. A Divina Providência
Na sua sabedoria
Fez tudo com armonia
Dentro da maior ciência
Sò um ser sem consciência
Pensa que Deus é ruim,
Eu não posso crer assim,
A terra por sua vez
Há de ter outro jaez...
O MUNDO NÃO TERÁ FIM

M. O homem foi feito um santo
Para alegria de Deus
Com todos os anjos seus
E abençoou com seu manto,
Mas o homem pecou tanto
Que Deus não quiz tolerar
Resolveu a exterminar
Porém salvando Noé
Disse Jesus e eu dou fé:
O MUNDO VAI SE ACABAR

R. Por certo as calamidades
Haverão, isto acredito,
Pois na Bíblia está escrito
É a Verdade das verdades,
Diversas humanidades
Filhas do Pai Eloim
Voltarão ao seu jardim
Iguais ao homem primeiro
Sendo Deus Pai Verdadeiro
O MUNDO NÃO TERÁ FIM

M. Vamos fazer caridade,
Perdoar o nosso irmão,
Vamos fazer oração,
Vamos deixar a maldade,
Vamos seguir com a verdade,
Vamos pedir e rogar
A Deus pra nos perdoar,
Vamos deixar o pecado
Por que o tempo é chegado
O MUNDO VAI SE ACABAR

R. Creio num Deus de bondade,
Creio no Autor dos autores,
Creio em Deus pelos fulgores
De toda sua Eternidade!
Creio em Deus que é a Verdade
E está dentro de mim!
Por isso termino assim:
Sendo Deus toda concordia
Creio na misericordia
O MUNDO NÃO TERÁ FIM

M. Peço a Deus Pai, a Deus Filho
E ao Deus Espirito Santo
Cobre-me com o vosso manto
Que eu tenha bastante brilho
Não sair fora do trilho
Para a vida de pecar
E quando Jesus voltar
Me leve no meio dos seus,
Termino os versinhos meus:
O MUNDO VAI SE ACABAR

FIM

FOLHETOS DE PROVEITO E EXEMPLO, EXTRAÇÃO MORAL E EXORTAÇÃO

O DIREITO DA MULHER

Já peguei na minha pena
Para o que der e vier
Com a permissão de Deus
Farei tudo que eu quizer
Conforme meu pensamento
Vou escrever no momento
O direito da mulher.

A mulher é uma rosa
No jardim da Natureza
Feita pela mão Divina
Com tanta delicadeza
Revestida de amor
Por ordem do Criador
E a maior gentileza.

E deu ela para o homem
Para ambos se amar,
A carne da mesma carne
Para não se separar,
Os ossos dos mesmos ossos
Sendo os dela igual os nossos
Para ser feliz um lar.

Mas a mulher resolveu
Passar o homem para traz,
O homem para a mulher
Virou uma fera voraz
Nem um nem outro se dobra
É cobra engulindo cobra
Que parece uns animais

Diz a mulher: não aceito
Viver na escravidão,
Dominada por você
Sujeita a seu cinturão
Preciso a vida gosar
Ir pra onde eu desejar
Sem a sua permissão.

Se voce beber cachaça
Eu tambèm quero beber,
Se voce for namorar
Não tenho tempo a perder,
Tanto aqui e como além
Eu vou namorar tambèm
Para todo mundo ver.

Se voce for para o jogo
Eu tambèm quero jogar,
Se voce for para a dança
Eu também quero dançar,
Se voce quizer intriga
E arranjar uma rapariga
Tambèm vou raparigar.

Se voce me abandonar
Vai perder longe a porfia
Porque a lei do civil
Me dar toda garantia
Voce vai me dá a mesada
Calado sem dizer nada
Sou eu quem marco a quantia

Eu tendo a mesada certa
Para que mais trabalhar?
Eu vou andar cime-nua
Pra os homens se apaixonar
É você là se esforçando
E eu por cà namorando
Você tem que se lascar.

Vou usar aquela moda
Que tem na televisão
Da nossa novela Brega
Com a música peladão,
E nu com as mãos nos bolsos
De homens velhos e moços
Vou chamar tudo atenção.

Se voce fizer se trouxa
E cortar uma volta e meia,
Pra não me dá a mesada
A coisa aí vai ser feia,
Será um homem infeliz
Porque eu vou ao juiz
E lhe meto na cadeia

E assim muitas mulheres
Tem esta concepsão,
De agir desta maneira
Achando està com razão,
Mas assim não é aceito
Porque em vés do direito
É uma esculhambação.

O direito da mulher
È a mulher educada,
Que se esforçou nos estudos
Para ser uma formada,
Que nunca se escandaliza
Tornando se uma juiza
Ou mesmo uma advogada.

Jà temos mulher Prefeita
E mulher vereadora,
Já temos mulher ministra
Sem falar em professora
Em nossa terra adorada
Temos mulher Deputada
E mulher aviadora.

Temos mulher Delegada
Pra fazer qualquer prisão,
Temos mulher motorista
Agindo na direção,
Mostrando sua coragem
Seguindo pela rodagem
Dirigindo um caminhão.

Temos mulher que dirige
A toda classe de gente,
Que manda no Delegado,
No Sargento e no Tenente
Sò falta ter no Brasil
Ou militar ou civil
Uma mulher Presidente.

E quando as autoridades
Fizer convenção bem feita,
E apresentar uma mulher
Por todo povo é aceita,
Para ser a Presidenta
Isto já nem se comenta
Pode chamar já eleita.

Se elege um Presidente
De um Estado qualquer,
Nada faz por nossa terra
Sò pra ele é de colher
Tenha santa pasciência
Precisa na presidência
O governo da mulher.

A mulher està superando
O homem de mais a mais,
Na prudência, ou no emprego
A mulher tem mais cartaz
Pode dà por onde der
O certo é que a mulher
Passou o homem para traz

O direito da mulher
Cada vez mais redobrou,
Até a calça do homem
Agora a mulher tomou,
Dando no pobre uma váia
Oferece a sua sàia
Com o homem anarquisou.

Se o homem procura emprego
O empresário não quer
Dizendo: não tenho emprego
Aqui pra homem qualquer,
Nòs não queremos barbado
Para ser nosso empregado
Nós só queremos mulher.

Atè mesmo na Igreja
Que Bom Jesus confiou,
A direção para o homem
A metade abandonou,
Mas a mulher quando viu
A sua vaga assumiu
E assim continuou

Se agente vai uma missa
Sò encontra a Igreja cheia,
Mas somente de mulheres
Homem pra missa bambeia,
Diz o padre junto a cruz:
Valei-me meu Bom Jesus
E a Mãe de Deus das Candeia

Se um homem perde a calma
E numa mulher bater,
A policia num momento
Vai este pobre prender,
Algemado pé e mão
Pra sofrer lá na prisão
É triste o seu padecer.

E se apanhar de mulher
Quando dér parte a policia,
Fica logo encarcerado
Até fazer a perícia,
Diz o Dr. com alarde:
Pra deixar de ser covarde
Vai apanhar sem caricia.

E assim o pobre homem
Que quer ser muito cortez
Não quiz bater na mulher
Por mais raiva que ela fez
Apanha e perde a porfia
E là na Delegacia
Ainda apanha outra vez.

A mulher está querendo
Ter mais esta garantia,
Que com 25 anos (de trabalho)
Ter aposentadoria,
Pra poder se descansar
Sua luta amenizar
Atè chegar o seu dia.

O direito da mulher
Cada vez mais se apraz,
Faz o maior movimento
Crescendo de mais a mais
Seus direitos não se somem
Mas o direito do homem
É cada vez para traz.

Se nossa Constituinte
Este projeto aprovar,
O direito da mulher
Vai cada vez melhorar,
Em nossa terra adorada
O homem não està com nada
Sem ter pra quem apelar.

Atè Dr. Zé Sarney
No seu modo de falar,
Fala na mulher primeiro
Pra mulher valorisar:
Brasileiras e brasileiros
Daí vai continuar.

Já está chegado o tempo
Da mulher ir trabalhar,
O homem ficar em casa
Pra das crianças cuidar
Cumprindo assim seu destino
A mulher ter o menino
E o homem dá de mamar.

Eu sou ao lado do homem
Em todo assunto qualquer,
Menos de fazer desordem
Ao lado de lucifer.
Meus pensamentos não somem
Porque não gosto de homem
Eu sò gosto è de mulher.

FIM

O DIREITO DE MATAR

O direito de nascer
Já cansei de escutar
É coisa que não tem fim
Nunca mais quer se acabar
E por isso escrevo agora
O direito de matar

Quando Deus formou o mundo
Com terra, floresta e mar
Fez o homem e a mulher
Deu direito de si amar
Mas a nenhum Êle deu
O direito de matar

O Caim matou Abel
Apenas pra se vingar
Deus o amaldiçou
E mandou ele ir vagar
Mas com tudo proibiu
O direito de matar

A onça tigre nas selvas
Tem os filhos vai criar
Com todo zêlo e carinho
Se põe os amamentar
É provavel que não tem
O direito de matar

A formiga tão pequena
Faz atè admirar
Cria os filhos pequeninos
Ninguem sabe o que é que dar
É prova que não existe
O direito de matar

A pequena beija-flor
Que a flor vive a beijar
Sem ter leite sem ter nada
Para os seus filhos criar
Mesmo assim sò vota contra
O direito de matar

A pulga pequeno inceto
Que é só pra atormentar
Morde agente a noite inteira
Que não deixa sussegar
Ela è sempre uma inimiga
Do direito de matar

A muriçoca tambem
A noite tôda a zoar
Bem no ouvido da gente
Que não deixa cochilar
Quem quizer que fale a ela
No direito de matar

A barata é outro inceto
Que nos faz repugnar
Entra dentro das panelas
Faz coisa de admirar
E xinga quem for ao lado
Do direito de matar

Uma pulga deu um sôco
Que só faltou derrubar
Na cara do mucuim
Por ele ir se ouzar
Dizer a ela que tinha
O direito de matar

O pombo com pombinha
Leva a vida a se beijar
A pombinha põe os ovos
O pombo è quem vai chocar
Ambos torcem e votam contra
O direito de matar

A galinha disse ao galo:
Você sosinho vai ficar
Eu vou desaparicer
Para nunca mais voltar
Porque bem perto aí vem
O direito de matar

O tatù disse a tatùa:
Agora vou me enterrar
Em um buraco bem fundo
Para ninguem me pegar
Porque vem o caçador
Com o direito de matar

O sapo disse: óra bolas!
Não tem de que me assustar
Eu dentro duma lagôa
Ninguem pode me alcansar
Por isso não tenho medo
Do direito de matar

O rato já não se fala
Que sò vive de roubar
E diz que o gato é ruim
Tem ódio pra se acabar
Diz que ele não devia
Ter o direito de matar

Pra todo e qualquer ladrão
Que só vive de roubar
Rouba um e rouba outro
Afim de não atrapalhar
Eu votava que tivesse
O direito de matar

Uma cobra por exemplo
Para seus filhos criar
Sem ter peito, sem ter perna
Sem ter mão pra alimentar?
Mas mesmo assim ela é contra
O direito de matar

E ainda o carrapato
Que começa se engordar
Quando pega está seguro
Só deseja se enterrar
Êle é sempre um inimigo
Do direito de matar

Até a pròpria policia
É uma ordem de rachar
Quando prende um criminoso
Que se entregou sem lutar
Depois de preso acabou-se
O direito de matar

Quando agarra um ladrão
Que leva a vida a roubar
Mete logo o cacitete
Faz ele sapatiar
Mas respeita tôda vida
O direito de matar

O médico quando se forma
Primeiro tem que jurar
Que a sua profissão
É para a vida salvar
E nunca fazer apêlo
Pra o direito de matar

Nos diz a Biblia Sagrada
Que nós devemos amar
O pròximo como a nós mesmo
Mas poucos querem aceitar
Porque gostam e admiram
O direito de matar

O povo samaritano
Não quiz Jesus hospedar
Os seus discipulos pediram
Permissão para vingar
Mas Êle não permitiu
O direito de matar

Jesus mandou seus discipulos
Duas espadas comprar
Mas na hora da prisão
Mandou as embanhinhar
Porque era proibido
O direito de matar

O Judas Iscariotes
Foi a Jesus entregar
Aos sacerdotes pagãos
E depois foi se enforcar
Porque viu que tinha dado
O direito de matar

Portanto meus amiguinhos
Vamos bem imaginar
Não queiram comprar revolver
Para a policia tomar
Conheçam que é proibido
O direito de matar

Nós pensamos que as armas
Servem para nos salvar
Mas è engano amiguinhos
Só é pra nos condenar
Porque elas dão a nòs
O direito de matar

Se estamos com um revolver
Não queremos tolerar
A fraqueza dum irmão
Pois queremos nos vingar
E usa logo na hora
O direito de matar

A cachaça é outra arma
Do satanaz se vingar
Porque depois que està èbrio
Tudo pode praticar
E se arma com a arma
Do direito de matar

O baralho é um anzol
Do inimigo pescar
Porque quem vive com ele
Só quer aos outros roubar
E daí vem o desejo
Do direito de matar

A mulher que mata o filho
Não tem mais do que julgar
Porque Jesus já julgou
Não tem mais jeito pra dar
Porque usou contra o filho
O direito de matar

Matar os filhos no ventre
Jesus não vai perdoar
Os que não tiver pecado
Pode atè apedrejar
Pra saber que é proibido
O direito de matar

Os pais que xingam seus filhos
É um pecado sem par
Já pecou e repecou
Não tem mais o que pecar
É mesmo que ter usado
O direito de matar

Os filhos que xingam os pais
Já não è nem bom falar
Pois ê um super-pecado
Deus não vai abençoar
A quem aqui so deseja
O direito de matar

Diz São João Evangelista
Quando Jesus vir julgar,
Os que morreram afogados
O mar tem que apresentar
Só porque ele não tinha
O direito de matar

A morte no último dia
Tem que gemer e chorar
Num grande lago de fogo
Deus manda a precipitar
É caçado o seu mandato
Do direito de matar

Meu amado Bom Jesus
Faça sempre eu me humilhar
Seguindo na vossa lei
Instruindo a quem comprar
Livro de minha autoria
Viver contra dia a dia
O direito de matar

FIM

AS FAÇANHAS DO JOGO DO BICHO

Nenhum castigo merece
Quem fala a pura verdade
E agora eu vou falar
A pura realidade
É sobre o jogo do bicho
Que evadiu nossa cidade

É um infelicida
Esta tal de jogatina
No bolso da humanidade
Fazendo carnificina
Tirando o ultimo tostão
Com sua fome canina

Homem, mulher e menino
Vive em tempo de endoidar
Todo dinheiro que apanham
Em vez de se alimentar
Procuram logo um cambista
No jogo vão arriscar

A mulher rouba o marido,
O empregado, o patrão,
O afilhado, o padrinho,
A irmã rouba o irmão
Para jogarem no bicho
Naquela triste iluzão

Homem não compra feijão
Para o dinheiro poupar
E nem tão pouco a farinha
Carne nem é bom falar
Deixa os filhinhos com fome
Para o bicho ir jogar

Vou acertar no milhar
Diz ele nesta iluzão
Porque sonhei com uma cobra
Fazendo risco no chão
Mas, mentira, em vez de cobra
Só o que dà é leão

Outro já passa a semana
Em um serviço pesado
Para não morrer de fome
Compra na venda fiado
Quando recebe o dinheiro
Vai se lascar no viado

Mulher diz: eu para o bicho
Impenho atè os anéis
Pois a semana passada
Tirei um conto de reis,
Na iluzão de ganhar
Tem de perder mais de dez

Até os proprios meninos
Não compram mais picolé
Muito pior pirulito
Nem tão pouco acarajé
Todo dinheiro è pra cobra
Touro vaca e jacaré

Se queixa o dono da loja
Se queixa o dono do bar,
Se queixa atè o fotògrafo
Que nada pôde arranjar
Porque o jogo do bicho
Veio com tudo arrazar

Se queixa a banca de carne
E o vendedor de feijão
Até o vendedor de fumo
Sai gritando a multidão:
Porque não acho quem compre
Ando com o fumo na mão

Devido o jogo do bicho
Nada está tendo valor
Se queixa a banca de roupa
Se queixa o carregador
Se queixa quem pede esmola
E muito mais o trovador

Se queixa até as farmacias
Se queixa o tabelião
Se queixa a Caixa Economica
Se queixa até o escrivão
Se queixa toda cidade
Num paradeiro do cão

Agora meus bons amigos
Pra quem vamos apelar?
O nosso governador
Deu ordem para jogar
Portanto joguem no bicho
E deixem a cobra fumar

Quem perde é porque possui
Quem não tem não pode dar
Como diz Cancão de Fogo
No seu modo de pensar
Eu não jogando o que é meu
Quem quizer pode jogar

Se vê homem neste mundo
Que comparo com um cégo
Fazendo coisas erradas
Que eu até arrenego
Mas, cabeça sem juizo
Só é cabeça de prego

Tem uns que fazem promessa
Para no jogo ganhar
Creio que Deus nos ajuda
É no trabalho a lutar
Pois, ele é reto Juiz
Não pode em jogo ajudar

Nossos jornais de Itabuna
Combateram a jogatina
Mas, não poderam vencer
Esta tão negra rotina
Que veio á nossa cidade
Fazer tão grande ruina

Infelismente esses dias
Quem resolve é a bicharada
Brevimente nós veremos
Cobra sendo deputada
Veado sendo prefeito
E a vaca delegada

Leão sendo presidente
O touro ser ditador
Cachorro ser secretario
Urso ser veriador
Macaco, fiscal geral
E burro governador

Cavalo sendo soldado
Elefante, capitão
Borboleta, professora
Educando a multidão
O perú ser marechal
O porco, tabelião

Senhores, peço desculpas
Deste folheto eu fazer
Porque o jogo do bicho
A mim fez adoecer
Com uma febre nos bolsos
Que estou para morrer

FIM

HISTÓRIA DE JOÃO BESTA

Quem nasce para ser besta
Suas mãos enchem de calo
Nasce pata e nasce rabo
Sua testa nasce um galo
Será besta toda vida
Nunca pode ser cavalo.

João Besta era um rapaz
Que em tudo dava cabo.
Chamava carne era cane
E trocava por quiabo,
Pra ser besta verdadeira
Sò faltava nascer rabo.

As moças da redondeza
Queriam gostar de João,
Porèm ele envergonhado
Não dava satisfação,
Pra conversar com uma moça
Era olhando para o chão

Até que um certo dia
Uma moça se arriscou,
E pegou João apulso
Na boca dele beijou.
João perdeu mais o medo
E com ela se casou.

No dia do casamento
O povo estava bebendo,
Outros estavam dançando
A festa estava fervendo,
João pra dormir com a mulher
De medo estava tremendo.

Depois que a festa acabou
Que o povo vai, mas, não vai
Saindo de vagarinho
João também quase que sai.
Pra não dormir com a mulher
Ia pra casa do pai.

A mulher agarrou ele
Não deixou ele sair,
Trancando todas as portas
Para ele não fugir,
Levou-o para cama a marra
Para com ela dormir.

Com poucos dias João Besta
Estava se melhorando,
Com as instruções da mulher
Cada vez mais ensinando,
João Besta ia aprendendo
Cada vez mais se estirando.

Até que com nove mezes
Dele nasceu uma filhinha,
A mulher ficou alegre
Com aquela garotinha,
Deram seu nome Francisca
Que chamavam de Chiquinha.

Um dia João foi a feira
Para banana vender,
E também fazer a feira
Relativo o que comer,
A mulher deu uma encomenda
Para João Besta trazer.

Disse ela: dez agulhas
Você vai trazer da feira,
Para remendar sua roupa
Que rasga calça e algibeira,
Não sei como rasga tanto
Parece atè brincadeira.

João Besta foi para a rua
As dez agulhas comprou,
Sem embrulhar e sem nada
Nos caçuàs despejou,
Que quando chegou em casa
Sua mulher perguntou:

Cadê as agulhas, João
Que mandei você comprar!
Disse ele: eu botei
Lá dentro do caçuá,
As agulhas tinham perdido
Nada mais pôde enontrar.

A mulher disse: você
O seu juizo é atraz.
Igual ao motor da Kombe
Para tudo é incapaz,
No mundo tem muitos bestas
Você é besta de mais.

Duas panelas de barro
Và na cidade comprar,
Outra vez deixe perder
Pra com elas não chegar,
Que vou lhe quebrar no pau
Atè que você rinchar.

João chegou na cidade
Veja o que aconteceu,
Comprou logo as panelas
E disse: o que faço eu?
No caçuá elas perde
Como as agulhas pedeu.

João pensando, e pensando
Até que por fim acertou,
Furou os fundos das panelas
E numa vara enfiou.
Botando a vara no ombro
Para casa viajou.

Chegando lá a mulher
Vendo as panelas furadas
Disse. João você é doido
Ou se faz com palhaçadas?
Tomou de João as panelas
Deixou ao chão rebentadas

A mulher disse João
Você aqui vai ficar,
Olhando nossa filhinha
Para não deixar chorar,
Eu vou ligeiro na rua
As minhas coisas comprar.

A mulher seguiu pra rua
Ficou a menina brincando,
E João tomando conta
Para ela sempre olhando,
Mais tarde aquela menina
Abre a boca chorando.

Ele pegou um brinquedo
Para ver se calentava,
Porèm aquela menina
Com isso não contentava,
Quanto mais ele insistia
Mais a menina chorava.

Ele pegou um alfinete
E a pobre segurou,
Na moleira da menina
O alfinete enfiou,
A menina deu um grito
E no momento calou.

João ai ficou alegre
Dizendo: agora acertei,
Remédio pra não chorar
Foi este mesmo que dei,
Minha mulher vai gostar
Do remédio que inventei.

Mas João ficou pensando
Em tudo que aconteceu,
Viu a menina calar
Nunca mais se moveu
Ele aí desconfiou
Que a menina morreu.

Ele aí ficou pensando
Como é que vou contar,
O caso dessa menina
Quando minha mulher chegar
Pois eu matei a menina,
A mulher vai me matar.

Eu vou me suicidar
Pra não ver a confusão,
Naquele mesmo momento
Pegou u'a mão de pilão,
E jogava para cima
Deixava cair no cão.

Pois ele tirou o corpo
Da pancada se livrou,
Jogando a mão de pilão
Ele aí continuou,
E uma perua choca
A mão de pilão matou.

Ele disse: está danado
A mulher vai me matar,
Já que matei a perua
Os ovos eu vou chocar,
Deitou se em cima dos ovos
Começou tudo a quebrar.

Quando ele está deitado
A sua mulher chegou,
A sua filhinha morta
A pobre logo encontrou.
E João chocando os ovos
Da perua que matou.

A mulher pegou um pau
Meteu a pancada em João
Ele ai saiu correndo
Sem rumo e sem direção,
E a mulher atraz dele
Batendo sem compaixão.

A mulher voltou depois
Chorando e se maldizendo,
Porque a sua fihinha
Tão criança foi perdendo,
E o tal de João Besta
Atè hoje está correndo.

A mulher dizia chorando
Horrivelmente zangada:
O infeliz do João Besta
Foi pra casa da "pelada"
É melhor viver sozinha
Do que mal acompanhada.

FIM

OS HORRORES DO CARNAVAL

Pra escrever pornografia
Deus me falte a inspiração
Mas vou escrever um livrinho
Combatendo a corrupção
Que se ver no carnaval
A grande devassidão.

O pessoal hoje em dia
Pouco teme o Salvador
Só quer viver mergulhado
Na corrupção de horror
Um livro religioso
Muito pouco dar valor.

O povo de hoje em dia
Só quer viver na orgia
De circo, cinema e festa
O passeio é todo dia
Donzelas, moças e velhas
Só quer viver na fulia.

No maldito carnaval
Sai o cordão a cantar
Tanta cantiga indecente
Que faz vergonha escutar
Outro com mascara de cão
Que chega me arrepiar.

Sai a turma de malandro
Cantando assim na folia;
A maçã que Adão comeu
Era a pura fantazia
A maçã igual aquela
Até eu tambem queria.

Pois hoje os pais de familias
São quem dar a liberdade
Pras filhas pegar os homens
Pelas ruas da Cidade
Se alguem der um conselho
Diz que é civilidade.

Os pais compram fantazia
Para as filhas ir brincar
A moça dar uma risada
E diz: eu vou descontar
Hoje com o meu namorado
Faço coisa de amargar.

A mulher traja de homem
Homem traja de mulher
Ali vira um comunismo
Pra o rapaz é de colher
Nos tres dias de carnaval
Pegam em donzela onde quer.

Se eu tivesse uma noiva
E a visse mascarada
No outro dia eu dizia
Mas você é relachada
Vá pra casa do chapéu
Que você não vale nada.

Quem quizer ver coisa feia
Nos días do carnaval
Dá meia noite em diante
Vá num salão festival
Zé chupa o beiço de Dória
Morluce o de Lourival.

As moças embriagadas
De tomar vinho e gritar:
Importa que a mula manque
Nós queremos rosetar
E depois de rosetadas
Não tem mais geito pra dar.

E marcha que acho horrivel
Que cantaram no cordão,
Com o diabo no corpo.
Por isso não canto não
É cantiga escandalosa
Para minha opinião.

Uns se trajam de caboclos
Correndo pelo caminho
Abraçando com as caboclas
Com todo agrado e carinho
Quando é com nove mezes
Aparece um caboclinho.

Eu gostei duma mocinha
Que era linda donzela
Amava-o de coração
Pensava em casar com ela
Por causa de um carnaval
Sou hoje inimigo dela.

Encontrei ela na rua
Com a cara toda pintada
Se abraçando com os homens
Feita a pior relachada
Tomando vinho e serveja
E já quase embriagada.

Eu disse: vote danada
Comigo assim não vai não,
Porque panela furada
Nunca cozinha feijão
Não vou dar murro em côcô
Vá fazer besta do cão.

Existe mulher casada
Que de doida pra brincar,
Deixa os filhos com o marido
E vai se fantaziar
Pra ir pular no cordão
Com os homens se beijar.

Eu conheço uma casada
Que só vivia em função
No dia do carnaval
Brincou tanto em um cordão
Tomou cana embriagou-se
Foi um serviço do cão.

A malandragem alarmaram
Nesse día em plena rua
O nome da casadinha
Pela procedencía sua
Os malandros aproveitaram
Naquela noite de lua.

Só se ver no carnaval
Coisas feias de horrores
Moças com os seios de fora
Que faz vergonha e clamores
Mostrando as coixas aos homens
Conquistando seus amores.

Para mim o carnaval
É o caminho da desventura
Rapaz agarra com moça
E agarra na cintura
Quando pensa que é cedo
E tarde, a coisa está dura

No carnval meus amigos
Toda indecencia se ver
Os pais agarra com filhas
Tudo ali sem conhecer
Irmão deflora a irmã
Mascarados sem saber

Um caso até duvidoso
Outro dia se passou
No estado do Pernambuco
Um velhinho me contou
Dum rapaz que a propría irmã
Num carnaval deflorou.

Eles todos mascarados
Brincando em um cordão
Forarm com a cara um do outro
E naquela ócasião
Beijo vai e beijo vem
Feito a pintura do cão,

Quando não tinha mais geito
Eles foram conhecer
A moça deu uma vertigem
Que só faltou foi morrer
O moço deu um passamento
Caiu no chão a tremer

Este nosso mundo velho
Está cheio de perversidade
Moça andando quase nua
Pelas ruas da cidade
Agarradas com os rapazes
Com toda imoralidade

Neste tal de carnaval
Não tem mais separação
Donzela com prostituta
É grande a devassidão
Malandros amassa todas
com toda esculhambação

Quando é no outro día
Quatro e cinco a conversar
Quem tem as pernas bonitas
Eles vão logo falar
Quem tem maior ou menor
Vão todos a comentar.

Um diz ao outro: fulano
Você sabe o que é que há?
Eu peguei numa coisona!
Que me fez admirar
Eu cheguei encher a mão
Mas nada pude arranjar

Responde o outro: qual nada
Você é um bôbalhão,
Eu com aquela fulana
Que você viu no cordão
Discontei todo dinheiro
Que gastei nesta função.

Diz o outro: eu também
Com aquela moreninha
Peguei em todos lugares
Pois ela é muito mansinha
Também fiquei satisfeito
Com aquela garotinha.

Em São Paulo apareceu
Numa noite de luar
U'a mulher diferente
Por esta forma a cantar:
Eu tambèm estou aí
Estou aí, o que é que há?

Altura demaziada
Uma coísa de horror
Cada pé um metro e meio
Abraçada com um tambor.
Com duas pintas na cara
E na cabeça um pirror.

Essa mulher diferente
Foi chegando em um Bar
Foi sentando-se na mesa
Sem ninguém lhe convidar
Toda cerveja da mesa
Comecou ela a tomar.

Foi bebendo, foi bebendo
Vinte garrafas secou
Tornaram encher novamente
Pois o povo admirou
Duas caixas de cerveja
A mulher, todas tomou.

Um menino nessa hora
Por nome de Eliezer
Ali naquele momento
Olhou prá os pés da mulher
Viu cada com metro e meio
Disse ele é Lucifer.

O povo todo dali.
Chamou por Nossa Senhora
A mulher lhe respondeu:
Ainda mais esta agora
Deu um estouro e sumiu-se
Isso sem haver demora.

Quando a mulher se sumiu
Que o moço foi olhar,
As garrafas todas cheias
Sem nada mesmo faltar
O moço ficou com medo
Em tempo de se assombrar.

Vou terminar meu livrinho
Com toda pontuação
Sou um rapaz moralista
Sou contra a devassidão
Quem gostar de carnaval
Desculpe minha expressão.

FIM

A LINGUA DE MINHA SOGRA

A lingua de minha sogra
Cortava como tesouza,
Fazia grande explosão
Como bomba arrazadora,
De todo mundo falava
Com todos se intrigava
Quem a visse comparava
Com uma metralhadora.

Tinha barba, tinha bigode
Falava grosso de mais,
Que quando virava a sàia
Com a frente pra tràs,
O bigode se bolia
E a barba se abria
Ela estava nesse dia
Pior do que satanàs.

Então todos os seus genros
Ela era acustumada,
A bater em todos eles
Eu não sabia de nada,
Gostei duma filha dela
Que era linda donzela
Por fim me casei com ela
Fui cair nesta embuscada.

O meu sogro também era
De fazer admirar,
Porque era um trem de risco
E era outro de riscar,
Esse era um valentão
Foi jagunço no sertão
Foi cabra de Lampião
Sabia bem pelejar.

A onde estava eu metido
Porèm sem nada saber,
Que o velho com a velha
Eram duros de ruer,
Porque todos genros deles
Os seus modos para aqueles
Que não dessem bênça a eles
Lhes botavam pra correr

Afinal realizei
Esse tal de casamento,
Na santa Igreja Católica
Recebemos o Sacramento,
Pensando que me casava
Meu sofrimento acabava
Minha sorte melhorava
Aumentou mais meu tormento

Com dois dias de casado
A mulher me explicou,
Pra chamar minha sogra mãe
Foi logo o que me falou,
E chamar meu sogro, pai
Minha calça quase cai
Inda ficou vai, não vai
Do ódio que me chegou.

Eu respondi a mulher:
No meu modo de pensar,
A minha sogra eu respeito
Porém não pra bença dar,
Minha mãe Deus já levou
O meu pai Jesus chamou
Como è que agora eu vou
Novos pais tornar arranjar?

Disse ela: sendo assim
Este nosso bem querer,
Vai se transformar em nada
Porque eu vou lhe dizer:
Se tu dér bom dia a ela
Chegando na casa dela
Ela vai na tua guela
E te bota pra correr.

Eu lhe respondi: que nada,
E ela faz o que quer?
Eu nunca corri de um homem
Pra correr duma mulher?
Essa velha está danada
Mas ela está enganada
Talvez que nesta jornada
Ela toma é ponta-pè.

Então com esta conversa
Minha mulher se zangou
E logo de ter casado
Comigo se disgostou,
E ficou muito zangada
Por essa conversa errada
Foi dormir de madrugada
A desdita começou.

Com três dias depois disto
Fui pra roça trabalhar,
Aconteceu que minha sogra
Veio em casa passeiar,
Eu que de nada sabia
Quando foi ao meio dia
Direto pra casa ia
Na hora de almoçar

Quamdo fui chegando em casa
Com ela fui encontrando,
Fui saudando direitinho
Com ela fui abraçando,
Ela de cara fechada
Com a testa enfarruscada
Como quem estava zangada
Foi logo assim me falando

Eu não gosto de um gênro
Que vem comigo falar,
Sem primeiro dá a bênção
Se de mãe não me chamar
Não posso ter amisade
Lhe digo logo a verdade
E dou bastante vontade
De uma surra lhe dar

Eu lhe disse: minha sogra!
A minha mãe já morreu,
Lhe tenho muito respeito
Conheço o direito meu,
Me perdoe, não se acanhe
Tomo bênção pai e mãe
A senhora não estranhe
Que minha mãe já faleceu.

Com isto a velha minha sogra
Comigo se intrigou
Deu hora de ir embora
Ela aí se regressou,
Minha mulher màcriada
Ficou bastante zangada
Não fez comida nem nada
Nem mais comigo falou.

Eu fui ao pè do fogão
Fui assar minha carninha,
E tambèm fazer cafè
Para tomar com farinha,
Pois a "coisa estava dura"
Porque essa criatura
Nem siquer ali não vinha.

Voltei pra roça outra vez
Cheguei de noite cansado,
A mulher não estava em casa
O fogo estava apagado,
E a mulher passeando
Nas casas de mim falando
Com meu nome fuxicando
Fiquei bastante zangado

Tornei ir fazer a janta
Não tinha por quem esperar,
Que quando ela chegou
Que eu fui aconselhar,
Ela ainda mais se zangou
Todo nome me xingou
Nessa hora se danou
Foi um para pra acertar.

Eu disse: não faça isto
Vamos fazer por viver,
Ela respondeu: que nada
Faço o que eu quizer fazer,
Se você me maltratar,
Minha mãe eu vou chamar
E meu pai vem lhe pegar,
E bater pra você crer.

Com esta conversa feia
O meu sangue se agitou,
Quando ela disse assim
Minha paciência esgotou,
Disse soltando uma graça:
Venha toda tua raça
Lá do sitio atè a praça
Pra poder saber quem sou.

Quando foi no outro dia
Fui pra roça trabalhar,
Ela foi contou minha sogra
Para ela acreditar
Que eu tinha batido nela
E rasgado a roupa dela
Nunca vi mulher daquela
Para história acrescentar.

O meu sogro nessa hora
Se armou com um facão,
A sogra tambèm armou-se
Com u'a mão de pilão,
Atè mesmo meu cunhado
Se armou com um machado
Vinha bastante zangado
Colèrico como um leão.

Para vir bater em mim
Vinham todos bem armados,
Por causa deste fuxico
Vinham bastante zangados
Até minha cunhadinha
Contra mim vinha ruinzinha
Com a trempe da conzinha
Vinham todos preparados

Um garoto primo dela!
Esse era um tanto mau,
Se armou legeiramente
Com uma colher de pau
Seguiram pra minha casa
Cada qual rastando a aza
Como quem pisava em braza
Para me fazer mingau.

Eu estava trabalhando
Eles em casa chegaram,
Para ficarem escondidos
Bem direito controlaram
Para quando eu chegar
A mulher me insultar
E a luta começar
Lá num quarto se trancaram

Eu estava lá na roça
Com uma fome de matar,
Meio dia não fui em casa
Estava pra me acabar,
Quando em casa fui entrando
A mulher foi me falando:
O que andas conversando
Hoje é pra sustentar.

Eu disse: vá pro inferno
Que já estou mais que zangado
Vá futucar o diabo
Que vive desocupado
Quando eu disse assim pra ela
Ela veio na minha guela
Eu botei o braço nela
Vi tombar pra o outro lado

Aí vei a turma toda
Nessa mesma ocasião,
Uns armados de machados
Outros de mão de pilão,
Minha sogra vinha na frente
Como fera renitente
Com uma bruta serpente
Fazia a comparação.

Eu aí saltei de costa
Quando ela veio esperei,
Dei um soco no ouvido
Que com um sò derrubei,
O meu sogro valentão
Eu peguei botei no chão
E tomei logo o facão
Por esta forma gritei:

Agora è que vamos ver
Na luta quem vai ganhar,
Dei 1 tombo em meu cunhado
Que pelo chão vi rolar,
Ali vinha minha cunhadinha
Com a trempe da cozinha
Eu disse: venha bichinha
Que preciso te ensinar.

Ai dei-lhe um ganga-pé
Com pena, dei de vagar
Mas ela tomou dez quedas
Sem poder se aprumar,
Caindo e se levantando
Pelo chão se embolando
Quando aprumou foi gritando
Nunca mais quero brigar.

A minha sogra atrevida
Ficou melhor da pancada.
Tornou vir de novamente
Como uma fera assanhada,
Dei um sôco que estalou
A velha no chão rolou
Na sáia se urinou
E ficou no chão deitada.

O meu sôgro que tambèm
Tomou um bom bofetão,
Fez um trabalho na calça
Que enche logo o calção,
E saiu se embolando
Pelo chão se arrastando
Desta maneira gritando:
Não quero brigar mais não.

Peguei a velha minha sogra
Queria a lingua cortar,
Com uma tezoura cèga
Tambèm a barba raspar,
Minha mulher foi chegando
Chorando se acabando
Por todo santo rogando
Para a tal velha eu soltar.

A mulher disse: marido
Pelo bem do Criador,
Não faça assim com mamãe
Pelo sangue do Senhor
Pela Sagrada Paixão
Por esta imagem da mão
Não bata mais mamãe não
Pelo bem do Salvador

Eu te garanto, marido
Eu nunca mais fuxicar,
Nunca mais conto fuxico
Para tu não se zangar,
Nem mamãe te diz mais nada
Ela mesma foi errada
Por Maria Imaculada
Deixe ela sucegar.

Eu aí fiquei com pena
Tive muita compaixão,
E soltei a minha sogra
Dizendo: cara do cão
Pois, comigo niguèm pode
Quase que neste pagode
Eu cortava o teu bigode
Direitinho mesmo a facão.

Ela respondeu: meu genro
Agora acabei de crer,
Foi o homem que encontrei
Que me fez esmorecer,
Você è homem inteirado
És o meu genro estimado
Somos todos a teu lado
Para não te aborrecer.

Meu sogro chegou dizendo:
Tu ès homem destemido,
Contra te não hà mais nada
És o meu genro querido
Não quero mais malquerência
Vou ter muita paciência
Vou ter muita obediência
Que agora encontrei marido.

Daí avante ficaram
Bons que dinheiro achado,
Tanto o velho como a velha
Atè mesmo meu cunhado
Minha mulher ficou uma cêra
Não quiz mais ser fuxiqueira
Não gostou da brincadeira
Que o serviço foi pesado

Minha mulher daí em diante
Não quiz mais me maltratar,
Quando eu vinha do trabalho
Ela estava a me esperar
Com uma chícara de cafè
Água morna para dá
Tudo pronto estava até
De fazer admirar.

Foi dessa vez que as sogras
Vendo o caso por piora,
Ficaram boas para os genros
E ruizinhas para noras
Porque com macho é macete
Se bolir cai no cacête
Toma surra de porrête
Isto sem haver demora.

Quem tiver sogra ruim
O remèdio è bofetada,
É um remédio tão bom
Que logo fica domada,
E mulher conversadeira
Má criada fuxiqueira
Que se mete a lambanceira
O remédio é dar pancada

Graças a Deus Minelvino
Achou uma sogra boa.
Por não ter a lingua grande
Pra falar conversa atoa
Pela filha se doer
Fazendo só disprazer
Sou obrigado a dizer:
É uma santa pessoa.

Uma sogra sendo boa
Não será coisa melhor
Mas tambèm sendo ruim
Não terá coisa pior,
É um sofrimento eterno
O cão bota no caderno
Lá nas chamas do inferno
Pra sair todo suor.

Eu peço desculpa as sogras
Se feri o seu conceito,
Porque uma sogra boa
Merece todo respeito
Isto é arte de viver
Porque precisa comer
Poeta pra se manter
Dá "murro" de todo jeito

A Lingua de Minha Sogra
Agora vou terminar,
Quem se dér por agravado
A mim queira desculpar,
Só falo com quem merece
Que o direito escurece
E contra os genros se cresce
Sem razão querer brigar.

FIM

A RAZÃO DAS SOGRAS E PORQUE ELAS SÃO LINGUARUDAS

Os homens falam das sogras
As mulheres ainda mais
Que a sogra é faladeira
E tem a língua voraz
Segue aqui a razão das sogras
Pra moça, velho e rapaz

A sogra fala do genro
Que casou com a filha dela
E deixa passando fome
Por uma qualquer "cadela"
Tornando-se irresponsável
De sua filha donzela

A sogra fala do genro
Que não limpa o seu nome
Que se atola na cachaça
E seu dinheiro consome
Deixando a mulher em casa
Se acabando de fome

A sogra fala do genro
Que não quer se esforçar
Só leva a vida a dormir
Sem querer mais trabalhar
Sò produzindo familia
Para a sogra sustentar

A sogra fala do genro
Que sò vive de enrolada
Que passa a noite na rua
Só chega de madrogada
Querendo quebrar a porta
Com a maior ciumada

A sogra fala do genro
Que leva vida a beber
Junto com seus companheiros
E deixa a mulher sofrer
A falta de tudo em casa
Sem ter um jeito a fazer

A sogra fala do genro
Que deixa a mulher penar
E ele no meio das moças
Sem procurar seu lugar
Dizendo que é solteiro
Querendo alguma enganar

A sogra fala do genro
Que deixa a mulher sosinha
Vai pra festa pela tarde
Só chega de manhãsinha
Sem deixar feijão em casa
Quanto mais carne e farinha

A sogra fala do genro
Que não tem um bom pensar
Que casa sem ter uma casa
Com a sogra vai morar
Sem dar nada para a feira
Para a dispesa ajudar

A sogra fala da nora
Que è sò espalhar o pé
De manhã não se levanta
Para fazer o café
E quando o marido chama
Briga mais do que saqüé

A sogra fala da nora
Que não sabe cozinhar
Se bota o feijão no fogo
Chama mãe pra temperar
Se deita e agarra no sono
E por fim deixa queimar

A sogra fala da nora
Que sò vive de fuchico
A onde não lhe pertence
Ela chega e mete o bico
E tem a boca mais dura
Do que âmago de angico

A sogra fala da nora
Que não varre a casa dela
Vive o lixo na varanda
Dando no meio da canela
Se a varanda vive assim
Quanto mais prato e panela

A sogra fala da nora
Que o marido chega em casa
Não acha comida pronta
Todo serviço se atraza
Se ele quizer comer
Vai assar carne na brasa

A sogra fala da nora
Quando pratica ação feia
Quando o homem chega a noite
Não encontra pronta a ceia
Ela na casa dos outros
Falando da vida alheia

A sogra fala da nora
Quando é descuidadosa
Quando é conversadeira
Ou quando è preguiçosa
Quando è muito briguenta
Ou quando é muito sebosa

A sogra fala da nora
Quando é muito xingadeira
Xinga os filhos todo instante
Por qualquer uma besteira
E diz cada palavrão
A titulo de brincadeira

A sogra fala da nora
Quando não sabe lavar
Nem sequer pregar um botão
Muito menos engomar
Até pra lavar um lenço
É obrigado a pagar

A sogra fala da nora
Quando ela està errada
O marido viajando
E ela toda emposada
Nas esquinas palestrando
Com toda rapaziada

A sogra fala da nora
Quando ela é vaidosa
Quer joia de alto preço
Quer casa bem luxuosa
Sem o pobre homem ter
Quantia tão vultuosa

È por isso meus amigos
Que a sogra è linguaruda
Pois se o genro é errado
A nora também ajuda
E a sogra fala mesmo
Que è "um deus nos acuda"

Se o genro andar direito
Ela não pode falar
Se falar ninguèm apoia
Pois não vai acreditar
Mas a certeza è que ela
Sò fala se der lugar

Mas se o genro trouxer
A mulher bem direitinha
A sogra gosta bastante
E fica dele amiguinha
Que pode atè se chamar
Uma segunda mãesinha

Ela abraça aquele genro
Com amor e muito brilho
Considera um grande amigo
Não quer que saia do trilho
Ela é a segunda mãe
Ele é um segundo filho

Da mesma forma a mulher
Seguindo por certa trilha
A sogra fica contente
É uma estrela que brilha
É uma segunda mãe
E um segunda filha

A sogra tem com os netos
O maior contentamento
Cada neto è um tesouro
Afirma sem fingimento
Tudo é felicidade
Tudo é encantamento

O Eclesiastico afirma
Com amor e com carinhos
Que os netos são as coroas
De todos os dois velhinhos
Que viveram as suas vidas
Seguindo nos bons caminhos

Por isso meus amiguinhos
Quero aqui aconselhar
Que a nossa sogra e sogro
Nós devemos respeitar
Pra ser completa a alegria
Do nosso querido lar

Eles são pais duas vezes
De nossos belos filhinhos
Precisa que eles façam
Bem redobrados carinhos
Pois eles desejam vê-los
Guiados nos bons caminhos

A minha sogra è tão boa
Não tem com que comparar
Sò porque eu nunca fui
Pra casa dela morar
E nem dei despesa a ela
Pra comigo se zangar

E tambèm a filha dela
Eu me orgulho em dizer
Que luto por noite e dia
Para não vê-la sofrer
Se as vezes passou fome
Porèm não deixei morrer

Agora aqui meus amigos
Meu livro vou terminar
Quem quizer ter sogra boa
Não procure maltratar
Nem ela, nem sua filha
Para não se atrapalhar

FIM

Itabuna, 29 de fevereiro de 1976

A MALDADE DE MAU VIZINHO E AS MORTES DE DEZ INOCENTES

Senhores um mau vizinho
É um sofrimento eterno
Que destroe qualquer um lar
O cão bota no caderno
Morar junto a um mau vizinho
Antes morar no inferno.

Se o homem compra um terno
Começa se melhorando
O infeliz mau vizinho
Fica logo o invejando
Botando todo defeito
Horrivelmente vaiando

Fica até caluniando
Chama o pobre de ladrão
Com defeitos e chacotas
Sem a menor precisão
Para ver se bota ele
No caminho da perdição

No interior do sertão
Do Estado alagoano
Morava Manoel Francisco
Cidadão calmo e humano
Seu vizinho Raimundo Isidro
Perverso, vil e profano

Se ele era um desumano
A mulher nem se comenta
Pra fuxicar com os vizinhos
Era uma forte pimenta
Dessas que quando se zanga
Morde o beiço, acende a venta

Certa vez desta sangrenta
Uma perua sumiu
Procurou por todo canto
Pra onde foi ningém viu
Disse ela: minha perua
O vizinho jà engoliu

Ela nada pressentiu
Porèm depressa maldou
Dizendo: foi o vizinho
Que a perua roubou
E a casa de Manoel
Com cuidado investigou

Manoel Francisco matou
Um pássaro là no roçado
Conhecido por macuco
Gordo e bastante pesado
Comeu um quarto e o resto
Deixou lá dependurado

Com o seu gênio malvado
A tal mulher de Raimundo
Foi vendo a banda do pássaro
Fez um pensamento imundo
Quem comeu minha perua
Foi este vil vagabundo.

Ligeiro chamou Raimundo
Gritando muito alarmada
Para ir ver uma banda
Da perua pendurada
Era uma prova que ela
Ali não estava enganada

Raimundo foi com a malvada
E pela janela olhou
Uma banda de macuco
Là no fogão avistou
Disse ela: é minha perua
Este infeliz roubou

Raimundo a Manoel chamou
Dizendo assim: seu ladrão
Você pague minha perua
Não venha com confusão
Ou nòs emenda os bigodes
Pra ver quem ganha a questão

Manoel alto do chão
Respondeu desta maneira:
Amigo e senhor Raimundo
Não venha com brincadeira
É coisa que não aceito
É brincar de roubalheira

Não estou com brincadeira
Seu vagabundo ladão
Me pague minha perua
E deixe de confusão,
Manoel Francisco zangou-se
Agarrou logo um facão

E disse: cabra vilão
Precisa me respeitar.
Este nome de ladrão
Voce tem que me provar
Raimundo pegou uma foice
E começaram a lutar

Para Raimundo matar
Manoel descia o facão
Raimundo pra se livrar
Saltava que só leão
Descia a foice em Manoel
Mas só encontrava o chão

Manoel dizia: então
Sujeito desaforado
Vou abrir tua cabeça
Pra deixar de ser ousado
Dizia o outro è mentira
Cabra cretino e safado

Só se ouvia o trincado
Da foice com o facão
Faisca voava longe
Quase imitando a explosão
Da faísca quando cai
No ribumbar do trovão

Um queria ser durão
Queria o outro ser forte
Se facão é perigoso
Foice não hà quem suporte
E prosseguiram eles dois
Numa batalha de morte

Vizinho do sul e do norte
Corriam para apartar
Porém não sendo possivel
Puzeram tudo a brigar
Uns a favor, outros contra
Que foi um "pau pra virar"

Danou-se tudo a brigar
De pedra, foice e cacete
Quem escapava da foice
Ia morrer no porrete
Tinha atè colher de pau
E perna de tamborete

Negro baixava o cecete
Que um gritava: ai meu braço
Outro caia adiante
Cortado pelo cachaço
Outro rolava no chão
Lascado pelo espinhaço

Mulheres davam no aço
Com trempe e machucador
Homem com estaca de cerca
Nessa briga de horror
Sò via gente cair
Como boi no matador

Cada pedrada de horror
Botando gente no chão
Um ali perdia a orelha
O outro perdia a mão
Tirada a golpe de foice
E a golpe de facão

Cada um como um leão
Lutava sem se cansar
Da foice saia fogo
Que chegava clarear
Pois nenhum deles queria
Na luta se acovardar

Via-se o fogo voar
Da foice com o facão
Um irmão de Manoel
Chegou nessa ocasião
Passou a foice em Raimundo
Jogou o pescoço no chão

Chegou um tal de Elesbão
Pior do que um curisco
De um só golpe que deu
Degolou Manoel Francisco
Que a cabeça saltou
E saiu fazendo risco

Ficou saltando no cisco
E ali o pau quebrou
Toda aquela vizinhança
A luta continuou
De foice, pau e facão
A batalha se travou

O povo todo atacou
Só se ouvia gritar
No meio daquela briga
Cabeça longe voar
O sangue ali já corria
Fazendo a terra alagar

Tinha perto um caçuá
Foi quando um corpo partiu
Saltando sem a cabeça
E em cima dêle caiu
A perua da intriga
Estava dentro e saiu

Quando a má vizinha viu
Disse: olhe minha perua
Ó! que coisa temerosa!
Que grande maldade crua
Já tinha dez degolados
Caídos no meio da rua

Parou a luta tão crua
Por ter chegado a policia
Prendeu logo a má vizinha
Com sua negra malicia
Levou para o delegado
Que concluiu a pericia

Correu a triste noticia
Por todo canto em geral
Senhores um mau vizinho
É uma chama do mal
Quem tiver um mau vizinho
Tem um diabo infernal

É um exemplo fatal
Esta batalha tão feia
Pra todos os maus vizinhos
Que cuidam da vida alheia
Quem vive caluniando
Vai se parar na cadeia

Essa nossa lingua é peia
Fala até do Pai Eterno
Precisamos refreà-la
No verão e no inverno
Senão ela nos carrega
Para as chamas do inferno

Do velho atè o moderno
Aviso neste livrinho:
Renuncie-se a si mesmo
Pra seguir no bom caminho
E ter bastante cuidado
Para não ser mau vizinho

Por causa de mau vizinho
Muitos tem ido a prisão
Outros caído no pau
Sem a menor precisão
Tem muitos là na cadeia
Outros de baixo do chão

Mau vizinho neste mundo
Faz a maior desventura
Sem ser da conta ele fala
Inda pratica loucura
Lezando e caluniando
Vivendo sempre cavando
A cova pra sepultura

FIM

A MARRETA DA MORTE É TÃO PESADA, QUE A PEDREIRA DA VIDA NÃO AGUENTA

Essa morte é cruel sem coração
Porque rouba a alegria e nossa paz
Só a negra tristesa ela traz
Por matar nosso amigo, ou nosso irmão
Desde a morte de nosso pai Adão
Que tornou-se malvada e tão sangrenta
Sua marreta é tão sanguenolenta!
Faz a gente dizer desesperada:
A marreta da morte è tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta.

Matou nosso profeta Geremias,
Matou nosso profeta Ezequiel,
Matou nosso profeta Daniel,
Matou nosso profeta Zacarias,
Até mesmo o profeta Malaquias
Que levava uma vida santa e lenta
Pela grande marreta violenta
Cada um teve a nuca esfacelada,
A marreta da morte é tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta.

Matou nosso querido Abraão
Com seus filhos: Isac e Jacó
Tambem Sara com seu sobrinho Ló
E matou rei Davi e Salomão
Com Moisès, Josué e com Arão.
A malvada marreta bem atenta
Cada vez mais a mais a morte aumenta
Contra nós sua grande marretada,
A marreta da morte é tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta

Matou nosso profeta Eliseu,
Matou nosso profeta João Batista,
Matou nosso João Evangelista,
Matou nosso Jesus, o galileu
Sò Elias e Enoc não morreu
Como alguém que da terra se ausenta
Ou por outra no céu se aposenta
Deus livrou desta hora tão minguada,
A marreta da morte é tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta

Matou nosso São Pedro e São Tomè,
Matou nosso Tiago e São Matias,
Matou Santa Isabel e Zacarias,
Matou nosso São Paulo e Barnabé,
Matou Nossa Senhora e São José,
Pois pessoa nenhuma fica isenta
De cair na marreta violenta,
Que não pode aqui ficar parada
A marreta da morte é tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta

Matou nosso querido São Mateus,
Matou Làzaro com Marta e Maria,
Matou Santa Verônica que era a guia
De Jesus que falava aos fariseus
Ensinando no templo a lei de Deus
Para que todo mal se afugenta,
Como é que as ovelhas se aracenta
Pra nenhuma depois ser desgarrada
A marreta da morte é tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta

Nossos papas de nossa santa Igreja
Cada um duma vez ela matou:
Pio XI, Pio XII, ela os levou,
Prosseguindo assim nesta peleja
Com a gente ainda ela graceja
Demonstrando que è nossa parenta
Pois conhece o lugar que tem a venta
Diz assim e dà uma gargalhada
A marreta da morte é tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta.

Matou o nosso João Paulo Primeiro,
Matou nosso querido Paulo Seis,
Antes disso matou João Vinte e Três,
Com os papas jà fez um grande aceiro,
No assunto de papa estrangeiro
Cuja morte matou mais de noventa
No momento que ela se apresenta
Jà a cova està bem preparada,
A marreta da morte é tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta.

A chegada da morte no Brasil
Foi difato um clamor, um caso sèrio
Mandou tanta pesca pro cemitèrio.
Que num instante matou pra mais de mil
Da marinha, aeronáutica e civil
Uma hora de vida não aumenta,
E a morte com sua ferramenta
Chega logo com a cara enfarruscada
A marreta da morte é tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta

Matou o nosso Dom Pedro Segundo
Matou o nosso Dom Pedro Primeiro
Não valeu nada mais o seu dinheiro
Ao sentir esse golpe tão profundo,
Dom João Sexto foi para o outro mundo
Deixou logo esta terra tão nogenta
A princesa Isabel, sua parenta
Também fez a viagem empacotada,
A marreta da morte é tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta

Presidente Prudente de Moraes,
Com Caxias, Seabra e Floriano,
Pra lutar cada um mais veterano,
Discutiam o saber de mais a mais,
Mas a morte calada veio por traz
Da maneira que sempre se apresenta
Com uma força que tudo se arrebenta
Mandou eles pra cova jà cavada,
A marreta da morte é tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta.

Foi Getulio, foi Jango e Juscelino
Residirem na terra da verdade,
Pois a morte chegou com brevidade
Cada um fez comprir o seu destino,
Seja grande com ela, ou pequenino
Ela pega e segura pela venta
Com dez dias, com trinta ou quarenta
Ela mete a marreta na queixada.
A marreta da morte é tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta.

Marechal Costa e Silva, com Castelo
Cada um foi viver na outra vida,
Pois a morte ordenou essa partida
Sem protesto, sem chôro e sem duelo
Seja preto, moreno, ou amarelo,
Pode ser sua cor atè cinzenta
O guerreiro mais forte ela enfrenta
Sua vida ela leva empacotada
A marreta da morte è tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta.

O poeta Bocage, o português,
Seu colega Camões da mesma terra
Descreveram planice, morro e serra
Até quando chegou a sua vez,
Que a morte chegou com rapidez
No seu carro puxando uns oitenta
Foi dizendo ao poeta: se acalenta
Que poesia não vai escrever mais nada
A marreta da morte é tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta.

Leandro Gomes de Barros, trovador
Que fazia livretos de cordel
Trabalhava direto com o papel
E com isso mostrava o seu valor
Porque era difato um bom autor,
Mas a morte por ser sanguenolenta
Já olhava pra ele bem atenta
Disse: eu vou mostrar este camarada
Que a marreta da morte è tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta.

João Martins de Athayde que comprou
O direito a viuva de Leandro,
Pra fazer os livrinhos como Nicândro
Melhorando de quando começou
Mas a morte tambèm o atrapalhou
Que calada chegou meteu a venta
Nessa hora tão negra e tão sangrenta
A marreta da morte é tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta.

Zé Bernardo comprou os seus direitos
Começou os seus livros editar
Para todo Brasil a espalhar
Os seus livros impressos tão bem feitos
Igualmente Athayde, tão perfeitos,
Mas tambèm a idade sua aumenta
E a morte também se apresenta
Trouxe logo pra ele a embaixada,
A marreta da morte è tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta.

Diz João, canhecido Evangelista
Que a morte no fim irá morrer
Em um lago de fogo derreter
Para todo cristão levar de vista,
A marreta se queima e sai da lista,
O Satan nunca mais aqui atenta
Que um anjo o amarra pela venta
E a morte será desbaratada,
Acabou-se a marreta tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta.

FIM

A MULHER QUE BATEU NO MARIDO DE SANDALHA JAPONEZA

Me contou um motorista
Dando-me tôda certeza
Que jà viu uma mulher
Mostrando sua destreza
Deu uma surra no marido
De sandalha japoneza

Porque aquele marido
Vevia sò na cachaça
Caindo Bêbado na rua
Todo povo achando graça
O dinheiro que ganhava
Subia assim na fumaça

Não se importava com roupa
Nem comida pra mulher
Aquela pobre vevia
Como uma santa qualquer
Êle acabava o dinheiro
Na avenida Vai Quem Quer

Quando chegava num bar
Mandava logo descer
Cerveja Brama e cachaça
Pra seus colegas beber
E a pobre mulher em casa
Sem roupa e sem dicomer

E assim na bebedeira
Entrava por noite e dia
Enquanto tinha dinheiro
Ele em casa não ia
E a mulher, coitadinha
Não comia nem bebia

Quando acabava o dinheiro
Ele pra casa voltava
Se a porta estava fechada
Com um ponta-pé derrubava
Pedia comida a mulher
O barulho começava

Ela dizia: fulano
A onde acha comida
Porque você não comprou
Està bonita esta vida
Ele a ela respondia:
Mas que burrinha atrevida!

Avançava contra ela
Porque assim respondia
Pegava pelos cabelos
Horrivelmente batia
E assim aquela pobre
Nas unhas dele sofria

Quando êle estava são
A sua esposa querida
Ia lhe aconselhar
Ele dizia: inchirida
Não tem nada de você
Se importar com minha vida

Aquela pobre mulher
Pra de fome não morrer
Era obrigado os parentes
A ela ir socorrer
Dando sempre um sapatinho
O que vestir e comer

Gente aconselhava ela
Para o marido largar
Mas ela então respondia
Não pretendo o abandonar
Eu já peguei minha cruz
Atè o fim vou levar

E assim cada vez mais
Esse marido bebia
O dinheiro que ganhava
Na hora que recebia
Se mandava para rua
Só vinha no outro dia

No outro dia de tarde
Era quando êle chegava
No momento que na rua
Todo dinheiro acabava
Chegava como uma fera
A sua esposa xingava

Quando foi um certo dia
Em noite de escuridão
Ele saiu para rua
Na vespera de São João
Fazer farra com os colegas
Como era a profissão

Entrando de bar em bar
A noite tôda bebeu
Andou por onde bem quiz
Até quando aborreceu
Bebendo e falando asneira
Atè o dia amanheceu

As nove horas do dia
Assim que o sol esquentou
Bebendo com os colegas
O seu dinheiro acabou
Êle bebaço e com fome
Pra sua casa voltou

Chegando disse: mulher
Bote aì o que comer
Porque eu estou com fome
Que estou para morrer
Disse ela: não compraste
Tambèm nada pode ter

Êle ainda estava tonto
De cachaça e alcatrão
Avançou pra cima dela
Irado como leão
Ela pegou o pela perna
Bateu com êle no chão

O bicho caiu no chão
Que só tatú no mundè
A mulher pegou na perna
Com tôda coragem e fé
Pra dá êle um bom exemplo
Tirou a sandalha do pé

Quem toma muita cachaça
De sempre se atrapalha
A mulher bem prevenida
Não podia mostrar falha
Sustentou o pela perna
E tamancou-lhe a sandalha

Os vizinhos ouviram os gritos
Correram pra socorrer
Pensando ser a mulher
Que apanhava pra valer
Quando viram que era o homem
Disseram: deixa bater

O cabra soltava grito
Que o povo achava até graça
A mulher com a sandalha
Mostrando que tinha raça
Dizia: cabra safado
Ainda vai beber cachaça?

O marido respondia:
Já estou para morrer
Morte não me bata mais
Que nunca mais vou beber
Sò gastarei meu dinheiro
Com o que vestir e comer

Quanto mais êle chorava
Mais a mulher o batia
O marido ali no chão
Tanto chorava e gemia
O povo que estava olhando
Gostosamente sorria

Depois duma boa sova
Aquela mulher soltou
O marido que já bêbado
E bêbado mesmo apanhou
Devido a cachaça e sono
Ali mesmo se adornou

A mulher arrependida
Depois ali foi chorar
E foi cuidar dum mingau
Pra seu esposo tomar
No outro dia as 6 horas
Que êle foi se acordar

Ele disse pra mulher
Eu essa noite sonhei
Que a morte me batia
E eu bastante apanhei
De não beber mais cachaça
Por todo santo jurei

Já vi que a tal cachaça
É laço de satanaz
Perder até a vergonha
Aquela maldita faz
De hoje em diante digo:
Já bebi não bebo mais

Pois a morte me batia
Na mais tremenda cruêza
E eu estava indefeso
Devido a grande fraqueza
Mentira, foi a mulher
Com a sandalha japoneza

A mulher disse sorrindo
São estes os votos meus
Que abandone a cachaça
E os maus amigos teus
Esse foi um grande exemplo
E um aviso de Deus

Veja quanto você ganha
Que cá pra nos melhorar
E nossa casa não tem
Nem cadeira pra sentar
Nem roupa para vestir
Nem sapato pra calsar

Com cachaça e maus amigos
Você estava iludido
Deixava a casa em abandono
Sem atender meu pedido
Se não fosse pai e mãe
De fome eu tinha morrido

Quando ela disse isto
O marido se ergueu
Pediu perdão a esposa
Dos erros que cometeu
Naquele mesmo momento
De tudo se arrependeu

Então aquele senhor
Tornou-se um homem decente
Foi cuidar de sua casa
Abandonou aguardente
Foi viver com sua esposa
Cada um muito contente

E assim todos os homens
Que tiver sua mulher
Deve ter um sò amor
E não a outra qualquer
Para não cair no laço
Armado por lucifer

A mulher do mesmo modo
Deve ter um sò amor
Ao seu estimado esposo
Nunca manchar seu pudor
Porque isto é mandamento
De nosso Pai Criador

Eu aconselho as mulheres
Da cidade ou camponeza
Que tiver marido assim
Que trilha na incerteza
Não vá usar o remédio
Da sandalha japoneza

Marido mau pra mulher
Faz a infelicidade
Sua e de sua esposa
Inda mais pensa em maldade
Levando os para o tormento
Vivendo no sofrimento
A falta da lealdade

FIM

A RESPOSTA DO DIREITO DE NASCER

Uma senhora casada
Que veio aqui me falar
Para eu inprovizar
Uma histórinha engraçada
E queria publicado
O assunto eu vou dizer
Para o senhor escrever,
Os homens muitos não gosta,
Quero que faça a resposta
Do direito de nascer.

Eu que vivo da poesia
Não deixo nada passar,
Para me alimentar
Trabalho por noite e dia
Sou natural da Bahia
Só vivo de escrever,
Por isso vou responder
Sua palavra bendita
Porque é que se evita
O direito de nascer.

Para que mulher quer filho?
Sem ela poder criar-lo
Muito menos educa-lo
Analfabeto, sem brilho?
Está errado esse trilho
Não queiram se aborrecer
Com isso que vou dizer
Para morrer de trabalhar,
Por isso deve evitar
O direito de nascer.

Praque cavalo sem cela?
Praque cela sem cavalo?
Praque filho sem educa-lo,
Praque casa sem janela?
Praque feijão sem panela?
Praque vida sem comer?
Não adianta viver,
Muitos tem espectativa
Porisso é que muitos priva
O direito de nascer.

Praque cão sem caçador?
Praque Doutor sem doente?
Praque casa sem ter gente?
Praque casar sem amor?
Praque livro sem leitor?
Praque vida sem viver?
Praque brigar pra correr?
É esta a pura verdade
Que privam hoje a metade
Do direito de nascer.

Praque trem sem ter estrada?
E um fumador sem cigarro
Praque rodagem sem carro?
Praque Cidade parada
Praque conta toda errada
Praque comprar sem vender,
Praque pagar sem dever
Praque verso sem poesia
Porisso privam hoje em dia
O direito de nascer.

Praque loja sem fazenda
Praque galo sem cantar
Praque crente sem orar
Praque ferreiro sem tenda
Praque venda sem ter venda
Sem ter mesmo o que vender
Praque livro sem se ler
Praque carro sem chofer
Porisso priva, mulher,
O direito de nascer.

Praque policia, sem farda
Praque maquina sem fotografo
Praque gráfica sem tipografo
Praque cidade sem guarda,
Praque trem sem retaguarda
Praque mundo sem chover
Praque tanto padecer
Por essa desarmonia
Que muitos privam hoje em dia
O direito de nascer.

Praque igreja sem cruz
Praque rima sem rimar
Praque cama sem prestar
Praque noite sem ter luz,
Praque salvo sem Jesus
Praque diz o que não ver
É a razão de eu dizer
As mulheres tem razão
De privar, sem compaixão,
O direito de nascer.

Quero ver como é que cria
Quatro, cinco filhos, seis
Quatorze até dezesseis
Que sofre de dia em dia
Que grandiosa agonia
Que faz os pais padecer,
Querem logo o que comer
Que tire donde tirar
Querendo pode evitar
O direito de nascer.

Praque cofre sem dinheiro
Praque feixe sem ter noz
Praque cantor sem ter voz
Praque arma sem guerreiro
Praque tenda sem ferreiro,
Pra dar seu braço atorcer
Praque vontade sem ter,
Pois isso não vale nada
Porisso priva a casada
O direito de nascer.

Praque passaro sem gaiola
Praque sabio sem cultura
Praque samba sem gravura
Praque beque sem ter bola
Praque viver com parola
Praque chorar sem querer
Praque gosto sem praser
Pra viver sempre a penar,
Porisso deve evitar
O direito de nascer.

Praque galo sem galinha
Praque caixão sem defunto
Praque rima sem assunto
Praque carne sem farinha
Praque anzol sem linha
Praque dente sem morder
Praque morte sem morrer
Porisso que a multidão
Priva hoje com razão
O direito de nascer.

Praque cinema sem tela
Praque moça sem conceito
Praque velho sem respeito
Praque barco sem ter vela,
Praque noite sem estrela
Praque luto sem morrer
Praque chorar de prazer
Porisso que a humanidade
Priva toda liberdade
Do direito de nascer.

Praque um crente sem fé
Praque um barco perdido
Praque mulher sem marido
Praque um homem sem pé,
Praque barco sem galé
Praque máquina sem coser
Praque dança sem beber
Praque um cègo ou aleijado,
Já vem a tempos privado
O direito de nascer.

Estamos no fim do mundo,
Estamos para findar
Estamos para acabar
É um abismo profundo
É gente leproso, imundo,
É somente o que se ver,
É gente a se maldiser,
É gente se acabando
Porisso que estão privando
O direito de nascer.

Praque filhos, hoje em dia,
Para criar mal criados
Para ser mal educados
Pra não ter sabedoria
Pra sofrer em demasia,
Para arte que aprender
Roubar os outros, beber
Pra cair no meio da rua
Reclamando a sorte sua
Do direito de nascer.

Não queiram render familia
Não vão por esse caminho
Não queiram tanto padrinho
Não sigam por essa trilha,
Não queiram filho nem filha
Não queiram se arrepender
Não queiram se maldizer
Não queiram se atrapalhar,
Porísso não deve dar
O direito de nascer.

Muitos vivem arrependidos
Muitos até se aperreia
Muitos vão para cadeia
Muitos perdem seus sentidos,
Muitos ficam resolvidos,
Muitos vivem a padecer
Muitos querem até morrer
Muitos se maldiz da sorte
Muitos querem até a morte
Que o direito de nascer.

Vivem muitos a chorar
Vivem muitos padecendo
Vivem muitos maldizendo
Vivem muitos a pensar,
Vivem muitos sem aguentar
Vivem muitos a sofrer
Vivem muitos a correr
Vivem muitos pelejando,
Porisso que estão evitando
O direito de nascer.

Tem muitos desesperados
Tem muitos sem esperança
Tem muitos sem confiança
Tem muitos que estão zangados,
Tem muitos descalquiados
Tem muitos sem se conter
Tem muitos sem se manter
Tem muitos que estão atôas
Por isso privam, patrôas,
O direito de nascer.

As mulheres empregadas
As mulheres pobrezinhas
As mulheres fracasinhas
As mulheres despresadas
As mulheres fracassadas
As vive pra não morrer
As vive sem se conter
As come se trabalhar
As pobres devem privar
O direito de nascer.

Os que já tiver nascido
Não adianta matar
É obrigado a criar
Tenha ou não tenha marido,
O caso está resolvido
Não está mais por fazer,
Ou pra morrer ou viver
Tem que isso suportar
Que é obrigado a dar
O direito de nascer.

Agora vou terminar
Mudando de opinião
Que não sou de algodão,
Porisso vou explicar
Para todos, se agradar,
Vou tudo contradizer
Todos precisam viver
A vida material
Isso é muito natural
O direito de nascer.

FIM

OS SOFRIMENTOS DO PAI DE FAMILIA
E A MULHER PREGUÇOSA

A vida hoje é pesada
Que comparo com uma cruz
Que o pobre pai de familia
De dia a noite conduz
Pra poder ganhar o pão
Luta mais do que leão
Sua mais do que cuscús

Com filho e mulher nas costas
Sofrendo por noite e dia
Pra resolver seu problema
É a maior agonia
Todo canto a coisa é preta
Pois só encontra a marreta
Da malvada carestia

O dinheiro se sumiu
Ninguém sabe onde êle entrou
Só se vê gente queixando
Que o dinheiro exalou
A malvada carestia
Aumenta de dia a dia
E agora foi que danou

O cacau caiu de preço
E o povo se consome
Carne cinco, seis cruzeiros
Só tubarão é quem come
E a pobre da sardinha
Que não entra nesta linha
Arrisca morrer de fome

Além dêsse sofrimento
Pela falta do dinheiro
Piora cada vez mais
Nosso País brasileiro
Cada vez o pobre cai
Porque aonde êle vai
Só encontra é marreteiro

Uma chícara de café
Faltando um dedo pra encher
Custando trinta centavos
Isto aí è de doêr
Sendo no bar é quarenta
O pobre não se aguenta
Com tão grande padecer

Um pão era 10 centavos
Vinte agora está custando
Tem lugar que custa trinta
O pobre está se acabando
Pela falta do dinheiro
E ainda o marreteiro
Cada vez mais marretando

Se vê o custo de vida
Nas cidades do sertão
Que a gente acha que o sul
É a maior exploração
É mais barato a comida
Três cruzeiros a dormida
Se paga numa pensão

No Sul o preço é o dobro
Da comida ate a cama
Quem é forte enche o bucho
O fraco morre na lama
Tudo aqui è carestia
Porque o sul da Bahia
O povo conhece a fama

Se tem quatro ou cinco filhos
Leva a vida a brincar
Porque a lei proibiu
O menor se empregar
É pai e mãe trabalhando
Os filhos malandriando
Muitos dão para roubar

É tanto do tranca rua
Que tem em tôda cidade
Roubando as coisas dos outros
Que faz até piedade
O seu futuro é cadeia
E depois morrer na peia
Por sua infelicidade

O govêrno deu uma ajuda
Para criança estudar
Deu escola gratuito
Isto veio muito ajudar
Mas tem pai que ainda tarda
Pois o livro e a farda
Nem todos podem comprar

Porque o maior problema
Nesse tempo é o pirão
É tanta gente sofrendo
Que faz dó de coração
Aumentando dia a dia
Ia a malvada carestia
Marretando a multidão

Se vai procurar emprego
Não tem quem queira o empregá
Se vai vender qualquer coisa
O povo não quer comprar
Ainda vem o imposto
Termina tudo em desgosto
O pobre falta é chorar

E assim continuando
È crìtica a situação
Para achar qualquer serviço
Precisa ter pistolão
Mesmo pra ser um servente
Precisa ser boa gente
Que tenha bem proteção

Quando chega conseguir
Esse trabalho bacana
Pra ganhar trinta cruzeiros
No correr duma semana
Recebe a mincha quantia
Diz a negra carestia:
Eu quero ver quem me engana

Trinta cruzeiros somente
Para uma feira fazer
Para 8 ou dez pessoas
Numa semana comer
E pagar aluguel de casa
Êsse pobre se atrasa
Pois não pode resolver

Com que vai comprar remédio
E a roupa pra vestir
Como é que paga a luz
Donde é que vai sair
O dinheiro pra o carvão
E tambèm para o sabão
Para poder resistir?

Ninguém na terra dar jeito
Pra carestia acabar
Porque não há produção
Pra tudo baratear
Vamos dar graças a Deus
Com todos prodigios seus
Mesmo assim caro ainda achar

E assim o pobre homem
Leva esta cruz penosa
Sobe serra e desce serra
Na hora mais tenebrosa
Vai a frente, vai atraz
E o homem sofre mais
Se a mulher for preguiçosa

A mulher que lava roupa
A mulher que faz cuscús
A mulher que ajeita os filhos
Não deixa como avestrús
Tudo em casa é resolvido
Está ajudando o marido
Levar a pesada cruz

Mas a mulher que não quer
Nem mesmo água apanhar
Quanto mais ir lavar roupa
Tudo precisa pagar
Nem siquer apaga a luz
Vive montada na cruz
Para o marido arastar

Se o marido mandar
Qualquer trabalho fazer
Ela se zanga dum jeito
Que é capaz de bater
Naquele pobre marido
Faz um tão grande alarido
Que faz a terra tremer

Vai pra casa do vizinho
Com a maior confusão
Fala tanto do marido
Que faz até compaixão
Não tem roupa pra vestir
Não tem cama pra dormir
Não tem sapato nem pão

E alèm de tudo isto
Se dana pra ciumar
Levanta falso ao marido
Que faz vergonha contar
Que êle tem 2, 3 mulheres
Dar roupa, prato, e colheres
Somente a ela não dar

Pra o homem de compreensão
Essas coisas ainda passa
Pois êle não dar ouvido
Sobe tudo na fumaça
A grande fraqueza dela
O pior é quando ela
Se dana a beber cachaça

Os filhos do mesmo modo
Segue esse mesmo rojão
Só quer achar tudo pronto
Desde a roupa até o pirão
Digo a verdade não nego
Pois nenhum quer dar 1 prego
Numa barra de sabão

Correm pra televisão
Quando a noite vai chegando
Para assistir suas novelas
Que estão acompanhando
O pai sosinho a lutar
Ninguém quer lhe ajudar
Sò êle a cruz carregando

De 10 pra onze da noite
Já não pode resistir
O pobre pai tão cansado
Vai se deitar pra dormir
Quando um filho vida torta
Com força bate na porta
É obrigado êle abrir

Aconselho a todos filhos
Que tenham compreensão
E a mulher preguiçosa
Precisa ter compaixão
Pelas bênçãos de Jesus
Ajude levar a cruz
Que homem não é o cão

Os quatro filhos que tenho
São brilhante certamente
Meu futuro na velhice
Com a fé no Onipotente
Nenhum ser mau Êle deixe
Porque eu peço é um peixe
Ele não dar uma serpente

Peço desculpas as mulheres
Se acharam rigorosa
Esta escrita que publico
Somente em rima sem prosa
Aquela que não gostar
E ao poeta xingar
É A MULHER PREGUIÇOSA

FIM

HISTÓRIA DA MULHER CIUMENTA QUE COMEU O MARIDO ASSADO

Deus fez a mulher no mundo
Com bastante perfeição
Com sua sabedoria
Da costela de Adão
Para que amasse o homem
De todo seu coração

Porém tem muitas mulheres
Que seguem errada esta linha
Porque o homem não pode
Comprar peru nem galinha
Ela deseja comer
Ele assado com farinha

Aqui eu conto esta história
Que contou-me um companheiro
Que é hoje um grande astrólogo
Chama-se Abilio Ribeiro
Disse que levou de vista
Lá no Rio de Janeiro

Você sabia que o ciúme é
uma arma destruidora?

Contou-me um companheiro
Que estava na pensão
Duma senhora no Rio
A tempos que longe vão
Faltou carne na cidade
Foi a maior confusão
A carne não se achava
Mesmo por preço nenhum
Tinha que comer batata
Com abóbora girimum
Com caranguejo e cirí
Acarí ou gaiamum

E assim continuou
A carne sempre faltando
O povo por todo canto
A tal carne procurando
E os jornais da cidade
Esta falta anunciando

Quando foi um certo dia
Que chegaram na pensão
Cada um hòspede dali
Alegrou seu coração
Porque tinha tanta carne
Que fez admiração

A mesa estava repleta
De carne fresca á vontade
Cada hóspede se sentou
Na maior anciedade
Pois carne naquela época
Era a maior novidade

Deram começo a comer
Mas achando diferente
A carne mole de mais
Muitos tiveram na mente
Que em vez de carne de gado
Ia ser carne de gente

Ninguém falou coisa alguma
Sò fizeram o mau juizo
Pois falar sem dar a prova
Era o maior prejuizo
Mas um estudante médico
Teve este mesmo aviso

Cujo estudante pra médico
Estava pra se formar
Dessa carne duvidosa
Começou desconfiar
Pegou um pedaço e no quarto
Foi depressa examinar

Pegando seu aparelho
Que era muito bacana
Assim que fez o exame
Atestou ser carne humana
Disse ele: nesta casa
Tem uma fera tirana

Para a policia local
Ligeiro telefonou
Naquele mesmo momento
Toda patrulha chegou
Dizendo: não sai ninguèm
Todas as portas fechou

Naquele instante agarraram
Logo a dona da pensão
Levaram pra o delegado
Fazer a interrogação
Quem foi que ela matou
Sem a menor compaixão

E assim que o delegado
Foi a ela interrogando
Ela com a cara mais limpa
Foi toda história contando
Como matou o marido
E tudo foi explicando

Disse ela: ele me disse
Que ia me abandonar
Arranjar outra mulher
E com ela se casar
Por isso que o matei
Pra todo povo almoçar

Como a senhora o matou?
Perguntou o delegado,
Disse ela: o matei
Com uma corda enforcado
A fim de não fazer sangue
Tive bastante cuidado

Onde a senhora guardou
O resto da carne humana?
Disse ela: na dispensa
Que tenho muito bacana
Para os meus hóspedes comer
Todo resto da semana

Comeste também da carne?
Perguntou o delegado
Disse ela: eu comí
Um pedaço bem assado
E achei muito melhor
Do que mesmo cozinhado

Vamos lá na sua dispensa
Pra ver se isso é verdade
Chegando lá foram vendo
A grande barbaridade
O homem feito em pedaços
Sem a menor piedade

Cadê a cabeça e os pès
Aonde jogaste então?
Disse ela: eu botei
Todos dentro dum sorrão
E joguei dentro do mar
Pra não fazer confusão

Entre aqui logo no carro
O delegado falou
Và me mostrar onde foi
Que esse sorrão jogou
Foram chegando na praia
Ele o sorrão avistou

As ondas tinha o levado
Mas depois tornou trazer
Como pedindo justiça
Pra criminosa prender
Disse então o delegado:
Você merece morrer

Mas como Jesus proibe
Uma lei para matar
Você vai para a cadeia
Pelo seu erro pagar
Cem anos e mais um dia
Pra poder se libertar

E assim a mulher monstro
Foi para a penitenciária
Pagar pelo seu pecado
Pra não ser tão ordinária
Para ver se se arrepende
Deixa de ser sanguinária

Agora ouça os conselhos
Deste humilde trovador
O marido e a mulher
Deus os fez para o amor
E não pra cair no laço
Do infeliz tentador

Uma mulher ciumenta
É a casa da maldade
É inimiga da ordem
Da lei, da prosperidade
Da fé e da salvação
É uma infelicidade

Uma mulher ciumenta
É sombra de lucifer
É um carro sem ter freio
Na descida sem choufer
E um homem ciumento
É pior do que a mulher

Vamos deixar o ciúme
Vamos ter compreenção
Deus não quer que um casal
Só viva em separação
Por isso mesmo ele fez
Dona Eva para Adão

Ele quer que todo homem
Não seja como os ateus
Se case e viva feliz
Com todos os filhos seus
Sendo uma familia santa
Abençoada por Deus

Se for isto uma mentira
Merece a gente pegar
Este cabra que contou
Para o poeta rimar
Dar cem cruzeiros a ele
E depois tornar soltar

FIM

FOLHETOS REPERCUSSIVOS DE FENÔMENOS SOCIAIS, MORAIS, ESCATOLÓGICOS

A CARTA DE UM JUMENTO PRA O SENHOR GOVERNADOR

Eis aqui a novidade
De chamar mesmo atenção
Os jegues se reuniram
Do sul atè ao sertão
Revoltados contra os homens
Fizeram a reunião

Quinhentos e tantos jegues
Se juntaram num sò dia
Pra falar sôbre a matança
De jegue aqui na Bahia
E por isso estão sofrendo
A mais tremenda agonia

Todos eles reunidos
Disse um: meus companheiros
O que devemos fazer
Contra esses carniceiros
Que querem nos devorar
Como uns leões verdadeiros?

Um jegue velho chorando
Levantou ligeiramente
Dizendo: caros colegas
Eu tenho na minha mente
Pra nós irmos a Brasilia
Dar uma queixa ao Presidente

Disse o outro: não adianta
Pois o urubu já falou
E a matança de jegue
Cada vez continuou
O outro jegue chorando
Meteu os pés levantou

E disse: então meus colegas
O que devemos fazer?
Vamos procurar um meio
Que possa nos defender
Dos matadores de jegue
Senão nòs vamos morrer

Pois contra o bicho homem
Nòs não podemos lutar
Quem tem chifre, quem tem unha
Nunca pôde triunfar
Nós não temos nada disso
Como se pode enfrentar?

Outro jegue soluçando
Foi dizendo: é um horror
E chamou um jegue velho
Venha cá seu professor
Vamos escrever uma carta
Pra o Sr. Governador

Todos jegues aceitaram
Fazer um abaixo assinado
E mandar diretamente
Pra o governador do Estado
Para decretar um artigo
Se inda não foi decretado

Então aquele jumento
Que a tempos foi professor
Pegou a sua caneta
Com muita arte e valor
E escreveu: Saudações
Ilustre governador

Somos os jegues que estamos
Na lista para morrer
Para ir nas feiras livres
A nossa carne vender
Todo esse povo comprar
E enganado comer

Com tanto boi que existe
Se ver em toda cidade
Os açougues cheios de carne
Para toda humanidade
Ainda vem nos matar
Sem a menor piedade

Os chofés tambèm se queixam
Que nós vive atrapalhando
Porque as vezes no asfalto
A gente fica estudando
Eles batem o carro em nòs
Porque andam cochilando

Enquanto não tinha asfalto
Sob o meu ponto de vista
Agente se confiava
No amigo motorista
jamais nos atropelava
Até deitados na pista

Agora tem o asfalto
Tudo veio se renovar
Vou falar aos meus colegas
Pra não mais se confiar
Nos amigos motoristas
Que dirigem a cochilar

Nós já fomos motoristas
Tanto aqui e como além
Até hoje tenho cuidado
Com quem vai e com quem vem
Viajava dia e noite
Sem atropelar ninguém

É tanta perseguição
Com os jegues nas estradas
Já outros vivem pegando
Os jegues pelas chapadas
Botando no caminhão
Levando pra charqueadas

A nossa amiga Policia
Tem feito até punição
Tem pegado matadores
Levado para a prisão
Mas mesmo assim eles teimam
Matando sem compaixão

Prenderam um na Ubaitaba
Outro lá em Coaraci
Prenderam dois em Ilhéus
Conforme o ràdio daqui
Prenderam um em Eunápolis
Ninguém vem me desmenti

Mas mesmo assim esses homens
Cada qual descompreendido
Agarram os jegues nos campos
Para matar escondido
E vende a carne na feira
Cada um mais atrevido

Em nome daquele Homem
Que foi nascido em Belém
E montou-se num jeguinho
Pra ir pra Jerusalém
Não deixe matar os jegues
Nem aqui e nem além

O Pai Dele tinha dito
Para o homem não matar
Ègua, cavalo e jumento
Para se alimentar
E os homens resolveram
A sua lei violar

Portanto mais uma vez
Ao Sr. Governador
Estamos todos pedindo
Nos livre deste horror
De irmos cair na faca
Como boi no matador

Nòs para ajudar os homens
Nossa vida é trabalhar
Podemos carregar àgua
E tudo que precisar
Acho que não há motivo
Deles querer nos matar

somos nós os pobres jegues
Levando a vida a sofrer
E os homens nos matando
Pra todo povo comer
Só mesmo o Governador
Poderá nos defender

Na cidade de Itabuna
Foi passando um caminhão
Superlotado de carne
Pra vender a multidão
E um rabo de jumento
Deixaram cair no chão

Nesse momento juntou
Todo aquele pessoal
Pegaram o rabo do jegue
Levaram para o jornal
Que deu uma reportagem
Sobre o assunto afinal

Ilustre Governador
Não estou nada inventando
Estou escrevendo a verdade
Do que está se passando
Na vossa digna pessoa
Estamos nòs confiando

Se o Senhor não der um jeito
A nossa sorte é mesquinha
Os homens fazem conosco
Como fazem com galinha
Nos matam na faca céga
Para comer com farinha

Pra não tomar vosso tempo
Vou dar a terminação
Assinam todos os jegues
Do sul atè o sertão
Pois carta grande de mais
É falta de educação

Ainda peço desculpas
Ao Sr. Governador
Dos erros que escrevi
Peço desculpas ao senhor
E mesmo que a muitos anos
Deixei de ser professor

O jegue não escreveu
Esta carta em poesia
Porque Deus não deu a ele
Poetica sabedoria
Porem se ele escrevesse
Era assim que escrevia

FIM

O ENCONTRO DE LAMPIÃO COM O PADRE CÌCERO NO CÉU

Pegando na minha pena
Primeiro tiro o chapéu
Para escrever um livrinho
Pra granfino e tabarèu
O encontro de Lampião
Com Padre Cícero no cèu

Lampião chegou no inferno
Botou mesmo pra quebrar
Deu porrada no porteiro
Por não deixar ele entrar
Ali começou uma luta
De fazer admirar

Esta noticia chegou
Aos ouvidos do chefão
Que chamou todos os negros
Formou grande batalhão
Todos eles bem armados
Pra brigar com Lampião

Uns vinham armados de rifle
De facão e de peixeira
Outros de mão de pilão
Era grande a cabroeira
Lampião disse sorrindo:
Para mim è brincadeira

Pra cima de Lampião
A turma toda avançou
Lampião meteu-lhe o rifle
Que vinte cães derrubou
Tiro vai tiro vem
A batalha começou

Acabaram a munição
Se toparam a ferro frio
Lampião com seu punhal
Igual um touro bravio
Enfrentava corpo a corpo
Esse forte desafio

Metia o punhal em cão
Que via o bucho rasgar
E o fato pelo chão
Na hora se derramar
E um golpe em Lampião
Nenhum podia acertar

Chegou um diabo moço
Com uma peixeira na mão
Dizendo: vou arrombar
O peito de Lampião
Lampião passou a perna
Jogou o cara no chão

Chegou um diabo velho
Que se chamava prazer
Lampião meteu o punhal
Que viu o bicho gemer
Com a dor da punhalada
Viu seu calção logo encher

Veio uma diaba moça
Que se chamava Despacho
Lampião disse pra ela
Saiba que sou bicho macho
Meteu o punhal na negra
Que a calça caiu por baixo

Chegou uma diaba velha
Com um cachimbo na mão
Dizendo: eu vou rebentar
A cara de Lampião
Lampião passou a perna
A velha rolou no chão

Afinal todos os cães
Não poderam se conter
Sairam todos correndo
Pra poder se defender
Porque contra Lampião
Só iam mesmo sofrer

Lampião ficou sozinho
Não achou com quem brigar
Disse: eu vou para o sertão
Pra ver se posso encontrar
Com meu amigo Curisco
Pra novo grupo formar

Lampião foi pra o sertão
Mas para a surpresa dele
Ele via todo povo
E o povo não via ele
Pôs ele se encabular
Com um negocio daquele

Se falava com o povo
Ali ninguèm respondia
Entrava num botequim
Uma cachaça pedia
Ninguèm lhe dava atenção
Porque a ele não via

Ficou ele na estrada
Pra o carro o atropelar
O carro por cima dele
Passava sem businar
Conheceu que estava morto
Começou ele a chorar

Disse ele: agora sim
O que eu devo fazer?
Eu pensei que estava vivo
Que nunca ia morrer
Acreditei que estou morto
Sem ter pra onde esconder

O que eu devo fazer
Jà que sou um grande réu
usar de humildade
Deixar o rifle e o chapéu
Ir procurar meu Padrinho
Que um dia foi para o cèu

Meu padrinho Padre Cícero
Passou a vida a rezar,
Jà eu fui muito ao contrário
Passei a vida a matar
Mais ele pode pedir
A Deus pra me perdoar

Naquele mesmo momento
Tão grande escada ele viu
Com destino para o céu
Pela escada subiu
Procurando Padre Cicero
Naquele instante partiu

Chegou na porta do céu
Naquele instante bateu
São Pedro assim que foi vendo
Na hora o reconheceu
Isto é você Lampião?
Ele assim lhe respondeu:

Sou eu difato, meu santo
Que vivi na escuridão
Só me confiando em arma
Para matar meu irmão,
Eu quero ver meu padrinho
O Padre Cícero Romão

São Pedro disse: difato
Você foi um perigoso
"Matou pra mais do pedido"
Naquele mundo enganoso
Seu padrinho aqui está
Bastante vitorioso

Eu vou chamar seu padrinho
Para vir aqui lhe ver
Vocês dois dialogando
É fàcil se entender
Depois lhe apresenta ao Mestre
Pra ver o que pode fazer

São Pedro ligeiramente
O Padre Cícero chamou
Lampião em pè na porta
O Padre Cicero chegou
Lampião banhado em prantos
Nos seus pés se ajoelhou

Meu padrinho Padre Cícero
Agora me arrependi
Porque vim ter a certeza
Que lá na terra eu morrí
E vim pedir ao senhor
Pra ficar consigo aqui

Padre Cícero respondeu:
Não sou eu que sou a luz
Eu apenas lá na terra
Conduzi a minha cruz
Só quem pode te salvar
É o Santo Mestre Jesus

A lei de Deus nos ensina
Pra todos observar
Que serve o arrependimento
Antes da morte chegar
Você foi morrer primeiro
Deixou a porta fechar

Porém Deus é poderoso
Ninguém a Ele atropela
Ele è o Autor da lei
Mas não è sujeito a ela
Desmancha quando quizer
Seja esta ou seja aquela

Dali levou Lampião
A presença do Senhor
E ele pediu perdão
Dos seus pecados de horror
Jesus lhe disse: esperamos
Pelo teu acusador

O cão estava doente
Sofrendo até do pulmão
Das pancadas que levou
Na briga com Lampião
Por isso pro céu não foi
Fazer sua acusação

Depois disse o Bom Jesus
Eu fui nascer em Belém
Pra salvar o pecador
Não para acusar ninguèm
Se ninguém te acusou
Eu não acuso tambèm

Lampião naquele instante
Deu um pulo de alegria
Dizendo: bendito seja
O Nosso Deus que nos cria
O Padre Cìcero Romão
E a santa Virgem Maria

Sentaram là num salão
Começaram a palestrar
Lampião disse: Padrinho
Ouví na terra falar
Que os católicos brasileiros
Foram a Vòs canonisar

Meu padrinho està sendo o santo
De sua predileção
Com isto estão espalhando
A nova religião
E esta homenagem deles
O senhor aceita ou não?

O padre lhe disse: não
Porque não posso aceitar
Eu fui católico romano
Pretendo continuar
Eles querem arma um laço
Para o meu povo pegar

A Biblia Sagrada, hoje
Não é coberta de véu
Onde Jesus disse a Pedro
Sem precisar escarcéu:
Quem te ligares na terra
Será ligado no céu

Quem se desligar de Pedro
Que se desligar da cruz,
Desliga da salvação,
Porque desliga da luz,
Porfim està desligado
Do Santo Mestre Jesus

Senhores neste livrinho
Mostrei muita inspiração
O encontro do Padre Cícero
Lá no céu com Lampião
Não tem nada de verdade
Foi uma imaginação

FIM

O ENCONTRO DE UM TROVADOR COM UMA FERA MONSTRUOSA

O meu pensamento é livre
É brilhante e è fecundo
Remecheu todo huniverso
No correr de um segundo
Para escrever sobre a fera
Mais temerosa do mundo

Cuja fera monstruosa
Não teme nem a fusil
Quando ela entra em luta
Devora pra mais de mil
É a fera mais valente
Que tem em nosso Brasil

Viajava um trovador
Os seus livrinhos vendendo
Quando chegou na estrada
Viu a terra estremecendo
Essa fera monstruosa
Foi a êle aparicendo

Disse ela ao trovador
Você que vive a vendê
Êsses tá de foêtìm
Qui eu não seio praque
Si prepare e segure
Qui agora vou lhe comê

Eu sou o Analfabetismo
Qui não topo prufessô
Quem anda vendendo livro
Eu tenho o maior horrô
Meu disvejo è devorá
Todo e quarqué trovadô

Os antigos trovadô
Com eles tudo lutei
Nenhum pôde risisti
Qui para traz os passei
Fartava você agora
Qui aqui devorarei

O trovador disse a ela
Vitòria você nem pense
Porque eu sou trovador
Là do Sul itabunence
Você venceu meus colegas
Mas amim você não vence

Dizendo isto pegou
Um livro com u'a mão
E dele fez um escudo
Naquela grande aflição
Atírou a letra A
Na cabeça do dragão

Quando a letra bateu
Ele quiz esmorecer
E o moço aproveitando
Atirou a letra B
Logo imediatamente
Tamancou-lhe a letra C

O dragão lhe respondeu:
Eu não seio o que é isso
Voce vem me jogá peda
Mais voce hoje eu inguisso
Nem qui voce seja duro
Ou saba fazer feitiço

Dizendo isto, outra vez
Pra o moço logo avançou
A letra D e o È
O rapaz logo atirou
Na cabeça do dragão
Que o galo levantou

O dragão quase que cai
Porèm tornou se erguer
O rapaz aproveitando
Jogou o F e o G
O dragão entontiou
Mas não quiz esmorecer

A fera partiu pra o moço
Querendo o engulir
Mas ele saltou de costa
Sapecou-lhe o H I
Quando a fera veio de novo
Meteu-lhe jota ou o J

A fera disse pra ele
Agora vou lhe cumer
Disse o rapaz: è mentira
Eu posso me defender
Ela aì partiu pra ele
Ele então botou-lhe o L

Disse a fera: trovadô
Eu a qui serei perene
Respondeu ele: que nada
Mandou-lhe o mê ou o eme
Na cabeça do dragão
E depois mandou-lhe o ene

Disse a fera: tú é duro
Mais não pode me vencer
O moço disse: eu lhe mostro
Passou-lhe o Ó e o P
Bem nos dentes do dragão
E depois passou-lhe o Q

Disse o moço: outras feras
Mais valentes jà venci
Meteu o R pela cara
Que viu a fera cair
Quando foi se levantando
Passou-lhe o T e o Sì

Disse a fera: trovadô
Nunca vi um cuma tù
Qui na luta inté parece
Com cobra surucucú
O trovador respondeu:
Tome agora a letra Ù

A fera já bem cançada
Sem poder se defender
O trovador disse a ela:
Tome lá a letra V
Tome o X no pé do ouvido
E na venta a letra Z

Aquele pobre poeta
Com isto se fracassou
Pois as 24 letras
Desta vez se acabou
O monstro já quaze morto
Com isso se melhorou

Aquele pobre que viu
Que letra não tinha mais
Correu para se livrar
Daquela fera voraz
E ela se melhorou
Enfiou o pé atraz

O trovador que correu
Com o seu livro na mão
Foi parar no Ministèrio
De Cultura e Educação
Para pedir uma arma (tipografia)
Para enfrentar o dragão

Porisso caros amigos
Se o gorvêrno não ligar
Ajudando os trovadores
Para eles batalhar
Contra o nalfabetismo
Êle vai nos devorar

Porque o analfabetismo
Tem ódio dos professores
E odeia ainda mais
A classe dos trovadores
Que publicam seus livrinhos
Humildes educadores

Correndo todo Brasil
Vive essa fera voraz
Lutando contra o progresso
Perseguindo mais a mais
Engulindo os jornalistas
Com todos os seus jornais

Pois, é tanto do jornal
Que d'uma vez se sumiu
Nunca mais apariceu
Pra onde foi ninguem viu
Com certeza foi a fera
Que á eles enguliu

Os pobres dos professores
Vivem sempre a lutar
Sem arma suficiente
Para essa fera enfrentar
Luta de dia e de noite
Mas sem poder dominar

As crianças brasileiras
Aconselho mais a mais
Que a proveite os esforços
Dos seus estimados pais
Aprendam ler pra lutar
Contra esta fera voraz

Porque o analfabetismo
Cada vez mais nos faz guerra
Para aprender a leitura
Suba morro e desça serra
Pois a tal ignorância
Pesa mais do que a terra

Ao senhor pai de familia
Este conselho eu vou dar
Contra essa grande fera
Nunca deixe de lutar
Faça o que for possível
Para o seu filho estudar

No tempo de minha infância
Escola não frequentei
Porèm depois de rapaz
Com a força que botei
Aprendì muito pouquinho
E essa fera enfrentei

Hoje tenho 4 filhos
Cordas do meu coração
Para estudar eu arrasto
A barriga pelo chão
Mas com fé em Jesus Cristo
Hei de dar educação

Quando eu for pra eternidade
Que Deus mandar me chamar
Nada deixando pros filhos
Mas se a leitura ensinar
Ficam eles bem armados
Para essa fera enfrentar
Meus amigos e leitores
Faço aqui um paradeiro
Se não hover um socorro
Impulso forte e fagueiro
Leitura vai se acabar
Ver a fera devastar
Ao nosso País inteiro

HISTÓRIA DA MULA DE PADRE QUE APARECEU NO ESTADO DE SERGIPE

Meus amigos vou contar
Um caso que se passou
No Estado de Sergipe
Que o povo admirou,
Lá na fazenda Sobrado
Ficou o povo assombrado
Muita gente horrorisou.

No engenho São Tomé,
Numa certa ocasião
Tínha uma Mula de padre
Que fazia assombração,
Toda noite de luar
Ela ia se virar
Pertinho, num areião.

Então todos operarios
Só faltavam se assombrar,
De 6 horas em diante
Ninguem queria ficar
Porque a mula chegava
E quando ela rinchava
Fazia a terra abalar.

Corria arredor do engenho
Num trinca-trinca danado
Dando urros de horror
E coices pra todo lado
Quem fosse ali trabalhar
Era capaz de assombrar
Se não fosse preparado.

Porém tudo neste mundo
Que seja bom ou ruim
Tudo que teve principio
Um dia há de ter fim,
A coisa mais impossivel
E por mais que seja incrivel
Vai destruindo festim

Aquela historia assombrosa
Já tinha se espalhado
Que já chamavam o engenho
Era engenho mal assombrado
Ninguem queria trabalhar
Com medo de se assombrar
Vivia tudo assustado.

O dono do dito engenho
De muita disposição
Disse: isso é covardia,
Vão se armar de facão
Não quero que esmoreça
Que a mula sem cabeça
Nós pega hoje é de mão.

Reuniu 50 homens
De coragem, bem armados,
Cada um levou um laço
Todos eles preparados
Pra o engenho São Tomé
Seguiram todos de pé
Como eram acostumados.

As 11 horas da noite
Foram eles todos chegando
No referido areião
E foram todos cercando
Todos eles bem armados
E de laços preparados
Pela tal mula esperando.

Quando foi as 12 horas
Viram u'a mulher chegar
Tirou a roupa avesso
E no areião se deitar,
Pra lá e pra cá espojou-se
Num momento transformou-se
Num grande monstro sem par.

Ali juntaram eles todos
Que estavam de prontidão,
Agarraram esta tal mula
E derrubaram no chão
Com as cordas que levaram
Num instante amarraram
A tal mula pé e mão.

A bicha se viu amarrada
Abriu a bôca a urrar
E guinchadas de urina
Se via longe voar,
Disse o dono do engenho:
Serviços muitos hoje eu tenho,
Vou botar pra trabalhar.

Vou botar pra môer cana
Quando não tiver mais graça
Eu prendo no meu quintal
Que na cerca nada passa
Vou saber o que ela come
Depois pego um lubizome
E boto pra tirar raça.

E dali seguiu com ela
Toda aquela multidão
Botaram pra môer cana
Cada um com um ferrão,
Porém nenhum ferruava
Porque o engenho rodava
Muito mais que um pinhão.

De 20 carros de cana
Que o carreiro botou
Com duas horas somente
Toda cana se acabou
A mula deu pra rinchar,
Começou a se avexar
Assim que o galo cantou.

Passando mais duas horas
O galo tornou a cantar
Disse a mula fala pau:
Eu não posso aqui ficar,
Se não me soltar daqui
Ninguem chupa nada aí
Porque eu vou me soltar.

Quando a mula disse isto
Eles ficaram assombrados,
Ficaram lá de bem longe
Bastante aterrorisados,
A mula de lá gritando:
Vai levando, vai levando,
Eles ficaram parados.

A mula sempre gritava:
Ninguem chupa nada aí,
Se chupar eu chamo o guarda
Que corre tudo daqui,
Acho bom vim me soltar
Antes do dia clarear,
E começou a sorrir.

A mula deu uma risada
E começou a cantar
Importa que a mula manque
Eu só quero é rosetar
Rodando em toda carreira
E cantou mulher rendeira
E o baião de Propriá.

A mula sempre cantando
Com a voz de assombração,
Cantou a Lua Bonita
Depois cantou meu Pinhão,
Foi a maior novidade
Ao depois cantou Sodade
Com o ritimo de baião.

Disseram os trabalhadores:
Você aì vai ficar
Que nós vamos dando o fora
A mula disse: vai dar
E deu um geito no rabo,
Eta mulher do diabo
Começou ela a cantar.

A mula rodava tanto
Que um pinhão não ganhava,
Há sinceridade nisto?
De vez em quando gritava:
Venham logo me soltar
Que eu quero rosetar
Por esta forma falava.

O galo cantou de novo
A mula deu pra urrar,
Deu um coice na moenda
Com vontade de quebrar
Que derrubou a menor,
Ela estava na maior
Que não poude se soltar.

Disse ela: fala pau
Que não aguento massada
Vou quebrar estas moendas
Que já estou é danada,
Dizendo isso a sorrir:
Ninguem chupa nada aí
Que eu vou chamar o guarda.

Então naquele momento
O galo tornou cantar
Só faltava duas horas
Para o dia clariar,
E a mula se vexou
Duma só vez avançou
Para o engenho arrancar.

Com esse primeiro tombo
O engenho se abalou
A mula voltou de costa
E novamente avançou.
Deu um tombo tão danado
Que foi tão demasiado
Que o engenho todo arrancou.

A mula saiu correndo
Desta forma assim gritando:
Ninguem chupa nada aí,
E com a moenda arrastando
Saiu em toda carreira
Gritando desta maneira:
Vou levando, vou levando.

Ficaram todos os homens
Que a tal mula pegaram
Bastante atemorisados
Pra suas casas voltaram
Aquela historia horrorosa
Da mula misteriosa
A todo povo contaram.

Espalhou esta noticia
Isso por todo lugar,
No engenho São Tomé
Ninguem quiz mais trabalhar,
Todo povo de Sobrado
O engenho mal assombrado
Foi preciso abandonar.

Quem me contou este caso
Fui uma senhora incapaz
De inventar uma mentira,
Ninguem desminta jamais
Ela é uma sergipana
Que a ninguem não engana
E mora em Minas Gerais.

Quem não comprar este livro
Ou vir me falar fiado
Eu vou rogar uma praga
Que é triste seu resultado
Sofre o que a mula sofreu
O que ela padeceu
Lá na Fazenda Sobrado.

FIM

HISTÓRIA DA PORCA QUE APARECEU NO CARNAVAL DE ITABUNA CANTANDO: RALA O PINTO

Neste mundo tudo existe
Ninguém deve duvidar,
No mato existe caipora
Que faz gente se arear,
Isto ninguém desconhece
E também alma aparece
De fazer gente assombrar.

Existe mula de padre
E lubisome também,
Existe espíritos maus
Tanto aqui e como alèm,
Coisa que a gente não ver
Mas que pode aparecer
Na hora pra mais de cem.

A construtora CEPEL
Fazendo uma construção,
De estrada de rodagem
Numa certa ocasião,
Na cidade de Itabuna
Na região grapiúna
Pra toda população.

Quando era pela noite
Ficavam ali três vigias,
Cada um com um revolver
Mostrando suas energias
Para livrar dum ladrão,
Ficavam ali de plantão
As noites e todos dias.

Numa certa meia noite
Um vigia extremeceu,
Que uma porca e cinco pintos
No momento apareceu,
Naqueles tristes instantes
Cada um dos vigilantes
De medo tudo tremeu.

A porca disse pra eles
Não tenham o menor cuidado,
Nòs sò queremos saber
Quando è o dia marcado,
Da festa do pessoal
Que se chama o carnaval
Conhecido antecipado.

Os vigilantes com medo
Naquele instante correram,
Todos três dos seus revòlveres
Naquela hora esqueceram
O medo foi tão danado
Cada um apavorado
Os três revòlveres perderam.

Um daqueles vigilantes
Bem ativo e bem ligeiro
Teve um medo tão enorme
Que subiu num espinheiro
E não pôde mais descer
Ficou em cima a tremer
Chamando seu companheiro

Ficou ele là em cima
Nesse grande padecer
Chamando seus companheiros
Para ir lhe socorrer,
Naquele triste penar
Sem poder ali ficar
Também sem poder descer.

Atè que seus companheiros
Os gritos foram escutando
Já era madrugadinha
O dia já vinha raiando,
Pegaram a máquina e botaram
E bem direito ajeitaram
Desceu ele se agarrando.

Desceu com as mãos e pés
Cada um mais espinhado,
Correndo sangue dos braços
O calção todo rasgado,
Igual a mala sem alça
Também o fundo da calça
Estava todo melado.

Agora no carnaval
O povo estava brincando,
No Bloco do Rala o Pinto
A turma estava pulando,
O trio elétrico destinto
Só tocava rala o pinto
E os fuliões pinotando.

Quando foi a meia noite
Sabe o que aconteceu?
Uma porca e cinco pintos
Nesta hora apareceu,
Naquele mesmo recinto
E cantando rala o pinto
O povo todo correu.

O pessoal assombrado
Horrivelmente corria,
Os que estavam de sàia
Se embaraçava e caia,
Os outros pisoteava
Uns gemia, outros chorava
Naquela grande agonia.

Moças com as fantazias
Que estavam bem ornadas,
Quando viram aquela porca
Cantando e dando risadas,
Todas elas se assombraram
As fantazias rasgaram
Correram todas peladas.

Atè rei Mômo na hora
Que não esperava o mandu,
Ver uma porca cantando
E fedendo a urubu,
Com 5 pintos atrás
Gritou: isto é o satanás
Também foi correndo nu.

A porca naquela hora
Continuava cantar
Os pintos acompanhando
De fazer admirar
Deixe a cueca e o cinto
Rala o pinto, rala o pinto
Que eu também quero ralar.

Foram ao bêco do fuxico
Para beira rio voltaram,
Cantando e dando risadas
A multidão se espalharam,
Fulião caia gritando
Outros por cima pisando
E assim continuaram.

Foram chamar a policia
Pra aquele escândalo acabar,
E ver que porca era aquela
Fazendo o povo assombrar,
Porque daquela maneira
Na expressão verdadeira
Não podia continuar.

Chegaram 12 soldados
E cada um se benzeu,
Nem de polícia eu gosto
A porca assim respondeu,
Não assombro até o quinto
Porque vim junto com pinto
E dali desapareceu.

Portanto tenham cuidado
Porque pode acontecer
Nos carnavais do Estado
Essa porca aparecer,
Até mesmo em Salvador
Demonstrando o seu valor
Para todo mundo ver.

No carnaval de Conquista
Ela pode apresentar,
Sua mùsica rala o pinto
E seus pintos a pular,
Produzindo a maior graça
No meio daquela praça
Fazendo o povo assombrar.

Em Jequié está sujeito
A porca chegar cantando,
Rala o pinto, rala o pinto
E a pintaiada pulando
Na praça dando risada
E toda rapaziada
Que ver vão se assombrando.

Na cidade de Itajuipe
No micareta este ano,
É arriscado a porca ir
Com seu fedor deshumano
Com os seus pintos atrás
E pular de mais a mais
Atè que "lascar o cano"

Coaraci nos seus festejos
É arriscado a porca ir
Com seus pintos preparados
Para com ela seguir
Pra fazer a multidão,
A maior assombração
E melhor se divertir.

Na Uruçuca também
Arrisca a porca chegar,
Com os seus pintos atrás
Para na festa encontrar
O povo desabrigado
Que for na festa encontrado
Para ele carregar.

A porca não vai perder
Também em Ibicaraì,
No dia do micareta
Ela està chegando aì
Com seus pintos à brincar
E muita gente assombrar
Daí até Ibicoí.

A porca não vai deixar
A festa em Buerarema,
Levando os seus 5 pintos
Pra resolver seu problema
E rala o pinto cantar
Todos pular e dançar
E recitar seu poema.

O carnaval de Ilhèus
A porca não vai faltar,
Lá é que vai ser de "colher"
Para ela aproveitar,
As turmas de moças nuas
Andando soltas nas ruas
Pra ela tudo assombrar.

Também na Ubaitaba
Ela està de prontidão,
Para ver quem meche mais
Quem è melhor fulião,
Que goste desse recinto
De bloco do rala o pinto
Pra fazer assombração.

Em Ubatã nem se fala
Que a porca já anotou,
Quando o carnaval chegar
Ela tambèm já chegou,
Com toda a sua pintaiada
Ela já vai preparada
Por isso já anunciou.

Em Ipiaù tambèm
Ela não vai dispensar,
Vai cantar o rala o pinto
Pra todo povo escutar,
Quem disser que é besteira
Vai tomar uma carreira
Assim que a porca chegar.

FIM

HISTÓRIA DE ZÉ VALENTÃO E SUA LUTA COM OLEGÀRIO PIADISTA

Gosto do homem valente
Neste País brasileiro,
Que luta pela justiça
De nosso Paí Verdadeiro,
Para mim não tem cartaz
Quando o homem é desordeiro.

Pois, difato o desordeiro
Sò luta contra a verdade,
È inimigo da Ordem
Irmão da perversidade,
Só dar valor a mentira
A traição e crueldade.

Só fala nome imoral
Na fúria de sua ira,
Arma traição a verdade
Bota a justiça na mira,
Um desses não tem coragem
É valente de mentira.

Com todos estes defeitos
Existia um cidadão,
Numa pequena cidade
De là do alto sertão,
Por todos jà conhecido
De nome Zè Valentão.

Esse tal Zè Valentão
Como o povo o chamava,
Era valente de um jeito
Que ali onde morava,
Ele dava feriado
E o povo todo guardava.

Com um revolver na cinta
E tambèm uma peixeira,
Batia em todos os homens
Daquela terra fagueira,
Por qualquer uma tolice
Ele descia a madeira.

Quando faziam uma festa
Primeiro o que convidava,
Era seu Zè Valentão
Que na frente se achava,
Pois, do contrário ele ia
E aquela festa acabava.

Se homem olhasse pra ele
No meio daquele recreio,
Ele perguntava logo:
Me acha bonito ou feio?
Ali começava a briga
Sem proposta e sem peleio.

Se por acaso dissesse
Que ele era bonito,
Ainda era pior
Que ele soltava um grito,
Capaz atè de arrancar
As pirâmides do Egito.

Eu não sou nenhuma moça
Pra você me conquistar,
Vou quebrar a sua cara
Pra poder me respeitar,
Aì o cara ou corria
Ou tinha que apanhar.

Porém existe um ditado
Do velho Chico Botelho:
Quando a casa està molhando
Precisa fazer um retelho,
E a moita que não se espera
Dali é que espirra o coelho

Ali morava um rapaz
Que era um bom motorista,
Um contador de piada
Daquela não realista,
Por isso o povo o chamava
Olegàrio Piadista.

Certa vez ia Olegário
E o seu colega o chamou:
Conte aqui uma piada
Ele na hora falou,
Não posso que meu canário
Com a gaiola voou.

Um moço ali jà me disse
Que viu a gaiola no ar,
Com o canarinho dentro
Vou ver se posso alcansar,
Deixe esta sua piada
Pra outro dia eu contar.

Não sei por que Olegário
Numa noite de São João
Desentendeu com o homem
De nome: Zè Valentão,
E começou uma disputa
De chamar mesmo atenção.

Zè Valentão gritou logo:
Vou lhe matar na pancada,
Olegário respondeu:
Para mim isto é piada,
Vou lhe provar que você
Não è valente e nem nada.

De hoje para a manhã
Você tem que me pagar,
Sua fama de valente
Desta vez vai se acabar,
Ali juntou muita gente
Para não deixar brigar.

Olegário foi se embora
Pra fazer sua aventura,
Comprou uma banana d'água
Grande e bastante madura,
Como se fosse uma faca
E colocou na cintura.

A noite numa esquina
No meio da escuridão,
Olegário Piadista
Esperava o valentão,
Com a banana na cintura
De chamar mesmo atenção.

Mais tarde Zé Valentão
Por ali logo passava,
Que ía beber na venda
De nada mais se lembrava,
Disse Olegário: eu não disse
Que tu hoje me pagava?

Meteu a mão na cintura
E a banana puxou,
Bateu na barriga dele
Que a banana esbagaçou,
Zé Valentão deu um grito!
Este infeliz me matou.

Socorro! gente, socorro!
Que caí numa emboscada,
Estou com o fato de fora
Não posso fazer mais nada,
Olegàrio foi embora
Correndo e dando risada.

Ali juntou muita gente
Com a maior compaixão,
Arrumaram logo um carro
Botaram Zè Valentão,
Levaram ao Pronto Socorro
Comprindo a lei de cristão

Chegando ao Pronto Socorro
Zè Valentão a tremer,
E gritava em toda altura:
Seu doutor eu vou morrer!,
Mande chamar minha mulher
Para ultima vez eu ver.

Passava a mão na barriga
Estava toda melada,
Pensava que era as trípas
Que cada estava furada,
Dava gritos de horror
Em uma altura danada.

O doutor examinando
Disse: o senhor se engana
Só foi uma brincadeira
De mau gosto e bem profana
Bateram na sua barriga
Foi somente uma banana.

Portanto, cale esta boca
Deixe esta covardia,
Que o senhor está sãozinho
Pode sorrir de alegria,
Lhe bateram essa banana
Pra atestar sua valentia.

Se fosse mesmo uma faca
Era mesmo um caso sério,
Neste momento o senhor
Estava no necrotério
A manhã ía morar
Lá dentro do cemitèrio.

Zè Valentão nessa hora
Levou a mão ao nariz,
Quando passou na barriga!
Disse: sou um infeliz,
Não me matou Olegário
Somente porque não quiz

O povo deu uma váia
Naquela localidade,
Onde està a valentia
Que arrotava de verdade?
Foi obrigado ele ir embora
Daquela bela cidade.

Zé Valentão no outro dia
Dali foi pegando a pista
Do povo dessa cidade
Desapareceu da vista,
O povo deu parabens
A Olegàrio Piadista.

FIM

HISTÓRIA DO PORTUGUÊS INOCENTE E A "PONTE QUE CAIU"

Esta vida aqui na terra
É uma vida atribulada,
Se a gente ficar pensando
Nesta vida amargurada,
Morre até antes do tempo
Por fim não vive nem nada

Uma história interessante
Vou dizer como è que é,
No assunto de gracejo
Nos chama atenção até,
É da puta que pariu
Là dentro do cabarè.

Quando o homem português
De nada mesmo sabia,
Aqui em nosso Brasil
Nada mesmo conhecia,
Dava cada "passo errado"
Que todo mundo sorria.

Certo tempo um portugês
Que inda era um solteirão,
Chegou aqui no Brasil
Uma certa ocasião,
Começou a trabalhar
Pela sua profissão.

Na linguagem brasileira
Sofría sempre maltrato,
Pois achava tão dificil
Mesmo pra mais do contrato
Se alguèm dissesse: "sapo"
Só compreendia sapato.

E com isso o português
Um pouco triste vivia,
Que os sutaques do Brasil
Ele não compreendia,
E com isso os brasileiros
O matava de anarquia.

Pois aquele português
Era difato um recruta,
Levava tudo de eito
Na base da força bruta,
E a mulher sem marido
Aprendeu chamar de puta.

Certa vez os seus colegas
Pra mostrar "como é que è"
Convidaram o português
Para ir pra o cabarè,
Ele aceitou o convite
Com toda coragem e fé.

Mas uma mulher da vida
Estava pra ter criança,
A data de dar a luz
Ela saiu da lembrança,
E jà tinha chegado o tempo
De descarregar a pança.

Ela bastante contente
No cabarè foi dançar,
Chegou lá caiu na dança
Começou se requebrar,
E o português là na porta
Sò de longe a observar.

Quando foi a meia noite
A pobre mulher sentiu,
As dores de ter criança
No meio da casa caiu,
E a metade do povo
Nessa hora escapoliu.

Foi um tremendo alvoroço
O povo se atropelava,
Batendo uns com os outros
Ali no chão se enrolava,
Se valia das canelas
Na hora que levantava.

O português foi correndo
Com a policia encontrou,
O que foi que aconteceu?
Um soldado perguntou,
Foi a puta que pariu,
O português lhe falou.

O soldado compreendeu
Que aquilo fosse maldade,
E falou: esteja preso
Por sua incapacidade,
Sò porque desrespeitou
Toda nossa autoridade

E levaram o português
Para a delegacia,
Chegou là o delegado
Perguntou o que havia.
O que foi que ele fêz
Para ir pra inxovia?

Desacatou todos nós
Um soldado assim falou
Como foi que ele disse?
O Delegado indagou,
O soldado direitinho
Naquele instante explicou.

Na rua do meretricio
A meia noite surgiu
Um corre-corre danado,
Eu perguntei se ele viu
Ele respondeu a mim:
Foi a puta que pariu.

Por isso eu trouxe ele preso
Pra o senhor o investigar
Porque foi esse motivo
D'ele a mim desacatar
Se deve ir ao xadrex
Ou então deve soltar.

Foi chegando outro soldado
E falou por sua vez:
Examinei todo caso
Deste moço português,
A mulher teve criança
No cabaré de Garcês.

Jà levamos ela agora
Là para a maternidade,
Já está tudo resolvido
Com toda realidade,
O português não merece
Ser preso sem piedade.

O delegado achou graça
Naquele instante sorriu,
Perguntou ao português:
O que foi que o senhor viu?
Ele respondeu de novo:
Foi a puta que pariu

Todos soldados na hora
Caíram na gargalhada,
Viram que o português
Não tinha culpa de nada,
Difato a puta pariu
Não era história inventada.

O delegado mandou
O português ir embora,
Ele deu graças a Deus
E tambèm Nossa Senhora
Da terra de Portugal
Ali foi caindo fora.

Chegando em casa, os amigos
Perguntaram o que se deu,
Que foi se parar em "cana"
O que ele respondeu?
Ele contou aos amigos
Um tudo que aconteceu.

Eu estava no cabaré
Quando uma puta caiu.
Todo povo ali correu
E a policia me viu,
Perguntou, eu respondi:
Foi a puta que pariu.

Porque falei a verdade
Me levaram ao delegado,
Me perguntou tanta coisa
Fui bastante investigado,
Quase que alèm de preso
Ainda sàio apanhado.

Por isso deixo o Brasile
Vou pra minha terra natale,
Porque quem fala a verdade
Não merece nenhum male,
Pos isso eu grito e sustento:
Viva nosso Portugale.

Chegou là em Portugal
Falou pra todos da aldeia:
Ó Brasile è muito bom
Mas a verdade ele odeia,
Porque quem fala a verdade
Vai se parar na cadeia.

O Brasile dar valor
É quem a todos engana,
Quem vende gato por lebre
E abacaxi por banana,
Quem fala só a verdade
A policia leva em cana.

Eu escapei de apanhar
Na terra de Aparecida,
Voltei pra meu Portugale
A minha terra querida,
E aqui quero viver
O resto da minha vida.

Todo povo brasileiro
Que aquela história viu,
Relembrando o português
Que difato não mentiu,
Quando ver uma coisa feia,
Grita: puta que pariu!

FIM

HISTÓRIA DO HOMEM QUE VOMITOU SETE URUBÚS

Senhores eu sempre fui
Um amigo da verdade
Vou escrever um folheto
Para toda humanidade
Mostrando que a mentira
È uma infelicidade

É um ditado antiguissimo
Que ouço o povo falar
Que a mentira só vale
Atè a verdade chegar
Mas antes disso tem feito
Muita gente se acabar

Pois, a palavra verdade
É estrela encandecente
É a luz abençoada
Pelo Pai Onipotente
E a mentira é a treva
Criada pela serpente

Numa cidade estrangeira
Denominada Pombal
Espalhou-se uma noticia
Na bôca do pessoal
Que abalou todo reino
Por todo canto afinal

Dizia o povo alarmado
Com grandiosa aflição
Que um duente no hospital
Fez tremendo assombração
Vomitou sete urubús
Pretos da côr de carvão

Aí correu a noticia
Por toda aquela cidade
Quando um dizia é mentira
Outro dizia: é verdade
Todos querendo saber
Desta grande novidade

Aquele povo mais simples
Começou logo a chorar
Dizendo: é porque o mundo
Agora vai se acabar
Outros saiam correndo
Para ir se confessar

Repercutiu a noticia
Logo no reinado inteiro
Na Italha, na Alemanha
E no Paiz brasileiro
Na Russia, Bélgica e Japão
E todo reino estrangeiro

Atè que um jornalista
Daquela mesma cidade
Pra fazer uma reportagem
Contando a realidade
Quiz saber bem direitinho
Aonde estava a verdade

Perguntou quem tinha contado
Este caso verdadeiro
Disseram que quem falou
Tinha sido o jardineiro
O jornalista seguiu
Naquele mesmo roteiro

Encontrou o jardineiro
E assim lhe perguntou:
O senhor viu o doente
Que disse que vomitou
Sete urubùs no hospital
Que o povo se assombrou?

O jardineiro lhe disse
O povo quer aumentar
Foi seis urubús somente
Que vieram me contar
Que o duente vomitou
E fez tudo se assombrar

E quem contou ao senhor?
Perguntou o jornalista
Pra saber da certeza
Eu venho seguindo a pista
Respondeu o jardineiro;
Quem disse foi meu dentista

Para falar ao dentista
Êsse moço viajou
Quando encontrou o dentista
A mesma coisa falou
O dentista direitinho
Desta maneira esplicou

Eu não falei que foi seis
Eu disse cinco somente
E os urubús que saiam
Do bucho desse duente
Ia saindo e voando
Sumia ali de repente

O senhor viu com seus olhos
Este drama verdadeiro?
O dentista disse: não
Mas afirmo companheiro
Que soube no hospital
Por bôca lá do porteiro

O jornalista saiu
Direto pra o hospital
Foi encontrando o porteiro
E perguntou afinal
O caso daquele homem
Assombro do pessoal

O porteiro disse: não
De vista não o levei
Somente 4 urubús
Foi só o que eu falei
Se teve mais urubú
Desta conversa não sei

E quem contou ao senhor
Dando esta garantia!
Que já está parescendo
Com mentira ou herezia
Disse o porteiro: se minto
É por bôca do vigia

O jornalista seguiu
Logo o vigia encontrou
E sobre o caso do homem
No momento perguntou
O vigia nessa hora
A sua história contou

Quatro urubùs, eu não disse
Apenas falei assim
Que foram três urubús
A freira falou a mim
O povo sai aumentando
Já vì que gente ruim

O jornalista sorriu
E disse desta maneira
Esta histôria é de morte
Parece até brincadeira
Pediu licença e entrou
Para falar com a freira

Chegando falou a freira
Ela assim lhe respondeu:
O povo aumenta de mais
Pois assim nada se deu
Somente dois urubùs
Foi só o que aconteceu

E quem contou a irmã?
Perguntou êle ligeiro
Que hoje tirei o dia
Para seguir no roteiro
Disse ela: quem contou-me
Foi o nosso infermeiro

O jornalista seguiu
Com o enfermeiro encontrou
Do mesmo jeito dos outros
Ele logo o interrogou,
Aquele moço educado
Ao jornalista explicou

O povo aumenta de mais
Eu disse um somente
E assim mesmo eu não vi
Me disse o doutor Vicente
O povo sai aumentando
Fazendo a vez da serpente

O moço pediu licença
Pra falar com o doutor
Porque do caso direito
Queria ser sabedor
Chegou lá falou pra êles
Como homem de valor

O doutor disse: seu moço
Aumentaram pra xuxú
Eu disse que um duente
Num hospital no Perú
Vomitava todo dia
Preto que só urubú

O jornalista sorriu
E disse: que pessoal!
Inventar tanta mentira
Tudo do proprio ideal
No outro dia a verdade
Publicou no seu jornal

Nossa lingua é arma atômica
Assim diz a escritura
Que faz a infelicidade
Da mais nobre criatura
Mas se não tiver cuidado
Leva o dono a sepultura

Senhores vou terminar
Os versos de minha lira
Que a força superior
Toda hora me inspira
Para eu falar a verdade
E condenar a mentira

FIM

HISTÒRIA DO MACACO QUE QUIS SE VIRAR GENTE

Disse o apóstolo São Paulo
Descendente dos hebreus,
Quando pregava o evangelho
Là na terra dos judeus,
Que a sabedoria humana
È loucura para Deus

Eu admiro a ciência
E a ela dou valor,
Quando ela está ao lado
Da santa lei do Senhor,
Segundo a Bìblia Sagrada
Do nosso Pai Criador.

Porèm sou contra a ciência
Que fala bem da Natura,
Sem falar do seu Autor,
Formando falsa figura,
Para mim esta ciência
È uma completa loucura.

A falsa ciência afirma
Que a terra pra se formar,
Era uma bola de fogo
Lá no espaço a queimar,
Milhões de anos queimando
E milhões para esfriar.

Depois de milhões de anos
Que toda terra esfriou,
As árvores e os animais
Cada um por si gerou,
E com o decorrer dos tempos
Cada se aperfeiçoou.

Todos animais da terra,
Todos os peixes do mar,
Cada monstro tão horrivel
De fazer admirar,
O macaco era tão feio!
Da macaca se assombrar.

Depois de anos e anos
Tudo foi se elevando,
Macaco caiu o rabo,
O pêlo foi se afinando,
A cara ficou redonda
Em gente foi se virando.

Esta história é errada,
Para mim não tem valor,
Porque não pode existir
Uma obra sem autor,
Nada é feito por si mesmo
Neste mundo enganador.

A verdade està na Bìblia
Relativo a criação,
Deus criou o cèu e a terra
Com bastante perfeição,
Mas a terra era sem forma
E existia escuridão.

Deus mandou: exista a luz
E a luz logo se criou,
O sol, a lua, as estrelas,
Todo mundo iluminou,
Mandou que formasse o mar
E logo o mar se formou.

Apareceu logo a terra,
Deus mandou que se criasse
Arvores que desse semente
E toda a terra alastrasse,
Desse sementes e frutos
Crescesse e multiplicasse.

Somente com a palavra
Deus fez todos animais,
Fez todos peixes do mar:
O manso, o medio e o voraz
Mandou que multiplicasse
E crescesse mais a mais.

Depois de està toda pronta
Esta grande criação,
Pegou um bolo de barro
Ali fez o homem Adão,
Sua imagem e semelhança
Com a mesma perfeição.

Depois Deus viu que Adão
Naquela terra altaneira,
Sozinho não dava certo
Nessa terra tão fagueira,
Resolveu fazer a mulher
E dar-lhe por companheira.

Adormeceu logo Adão
Tirou d'ele uma costela,
Com seu divino poder
Fez Eva mulher tão bela
Só mesmo Deus pra fazer
Uma peça como aquela.

Esta é, que é a verdade
Que devemos ensinar,
A todos os nossos filhos
Em todo e qualquer lugar,
Que Deus è o autor de tudo
Que se possa imaginar.

Baseada nessa parte
Que Deus deu o sono a Adão,
A verdadeira ciência
Fez sua imaginação
E criou a enestesia
Pra fazer operação.

A Bíblia diz que as palavras
Que a gente diz com furor,
Gravadas ficam no espaço
Para no dia do rigor,
Ser elas reproduzidas
Diante do Criador.

A verdadeira ciência
Com isso foi estudar,
E construiu um aparelho
De fazer admirar,
Por nome de gravador
Para as palavras gravar.

A ciência com a Bíblia
É uma luz que vem da luz,
Quer fazer um aparelho
Que o passado conduz,
Para gravar as palavras
Que nos disse o Bom Jesus.

A verdadeira ciência
Levou o homem na lua,
E as palavras da Bíblia
Deixou là na face sua,
Em uma placa de prata
Que para sempre flutua.

Diz a Bìblia que Moisès
No Monte Nebo morreu,
Foi sepultado ali mesmo
Conforme Deus concedeu,
E a cova de Moisés
Ali desapareceu.

A ciência mentirosa
Que n'ela eu não acredito,
Diz que Moisés sepultaram
Nas pirâmides do Egito,
Isto é tão grande mentira
Que revolta o infinito.

Os homens americanos
Fazendo uma esperiência,
Fizeram um grande foguete
Da grandiosa potência,
N'ele botaram um macaco
Para ver sua inteligência.

Ensinaram dirigir,
Para o macaco aprender,
Aonde apertava o dedo
Depois da luz acender,
Ia saindo amendoim
Para o macaco comer.

O foguete no espaço
Dali desapareceu,
Com muitos dias de vôo
Esse foguete desceu,
Doze horas o macaco
Depois que chegou morreu.

Construiram o Apollo 11
N'ele Armistrong voou,
Na terra virgem da lua
O homem vivo pisou
E correu por lá de gipe
Que a poeira levantou.

E portanto està provado
Que macaco não foi gente,
E nem gente foi macaco
Pois é muito diferente
Só que tem que todos dois
São obras do Onipotente.

Difere muito o macaco
Da origem de Adão:
Um, Deus fez com a palavra,
Outro, Deus fez com a mão
Para ser o rei das feras
Deu esta autorização.

Por isso nunca o macaco
Pode ao homem dominar,
O homem domina ele,
Faz ele domesticar,
Para provar a verdade
Jamais aprendeu falar.

Se o homem e o macaco
Existissem eternamente,
Dava até para fazer
Uma idéia diferente,
Que o macaco evoluia-se
E por fim virava gente.

O homem com 80 anos
Já virou terra, morreu,
Macaco com vinte e cinco
O urubu jà o comeu,
Està provado que isto
Aqui nunca aconteceu.

Que o macaco està certo
Já virou isto um ditado,
Quem está certo é o homem
O macaco està errado,
Pois êle nunca foi gente
No velho tempo passado.

Jà è ousado o macaco
Querendo ser inteligente,
E com a velha conversa
Que ele aqui já foi gente,
Ainda mais ousado estava
Mostrando-se bem contente.

Mas agora eu digo a ele
Que saia desta enrascada:
Deixe esta onda, macaco,
Que ela é muito pesada,
"Tire o cavalo da chuva"
Que você não è de nada.

Na América do Norte tem
A campanha popular,
Para todos professores
Nas aulas não ensinar,
Que o homem vem do macaco
Pra criança acreditar.

E eu faço meu apelo
Como humilde trovador
Deste País brasileiro,
Para todo professor
Não ensinar esse êrro,
Em nome do Criador.

Macaco nunca foi gente
Foi feito antes de Adão,
Saltando dum pau pra outro
Isto é sua profissão,
Lamentando o dissabor,
Vivendo neste labor,
Até o fim da geração.

FIM

O MATUTO VENDENDO RÔLA ASSADA

Pretendo contar agora
Uma historia engraçada
Viajei para Bahia
Numa estação na estrada
Eu mais comadre Perôla
Vi um vendedor de rôla
O geito foi da risada

Na linha de Vila Nova
Quem dèsce para Bahia
Passa no Itarèrú
Perto de Santa Luzia
Vou escrever o passado
Vendem passarinho assado
Parece atè anarquia

De toda caça do mato
Se encontrava ali assado
Rôla, prequito e preá
Tatú tambem muquiado
Araponga e sabiá
Encontra Tamanduá
Tambem ali retalhado

Tambem encontra vendendo
Rabudo caxinguelê
Um passaro que não se pega
Denominado sofrer
Quem este passaro pegar
Pelo cabo vai chorar
Bastante se maldiser

Eu passei no Itarerú
Mas minha comadre Perôla
Vinha um matuto na classe
Gritando êta cebola
Olhei para o marmanjão
Ele trazia na mão
Uma espetada de rôla

Dizendo quem quer comprar
Não to vendendo to dando
Minha rôla é tão gostosa
De gorda já tá minano
U'a muié mim comprou
Dipois qui viu o sabou
Ficou se admirano

Dois mil reis u'a rôla disse
Quaiquer um pode comprar
Depois que ver o gosto dela
Garanto qui vai gostar
U'a véa mem comprou
Gostou qui chega chorou
Pra eu tornar ir levar

Uma moça disse assim
Dou um mil reis nesta miuda
Ele disse não senhora
Esta ai é quem ajuda
Vender a rola maior
O efeito da menor
É o mesmo da grauda

A moça não fez questão
Logo a tal rola comprou
Ai tirou 2 cruzeiros
E o matuto intregou
Naquela ocasião
A rola caiu no chão
Logo de cuspe melou

A moça pisou em cima
Com o sapato esfregou
E jogou pela janela
Disse o matuto danou
Nem polvor de minha rola
Logo no mato jogou
E saiu dali gritando

A rola especiá
Estou vendendo barato
Pruveita qem quer comprar
A minha rola é gostosa
Pois ela é tão saborosa
Qui as muiè chega gostá

A mãe deste tal matuto
Gritava do outro lado
Disendo eu tenho perequito
E tambem sofrer assado
O meu perequito è gostoso
E bastante saboroso
O povo riram um bocado

Comadre Perôla disse
Meu compadre eu vou comprà
Eu lhe disse minha comadre
Deixa esta rôla pra là
Mas minha comadre gostou
Dà rôla assada e comprou
Pra tambem esperimentar

Mandou chamar o matuto
Com a espetada de rola
Naquele mesmo momento
Minha comadre Perôla
Comprou uma rôla maior
Depois comprou u'a menor
Eu disse comadre é tôla

O matuto ai saiu
A propaganda fasendo
Dizendo: a rôla barata
E saiu oferecendo
Vendendo a dona perôla
Todo mundo cai na rôla
Mesmo assim saiu disendo

Comadre me ofereceu
Naquela ocasião
Eu respondi: Deus me livre
Não gosto esta bicha não
Vou comprá priquito assado
Ai saí desfarçado
Comprei um na estação

Aí o trem deu partida
Eu não sei do resultado
Se vendeu as rôlas todas
Aquele matuto errado
Minha comadre Perôla
Foi comer desta tal rôla
Foi narrar todo passado

Pois minha comadre Perola
Com o diabo da uzura
Comeu rola a tarde toda
Com tanta da gustusura
Comeu uma rola inteira
Quando foi na derradeira
Ela já estava dura

Comadre jogue isto fora
Ela aí me respondeu
Pois dura assim que è boa
E a rola toda comeu
Dizendo: ho rola gostosa
Pra deixar de ser teimosa
Vamos ver o que aconteceu

Já bem perto de Serrinha
Ela pegou a se queixar
Com uma dor de barriga
Em tempo de não agüentar
Toda hora na privada
Foi a tal da rola assada
Que fez lhe distemperar

O trem chegou em Serrinha
Fui obrigado a ficar
Porque comadre Perola
Não aguentou mais viajar
Comadre muito orgulhosa
Achando a rola gostosa
Aí que viu amargar

Pra ir para pensão
Na cidade de Serrrinha
Comadre estava tão bôa
Que nao guentou ir sozinha
Fui obrigado a pagar
Um carro para levar
Pra uma pensão que tinha

Chamei ali um Doutor
Este veio na mesma hora
Receitou minha comadre
Isso sem haver demora
Quando os remedios tomou
Minha comadre sarou
Eu disse vamos embora

Eu disse minha comadre
Agora ficou ciente
Que rola em estação
Não é comida de gentê?
Ela deu uma risada
E disse a tar rola assada
Não quero mas este ente

Eu cheguei em Salvador
Na estação de Calçada
Que fui saltando do trem
Encontrei um camarada
Eu contei todo ocorrido
Do que foi acontecido
Ele deu logo risada

Ai passou a me contar
Tudo quanto aconteceu
Que uma moça em Itarerù
U'a rola desta comeu
A rola fez mal a ela
A pobre desta donzela
Bastantemente sofreu

Foi preciso ir ao médico
Pra ele lhe receitar
O pai gastou um bucado
Pra esta moça salvar
Só parece evenenada
Esta tal de rola assada
Que vende neste lugar

Eu como macaco velho
Não vou cair em cilada
Por isto comprei piriquito
Não quiz a tal rola assada
Minha comadre comprou
Ao depois arrenegou
Dizendo: vote danada

A todos os viajantes
Eu quero vos avisar:
Passando por Itarerù
Não queira rola comprar
Pra não impatar a viagem
E não perder a passagem
Pra onde for viajar

Quem disser que è mentira
E querendo duvidar
Um dia no Itarerù
Ele terá que passar
E da rola do matuto
Feio, nojento e bruto
Ele vai participar

Termino aqui meu livrinho
Do idioma Brejeiro
Pedindo que os amigos
Ajude um brasileiro
Pra puder ganhar o pão
Luta que só um leão
Pague somente 2 cruzeiros.

FIM

A MULHER QUE TENTOU COMER UM FOGUETÃO ASSADO, PENSANDO SER UM MOCÓ

Senhores queiram escutar
um caso de fazer dó
duma pobre camponeza
do sertão do Ciridó
que foi assar um foguete
pensando ser um mocó

Morava Manoel Coió
naquele rude sertão
trabalhando em sua roça
plantando milho e feijão
mas relativo o comercio
era um grande bôbalhão

Parecia um Zé Mamão
Manoel Coiò na Cidade
dava bença aquele povo
que mostrasse mais idade
nos seus pés se ajoelhava
com tôda sinceridade

Dona Gilda Solidade
a espôsa de Coiò
um dia foi numa casa
e viu comendo mocó
ela não pediu um pouco
temendo um grande pitó

E o gôsto do mocó
era só o que sentia
pra ela estava tão bom
que a bôca d'água enchia
oh! que mocó saboroso
no pensamento dizia

Saiu naquela agonia
chegando em casa ficou
se lembrando do mocó
que ninguém lhe ofertou
ficou somente pensando
e a vontade apertou

Para o marido falou
dizendo:tù vais comprar
um mocó neste momento
pra amanhã nós almoçar
se eu não comer mocò
sei que vou me acabar

Seu Coió ao escutar
o que a espôsa dizia
viu que ela estava grávida
e nessa grande agonia
se não comesse mocó
ela ou a criança morria

Porém êle não sabia
Onde vendia mocó
para seguir pra Cidade
pegou depressa um aiò
saiu pensando consigo:
aqui é que está o nó

Botou de lado o aiò
e seguiu para Cidade
pensando onde encontrava
essa grande novidade
se encontrava na loja
ou no bar da mocidade

Com tôda burralidade
chegou o pobre Coió
na Farmacia São Gerônimo
agarrado ao aiò
e disse pra o farmacêutico:
o sinhô vende mocó?

o homem que estava sò
achou que fosse anarquia
e disse: só tenho aqui
é Tônico Biologia
a onde vende mocó
é ali na tipografia

Com grandiosa alegria
o pobre homem marchou
pra mesma tipografia
que o farmacêtico ensinou
o sinhô vende mocó?
ao gerente perguntou

o gerente que escutou
o que o matuto dizia
achando ser uma tôlice
gostosamente sorria
e disse o senhor encontra
é ali na delegacia

Aquele pobre seguia
Como criança inocente
Chegou na delegacia
foi encontrando o tenente
êle disse: tem mocó?
perguntou ligeiramente

Naquela hora o tenente
Vendo êsse pobre roceiro
falando essas toulices
no seu cistema grosseiro
mandou êle ir procurar
na casa dum fogueteiro

Seguiu o pobre roceiro
conduzindo o seu aiò
chegou lá o fogueteiro
estava cheio de potó
o pobre chegou e disse:
o senhor vende mocó?

sem compaixão e sem dó
o homem disse: pois não
pegou uma caixa là dentro
repleta de foguetão
contou doze e entregou
ao matuto boubalhão

Cobrou logo um dinheirão
o pobre trouxa pagou
pegando todos foguetes
pra sua casa voltou
com espantosa alegria
na velha casa chegou

A sua espôsa entregou
a duzia de foguetão
ela disse: ò! que beleza
que grande satisfação
vou assar todos agora
para eu comer com pirão

Quando levou pra o fogão
os foguetes pra assar
os bichos pegaram fogo
que fêz tudo se assombrar
a mulher caiu de costa
desta maneira a gritar:

Chega! Mané, vem pegar
que os mocó quer ir embora
Manoel Coiò agarrou
os mocós na mesma hora
com pouco se viu queimado
saiu doido porta a fora

Valei-me Nossa Senhora
Coió assim exclamava
pega os mocó Manoé
a mulher assim gritava
corria tudo assombrado
quando foguete estourava

Faisca longe voava
lá por cima do fogão
pois o barulho era feio
da duzia de foguetão
correndo dentro de casa
nessa maior confusão

Antes da grande explosão
começaram a sair
encontraram a porta aberta
pra êles se divertir
voaram pelo espaço
e começaram explodir

Dona Gilda ao ouvir
dos foguetes a explosão
disse para seu espôso
mas que homem boubalhão
trazer mocó sem matar
ou que bestagem do cão

Manoel lhe disse: então
porque você não matou?
foi assar os mocós vivos
por isso a cobra fumou
correram foram se embora
que jeito agora é que dou

Foi você que me enganou
disse dona Solidade
quando se compra mocó
mata primeiro em verdade
para não fazer em casa
a maior perversidade

Com tôda adversidade
aumentava a discussão
depois chegou um vizinho
desta mesma região
Manoel contou a êle
o principio da questão

Que sua querida espôsa
desejou comer mocó
êle foi comprou uma duzia
trouxe dentro do aiò
mas quando botou no fogo
não ficou ali um só

Quase queima o seu gogó
correndo e dando explosão
sendo assim, disse o vizinho:
você bancou o boubalhão
em vez de comprar mocó
você comprou foguetão

Depois desta explicação
Manoel compreendeu
e disse você está certo
pelo que aconteceu
sò podia ser foguete
o besta mesmo fui eu

Com o que aconteceu
o pobre Manoel Coiò
e a dona Solidade
do sertão do Ciridó
daquela vez nunca mais
desejou comer mocó

M.ocó é tão diferente
F.oguetão já nem se fala
Se comer um foguetão
Isto a guela se entala
Leva fim duma só vez
Vê o bucho virar três
A bôca logo se cala

FIM

TEMAS EXTRAÍDOS DE OUTRAS ARTES

ABC DA AZA BRANCA

A

Agora eu vou contar
Os leitores preste atenção
De todo meu sofrimento
Pras bandas de meu sertão
De sêde morreu meu gado
Até meu pobre alasão

B

Bom istado Pernambuco
É minha terra natá
Mal a sêca dura entrou
Querendo tudo arrasá
Asa-Branca bateu asa
Prús mundão do Ciará

C

Com enormi solequente
Nesse tempo de verão
Foi tão grande o prijuiso
Qui tive no meu sertão
Tudo qui eu tinha acabou-se
Ná sinza de S. João

D

Dois ano qui eu era noivo
E istava pra casar
Com minha quirida Rosinha
A fulôr desse lugar
Quando eu falo em Rosinha
Meus ôios pega chorar

E

Eu só fartava doidá
Vendo meus bicho acabano
Pois eu já pidir o véio
Pá casar no fim do ano
E o sole de proposta
Cada vez mais aomentano

F

Fui na casa de meu sogro
Pá dizer vou viajá
Vou arranjar um dinheiro
Prús mundão das capitá
Fui dispidi de Rosinha
Rosinha pegou chorá

G

Guilherme disse Rosinha
Eu ti peço pru favor
Qui tu lá nas capitá
Não vá querer outo amor
Eu fico aqui no sertão
Sofrendo da mesma dor

H

Haí Fumo coveçar
Lá prá fora do camin
Entonce eu disse Rosinha
Mi dá agora um beijim
E ela naquela hora
Me deu um beijo semfim

I

Ia beijando Rosinha
Quando vi que ia passano
O pai dela ná estrada
Pru Rosinha pricurano
Eu dei mais um beijo nela
E fui me arrítirano

J

Já disse e torno diser
Vou pra lá pás capitá
Eu vou arrumá dinheiro
Pá conde vim nós casá
E tornei dá ôto beijo
Para puder viajá

K

Kirida a deus de novo
Dei um aperto de mão
Ela pegou a chorá
Náquela ocasião
Mi dixe tu não se esqueça
Do nosso véio sertão

L

Leitor agora analise
Qui sodade de matá
De deicha o meu sertão
Pá vim para a capitá
Qui sódade de Rosinha
Qui não posso suportá

M

Meus bicho tudo acabou
Eu dissi lá pá Bahia
Que era um lugá bom
Erao qui tudo disia
Se jisus me a judar
Muito breve eu vortaria

N

Nesse dia viajei
Ni um tal de caminhão
Qui vinha cheio de muié
Numa tal de lotação
Trepei em riba com elas
E dissi do meu sertão

O

O Carro corria tanto
Naquele mundão semfim
Era tanto sucavão
Quase me quebra o fucim
As muié saculêjava
Caia em riba de mim

P

Porem de preça cheguemo
Na cidade do Salvador
A capitá da Bahia
Terra de nosso Senhor
Eu nunca pensei na vida
De subi de levador

Q

Quando eu vi o levador
Fiquei bastante a birmado
Cousa lindra cuma aquela
Eu nunca tinha sonhado
Com o levador lacerda
Eu fiquei todo encantado

R

Ruim só lá o qui achei
No méio da murtidão
Foi a moça que me dixe
Naquela ocasião
Qui eu não pudia subi
Qui tava de pé no chão

S

Sete meses ja fasia
Qué eu de casa sai
A sodade me apertano
Com vontade de parti
Muito relampo e truvão
Pra meu norte um dia eu vi

T

Toda noite relampeia
E veijo o ronco do truvão
Asa branca bateu asa
Já vortou pra meu sertão
Eu disse eu vou mimbóra
Vou cuidá da pratação

U

Um carro logo peguei
Para depois viajar
Lá para meu pernambuco
Qui é minha terra natá
Com minha quirida Rosinha
Agora vou me casar

V

Vamicês caros ouvintes
Sabe o qui me aconteceu?
Vou contar toda derrota
Qui tudo com min se deu
Rosinha casou com outro
E de mim se esqueceu

X

Xingando fiquei zangado
A infame da Rosinha
Porque ela me jurou
Que era minha queridinha
E tão de pressa deu a outro
Seu amor qui me convinha

Z

Zangado aqui termino
Toda minha narração
Em garganta de muié
Ninguem não vá nisso não
Pois contei tudo direito
O que sofri no sertão

FIM

TEMAS BIZARROS, ANTROPOMÓRFICOS

O CASAMENTO DA RAPOSA COM O VEADO

Quando o jegue era chofer
E governava a rodagem
O papagaio locutor
Num estùdio de folhagem
O macaco e o sagüim
Veviam da malandragem

O galo era cantor
A galinha dançarina
Urubú era marchante
Na pedreira da campina
Sabiá era poeta
Sujeito de classe fina

O galo cantava samba
Sagüim tocava viola
Galinha sapatiava
Como quem tivesse mola
O galo só de calção
Galinha só de... bermuda

Juriti vendia milho
O gavião vaquejava
Nambú por ser vergonhosa
Só a cabeça ocultava
Deixando o resto de fora
E assim continuava

Mosquito dizia ao touro:
O que eu prometo faço
Se você me aborrecer
E eu chegar descer meu braço
Na broca do seu ouvido
Você se vira em bagaço

O coelho em sabedoria
O gato tinha destreza
A cobra tinha prudência
Macaco tinha esperteza
Cachorro na valentia
Curuja na boniteza

O canarinho era músico
Araponga era ferreiro
O cancão guarda do mato
Cara-cará boiadeiro
O pato empregado a bordo
O cururù feiticeiro

O vagalume no rio
Focalisava a candeia
Para o Martim Pescador
Pescar piaba e moreia
O periquito Cara-suja
Falava da vida alheia

Veado por ser bonito
Bem satisfeito vevia
Cabelo bem penteado
Enfrentava a boemia
Aonde tivesse festa
Veado não a perdia

Tinha uma raposa môça
Filha de um raposão
Que era a mais linda
Dali daquele grotão
Quando ela ía uma festa
Chamava bicho atenção

A sua côr raposada
Cabelo bem pentiado
Falava a lingua selvagem
Num bonito fraseado
Capaz de apaixonar
O coração dum veado

Uma vez teve uma festa
Na casa do tatuí
Foi todo bicho do mato
De veado a jabuti
Menos onça e leão
Todo bicho estava alí

Que quando estavam dançando
A raposa ali chegou
Veado quando a viu
Seu corpo se arrepiou
E por aquela raposa
Ele se apaixonou

E a raposa tambèm
Sentiu grande comoção
Quando foi vendo o veado
Teve tão grande afeição
Como se fosse uma seta
Cravando seu coração

Veado chegou pra ela
Chamou-a para dançar
Ela aceitou, pois estava
Por isso mesmo a esperar
Ambos sairam dançando
De fazer admirar

Começaram êsse namôro
Naquele mesmo momento
Veado falou pra ela
Se dava o consentimento
De pedir ao raposão
A mão dela em casamento

Raposa disse que sim
Veado então viajou
Na casa do raposão
No outro dia chegou
A raposa em casamento
Com o pai dela falou

O velho chamou a raposa
E perguntou se queria
Ela lhe disse que sim
Com a maior alegria
Faltava a raposa velha
Pra saber se consentia

Pra voltar no outro dia
O veado foi embora
Quando a raposa chegou
Contaram na mesma hora
Raposa velha zangou-se
Entrou dentro e saiu fora

Dizendo; só o que faltava!
Meu velho ter combinado
A minha filha casar-se
Com um moço desasuntado
Eu vou consentir minha filha!
Ir se casar com um veado?

A raposa môça disse:
Ele é um moço de bem
A velha então respondeu:
Nenhum veado convém
A familia dos veados
Não tem valor dum vintem

Veado chegou em casa
Disse pra mãe estimada
Que estava sendo noivo
Da raposinha adorada,
Disse a veada: meu filho
Você caiu na embrulhada

Tem tantas das veadinhas
Que tem o corpo maneiro
Como sejam tuas primas
Que moram no taboleiro,
Ir se casar com raposa
Com todo aquele mau cheiro?

Além de ser fedorenta
O seu escândalo é de raça
Lhe faz a maior vergonha
Quando ela beber cachaça
Tira a roupa e fica nua
Sorrindo no meio da praça

Com tudo isto o veado
Ali não se encomodou
Voltou a casa da noiva
Com a mãe dela falou
Só depois de muito custo
Raposa velha aceitou

Marcaram o dia e a hora
Para ser o casamento
O velho raposo estava
Com todo contentamento
Mandou fazer os convites
Naquele mesmo momento

Convidou a raposada
Que ali por perto tinha
Era pra ser uma festa
Da forma que lhe convinha
Mas cada uma raposa
Levasse uma galinha

O veado também fêz
Por tôda aquela paragem
Convites a todos veados
Daquela terra selvagem
Quando foi no outro dia
Chegou tôda viadagem

Cento e cinquenta veados
Chegaram ali num momento
Para assistir o casório
Com todo contentamento
E o tamanduá bandeira
Pra fazer o casamento

Tamanduá ordenou
Rapôsa pegar na mão
Do seu esposo Veado
Com sincera devossão
Jurando pelo bigode
E a barba do garrafão

Ambos naquele momento
Ali estavam casados
Cachaça, vinho e cerveja
Tinha de todos os lados
Que veio do taboleiro
Pela turma dos Veados

Naquela grande alegria
Começou a batucada
A noiva bebeu cachaça
Começou dar gargalhada
Que atè encomodava
Tôda aquela bicharada

A raposa velha bêbada
Também ali gargalhava
O velho dava risada
Que pelo chão se enrolava
Veado vendo isso tudo
Arrependido chorava

Veado dizia consigo:
Que coisa mais perigosa
Que mau custume horroroso
Que moça defeituosa
Minha mãe bem me dizia
Que raposa é escandalosa

Estavam nesta fulia
Dois cachorros apontaram
Estavam são os veados
Na carreira dispararam
Porém as raposas bêbadas
Os cachorros agarraram

Chegaram dois caçadores
Com os cachorros de caça
Fizeram pau nas raposas
Que estavam achando graça
O certo é que das raposas
A cabaram com a raça

Veado ficou viuvo
Deixou mais a vaidade
Quando alguém lhe dava pêsame
Pela a contrariedade
Ele dizia amiguinho
Foi minha felicidade

Eu agora vou seguir
Os conselhos dos meus pais
Tomei ódio de rapôsa
Rapôsa não tem cartaz
É muito certo o ditado:
Cada qual com seus iguais

Mais nunca veado quiz
Fazer atrapalhação
Se misturar com raposa
Imunda que só cão
Livrou-se da palhaçada
Veado com a veada
Agora faz união

FIM

ELEIÇÃO NA FLORESTA

Pretendo aqui escrever
Com a pouca inspiração
Um folhetinho engraçado
Do dia da eleição
Que teve lá na floresta
A tempos que longe vão.

Para ser o presidente
Foi candidato o Veado
Com o ilustre Leão
Que é o rei afamado
O Cachorro e o sariguê
Pra governo do estado.

O partido do Leão
Era este o P N C
O partido do Veado
Este era P C V
O Cachorro penecista
Pecevista o Sariguê.

O gato do mato era
Para ser vereador,
O macaco, deputado,
O canguçú senador,
O coelho tabelião
Mestre Sapo era eleitor

O burro era o juiz,
O jegue seu secretario,
Gafanhoto era soldado,
Ganhava um bom salario
E o Kagado Jabuti
Que era seu emissario.

O Tigre por ser valente
Este era Pecevista
Viu que não era partido
Se uniu com o Penecista
Penecista e PCT
Vão bater no Pecevista

Disse o Sapo: eu só voto
Pra governo do estado
No candidato Cachorro
Que é um senhor ilustrado,
Não está vendo que eu não vou
Dar meu voto a um Veado?

Assim fez o Sariguê
Pra os incetos se enganar
Mandou fazer boletim
Pela floresta espalhar
Para ver por estes meios
Podia voto arranjar.

Não votem no tal Cachorro
Pra governo do estado,
Alem de ser lambanceiro
É muito disassuntado
Pois ele sendo o governo
Nós estamos desgraçados.

Aqueles ignorantes
Que nunca viu eleição,
Aplaudia o veado
Falavam do rei Leão
Porque eles do veado
Nenhum tinha informação

Porem quem já conhecia
Todos feitos do Veado
Só votava no Cachorro
Pra governo do estado
Pra presidente o Leão
Que era conceituado

Cachorro fez seu discurso
Nesta mesma ocasião
Dizendo: vos apresento
Pra presidente o Leão
Que é homem destimido
E de consideração.

Ficaremos agradecidos
Quem a nós acompanhar
Porque somos da pobreza
Quem a nós querer votar
Agora tem uma cousa,
Precisa nos respeitar.

O Veado e o Sariguê
Pra ver se podiam ganhar
Mandaram 5 milhões
Para os votos comprar
Dava 10 contos de reis
Para com eles votar.

Sairam comprando votos
Com os seus vereadores
Foram em toda Florestas
Comprando os eleitores,
Quando a sorte não quer
Não se avança, leitores.

Porem todos eleitores
Que a eles garantia
O dinheiro do Veado
Era o que eles queria
E votava pra o Leão
E Sariguê não sabia.

Carrapato era eleitor
Votava com o sariguê
Ruduleiro penecista
Votava com o PNC
Pois eu, dizia a Raposa
Só voto com PCV.

O Cachorro é vagabundo
Não tem consideração,
Porque êle é pucha-saco
Só chaleira o Rei Leão,
Porque é igual a ele
Perverso, sem coração.

Sariguê fez um discurso
Dizia muito exaltado:
Vamos votar, meus amigos
No candidato Veado,
Porque é homem da paz
Esse senhor ilustrado.

Rei Leão é orgulhoso
Do coração de serpente,
Ele é muito poderoso
Mas é muito renitente,
Por qualquer uma tolice
Devora qualquer vivente.

Foi chegando o Tatú-Péba
Já querendo dar esporro,
Disse: eu não tenho voto
Para votar com Cachorro
Para o Dr. Sariguê
Ser governo, eu mato e morro.

Nessa hora Ouriço Caxeiro
Tambem vinha ali chegando
Deu bom dia a tatú-peba
Que estava discursando
Pediu alí a palavra
Dessa forma foi falando:

Eu só voto com Cachorro
Pra governo do estado,
Que não vou perder meu tempo
Pra votar num veado
Pois alem da covardia
Tem um modo desgraçado.

Embora que o cachorro,
Êle é meu inimigo
Porem êle é respeitado
Que do homem é amigo,
O veado tem vitoria
Só se for por um castigo.

Então ai foi chegando
O dia da eleição
Contaram todos os votos
No fim da resumição
O tal veado perdeu
Quem ganhou foi o Rei Leão.

O Veado e o Sariguê
Nenhum ficou convencido
Quem naquela eleição
Eles tivessem perdido
Logo xingaram o Cachorro
Sujeito muito atrevido

O Cachorro ali zangou-se
E deu-lhe um bofetão
Na cara do Sariguê
No meio da multidão,
Foi um barulho horroroso
No fim daquela eleição.

Ali trincou-se o tempo
De tiro, faca e punhal
O candidato Veado
Ganhou logo o florestal
Usou de sua oração
Como isso é natural

Sarigué ali foi preso
Foi logo para a cadeia,
Tudo isso acontece
Quem entra em questão alheia
Pois 3 surras ele levava
Era almoço, janta e cêia.

Sariguê assim dizia
Quando estava prisioneiro:
Eu fico agora acordado
Pra Veado e marreteiro
Pra tarado vagabundo
Assassino desordeiro.

Quando Sariguê foi solto
Encontrou com o Veado
Disse: oh! seu vagabundo
Você é um desgraçado
Quem vota com 24
Fica desmoralisado.

Veado daquela vez
Emendou-se da questão
Dizia que nunca mais
Se metia em eleição
Se maldisia da sorte
Naquela lamentação.

Agora vou terminar
Com muito gosto e prazer
Custa aqui só 2 mil reis
Se alguem deseja lêr,
2 mil reis só mata um
Se comprar sóda e beber.

UM FUTEBOL NA CIDADE DOS PASSAROS

Meu povo da me licença
Que agora eu vou contar
Um jogo de futebol
Para quem apreciar
La na cidade dos passaros
De fazer admirar

Era dois times famosos
De grande admiração
Esporte Clube Sulista
Com Esporte Clube Sertão
Cada qual mais afamado
Nesta grande animação

O Esporte Clube Sulista
Jogava muito animado
Macuco era o goleiro
Mutum um beque afamado
Centrefor o curujão
Que estava entosiasmado

Na meia direita jogava
Tambèm a dona araquã
Que marcava o zabelê
Pois do esporte era fã
Canário na meia esquerda
Marcando guriatã

Ema jogava de beque
No Time Esporte Sertão
Jaburù era o goleiro
Na ponta esquerda o cancão
O nambú na meia direita
Na esquerda o gavião

Centrefor era o sofrer
Centerafo jurity
Rafo direito o periquito
Rafo esquerdo o bibiry
O pato ponta direita
O juiz o bentivy

Cada um time animado
Para mostrar seu valor
Cada um deles queria
Ser o melhor jogador
Papagaio no microfone
Era o melhor locutou

Naquele mesmo momento
Urubú também chegou
De calção e de chuteira
Mas nenhum time aceitou
Dizendo: negro è por fora
O urubú se zangou

Ainda tentou lutar
Mas foi logo recolhido
Pelo mestre gavião
Foi bastante repelido
O certo é que do esporte
Urubù foi escluido

Naquele instante chegou
O mestre cara-cará
Com a madame curuja
Torcendo ambos de lá
Cantava de improviso
O poeta sabiá

Ali na arquibancada
Estava de admirar
Arara com o papagaio
Começaram a namorar
Caga-sêbo e beija-flor
Já estavam a se beijar

O pombo com a pombinha
Num namôro tão danado
Que entre os dois não passava
Nem pensamento encebado
O pato beijava a pata
Com o pescoço arrepiado

Curuja naquele instante
Se agarrou com o curujão
Trocando beijos e mais beijos
De chamar mesmo atenção
A pombinha se escondia
Com medo do gavião

Vamos mudar de assunto
Sigamos por outra estrada
Deixamos o curujão
Abraçando a namorada
E vamos falar agora
No jogo da passarada

Movimenta a bola
Cancão controlou
Depressa chutou
Sofrer controla
E a bola rola
Periquito tomando
Foi controlando
Diblou o sofrer
E ao zabelê
Foi logo passando

Zabelê pegando
Chutou para o gô
Araquã pegou
Foi adiantando
E foi diblando
Mestre gavião
Diblou o cancão
Ema chutou
A bola exalou
Là na amplidão

Caindo a bola
Nambú estancando
E foi chutando
Curujão controla
E a bola rola
Bibirì chutou
Direto ao gô
Como um maluco
Porém o macuco
A bola agarrou

Macuco chutando
A bola pra o campo
Que metendo o tampo
Mutum foi pegando
E foi adiantando
Pra sua fã
Que é guriatã
Foi gritando: desça
Pegou de cabeça
A dona araquã

A bola passou
Para o nambú
E o jaburú
Ali cutou
A bola voltou
E o gavião
Pegou de mão
Jurity grita
O Juiz apita
Na marcação

Mutum foi marcar
Com satisfação
Porèm gavião
Para atrapalhar
Tentou pegar
A bola passou
Bibiry controlou
Diblou araquã
Na hora tomou

Canário pega
Foi controlando
E foi chutando
Ao nambú entrega
Que se arrenega
Que tropeçou
A bola passou
Araquã controla
Chutou a bola
Gavião pegou

Gavião chutou
Para o jurity
Mas o bibiry
Na frente chutou
E adiantou
Para o gavião
Porém o cancão
Chutou em seguida
Que foi rebatida
Pelo curujão

A bola voltando
Isso novamente
Zabelê na frente
Saiu controlando
Logo foi passando
Para o gavião
Que passou a cancão
Com um chute maluco
Porém o macuco
Agarrou com a mão

Jogou ali
Pra o gavião
Mas o cancão
Tomou dali
Passou a jurity
Que controlou
Ema chutou
Do meio do campo
Que voou tampo
Mas fêz um gô

Foi a maior gritaria
De lá da arquibancada
A siriema gritava
Mesmo bastante alarmada:
Com o esporte do sertão
Vocês nunca arranjam nada

Aqui no segundo tempo
Vão agora disputar
Para vê quem vai perder
Ou então quem vai ganhar
E para o campo de novo
A bola tornou a voltar

A bola voltando
Em movimento
Nesse momento
Nambù pegando
E foi passando
Pra o zabelê
Mas o sofrer
Chutou em gô
Macuco pegou
Pra todos vê

Vem de novo a bola
Já em movimento
Nesse momento
Periquito controla
E a bola rola
O pato pegou
Logo controlou
Passou ao cancão
E o gavião
Fêz o primeiro gô

E aqui meus bons amigos
Termino minha narração
Esporte Clube Sulista
Foi quem perdeu a questão
Pois foi mesmo um lero
Apanhou de dois a zero
Do Esporte Clube Sertão

FIM

HISTÓRIA DO PAPAGAIO MALABARISTA

Caros apreciadores
Que valorizam o artista
Na arte de escrever
Ou então um repentista
Falo aqui d'um papagaio
Que era malabarista

No sertão do Piauí
Uma dona de pensão
De nome Maria Júlia
Mulher de Sebastião
Tinha ela um papagaio
De chamar mesmo atenção

O papagaio era o tal
Tudo que visse contava
Sebastião era o dono
E no louro acreditava,
Na vista daquele louro
Segredo, ninguem falava

Certa vez Sebastião
Sua gaveta puxou
Foi apanhando 1 mil réis
E para a venda marchou
O louro em cima da casa
Por um buraco espiou

O moço seguiu pra venda
O louro ficou olhando
Bote ai uma bicada;
Sebastião foi falando,
O vendeiro nessa hora
Logo foi o despachando

O moço tomou a bicada
E pagou na mesma hora,
De que é que quer o trouco/
Disse êle sem demora
Dê-me todo de cigarro
Foi saindo e foi embora

Sebastião viajou
Foi para cása almoçar
Chegou sentou-se na mesa
Almoçou de se fartar
Depois emtrou para um quarto
Na cama foi se deitar

Sebastião se deitando
Num grande sono pegou
O papagaio desceu
E a gaveta puxou
Foi emcontrando um cruzado
Ele depressa o agarrou

Debaixo da sua aza
O louro foi colocando
A moèda de cruzado
E dali foi caminhando
Com pouco na mesma venda
Ele foi tambem chegando

O papagaio subiu
Para cima do balcão:
Bote ai uma bicada,
Falou por esta razão,
O vendeiro admirou-lhe
A grande disposição

Disse o vendeiro consigo:
Eu engano este safado
Eu vou botar querosene
E ele bebe enganado
Pensando que è cachaça
Pra deixar de ser ousado

Foi pegando o querosene
no copo um pouco botou
Dizendo: tome minha rosa
Ao papagaio entregou
O louro bebeu um pouco
De tudo desconfiou

Caminhou pra là e pra cà
Ali soltou um cruzado,
O homem dono da venda
Achando aquilo emgraçado
Sorriu e disse: meu louro
Hoje està endinheirado!

O louro ficou calado
Como quem não estava vendo
De que é que quer o trouco
Minha rosa, và dizendo,
Eu quero agora um pavio,
O louro foi respondendo

O vendeiro deu risadas
Deste louro presepeiro
Que bebeu o querosene
Mas, conhecendo o roteiro
Pediu de trouco um pavio
Pra se virar candinheiro

Outra vez o papagaio
Entrou lá para privada
E ficou bem à vontade
Para fazer palhaçada
Quem fosse bater na porta
Ele dava uma charada

Um hóspede dessa pensão
Chegou na porta e bateu
Ouviu esta voz, tem gente
Que là dentro respondeu
O homem ali foi voltando
Pois era o direito seu

Mais tarde o homem voltou
Que vinha muito vexado
Chegando bateu na porta
Já um pouco afadigado
Ouviu responder: tem gente
Falando um pouco alterado

O homem nesse momento
Para traz se regressou
E sua dor de barriga
Cada vez mais apertou
O homem disse consigo:
Agora foi que danou

O homem não suportou
Aquela grande massada
Foi depressa na cuzinha
Falou com uma empregada
Quem será que está morando
Alí dentro da privada?

Morando não pode ser
A empregada falou:
E qual é este motivo
Que o senhor perguntou?
O moço nesse momento
Toda história contou

Quando eu chego na privada
Bato na porta somente
Um là de dentro responde
Dizendo que ali tem gente
Està defecando pedra
Se acaso for vivente

A moça deu gargalhada
Dizendo nesta razão:
O louro lhe enganou
Isto não é gente não
É um louro que nós temos
Que faz pintura do cão

O homem disse: eu agora
Vou novamente a privada
Abro a porta duma vez
E pego este camarada
Que está me chateando
Dou-lhe muita bofetada

O homem chegando là
Tornou bater novamente,
Ouviu a voz responder
Que homem mais imprudente
Já disse mais d'uma vez
Que nessa "joça" tem gente

O homem empurrou a porta
Sem nada mais escutar
O louro disse: ou seu peste
Você quer me chatiar?
Se eu tivesse aqui nú
Como nós ia acertar/

O homem disse: eu ja sei
Sua valentia eu já vi
Jogou êle porta a fora
Ele siscou por ali
E disse á infeliz
A minha pistola aqui

O moço sebastião
Com qualquer um apostava
Pra aquele louro falar
Tudo que ele ordenava
Pois, o que ele mandasse
Aquele louro falava

Um Dia chegou um hòspede
Hospedou-se na pensão
Da senhora dona julia
E do senhor Sebastião
A noite depois da janta
Entraram em conversação

Vai palestra e vém palestra
Um dizia: eu dou valor
A homem forte e valente
Que seja heroi lutador
Por fim tocou no assunto
De louro conversador

Quando tocou neste assunto
Respondeu Sebastião:
Eu tenho um desses aqui
Que faz pintura do cão
Fala tudo q'eu mandar
Sem ter atrapalhação

Quando faço uma viagem
Deixo ele para olhar
O que se passar aqui
Fica ele a observar
Quando chego vem a mim
Depressa tudo contar

Disse o rapaz: eu sò creio
Que o senhor não se consome
E seu louro é falador
Se êle falar o meu nome,
Nunca vi rastro de alma
Nem couro de lubisome

Respondeu Sebastião:
Para todo mundo ver
Ele fala até dez vezes
Para o senhor conhecer,
Disse o moço: meu amigo
Eu em tal não posso crêr

Pra ver se ele è bonzinho
Vamos agora apostar,
Perco quinhentos mil rèis
Para em meu nome falar
Tambem ganho do senhor
Se êle se atrapalhar

Se o louro pronunciar
O meu nome direitinho
Fico-lhe acreditando
Que ele fala bonzinho,
Então como è seu nome?
Respondeu êle: Zezinho

Hora! esta que besteira!
Vamos agora cazar
Duas notas de quinhentos
E mandar um segurar
Este aí está no papo
Pode até me entregar

Cada um puxou uma nota
De quinhentos e cazou
Entregaram a um rapaz
Esse logo segurou
O moço sebastião
Ao outro perguntou:

Quantas vezes quer que eu mande
Pra falar no nome seu
Disse o moço: de três vezes
Se não falar já perdeu
O senhor perde o direito
Os quinhentos serà meu.

Sebastião disse ao louro:
Minha rosa chame Zésinho,
Disse ele: o tabaréu,
Demorou mais um pouquinho
Sebastião lhe falou
Com todo agrado e carinho

Chame Zésinho minha rosa
Sebastião foi falando
Tabaréu da calsa rôta,
O louro foi replicando
Botou o ouvido pra um lado
E ficou só escutando

Jà sò faltava uma vez
Pra Sebastião ganhar
Ou então para perder
Começou a se zangar
Foi dizendo; minha rosa
Escute o que vou falar

Chame Zesinho, minha rosa
Quem está mandando sou eu,
O louro ficou calado
Zesinho disse: perdeu
Entregue-me o dinheiro
Porque ele agora é meu

Zesinho ali foi embora
Alegre e muito animoso
Deixando Sebastião
Como um leão furioso
Porque o seu papagaio
Fez passar por mentiroso

Quando Zesinho foi embora
Sebastião foi marchando
Agarrou o papagaio
Foi desta forma falando:
Era Zesinho infeliz
Que eu ati estava ensinando

Os meus quinhentos mil réis
Que em ti fui apostar
Perdir-os de uma só vez
Agora vou lhe matar
Vou torçer o seu pescoço
Para poder me vingar

Torceu o pescoço do louro
E jogou de porta a fora
Isso Já era de noite
Foi se deitar sem demora
Dona Julia já deitada
Nada viu naquela hora

Cinco horas da manhã
Ele ouviu là no poleiro
As galinhas batendo azas
Num completo disespêro,
Pensou ele: o que será
Que está no galinheiro?

Sebastião ligeirinho
O poleiro foi olhar
As galinhas todas mortas
Foi que ele pôde encontrar
Restava um frango que o louro
Acabava de matar

O papagaio com o frango
Na guela estava sangrando
Dizendo assim: infeliz
Eu estava te ensinando
Que'ra pra chamar Zezinho
Bem direitinho explicando

Por tua causa infeliz
Que perdir o meu dinheiro
Para tú chamar Zezinho
Pensando ser verdadeiro
Perdir quinhentos mil réis
Por causa deste imbusteiro

Sebastião quando viu
Abrandou seu coração
Pegando o louro levou
Com muita satisfação
Se arrependeu do que fez
E levou-o para a pensão

O moço Sebastião
Continuou amizade
Com seu lindo papagaio
Amava mesmo em verdade
Nunca mais tentou mata-lo
Sem aver necessidade

Aquele louro era o tal
Ali naquela pensão
Não tinha coisa que visse
Que não prestasse atenção
Todo bem feito ou mal feito
Contava a Sebastião

A dona daquele louro
Tinha bastante cuidado
Com todo e qualquer segredo
Para não ser alarmado
Precisava ser oculto
Daquele louro malvado

Certa vez dona Maria
Imaginando o por vir
Pôde estudar um recurso
Para poder se sair
Disse assim consigo mesmo:
Eu faço o louro mentir

Anoite apagou a luz
Deixando na escuridão
O marido viajando
Là para o alto sertão,
Disse ela com o louro:
Eu engano este ladrão

Encheu um caco de braza
Detràs da porta ficou
Passou ali no escuro
Ligeiramente puxou,
Santa Bárbara e São Jerônimo
O papagaio falou

Pensando de ser relâmpago
O papagaio falava:
Santa Bárbara e São Jerônimo
Quando aquela luz passava
Deite jeito o pobre louro
Dona Maria enganava

Depois ela com a luz
Dali foi se retirando
Chegando là em seu quarto
Ligeiro foi se deitando,
Que era chuva e relâmpago
O louro ficou pensando

Quando foi no outro dia
Que Sebastião chegou
O louro ligeiramente
A ele tudo contou:
Aqui choveu d'uma forma
Que o povo se assombrou

Minha rosa, que mentira!
Você está inventando,
Dizendo que aqui chuveu
Você está caducando?
Como foi que aqui chuveu
E vejo a poeira vôando

Assim era as outras coisas
Que tú vinhas e contava
E eu como um boubalhão
Em ti sempre acreditava
Tudo era a pura mentira
Que êste besta inventava

Daí avante esse moço
Não quiz mais acreditar
No que o louro contava
Não quiz mais nem escutar
Dona Maria se pôs
Fazer coisa de amargar.

Sebastião viajou
Pra o estado da Bahia
Ele era motorista
Sempre viagem fazia
E levou o papagaio
Atraz na carroceria

Vinha o carro carregado
Com uma carga de algodão
Vinha vender na Bahia
Os produtos do sertão
Sebastião no volante
Controlando a direção

Umas cinquenta galinhas
O moço tambem comprou
Em cima do caminhão
Logo todas colocou
E seguiu puxando 80
Que a poeira vôou

U'a moça na boléia
Sebastião ia levando
Chegou no meio do caminho
Sebastião foi cobrando
Um beijo pela passagem
A moça foi se zangando

A moça disse pra êle
Que cortasse a ousadia
Pois ela não aceitava,
Aquela patifaria,
O louro tudo escutando
De là da carroceria

Ou me dar um beijo ou desce
O chofer assim falou,
A moça não quiz beijar
Sebastião se zangou
Parou o carro e a moça
Lá na estrada deixou

O papagaio escutando
Toda aquela discussão
De lá da carroceria
Em cima do caminhão
Reparou bem direitinho
Prestou bastante atenção

O caminhão viajou
O papagaio ligeirinho
Na crista d'uma galinha
Pegou e apertou um pouquinho
Ou você me dar um beijo
Ou fica aqui no caminho

A galinha nada disse
O louro aí se zangou
Agarrou logo na crista
Com toda força puxou
Deu um balão na galinha
Fóra do carro jogou

Pegou na crista de outra
Desta maneira a dizer:
Você dar-me um beijo agora
Ou diga se quer decer?
Ela não lhe respondeu
Tornou mais se enfurecer

Pegou na crista com força
Deu-lhe um forte balão
Que a galinha caiu
Debaixo do caminhão
O chofer que nada via
Prestava pouca atenção

Mais tarde o carro parou
Sebastião foi olhar
Só restava uma galinha
E o louro a perguntar:
Você quer me dar um beijo
Ou diga se quer ficar?

Que diabo é isto louro?
Perguntou Sebastião
O louro disse: eu não sei
Ou me beija ou vai pra o chão
Eu estou aqui comprindo
As ordens do meu patrão

Sebastião nessa hora
Jeito não tinha pra dar
O louro só fez aquilo
Porque viu ele falar
Se quiz achar as galinhas
Foi obrigado a voltar

Fez a volta em seu carro
Dali voltou procurando
Uma ali outra aculá
O chofer ia encontrando
Umas mortas, outras vivas
Foi ele tudo juntando

Muito adiante com a moça
Sebastião encontrou
Ele aí se arrependeu
Daquilo que praticou
Parou o carro e pra ela
Desta maneira falou:

Senhorita me perdôe
E suba aqui novamente
Que lhe levo gratuito
E tambem honestamente
Inda sou seu defensor
Porque é uma inocente

Disse ela: não senhor
Já estou bem inteirada
De tudo que me oferece
Já estou muito obrigada
Pra malandro desordeiro
Eu vivo bem acordada

O chofer seguiu viagem
Terminou-se a discussão
Chorando de arrependido
Por praticar esta ação
Para não ser mais chofer
Vendeu o seu caminhão

O louro malabarista
Cada vez mais se danava
O qu'ele visse falar
Ligeiro tambem falava
Fosse coisa de segredo
Ele depressa alarmava

Os recrutas todo dia
Iam tomar instrução
Todas as manhãs bem sêdo
Ali perto da pensão
O louro là da gaiola
Prestava toda atenção

Ele que via o sargento
Dizer: direito recruta
Se ajoelha e faça fôgo
Imfrente sem medo a luta
Ele ouvia os estampidos
Naquela grande disputa

Um dia pelas seis horas
Um curujão foi passando
Agarrou o papagaio
Com ele saiu vôando
O louro se viu pegado
Bem assim saiu gritando

Me solta cabra da peste
Se você não já ouviu
Ouça agora o que lhe digo
E diga que pressentiu
Vá pegar o papagaio
Lá da ponte que caiu

O curujão nem ligava
Seguia com ele agarrado
Dizendo no pensamento:
Eu hoje como um guisado
O louro sempre gritando:
Me solta seu condenado

Naquela grande aflição
O louro ai se lembrou
Gritou: faz fôgo recruta
Fez como quem atirou
O curujão assustado
Nessa hora lhe soltou

O papagaio salvou-se
Daquele pássaro malvado
Dizendo: quase que eu
Ia sendo devorado
Assim mesmo o Padre diz
Para não se andar armado

Se eu não tivesse armado
Eu tinha sido comido
Por um muleque malvado
Eu tinha sido engolido
Porém comigo enrascou-se
Porque não tirou partido

O louro muito ferido
Tornou a voltar pra pensão
Chegando dona Maria
E tambem Sebastião
Trataram dos ferimentos
Até êle ficou são

Um dia o malabarista
Ficou lá pelo terreiro
As 6 horas mais ou menos
Ele subiu pra o poleiro
Foi dormir com as galinhas
Em cima no galinheiro

Quando foi as cinco horas
Que o dia clariou
O galo desceu primeiro
E là embaixo ficou
Desceu logo uma galinha
O galo se aproximou

Rastou aza junto dela
Outra galinha decia
O galo ia encontra-la
Da mesma forma fazia
O louro no agasalho
Por esta forma dizia:

Que trabalho infame é este?
Se respeite cabra ousado
Eu vou dar parte a policia
Pra você ser encanado
Respeite ao menos minha porta
Muleque desassuntado

Mais tarde dona Maria
Saiu até no terreiro
Viu o louro no agasalho
Com aquele converseiro
Ela foi ver o que era
Chegou atè ao poleiro

Ela viu o papagaio
Do agasalho gritando,
Desce pra cá minha rosa:
Ela foi logo chamando,
Disse êle: eu desço nada
Só si eu tivesse bestando

Daqui agora eu não desço
Nem mesmo sendo amarrado
Porque embaixo estou vendo
Um disordeiro afamado
Eu daqui observando
Já estou quase assombrado

Dona Maria adulou
Até êle resolveu
Já tinha contado a ela
Um tudo que acontenceu
Foi vôando lá de cima
Para o chão logo desceu

Assim que o louro desceu
Naquela mesma horazinha,
O galo correu pra cima
Como quem disse: esta é minha
Rastou aza junto dele
Pensando ser uma galinha

O papagaio lhe disse:
Falando um pouco zangado,
Tu já viu galinha verde!...
Respeita as caras safado,
Pra tarado e marreteiro
Eu vivo bem acordado

Então a dona Maria
Chegando lá na pensão
Contou o caso ao esposo
Que era Sebastião
Ele sorriu d'uma forma
Que se enrolou pelo chão

Certa vez o papagaio
Querendo ser cavaleiro
Acordou-se as 5 horas
Foi para o meio do terreiro
Ali vinha uma raposa
Com seu modo traiçoeiro

A raposa abaixadinha
E o louro sem esperar
Ela deu um pulo em cima
Logo pôde aboucanhar
Enguliu o louro vivo
Inteiro sem mastigar

Terminando de engulir
E dali se retirou
O louro pela barriga
Da raposa viajou
Passando todas as tripas
Até que sempre acertou

O louro disse: danou-se
Eu quero ver uma cousa
Desta vez não tenho fé
Que eu baixe a fria lousa
Rompeu atè que chegou
No fiofó da raposa

O louro ali não saiu
Porque a tripa apertou
O louro disse consigo:
Agora foi que danou,
Só com a cabeça fora
Aquele louro ficou

Aquela pobre raposa
Horrivelmente corria
Se enrolava no chão
Como um cachorro gania
Soltava uivos tão altos
Que muito longe se ouvia

Um caçador que estava
Naquela mata caçando,
Com os gritos da raposa
Ele foi se aproximando
Mas adiante avistou
Ela no chão se enrolando

O caçador que já vinha
Com o sangue um pouco quente
Foi fazendo a pontaria
Ouviu a voz d'um vivente:
Atire bem na cabeça
E veja que aqui tem gente

O caçador que no tiro
Nunca foi homem ruim
Escutou mais um momento
Ouviu dizer mais assim:
Pode atirar na cabeça
Olhe este chumbo em mim

Nessa hora o caçador
A sua arma apontou
Na cabeça da raposa
Deu um tiro e derrubou
Chegando lá reparando
O papagaio encontrou

Abriu ligeiro a raposa
Tirou o louro pra fora
Estava daquele jeito
Ele lavou sem demora
E com o malabarista
O caçador foi embora

Chegando contou o caso
Como tinha se passado
Que no bucho da raposa
O louro tinha encontrado
A mulher com aquele louro
Tomou bastante cuidado

Ficou são o papagaio
Se danou mais pra falar
Falava por quatro ou cinco
Que fazia admirar
Se alguem lhe aborressece
Ele danava a xingar

O tempo estava de crise
Esse velho imaginou
Mudar-se pra outro canto
Ligeiro se preparou
Pra seguir no outro dia
Sua viagem arrumou

O velho tinha um macaco
Pior do que satanaz
Boliçoso que sò ele
Astuto e muito sagaz
Perverso por natureza
Inda mais que Barra-Baz

O velho tinha uma égua
Que inda era esbrabejada
Era muito bôa de carga
Mas, nunca arrumava nada
Quem futucasse a garupa
Daquela égua malvada

Porque a bicha saltava
Era um serviço do cão
Jogava coice e patada
Só findava a confusão
Quando botasse o que tinha
Em cima dela no chão

O velhinho foi pagando
Cuja ègua e encabrestou
Botando a cagalha em cima
Bem direitinho apertou
Botou a carga de mala
De novamente arrochou

Depois da carga arrochada
Botou o louro no meio
E disse: agora minha rosa
Sustente a égua no freio
Se aprume bem direito
Poque o caso està feio

O macaco na garupa
O velho também montou,
Fique quiéto Vicente
O velho recomendou,
Com a mulher e os filhos
O caçador viajou

Viajaram e viajaram
Passando numa lagôa
Disse o macaco consigo:
Aqui a hora está bôa
Vou futucar esta égua
Pra ver se a poeira vôa

A égua nesse momento
O macaco futucou
A bicha saiu saltando
E o papagaio gritou:
Ou égua doida da peste!
E assim continuou

A égua saiu saltando
Que a poeira voava,
Ou égua doida da peste!
Sempre o louro assim gritava,
E o macaco na garupa
Cada vez mais futucava

A bicha metia os tampos
Danadamente pulando
Relinchando e dando coice
E o macaco futucando,
Tá doida bicha maluca
Se ouvia o louro gritando

O louro estava amarrado
Era obrigado a ficar
Fazia esforço bastante
Mas, não podia voar
O macaco futucava
Pra ver a égua saltar

O arrocho se quebrou
As malas despedaçaram
Todas panelas de barro
Com a queda se quebraram
Sò o louro e o macaco
Que na cangalha ficaram

O papagaio amarrado
Bem no birro da cangalha
Como tambem o macaco
Porém não mostrava falha
Futucando a égua velha
No seu papel de canalha

A muito custo o velhinho
Aquela égua pegou
Endireitou a cangalha
O pobre louro tirou
Surrou bastante o macaco
Divido o que praticou

O velho ajeitou a carga
Mandou o louro montar
Disse ele: eu sou maluco!
De tornar me arriscar?
Não sou eu que monto em égua
Pra macaco futucar

Portanto vou de pés mesmo
Porque da vida preciso
Montando neste animal
Vai me causar prejuizo
Porque se égua é doida
Macaco não tem juizo

O velho achou engraçada
Esta piada que viu
Tornou arrochar a carga
Tudo logo decidiu
Botou o louro no ombro
Sua viagem seguiu

Por fim no ponto marcado
O pobre velho chegou
Com toda sua familia
E assim continuou
Mas a fome e a quebradeira
Cada vez mais se danou

O velho tinha um compadre
Que era forte fazendeiro
Pois, tinha gado à vontade
Solto ali no taboleiro
O pobre muito preciso
Fez logo um calculo certeiro

Disse o velhinho: eu de fome
É que não devo morrer
Meus filhos todos chorando
Sem ter nada pra comer
Eu mato um boi de compadre
E ele não vai saber

Pegando sua espingarda
Que muito perto encontrou
Um boi do compadre rico
Ele atirou e o matou
Tratou com bastante pressa
Pra sua casa o levou

O louro desde o principio
Que estava observando
A conversa sob o boi
Ele estava decorando
Tudo que o velho falava
Ele ficava escutando

O velho disse a mulher:
Vamos o couro enterrar
Deste boi de meu compadre
Para ele nem sonhar
Porque se ele souber
Vai me prender ou matar

Lá na porta da cozinha
Ligeiro o velho cavou
Um buraco muito fundo
Aquele couro enterrou
Da gaiola o papagaio
Tudo isto observou

O boi do compadre rico
Ninguèm mais podia achar
O vaqueiro procurava
Mas nada de encontrar
Daí avante o vaqueiro
Não cessou de procurar

Quando foi um certo dia
O vaqueiro procurando
Aquele boi do patrão
Ia ao povo perguntando
Na casa do caçador
Foi o vaqueiro chegando

Não tinha ninguém em casa
O vaqueiro perguntou:
Quede teu dono minha rosa
O papagaio falou:
Se é o caso do boi
Meu senhor foi quem matou

A fome estava danada
Meu senhor muito apertado
Deu um tiro no seu boi
Pra nós comer cozinhado
Se o senhor quer ver o couro
Está ali enterrado

O vaqueiro foi olhar
Aonde o louro mostrou
Cavou a terra e o couro
Naquele instante encontrou
Nessa hora olhou o ferro
Para fazenda voltou

Chegando lá o vaqueiro
Contou um tudo ao patrão
O que o louro falou
Ele viu com exatidão,
O rico mandou prender
O pobre como ladrão

Quando o pobre caçador
Estava bem à vontade
Pensando que estava tudo
Sem pequena novidade
Com pouco chegou a policia
E o prendeu de verdade

Perguntou ele a policia:
Porque me levam a prizão?
Disseram todos soldados:
Tú ainda fala ladrão
Dizia o louro: olha o ferro!
Fazendo um risco no chão

Levaram ele a cidade
Chegando lá confessou
Contou tudo direitinho
Do jeito que se passou,
O compadre teve pena
Na mesma hora soltou

O homem chegando em casa
Zangado quase a chorar
Agarrou o papagaio
Começou a despenar
Dizendo: ti faço isto
Pra nunca mais fuchicar

Deixou o louro pelado
Pela janela atirou
Depois contou a mulher
O caso que se passou
Que foi aquele infeliz
Que com o vaqueiro arengou

Quando foi no outro dia
O louro estava molhado
Tremendo ao pé da parede
Porque estava gelado
E ali pertinho dele
Passou um pinto pelado

O louro disse pra o pinto:
Foi todo nosso o azar
Tú tambem contou do boi
Pra meu senhor se zangar
E tambem ti despenou
Pra nunca mais fuchicar?

O pinto saiu calado
E o louro ali ficou,
O velho ficou com pena
Aquele louro apanhou
Porém ele ficou mudo
Que nunca mais conversou

Meu irmão que nasceu morto
Disse que levou de vista
Conheceu muito este louro
Que deste drama é o artista
Interei de minha mimória
E escrevi a história
Do Louro Malabarista

Meus senhores e senhoras
Finda aqui minha historinha
Será mesmo uma beleza
Interessante coizinha
Leitor fique analizando
Ver um papagaio beijando
A bôca d'uma galinha

FIM

CORDEL MARAVILHOSO, FABULOSO, DE FADAS E ENCANTAMENTOS

HISTORIA DA CEGONHA ENCANTADA
E O REINO DOS MISTERIOS

Andando meu pensamento
Passeando nos impérios
Dos reinos imaginários,
Conhecendo os hemisférios
Viu uma linda cegonha
No Reinado dos Mistérios.

Se deram casos funérios
Naquele lindo reinado,
No tempo que havia fada
E feiticeiro afamado;
Foi encantada uma jovem
Por um bruxo vil, malvado.

Filha do rei João Machado
Essa linda princesinha
Que naquele lindo reino
Teve uma sorte mesquinha,
Porque um bruxo encantou
Princesa, rei e rainha.

Por aquela princesinha
Era o bruxo apaixonado
Daquela linda donzela
Quis se fazer namorado,
Porém ela não querendo
Tornou-se ele um malvado.

Ficando muito zangado
Por ela não lhe amar
O feiticeiro ficou
Em tempo de se enforcar,
E daquela princesinha
Resolveu a se vingar.

O feiticeiro sem par
Se achava revoltado
Com aquela princesinha,
Ele amar sem ser amado
Disse consigo: eu encanto
Princesa, rei e reinado.

Com o seu gênio malvado
Todo reinado encantou,
Em uma linda cegonha
A princesa se virou,
E numa grande montanha
O reino se transformou.

Todo reino se virou
Numa montanha elevada,
Num pé de árvore a rainha
Ali ficou transformada,
Sofrendo barbaramente
Nessa montanha encantada.

Naquela árvore alojada
Ficou a linda cegonha
Para cumprir sua sina
Nessa montanha tristonha
Mesmo assim ela vivia
Cantando muito risonha.

Nessa montanha medonha
Aquela ave cantava
As seis horas da manhã
Um belo hino entoava,
Quem ouvisse aquele hino
Logo ali se apaixonava.

A cegonha assim cantava:
Ó meu Deus que triste sina
Eu viver nesta montanha
Igualmente uma assassina,
Já fui tão bela princesa
E hoje sou peregrina.

Aquela bela menina
Vivia a se lastimar,
Naquela linda montanha
Passava a vida a cantar,
Nem caçador por ali
Era capaz de passar.

Era capaz de assombrar
A qualquer um caçador
Que passasse por ali,
E ouvisse o som do tambor
Corria com tanto mêdo
Que fazia até horror.

Esse reino assombrador
Por todos era temido,
Quem passasse por ali
Saia louco varrido,
Por reinado dos mistérios
Ficou ele conhecido.

O feiticeiro atrevido
Ali ficou à vontade
Ficou de peito lavado
Com esta barbaridade
Por ter feito do reinado
Tão grande infelicidade.

Lá no país da Saudade
Tinha um príncipe de valor
Por nome de Herculano
Era um nobre caçador
Que na força e na coragem
Não tinha superior.

Certa vez um lenhador
Contou uma novidade
A esse príncipe Herculano
Com toda sinceridade
D'uma cegonha encantada
No tempo da antiguidade.

Contando a realidade
Assim disse o lenhador:
No Reinado dos Mistérios
Não existe um caçador
Que vá caçar na montanha
Pra não correr com terror.

Dizem que ouvem tambor
Lá em cima na chapada
Daquela grande montanha
E gente da gargalhada
Onde tem uma cegonha
Misteriosa encantada.

Aquela ave dourada
Ninguém a pode matar
Quando ela entôa um canto
Faz até gente chorar
Quando o caçador a ver
Ela torna se encantar.

Dizem que esse lugar
Era um lindissimo reinado
Que ha tempos foi destruido
Por um bruxo vil malvado
E por Reino dos Mistérios
É hoje denominado.

Perguntou muito vexado
O belo principe Herculano:
Meu velhinho, onde reside
O feiticeiro tirano
Que encantou o reinado
Princesa e o soberano?

Dizia Pedro meu mano
Que o grande feiticeiro
Reside lá numa gruta
No cimo dum grande oiteiro
Para ir falar com ele
Não existe um cavalheiro.

Porque o catimbozeiro
Não há quem possa o vencer
Tem duas grandes serpentes
Para a gruta guarnicer
Quem foi naquele perigo
Sem remissão vai morrer.

Não pode se defender
Naquela gruta o vivente
Porque se lutar bastante
E vencer uma serpente
Vem a outra e devora
O pobre ligeiramente.

Daquela cobra valente
Se o cristão se livrar
Vem outra muito pior
Se êle poder a matar
O feiticeiro o encanta
Pra ninguém desencantar.

Herculano ao escutar
Disse: obrigado velhinho
Amanhã para esse reino
Vou seguindo no caminho
Vou tirar todo esse povo
Do sofrimento mesquinho.

Naquela hora o velhinho
Disse: nobre cavalheiro
Não vá lá nesse reinado
Do forçoso feiticeiro
Que êle a vos mata ou encanta
Com seu poder verdadeiro.

Disse o principe: eu sou guerreiro
Não posso me desviar
Pra qual lado é esse reino
Faça favor de mostrar
Que vou matar esse bruxo
E tudo desencantar.

O velho quase a chorar
Disse ao principe: meu senhor
Fica para o lado leste
Esse reino encantador
Onde reside esse bruxo
Feiticeiro de valor.

O guerreiro sem temor
Foi logo se preparando
Com uma possante espada
Ele foi logo se armando
Mandou pegar seu cavalo
Ligeiro foi arreiando.

E depois foi se montando
O seu destino tomou
Para o Reino dos Mistérios
Herculano viajou
Nem o rei nem a rainha
O principe partecipou.

Seu cavalo esporiou
E seguiu sua viagem
Com sua espada na cinta
Não lhe faltava coragem
Subindo serras e montes
Admirando a paisagem.

Apreciando a miragem
Naquele horrendo diserto
Procurando o feiticeiro
Pra o pegar de corpo aberto
E sobre aquele reinado
Queria contar o certo.

Já estava muito perto
Ele avistou um rochedo
E sobre êle uma gruta
Que parecia um degredo
O principe deixou o cavalo
E subiu pelo penedo.

Na gruta desse rochedo
Quando êle foi chegando
Aquela gruta tão lisa
Êle ficou reparando
Nessa hora um furacão
Vinha da gruta assoprando.

Êle foi se preparando
A sua espada puxou
Nessa hora uma serpente
A êle se apresentou
Com a bôca escancarada
Pra cima dele marchou.

O principe se desviou
Deu um golpe de espada
Para arrancar o pescoço
Daquela fera assanhada
A fera que era dextra
Livrou-se da cutilada.

Deu-lhe uma rabicada
Para matar o rapaz
O principe por ser ligeiro
E tambem muito sagaz
Livrou-se daquela fera
Dando um salto para traz.

Aquela fera voraz
Avançou de novamente
Para pegar o guerreiro
E espedaça-lo no dente
O moço botou a espada
Na cabeça da serpente.

Faisca de fôgo ardente
Viu clarear no espaço
Como tivesse batido
Num grosso trilho de aço
A espada do guerreiro
Quase que vira em pedaço.

O monstro sem embaraço
Foi em cima do guerreiro
Para agarrar na garganta
Desse nobre cavalheiro
Queria mostrar o poder
Do forçoso feiticeiro.

Porém o principe ligeiro
Com sua espada esperou
Quando a fera foi a êle
Que a bôca escancarou
Dentro da bôca da bruta
A sua espada empurrou.

Quando a espada furou
A serpente esmoreceu
Soltou um urro tão grande
Que o monte estremeceu
Deu um salto para um lado
Caiu no chão e morreu.

Outra fera apariceu
Pior do que a primeira
Foi dizendo para o moço:
Mataste minha companheira
Porém aqui no momento
Eu farei tua caveira.

Para mim é brincadeira
Eu nunca temi a nada
Matei uma mato dez
Minha hora está chegada
Mato hoje até o bruxo
No gume de minha espada.

Disse a fera endiabrada:
Você está enganado
D'um aperto que eu lhe der
Lhe deixo bem preparado
Com olhos fora da caixa
Osso por osso quebrado.

O principe disse zangado
Deixe de falar besteira
Venha logo pelejar
Que não sou de brincadeira
Pra estas feras valentes
A minha espada é certeira.

A Serpente traiçoeira
Foi em cima do rapaz
Para pegar pelo meio
E mostrar como se faz
Com uma furia estupenda
Parecendo o satanaz.

Dando um salto para traz
O principe se desviou
Deu um golpe na serpente
Porém ela se livrou
O moço disse: bichinha
Tú saberás eu quem sou.

Um grande golpe vibrou
Naquela bruta serpente
Mas ela se defendeu
Do golpe ligeiramente,
Deu um golpe no guerreiro
Para pegar o valente.

O guerreiro experiente
Deu um salto para traz
Pôde se livrar das presas
Daquela fera voraz
A serpente furiosa
Pior do que satanaz.

Igual a esta jamais
Outra serpente existiu
O principe com sua espada
Um grande golpe mediu
No pescoço da malvada
Que fôgo longe caiu.

Ai a fera partiu
Para o guerreiro agarrar
Dentro da bôca da fera
O moço pôde acertar
Bateu a espada de ponta
Que viu a fera tombar.

Sentou-se pra descansar
Quando a serpente caiu
Com pouco um grito horroroso
Naquela gruta êle ouviu
Um velho todo andrajoso
Naquele instante saiu.

O velho os dentes rangiu
E disse: principe vilão
Você matou minhas serpentes
Querendo ser valentão
Mas não salva da espada
Que trago na minha mão.

O principe disse: isto não
Já saberás eu quem sou
Quero saber se você
É o bruxo que encantou
O Reinado dos Mistérios
Que tudo petrificou?

Sou eu, o bruxo afirmou
Só afim de me vingar
Da princesinha Eliete
Porque não quiz me amar
Encantei todo reinado
Pra ninguém desencantar.

Só vim contigo lutar
Porque tú és protegido
Da fada branca da Lua
És muito favorecido
Só por isto meu poder
Se acha muito abatido.

Por ser muito resolvido
Falou o principe zangado:
Você hoje desencanta
A princesa e o reinado
Do contrario morrerá
Pra deixar de ser malvado.

O feiticeiro entalado
De raiva nem mais falou
Puxou a espada, e o principe
D'um pulo se levantou
Com sua espada na mão
E a luta começou.

Ali o ferro trincou
O principe com o feiticeiro
Se um era bom no ferro
O outro, ferro ligeiro
Se um dava golpe certo
O outro, golpe certeiro.

Só se via o fumaceiro
Os dois guerreiros lutando
Ambas espadas na pedra
De vez em quando acertando
Fumaça, pedra e faisca
Por todo canto voando.

O principe sempre gritando
Se entrega feiticeiro
Conheça que na espada
Eu sou terror de guerreiro
Se não quer ser degolado
Seja meu prisioneiro.

Respondia o feiticeiro:
Você está enganado
Quem vem aqui neste reino
Não terá bom resultado
Porque de qualquer maneira
Há de ser estrangulado.

O principe disse: malvado
Hoje tú vais encontrar
Um poder superior
Que pode te dominar
Os crimes que praticaste
Agora tens que pagar.

E tornaram a se topar
Suas possantes espadas
Brincando pelo espaço
No jogo das cutiladas
Com meia legua se ouvia
Aquelas grandes pancadas.

Por monte, serra e baixadas
Quem ouvia o barulhão
Tigre corria assombrado
Dava topada em leão
Peitava zebra e elefante
Botava tudo no chão.

Pior do que um dragão
O feiticeiro lutava
Pra ver se vencia o principe
Porém nada aproveitava
Quando êle descia a espada
Já o principe se livrava.

O principe se esforçava
Pro feiticeiro alcançar
No gume de sua espada
Para a cabeça lascar
Porém o vento sòmente
Êle encontrava no ar.

Depois de muito lutar
O feiticeiro cansou
O principe botou a espada
O bruxo se atrapalhou
Só a espada do bruto
Naquela hora quebrou.

Quando o pedaço vôou
O bruxo pois-se a tremer
Valeu-se das "santas" pernas
Saiu doidinho a correr
De gruta a dentro a procura
Dum canto pra se esconder.

O principe sem se temer
Atraz do bruxo correu
Pega alí, pega aculá
E sua espada bateu
De pano nas costas dêle
Que o bruxo se esmoreceu.

No chão alí se estendeu
O principe logo agarrou
Na abertura do marmanjo,
Por esta forma o falou:
Agora tú vais pagar
Os crimes que praticou.

O feiticeiro rogou
Pra sua vida poupar,
O principe disse infeliz
Só posso não te matar
Se o Reino dos Mistérios
Garantir desencantar.

Se você não aceitar
Não tem rôgo nem pedido
Pra minha espada de aço
Não ir beijar seu ouvido
Abrindo de meio a meio
Pra deixar de ser bandido.

Já se achando vencido
O bruxo pois-se a rogar
Ó distinto cavalheiro
Não quera-me degolar
Que garanto nesse instante
O reino desencantar.

Sou capaz de preparar
Um líquido bem preparado
E consigo ir ao reino
Que está petrificado
Desencantar logo o rei
Com todos do seu reinado.

O principe disse: malvado
Tua vida vou poupar
Pra fazer teu preparado
Pra o reino desencantar
Será cortado e queimado
Se este plano falhar.

Depois de tudo avisar
Ao feiticeiro soltou
Disse ele: me acompanhe
O principe lhe acompanhou
Pra o interior da gruta
Êle na frente marchou.

Naquele instante chegou
Num grande e lindo salão
Tinha tão grande coivara
Fazendo grande clarão
Tinha caveira de gente
Que fazia assombração.

Tinha ali um garrafão
O depósito da magia
O feiticeiro com êle
Fazia o que bem queria
Qualquer um reino encantava
Com sua feitiçaria.

Uma oração fazia
Concentrando o pensamento
O garrafão se enchia
Dum líquido grosso cinsento
E depois empretecia
Naquele mesmo momento

Líquido preto, mau intento
Daquele bruxo malvado
Para encantar qualquer reino
Ou mesmo qualquer condado
Líquido verde esperança
D'um reino desencantado

Aquele bruxo afamado
Logo alí se ajoelhou
Concentrou o pensamento
Uma oração rezou
O garrafão d'água verde
Ligeiro se transbordou.

O feiticeiro o pegou
Se dipoz a viajar
Para o reino dos Mistérios
Pra êle desencantar
O feiticeiro na frente
Para o principe acompanhar.

Para o bruxo acompanhar
O principe não protestou
Pegou logo uma corrente
Os braços dele amarrou
Seguro no garrafão
Seguir na frente obrigou.

O principe ali se montou
Em seu cavalo arreiado
E seguiu com esse bruxo
Já vencido e amarrado
Para ir desencantar
Aquele belo reinado.

O bruxo todo algemado
Horrivelmente sofria
Viajou um mês inteiro
Não comia e nem bebia
Até chegaram no reino
Que a cegonha residia.

O garrafão da magia
O bruxo ali despejou
Naquele mesmo momento
Uma oração rezou
Ouviu-se um grande estrondo
O reino desencantou.

A montanha se virou
Em um belissimo reinado
De rei, rainha e princesa
Foi tudo desencantado
Deram mil graças a Deus
E ao principe denodado.

O rei muito admirado
Chegou naquele momento
Dizendo: nobre guerreiro
Salvaste meu sofrimento
Com todo meu pessoal
Deste tão grande tormento.

Naquele mesmo momento
Chegou a bela rainha
Sorrindo de alegria
Com sua linda fihinha
Se transformou a cegonha
Numa linda princesinha.

Naquele instante a rainha
Para o principe assim falou:
Muito obrigada guerreiro
Que nosso reino salvou
O principe vendo a princesa
Logo se apaixonou.

O monarca perguntou
Guerreiro nobre e honrado
Responda o que tú desejas
Do meu pequeno reinado
O que tú achar mais lindo
Com ele é gratificado.

Brilhante pra todo lado
Tinha grande quantidade
Barras de ouro nem falo
Que tinha mesmo á vontade
Tinha pedra prciosa
Da mais alta qualidade.

Sua real magestade
A minha sorte é mesquinha
A vós eu peço desculpa
E outro tanto a rainha
Mas estou apaixonado
Por vossa bela filhinha.

Desta linda princezinha
Eu bastante afeiçoei
Senti meu corpo tremer
Assim que lhe reparei
Se não me casar com ela
Eu hoje me enforcarei.

Assim respondeu o rei
É ótima esta união
E disse filha querida
Qual é sua opinião?
Disse ela: está aceito
De todo meu coração.

Com muita satisfação
Disse o rei nesse momento:
Aceito-vos como genro
Com todo contentamento
Agora vamos marcar
A data do casamento.

Com esse consentimento
Da majestade real
Marcaram pra quinze dias
Pra se unir o casal
Enquanto o principe voltava
Pra avisar seu pessoal.

O feiticeiro infernal
Continuava amarrado
Disse o principe majestade
Aqui está o malvado
Que fez a infelicidade
De todo vosso reinado.

Então o rei João Machado
Uma porta destrancou
Num grande alçapão de ferro
Aquele bruxo enserrou
Ficando lá para sempre
Até quando se acabou.

O belo principe voltou
Para os seus pais avisar
Que teve a maior vitória
Pra o reino desencantar
E com a filha do rei
Voltava pra se casar.

Sofrendo pra se acabar
Nas garras da magestade
O pobre do lenhador
Lá no País da Saudade
Numa prisão horrorosa
Que fazia piedade.

Por uma infelicidade
Quando êle o principe falou
Sôbre o reino dos Mistérios
Alguém de fóra escutou
E contou a magestade
Um tudo que se passou.

O principe logo exalou
Sem dizer pra onde ia
Pegaram logo o velhinho
Meteram na enxovia
Se o principe nunca voltasse
Aquele pobre morria.

A majestade dizia:
Infeliz tú vais sofrer
Porque fizeste meu filho
Daqui desaparecer
Com histórias mentirosas
Por isso tens de morrer.

Se meu filho aparecer
Tú sairás da prisão
Nesse periodo de tempo
Sofrerás sem remissão
Do contrário tua morada
É dentro do frio chão.

Naquela grande aflição
Ficou o pobre velhinho
Padecendo horrivelmente
Sem ter agrado e carinho
Pedindo a Deus que salvasse
Do sofrimento mesquinho.

Aquele pobre velhinho
Sofrendo sem remissão
Todos os dias tomava
Um banho de cansanção
Almoçava com chibata
Jantava com cinturão.

Ó Virgem da Conceição
Dizia ele chorando
Vós tenha pena de mim
Que estou me acabando
Nessa infeliz prisão
Minha vida exterminando.

Vós estais apreciando
Meu horrivel padecer
Minha mãe Maria Santissima
Não deixai eu perecer
Fazei com que esse principe
Breve venha aparecer.

Faltava um mês pra morrer
O pobre do lenhador
Cada vez mais o monarca
Dava castigo de horror
Para matar o velhinho
Com todo ódio e rancôr.

O pobre do lenhador
Sofria pra se acabar
Até completar o tempo
Do belo principe chegar
Sem ninguém dá nem notícia
Onde êle foi se parar.

O rei para se vingar
Daquele velho malvado
Que fez o principe ir morrer
Naquele infeliz reinado
Que o bruxo feiticeiro
A tempo tinha encantado.

Para matar enforcado
O pobre do lenhador
Mandou lavrar a sentença
Daquele velho impustor
O monarca estava igual
Um leão devorador.

O doutor Claudionor
Que era esse o Juiz
Homem muito justiceiro
Naquele belo país
Lavrou a sentença a pulso
Daquele pobre infeliz

O seu destino assim diz
Dizia assim o doutor
Vai ser agora enforcado
Este velho lenhador
Por ter iludido o filho
Do ilustre imperador.

Gente que fazia horror
Pra ver o velho morrer
A forca já estava armada
E o pobre velho a tremer
Dizendo: meu Jesus Cristo
Vós queira me defender.

O monarca mandou ler
A sentença com cuidado
Quería provar que o réu
Era bastante culpado
O povo gritava: enforca
Este infeliz condenado.

Em seu cavalo arreiado
Enquanto isto seguia
O belo principe Herculano
Passando por travessia
Montes, planicies e serras
Viajava todo dia.

Com grandiosa alegria
E bastante ansiedade
Herculano viajava
Para o País da Saudade
Contente por encontrar
A maior felicidade.

Chegando numa cidade
Bem perto do seu país
Disseram: por vossa causa
Vai morrer um infeliz
Amanhã irá a forca
Está na mão do juiz.

O principe disse: o que fiz
Para este pobre ir morrer?
Disseram: sua majestade
Viu vós disaparecer
Supôz que foi o velhinho
Que fez vosso padecer.

Para o velho defender
Dessa grande crueldade
Como é que eu aviso
Sua real majestade?
Disse um velho: siga a toda
Para o País da Saudade.

As quatro horas da tarde
Da manhã do proximo dia
O pobre vai ser enforcado
Com a maior tirania
O principe de tão tristonho
Agua dos olhos corria.

Só correndo noite e dia
Se vós lá quizer chegar
Para da forca tremenda
Aquele pobre salvar
Já foi lavrada a sentença
Para amanhã enforcar.

Deus a mim vai ajudar,
Disse o principe impaciente
Que meu cavalo não canse
Que eu chegue ligeiramente
Antes de ser enforcado
Aquele pobre inocente.

Herculano para frente
Seu cavalo esporiou
Saíu em toda carreira
Que a poeira vôou
Viajou a noite toda
Que nem sequer cuchilou.

Quando o dia clariou
O principe mais se afligia
Esporiava o cavalo
No pensamento dizia:
Vou salvar o pobre velho
Com fé na Virgem Maria.

Pois já era meio dia
E o velho lá na cidade
O rei estava fazendo
A maior barbaridade
Arrastando-o pelas ruas
Com toda perversidade.

Sem a menor piedade
O rei mandou arrastar
O lenhador para a forca
E o povo acompanhar
O carrasco estava pronto
Para o velhinho enforcar.

Muita gente a soluçar
Quando a policia arrastou
Até chegar lá na forca
E o povo acompanhou
O carrasco com a corda
O pobre velho laçou.

Quando o monarca ordenou
Para o carrasco enforcar
O infeliz condenado,
Ouviu um moço gritar
Cavalgando a toda pressa
Que via poeira vôar.

O rei mandou pra parar
Com aquela execussão
Pra ver qual era a notícia
Que trazia o cidadão
Que vinha em toda carreira
Que só via o poeirão.

Toda aquela multidão
Ficou atenta esperando
O carrasco com a corda
Ficou ali segurando
Com pouco o principe montado
No recinto foi chegando.

O rei assim foi gritando:
Olhe meu filho estimado!
Graças a Deus que meu filho
Por lá não foi devorado
Vamos ver o que se faz
Com este infeliz malvado.

O principe muito cansado
Com o rei se abraçou
Depois sentou-se um pouquinho
Até que se descansou
O monarca muito alegre
Ao seu filho interrogou.

Foi este réu que contou
A ti tão grande ilusão
Que te fez um forasteiro
Sem a menor precisão?
Com isto fazer teus pais
Sofrer tão grande aflição.

O principe respondeu não
Ele é meu grande amigo
Peço a vós que solte êle
Pois não merece castigo
Por êle salvei um reino
Dum temeroso perigo.

Esse reino era antigo
Que vevia transformado
Numa montanha medonha
Por um bruxo vil malvado
Por Reinado dos Mistérios
Era alí denominado.

Vivia tudo encantado
O rei princesa e rainha
Em uma linda cegonha
Se virou a princesinha
Veviam naquele reino
Comprindo a sorte mesquinha.

E esta história todinha
Este velho me contou
Mas que eu não me arriscasse
Ele me recomendou
Eu fui por minha vontade
Ele não me obrigou

Ainda Deus me ajudou
Que me saí na empreza
Desencantei o reinado
Com rei rainha e princesa
Voltarei pra me casar
Com a flôr da natureza.

É rainha em gentileza
Um encanto em formusura
Parece que herdou de Vênus
A sua linda candura
E eu sou apaixonado
Por aquela criatura.

Eu fiz toda esta ventura
Por causa deste velhinho
Que me contou a história
E eu segui no caminho
Porisso que o considero
Como um grande amiguinho.

O rei aquele velhinho
Depressa mandou soltar
E aquela corda assassina
Ligeiro mandou cortar
Reduziu depois em sinza
Pra ninguém mais enforcar.

Todo povo ao escutar
A voz do imperador
Derrubou ligeiro a forca
Com todo ódio e rancor
Cortou tudo e tocou fôgo
No suplício de horror

Ouviu o som do tambor
A música toda bradando
O rei, o velho e o principe
Na frente iam prosando
Toda polícia em fila
Atraz de todos marchando.

Com pouco foram chegando
Lá no palacio real
O rei, o velho e o principe
Com o batalhão naval
O exercito e a marinha
Junto a todo pessoal.

A rainha Marival
Com o principe se abraçou
Ele foi tomando a bênção
Ela logo abençoou
Sua alegria foi tanta
Que de contente chorou.

Alí a festa rolou
Com grandiosa alegria
O monarca discussou
Demonstrando o que sentia
Por seu filho ter chegado
Graças a Virgem Maria;

Uma linda poesia
O velhinho recitou
Dando mil graças a Deus
Que da forca lhe salvou
Com tão grande piedade
Que todo povo chorou.

Quando a festa terminou
O principe seguiu viagem
Levando o pobre velhinho
Com grande camaradagem
Para o Reino dos Mistérios
Seguiu com toda coragem.

Admirando a paisagem
O belo principe chegou
No Reinado dos Mistérios
Com o rei se abraçou
Eliete a princesinha
Com o principe se casou.

Três dias festa rolou
Naquele lindo reinado
Dando viva ao belo principe
Heroi forte denodado
Com poucos tempos o principe
Na côrte foi coroado.

Meus amigos o velhinho
Ficou com o principe morando
Se viu na toda riqueza
Inda mais vendo aumentando
Luxou o resto da vida
Vivendo vida florida
Até que foi se acabando.

FIM

HISTÓRIA DA PRINCESA DO REINO DA BRANCA AURORA

A Deusa da Poesia
Lá do seu reino onde mora
A mim fez uma visita
Dizendo sem ter demora
Conte a história da princesa
Do Reino da Branca Aurora

Pra satisfazer a ela
Agora nesse momento
Vou contar pra todo Povo
O que vi no pensamento
Relativo uma princesa
E todo seu sofrimento

No reino da Branca Aurora
Tinha um rei muito falado
Urias era seu nome
Naquele belo reinado
Tratava bem o seu povo
Com puro amor e agrado

Se o rei era bondoso
Ainda mais a rainha
Com dez anos de casada
Só teve uma filhinha
E è sobre esta criança
Que minha historia encaminha

Chamava se Martha Linda
Aquela bela princesa
Era a figura de vênus
Divido a grande belesa
Mas a sina que ela trouxe
Causava grande tristeza

Naquele belo reinado
Foi grande contentamento
Vivia o rei muito alegre
Naquele feliz momento
Mas tudo isso mais tarde
Se vira em padecimento

Visitas e mais visitas
De todo canto chegava
No palacio imperial
Visita ali não faltava
O povo do reino todo
A criança visitava

Ao completar quatro anos
Esta linda criancinha
Por ser esperta e sadia
E por ser ela sosinha
Era o tisouro do rei
E muito mais da rainha

O monarca tão alegre
De fazer admirar
Encomendou um prezente
Pra sua filha Ofertar
Era uma fonte de ouro
Para a princesa brincar

Uma boneca de ouro
Para ela encomendou
Um papagaio lindissimo
Pra sua filha comprou
O ourive fez direito
Como o monarca mandou

O ourive trabalhou
Mas construiu uma fonte
Toda de ouro massiço
Com a paisagem de um monte
E fez o desenho do sol
Brilhando no orizonte

Fez a boneca de ouro
De fazer admirar
Tambem de ouro massiço
Para a princesa brincar
Quando tocasse com o dedo
Ela se punha a dançar

Aquele ourive afamado
Depois que tudo aprontou
Se estava ao gosto do rei
Ele logo perguntou
O rei gostando bastante
Muito dinheiro pagou

A princesa Martha Linda
Era uma jovem querida
Mimosa como uma flor
Là da campina florida
Se comparava a roseira
Daquela mais florecida

Jà no quarto aniversário
Que Martha Linda inteirou
Justamente quatro anos
A princesa completou
O rei pegou os presentes
E a filhinha entregou

A linda fonte de ouro
Foi a princesa entregando
O papagaio cantava
E a boneca dançando
A princêsa recebendo
Começou logo brincando

Passava o dia brincando
Que o povo admirava
Tocava a mão na bonèca
Ela bastante dançava
Em sua fonte de ouro
Seu papagaio cantava

E assim a inocente
Brincava ali todo dia
Que atè os anjos do céu
Sentia grande alegria
De verem a linda princesa
Naquela doce armonia

Martha Linda com dez anos
Era a deusa da meiguice
Um dia ouviu uma voz
Dizer lhe querida misse
Queres sofrer quanto moça
Ou então quer na velhice

A jovem ficou calada
Nada quiz lhe responder
Quando foi no outro dia
Tornou a voz lhe dizer:
Quer passar bèm na velhice
Ou quer em moça sofrer?

A jovem ficou calada
Porem consigo dizia
Isto aqui tem um misterio
Valha-me Virgem Maria
Correu contou ao pai dela
O que ali existia

Disse ela papaizinho
Ouço uma voz me dizer
Se quero ser rica em velha
Ou quero em moça sofrer?
Já duas vezes me fala
Eu nada quiz responder

O rei lhe disse: filhinha
É um misterio em verdade
No caso de sofrimento
Antes ser na mocidade
Porque sofrer na velhice
É uma barbaridade

Portanto filha querida
Deves assim responder
Se acaso for uma sina
Para você padecer
Preferes a mocidade
Pra na velhice vencer

Quando foi o outro dia
A jovem estava a brincar
Em sua fonte de ouro
Ouviu a voz perguntar
Tú queres sofrer em moça
Ou quando a idade chegar

Martha Linda respondeu
Se minha sina è ser pobre
Eu quero que seja em moça
Que a pobresa me cobre
A sua maior vingança
Para mais tarde eu ser nobre

Quando foi no outro dia
Que Martha Linda chegou
Em sua fonte de ouro
Um gavião lhe pegou
E voou pelo espaço
Com um segundo exalou

Quando o rei com a rainha
Procuraram pra almoçar
Aquele bela princesa
Que não poderam encontrar
Deram gritos de alarmes
E se puseram a chorar

Chegou ligeiro a policia
Pra saber da novidade
Perguntando que é que hà
Sua Real Majestade
O rei contou a historia
Cercaram toda cidade

Procuraram a princesinha
Por todo canto que havia
Mas não poderam encontrar
O povo todo dizia
Que daquela linda flor
Ninguem noticia daria

Voltou depressa a policia
Por esta forma a dizer
Sua Magestade Real
Creio que deve apreender
Todo povo deste reino
Para a jovem aparicer

O rei bastante tristonho
Porem disse isto não
Não quero prender ninguem
A Virgem da Conceição
Tome conta de minha filha
Faça o que for de rasão

A rainha soluçando
Dizia Deus poderoso
Tomai conta de minha filha
Supremo pai glorioso
Salvai-a oh Deus de bondade
Dos laços do catingoso

Assim como vós salvou
Jonas de se acabar
No ventre d'um grande peixe
Nas fortes ondas do mar
Vós salvai minha filhinha
Para os meus braços voltar

Com o vosso santo nome
Davi venceu um gigante
São Jorge matou a serpente
Uma fera horripilante
Livrai tambèm minha filha
De um cruel traficante

E assim continuava
A oração da rainha
Rogando a Deus e a Virgem
Por sua bela filhinha
Cada vez mais reclamando
A sua sorte misquinha

No dia que a princesa
Na fonte estava brincando
E um Pàssaro misterioso
Sem ela vê foi chegando
Agarrou nos braços dela
Seguiu no espaço vôando

No Reino da Serrania
Assim que o pássaro chegou
Num castelo muito lindo
O pássaro ali a deixou
Martha Linda ficou muda
Que nada mais conversou

Naquele lindo castelo
Ninguem ali existia
Meio dia a mesa posta
Para Martha aparecia
E também cama patente
Hornadamente e macia

Tudo ali tinha à vontade
De fazer admirar
Tinha cama pra dormir
Banheiro pra se banhar
Tinha livro para ler
E pedir o que desejar

Martha Linda ali vivia
Cheia de felicidade
De nada sentia falta
Pois tudo tinha à vontade
Chorava a falta dos pais
Divido a grande saudade

Mas depois se consolava
Escutando a melodia
Da passarada a cantar
Mas ela os pássaros não via
Com isto ia-se a tristesa
E lhe chegava alegria

Naquele mesmo reinado
Tinha um principe solteiro
Que o rei tinha morrido
Ele era o único herdeiro
De tudo que existia
Naquele reino estrangeiro

A rainha mãe do principe
Era igualmente um dragão
Falsária, vil, fuchiqueira
Um ente sem compaixão
Por sua causa o monarca
Foi pra debaixo do chão

Aquela velha rainha
Uma fera furiosa
Tinha a mesma natureza
Duma coral venenosa
Seu filho era o contrario
Alma santa e virtuosa

Aquele bondoso principe
Chamava-se Vitorino
Era uma alma bondosa
Desde o tempo de menino
Só para fazer o bem
Veio trassado o distino

Certo dia Vitorino
Passando là no castelo
Admirando bastante
Achando um prédio tão belo
Quando avistou Martha Linda
Ficou bastante amarelo

Era uma jovem tão linda
Como um anjo do Divino
Que desceu do cèu a terra
Com seu brilho matutino
Pra cair na simpatia
Deste principe Vitorino

Vitorino apaixonado
Da jovem se aproximou
Deus vos salve sua altesa
Vitorino assim saudou
A jovem estava calada
Calada mesma ficou

Deus vos salve sua altesa
O principe tornou a falar
A jovem ficou calada
Mas acenou pra ele entrar
Foi puxando uma cadeira
Para ele se sentar

O principe disse: princesa
Desculpe eu vir indagando
Neste tão belo castelo
Com quem è que estás morando?
Que estava ali sosinha
Ela foi logo acenando

O principe se despediu
E dali se retirou
Chegando, contou a rainha
O caso que se passou
Que viu uma linda princesa
Que ele se apaixonou

Disse o principe: minha Mãe
Fiquei hoje embriadado
Vi uma linda princesa
Que fiquei maravilhado
Se não me casar com ela
Sei que morro apaixondo

A rainha disse ao principe
D'onde é esta princesa
Você sabe se ela é
Decendente de nobresa?
O principe disse: eu não sei
Que é muda por natureza

E como é que você
Quer com ela se casar
Pra casar com moça muda
E melhor se respeitar
Neste tal de casamento
Não venha mais me falar

O principe disse: Mamãe
Perdão pra seu filho amado
Sempre fui obediente
E vivo sempre a seu lado
Mas não casando com ela
Sei que morro apaixonado

Quando foi no outro dia
Com o Juiz conversou
Os papéis do casamento
Ligeiramente aprontou
Mandou buscar a princesa
E com ela se esposou

Na festa do casamento
Foi grandiosa alegria
Vitorino com a princesa
De tão contente sorria
E a mãe do principe de raiva
Se unhava e se mordia

Com tal acontecimento
A velha ficou zangada
Fungava e rangia os dentes
Bastantemente infezada
Fazendo o mesmo papel
Duma serpente assanhada

O principe ficou morando
Jùnto a Mãe com a mulher
Isto ai para a rainha
Era mesmo de colher
Porque fazia com a nora
Pior do que Lucifer

Quando o principe Vitorino
Pra qualquer canto saia
Ela pegava a princesa
Horrivelmente batia
Ela coitada era muda
Ao principe nada dizia

O castelo da princesa
Onde o pàssaro lhe deixou
Dali desapareceu
Quando ela se casou
Ninguem sabe pra onde foi
Paresse que se encantou

Martha Linda coitadinha
Vivia tão desgostosa
De só viver dominada
Por uma sogra horrorosa
Um satanaz batisado
Uma coral venenosa

Com pouco tempo a princesa
Logo gràvida apariceu
O principe se alegrou
Com o que aconteceu
E a malvada rainha
Inda mais se enfureceu

Vitorino viajou
Para um distante reinado
Antes falou com a rainha
Pra tomar todo cuidado
Com Martha Linda (a esposa)
Para ele ir sucegado

A rainha disse ao principe
Que não tivesse maldade
Que ela tratava a nora
Com toda amabilidade
Podesse ir descansado
Com toda sinceridade

Pra o reino da União
O principe se dirigiu
Martha Linda com saudade
Bastantemente sentiu
E a malvada rainha
De tão contente sorriu

Disse ela eu agora
Vou cobrar toda vingança
Vitorino viajou
Vou começar sem tardança
Maltratar esta infeliz
Pra ver se perde a criança

Daì avante se poís
A princesa maltratar
Mandava ela a cozinha
Os pratos todos lavar
Aprontar toda comida
Para as escravas jantar

Aquela pobre princesa
Nada bem feito fazia
Porque ela foi criada
Com a maior fidalguia
Porisso a sogra infeliz
Bastantemente batia

Ao completar nove mêses
A princesa deu a luz
A uma linda criança
Que imitava a Jesus
Mas a sogra fez igual
Ao inimigo da cruz

Quando o menino nasceu
Que a parteira pegou
Ela tinha controlado
E a parteira aceitou
Guardou a criança, e um sapo
À princesa apresentou

Mostraram a ela dizendo
Olha imunda o que se deu
O teu filho foi um sapo
Que agora mesmo nasceu
Disse a princesa consigo:
Meu Deus o que faço eu?

A comida que a rainha
Dava pra ela almoçar
Era carne muquiada
Salgada com rosalgar
Para a princesa morrer
E ela livre ficar

Quando a princesa almoçava
Em vez de sentir tormento
A comida envenenada
Servia de alimento
Cada vez mais engordava
Ficando com mais talento

Com três dias depois disso
Vitorino foi chegando
A princesa de resguardo
O principe foi encontrando
Como a rainha bem quiz
Foi tudo ao filho contando

Disse ela: meu filhinho
Cansei de te avisar
Que com esta rabugenta
Não quisesse se casar
Porque ela no futuro
Iria te envergonhar

Ela deu luz a um sapo
Para todo mundo ver
Estamos tendo cuidado
Para o povo não saber
O principe disse: minha Mãe
Eu em tal não posso crêr

Que Martha deu luz a sapo
Eu não posso acreditar
Acreditava se visse
Pra poder me conformar
Disse a rainha: é o mais facil
Agora vou o mostrar

2º VOLUME DA PRINCESA DO REINO DA BRANCA AURORA

Chegou lá dentro num vazo
O grande sapo apanhou
E voltou ligeiramente
Ao principe logo mostrou
O principe olhou diritinho
Porém não acreditou

Disse ele minha Mãe
Tenha santa paciência
Com a pobre Martha Linda
Não uze de violência
Mamãe peço que perdôe
Da minha Martha toda inocência

A rainha ficou zangada
E dali se retirou
O principe todo contente
Com a esposa abraçou
Daí avante a rainha
Cada vez mais se danou

Agora vamos falar
Como a malvada rainha
Fez com o filho de Martha
Uma linda criancinha
Que a parteira escondeu
Naquela hora mesquinha

Assim que ela nasceu
A tal parteira ocultou
Um sapo feio horroroso
A parteira apresentou
Dizendo: eis o teu filho
A pobre se horrorisou

Naquele mesmo momento
A rainha mandou chamar
Um escravo com urgência
E mandou logo pegar
Aquela linda criança
E jogar dentro do mar

Aquele escravo levou
O pequenino caixão
Com a criança chorando
Fazendo até compaixão
O escravo ouvindo isto
Lhe cortava o coração

Disse a rainha ao escravo
Tenha bastante cuidado
Isto aì é um segredo
Pra jamais ser revelado
Se revelar qualquer tempo
Serà morto degolado

Seguiu ele com o caixão
Direto pra beira mar
Seu coração traspassado
Em ver a criança chorar
E ele sem ter recurso
Pra aquela pobre salvar

Chegou ele a beira mar
Proseguiu uma oração
Oh Jesús Pai Poderoso
E a Virgem da Conceição
Condusam este inocente
Pra vossa santa mansão

Dizendo estas palavras
O caixaãozinho atirou
Nas fortes ondas do mar
Mas ele não afundou
Com pouco um pássaro gigante
O caixãozinho agarrou

Aquele pàssaro gigante
De onde veio ninguem viu
Foi pegando o caixãozinho
Pelo ar se dirigiu
O escravo observou
Até quando ele sumiu

Aquele escravo voltou
Bastante penalisado
Seu bondoso coração
De dor ficou traspassado
Mas nada disse a ninguem
Temendo ser degolado

O leitor deve lembrar
Do pássaro misterioso
Que carregou Martha Linda
Do seu reino tão ditoso
Pra beber na terra alheia
Esse fel tão amargoso

Foi aquele mesmo pássaro
Que nessa hora mesquinha
Chegou ali no momento
Igual a quem adivinha
A garrou o caixãozinho
Com a linda criancinha

Rasgando todo espaço
Com a criança vôou
Pra o reino da Branca Aurora
Que rapidamente chegou
Na porta do rei Urias
A criança colocou

No outro dia bem sedo
Que o rei foi se acordando
Pelo choro de criança
Em sua porta chorando
O monarca pra olhar
Logo foi se levantando

O monarca abriu a porta
Chegando atè ao portão
Foi vendo um lindo garoto
Em um pequeno caixão
Chorando pra se acabar
Prostrado ali sobre o chão

O rei muito admirado
Depressa se aproximou
Daquela linda criança
E nos seus braços tomou
Foi entregando a rainha
Em todo caso contou

Disse ele: desde cedo
Ouvi um menino chorar
Eu não pude mais dormir
Me levantei fui olhar
Encontrei este menino
Chorando pra se acabar

A rainha nesse instante
Foi dizendo: coitadinho
Isto è arte de mendiga
Que largou o pobrizinho
Agora vamos cria-lo
Com todo agrado e carinho

E assim o garoitinho
A rainha foi criar
Tudo ali tinha á vontade
Sem nada mais lhe faltar
Daì avante a rainha
Começou mais se alegrar

Porque naquele palacio
Reinava a maior tristeza
Todo coberto de luto
Por motivo que a princesa
Dali desapariceu
Fazendo grande surpresa

Vamos voltar novamente
Pra falar em Martha Linda
No reino da Serrania
Com a rainha Almerinda
Padecendo porém breve
Seu sofrimento se finda

Daì avante a rainha
Ainda mais maltratou
A pobresinha princesa,
Pois o principe viajou
Pra o Reino das Campinas
E a princesa ficou

A princesa Martha Linda
Ficou grávida novamente
E a rainha Almerinda
Do coração de serpente
Contra aquela inocente
Tornou-se mais renitente

Disse ela: tú agora
Desta vez vai me pagar
Porque agora teu filho
Ele não pode escapar
Porque de taca e maltrato
Todos dois quero matar

Começou a judiar
Que fazia compaixão
Obrigava a trabalhar
Lá pelo pé do fogão
De vez em quando uma surra
Taponas e empurrão

Com nove mêses completos
Ela tornou ter criança
Uma criança mimosa
Ali nasceu sem tardança
Linda como um queirubim
Lá da Arca da Aliança

Quando a criança naseu
A rainha controlou
Com a mesma infeliz parteira
Que a trajédia formou
Escondendo a criancinha
E um sapo apresentou

Dizendo olha infeliz
Bicha imunda fedorenta
Tornou pari outro sapo
Sujeita escrôta e nojenta
Uma mulher como esta
Nem o diabo aguenta

Tù devia se casar
Era com o anjo Lusbel
Não com meu filho querido
Sujeita imunda e cruel
Estou vendo tú pari
Brevemente é um cascavel

Pelo mesmo portador
Mandou a criança levar
Num pequeno caixãosinho
E jogar dentro do mar
Cinco horas da manhã
Antes do dia raiar

O portador foi seguindo
Com o pequeno caixão
Chegando a beira mar
Fez outra linda oração
E jogou o caixãozinho
Com uma dor no coração

Assim que ele jogou
O pàssaro tornou agarrar
Seguiu levando o caixão
Com a criança no ar
O moço fitou o pássaro
Atè não pôde enchergar

Para encurtar a história
Três já completava
Pra jogar dentro do mar
A infeliz sogra ordenava
Sapo e caranguejeira
Ela aos pais aprezentava

O portador quando ia
As crianças atirando
Nas fortes zondas do mar
O pàssaro iam agarrando
Na porta do rei Urias
Ia todas colocando

Depois de todos os tramas
Que a rainha formou
Um dia pelas seis horas
Quando o principe ali chegou
Ela banhada de lágrimas
Para ele assim falou

Oh meu filhinho querido
Queira agora me escutar
Vou lhe fazer um pedido
Creio que não vai faltar
Esta tua imunda esposa
Você deve abandonar

Já estou envergonhada
Divido tanta sujeira
Essa moça é só parindo
Sapo e caranguejeira
Por tanto já não suporto
Divido tanta porqueira

O principe bastante triste
Sem ter um jeito se quer
Pra descobrir a trajédia
Armada por Lucifer
Respondeu para a rainha
Faça là o que quizer

O principe muito tristonho
Bastante contrariado
Fez uma longa viagem
Para um distante reinado
Para poder se esquecer
De todo aquele passado

Assim que o principe saiu
Aquela infeliz rainha
Chamou todos os escravos
E tambem a princesinha
E disse: eis uma escrava
De vocês lá na cosinha

Obrigou a pobre Martha
Aquela linda princesa
Ser escrava dos escravos
Sem ninguem fazer defeza
A pobre toda andrajosa
Sentia grande tristesa

Martha Linda foi comprir
A sua sorte mesquinha
Sendo escrava dos escravos
Daquela infeliz rainha
Mudaram logo seu nome
Para Bicho da Cosinha

Ficou Bicho da Cosinha
Sofrendo pra se acabar
Trabalhando noite e dia
Levava a vida a chorar
Mais sempre resignada
Sem nunca disesperar

Tempos e tempos depois
Um dia o principe chegou
Tinha esquecido o passado
Nem nunca mais se lembrou
De sua esposa querida
E assim continuou

A muito tempo depois
Hia o principe viajar
Pra um reino muito distante
Resolveu presentiar
A todos os seus escravos
Para lhes gratificar

Chamou todos os escravos
Homem, menino e mulher
Dizendo: cada um de vós
Faça um pedido qualquer
Que eu garanto fazer
Pode dá lá no que der

Cada um escravo pedia
Para seu senhor trazer
Um objeto bonito
Para lhe oferecer
O principe tomando nota
Para não se esquecer

Todos escravos em fila
Cada um ali falou
Pediu o que desejava
O principe tudo anotou
Passando de um a um
Até a fila acabou

Depois ele perguntou
Vejam bem se està faltando
Algum escravo dos meus
Que não està escutando
Pra pedir o que desejar
Pra eu ir anotando

Uma escrava respondeu
Faltou o Bicho da Cosinha
Uma escrava dos escravos
Que está là dentro sosinha
Ela também deve vir
Para pedir uma coisinha

O principe se admirou
E disse nesta razão
Meus escravos tendo escravos
Não está certo assim não
Depois eu quero saber
Quem deu esta permissão

Foi dizendo estas palavras
Naquela mesma horazinha
Foi olhar quem era o bicho
Que tinha là na cosinha
Chegando foi encontrando
Com a linda princesinha

Devido o grande maltrato
Que ele não conheceu
Nos trajes que ela estava
Seu coração comoveu
Com esta cena que viu
Seu corpo todo tremeu

Escrava dos meus escravos
Nunca fui homem ruim
Amanhã vou viajar
Quero que peças amim
O que tú mais desejar,
O principe lhe disse assim

Aquela escrava era muda
Ninguém nunca ouviu falar
Porèm com a voz do principe
Se pôs ela conversar
Foi dizendo: é quatro coisas
Que de vós vou precisar

Quero minha fonte de ouro
E minha boneca dourada
Quero aqui meu papagaio
E uma navalha afiada
Com estes quatro objetos
Fico-lhe muito obrigada

O principe seguiu viagem
Pra um reino muito distante
Comprou todos objetos
Cada um mais importante
Para ofertar seus escravos
Comprou até diamante

Andou em todos os reinos
Falando a rei e rainha
Procurando os objetos
Aqueles que lhe convinha
Para levar de presente
Para Bicho da Cozinha

Já regressando ao seu reino
Chegou num grande reinado
Foi avistando um palacio
Que estava todo enlutado
O principe se aproximou
Até um pouco vexado

Quando ele chegou na porta
Três garotos lhe abraçaram
Papai, Papai, olhe Papai!
Todos três assim falaram,
O principe rei e rainha
Bastante se admiraram

O principe vendo isto tudo
Mas nada desconfiou
Todos os quatro objetos
O principe ao rei perguntou
Disse o rei: eu tenho aqui
Pegou os quatro e entregou

Disse o principe quanto custa
Porque desejo pagar
Disse o rei não custa nada
O Senhor pode levar
Ali baixou a cabeça
E começou a chorar

O principe se despedindo
Para o seu reino voltou
Chegando a cada um escravo
Ele um presente ofertou
Depois seguiu pra cozinha
Com a escrava falou

Ele entregou o presente
Conforme o pedido seu
Toda nervosa, tremendo
Ela a ele agradiceu
O principe fez que saiu
Porém ali se escondeu

O principe estava escondido
Sò olhando aquela cena
Quando ela abriu o pacote
Do louro sò tinha uma pena
Da boneca tinha um braço
Tão lindo como a çucena

Do ouro só tinha um pingo
Aquela escrava exclamou:
Oh minha fonte de ouro
Logo a fonte se formou
O louro pois se a cantar
Que o principe admirou

Oh minha boneca de ouro
Somente um braço te resta
Não fico mais satisfeita
Que minha boneca não presta
Saltou a boneca inteirinha
Dançando igual numa festa

Quando ela viu a boneca
Naquela hora dançar
Em sua fonte de ouro
Seu papagaio cantar
Disse ela agora sim
Posso me suicidar

Foi agarrando a navalha
Dizendo adeus velho mundo
Até dia de juizo
Tú és um mestre profundo
Não quero mais esta vida
Neste viver vagabundo

Quando ela fez o braço
Para a guela decepar
Com um golpe de navalha
Viu o principe lhe pegar
Pelo braço e duma vez
A tal navalha tomar

O principe lhe perguntou
Um tudo que aconteceu
Ela contou direitinho
O caso como se deu
Do meio do caso emdiante
O principe lhe conheceu

Abraçou com Martha Linda
Chorando ali de verdade
Dizendo oh minha querida
Que grande infelicidade
Sendo escrava dos escravos
Oh falta de piedade

Chamou ligeiro a rainha
E botou na confissão
Ela contou direitinho
Aquela toda traição
O principe disse este caso
Precisa ter punição

Disse o principe minha Mãe
Perdôe este filho seu
Vai padecer a Senhora
O que Martha padeceu
Como escrava dos escravos
Conforme decreto eu

Trajou Martha de rainha
Nesse dia viajaram
No reino da Branca Aurora
Com poucos dias chegaram
Com os filhos pais e sogros
Todos ali se abraçaram

Martha ficou mais bonita
Coroada de rainha
Tomou conta do seu reino
Porque isso lhe convinha
Coroaram a mãe do principe
Como Bicho da Cosinha

HISTÓRIA DA PRINCESA DO REINO DO PAREIRAL

Vem deusa da poesia
Por ordem Celestial
Para inspirar mínha mente
Clarear meu ideal,
Que vou escrever uma historia
Do Reino do Pareiral.

No Rei do Pareiral
Havia uma princesa
Era uma fada encantada
Por obra da naturesa,
Era uma maravilha
A deusa da bonitesa.

Pois era filha do sol
E neta do oceano,
Porisso sua candura
Não vinha do genero humano
Ficou naquele reinado
Por um poder soberano.

Seu palacio atè a torre
Ladrilhado de metal
Com as cortinas de ouro
E as portas de cristal,
Era o mais admiravel
O Reino do Pareiral.

Aquela linda príncesa
Tinha um bom coração,
Governava aquele reino
Sem fazer perseguição
A nenhum dos habitantes
De sua linda nação.

Tambem naquele reinado
Ninguèm alí não brigava
Qualquer dúvida que tivesse
A príncesa acomodava
De forma que tudo ali
Bem satisfeito ficava.

Em outro reino vísínho
Tinha uma fada invejosa
Que sò praticava o mal
Poís era mesmo orgulhosa,
Tentou desterrar a príncesa
A línda jovem formosa.

Porque ela tínha uma fílha
Feía! mesmo de amargar,
Nínguem no mundo quería
Com ela se espôsar,
Tentou desterrar a príncesa
Para a fílha governar.

Com a sua feitiçaria
A fada logo encantou
A príncesa numa arara
E assim que se transformou,
Là para as altas montanhas
Bateu azas e voou.

A filha da fada velha
Ficou ali governando,
Aos habitantes do reino
Cada vez mais maltratando
E o povo todo com ela
Cada vez mais se abusando.

Por qualquer uma tôlice
Mandava um pobre surrar,
Encerrar numa prisão
Para nunca mais soltar
O povo desse reinado
Levava a vida a penar.

Em outro reino distante
Um camponêz residia
Em uma gruta horrorosa
Numa caverna sombría
De cristão nessa caverna
Somente ele existia.

Aquele pobre rapaz
Vivia ali descontente
Porque ele ali não tinha
Parente nem aderente
Morava là no diserto
Fazendo as vezes de serpente.

Vivia exclusivamente
Dos seus laços que armava
Sò comia naquele dia
Que uma caça pegava
Com seus laços e mundés
O moço se sustentava.

João Calunga era o nome
Daquele pobre cristão,
Que vivia na floresta
Sofrendo sem remissão
Passando fomes horriveis
Sem ter alimentação.

Um día João estava
Sem ter o que almoçar
Seguiu cedinho pra o mato
Os seus laços foi olhar,
Mas nem um rato no laço
Ele não pôde encontrar.

João olhou os mundés
E muito triste ficou
Porque nem mesmo um calangro,
Os seus mundés não pegou,
E se torcendo de fome
Pra sua cabana voltou.

Passando num arvorêdo
Viu uma arara gritar
Ele olhando para cima,
Ouviu a arara falar:
João procura um recurso
Para me desencantar

João fícou assustado
Com essa voz que ouviu
E a arara tão linda
De lá de cima sorriu,
E aquelas mesmas palavras
Novamente repetiu.

Disse ela: João Calunga
Tenha de mim piedade
Quebre este meu encanto
Que dou-te a felicidade
Transformo esta montanha
Em uma bela cidade

João Calunga respondeu
Por esta forma a falar:
Eu tenho pena de te
Mas que jeito eu posso dar?
Por isso não tenho um geito
Para te desencantar.

A arara respondeu
Por esta forma a dizer:
Se tu agarantir a mim
De não deixar eu morrer
Eu caio no teu mundé
Tenho este geito a fazer.

João logo agarantiu
Que ela não mataria
E nem também no mundé
Ela debaixo morria,
Que a levava e criava
Isso com toda alegria

A arara lá de cima
Quando esta voz ouviu
Vôou de lá no mundé
De João Calunga caiu
João bastante contente
Ligeiramente acudiu.

A arara no mundé
Um pé debaixo botou
O mundé caiu por cima
Dum dêdo o sangue jorrou
Em uma linda princesa
A arara se transformou

João Calunga foi chegando
Que aquela princeza viu
Devido tanta candura
O moço não resistiu
Deu uma grande tremura
Deu um desmaio e caiu

Passando mais três minutos
O moço se levantou
Chegou tirou a princeza
Que no mundé encontrou
Com tanta da alegria
Que até a fome passou

A princeza disse a ele:
Agora pode alegrar
Porque de hoje em diante
Nada a ti pode faltar
Se tu fizer um pedido
Que agora vou lhe falar

João falou a princeza
Naquele mesmo momento
Que pedisse o que quizesse
Não tivesse acanhamento
Que ele pra agarantir
Lhe prestava um juramento

A princeza disse ele:
Escute bem como é
Nunca diga que já fuí
Cativa de seu mundé
Porque sou uma encantada
Faço igualmente a maré

João fez mais de dez juras
Que aquilo nunca dizia
Que aquele grande segrêdo
Ele nunca descobría,
Tambem amigo nenhum
Ele nunca contaria

Disse a princeza a João:
Para que não se dê mal
Tú nunca hás de dizer
Esta palavra infernal,
Quando disser eu me mudo
Pra o Reino do Pareiral.

João levou a princeza
Pra sua velha morada
Uma choupana de palha
Já toda dsmantelada
Alegre porque levava
Sua princeza estimada

A princeza foi chegando,
De um dos bolsos puchou
Uma fita cor de rosa
Fez nela um laço e apertou
E uma bela canção
A linda jovem cantou

Venha meu lindo palacio
Com todo material,
Venham meus nobres criados
Por ordem Celestial,
Venha tudo que è meu
Do Reino do Pareíral.

Quando ela disse assim
Viram o espaço nublando,
O sol escondeu seus raios
O ar foi todo mudando,
Com pouco vinha o palacio
Pelo espaço voando.

João foi vendo o palacio,
De mêdo se assombrou
Deu um desmaio e caíu
A príncesa segurou
O palacio foi descendo
Ligeiramente posou.

A princesa novamente
Tão linda e tão jovial,
Deu outro laço na fita
Como que fêz um sinal
E disse: venha meu gado,
Do Reino do Pareiral.

Com dois minutos somente
Viram a mata ressoar,
Vinha uma grande boíada
De fazer admirar,
Gado de toda as raças
De todo canto a chegar.

Ela pegou sua fita
Naquele insante cantou
Para vir suas galinhas,
Ligeiramente chamou,
Três mil e tantas galinhas
Nesse momento chegou.

Os criados da princesa
Assim que foram chegando
Agarraram a ferramenta
Foram a mata derrubando,
A mata toda em cidade
Ligeiro foi se virando.

A princesa levou João
Pra mesa para almoçar,
João naquele palacio
Não sabia caminhar,
Escorregava e caía
Sem poder se levantar.

A prícesa com trabalho
Até que por fim levou
Mandou ele tomar banho
Ligeiro João se banhou
Depressa trocou de roupa
E na mesa se sentou.

João naquele momento
Comeu até se fartar,
Fícou ali na cadeira
Sem poder se levantar,
Veío um criado e levou-o
Pra cama pra se deitar.

João daí por diante
Acabou sua pobreza
Trajou-se logo de príncipe
No meio de toda riqueza,
Passava días inteiros
Brincando com a princesa.

Mas João nunca esquecia
Das belas confecções
De seus laços e mundés
Arapucas e alçapões
Não tirava do sentido
Suas velhas tradições.

João falou a princesa
Que queria ir armar
Uns laços e uns mundés
Pra uma caças pegar,
Porque a felicidade
Foi lá que pôde encontrar.

Disse a princesa: João
O que está te abusando?
Tú não está na riqueza
O que está te faltando?
Disse João: é minha sorte
Que está me procurando.

Quando foi no outro dia
Cêdinho João viajou,
Para mandar sua comida
Com a princesa falou
Tambem o ponto marcado
Um tudo a ela ensinou.

Quando foi ao meio dia
Quando negra foi tirar
A panela do fogão
Para comida levar,
A panela derramou-se
Nada poude aproveitar.

João estava com fome
Armando laço e mundé
Porque foi de madrugada
Tomou somente café,
Pois João não aguentava
Nem sequer ficar empé.

A negra muito vexada
Outra comida aprontou
Para levar a João
Que a princesa mandou,
A negra seguiu viagem
Quando a sinhá ordenou.

As duas horas da tarde
Que a negra foi chegando
A onde estava João
Com fome lá trabalhando,
Quando ele víu a negra
Zangado foi perguntando.

Mas que demora foi está?
Disse bastante zangado,
A negra disse: patrão
Foi um caso cumplicado
A panela derramou-se
Nada foi aproveitado.

Fui fazer outra comida
Que minha sinhà me mandou
Para trazer ligeirinho
Ela me recomendou,
A demora foi a primeira
Comida que derramou.

João estava sentado
Levantou-se pôs em pè
E disse: toda culpada
É aquela mosca sem fé
Para fim jà foi cativa
Do meu pequeno mundè.

As quatro horas da tarde
Quando João foi chegando
A princesa no terreiro
Estava ele esperando,
Antes de João falar
Já ela foi lhe falando.

João eu te avizei
Que eu sou como a maré
Não dissesse que jà fui
Cativa de seu mundé?
Vou provar que não masca
Sou uma princesa de fè.

Naquele mesmo momento
A sua fita pegou
O laço que tinha dado
Novamente desmanchou,
Apontou para João
Por esta forma falou.

Volte meu lindo palacio
Que aqui me sair mal
Volta todos meus criados
Com todo material,
Volta meu gado e as galinhas
Pra o Reino do Pareiral.

Quando ela disse assim
O gado todo berrou,
E foi logo viajando,
E galinha acompanhou
João saltou num capote
Se vestiu e abotuou.

João foi vendo os criados
No lindo palacio, entrar,
O gado com as galinhas
Ligeiro se retirar,
João olhava e dizia:
Meu capote não vai lá

O palacio num momento
Pelo espaço vôou,
E João no seu capote
Aínda mais agarrou,
Meu capote não vai lá,
Por esta forma falou.

A princesa novamente
Com sua fita legal
Foí cantando outra vez
Com seu gesto jovíal,
Disse: volte meu capote
Pra o Reino do Pareiral.

O capote abotuado
Para desabotuar
Dava pulos, mas João
Com as mãos a segurar,
Saltava pra todo lado
Mas nada de se soltar.

A princesa vendo isso
Novamente foi cantando:
Pra o Reino do Pareiral
Meu capote, vá voltando,
O capote deu um sôco
Os botões foram arrancando.

João estava seguro
Quando o capote saltou
Deu um tombo tão pequeno
Que a João derrubou
Foi arrancando os botões
E num instante exalou.

Aquela linda princesa
Sorriu e disse afinal:
Ingrato, eu nunca esperava
Que me fazia este mal,
Agora só há de ver-me
No Reino do Pareiral.

Ela desapariceu
E João alí ficou
Subindo tantas estrelas
Que o chapéu derrubou,
Que bôca amaldiçoada
João assim exclamou.

A princesa foi embora
Com tudo quanto era seu,
João ficou lá sosinho
Quando o dia escureceu
Só ouvia gritos de feras,
Pensava: o que faço eu

Passou a noite acordado
Pensando no acontecido,
Se maldizendo da sorte
Chorava de arrependido
De ter faltado a princesa
O seu primeiro pedido.

Quando foi de manhã cêdo
Que João se levantou
Uma bolsa de dinheiro
Ali no chão encontrou
Ele apanhou, quando abriu
Bastante alegre ficou.

Quando ele achou a bolsa
De dinheiro alí no chão
Ficou bastante contente,
Disse no seu coração:
Agora vou pelo mundo
Comprir a minha missão.

Agora vou viajar
Pelo mundo universal
Vou remecher neste mundo
Toda parte terrial
Até souber onde fica
O Reino do Pareiral.

João saiu pelo mundo
A todos que encontrava
Quer fosse gente ou animal
Perguntava onde ficava
O Reino do Pareiral,
Porem ninguém lhe ensinava.

Até mesmo um passarinho
Que João fosse avistando
Onde ficava esse reíno
O moço ía perguntando,
O passarinho não falava
Saia ele chorando.

Percorreu o mundo inteiro
Sem ninguem lhe ensinar
Onde ficava esse reino
Ninguem sabia explicar,
Sentou-se alí na estrada
E começou a chorar.

João estava chorando
Nisso viu um gavião
Que vinha pela estrada,
Do tamanho de um avião,
Fez continencia ao rapaz
Como se fosse um cristão.

O gavião de tão magro
Não podia mais voar
Andava pelas estradas
Calangro morto a catar,
Se conhecia o reinado
O moço foi perguntar.

O gavião disse: moço
Hoje eu sou um peregrino,
Mas conheço o mundo todo
E sempre fui um ferino
No Reino do Pareiral
Passei quando era menino.

João com esta conversa
Alegrou seu ideal
Disse a ele: meu amigo
Eu sofro um terrível mal,
Quanto quer pra me levar
No Reino do Pareiral.

O gavião respondeu
Por esta forma a dizer:
Meu amigo està dificil...
Esta viagem eu fazer
Só tu comprando cem bois
E matando para eu comer.

O moço disse é o facil
Se você me agarantir
De me levar nesse reino
Eu trago os bois para aqui
E mato de um a um
Para você engulir.

Agaranto, disse ele
Vá a boiada comprar
E mate um a um,
Para eu comer a vagar
Quando eu comer o derradeiro
Agaranto te levar.

O moço numa fazenda
foi a boiada comprando.
Matando de um a um
E o gavião devorando,
Até matou o derradeiro
a ele foi entregando.

O gavião terminando
Daquele boi devorar
Dísse: monte em minhas costas
Que eu vou experimentar
Se nesse bonito Reino
Eu já posso te levar.

O gavião disse assim
Direito se preparou,
João veio ligeiramente
Nas suas costas montou,
O gavião num momento
Bateu asas e voou.

Voando um milhão de metros
Rasgando todo espaço
O gavião disse ao moço:
Vamos descer pra o terraço
Senão arrisca nós dois
Cair e virar um bagaço

Compre mais duzentos bois
Para eu poder aguentar
Daqui pra esse Reinado
Voando lhe transportar,
E desceu de lá de cima
No solo foi aterrisar.

O moço foi novamente
Os duzentos bois comprou,
Chegando com a boiada
Ao gavião entregou
Foi matando um por um
Até quando terminou.

Quando foi no derradeiro
Que êle foi devorando
Sacudiu as suas azas
Foi todo se arrepiando:
Monte aqui nas minhas costas
Foi o moço assim chamando.

João montou ligeirinho
Nas costas do gavião,
Ele logo bateu azas
E voou pra amplidão
Ia muito mais veloz
Do que mesmo um avião.

O moço de lá de cima
Olhava para o terraço
Só via tudo azulado,
Não se dividia traço,
E o gavião só voando
Rasgando todo espaço.

Com quatro horas de vôo
O moço sem se aguentar,
Foi pedindo ao gavião
Para ele aterrisar,
O gavião disse: não
Estamos já pra chegar.

O gavião disse ao moço
Pra nós chegar mais ligeiro
Vou bater mais minhas azas
Pois é o calculo certeiro,
Pra chegar neste Reino
Que sempre fui verdadeiro.

Nessa hora o gavião
As suas azas bateu
Saiu voando dum geito
Que o espaço escureceu
O moço dizia consigo:
Meu Deus o que faço eu.

O rapaz dizia baixinho:
Oh! meu Pai Celestial
Tenha compaixão de mim
Livrai-me de todo mal
Com oito hora chegaram
No Reino do Pareiral.

O gavião numa cerra
Que tinha perto passou
E João ligeiramente
De cima se desmontou
E seguiu para a cidade
O gavião lá ficou.

Mas antes dele sair
Contou logo ao gavião
O que foi que ia fazer
Por aquela região,
Procurando uma princesa
Dona do seu coração.

O gavião disse a êle:
Eu fico aqui a esperar
Vá procurar sua amante
Se acaso não encontrar
Estou a disposição
Quando de mim precisar.

O moço seguiu pra rua
Com uma velha encontrou,
Bôa tarde minha velhinha
O rapaz assim falou,
Tenha a mesma meu netinho,
E a palestra aumentou.

Disse a velha: meu netinho
O que é que tu procura?
Disse ele: minha vozinha,
É uma linda criatura
E se eu não encontra-la
Baxarei a sepultura

Disse a velha: então me conte
A sua louca paixão
Disse êle: minha avozinha,
Eu sofro sem remissão,
Eu sofro sem princesa
Filha desta região.

Quem é ela? Disse a velha,
Respondeu: é uma princeza
Que um dia desencantei
Recebi grande surpreza
Chama-se Formosa munda
Esse encanto de beleza.

Vivia ela nas selvas
Em uma arara encantada
Na grandiosa montanha
Castilha, denominada,
Um dia desencantei-la
Foi minha querida amada.

Vivia eu num palacio
Cheio de felicidade
Brincando com minha querida
Gosando sua amizade,
Nunca pensei que chegasse
Tão cêdo a infelicidade.

Ela me fez um pedido
Por Jesus de Nazaré,
Pelo amor da Virgem Pura
Esposa de São José,
Não chamasse ela cativa
Do meu inculto mundé.

Um dia eu me esquecí
Que ela me encomendou
Que não chamasse este nome,
Chamei e ela zangou
Para este belo Reinado
Veio se embora e me deixou.

Quando ele disse assim
A velha ficou parada,
E disse para João:
A coisa está enrascada
Está bastante dificil
Tú encontrar tua amada.

Ela é dona deste Reino
Porem está transformada
Num lindo pé de açucena,
A jovem foi encantada
Por uma fada invejosa
Orgulhosa vil malvada.

Ela vivia encantada
Tem poucos dias que chegou
Com certeza foi você
Que ela desencantou,
A fada denovamente
A pobre moça encantou.

A filha da fada velha
É quem está no lugar
Dirigindo este Reinado
A todos a governar,
Vive todos habitantes
Sofrendo pra se acabar.

João bastante vexado
Disse: avozinha estimada
Diga por Deus onde está
Essa açucena encantada
Que quero desencantar
A minha querida amada.

A velha disse: meu filho
Agora fiquei com pena,
De todo teu sofrimento
Pelo amor da pequena
É lá naquela montanha
Que existe a linda açucena.

Porém eu acho dificil
Para tú desencantar,
Aquela bela princeza
E com ela se casar,
Porque a fada invejosa
Vai novamente encantar.

Disse João: eu desencanto
Com todos esforços meus,
Pois me casarei com ela
E goso os carinhos seus,
A fada não encantará
Por não ser mais do que Deus.

O moço voltou ligeiro
Foi contando aquela cena
Ao gavião seu amigo
Que sua bela pequena
Estava ali encantada
Num lindo pé de açucena.

O gavião disse a ele,
Vamos lá examinar,
Se encontra qualquer meio
Que possa desencantar,
A tua bela princeza
Para com ela casar

Monte aqui nas minhas costas
O gavião lhe mandou,
João naquele momento
Novamente se trepou,
Na montanha da açucena
Com dois minutos chegou.

Quando João foi chegando
Que saltou do gavião,
Foi vendo o pé de açucena
Que fez admiração,
O cheiro estava evadindo
Toda aquela região.

João foi vendo açucena
Correu pra lhe abraçar
Saiu um jaracuçú
Zangado pra lhe picar,
João saltou de um lado
Para poder se livrar.

Apareceu uma serpente
Para devorar João,
Ele saiu na carreira
Se montou no gavião,
Pra se livrar dessas feras
Voaram pra amplidão.

Aquela fada invejosa
Quando encantou a princesa
Botou uma grande serpente
Pra vigiar com certeza,
Pra ninguem desencantar
Aquela flor da beleza.

Cobras de todo tamanho
Também ali vigiavam,
Quando a serpente dormia
As outras cobras velavam,
Ninguem ali chegaria
Porque elas não deixavam.

Se por acaso a princesa
De porse desencantasse,
E a terrivel serpente
Ali não lhe devorasse,
Uma das cobras mordia
Ela não podia salvar-se.

O gavião disse ao moço
É triste a situação,
Porém estou a teu lado
Para vencer a questão,
Eu vou engulir a fada
Perversa sem coração,

Se eu tiver a vitoria
Da velha fada encontrar
Engulo-a de uma vez
Não deixo ela escapar,
Depois a linda princeza
Podemos desencantar

O moço disse está certo.
Acho bôa opinião,
E se firmou diretinho,
Em cima do gavião
Foi voando atraz da fada
Do coração de dragão.

A fada estava na porta
Se esquentando no mormaço,
O gavião foi chegando
Se abaixou no terraço
Agarrou a fada velha
E vôou para o espaço.

Então naquele momento
Ninguem ali pressintiu
O gavião agarrou-a
Em hora que ninguem viu
Não deu nem tempo gritar
Que o gavião enguliu

O gavião disse ao moço
Agora preste atenção,
Para salvar a princesa
Daquela negra traição,
Só nós indo buscar agua
De lá do rio de Jordão.

Trazendo uma lata d'agua
Para açucena regar,
Jogando agua três vezes
Podemos ela salvar,
Com dois minutos somente
Ela vai desencantar.

João lhe disse: esta certo
É o que devemos fazer,
Mas ainda tem uma coisa
Que agora eu vou dizer,
A serpente com as cobras
Vão botar tudo a perder.

O gavião respondeu:
Eu engulo até um trem,
Para salvar a princesa
Não temo mais a ninguem,
Engulo todas as cobras
E a serpente tambem,

João disse: muito bem
Fiquei agora animoso,
Porque sei que nesta emprêsa
Vou sair vitorioso,
Com este amigo a meu lado
De um poder glorioso.

Ai naquele momento
João foi se previnindo,
Pra onde estava açucena
Ligeiro foram seguindo,
Chegou lá o gavião
Foi a serpente engulindo.

Começou naquele instante
A grande destruição,
No bico do gavião,
Só via cobra piar
O gavião engulia
Sem pena e sem compaixão.

Com dois minutos somente
Nem uma cobra ficou,
Que o gavião enguliu
E outras ele matou,
Depois que acabou com tudo
Para o moço assim falou.

Monte aqui nas minhas costas
E alegra o coração,
Para nós ir buscar agua
De lá do rio de Jordão,
Pra desencantar a princesa
Que tú tem toda paixão.

O gavião nesse instante
Todinho se arrepiou,
João sem perca de tempo
Nas costas dele montou,
O gavião no espaço
Bateu azas e voou.

O gavião foi passando
Bem por cima da cidade
Do Reino do Pareiral
Com toda velocidade,
Disse a João: brevemente
Tú serás a magestade.

João lhe disse: assim seja
Que eu seja vitorioso,
Desencante minha querida
Com fé em Deus poderoso,
Que serei deste reinado
Um rei bastante bondoso.

O gavião no espaço
Causava admiração,
Vôava em velocidade
Muito mais que um avião,
Para chegar ligeirinho
No grande rio de Jordão.

Com cinco horas de vôo
O gavião aterrisou
No grande Rio de Jordão,
O moço se desmontou
O moço ali um momento
Até que se descansou.

Disse o moço ao gavião
Como devemos pensar?
Pois não trouxemos vasilha
Para esta agua levar,
Respondeu o gavião:
Não tem que se encomodar.

Eu levo aqui no meu bico
Porque sou muito sadio,
Tanto faz tempo de chuva
Como no tempo de estio,
Se acaso houver precisão
Levo a metade do rio.

Foi dizendo estas palavras.
O bico n'agua botou
Umas trintas latas d'agua
O gavião apanhou,
Ai naquele momento
João nas costas montou.

Naquele mesmo momento
O gavião foi vôando,
Rasgando as nuvens com tudo
Para traz se regressando,
Lá na açucena encantada
Com pouco mais foi chegando.

O rapaz em uma pedra
Que tinha perto sentou
E a ave abriu o bico
A água se derramou
No lindo pé de açucena
Que tudo ali se molhou.

Açucena deu um gemido
Quando a agua lhe molhou,
O gavião novamente
Outro tanto despeijou,
Botando agua de novo
A jovem desencantou.

João que viu a prnicesa
Com ela foi abraçando,
Ela nas faces de João
Um beijo foi aplicando,
Mataram a garande saudade
Que estava lhes matando.

A princesa agradiceu
Ao amigo gavião,
Que veio pra lhe savar
Daquela grande aflição,
Também trazer seu querido
Cordas do seu coração.

O moço com a princesa
No gavião se montaram,
Com um minuto somente
Lá ná cidade chegaram,
Pegaram a filha da fada
Ligeiramente amarraram.

Casaram no mesmo dia
Com todo contentamento
Foi uma festa animada
Naquele feliz momento
Só faltou você, leitor
No dia do casamento.

Depois de toda esta festa
Qnando tudo terminou,
O gavião disse ao moço;
Adeusinho que eu já me vou,
João com esta conversa
Bastantemente chorou.

Meu amigo, disse o moço
Não faça tal crueldade
Fique morando conosco
Que nesta localidade
Garanto que não te falta
Nada mais nesta cidade.

O gavião disse a êle:
Tú não sabe quem sou eu,
Sou tua estrela, teu signo
Que sempre te protegeu
Dezendo estas palavras
Dali desapariceu.

Disse João: Deus te leve
Te livre de todo mal,
Veio-me a felicidade
Por ordem Celestial,
E foi viver com a princesa
No Reino no Pareiral.

Senhores minha historinha
Aqui eu vou terminar
Me paguem só 6 cruzeiros
Para o poeta ajudar
Que agente para escrever
Precisa se alimentar.

FIM

HISTÓRIA DE JOÃO PREGUIÇOSO
E A CABRA QUE CHOCALHA DINHEIRO

Senhores neste momento
No assunto fabuloso,
Vou escrever um livrinho
Que acho ser gracejoso,
É sobre um homem matuto
De nome João Preguiçoso.

Em uma certa fazenda
Um preguiçoso existia,
Casado com uma senhora
De nome dona Sufia,
Mas ela que trabalhasse
Que ele nada fazia.

A mulher ia pra roça
E ele em casa ficava,
Tomando conta dos filhos
Mas tarde então se deitava
Só acordava na hora
Que sua mulher chegava.

Quando ela chegava via
Um tudo mal ajeitado:
A panela estava crua,
O fogo estava apagado,
A meninada com fome
E tudo desmantelado.

Ele de pès espalhados
Dormindo numa esteira,
Ela tirava um chicote
De galho de catingueira,
Dava uma surra em João
Que levantava poeira.

E assim João Preguiçoso
Mais a mais continuava
Apanhando da mulher
Só porque não trabalhava
Atè que pensou um dia
Que a mulher lhe matava.

Pensou João Preguiçoso
De sair pra aventurar,
E disse para mulher:
A manhã vou viajar
Vou ver se ganho dinheiro
Pra nunca mais apanhar.

A mulher disse: và mesmo
Se você nada trazer,
Vou lhe matar no chicote
Para todo mundo ver,
Pois se não trouxer dinheiro
No pau aqui vai morrer.

João pegou um saquinho
Nas suas costas botou,
Despediu-se da mulher
Com os filhos se abraçou
E seguiu sem ter destino
Pelo mundo viajou.

Chegando numa cidade
Com uma freira encontrando
Falando sobre emprego
A freira foi o empregando
Para cuidar de uns pombos
E ele foi aceitando.

Trabalhou um ano inteiro
Sò com direito a comida,
Com a àgua e com a luz
E também com dormida,
Com um ano quiz ir ver
A sua esposa querida.

A freira somou a conta
Naquele mesmo momento,
Pegou uma toalha e deu
Com todo contentamento,
E disse: esta toalha
É ela o seu pagamento.

Quando você tiver fome
Na hora è só estender,
Numa esteira no chão
Por esta forma a dizer:
Te compõe minha toalha
Pra comida aparecer.

Ele recebeu a toalha
E seguiu com brevidade,
Diretamente pra casa
Na maior anciedade,
Dizendo: minha mulher
Vai matar a necessidade.

No meio da travessia
Morava uma velhinha,
João Preguiçoso ia passando
Jà era de tardizinha,
Pediu ele uma dormida
Na sua simples casinha

A velha disse: pois não
João ali se hospedou,
Mais tarde a velhinha disse:
Um cafezinho eu não dou
Porque açuca não tem
João pra ela assim falou:

Eu tenho tudo à vontade
Foi a toalha puxando,
Botou por baixo uma esteira
E assim foi ordenando
Te compôe minha toalha
Foi tudo se apresentando.

Comida de todo tipo
Nessa hora apareceu,
A velha sentou-se junto
Danadamente comeu,
Não pode dormir atoa
Um prêmio como este seu.

Você me dar sua toalha
Pra bem direito eu guardar,
Quando for amanhã cedo
Eu torno lhe entregar,
João entregou a toalha
Sem em nada imaginar.

Quando foi no outro dia
Aquela velha homecida,
Deu outra toalha a ele
Que era bem parecida,
E João seguiu viagem
Sem pensar na sua vida

Quando ele chegou em casa
A mulher vinha da roça,
Trazendo um feixe de bredo
Parecendo uma carroça,
Para seus filhos comerem
Naquela tão pobre choça.

Ele gritou pra mulher:
Joga este bredo no mato,
Que vou levando comida
Mesmo pra mais do contrato
Traga ligeiro uma esteira
E cada menino um prato.

A mulher trouxe a esteira
João a toalha botou,
Te compõe minha toalha,
Nada ela apresentou,
A mulher pegou João
Pela perna e derrubou.

Meteu o tapa em João
E ele sem reagir,
Tome tapa, e tome tapa
Sem ninguém lhe acudir,
Depois duma boa surra
João pôde escapolir.

Chegou lá a mesma freira
Mandou ele trabalhar,
Com um ano deu uma cabra
Bonita de admirar,
Que chocalhava dinheiro
Ele voltou pra seu lar.

Dormiu na casa da velha
A velha o pobre enganou,
A sua bonita cabra
E a por outra trocou,
Chegando em casa, a mulher
Perguntava o que levou

Ela disse: e esta cabra
Foi perguntando ligeiro:
O que è que ela faz
Neste sertão brasileiro?
Respondeu ele animado:
Ela chocalha dinheiro.

A mulher lhe disse: então
Mande ela chocalhar,
Pois, se não sair dinheiro
Na taca eu vou lhe matar
Vou matar ela e comer
Para me alimentar.

Cabra chocalha dinheiro,
Falou com voz moderada
Cabra chocalha dinheiro!
A cabra ficou parada,
A mulher pegou um pau
Como uma fera assanhada.

Com um porrete na mão
Atraz de João correu,
João se fez nas canelas
Dalí desapareceu,
Pra o lugar que estava freira
Sem contar o que se deu.

E trabalhou mais um ano
Que quando chegou no fim,
Ela deu um saquinho de paus
E disse: agora è assim.
Você pode se vingar
De qualquer ente ruim.

Você dizendo: paus fora!
Esses paus dão pra saltar,
Bate em quem você quizer
Até que mandar parar,
Ele agradecendo a freira
Regressou para o seu lar

Passou na casa da velha
E ela foi lhe encontrar,
Pra roubar o que levava
Mas, ele pôde gritar:
Paus fora, e aquela velha
Começou logo apanhar.

Teve que lhe dar a cabra
Que chocalhava dinheiro,
Teve que dar a toalha
Num completo disespero,
E pau caindo nas costas
Por um poder verdadeiro.

A velha bem apanhada
O moço mandou parar,
Dentro do mesmo saquinho
Os paus tornaram a entrar,
Pra sua velha morada
João se pôs a andar

Quando ele chegou là
A mulher pôs-se a dizer
Vou lhe dar mais uma surra
Para você aprender,
Esta cabra eu vou matar
Para meus filhos comer.

João disse para ela:
Dela você ver è o cheiro,
A mulher quiz se zangar
Mas ele disse ligeiro:
Minha cabra eu quero ver
Você chocalhar dinheiro

Dinheiro pra todo lado
Naquela hora espalhou,
Quando ele disse assim
A cabra se embalançou,
E a mulher de João
Com ele se abraçou.

Te compôe minha toalha
A mulher se estremeceu,
Comida de todo jeito
Nessa hora apareceu,
A mulher com a filharada
Gostosamente comeu.

Mas João para se vingar
Das pancadas que tomou,
Gritou: Agora, paus fora!
Ali o pau trovejou
Nas costas dessa mulher
Atè quando parou.

FIM

HISTÓRIA DO HOMEM QUE ENGULIU UM CAMINHÃO E DEFECOU UM AUTOMOVEL

Neste mundo se vê coisa
De fazer admirar
A coisa mais impossivel
Ninguem pode duvidar.
Porque o mundo é completo
De tudo que se pensar.

Em Recife ha poucos dias
Tinha grande multidão
Apostando para um homem
Engulir um caminhão
Carregado de abobora,
Milho sêco e algodão.

O homem disse: eu engulo
Para todo mundo ver
Com carga, pneu e tudo.
Se pegar me aborrecer
Engulo até chofer
Para todo mundo crer.

Ali juntou muita gente
Fez grande aglomeração
Era apostas e mais apostas
Qua fazia a multidão.
Outros só queriam ver
Engulir o caminhão.

Duzentos e vinte contos
O homem logo apostou,
A um tenente do exercito
Todo dinheiro entregou
E com todo pessoal
Depressa testemunhou.

O homem que fez aposta
Pra engulir o caminhão
Seu nome era Gonsalo
Mas tratavam Gonsalão,
Na altura era gigante,
Que fazia assombração.

Gonsalão depois da apostas
Começou êle a sorrir
E pegou o caminhão
Começou logo enguli
Deixando todo assombrado
Aquele povo dali.

Gonsalão meteu a bôca
A grande carroceria,
Foi engulindo com tudo
Como que nada sentia,
Os assistentes com isso
Gostosamente sorria.

O chofer que viu o carro
Na bôca de Gonsalão
Disse logo: está danado,
Já perdi meu caminhão
E saltou dentro do carro
Para tomar direção.

Destrancou ligeiro a máquina
Se pôz ela funcionar,
Ele passou uma primeira
Para tirar do lugar,
Gonsalão foi engulindo
Não pôde movimentar.

Ali foi grande algazarra
Da imensa multidão
E veio logo a policia
Para prender Gonsalão
Porque enguliu o chofer
Dentro do caminhão.

Deram-lhe voz de prisão
Para prender com certeza.
Com o caminhão na barriga
Ele perdeu a destreza.
Teve que se entregar
Pois não tinha outra defeza.

Disse o tenente aos soldados:
Como devemos pensar
Para tirar o chofer
E sua vida salvar
E na barriga do homem
Só ouvia o carro 'zuar.

Foram chamar o doutor
Pra fazer operação
Para tirar da barriga
Do gigante Gonsalão
O chofer que lá estava
Dentro do seu caminhão.

Quando o doutor foi chegando
Que viu o homem sentado
Com o caminhão na barriga
Zoando desesperado,
Buzinando e buzinando
Disse o doutor, assombrado:

O diabo é quem vai
Te fazer operação,
Nunca vi dizer que um homem
Engulisse um caminhão!
Procurem outro doutor
E correu com a pasta na mão.

Mandaram chamar outro médico
Que era mesmo afamado
Pra fazer operação
Ele era muito falado,
Para tirar o chofer
Da barriga do malvado.

Que quando o médico chegou
Que viu o carro zuando
Na barriga de Gonsalo
De quando em vez businando,
O médico escutou um pouco
Foi logo se horrorisando.

Disse o doutor: eu não faço
Neste bruto operação
Mas vou ensinar um remédio
Que salva a situação,
Porque o que passa na guela
Passa tambem no botão.

Vão buscar trinta tunéis
De azeite e despejar
Na bôca deste gigante
Para ele defecar
O caminhão e o chofer
Só assim pode salvar.

Trinta tunéis de azeite
Naquele instante levaram
Na bôca de Gonsalão
Ligeiro ali despejaram,
Puzeram de um a um
Até quando terminaram.

A barriga de Gonsalo
Começou a papocar,
Cada vento que ele dava
Só via azeite vôar,
Um fedor tão horroroso
De ninguem mais suportar.

Ali naquele momento
Chegou tambem o prefeito
Dizendo para o tenente:
Procure logo outro geito
Que o azeite foi pouco
Não deu pra fazer efeito

Mais vinte e cinco tunéis
Ligeiro mandou buscar
E na bôca de Gonsalo
Começaram a despejar,
Gonsalão com dois minutos
Deu vontade de obrar.

Gonsalão desceu a calça
Deu um estrondo danado
Que o fumaceiro cobriu
E azeite por todo lado,
Foi saindo um automovel
Correndo desesperado.

O automovel sem freio
Pela estrada correu,
Só se via o poeirão
Que o espaço escureceu,
Gonsalão disse ao tenente:
Só quem pega ele sou eu.

Gonsalão vestiu a calça
Ligeiro foi disparando
E o canudo de azeite
Pela estrada espalhando,
A carreira era tão grande
Que ia quase voando.

Com dois minutos somente
O automovel alcançou
Pegou no pneu trazeiro
O automovel parou.
Botou ele na algibeira
Ligeiramente voltou.

O chofer já pra morrer
Sem tomar respiração
Deitou-se dentro do carro
No bolso de Gonsalão
Até chegou a onde estava
Toda aquela multidão.

Gonsalão chegou com o carro
E ao tenente entregou,
O chofer já quase morto
Logo o tenente tirou.
No Hospital Santa Cruz
Ligeiramente internou.

Gonsalão não tinha cadeia
Para êle segurar,
O tenente mandou logo
Pra êle se retirar
E se teimasse e não fosse
Mandava lhe metralhar.

Gonsalão pegou a reta
Isso sem haver demora
Todo dinheiro da aposta
Entregaram nessa hora.
Gonsalão pegou a pista
Do Recife foi embora.

Até hoje no Recife
Ainda falam em Gonsalão,
O homem da bôca grande
Que enguliu um caminhão
E ganhou todo dinheiro
Da imensa multidão.

Senhores, pensem direito
Se não foi de admirar?
Engulir um caminhão
E ligeiro se transformar
Em um pequeno automóvel
Pra Gonsalo defecar!

O chofer quando sarou
Nunca mais quiz caminhão,
Quando ouvia qualquer zuada
Até mesmo de avião
Pensava ser a barriga
Do gigante Gonsalão.

Quando via um caminhão
Na estrada buzinar
Pensava ver o gigante
Corria pra se acabar
Pensando ser Gonsalão
Que vinha pra lhe pegar.

Quem achar que é mentira
Que isto nunca se viu
Pergunte ao profeta Jonas
Que uma baleia enguliu
E meu irmão que nasceu morto
Que tambem nunca mentiu.

FIM

A MURIÇOCA QUE ENGULIU UM CAÇADOR DO ESTADO DO AMAZONAS

Tudo pode acontecer
Não devemos duvidar,
A coisa mais impossivel
Não vou desacreditar,
Sò o que não acredito
É somente Deus pecar.

Se vê na televisão
Pra todos um incentivo.
Serrar um homem no meio
Mostrando ser positivo,
Depois emenda de novo
E o homem fica vivo.

Se ver um mágico fazer
Que parece um desmantelo,
Pra todo povo em geral
Atè tirar o modelo,
Arrastar uma carreta
Só pelo um fio de cabelo.

Por isso è que vou contar
Um caso que causa horror,
De uma grande muriçoca
Que se virou num terror,
No Estado do Amazonas
Enguliu um caçador.

Na mata do Amazonas
Tem coisa de admirar,
Tem a tal Arvore Carnívora
Que o vivente que passar,
Ela se abaixa e o agarra
Pra toda carne sugar.

Quando ela agarra um vivente
Na sua grande emboscada,
Quando suga a carne toda
Que fica bem saciada,
Joga longe quando a vítima
Estiver só a ossada.

Tem a cobra que atrai
Pra boca dela o vivente,
Pois pensa que està correndo
Mas a bicha è atraente
Sò corre pra grande boca
Daquela infeliz serpente.

Certa vez Zuza Carneiro
Foi para o mato caçar,
Na mata do Amazonas
Quando ouviu longe zoar,
Parecendo um avião
Vinha zoando no ar.

O que serà! disse ele
A sua espingarda armou,
Começou uma ventania
Que ele se horrorisou,
Pau estalando e caindo
Ele parado ficou.

Com pouco uma muriçoca
Vinha no espaço voando,
O caçador com a espingarda
Um tiro foi disparando,
E ela pra cima dele
Foi no momento avançando

Porque ele errou o tiro
E a muriçoca avançou,
Deu um sopro tão pequeno
Que o caçador derrubou,
Ela aí abriu o bico
E para a boca o tragou.

Quando ela abriu o bico
Em hora que ninguèm viu
O pobre de tanto medo
Sentiu tão grande arrepio
A muriçoca na hora
Agarrou ele e enguliu.

E depois saiu voando
Parecendo um avião
O caçador jà engulido
Lembrou-se do seu facão,
E começou a cortar
Tripa, bofe e coração.

Deu-lhe uma facãosada
Que uma tripa cortou,
Deu-lhe outra facãosada
Que a muela arrancou,
Deu mais outra facãosada
Que o fígado se separou.

Deu mais outra facãosada
Com toda força da mão.
Que esta pôde acertar
Na veia do coração,
Começou a muriçoca
Perdendo toda a ação.

Sentiu uma dor de cabeça
Começou a esmorecer,
E a barriga doendo
Não pôde mais se conter,
Posou na terra e caiu
Com o corpo todo a doer.

E o caçador là dentro
Danadamente cortava
Tripa bofe rim e tudo
Bem cortadinho ficava,
A muriçoca de dor
Ali no chão se embolava.

Depois que o caçador
Cortou o intestino seu
A facão, bem miudinho
A malvada esmoreceu,
Não aguentou mais voar
Abriu o bico e morreu.

O caçador mais cortava
Com toda disposição,
Foi abrindo uma estrada
No meio da escuridão,
Com tres horas de trabalho
Foi avistando um clarão.

Ele avistando o clarão
Sentiu mais uma melhora,
Ali meteu-lhe o facão
Isto sem haver demora,
Com meia hora talvez
Terminou saindo fora.

Quando ele saiu fora
Sentiu bastante prazer,
Bem perto da casa d'ele
Ele pôde conhecer,
E deu mil graças a Deus
Por lhe salvar de morrer

Correu em casa depressa
A sua mulher chamou,
Ela veio olhar de perto
Ele a história contou,
Como ele foi engulido
E como foi que escapou.

Zuza falou pra mulher:
Eu agora vou tirar
A banha da muriçoca,
Que ela pode prestar,
Pra qualquer uma doença
E eu posso aproveitar.

Foi là dentro novamente
E muita banha tirou,
Resolveu fazer um teste
Nesse momento passou,
Numa ferida que tinha
Na perna logo sarou.

A mulher tambem sofria
De uma forte puxeira,
Com grande falta de ar
Não podia subir ladeira,
Nada mais fazia em casa
Sentindo grande canceira.

A banha da muriçoca
Ela bebeu de manhã,
Daí não sentiu mais nada
De noite jà estava sã
Daquele remèdio santo
Ela ficou sendo fã.

Zuza tirou sò de banha
Vinte e cinco tuneladas,
Fora a banha que perdeu
Correndo pelas estradas,
E muita gente apanhando
Para fazer paneladas.

Quando aquela noticia
Em todo Estado surgiu
Direto a casa de Zuza
O povo se dirigiu,
Para comprar essa banha
De todo canto partiu.

Careca nasce cabelo
Quem aquela banha usar,
Quem è cego fica são
Começa logo a enchergar,
O homem pequeno cresce
O tanto que desejar.

Quem tiver com dor de dente
A banha faz ficar são,
Fica curado na hora
Quem sofrer do coração,
Cura Câncer e cura a Adss
De toda e qualquer Nação.

Mais tarde Zuza enricou
Não precisou mais vender
A banha da muriçoca
Pra poder se defender,
Eu agora vendo o livro
Pra arranjar o que comer.

Quem disser que esta història
É uma mentira minha,
Eu tenho minhas testemunhas
Que provam minha historinha,
Vão perguntar a Odilon
Rivaldo Deco e Mocinha.

FIM

O PODER DO REI DOS PEIXES E A INOCENCIA DE UMA PRINCESA

A Deusa da Poesia
Com sua mãe Natureza
Mandaram eu escrever
Com bastante gentileza
Relativo a inocência
De uma bela princesa

Também mostrando a grandeza
Dum poder superior
O famoso Rei dos Peixes
De muito alto valor
No fundo do oceano
De todos peixes senhor

Não tinha superior
Pois era um ser encantado
Nas profundesas do mar
Era seu belo reinado
Fazia o que bem quizesse
O Rei dos Peixes falado

Mas era seu predicado
Castigar o orgulhoso
Valorisar os humildes
Dum modo mistérioso
Tinha êle este poder
De Nosso Pai Poderoso

Josè era um preguiçoso
Que vevia de pescar
Mas só pegava tainha
Para se alimentar
Se pegasse um peixe grande
Tinha preguiça de puxar

Depois do peixe ferrar
Quando carreira fazia,
Um jumento é que te puxa
Zé Preguiça assim dizia
O peixe cortava a linha
E o anzol engolia

Desta maneira vevia
Esse grande preguiçoso
Passando fome horrorosa
Vevia todo andrajoso
Porém o seu coração
Era bastante bondoso

Certa vez o preguiçoso
Com seu anzol foi pescar
Achou um peixinho pulando
Na branca areia do mar
E disse pra Zé Preguiça:
Não me deixe sufocar

Zè Preguiça ao escutar
O que o peixe falou
Pegou ele com cuidado
E para água o levou
No meio da onda forte
Ele o peixinho atirou

O peixinho mergulhou
E depois tornou a voltar
Dizendo toma esta escama
O que você precisar
Chame pelo Rei dos Peixes
E pede o que desejar

Ali tornou a mergulhar
O moço a escama guardou
Pescou o resto do dia
E nenhum peixe pegou
Quando foi a tardezinha
Pra sua casa voltou

A filha do rei olhou
Foi dando uma gargalhada
Mangando de Ze Preguiça
Deu uma forte risada
Porque êle vinha da pesca
De roupa suja e rasgada

Lá na janela apoiada
Parecendo um querubim
Zé Preguiça com a escama
Do peixe falou assim:
Quero que esta Princesa
Se torne gràvida de mim

Quando êle disse assim
O Rei dos Peixes atiça
Dum modo mistérioso
Seu poder que não se enguiça
E a princesa ficou gràvida
Do famoso Zé Preguiça

A princesinha enfeitiça
Com êsse mágico poder
Do famoso Rei dos Peixes,
Começou adoecer
O mèdico disse a verdade
Nada mais pôde esconder

Quando o rei veio saber
Do que estava se dando
Chamou a filha num quarto
Foi a ela interrogando
Para dizer com qual principe
Ela estava namorando

O monarca foi falando:
Dizendo assim: você tem
De contar tudo direito
Se quizer sair se bem
Se não contar eu lhe mato
E êste infame tambèm

Não tem porque nem porém
Você tem que me contar
Disse a princesa: papai
Eu nada sei explicar
O rei puxou um revolver
Para na filha atirar

Para a princesa salvar
A rainha ali chegou
Dizendo: não faça isto
Ao monarca aconselhou
Pegou no braço do rei
E o revolver tomou

E a êle aconselhou
Que a filha não matasse
Pra ela ter a criança
Que o monarca deixasse
Pois descobria o culpado
E obrigava a casar-se

O monarca ao concordar-se
Disse assim pra aquela filha
Vou atender sua mãe
Ver se descobre uma trilha
Senão eu te sangrarei
Como quem sangra novilha

Ou lhe mando pra uma ilha
Para as feras lhe comer
Ou de um jeito ou de outro
Você não pode viver
Se as feras não devorar-te
De fome tem de morrer

A princesa foi viver
Dentro dum quarto isolada
Chorando e se maldizendo
E bastante acabrunhada
Sem saber como saia
Daquela triste cilada

Como uma despresada
Ali trancada vevia
Neste grande sofrimento
Chorava por noite e dia
Atè que em fim completou
Nove meses de agonia

Quando foi um certo dia
A princesa descansou
Um garoto muito forte
Quando a parteira pegou
Trazia uma carta na mão
Que a velha admirou

Ao rei depressa mostrou
Também mostrou a rainha
Aquele lindo garoto
Segurando uma cartinha
Escrita, e a sôbre escrita
Da forma que lhe convinha

Tomou um choque a rainha
Ficando ali vai, não vai
O rei leu a sôbre escrita
De choque quase que cai
Porque a carta dizia:
EU SÒ ENTREGO A MEU PAI

Disse o rei: a coisa vai
Está facil de saber
Mandou chamar todos principes
Para a carta receber
Desta maneira o pai dele
Aqui há de aparecer

Quando isto acontecer
Que o menino entregar
A carta que tem na mão
Eu mando logo chamar
O Padre para a princesa
Com esse Homem casar

E começou a espalhar
A noticia vantajosa
A quem o menio desse
A carta misteriosa
Casaria com a princesa
Aquela jovem formosa

Pra casar com essa rosa
Vinha principe todo dia
Chegava olhava o menino
E aquela carta pedia
O menino nem ligava
A sua mão encolhia

Esta noticia corria
Pelo mundo universal
Que casava com a filha
Da majestade real
Quem o menino entregasse
Aquela carta afinal

De decendência real
Os principes se acabaram
Todos os principes do mundo
Foram lá nada arranjaram
Daí então os plebeus
Tambèm se apresentaram

Lá no palácio chegaram
Cinquenta homens vexados
De ricos, mèdios e pobres
E outros remediados
Pra o menino dar a carta
Todos estavam animados

Ficaram descabriados
Porque o menino não dava
Com sua carta na mão
Bem firme se conservava
Os homens todos sem graça
Cada um se retirava

E assim continuava
Ninguém ali mais chegou
Disse o rei para a rainha:
Homem no mundo acabou
E êste menino a carta
A nenhum homem entregou

Um guarda real falou
Zé Preguiça está faltando
Ele não veio ao palácio
Sò êle tambèm chegando
Pra pedir o menino a carta
E o rei foi se zangando

Foi o rei se expressando:
Que aquele preguiçoso
O que vem fazer aqui
Um tipo todo andrajoso?
Disse o guarda: majestade
Pode ser misterioso

Cada caso duvidoso
Eu tenho visto se dar
Portanto aqui neste mundo
Nada quero duvidar
Meu conselho é Zé Preguiça
O senhor mandar chamar

O rei mandou intimar
Zè Preguiça no momento
Se o menino desse a carta
Sem haver constrangimento
Casaria com a princesa
Sem nenhum impedimento

Com todo contentamento
Ligeiro o guarda chegou
No rancho de Zé Preguiça
Por esta forma falou:
Venho trazer-te a mensagem
Que o monarca mandou

Zè Preguiça replicou:
Vá assombrar quem tem coragem
Que é que o rei quer comigo?
Leia esta sua mensagem
Eu não devo nada a êle
Pra que me vem com bobagem

O guarda leu a mensagem
Zè Preguiça assim falou:
Seu guarda diga ao monarca
Que assim de pés eu não vou
Só vou numa corroagem
Desta maneira falou

Dali o guarda voltou
Por essa mesma rodagem
Disse ao rei que Zé Preguiça
Falou com toda coragem
Que sò ia se o rei
Mandasse uma carroagem

Disse o rei que malandragem
Que cabra desaforado?
Eu devia mandar busca-lo
Agora mesmo amarrado
Mas faça como pediu
Aquele cabra safado

O guarda com bem cuidado
Na carroagem voltou
Levando traje de principe
A Zé Preguiça entregou
E no palácio real
Seu Zé Preguiça chegou

Na rua o carro passou
O povo todo dizia
Zé Preguiça no palácio
Vai dizer tanta heresia
Que vai se parar na forca
Ou então na enxovia

O povo todo sorria
Quando o Preguiça chegou
O menino olhou pra êle
Por esta forma falou
Dizendo: bença papai
E a êle a carta entregou

O rei logo ali ficou
Em tempo de se morder
Mandou chamar o vigário
Pra o casamento fazer
Mas os três da vista dele
Tinham que desaparecer

De raiva pois-se a tremer
Quando o vigário chegou
Zé Preguiça com a princesa
Ligeiramente casou
O rei chamou os seus servos
Por esta forma falou:

Minha filha me envergonhou
Sem eu ter jeito pra dar
Vocês preparem um navio
Pra todos três viajar
Só assim desta maneira
Eu poderei me vingar

Depressa mandou chamar
Ligeirinho o capitão
Que no momento chegou
E fêz recomendação
Que levasse salva-vida
Pra tôda tripulação

O rei disse ao capitão
Com um segredo sem par
Com três dias de viagem
Mande o navio furar
E deixe o submergir
Nas zondas do alto mar

O senhor pode avizar
A tôda tripulação
Que quando o navio furar
Salvem-se na aflição
O resto deixem que è
Almoço de tubarão

Nessa hora o capitão
Dali foi se retirando
Ordenou aos marinheiros
Que o navio fossem ajeitando
Para seguirem viagem
Foi tudo se preparando

O rei assim foi falando
Com a princesa nessa hora:
Já tem um navio no porto
Pra vocês três irem embora
E nunca pense em voltar
Que boto de porta a fora

A princesa nessa hora
Chorava pra se acabar
Com òdio de Zé Preguiça
Que sò pensava em o matar
Mas já tinha se casado
Foi o jeito acompanhar

A rainha a soluçar
Sua filha abençoou
Com o lindo garotinho
Chorando se abraçou
O rei com o ódio que estava
Là num quarto se trancou

Depois de tudo marchou
A princesa pra pegar
Aquele grande navio
Pra morrer no alto mar
Com o seu filho nos braços
Chorando "pra se acabar"

Zè Preguiça a conformar
Dizia pra sua amada:
Não chore minha querida
Pode ficar descansada
Que vamos morrer de fome
Pode ficar sucegada

A princesinha zangada
No navio ligeiro entrou
Com o seu filho nos braços
Zé Preguiça acompanhou
O navio deu um apito
E pelo mar viajou

Quando o navio apitou
Já foi logo viajando
E seguiu no oceano
Esse navio apitando
O povo agitando lenços
Lá no cais tudo chorando

O navio foi viajando
Dia e noite sem parar
Cortando as ondas forçosas
De fazer admirar
E a princesa chorando
Olhando a espuma do mar

Gaivotas a gritar
Era só o que ela ouvia
Aquele grande navio
Horrivelmente corria
Sem a princesa saber
Qual o destino que ía

Quando foi no outro dia
Ia o navio viajando
No purão os marinheiros
Iam todos trabalhando
Para furar o navio
O capitão ordenando

A princesa cochilando
Quando viu o navio tombar
Ela se extremeceu
Viu os marinheiros saltar
O capitão numa lancha
Já ia no meio do mar

Ela se pois a gritar
Vendo o navio se afundando
Viu a água no navio
Por todo canto inundando
O Zé Preguiça dormindo
Com os gritos foi se acordando

O navio se afundando
E a princesa a gritar:
José, José me acode
Vamos a àgua tirar
Segura aqui nosso filho
Pra ver se posso o salvar

Zé Preguiça ao escutar
Mas nem estava ligando
A princesa tão aflita
E êle sò cochilando
A princesa agarrada
Com a criança chorando

Quando a água estava dando
Mais ou menos na cintura
Zè Preguiça levantou-se
E gritou em tôda altura
Valei-me meu Rei dos Peixes
Demonstre tua bravura

Pra nos salvar da amargura
Eu quero aqui um navio
Com toda tripulação
Não quero calor nem frio
Quero logo avistar terra
Com serra monte e baixio

Como um grande corrupio
O barco estava rodando
Naquele mesmo momento
Foi um navio encostando
Do jeito que ele pediu
O navio vinha chegando

Depressa foram passando
Para a outra embarcação
Dali seguiram à vontade
Com muita satisfação
A princesa com o marido
Criou mais animação

José como um capitão
Já estava bem trajado
Com sapato especial
Seu terno bem engomado
José pela sua esposa
Foi logo simpatisado

Deu em abraço apertado
E deu também um beijinho
Dizendo: eu nunca esperava
Que foste tão bonitinho
Vamos criar com cuidado
Nosso querido filhinho

Com todo agrado e carinho
A princesa foi viver
Com José Ramos de Souza
Com muito gôsto e prazer
Quem chamasse Zè Preguiça
Ele mandava prender

Para lugar conhecer
Seguiram no alto mar
Gosando as belas delicias
Sem nada mais abusar
A princesa de contente
Levava a vida a cantar

Somente pra passear
Seguiram para o estrangeiro
Desejaram conhecer
As zonas do mundo inteiro
Pois tinham tudo á vontade
Sem precisar de dinheiro

Cada um mais prasenteiro
Seguiam no alto mar
A princesa bem contente
Com seu fihinho a brincar
Dizia com fé em Deus
Um dia hei de voltar

Rasgando as ondas do mar
O navio veloz corria
Somente águas e céu
Era só o que se via
Da princesa o sofrimento
Transformou-se em alegria

Brincava alegre e sorria
Com seu querido filhinho
Então o ex-Zè Preguiça
Ela o chamava Zezinho
Ai já tratava êle
Com todo agrado e carinho

Ele, ela o garotinho
Seguiram no alto mar
Numa linda Capital
Pararam pra descansar
E conhecer a cidade
De tudo saber contar

O navio ao ancorar
O Josè Ramos saltou
Pegou a pequena escama
Por esta forma exclamou:
Meu amigo Rei dos Peixes
Outra precisão chegou

As vidas já nos salvou
Eu quero agora um sobrado
Bem feito mesmo a capricho
Tudo bem organisado
Com criados pra servi-nos
Todo bem mobiliado

Apareceu um sobrado
De fazer admirar
Eles ali foram entrando
Naquele tão lindo lar
Um tudo tinha á vontade
Sem nada mesmo faltar

Depois José foi jantar
Com sua espôsa e o filhinho
Aquele lindo bebè
Era tão engraçadinho
E os pàis faziam a êle
O mais perfeito carinho

Naquele sobradinho
Tinha criado e criada
Ali tinha a mesa posta
Na hora necessitada
Tinha tudo a tôda hora
Ali não faltava nada

Três mêses nesta morada
Naquele lindo país
Conhecendo a capital
E também tôda matriz
A princesa satisfeita
E seu espôso feliz

E o monarca que quiz
Todos três eliminar
Pensou que eles morreram
Nas ondas do alto mar
Quando o capitão chegou
Passou o caso a contar

Mais nenhum pôde escapar
Falou assim o capitão
Nòs furemos o navio
Agua invadiu o purão
Nessa hora eu cair fora
Com toda tripulação

Ficou em grande aflição
Zé Preguiça com a princesa
Sò ouvi grito e mais grito
Naquele mar de incerteza
Creio que todos morreram
Sem ninguém fazer defeza

O rei disse com certeza
Cada morreu afogado
Tome cem libras de ouro
Pelo serviço prestado
Daqueles dois infelizes
Eu agora estou vingado

Eu vevia envergonhado
Com aquela minha filha
Que com aquele plebeu
Andou por fora da trilha
Mereceu que eu sangrasse
Como quem sangra novilha

Foi isto uma maravilha
Para os peixes bom bocado
Cada um deles no mar
Perdeu a vida afogado
Por isso eu disse e repito
Deles dois estou vingado

José entusiasmado
Bem satisfeito vevia
Com sua bela princesa
Folgava alegre è sorria
Com o seu lindo filhinho
Bastante se divertia

Quando foi um certo dia
Pensou êle a viajar
Para outra capital
E por lá se demorar
Quando o rei se esquecesse
Eles tornavam voltar

Foi com a princesa falar
Ela logo concordou
Ele pegou a escama
Por esta forma falou:
Meu protetor Rei dos Peixes
Minha precisão chegou

O navio que me salvou
Mande êle novamente
A mesma tripulação
Tudo em ordem competente
Apareceu o navio
Tudo pronto exatamente

O sobrado de repente
Dali desapareceu
Ele pegou o navio
De acordo o gôsto seu
Com a espôsa e o filho
Sua viagem rompeu

A princesa se benzeu
Seguiram no alto mar
Rompendo tôda procela
Só via as àguas zoar
Para outra capital
Se puzeram a viajar

Sem medo de naufragar
O navio se dirigia
Quase igual a um avião
Aquela nave corria
A princesa do pai dela
Jurou que se vingaria

No oceano corria
Com muita satisfação
Chegaram em outro País
De chamar mesmo atenção
O moço puxou a escama
E disse nesta razão:

Tenho aqui mais precisão
De uma casa de morada
Pode voltar o navio
Que já venci a jornada
Apareceu num momento
Uma casa mobiliada

Ali ficou descansada
Aquela bela princesa
Com o esposo e o filho
Presente da natureza
Passeando na cidade
Admirando a beleza

Observando a grandeza
Da capital com atenção
Tomando banho de praia
Com muita satisfação
Passeando de automovel
Conhecendo a região

Pois aquele cidadão
Que criou-se no campestre
A principio era discípulo
Depois se virou em mestre
Rei dos Peixes botou êle
Num paraizo terrestre

Chamou um maestro ou mestre
Pra todo dia tocar
Na casa de José Ramos
Para o povo apreciar
Quando completou dois mêses
Resolveram a viajar

Ali tornou a pegar
A mesma escama falada
E pediu a Rei dos Peixes
Outra coisa desejada
Um navio muito possante
Pra seguir nova jornada

Cortando onda pesada
Um grande navio chegou
O moço ligeiramente
Com a princesa embarcou
Foi apitando o navio
E pelo mar viajou

O navio logo apitou
Ligeiramente partiu
Para um reino muito longe
Sua viagem seguiu
Cortando àguas e águas
No oceano sumiu

José assim conseguiu
Percorrer todo estrangeiro
Conhecendo as capitais
Sem precisar de dinheiro
E assim desta maneira
Percorreu o mundo inteiro

No proximo mês de janeiro
Dois anos ia inteirar
Disse a princesa: Zèzinho
É tempo de nós voltar
Para o reino de meu pai
Que pretendo me vingar

José Ramos a escutar
Disse: está certo querida
Para ti satisfazer
Eu arrisco a propria vida
Enfrento a maior batalha
Até deixá-la vencida

Deixo fera destruida
Para poder te salvar
Atendendo teu pedido
Agora vamos voltar
No reinado do teu pai
Teremos nós que chegar

Fazendo volta no mar
O grande navio voltou
O coração da princesa
De novo se alegrou
Com toda velocidade
O navio se regressou

O rei alegre ficou
Pensando ter se vingado
Que a princesa e Zé Preguiça
Os peixes tinham rasgado
Que estavam no outro mundo
Mas êle estava enganado

Com seu instinto malvado
Muito contente vevia
Gozando a grande riqueza
Bem comia e bem dormia
A rainha era ao contrario
Chorava e se maldizia

Muitas noites não dormia
Lembrando de sua filhinha
Que morreu no oceano
Esta cena tão mesquinha
Era um punhal que cravava
O coração da rainha

Nesse tempo a princesinha
Já vinha se aproximando
As verdes àguas do mar
Vinha o navio rasgando
Naquele grande reinado
Foi o navio ancorando

Assim que foram saltando
José disse: me aprumei
Depois gritou: Rei dos Peixes
Novamente eu precisei
Quero um palácio aqui pronto
Melhor do que o do rei

Na minha terra cheguei
Quero um palácio bem feito
Todo bem organisado
Que fique muito perfeito
Com mobilia nunca vista
Que fico bem satisfeito

Com pouco já estava feito
Um palácio encantador
Todo de matéria prima
De grandioso valor
Muito melhor que o palácio
Do ilustre imperador

Um bom perfume de flor
Por todo canto exalava
A princesa nessa hora
Com o esposo falava
Para pedir uma coisa
Que ela mais desejava

O moço que escutava
O que a princesa falou
O que è que está faltando?
Logo a ela perguntou
Ligeiramente a princesa
A êle tudo explicou

Eis assim continuou:
Veja se pode ir avante
Peça a teu Rei dos Peixes
Um lindo pé de brilhante
Que esteja bem carregado
Com fruto de diamante

Fica mais interessante
Se arranjar um pé de ouro
Carregadinho de frutas
Que vale mais que um tesouro
Para meu pai me pagar
O seu maior desaforo

Rei dos Peixes, anjo louro
Disse José me convem
Ter aqui um pé de brilhante
E um de ouro tambèm
Pra meu palácio ficar
Com o do rei muito além

Pra não imitar a ninguém
Eu quero aqui com certeza
Essas árvores carregadas
Uma completa beleza
Pra minha querida espôsa
Hoje infeitar nossa mesa

Aquela grande riqueza
No momento apareceu
Ali em cima da mesa
De acordo o gôsto seu
A princesa de contente
Seu corpo todo tremeu

A princesa se ergueu
Pegou o pè de brilhante
Botou num canto da mesa
Cuja obra interessante
Juntinho do pé de ouro
Que ficou mais elegante

Numa manhã radiante
Quando o rei se levantou
Saiu logo na janela
E um palácio avistou
Muito melhor que o dêle
Que bastante o admirou

Quando o rei observou
Ficou muito admirado
E disse: eu vou ver quem é
Aquele rei tão ousado
Que veio agora invadir
A côrte do meu reinado

Seguiu o rei bem vexado
Chegou na porta bateu
Um cidadão bem trajado
Nessa hora apareceu
Que era o ex-Zé Preguiça
Mas o rei não conheceu

O moço lhe recebeu
Com grandiosa atenção
Para sala de visita
Levou o rei pela mão
O rei nunca viu um palácio
Com tal organisação

O rei prestava atenção
Todo aquele movimento
Fitou bem o pé de ouro
Naquele mesmo momento
Dizia consigo mesmo:
Ó! que grande encantamento

Com todo contentamento
José ao rei convidou
Para um almoço bacana
Pra o outro dia marcou
O rei muito admirado
Esse convite aceitou

A princesa assim falou
José pra nós nos vingar
Peça a teu Rei dos Peixes
Pra dois brilhantes deixar
Para o bolso do meu pai
Mesmo sem êle esperar

Quando êle se levantar
Pra ir se embora em verdade
Eu digo: está muito bem
Sua Real Majestade
Não carregue meus brilhantes
Que tenho necessidade

Com esta perversidade
Ele hà de se zangar
E diz que é incapaz
Para os brilhantes roubar
Eu peço licença a êle
Do bolso vou os tirar

Quando do bolso eu puxar
Ele fica envergonhado
Em tempo até de morrer
Bastante descalquiado
Eu ali lhe tomo a bênção
E conto todo passado

Para atender o chamado
O monarca viajou
As onze horas e meia
Quando êle ali chegou
A mesa jà estava posta
O monarca se sentou

Bastante o rei almoçou
Porèm muito admirado
Olhando o pè de brilhante
Que estava assim dum lado
O rei olhava e olhava
Mais do que embelezado

O pè de ouro encostado
Com as frutas de pepitas
O rei dizia consigo:
Mas que coisinhas bonitas?
Eu nunca vi um palácio
Das riquezas tão peritas

Diamante e pepitas
Tudo do pé exalou
O rei levantou da mesa
Quando o almoço terminou
A princesa ao monarca
Por esta forma falou

A sua alteza almoçou
Mas há uma novidade
Me desculpe vos falar
Sua Real Majestade
Não leve meus diamantes
Que tenho necessidade

O rei lhe disse em verdade
Não faça tanto alvoroço
Que não levo nada vosso
Somente aceitei o almoço,
Disse a princesa ao monarca
As pepitas vão no bolso

O rei logo seu pescoço
Começou a envermelhar
O sangue nas suas veias
Começou a se agitar
E disse: se as roubei
Dou licença procurar

A princesa foi olhar
Dizendo assim me convém
Quando eu não vejo as coisas
Não vou culpar a ninguém
No bolso achou as pepitas
E os diamantes também

O rei disse: assim vai bem
Eu estou desfeiteado
Quando eu chegar no palácio
Irei morrer enforcado
A princesa ali sorriu
E contou todo passado

Bença meu querido pai
Sou sua filha estimada
Que o senhor mandou matar
No oceano afogada
Por um motivo que eu
Também não era culpada

Eu fiz tôda esta embrulhada
Para o senhor conhecer
O poder do Rei dos Peixes
Quanto é grande o seu poder
Que fêz eu como inocente
A criança conseber

Quando o rei veio saber
A ela pediu perdão
A princesa perdoou
De todo seu coração
O rei chamou o seu genro
Deu-lhe um aperto de mão

Nessa mesma ocasião
Essa linda princesinha
Foi com o rei ao palácio
Abraçou sua mãezinha
Foi a maior alegria
Para o rei e a rainha

Naquela mesma horazinha
Foi grande a satisfação
Foram viver sossegados
Sem ter mais alteração
E daì continuaram
Numa perfeita união

Quando venceram a questão
Um dia um principe chegou
Na casa do José Ramos
A êle se apresentou
E disse: sou o Rei dos Peixes
Com José se abraçou

Depois o principe falou
Tù sabes de minha fama
Eu fiz tudo com você
Atè que tirei da lama
Já que tu estás riquissimo
Quero agora minha escama

O moço pegou a escama
Com muita pena lhe deu
Dizendo muito obrigado
Pelo que me ofereceu
O principe se despediu
Dali desapareceu

Quem comprar este romance
Para o poeta ajudar
Se for homem, o Rei dos Peixes
Vai uma escama lhe dar
Com a filha de Zè Preguiça
Terá também que casar

FIM

Este romance foi escrito em 1965 e publicado em 6 de março de 1973.

O SINDICATO DOS BICHOS

Os bichos lá na floresta
Pra fundar um sindicato
Reuniu-se a bicharada
De casa e mesmo do mato
De cachorro a tatu peba
Zabelê galinha e pato

Foi cutia e mestre gato
A chamado do leão
Pra discutir em plenário
Perante a população
Pra saber como fundava
Aquela associação

Pra também dar sugestão
Foi mestre tamanduá
Foi a madame preguiça
Foi o tenente guará
Foi veado e catitu
E o capitão cangambà

Ali chegou o preá
Foi logo dizendo assim:
Pelo jeito que estou vendo
Vai ser a coisa ruim
Com gato assim pelo meio
Não vai dar certo pra mim

Tambem o papa-capim
Disse assim pra rei leão
Sua real majestade
Eu não dou opinião
Pois não entro em sindicato
Que faz parte o gavião

Nessa hora o rei leão
A todos deu garantia
Que depois do sindicato
Reinava grande harmonia
Vivendo todos na paz
Na mais ardente alegria

Todo bicho ali sorria
Tudo bastante contente
O tigre do sindicato
Ficou sendo o presidente
O urso seu secretário
Com seu olhar diferente

Cavalo chegou suado
Que correu mais duma légua
E disse pra bicharada:
Hoje a ninguem darei trégua
O que eu mais sinto na vida
É ser um fio d'ua ègua

Foi chegando uma veada
Com o seu filho estimado
Dizendo pra veadinho:
Você ja vem bem cansado
O meu maior sentimento
É teu pai ser um veado

O galo tambem chegou
Naquela mesma horazinha
Foi dizendo: majestade
Eu sigo na mesma linha
Me sinto mal quando alguem
Me chama fio de galinha

Cachorro chegou zangado
Dizendo: êta pinhorra
Só respeito rei leão
E ninguem mais nesta zorra
Quem quizer ver eu brigar
Chame minha mãe de cachorra

Chegou tambem mestre porco
Por esta forma dizia
Somente por uma coisa
Não posso ter alegria
Por minha mãe ser uma porca
E eu ser da porcaria

Foi chegando o mestre gato
Com esta conversa exata:
D'agora avante o cachorro
A mim jamais desacata
Não quero que ele diga
Que me casei com uma gata

Veado ali foi chegando
E disse pra bicharada
D'agora avante colegas
A nossa lei é mudada
Serà preso quem chamar
Minha muié de Veada

Foi chegando uma leitoa
Nessa mesma ocasião
Foi saudando a bicharada
Cumprimentou rei leão
E disse: sinto bastante
De meu pai ser um barrão

Chegou um pinto pelado
Foi dizendo: a coisa vai
Sinto nascer numa granja
Que um galo entra e outro sai
tem mais de duzentos galos
Eu não sei quem é meu pai

Urubu naquela hora
Num pau estava trepado
Distribuindo perfume
Na festa pra todo lado
Por enquanto estava neutro
Se conservando calado

Coruja do outro lado
Ali estava escutando
O que os bichos falavam
E numa folha anotando
Usando óculos de grau
De quando em vez cochilando

O pato estava de fora
Por esta forma a dizer:
Nem ser um socio eu não quero
Porque não posso correr
Pois os meus pès são pegados
Não posso me defender

Cutia disse: eu aqui
Não acho nada ruim
Que minhas pernas são fortes
Não dando certo no fim
Eu dando um treino nas pernas
Veado perde pra mim

O tigre estava na mesa
Pensando: a coisa está boa
Quando eu sair daqui
Eu sei que a poeira voa
E nem batia a pestana
Olhando para a leitoa

Gavião á muito tempo
Estava numa peinha
Em um namoro danado
Com uma gorda galinha
Pensando: ó! já comida
Você aqui já è minha

O gato por outro lado
Já namorava o preá
Cachorro olhava de banda
Pra o mestre tamanduà
Tigre marcava a leitoa
Urso marcava o guará

O capitão Canganbá
É que ninguém o marcava
Porque se ele zangasse
A festa toda acabava
Pois se soltasse uma bomba
Todo bicho embebedava

Foi discutido em plenàrio
Como era o sindicato
Perante a todos os bichos
De casa e mesmo do mato
Porem teve uma disputa
Entre o cachorro e o gato

O presidente falou
Para todos se unir
Mas na casa do cachorro
Mestre gato foi cuspir
Cachorro deu um bofete
Que fez o gato cair

O gato se levantou
A ordem logo invadiu
Com tanta cólera e destreza
Que ninguem nem pressintiu
Foi agarrando o preá
E d'uma vez enguliu

O tigre muito zangado
Nessa hora aproveitou
Deu um salto no cachorro
Que d'uma vez devorou
E nesse pega-me-solta
Uma luta começou

O leão se irritou
No tigre botou o braço
Dizendo: cabra conheça
O que eu prometo faço
Gavião pegou o pinto
E subiu para o espaço

O urso pegou a cabra
Deu um grande bofetão
A cabra saiu rolando
Foi se topar com o barrão
Ele com uma dentada
Botou a cabra no chão

O barrão muito zangado
Foi em cima do guarà
Trepado jà se achava
O poeta sabiá
O guará gritou: me valha
Meu compadre cangambá

O cangambà bem zangado
Sua arma disparou
Até mesmo rei leão
Caiu e se levantou
Só a catinga da pólvora
Todo bicho embebedou

A luta se acabou
Os bichos foram correndo
Tambèm muitos objetos
Sairam todos perdendo
E muitos embriagados
Saíram quase morrendo

A cabra perdeu a sáia
Lagartixa o porta-seio
Caçote perdeu a calça
Naquele grande aperreio
O bode perdeu a vergonha
Macaco perdeu o asseio

A cobra perdeu a anàgua
Cachorro perdeu a cuéca
Coruja perdeu os òculos
Corujão perdeu a beca
Urubu perdeu o chapéu
Por isso ficou careca

O galo perdeu as botas
Naquela apertada hora
Agarrou logo a galinha
Dizendo: vamos embora
Chegando em casa só tinha
Em cada pè uma espora

Veado correu primeiro
Por não gostar de apostas
Agarrou a veadinha
Não esperou por proposta
Só o número 24
Foi escrito em suas costas

Calangro perdeu a roupa
Correndo pra se salvar
Daquela tremenda briga
Para poder escapar
Preguiça perdeu a coragem
Nunca mais quiz trabalhar

Rei leão ficou irado
Com aquele desacato
Mandou logo o papagaio
Anunciar pelo mato
Que nunca mais na floresta
Fundaria um sindicato

FIM

HISTÓRIA DO TOURO BRANCO ENCANTADO

Vou escrever uma història
De um boi endiabrado
Que apareceu na fazenda
Dum fazendeiro abastado
Por todos bem conhecido
Por Touro Branco Encantado

A muito tempo passado
Um fazendeiro existiu
No Rio Grande do Norte
Grande soma possuiu
Mais rico do que aquele
No mundo nunca se viu

Seu nome sempre subiu
Pela fortuna em dinheiro
Coronel Cloves de Souza
Chamava-se o fazendeiro
Era nome conhecido
Nas zonas do mundo inteiro

Muito bom para vaqueiro
Esse nobre coronel
Porèm quando se zangava
Virava um leão cruel
Quem não andasse direito
Bebia taça de fel

O vaqueiro Mizael
Era um vaqueiro falado
Com vinte anos de luta
Dizia entusiasmado:
Eu não preciso lição
Na arte de pegar gado

Cada um mais afamado
Eram cinquenta vaqueiros
Com seus cavalos de campo
Todos dos corpos maneiros
Que correndo derrubavam
Os touros mais mandingueiros

Na fazenda Três Outeiros
Mizael foi avistando
Um touro descendo a serra
Paus e pedras revirando
Topando touco nas pontas
E pela cêpa arrancando

Mizael foi reparando
Aquele lindo animal
Olhou bem se tinha ferro
Porém não viu nem sinal
Resolveu pegar o touro
E levar para o curral

No meio do florestal
O touro saiu xotando
Como que de Mizael
Ele ia anarquizando
Somente naquele xôto
Parece que ia voando

Misael foi se vexando
Começou a se zangar
Botou o cavalo atraz
Com vontade de o pegar
O boi somente xotando
Ninguém podia encostar

Só viu poeira voar
Só via pau se torcendo
Só via folha subindo
Só via o touro correndo
Só via cisco voar
Terra subindo e descendo

O vaqueiro atraz correndo
Porèm nem perto chegava
Porque o Touro Encantado
Cada vez mais se estirava
Horrivelmente corria
Parecendo que voava

Sempre o vaqueiro esporava
Seu cavalo pra encostar
Pra pegar o grande touro
Pela cauda e derrubar
Porém o touro corria
De fazer admirar

O touro pra chatiar
Diminuiu a carreira
Quando o vaqueiro encostou
Disse o boi desta maneira:
Vaqueiro tú não me pega
Correr atraz é besteira

O moço em tôda carreira
Quando ouviu o boi falar
Ficou tremendo de medo
Em tempo de se assombrar
Deu um supapo na rédea
Fêz o cavalo parar

Sò viu poeira voar
Pra onde o touro correu
Numa carreira tão grande
Que o monte estremeceu
Com um segundo somente
O boi desapareceu

Logo o vaqueiro correu
Pra casa do seu patrão
Chegou là quase assombrado
Dizendo nesta razão:
Eu hoje encontrei um boi
Que me fês decepção

Eu suponho que é o cão
Esse touro que encontrei
Para saber de quem era
Pegà-lo logo tentei
Botei o cavalo atraz
Até que sempre encostei

Eu quase que me assombrei
Por ver o touro falar
Dizendo: meu bom vaqueiro
Você pode até voltar
É uma pura besteira
Você querer me pegar

Eu não posso acreditar
Respondeu o fazendeiro
Eu nunca vi boi falar
Nem mesmo no estrangeiro
Para eu crer neste caso
Só mesmo vendo primeiro

Assim respondeu o vaqueiro:
Pra o senhor acreditar
Mande chamar dois vaqueiros
Que o senhor confiar
Que irei com eles dois
Sò para o touro mostrar

O patrão mandou chamar
O vaqueiro Come-Bala
E também ligeiramente
Francisco Perna de Escala
Que nunca encontraram boi
Pra os fazer "arrastar mala"

Na casa de Come-Bala
Foi chegando o portador
Dizendo assim: Sr. Cloves
Manda dizer ao senhor
Que fosse pegar um touro
Encantado e corredor

Foi seguindo o portador
Correndo muito vexado
Ao senhor Perna de Escala
Ele foi dando o recado
Que fosse pegar um touro
Corredor, forte, encantado

Pegou logo seu cavalo
Francisco Perna de Escala
Montou-se e seguiu direto
Pra casa de Come-Bala
Para ir pegar o touro
Que Mizael diz que fala

Sem medo de arrastar mala
Os dois vaqueiros chegaram
Na casa do fazendeiro
Por esta forma falaram:
Pronto as ordens coronel
Todos dois se apresentaram

Do fazendeiro escutaram:
O vaqueiro Mizael
Me disse que viu um touro
Que só pode ser Lusbel
Aquele que revoltou-se
Contra o Bom Deus de Israel

Nem que seja o infiel
Eu quero ele amarrado
Com tranca e uma careta
Quero aqui este malvado
O vaqueiro que pegá-lo
Será bem gratificado

Também será castigado
Quem o touro não pegar
Daqui de minha fazenda
Eu mando logo voar
E procuro outro vaqueiro
Para assumir seu lugar

Mizael foi pra mostrar
Aonde o boi encontrou
Come Bala, com o colega
Também lhe acompanhou
Mizael mostrou a êles
Aonde o boi exalou

Quando o vaqueiro mostrou
Ficaram todos olhando
Com pouco um touro mugindo
Todos foram escutando
Vinha descendo da serra
Paus e pedras revirando

Quando o touro foi chegando
Disse o vaqueiro: è aquele
O Touro Branco Encantado
Que vocês vem atràs dêle
Disseram os vaqueiros: nós
Vamos pegar logo êle

Botaram os cavalos nêle
Com vontade de o pegar
O boi saiu num galope
Que nenhum pôde alcansar
E entraram na capoeira
Vendo o mato abrir e fechar

Os vaqueiros pra o pegar
Horrivelmente corriam
Correndo só no aceiro
Que até de vista perdiam
Diversos dêles cansados
Uns para os outros diziam:

O boi corre em demasia
Vamos atraz a vagar
Uns vão aqui rastejando
E outros a cortear
Fazendo assim deste jeito
Talvez que possa o pegar

Cada um a concordar
Seguiram pelo outro lado
Adiante Come-Bala
Foi vendo o Touro Encantado
Botou o cavalo nêle
Para pegar o malvado

Dali o Touro Encantado
Saiu veloz como bala
Era afamado o vaqueiro
Não queria arrastar mala
O boi saiu onde estava
Francisco Perna de Escala

Então o Perna de Escala
O seu cavalo encostou
O vaqueiro Come-Bala
Tambèm lhe acompanhou
O touro olhando de banda
Desta maneira falou:

Bons vaqueiros quem mandou
Vocês para me pegar?
Voltem vão dizer a êle
Que me deixe sucegar
Pois eu não pertenço a êle
Pra que manda me abusar?

Por ver o touro falar
Os vaqueiros se assombraram
Naquele mesmo momento
Os seus cavalos pararam
Se acabando de mêdo
Para a fazenda voltaram

Quando lá, eles chegaram
Falaram com o patrão
Cada um tremendo ainda
Como estavam com sezão
Dizendo que aquele boi
Era a pintura do cão

Come-Bala disse: então
Pode nos acreditar
Que êsse boi fala mesmo
Porque eu ouvi falar
Dizer que não vos pertence
Pra lhe deixar sucegar

O outro ao testemunhar
Disse para o fazendeiro:
Coronel Cloves de Souza
O Touro Branco é ligeiro
Aquele só pode ser
Encantado ou feiticeiro

É o terror de vaqueiro
Esse tal boi encantado
Que pra correr na caatinga
Corre mais do que veado
Creio que não há vaqueiro
Que pegue aquele danado

Sendo assim é encantado
Ou então é feiticeiro
Esse touro que me falas,
Assim disse o fazendeiro.
Eu pago muito bem pago
Quem pegar o boi primeiro

Dou cem contos em dinheiro
O vaqueiro que pegar
O Touro Branco Encantado
E com êle aqui chegar
Ainda dou um fazenda
Ao mesmo para morar

Começou se espalhar
No mundo por todo lado
A noticia dêste boi
Corredor muito afamado
Ganhava cem mil antigos
Quem pegasse êsse malvado

Uma fazenda de gado
Para o vaqueiro morar
O coronel tambèm dava
Para lhe gratificar
Quem pegasse aquele touro
Que ninguém poude pegar

Ai começou a chegar
Vaqueiro de todo lado
De tôda parte do mundo
Vinha vaqueiro afamado
Todos querendo pegar
O Touro Branco Encantado

O vaqueiro denodado
Que corresse em demasia
E pegasse o barbatão
Os cem contos ganharia
Porém os que não pegasse
Ganhava grande anarquia

Só um vaqueiro corria
Para esse touro pegar
Para não fazer balbúrdia
Nem também atrapalhar
Quando um vaqueiro cansasse
Outro assumia o lugar

Para o touro encurralar
Chegou um vaqueiro forte
Das zonas do Ceará
Sem temer a própria morte
Montado num bom cavalo
Por nome Águia do Norte

Quando ele botava um corte
Atraz de um barbatão
Por mais que fosse ligeiro
Ele pegava de mão
Dava um supapo tão grande
Botava o touro no chão

Chegou Águia do Sertão
Que era um forte vaqueiro
No campo muito afamado
Na mata ou no taboleiro
Que não respeitava touro
Que fosse até feiticeiro

Chegou também um vaqueiro
Por nome de Gavião
Que era muito afamado
Là nas zonas do sertão
Vestido de couro novo
Montado num alazão

A enorme multidão
Começou logo a chegar
Chegou Chico Pé de Pato
E Rezende cambotar
Veio Tomaz Cara Branca
Garantindo de o pegar

Afinal pôde formar
Quarenta e cinco vaqueiros
Todos êles em cavalos
Gordos, possantes, ligeiros
E seguiram para o campo
Todos esses cavaleiros

Diversos catimbozeiros
Para esse touro pegar
Faziam muitos feitiços
Para o boi se atrapalhar
Tinha muitos feiticeiros
Para o boi enfeitiçar

Pra poder auxiliar
Levaram trinta cachorros
Que pra pegar barbatão
Eram eles os socorros
Da fazenda Três Outeiros
E da fazenda Três Morros

Lá na fazenda Três Morros
O boi estava pastando
Quem já conhecia o touro
Foi uns aos outros mostrando
O boi olhou pra os vaqueiros
E dali foi se estirando

A turma foi disparando
Seus cavalos atraz dêle
Águia do Norte gritou:
Sou eu que vou pegar êle
Porém ele nunca viu
Boi ligeiro como aquele

Botou o cavalo nêle
Para ver se derrubava
O touro saiu num xôto
Parecendo que voava
E a turma de vaqueiros
Correndo lhe acompanhava

O poeirão que voava
Ao vaqueiro atrapalhou
O boi chegou no carrasco
Bem fechado e embocou
Águia do Norte também
Nessa hora o acompanhou

Muito adiante encontrou
Um pau de quebra-facão
Que pegou Águia do Norte
E derrubou lá no chão
O seu cavalo seguiu
Correndo com o barbatão

O seu cavalo alazão
Muito adiante parou
E o Águia do Sertão
Naquela hora encostou
Correndo danadamente
Que a poeira voou

Em um buraco pisou
O cavalo foi tombando
E o Águia do Sertão
Caiu no chão se embolando
O vaqueiro Gavião
No touro foi encostando

Todos cachorros chegando
Para na venta agarrar
O boi baixava a cabeça
Jogava dois para o ar
Quando caiam eram prontos
Para os urubús puxar

O boi pôs-se a estirar
Gavião atraz ficou
Devido tanto correr
O seu cavalo cansou
Entropeçou e caiu
Nunca mais se levantou

Depois o boi encontrou
Com o vaqueiro Pè de Pato
Que pra pegar boi no campo
Nunca sofreu desacato
Sabia bem pelejar
Com boi correndo no mato

Tinha desteza de gato
Esse vaqueiro afamado
Nunca correu com um touro
Que não levasse amarrado
Boi corredor para êle
Virava cágado peiado

Atraz do Touro Encantado
Desembestou a correr
O touro olhando de banda
Por esta forma a dizer:
Vocês querer me pegar
Arrisca tudo a morrer

Com isto deu pra tremer
O destimido vaqueiro
Puxou a rédea e parou
O seu cavalo maneiro
Por onde o touro passava
Ia ficando um aceiro

E ali outro vaqueiro
Encostou para o pegar
Disse o touro: eu nem te ligo
Por isso vou a vagar
O vaqueiro amedrontou-se
Por ouvir o boi falar

Fêz seu cavalo parar
Para traz se regressou
Com dois cachorros somente
O resto o touro matou
E o touro foi embora
Nenhum vaqueiro o pegou

Muito adiante encontrou
O vaqueiro Gavião
Já com a cara ralada
Que fazia compaixão
Com a perneira rasgada
E sem a manga o gibão

Relativo ao barbatão
Se puzeram a palestrar
Vaqueiro de todo lado
Começou logo a chegar
Cada um dêles com mêdo
Em tempo de se assombrar

Por ver o touro falar
Ficavam encabulados
Outros ali já chegavam
Com os cavalos cansados
E os vaqueiros de famas
Todos bem escabriados

Seus càlculos foram errados
Para o grande boi pegar
E os cem contos de réis
Do fazendeiro ganhar
Com uma bôa fazenda
Ainda para morar

Todo vaqueiro a sonhar
Com o Touro Branco Encantado
Todos pensando em pegar
Êsse touro endiabrado
Para ganhar os cem contos
Porém saia assombrado

Já muito bem contristado
Vaqueiro dizia assim:
Aquele boi encantado
É geração de Caim
Pois quem meter-se a pegá-lo
É lamentável seu fim

Todos naquele interim
Do mesmo modo apoiando
O que aquele vaqueiro
Ali estava explicando
Relativo aquele touro
Que muitos viram falando

Foram todos se juntando
Para a fazenda voltaram
Mais de quinhentas pessôas
Chegaram lá encontraram
Deram uma vàia tão grande
Sorriram que se enrolaram

Pois os vaqueiros chegaram
Um bocado escabriados
Uns ali vinham tocando
Os seus cavalos cansados
Já outros também chegavam
Com os narizes ralados

Outros de dentes quebrados
Foi a maior anarquia
Algum vaqueiro zangado
Por esta forma dizia:
Nunca mais serei vaqueiro
E seu cavalo vendia

Essa noticia corria
Por todo canto afinal
Quem pegasse o Touro Branco
E o levasse ao curral
Ganharia cem mil cruzeiros
Tudo em dinheiro legal

Do sertão a capital
Que existisse um vaqueiro
Que soubesse pegar touro
Corredor, forte e ligeiro
Queria pegar o touro
E ganhar êsse dinheiro

E assim todo vaqueiro
De todo e qualquer Estado
Onde tivesse um vaqueiro
Que fosse mesmo afamado
Seguia para pegar
O Touro Branco Encantado

Chegou um vaqueiro falado
Pra pegar boi mandinguiro
Montado num bom cavalo
Por nome de Limoeiro
Era um cavalo castanho
Possante e muito ligeiro

O nome dêsse vaqueiro
Era um tal Quebra-Pescôço
Que boi correndo em sua frente
Não precisava alvoroço
Que êle dava-lhe queda
Quebrava osso por osso

Para correr mesmo em grosso
Chegaram trinta vaqueiros
Todos eles bem montados
Em seus cavalos ligeiros
Para pegar boi no campo
Tinham seus corpos maneiros

Pra fazenda Três Outeiros
Foram todos campear
Por là encontraram o touro
Tentaram logo o pegar
Voltaram todos tremendo
Por ouvir o boi falar

Aí puzeram a contar
Ao coronel na fazenda
Disseram: caro patrão
Não pode existir quem prenda
Aquele touro encantado
Que dele Deus nos defenda

Ele veio de encomenda
E se nós inda tentar
A pegar aquele boi
Para os cem contos ganhar
Desta vez ele falou
De outra vai nos matar

Ninguem quiz mais ir pegar
Aquele Touro Encantado
Porque diziam que ele
Era um touro endiabrado
O vaqueiro que teimasse
De la voltava assombrado

O vaqueiro Romualdo
Em Piauí residia
Boi de fama para ele
Nem trinta braças corria
Na frente do seu cavalo
Por nome de Ventania

Romualdo assim dizia
No dia que eu encontrar
Um touro bem corredor
Que correndo eu não pegar
Darei meu pescoço a forca
Para uma corda puxar

Difato para pegar
Um touro mesmo falado
Por mais corredor que fosse
No limpo ou no fechado
Ele pegava na cauda
Virava pra outro lado

Era mesmo acostumado
A derrubar barbatão
Pegava o bicho na cauda
E derrubava no chão
De qualquer forma que fosse
Levava ele ao mourão

Se qualquer um barbatão
Começasse a remeter
Ele pegava o ferrão
Topava sem se temer
O bruto não aguentava
Era obrigado a correr

Ninguem podia saber
O que êle possuia
Na sela de campear
Ele tambem não dizía
Mas boi velhaco pra ele
No mundo não existia

Quando foi um certo dia
Falaram com Romualdo
Que existia este boi
Velhaco como veado
Por isso lhe apelidaram
Por Touro Branco Encantado

É um serviço pesado
Assim falou o rapaz
Perde o tempo e é vaiado
Quem dele correr atraz
Porque o boi corre tanto
Que parece o satanás

Já cansou os animais
Dos fazendeiros francêses
Tem vindo vaqueiros bons
Até mesmo polonêses
Já vieram italianos
Alemães e portuguêses

Já vieram japonêses
Para esse touro pegar
Mas voltaram escabriados
Em tempo até de chorar
Venderam até os cavalos
Pra nunca mais campear

Romualdo ao escutar
Perguntou muito ligeiro:
Me diga como é o nome
Desse grande fazendeiro
E tambem dessa fazenda
Que tem o boi feiticeiro

Respondeu o cavalheiro
Coronel Cloves de Souza
Na Fazenda São Miguel
Que nunca disse uma couza
Para não dà garantia
Até encarando a lousa

È mais facil uma raposa
Dormir junto num puleiro
Com galinha e não pegar
Trem ingeitar passageiro
Do que Romualdo velho
Não ganhar esse dinheiro

Romualdo bem ligeiro
O seu cavalo pegou
Para seguir a viagem
Ligeiramente selou
Pra o Rio Grande do Norte
O vaqueiro viajou

O seu destino tomou
Viajou muito embarcado
Quando jà estava bem perto
Saltou e seguiu montado
A procura da fazenda
Que tinha o touro encantado

Seguindo muito vexado
Lá na fazenda chegou
Quem é o coronel Clóve?
Romoaldo perguntou
Nessa hora o coronel
A êle se apresentou

Por esta forma falou:
Sou eu mesmo cavaleiro
O que deseja de mim?
Explique tudo ligeiro
Sò pela fala eu já vi
Que o senhor é um vaqueiro

Coronel sou vaqueiro
Que venho bem informado
Que o senhor tem um touro
Que parece endiabrado
O seu nome é conhecido
Por Touro Branco Encantado

Uma fazenda de gado
E cem contos em dinheiro
O senhor dar de presente
A todo e qualquer vaqueiro
Que pegar o Touro Branco
Que dizem ser feiticeiro?

Respondeu o fazendeiro:
O vaqueiro que pegar
O Touro Branco Encantado
Vai logo se melhorar
Cem conto e uma fazenda
Eu tenho para o ofertar

Pois eu hoje irei pegar
Falou assim Romoaldo
Esse touro corredor
Que parece endiabrado
Quero ver se tiro a fama
Do Touro Branco Encantado

Seu cálculo será errado
Assim disse o fazendeiro
O seu cavalo cansado
Vai morrer no taboleiro
O Touro Branco Encantado
Tem o mocotó ligeiro

Chegou ali um vaqueiro
Fazendo grande anarquia
Juntaram mais de cinquenta
Só fazendo zombaria
Que dêsse touro, o vaqueiro
Nem mesmo a poeira via

Outro dali já dizia:
Vaqueiro forte afamado!
Corre atraz do touro, e volta
Com o cavalo cansado
Este duente não pega
Nem mesmo um càgado peiado

Falou assim Romoaldo:
Patrão mande me mostrar
Aonde o Touro Encantado
Eu possa hoje encontrar
Ele nunca viu vaqueiro
Comigo vai se enrascar

O patrão mandou mostrar
O Touro Branco Encantado
Já na certa do vaqueiro
Vir do campo escabriado
E pelos outros colegas
Ser bastante anarquisado

Seguiram com Romualdo
Cinquenta e cinco vaqueiros
Em seus cavalos possantes
Gordos e muito ligeiros
Foram encontrar o touro
Na Fazenda Três Outeiros

Disseram todos vaqueiros:
O Touro Branco Encantado
É aquele que estàs vendo
No pasto todo espantado
Romualdo nessa hora
Respondeu: muito obrigado

O vaqueiro com cuidado
Foi o cavalo encostando
O touro para correr
Foi logo se preparando
Botou a cauda nas costas
E saiu galopeando

O vaqueiro esporeando
O seu cavalo partiu
Pra pegar o barbatão
Bem veloz se dirigiu
Numa carreira tão grande
Que a poeira cobriu

Naquele instante se via
O boi jà quase voando
E Romualdo o vaqueiro
Na anca dêle encostando
Todos vaqueiros de fora
Ficaram lhe admirando

Romualdo ia encostando
Disse o touro: meu vaqueiro
Você não pode pegar-me
Que tenho o corpo maneiro
É muito bom seu cavalo
Porém eu sou mais ligeiro

Lhe respondeu o vaqueiro
Se tù és mesmo encantado
Dobre logo teu encanto
Que vai ser desencantado
Emende logo as canelas
Porque hoje vai pegado

O touro desesperado
Já corria horrivelmente
O cavalo do vaqueiro
Encostou ligeiramente
O vaqueiro disse ao touro:
Se pegue com São Vicente

Por ser muito experiente
Sempre o vaqueiro encostou
A cauda do barbatão
Ele no braço enrolou
Deu-lhe um forte arrastão
Que o touro no chão rolou

Quando o boi se levantou
Tornou dizer ao vaqueiro:
Romualdo tu pareces
Que és até feiticeiro
Mas agora vou mostrar
Que tenho o corpo maneiro

Tu podes ser mandingueiro
Mas te digo nesta hora
Te valha de tua mandinga
E procure tua melhora
Que meu protetor é Deus
E a Virgem Nossa Senhora

O touro sem ter demora
Correndo entrou na capoeira
Como bala de fusil
Ia ele na carreira
Quem de longe estava olhando
Só via voar poeira

Romualdo era "madeira"
Na arte de campear
Esporeou seu cavalo
No touro tornou encostar
Na cauda deu um arrastão
Que viu o touro tombar

O touro ao se levantar
Disse ao vaqueiro: freguês
Eu nunca encontrei vaqueiro
Para fazer-me o que fez
Eu ainda vou correr
Para ver tua rapidez

Pode ser em dois ou três
Que tu queiras te virar
Assim disse Romualdo
Eu garanto os pegar
Tanto correndo por terra
Ou voando pelo ar

Esse touro ao disparar
Entrou no mato fechado
Derrubando pau e pedra
Era um serviço danado
Peitava moita de espinho
E saia do outro lado

O vaqueiro Romualdo
Botou o cavalo atraz
Gritando: Touro Encantado
Te mostro como se faz
Pode atè emendar as pernas
Já tem quatro bote mais

Aquele touro sagaz
Horrivelmente corria
Em tanta velocidade
Que a terra estremecia
Folha de pau e poeira
Pelo espaço subia

Era tanta ventania
Parecendo um furacão
Por onde o touro passava
Zoava que só trovão
Donde o boi tirava o pè
Bota o cavalo e mão

Naquela grande aflição
Para o touro derrubar
O vaqueiro atraz corria
Como um avião no ar
Numa grande desfilada
Fazendo a terra abalar

Sò viu poeira voar
Que o ar ficou nublado
Muito adiante o vaqueiro
Pegou o Touro Encantado
Deu-lhe uma queda tão grande
Deixou o no chão deitado

Levanta Touro Encantado
Romualdo assim gritou
O que vinhas a procura
Agora mesmo encontrou
Levante e corra de novo
Pra saber quem eu sou

Mas o touro assim falou:
Não quero mais duvidar
Para correr novamente
Não quero me levantar
Levanto pra ir contigo
Para onde desejar

Levante pra viajar
Assim falou o vaqueiro
Que irei lhe apresentar
Na casa do fazendeiro
Pra receber minha fazenda
E cem contos em dinheiro

O boi levantou ligeiro
Para a fazenda marchou
Tão manso como um cordeiro
O vaqueiro acompanhou
Chegando là na fazenda
Todo mundo admirou

Vaqueiro que duvidou
De Romualdo pegar
O grande Touro Encantado
Quando viu ele chegar
Com esse touro na frente
Quiz até se suicidar

Os que foram anarquizar
Na hora que acreditaram
Que o velho pegou o touro
Todos se escabriaram
Muitos naquela fazenda
Daì nunca mais passaram

As multidões se juntaram
Pra ver o Touro Encantado
Coronel Clóves de Souza
Que era homem inteirado
Deu ao vaqueiro cem contos
E uma fazenda de gado

O vaqueiro Romualdo
Avisou ao fazendeiro:
Amarre o boi direitinho
Porque ele é mandingueiro
Tenha bastante cuidado
Com este boi feiticeiro

No mesmo dia o vaqueiro
Pra sua terra voltou
O coronel Clóves Souza
O Touro Branco amarrou
E uma festa brilhante
Em sua fazenda formou

Tôda moçada chegou
E começaram a dançar
A festa estava animada
De fazer admirar
Quando foi a meia noite
O boi se pôs a falar:

Vocês estão a pensar
De esfacelar o meu crâneo
A vocês quero provar
Que faço tudo instantâneo
Sou raça do gado branco
Do mundo subterrâneo

Não tem um meu conterrâneo
Aqui por este lugar
Agora pra minha terra
Eu pretendo viajar
Ficou o povo com medo
Em tempo de se acabar

Terminando de falar
O Touro Branco soprou
E deu um salto tão grande
Que o mourão arrancou
Tõda cerca do curral
Duma só vez derrubou

O Touro branco exalou
Ficou o povo assombrado
O coronel Clóves Souza
Ficou muito encabulado
Vendeu tôdas as fazendas
Não quiz mais lutar com gado

O vaqueiro Romualdo
Se virou num fazendeiro
A fazenda que ganhou
E cem contos em dinheiro
Deixou de uma sò vez
A profissão de vaqueiro

A procura do dinheiro
Eu também vivo a lutar
Quem me comprar este livro
Não queira a outro emprestar
Responda a seu companheiro
Que o livro custa um cruzeiro
Qualquer um pode comprar

Meus amigos a história
Foi assim que aconteceu
Sempre gostei da Verdade
Isto ensino ao filho meu
Leitores, quem duvidar
Vá agora perguntar
Ao meu irmão que morreu

FIM

Este romance foi escrito em março de 1957 e publicado em 10 de abril de 1972

ESTÓRIA DO PEIXE, O HOMEM E A RAPOSA

Vou contar mais uma lenda
Porque assim me convem
Não boto neste este título
Que em outro livro jà tem
Sò dava certo se fosse
O Mal em Paga do Bem

Certa vez um homem ia
Por um deserto caminho
Passando num rio sêco
Foi avistando um peixinho
Na lama quase morrendo
Num sofrimento mesquinho

O homem penalizado
Pegou o peixinho e levou
Num poço fundo que tinha
Ele o peixinho atirou
E seguiu sua viagem
De nada mais se lembrou

Era um tempo de sêca
O sol queria queimar
A todo e qualquer vivente
O homem foi procurar
Aonde ganhar dinheiro
Pra depois tornar voltar

Com pouco tempo choveu
O homem pois-se a vechar
Dizendo: vou pra minha casa
Minhas verduras plantar
Diretamente pra casa
O homem tornou a voltar

Botou um saco nas costas
Voltou no mesmo caminho
Chegando no mesmo rio
Que ele soltou o peixinho
Estava de canto a canto
Porque estava cheinho

Ficou ele imaginando
Como devia passar
Quando apareceu um peixe
Tão grande de admirar
E gritou: porque imagina
Quer o rio atravessar?

O homem lhe disse: quero
O peixe penalisado
Disse: monte em minhas costas
Que o levo pra o outro lado
Disse o homem: Deus me livre
Você me mata afogado

O peixe lhe disse: homem
Você sabe quem sou eu?
O homem lhe disse: não
O peixe lhe respondeu
Quero lhe fazer o bem
Porque sou amigo seu

Eu sou aquele peixinho
Que estava me batendo
Numa lama aqui do rio
Você passou foi me vendo
Pelo seu bom coração
Logo foi me socorrendo

Me Jogou no poço fundo
Que muita àgua eu bebi
Sò por causa de você
Que de sêde eu não morri
Para lhe recompensar
Esperando estou aqui

Com a conversa do peixe
O homem se confiou
Aquele tão grande peixe
Na beira dágua encostou
Disse: monte em minhas costas
E o homem se montou.

O peixe saiu nadando
De rio a baixo descendo
O homem desconfiado
Para o peixe foi dizendo:
Você vai pra cachoeira
Pelo jeito que estou vendo

Disse o peixe: è lá mesmo
Você terà que morrer
Pelo bem que me fizeste
Agora vou lhe comer
O pobre homem de medo
Começou logo a tremer

Disse o homem: meu amigo
A lei assim não convem
Poderà pagar com o mal
Aquele que faz o bem?
Isto não pode está certo
Nem aqui e nem além

Disse o peixe: é lei dos homens
Não è lei de animal
Que todos que faz o bem
O homem paga com o mal,
O homem disse: eu protesto
Esta lei descomunal

Disse o peixe: eu vou provar
Não tem porque nem porèm
3 viventes que encontrarmos
Perguntaremos tambèm
Lhe soltarei se um disser
Que paga o bem com o bem

E descendo rio abaixo
Um velho cão avistaram
Bebendo àgua no rio
Eles pra junto chegaram
A ele deram bom dia
E assim lhe perguntaram

Então amigo cachorro
Que está sò sem alguèm
Sozinho neste deserto
Sofrendo não sei por quem
Num caso de pagamento
Com que è que paga o bem?

Disse o cachorro: eu só sei
Que quando eu era moderno
Trabalhava pra meu dono
No verão e no inverno
Agora como estou velho
Me mandou ir pra o inferno

Vivo aqui passando fome
Sem achar o que comer
Bebo àgua neste rio
Sinto meu corpo tremer
Pelo jeito que estou vendo
De fome aqui vou morrer

O peixe disse: está vendo?
Sò faltam duas somente
Se disser como este cão
E não pensar diferente
Você vai a cachoeira
E vai entrar no meu dente

E desceram rio a baixo
Foram adiante avistando
Um cavalo velho magro
Que estava ali cochilando
Eles chegaram pra perto
Assim foram perguntando:

Meu amigo se você
Recebesse de alguem
Um tão grande beneficio
Ou aqui ou mesmo alèm
Se você fosse pagar
Com que pagaria o bem?

Disse o cavalo: o que sei
No tempo que eu era forte
Trabalhei para o meu amo
Pois era o melhor transporte
Hoje estou velho e doente
Esperando pela morte

Quando eu vou na porta dele
Ele não quer nem me ver
Manda meter-me o chicote
Me bota para correr
Pra bem longe de seu pasto
Pra seu capim não comer

O peixe disse: está vendo
Que não estou iludido?
Pois assim è lei dos homens
Daquele mais compreendido
Só falta um pra você
Por mim ser morto e comido

O homem naquele instante
Se valeu da oração
Dizendo valha me Deus
E a virgem da Conceição
Salve-me deste inimigo
Pela sagrada paixão

Desceram de rio abaixo
Muito adiante avistaram
Uma raposa bebendo
Eles pra perto chegaram
Com que se pagava o bem
A raposa perguntaram

A raposa disse: o que?
Eu não estou escutando,
Com que è que paga o bem?
O peixe foi replicando
Disse a raposa: eu sou surda
Venha perto e vá falando

Pra falar com a raposa
O peixe muito encostou
Na berada do barranco
O homem fora saltou
Disse o peixe um palavrão
E dali se retirou

O homem disse a raposa:
Muito obrigado amiguinha
Você salvou minha vida
Desta hora tão mesquinha
Vá amanhã là em casa
Que darei-te uma galinha

Disse a raposa: pois não
No mesmo canto ficou
E o homem foi embora
Alegre que escapou,
No outro dia a raposa
Na casa dele chegou

Com que è que paga o bem?
A raposa foi falando
Se paga o bem è com o bem
O homem foi replicando
Uma galinha bem gorda
A ela foi entregando

A raposa foi embora
No outro dia chegou
Com que é que paga o bem?
Ela ao homem perguntou
O homem outra galinha
Para a raposa entregou

E assim continuando
A raposa todo dia
Ía buscar uma galinha
Com as colegas comia
Atè acabou as galinhas
Que o homem possuia

Um dia o homem chegou
Duma roça muito alèm
Cansado, com fome e sêde
E encarvoado tambem
Chegou a raposa e gritou:
Com que è que paga o bem?

Se paga o bem è assim,
Gritou o cachorro: Vorás
Pegue esta "fila da ponte"
E mostre como se faz
A raposa saiu "doida"
E o cão correu atraz
A raposa na carreira
Corria mais que um trem
E o cachorro átraz dela
Não atendia a ninguem
Nunca mais foi perguntar
Com que se pagava o bem

FIM

ESTÓRIA DO PAVÃO ENCANTADO

O amor è uma semente
Que nasce no coração
Suas folhas è o ciúme,
Suas flores é a paixão,
Seus frutos é a saudade
Que mata qualquer cristão

Por esta justa razão
O coração amador
Enfrenta aqui neste mundo
Seja que perigo for
Nunca houve quem quebrasse
As correntes do amor

No reino das Tres Lagoas
Tinha um rei muito falado
Que governava esse reino
Com carinho e com agrado
Os habitantes dali
Vivia tudo a seu lado

Henrique Vilar Simões
Chamava-se o rei então
Casado com uma princesa
De bondoso coração
Tão linda igual uma rosa
Das roseiras de Sião

Com um ano de casada
A princesa deu a luz
Um principezinho tão lindo
Branco dos olhos azuis
Quem o visse comparava
Com o menino Jesus

Foi a maior alegria
Naquele reino florido
Pois o palácio real
Tinha sido enriquecido
Com o nascimento do principe
Pelos seus pais tão querido

No primeiro aniversàrio
Do princepezinho fez prazer
O reinado todo em festa
Para todo mundo ver
Comida pra todo canto
Bebida pra escolher

Foi continuando assim
Quando o principe completava
Mais um ano de existencia
O monarca decretava
Uma festa em todo reino
E assim continuava

No oitavo aniversário
Como era acostumado
O rei decretou a festa
Em todo aquele reino
Homenagiando o principe
O seu filhinho estimado

Convidou todas as fadas
Para o palacio real
queria fazer uma festa
Para todo pessoal
Dizer que naquele reino
Nunca houve outra igual

No meio desse festejo
O povo estava dançando
Banda de musica tocava
E as fadas recitando
Lindos poemas que os tristes
Iam logo se alegrando

Estavam todos contentes
Quando uma velha entrou
Feia mais do que a morte
Por esta forma falou:
Venho aqui por conta própria
Pois ninguem me convidou

Já que ninguem me chamou
Eu vou mostrar meu brasão
Quero provar que não tem
Quem impeça minha ação
O que eu faço com o pé
Ninguem desmancha com a mão

Disse umas palavras magicas
E para o principe apontou
E o principe num pavão
Ligeiro se transformou
E logo pela janela
Bateu asas e voou

O povo ficou imóvel
Quando isto aconteceu
A rainha deu um desmaio
Ali no chão se estendeu
E a bruxa feiticeira
Dali desapareceu

O rei quando viu o filho
Num pavão se transformar
E voar pela janela
Sem ele poder pegar
Ali caiu desmaiado
Sem poder se levantar

Com 4 ou 5 minutos
A rainha melhorou
O rei Henrique tambem
Na hora se levantou
Chegaram ali 12 fadas
O rei as interrogou

Queridas fadas respondam
O que vem ser tudo isso
Elas disseram ao monarca
É a força do feitiço
Da Bruxa Preta Vovó
Que fez o maior enguiço

Minhas fadas me respondam
Qual será a solução
Pra desencantar meu filho
Que se virou num pavão
Como eu salvo meu filho
Corda do meu coração

Disse uma fada: senhor
Está difato um problema
Dificil de resolver
Este tão grave dilema
Nós todas não temos força
Pra dar conta deste tema

Quem encantou vosso filho
Na bruxaria esta sò
Tem mais de quinhentos anos
É a bruxa Preta Vovó
Não existe quem desate
Quando ela dá um nó

Nòs aqui as 12 fadas
Agora è que vamos ver
Que jeito é que vamos dar
Para o principe não morrer
E um dia ele de volta
A majestade obter

Pegando seu talismã
Direitinho examinou
E a vara de condão
Por cima dela encruzou
Sua real majestade
A fada velha falou

Pra desencantar o principe
Existe uma solução
Só de hoje a 12 anos
Desencantará o pavão
Uma moça camponesa
Filha d'outra região

Ainda tem uma coisa
Quando ela desencantar
É obrigada com ele
Essa donzela casar
Pois do contrario em pavão
Ele torna se encantar

Disse o rei: esta direito
Pra salvar minha aflição
A moça que desencante
Meu filho do coração
Para se casar com ele
Eu darei a permissão

E assim continuou
Esta noticia a espalhar-se
Qualquer moça que o pavão
Encantado ali pegasse
Casaria-se com o principe
Se ele desencantasse

As moças desse reinado
Não tinham tempo a perder
Para casar com o principe
E a riqueza obter
Quando avistava um pavão
Iam logo atras correr

E assim continuou
Este serviço pesado
Não ficou pavão por perto
Que não fosse agarrado
Pela moçada pensando
De ser o pavão encantado

Em outro reino distante
Residia um camponês
Em uma mata deserta
De filhas só tinha tres
Eram Joana Maria,
Antonieta e Inês

Maria sendo a mais nova
Era sempre a mais esperta
Até a palavra das tres
A de Maria a mais certa
Quem a visse admirava
Nessa montanha deserta

Certa vez saiu Maria
As ovelhas pastorar
Quando ouviu em uma arvore
Um lindo pavão cantar
Com um canto tão saudoso
Que fez ela admirar

Maria ficou parada
Ouvindo naquela hora
O canto daquela ave
Desta vez quase que chora
O pavão foi vendo ela
Bateu asa e foi embora

Quando foi no outro dia
Ela tornou a passar
Foi avistando o pavão
Ali no mesmo lugar
Cantando um canto penoso
Maria pôs a chorar

Maria chegou pra perto
E o pavão continuou
Cantando seu belo hino
A moça se aproximou
Quando foi para pegar
Novamente ele voou

Maria ficou pensando
Que pavão seria aquele
Devido tanta beleza
Apaixonou-se por ele
Se o pavão era bonito
Inda mais o canto dele

Maria ficou pensando
Naquele pavão dali
Não falou para ninguem
Mas não pôde resistir
Passou a noite acordada
Porque não pôde dormir

Quando foi no outro dia
Ela foi de novamente
Pastorar suas ovelhas
Se mostrando bem contente
Mas não tirava o pavão
Martelando sua mente

Passando na mesma arvore
De novo o pavão cantou
Ela foi devagarinho
Até que aproximou
Quando foi passando a mão
Ele outra vez voou

Maria voltou pra casa
Tristonha quase a chorar
Porque aquele pavão
Ela não pôde pegar
Chegando em casa a ninguém
Ela confiou contar

Até que um certo dia
O pavão estava cantando
Maria foi a vagar
Sem ele está esperando
Deu um pulo em cima dele
E logo foi o agarrando

Quando ela pegou o pavão
Foi a maior alegria
Passava a mão pelas penas
De tão contente sorria
Dizendo: meu lindo pássaro
Hoje chegou o teu dia

Vou levar pra minha casa
Só pra eu ouvir cantar
Passando a mão na cabeça
Continuou alisar
Um espinho de larangeira
No pavão pôde encontrar

Ela puxando o espinho
O pavão deu um gemido
E disse: minha querida
Fui por ti favorecido
Mas agora vou voltar
Pra casa de pai querido

Porque de hoje a tres dias
Eu vou me desencantar
E você é a escolhida
Para comigo casar
Vou dar-te uma lembrança
Para de mim se lembrar

Tirou uma pena da cauda
A Maria logo deu
Com seu nome por extêncio
Ela logo recebeu
Naquele mesmo momento
Ele desapareceu

No reino das Tres Lagoas
Ligeiro o principe chegou
Lá no palácio real
Logo ao rei se apresentou
O rei chorando de alegre
Com ele se abraçou

Também chegou a rainha
Com a maior alegria
Abraçou o seu filhinho
Que a doze anos não via
Matando a grande saudade
Que a muito tempo sofria

O rei bastante contente
Por ver o filho estimado
Que a doze anos estava
Em um pavão transformado
Decretou um mês inteiro
De festa em todo reinado

Depois de todo festejo
Foi ao filho perguntar
Como foi que aconteceu
Pra ele tornar voltar
Quem teve a felicidade
Do principe desencantar

Disse ele: foi u'a moça
Que mora na cordilheira
Onde eu vivia encantado
Nessa montanha fagueira
Puxando de minha cabeça
Um espinho de laranjeira

Eu dei uma pena a ela
Com o meu nome assinado
E disse a ela que um dia
Com ela era esposado
Mas só depois que eu viesse
Neste meu belo reinado

O rei baixou um decreto
Por toda aquela nação
Que aparecesse a moça
Que desencantou o pavão
Que era o principe encantado
Por ente sem coração

Quem desencantou seu filho
Queria gratificar
Dando ele em casamento
Para com ela casar
Os jornais por toda parte
Começaram anunciar

Ai correu a noticia
Por toda aquela nação
As moças corriam atras
Pegavam qualquer pavão
E tiravam as penas dele
Para vencer na questão

Um pavão custou dinheiro
De fazer admirar
Para tirar todas penas
E a moçada comprar
Pra no palácio real
Cada ir se apresentar

Chegava lá no palácio
Grandiosa multidão
De moças de todo canto
Saltavam da lotação
Cada uma apresentava
Uma pena de pavão

Cem até duzentas penas
O rei pegava na hora
Olhava de uma a uma
Isto sem haver demora
Não tinha o nome do principe
Mandava todas ir embora

Assim foi descabriando
Todas moças do reinado
Até que esta noticia
Pra todas era um enfado
De casar com esse príncipe
O ex-pavão encantado

As moças lá no palácio
Não quizeram mais chegar
Mandar os guardas pros campos
O rei pôde imaginar
Pra ver se a moça da pena
Por lá podia encontrar

Sairam mais de cem guardas
Por ordem da majestade
Para procurar a moça
Que teve a felicidade
De desencantar o pavão
Essa maior caridade

Em toda casa da roça
Chegava um guarda afinal
Quantas moças tinha na casa
Tomava nota legal
Pra todas ir a presença
Da majestade real

Assim todas camponesas
Iam a presença do rei
Para responder as perguntas
Que difato era a lei
Tudo o que o rei perguntava
Só respondiam: não sei

Continuando o serviço
Quando foi um certo dia
Um guarda real chegou
Num rancho que existia
Em um deserto de horror
Onde morava Maria

O guarda disse: ò de casa
A familia entristeceu
O velho pai de Maria
Naquele instante correu
Gritando meu Bom Jesus
O que é que faço eu

O guarda disse: meu velho
Não precisa correr não
Eu não venho lhe bater
E nem botar na prisão
Apenas sou emissário
Do rei de nossa Nação

A muito custo o velhinho
Com muito medo voltou
O guarda bem direitinho
Ao velho tudo explicou
Do principio até o fim
E toda historia contou

O guarda disse: meu velho
O rei quer gratificar
A moça que o pavão
Ela fez desencantar
Quer saber quem serà ela
Para com o principe casar

Quantas filhas você tem?
O guarda lhe perguntou
Tenho, tenho, tenho tres
O velho assim gaguejou
Como são os nomes delas?
O guarda lhe interrogou

O velho morto de medo
Que o seu corpo tremia
Foi dizendo: meu sinhô
Não carregue minhas fia
O nome é: Antoniêta
Inês e Joana Maria

Meu nome è Mané Timbó
Minha véia Chica Preá
Meu pai, Chico Gavião
Minha mãe, Zefa Sabiá
Fia de Ana Curuja
Da serra do indaiá

Disse o guarda: então velhinho
Mande as três moças sair
Para eu ver todas três
Pra poder me dirigir
A majestade real
Contar o que assisti

O velho disse: seu guarda
O sinhor vem outro dia
Proque ela não tem roupa
Nem Inês e nem Maria
As três só tem um vestido
Vive assim nessa agonia

Quando uma veste o vestido
Pra siguir quarquer istrada
Da casa de algum vizinho
Pra ver quarquer batucada
As outra qui não tem ropa
Fica no quarto trancada

Mas hoje deu diferente
Antonieta e Inês
Lavaro o dito vistido
Qui lava de mês em mês
Nem u'a pode sair
Ta trancada todas três

O guarda disse se alegre
Atè já pode sorrir
Que sua grande pobresa
Deixará de existir
Vou buscar bastante roupa
Pra suas filhas vestir

Se despediu do velhinho
Mostrando amor e agrado
Que com três dia voltava
Deixou o velho avisado
Apertou a sua mão
E seguiu para o reinado

O guarda foi ao palácio
E contou a novidade
Que encontrou uma familia
Em grande necessidade
Sem ter roupa para ir
Pra falar com a majestade

O rei mandou muita roupa
E sapato pra calçar
Depois viessem ao palacio
Para se apresentar
Porque com as três donzelas
O rei queria falar

O guarda chegou na casa
Do pobre velho coitado
Levando um fardo de roupa
Dum tamanho demasiado
E entregou para ele
Com respeito e com agrado

O velho muito contente
Logo aquele fardo abriu
Deu roupa para as três filhas
Todo mundo se vestiu
Depois de estar bem trajadas
Cada uma ali saiu

Eram três morenas lindas
Que o guarda admirou
Maria era a mais nova
O guarda mais se engraçou
A história do pavão
O guarda continuou

Sua majestade real
Deseja agora saber
Qual seria uma donzela
Que teve o grande poder
De desencantar seu filho
Que vivia a padecer

Vivia êle encantado
Em um bonito pavão
Pelo poder duma bruxa
Perversa sem coração
Agora desencantou-se
Foi grande a satisfação

E procura essa moça
Por todo e qualquer lugar
Que teve a felicidade
Do pavão desencantar
Para leva-la ao palácio
E com principe casar

Maria disse: foi eu
Que esse pavão encontrei
Cantando em uma àrvore
E eu me aproximei
Andando de vagarinho
Até que sempre o peguei

Passando a mão na cabeça
Desse lindo passarinho
Vi espinhar minha mão
Eu tornei de vagarinho
Descobri que na cabeça
Tinha ele um grande espinho

Quando puxei o espinho
Aquele pavão gemeu
Tirou uma pena da cauda
Naquele instante me deu
Bateu asa foi embora
Dali desapareceu

O guarda quase que cai
Quando isto tudo escutou
E você tem esta pena?
A Maria perguntou
Tenho sim, respondeu ela
Entrou là dentro e a panhou

Quando ela trouxe a pena
Que o guarda foi olhar
Viu escrito sobre ela
Henrique Junior Vilar
Disse o guarda: é você mesma
Que o rei deseja encontrar

Ja descobri o mistério
Um tudo agora ja sei
Vou de novo no reinado
Dizer o que encontrei
Trazer uma carroagem
Pra ir a nora do rei

O guarda foi ao palacio
Sentindo grande emoção
Foi contando a majestade
Que em certa região
Tinha encontrado a donzela
Que desencantou o pavão

O rei naquele momento
Mandou uma carroagem
Para ia buscar a donzela
O guarda com bem coragem
Voltou pra buscar Maria
Apreciando a paisagem

Então na casa do velho
Assim que o guarda chegou
Aquela familia toda
Na carroagem botou
Para o palácio real
A carroagem voltou

Quando chegou no palacio
Que o rei viu a fraquesa
Daquela pobre familia
Pois era grande a pobresa
Pensou que devia o principe
Se casar com uma princesa

Consigo o monarca disse:
Não poderá ir avante
Eu ir casar o meu filho
Com u'a moça ignorante
Uma tabaroa desta
Pensou ele aquele instante

Eu vou resolver assim
Eu chamo o velho atenção
Só eu e ele num quarto
E faço a proposta então
Que em vez do casamento
Dou em dinheiro 1 milhão

Com certeza ele e ela
Vão o dinheiro aceitar
Depois levo os dois ao publico
Pra ambos anunciar
Que a moça com o principe
Não aceitou se casar

E assim mesmo ele fez
Chamou o velho e explicou
O velho chamou a filha
Na hora participou
Pra receber o dinheiro
O velho logo aceitou

Maria aquela proposta
Doeu no seu coração
Queria casar com o principe
Aquele antigo pavão
Que ela sentia por ele
A mais ardente paixão

Porém o pai aceitou
Nada podia fazer
Contra a proposta do rei
Nada podia dizer
Seu coração nessa hora
Quase pàra de bater

O rei mandou reunir
Todo povo popular
Com princesa, principe e duque
Para ouvir Maria falar
Qual o motivo que ela
Não queria se casar

Todo povo aglomerado
Maria ali foi chegando
E disse assim: meus senhores,
Mas o rei foi acenando
Mandando parar, que ouviu
O telefone chamando

Maria ficou calada
O rei foi logo atender
Botando o fone no ouvido
Ouviu uma voz dizer:
Socorro,! socorro, gente!
Que o principe vai morrer

Está soltando gemidos
Que faz até compaixão
Já està nascendo pena
E cauda como pavão
Parece que desta vez
Vai virar-se em gavião

O rei falou para o povo
Foi o maior rebuliço
Mandou chamar logo as fadas
Para ver aquele inguiço
Se a Bruxa Preta Vovó
Continuava o feitiço

Chegaram as fadas depressa
No meio da multidão
Encontraram logo o príncipe
Naquele nobre salão
Transformado quase todo
No mesmo antigo pavão

O rei disse: minhas fadas
Como eu devo evitar
De meu filho num pavão
Ir novamente encantar
O que eu devo fazer
Para ele não voar?

Disseram as fadas pra o rei:
É crítica a situação
Nós dissemos no principio
Vós não nos deste atenção
Se não casar com esta moça
Morrerá como pavão

Vós fizeste uma tragédia
Diretamente pra o mal
Não querendo que a moça
Entre em familia real
Porque ela è camponesa
Não tem sangue imperial

Se não casar ele agora
Perder esta ocasião
Vai ver ele ir pra floresta
Transformado num pavão
Para salvar o seu filho
É a única solução.

O rei naquele momento
Mandou logo anunciar
Que a moça com seu filho
Resolveu a se casar
Mandou chamar o Juiz
Para se realisar

Com dez ou quinze minutos
O Juiz ali chegou
E aquele casamento
Logo se realisou
O povo todo contente
A festa continuou

O principe quando disseram
Que ele ia se casar
Com a moça camponesa
Começou se melhorar
Voltou logo a forma humana
Não quiz mais se transformar

Foi uma festa animada
Naquele mesmo momento
O povo todo dançando
Com todo contentamento
Até o rei recitava
Sem nenhum constrangimento

As fadas diziam versos
Com tão forte inspiração
Que parecia que o povo
Picava alto do chão
Relativo aquele principe
Quando ele era um pavão

E a bruxa quando soube
Que o principe desencantou-se
Com a linda camponesa
Naquele dia casou-se
Deu um pulo e deu um grito
Caiu no chão acabou-se

Maria casou com o principe
Foi viver muito feliz
Se tornou naquele reino
Inspirada imperatriz
Levando sempre a pobreza
Vestido, pão em defeza
A sua sorte assim quiz.

FIM

Itabuna 1º de janeiro de 1975

AS TERRAS DE SÃO SURUÊ

Saí pelo mundo a fora
Pra arguma coisa vim ter
Pois nas terras onde morava
Não me agradava o viver
Pruque a fome era tanta
Qu eu só fartava morrer

Passando in São Suruê
Vi coisa qui si admira
Prantá mio in lajêdo
Da bom qui a ispiga vira
Não gosto disso contà
Pruque parece mintira

Mandioca in São Suruê
Prantada sigunda-fêra
Têça-fêra tá madura
Parece inté brincadêra
Com três dia indiante
Jà se come machêra

Qüento, cebôla e artelão
E a tal pimenta de chero
Pranta fruta de manhã
De tarde já dá tempeiro
Nunca vi terra danada
Pra dá ligume ligeiro

Os porco in São Suruê
Aqueles mais miudinho
Se mede sessenta parmo
Da rabada pru fucinho
Dá cem arrôba de carne
E duzentas de toucinho

Galinha in São Suruê
Sem querer disagerá
Pra pegar uma galinha
É com corda de laçà
Quando da pra remeter
É mais do que marruá

Um boi in São Suruê
As hunha é como jumento
Da cem metro de altura
Quinhentos de cumprimento
Um couro dum boi daqueles
Cobre dez apartamento

Um chifre dum boi daquele
A gente quase não crer
Cabe cem litros de pò
Para todo mundo ver
E só da uma cherada
Pra um véio in São Suruê

Arroz in São Suruê
É de chamar atenção
Cada pé da trinta caixa
Qui faz admiração
Cada carôço de arroz
Enche quatro caminhão

É coisa de admirar
Maxixe in São Suruê
Isconde um home ditraz
Quem tá na frente não ver
O maxixi mais piqueno
Enche quatro F N M

Quiabo in São Suruê
Êsse aí nasce é atôa
O quiabo mais piqueno
Se botá numa canôa
Passa dez metro na poupa
E passa dez cá na proa

São Suruê é a terra
Quí o pobre pode viver
Pranta dinheiro meio dia
De tarde pega nascer
No outro dia cedinho
Jà tem nota pra cuiê

Terra de São Suruê
Um home vale por dez
Lá se vê pè de dinheiro
Carregado de papéis
O chão istá feito lama
De nota de cem minréis

Terra de São Suruê
É a terra da fartura
Pranta fruta de manhã
De tarde come madura
Tem serra de requejão
E morro de rapadura

Nos rios de São Suruê
Só se pesca de levada
Camarão mata de tiro
Piaba de cacetada
A piaba mais piquena
Mata um home na quexada

Nas rua de São Suruê
Corre dois rio de leite
Nota de conto de rèis
Nas porta serve é de infeite
Nasce no pé duma serra
Um riacho de azeite

Menino in São Suruê
É um bucado ingraçado
Menino nasce de noite
De manhã já tá barbado
Meio dia arranja a noiva
De tarde jà tà casado

As môça in São Suruê
Faz intè adimirá
Se namora de manhã
De tarde tem de casá
No outro dia tem fio
Só cabêlo de preà

Minina in São Suruê
Faz graça a gente contá
Minina nasce de noite
De manhã quer namorá
In antes do sol se pôr
É obrigado a casà

In São Suruê as môça
É que pede o casamento
E compra para o rapaz
Todo seu aprontamento
De chapèu, roupa e sapato
No maior contentamento

As véa in São Suruê
É um serviço pesado
Com noventa e cinco anos
Se lembrando do passado
Inda arranja numa festa
Vinte, trinta namorado

Um home in São Suruê
Tem qui ser bom no trabaio
Pra sustemtar dez muié
Casando no mêz de maio
Quando for no mez de junho
Ter mais de trinta quebra-gaio

Terra de São Suruê
É qui é terra qui presta
Ali tem tanta muiè
Qui bate testa com testa
Quando u'a muié morre
O home faz u'a festa

Terra de São Suruê
Tudo bom, tudo é dimais
De noite nasce um menino
De manhã já é rapaz
Vai da um passeio nas rua
In casa não vorta mais

Pois lá in São Suruê
Vi coisa de admirá
Riqueza qui pouca gente
É capaz de acreditar
Agora vancês pregunta
Pruque não fiquei por là?

Pruque là tem um decreto
Qui não é bom nem falá
Muié là pare dez fios
Home è quem da dimamá
E por isso eu cai fora
Um jumento è quem vai lá

Quem não comprar êste livro
Uma coisa eu vou dizer
Vai ganhar tanto dinheiro
Que de fome vai morrer
Dando dimamar nenino
Nascido em São Suruê

FIM

TEMAS SOCIAIS, ECONÔMICOS, POLÍTICOS E JORNALÍSTICOS

HISTÓRIA DO BOI LADRÃO E O DELEGADO FIEL

Existia um fazendeiro
Por nome Pedro Simão
Que tinha quinze fazendas
Lá nas zonas do sertão,
Era o mais rico dali,
Do sertão do Piauí,
Na fazenda São João.

Pertinho dele morava
Um pobre por natureza
Vivendo ali da lavoura,
Numa tremenda pobreza
Plantando milho e feijão
Mandioca e pouco algodão,
Devido a grande fraqueza.

Um dia, o pobre velhinho,
Cêdo na roça chegou,
Um boi de Pedro Simão
Dentro da roça encontrou,
Ele botou para fora
E ali sem ter demora
Toda cerca endireitou.

Ele voltou para casa
No outro dia cedinho
Quando ele chegou na roça
Estava o boi do vizinho
Devorando a plantação,
De todo milho e feijão
Só deixou muito pouquinho.

Ele botou para fora
E a cerca endireitou,
Tapou direito o buraco
No lugar que o boi entrou,
O tal boi sem compaixão
A metade do feijão
Daquela vez devorou.

Botou de novo pra fora
O velho sem se aguentar
Aquela persiguição,
Não poude mas suportar
Pra casa do fazendeiro
Seguiu o velho ligeiro
Foi logo participar.

O velho chegando lá
Falou por esta razão:
Seja o senhor sabedor
Coronel Pedro Simão
Lá em minha roça um boi seu
Meu feijão todo comeu
Que faz até compaixão.

Endireitei toda cerca,
Mas ele tornou arrombar
Endireitei outra vez
Ele tornou derrubar,
Eu vim dizer ao senhor
Como homem de valor
Para ver que geito dar.

Não tenho geito pra dar,
Respondeu o fazendeiro,
Você lá que se arrume
Que eu não sou o cruzeiro,
Pra você vim se queixar,
Vá a cerca endireitar
Que é o cálculo certeiro.

Disse o pobre: coronel,
Não posso mais suportar
Que quando endireito a cerca
Ele torna derrubar,
Meu feijão, todo e meu milho,
Este maldito novilho
Já está para acabar.

Respondeu o fazendeiro:
Bastantemente zangado
Você lá que dê seu geito,
Que o meu já está dado,
Quem se muda é o freguez
Que sente por sua vez
Que está incomodado.

O pobre saiu dali
Com uma dor no coração
Pensando como fazia
Com aquele boi ladrão,
Que lhe deu o prejuiso
Saiu ardendo o juizo
Sem achar consolação.

Chegando perto de casa
Lhe veio um plano acertado,
Disse ele: tem um geito,
Vou dar parte ao Delegado,
As nove horas do dia
Seguiu pra delegacia
Bastantemente veixado.

Chegou na delegacia,
Ao Delegado salvou,
Ele mandou se sentar
O velho logo sentou
Descansou bem a memoria
Do principio da historia
Ao Delegado contou.

O Delegado notou
Que o velho tinha razão,
Que aquele fazendeiro
Devia ter compaixão
Da miséria de um pobre
Porque sempre que é nobre
Engole até seu irmão

Volte, vá pra casa,
Disse assim o Delegado,
Chegando lá em sua roça
Se o boi tiver entrado
Dê logo um tiro certeiro
Nesse boi do fazendeiro
E deixe lá estirado.

O velho voltou pra casa
Quando esta voz escutou,
Chegando pegou a espingarda
Bem direito carregou.
Quando foi no outro dia
Bem cêdo ele rompia,
O boi na roça encontrou.

O velho ficou irado
Assim que foi avistando
O boi dentro de sua roça,
As plantações devorando
Dísse o velho: a hora é esta
Deu-lhe um tiro na testa
Foi o malvado rolando.

O velho voltou pra casa
E ficou bem a vontade
O fazendeiro que soube
Da extranha novidade
Nessa hora disse ele:
Vou fazer a cama dele
É hoje lá na cidade.

E seguiu para a cidade
Bastantemente zangado,
Foi logo a delegacia
Conversou com o Delegado
Toda historia contou:
Que o seu vizinho matou
O seu boi mais estimado.

Mas o que está dizendo?
O Delegado falou,
Está dito, disse ele:
O meu vizinho atirou
Em meu boi, em sua roça
De dentro de sua choça
Ele atirou e matou.

Nessa hora o Delegado
Mandou ao pobre intimar
Para na delegacia
As dez horas se achar
E viesse sem demora
Se não chegasse na hora
A policia ia buscar.

As nove horas e meia
O pobre velho chegou
Foi cumprimentando a todos
Numa cadeira sentou,
Então me conte, velhinho
Sobre o boi do seu vizinho
Que diz que você matou.

Saiba vossa senhoria,
Respondeu nesta razão,
Que o boi deste vizinho
Devorou minha plantação,
Me deu tanto prejuízo
Só não perdí meu juízo
Por ter resignação.

Não tenho nada com isso,
Não tem de quem se queixar,
Você matou o boi do homem,
Porisso tem de pagar
Para não ser desordeiro
E mandou o fazendeiro
O seu dinheiro cobrar.

Naquele tempo passado,
Um boi pra ser cem mil réis
Só se desse vinte arrobas,
Ser pesado até os pés
O fazendeiro infiel
Com seu orgulho cruel
Cobrou duzentos e dez.

O pobre ficou chorando
Porque não tinha o apurado,
Se não pagar hoje mesmo
Disse ainda o Delegado:
O senhor tem que sofrer,
Vai bastante padecer
Porque vai ser processado.

O pobre saiu chorando,
Com um compadre falou,
O compadre teve pena
E o dinheiro arranjou
O pobre voltou ligeiro,
Foi chegando ao fazendeiro
Todo dinheiro pagou.

Ficou ele muito alegre,
Poz-se o dinheiro a contar
Então disse o Delegado:
Agora vou lhe explicar,
O prejuízo do pobre
O senhor por ser mais nobre
Agora tem que pagar.

Isto ele achou ruim
Que o Delegado falou,
Quanto custa o prejuízo?
Ele ao pobre perguntou,
Custa quinhentos mil réis
Por menos nem um deréis
O pobre assim se expressou.

Você é doido? rapaz!
Disse ele admirado,
O senhor tem de pagar,
Respondeu o Delegado:
Pois o senhor não gostou
Quando ele lhe pagou
O seu dinheiro inteirado?

Aí quinhentos mil réis
Ele teve de pagar
Ficou logo o boi de graça,
Foi o pobre aproveitar
Trezentos mil réis ao lado
Foi o melhor Delegado,
Que soube tudo traçar.

FIM

ABC DE LAMPEÃO ESCRITO PELO SEU PROPRIO PUNHO

Estes versos escriptos pelo próprio punho de Lampeão e que foram encontrados pela força volante do comandante Bizerra, que o assassínôu, nas coisas pertencentes a sua amàsia María Bonita, bem provam que o bandido sabia ler e escrever regularmente. Dizem que Lampeão foi aluno de um colegio em Maceiò de onde sahíu por ocasiâo do assassinato do seu pai, entrando depois para a escola do cangaço.

Tipografia Popular
Aracaju Sergipe

A

"Ama a Deus" sempre dizia
O bom padre Belchior.
Isto diz meu Cathecismo,
(Que eu sei todinho de cór)
Amo a Deus elle é grande,
O matto é muito maior.

B

Bem fazer, dízem os santos
Eleva a gente pro cèo,
Livra a gente do perigo,
Livra a gente do escarcèo,
E vejo os que são bondosos
Cahiram no meu mundéo.

C

Combino — Deus se é grande;
Bom, milagroso, clemente,
Podendo ajudar ao povo
Com um poder Onipotente...
Mas tem tanto o que fazer
Que se esquece da gente.

D

Dar sempre, nunca apanhar
(Eis o meu grande segredo),
Se sempre desconfiado,
Ter cautela nunca medo,
Sendo a vida um caso serio
Não fazer dela um brinquedo.

E

É certa a fama que gozo
De ser furor dos sertões,
Mas no Brasil ainda existem
Muitos outros Lampeões,
Que vão devastando tudo
Quaes medonhos furacões.

F

Fui bom, sofri mil tormentos
Passei torturas sem fim,
Não encontrei um vivente
Que se doesse de mim.
Era a maior das misèrias
Ter eu uma vida assim.

G

Gastei toda paciencia
Só em fazer peditòrios,
A Deus, a todos os santos,
Em egreja e oratòrios,
— Só me vieram milagres
De efeito contraditòrios

H

Hoje creio puramente
Em mim, no meu bacamarte,
Nas outras armas que tenho
Na minha destreza e arte,
Nos meus leaes companheiros
— Amigos em qualquer parte.

I

Inimigo sei que os tenho
Mas para mim são bobagem,
Atè hoje ainda ignoro
Se a Policia tem coragem,
Toda vez que me procura
Se esculhamba na viagem

J

Jurei de nunca ser prezo,
Nunca fui, nunca serei,
Morro cravado de balas,
Mas nunca me entregarei
A estes torpes bandidos
Que não conhecem a lei.

K

Kilometros aos cem, aos milheiros
Percorro a pé ou montado,
E chego calmo e sem medo,
A qualquer villa ou povoado,
Prendo os chefões do logar
Deixo tudo saquiado.

L

Lembro o facto mais terrivel
Da história da minha vida,
Foi quando perdi meu pae,
Oh lembrança dolorida!
Ainda hoje conservo
No coração a ferida.

M

Minha hістòria vou contar:
Meu pai foi assassinado
(Quando eu era ainda rapaz)
Por um mísero malvado,
Por facto tão monstruoso
Fiquei quase allucinado.

N

Não pensei logo em vingança
A Justiça recorri,
Para séde da comarca
Confiante então parti,
Ao Promotor e ao Juiz
Roguei, implorei pedi.

O

O Juiz me garantiu
Punir o vil criminoso,
E o Delegado também
Mostrou se bem rancoroso,
Jurando dar providência,
A crime tão monstruoso.

P

Porem o tempo passou-se
E nada de providência!
Sò me diziam: Se acalme
Tenha mais calma e paciência
Para quem matou seu pae
Não haverá dó nem clemencia

Q

Quiz agir por conta própria
E o Juiz me chama e ralha:
—Tudo està em boa marcha,
No processo se atrapalha,
Confie na ação da Justiça
Que tarda mais nunca falha!

R

Recorri a todo mundo
Fui directo a Maceiò,
Mantendo a calma de um santo
E paciencia de Job,
A Justiça se fez surda,
Ninguem de mim teve dò.

S

Sentí que estava enganado...
Não tive mais esperança...
E um impeto forte terrivel,
No meu espírito avança:
—Ante a falta de Justiça,
Exercer minha vingança.

T

Tomei coragem. Chamei
Meu irmão e disse: “Vamos
Matar aquele assassino!”
E dito isto, marchamos
Com tanta felicidade
Que, sem demora, encontramos

U

Um minuto a mais. Em frente
Do assassino a tremer
Nós lhe dissemos: seja homem
Prepare-se para morrer!
Se mil vidas possuisse
Tinha que todas perder!

V

Vibrei-lhe um tiro na testa
E outro no coração.
Deixei-lhe o corpo em retalhos,
Picadinho a facão,
Afora mais punhaladas
Que lhe vibrou meu irmão.

X

Xinguei as autoridades,
Tornei-me um surucucù,
Fiquei um bicho assanhado,
Virei um monstro, um tutú,
Botei um rifle no ombro
Torne-mei malvado e crú!

Y

Yôyô um amigo nosso,
Veio logo me avisar
Que a policia esta prompta
Pra nossa casa cercar,
E recebendo este avizo,
Fui logo me entrincheirar.

Z

Zuniram mais de cem tiros
Mas eu sempre em promptidão,
O meu rifle disparava
Como se fosse um canhão,
E cada tiro que dava
Era um cadaver no chão.

TIL

Tilintei a minha espada,
Fiz mesmo uma desgraceira!
Deixei prostrada por terra
A covarde cabroeira,
Não vi o resto da força
—Virou alcanfor, poeira...

Terminei meu A B C
Estou mais forte na liça;
Mato gente a todo instante,
Quando pàro é por preguiça,
Esta má vida a quem deve
A malfadada Justiça.

A Justiça brasileira
Muito será feliz
Porque só crer no dinheiro
Para sua diretriz!
Ella se oculta p'ro pobre!
Não liga o que elle diz!

Fui Virgulino Ferreira
E porque sou Lampeão?
Si Justiça houvesse eu era
Um pacato cidadão!
Mas não quizeram assim
Pois gemam no meu facão!

Adeus Justiça de borra!
Adeus, polícia gorada!
Só converso com vocês
Com entrevista marcada!
Si querem melhor lembrança,
Dou um adeus de mão fechada!

FIM

A B C DOS TUBARÕES

A

Agora vou escrever
Para todas multidões
Um folhetinho engraçado
Pra todas populações,
A pobreza está queixando
Que está se acabando
Nas presas dos Tubarões

B

Bem sabem caros amigos
Que a pobreza hoje em dia
Não tem mais direito á nada
É sofrendo em denmazia
Só encontra è Tubarão
Pra tomar seu ganha-pão
Ninguem tem mais garantia.

C

Comparo nosso Brazil
Com um verdadeiro mar
E a pobreza sardinha
Que vive sempre a nadar,
Sem ter alimentações
E os grandes Tubarões
Querendo nos devorar.

D

De sempre morre um burguez
Perde a farinha e o feijão
Porque tem muito dinheiro
Só morre de avião,
Eu digo: Já morreu tarde!
Só assim acaba a metade
Do grupo de Tubarão.

E

Eu gosto sempre da morte,
Que tem minha opinião,
Não tem bonito nem feio
Pra ter ela adulação,
Por isso é minha amiguinha
Porque vem mata sardinha
E mata tambem Tubarão.

F

Fiquemos todos atentos
Prestando toda a atenção
Pra escolher um candidato
Agora nessa eleição,
Pra dar um voto seguro
Pra não votar no escuro
Para qualquer Tubarão.

G

Gervasio disse outro dia,
Zangado igual um leão:
Que quem quizer que ele vote
Tem que pagar um dinheirão,
Que ele não é estrada
E nem tão pouco é escada
Para subir tubarão.

H

Ha muito tempo que os homens
Já perderam a retidão,
A gente vota de graça
No tempo da eleição,
Quando é no fim da conta
Encontra faca de ponta
E chute de Tubarão.

I

Iremos ver brevemente
A grande aglomeração,
Promessas e mais promessas
E a grande adulação
Para a pobreza votar
Para depois nos jogar
Na boca do Tubarão.

J

Jamais veremos bondade,
Só vemos desolação,
Qualquer um que fôr eleito
Para chefe da nação,
Imposto tem que aumentar
E o pobre é quem vai chiar
No queixo do Tubarão.

L

Lembramos do que se deu
Que chamou mesmo atenção,
No dia tres de outubro
Aquela grande eleição,
Que gratis fomos votar
E em vez de melhorar
Cada vez mais Tubarão.

M

Meus amigos sertanejos
Plantai muito algodão,
Não se importem com conversa.
Nem promessas de eleição,
Que Deus é quem tem pra dar
E pode nos libertar
Do queixo do Tubarão.

N

Nossos amigos roceiros
Plantai muito feijão,
Plantai banana á vontade,
Batata, abobora e melão.
Para podermos viver
E para nos defender
Das garras do Tubarão.

O

Os nossos proprietarios,
Que teem muita criação,
Criai por lá muito gado
Com toda satisfação
Pra a carestia acabar
E nós poder nos livrar
Dos laços do Tubarão.

P

Pra ser eleito a governo
Ou pra Chefe da Nação,
Todo mundo nos adula,
Nos aperta a nossa mão,
Quando chega no Catête
Quer nos meter o cacête
Vira o pior Tubarão.

Q

Quando alguem quer ser prefeito
Chama toda multidão
E promete logo a todos
Cada qual um avião,
Quando vai pra prefeitura
Essa mesma criatura
Vira maior Tubarão.

R

Reune toda pobreza
Pra fazer a votação
Porém não votem de graça,
Tenham toda precaução,
Mesmo assim tenham cuidado
Pra não serem devorados
Nas presas do Tubarão.

S

Santos do Mont no Brasil
Fêz uma ótima invenção,
Com a sua inteligência
Construiu o avião,
A obra mais importante
E bastante interessante
Para matar Tubarão.

T

Tubarão são nossos amigos
Em antes da eleição
Abraça qualquer matuto
Que esteja com o pé no chão,
Porèm depois desse pleito
Qualquer um que for eleito
É o maior Tubarão.

U

Um eleitor quando vai
Na casa dum cidadão,
Que deu um voto a seu lado
No tempo da eleição
Ele diz: não lhe conheço
E passa o olho travesso
Pior do que Tubarão.

V

Vai dizendo: vagabundo
Você precísa é instrução,
Uma enxada de 3 libras
Num campo experimentação
Pra mandioca plantar,
O pobre sai a xingar
Fica-te aí Tubarão.

X

Xingando, sai o eleitor,
Dizendo nesta razão:
Enquanto vida eu tiver,
No tempo da eleição,
Nunca mais quero abalar
Os meus pés para ir votar
Para nenhum Tubarão.

Z

Z é a letra do fim
Que termino a narração,
Quem não gostar me desculpe
Toda esta minha expressão,
Quem não comprar este livrinho
Vai ser engulido vivo
Na bôca dum Tubarão.

A CARREIRA DA SUNAB COM MEDO DA CARESTIA

O meu nome é Carestia
Que sou forte e sou valente,
Eu desafio o Prefeito,
O Delegado e o Tenente,
O Governo do Estado
Atè mesmo o Presidente.

Sou uma negra peituda
Que não respeito ninguém,
Meto a taca em todo mundo
Não tem porque, nem porém
Quem batalhar contra a mim
Por fim apanha tambèm.

Tinha uma tal de Sunab
Que vivia a me odiar,
Contra a mim fazia campanha
Mas não pôde triunfar,
Porque botei pra correr
Nunca mais pôde voltar.

Ela tabélou a farinha,
Ela tabelou o feijão,
Ela tabelou o arroz,
Batatinha e macarrão,
Peguei a tabela dela
Rebentei toda no chão.

Quando tabelou a carne
Pra bem barato vender,
Segurei o boi no pasto
Para não deixar trazer
Sunab tabela e tudo
Eu fiz desaparecer

Não apareceu mais carne
A tabela dia a dia,
Foi logo se relachando
Todo povo em agonia.
Gritou logo: antes fosse
Na base da carestia.

Eu fiquei de "bola cheia"
Para mim foi de colher
E mostrei a todo povo
O valor duma mulher
Porque tem de comprar carne
Do preço que eu quizer.

Depois peguei um chicote
Para mostrar quem sou eu
Quiz agarrar a Sunab
Ela na hora correu.
Para entrar na Prefeitura
E contar o que se deu.

Eu meti o pè atraz
Bate aqui, bate acular,
Ela entrou na Prefeitura
Para de mim se livrar,
Mas eu emboquei atrás
Sò afim de me vingar.

Ela subiu as escadas
Embocou no gabinete,
E se agarrou com o Prefeito
Pedindo até pelo leite
Que mamou quando nasceu
Mas eu meti-lhe o cacete.

Tome taca e tome taca
A Sunab não aguentou.
Se agarrou com o Prefeito
Que também muito apanhou,
E para a Delegacia
Ela dali se mandou.

Saí correndo atràs dela
Dando cada chicotada
De vê poeira voar
Das costas dessa danada
Para ela conhecer
Que minha mão è pesada.

Veloz que só um veado
Esta Sunab corria,
E eu atrás com um chicote
Danadamente batia,
Atè que fomos parar
Dentro da Delegacia.

Chegou na Delegacia
Se agarrou com o Delegado,
E eu meti-lhe o chicote
Bati até no soldado
Que estava de plantão
Deixando tudo apanhado.

Naquela luta tremenda
Pra saber do que se deu,
Juntaram todos soldados
Pra ver o que aconteceu,
E nesta luta a Sunab
Dali desapareceu.

Parece até que morreu
Ninguém mais ouviu falar,
Eu tomei conta de tudo
Pra mandar e desmandar,
Aumento tudo que quero
Sem ninguém me reclamar.

Eu aumento a gasolina
Sem a ninguèm dar atenção,
Aumento a carne de gado
A farinha e o feijão,
O toucinho e o cafè
Arroz, peixe requeijão.

Aumento o preço do pão
Da manteiga e rapadura,
Aumento o preço da dècima
Que paga na Prefeitura,
E para me reclamar
Não existe criatura.

Aumento o preço da àgua,
Aumento o preço da luz,
Aumentar o butijão
Atempos jà me dispús
Aumento o preço do milho
E da massa do cuscús.

Todas passagens de ônibus
No aumento eu mando brasa,
Aumento aluguel de tàxi,
Aumento aluguel de casa,
Quero ver tudo aumentar
Só o salàrio se atrasa.

Aumento o preço do dòlar
Que boto pra derreter,
Agora o tal de cruzeiro
Esse eu quero vê descer,
Descendo cada vez mais
Atè desaparecer.

E por isso meus amigos
O Estado da Bahia,
È quem mais está sofrendo
Na taca da carestia,
Sem ter pra quem apelar
Geme de noite de dia.

Eu peço aos nossos Governos
Eleitos nesta eleição,
Que façam todo possivel
Trabalhem com perfeição,
Contra esta carestia
Que assola a multidão.

Principalmente o Governo
Do Estado da Bahia,
Jà que não pode baixar
O que sobe dia a dia,
Dê uma pisada no freio
Do carro da Carestia.

Porque ele vive solto
Sem ninguèm poder freiar,
Atropela todo mundo
Sem a ninguèm respeitar,
Principalmente a pobreza
Que não pode se livrar.

Os carros a gasolina
Não andam mais de oitenta,
Para evitar acidente
A lei do trânsito os aguenta,
O carro da Carestia
Puxa dois mil e noventa.

É preciso por um freio
Nesse carro corredor,
Pra andar mais de vagar
Neste Paìs sofredor,
Porque do jeito que vai
Jà se transforma em terror.

As coisas hoje é um preço
Amanhã jà custa mais,
Depois jà sobe a metade
A carne, o açucar e gaz,
Os ricos ficam mais ricos
Os pobres vão para traz.

A mola da carestia
Que tudo mais determina,
È somente duas palavras:
Aumentou a gasolina
Aumenta das coisas grandes
Até a mais pequenina.

Vem o aumento do açùcar
Do arroz e do feijão,
Da carne, esta è a primeira,
Do café e também do pão,
Da farinha e do toucinho,
Da manteiga e macarrão.

Vem o aumento do gaz
O aumento da passagem,
Precisa muito dinheiro
E também muita coragem,
Para um pobre passageiro
Fazer hoje uma viagem.

Quando espalha a noticia:
Salàrio vai aumentar,
Aumenta tudo outra vez
Sem o operário ganhar,
Só ganha è "pau pelo chifre",
Em tudo que for comprar.

Que quando sai o salário
Aí a coisa piora,
Porque os empregadores
Bota o operàrio pra fora,
O pobre quase chorando
Pega pista e vai embora.

Se tiver um mil operários
Seissentos são despedidos,
Ficam a penas quatrocentos
Que vão atender os pedidos
Daquele rico patrão
Como pobres desvalidos.

O patrão diz: meus amigos
Não posso continuar
Pagando o novo salàrio
Porque não posso aguentar,
Vou fazer uma propòsita
Pra vê quem vai assinar.

Assina o salàrio novo
Mas só recebe o antigo,
Porque nossa empresa é pobre
Deste jeito eu não prossigo,
Recebe o velho salàrio
Quem quizer ficar comigo.

O pobre pai de familia
Fica quase alucinado,
Com a casa cheia de filhos
E ainda desempregado.
Isto è muito pior,
Vai o seu nome assinado

Meu folheto aqui termino
Fazendo uma petição,
Senhor Governo do Estado
Imploro com precisão,
Livrai o pobre da fome
Vem socorrer este nome
A todos dê proteção

FIM

O CARRO DA CARESTIA

Senhores mais uma vez
Em versos de poesia
O trovador Minelvino
Vai falar na carestia
Que desenfreadamente
Se dana de dia a dia

As coisas antigamente
Eram um só preço diário
Só aumentava com ordem
Do forte proprietário
Quando o governo ordenasse
Para aumentar o salário

Hoje tudo è diferente
Se dana tudo aumentar
Sem ter salário sem nada
É mesmo de amargar
O pobre morre de fome
Sem ter a quem se queixar

Um quilo de carne agora
Pingando agua, na feira
Custar cento e dez cruzeiros!
Isto não é brincadeira
Ainda faltar cem gramas
É a maior roubalheira

Custando oitenta cruzeiros
Carne verde dispostada
Com osso custa cinquenta
É dura esta parada
O pobre ganhando pouco
Termina virando em nada

Uma xícara de cafè
Custando quatro cruzeiros
Um ôvo custando oito?
São tremendo os exageiros
De todo geito a pobreza
Só encontra è marreteiros

Verdura hoje na feira
Esta custa um dinheirão
As frutas de hoje em dia
Só andam de avião
Dizendo: só entro agora
Em casa de tubarão

Uma dona melancia
O pobre vai apreçar
Diz o dono: è cem cruzeiros
Sem ter direito pegar
Se não quizer cáia fora
Não venha mais chatiar

A manga do mesmo jeito
Se dana cada vez mais
Cinco, seis, oito cruzeiros
Pobre não compra jamais
Ou umbùs já estão usando
Patente de generais

Vi um maxixe na feira
Com um quiabo prosando
Dizendo: quem fomos nós
Que ninguem estava ligando
E hoje todos os ricos
É quem vem nos adulando

Disse o quiabo: é verdade
Você tem toda razão
Quando aqui me chega um pobre
Eu fico de prontidão
Para pegar na abertura
E dar muito bofetão

E assim toda verdura
Vive tudo a se julgar
Em casa de gente pobre
Nenhuma quer mais entrar
Porque o preço é de mais
pobre não pode comprar

Pra quem vive de viagem
É de cortar coração
Pobre não pode pagar
Um almoço na pensão
Quanto mais pagar diària
Com dormida e refeição

Agora vejam senhores
Cem cruzeiros um almoço
Só um pouquinho de feijão
Em vez de carne vem osso
É mesmo que derrubar
E tomar o dinheiro do bolso

A cama é daquele jeito
Um colchãosinho de capim
Pulga de todo tamanho
Ainda mais mucuim
Morde o pobre a noite toda
Que só falta dar-lhe fim

Zoada de muriçoca
É coisa chata qu'eu acho
Bem no ouvido da gente
Não sei se é femea ou se é macho
Que deixa o ouvido de cima
E vai zoar no de baixo

Quando é no outro dia
Que os pobres passageiros
Vão a dona da pensão
Mostrando ser verdadeiros
Pergunta o preço da cama
Diz ela: oitenta cruzeiros

O transporte nem se fala
Porque está de lascar
Uma passagem de ônibus
Pobre não pode pagar
Procuram um pau de arara
Vai sua vida ariscar

Com um chofer adiante
O preço logo ele ajusta
Muitas vezes pede um menos
Daquele preço que custa
Diz ele: só faço menos
Pra quem veste sáia justa

O pobre não diz mais nada
Sobe naquele momento
Na dura carroceria
Exposta a chuva e o vento
Tomando tombo e mais tombo
É o maior sofrimento

Agora é que precisamos
De ter o novo salário
Porque assim prosseguindo
Se dando tudo ao contrário
Ou vai ter guerra civil
Ou morre todo operàrio

Se vai fazer uma consulta
O pobre falta é chorar
O doutor da a receita
Quinhentos tem que pagar
E diz: se não se der bem
Amanhã torne voltar

Paresse que a consulta
Já é feita inconsiênte
O doutor pra conformar
O pobre do paciente
Manda voltar amanhã
Pra não ficar descontente

O pobre vai pra farmacia
Com o corpo todo a tremer
Chegando dá a receita
Ao farmacêtico pra ler
Quando ele da o preço
O pobre falta é morrer

Porque o preço é tão alto
Que nem o cão o aguenta
Paresse que com a receita
O farmacêtico ainda aumenta
Diz ele: custa dois mil
Quatrocentos e cinquenta

O pobre faz todo esforço
Para o remedio comprar
Chegando em casa começa
Pela receita usar
Se não servir vai morrer
Por não ter mais pra gastar

E se morrer sem receita
Um tudo está enrascado
Porque o parente do morto
Vai correr bem apertado
Difunto sem documento
Não pode ser sepultado

Eu era contra o salário
E falava todo día
Mas, se não tivesse aumento
Em toda mercadoria
Porque o salario minimo
Muita ruina trazia

Mas, já que não tem um freio
No carro da carestia
Atropela todo mundo
Seja de noite ou de dia
Portanto aumenta o salário
Que é nossa garantia

O carro da carestia
Está no mundo a vagar
Atropelando a pobreza
Querendo tudo acabar
Só um forte presidente
Pra fazer ele frear

Senhores vou terminar
Meus versos em poesia
Pedindo ao presidente
Para ter a primazia
De atirar nos pnêus
Do carro da carestia

A MARRETA DA CARESTIA

Sou eu mesmo a marreteira
Que marreto todo dia
No Brasil de canto a canto
Principalmente a Bahia.
Quer saber qual é o meu nome?
O meu nome é CARESTIA

Não respeito lei nenhuma
Minha arte é marretar
Protejo quem vai vender
Marreto quem vai comprar
Pois comigo é na marreta
Ninguém pode me empatar

O meu braço é muito forte
Pesa mais do que carreta
Eu defendo quem é forte
Quem for fraco se derreta
Só deixo vender a carne
É na base da marreta

O toucinho quem for comprar
Eu fico logo de lado
Do vendedor ensinando
Que tome muito cuidado
Porque aquele freguez
Tem que sair marretado

A farinha é a mesma coisa
Não deixo certo pesar
Além do preço ser caro
Faço a balança inguiçar
De todo jeito o freguez
Eu tenho que marretar

E na compra do feijão
Eu tambèm estou aì
Fazendo o peso faltar
Pra poder me divertir
O certo è que marretado
O freguez tem que sair

Se for comprar o arroz
Eu estou em companhia
Defendendo o vendedor
Quer de noite ou quer de dia
Provando que minha marreta
Se chama da Carestia

O açùcar e o cafè
É naquele preçosinho
Que minha marreta gosta
Sem amor e sem carinho
No medir ou no pesar
Eu marreto direitinho

Nas padarias, é claro!
Eu também estou ali
Entre o dono e os padeiros
Faço o pão diminuir
A minha marreta come
Para grande não sair

E das empresas de ônibos
Eu não posso me afastar
Porque a minha marreta
Ali bota pra quebrar
A todos os passageiros
Eu tenho que marretar

Na venda da Gasolina
Eu fico bem acordada
E cavo de todo jeito
Pra dar uma marretada
Daquelas que até o cão
Solta uma gargalhada

Onde tem super-mercado
Que dizem que é barato
Eu dou cada marretada
Mesmo pra mais do contrato
Seja rico ou seja pobre
Marreto com fino trato

Na venda, jà nem se fala
Quem não pode ir á feira
Eu marreto duma forma
Que parece brincadeira
Dou-lhe cada marretada
Pra ver levantar poeira

Na Brasil-Gaz, eu também
Estou lá de prontidão
Esperando a todo povo
Com a marreta na mão
Pra marretar um por um
Nessa compra do bujão

A COELBA não se fala
Que ali eu faço morada
Porque na conta de luz
Seja amiga ou camarada
Todo mez por mim ali
Tem que sair marretada

A EMBASA é nossa casa
Sou amiga desse nome
Porque na conta de água
A minha marreta come
Meto a marreta pra ver
Se o cara morre de fome

Vou esperar na farmacia
Quem vai pra lá pexinchar
Querer remèdio barato
Sò a fim de se curar
Preparo minha marreta
Pra esse bem marretar

Em antes disso a receita
Quando ele recebeu
Eu já danei-lhe a marreta
Lá dentro do bolso seu
Se o bolso não for forte
Garanto que derreteu

Se paga aluguel de casa
O cara está atolado
Porque todo fim de mês
Eu estou de lado a lado
Meto a marreta no bolso
E ele sai marretado

Se morar em casa pròpria
Não è feliz criatura
Que vou meter a marreta
Nas dècimas na prefeitura
Tem que sair marretado
Porque já fiz esta jura

Dou marretada também
Se for comprar o carvão
Muito mais do que o gaz,
Com o preço do bujão
Minha marreta eu já levo
Em cima do caminhão

Se for pegar qualquer táxi
Eu estou aì também
Marretando o passageiro
O que vai e o que vem
Seja rico ou seja pobre
Porque não escolho quem

Se for pegar a carroça
Pra alguma coisa ir buscar
Eu também estou aí
Pronta para marretar
Porque da minha marreta
Ninguém consegue escapar

Até o carro de mão
Eu estou fazendo parte
Meto a marreta no bolso
Do cara mesmo com arte
Pode ser Cancão de Fogo
Atè Pedro Malasarte

Se fizer uma viagem
Assim que a noite chegar
Eu estou là no hotel
Pronta para marretar
Porque da minha marreta
Ninguém pode se livrar

Até se o cara for preso
Pra sair no outro dia
Pra pagar a caçaragem
Não pode ter alegria
Pois cai tambèm na marreta
Chamada da Carestia

Se o cara é motorista
E no trânzito se atrapalha
O guarda multa na hora
Porque não pode dar falha
Na hora do pagamento
Minha marreta trabalha

Se despaixar no correio
Um pacote registrado
Na hora do pagamento
O freguez fica assombrado
Porque eu meto a marreta
E ele sai marretado

E quando o fulano morre
Eu fico de prontidão
Chorando na cabeceira
Por ter um bom coração
Dou a ultima marretada
É na compra do caixão

E assim a carestia
Só vive a nos marretar
Desrespeita todo mundo
Sem ninguém ter jeito a dar
Sò existe uma maneira
Pra ela se afastar

Se juntar o povo todo
Em corrente de união
Um tudo que for vender
fazer uma redução
A marreta e a carestia
Vira espuma de sabão

Quem faz toda carestia
É nossa grande ganança
De ganhar muito dinheiro
A vontade não se cansa
Querendo nos enricar
Quanto mais tem mais avança

Se compro por um cruzeiro
Por cinco quero vender
Outro quer vender por dez
Pois é este o seu prazer
Não se importando que os fracos
De fome pode morrer

Em todo assunto falando
Quem vive a negociar
Deseja aumentar o preço
Querendo se melhorar,
Ganhar tres ou quatro vezes?
É ganhar e reganhar

O preço de tudo aumenta
Que fica extraordinário
Muitas vezes não dà fé
O que ganha um bom salàrio
Mas o pau só vai quebrar
Nas costas do operário

Porque quem ganha pouquinho
Pra resolver o problema
Seu e de toda familia
Isto é difato um dilema
Pensando bem direitinho
É muito triste este tema

Portanto meus amiguinhos
Vamos fazer união
Em todos os nossos preços
Vamos fazer redução
Pra dar condições de vida
Todo qualquer nosso irmão

Aqui eu vou terminar
Meus versos em poesia
Falando sobre a marreta
Da malvada carestia
Que marreta todo mundo
Dia e noite, noite e dia

FIM

Itabuna, 12 de novembro de 1977

O DESAPARECIMENTO DO DINHEIRO E O SOFRIMENTO DOS PROFISSIONAIS

Senhores, pergunto eu
Já um pouco entristecido
Aonde està o dinheiro
De nosso Brasil querido?
Que fugiu do nosso bolso
E está desaparecido!

Eu vivo a procura dêle
Correndo pra me acabar
Êle correndo de mim
Para poder se livrar
Eu fazendo a maior força
Sem muito poder pegar

Para pegar o dinheiro
Não sei o que faça mais
Remecho tôda Bahia
E tôda Minas Gerais
Ele corre em minha frente
E eu vou correndo atraz

E nem só eu vivo assim
Neste País brasileiro
Mais também o motorista
O ajudante e o Pedreiro
Tambêm vivem assim correndo
A procura do dinheiro

O alto comerciante
O feirante, o barraqueiro,
O tipògrafo, o logista,
O engrachate, o bananeiro
Tudo isto vive em luta
A procura do dinheiro

O jornalista, o médico
O fotógrafo, o jornaleiro
O bancário, o professor
O mecanico e o ferreiro
Vivem todos na carreira
Para pegar o dinheiro

Até mesmo o clicherista
O prefeito, o boiadeiro
Vereador, deputado
Governador, fazendeiro
Estão nesta mesma luta
Para pegar o dinheiro

O operário braçal
O artista, o barbeiro
O pensionista, o poeta
O cobrador, bodegueiro
Estão na mesma peleja
A procura do dinheiro

O advogado, a policia
O velho médico parteiro
O guarda, o velho fiscal
O encanador, funileiro
Todos eles vivem em luta
A procura do dinheiro

Até mesmo o locutor
Rádiotecnico, aguadeiro
Propagandista, o palhaço
O carpina, o macineiro
Vivem todos preparados
Para pegar o dinheiro

O curador, o cigano
O eletricista, o coveiro
O jogador de baralho
O atleta, o jardineiro
Estão na mesma carreira
A procura do dinheiro

Até o homem da cobra
O homem candomblézeiro
O homem bate-carteira
O beberrão, maconheiro
Estão correndo tambèm
Para pegar o dinheiro

Por isso que o dinheiro
Ja se zangou e resolveu
Com tanta perseguição
Agora se escondeu
Que ninguém sabe onde
Foi que êle se meteu

Se vai procurar trabalho
Para o dinheiro ganhar
Procura porém não acha
Pois é mesmo de amargar
Que ninguém sabe o dinheiro
Onde êle foi se parar

Se vai vender qualquer coisa
O povo não quer comprar
Porque faltando o dinheiro
Não pode negociar
Pois ninguèm sabe o dinheiro
Onde êle foi se guardar

O pobre do operário
Vive em tempo de chorar
Porque não acha serviço
Para o dinheiro ganhar
Pergunta o povo em vechame:
Onde è que o dinheiro está?

O motorista também
Leva a vida de amargar
A procura dum emprêgo
E sem ninguèm querer dar
Tambèm pergunta aos colegas:
Onde é que o dinheiro estar?

O pedreiro está parado
Sem poder se alimentar
Porque não acha trabalho
Para seu pão arranjar
Pergunta para o seu mestre:
Onde è que o dinheiro estar?

O pobre carregador
Já não é bom nem falar
Devendo aluguel de casa
Sem nunca poder pagar
A sua espôsa pergunta:
Onde é que o dinheiro estar?

E também o carroceiro
Vai pra rua se esforçar
E nem siquer um carrêgo
Acha para descolar
Pergunta pra seus colegas:
A onde o dinheiro estar?

Também o chofer de praça
Passa o dia a cochilar
Na cadeira do seu táxi
O povo nem "bolas"dar
Pergunta êle a si mesmo:
Aonde o dinheiro estar?

O pensionista também
Não sabe onde vai parar
Sem ter hóspede pra dormir
Nem tambem para almoçar
Pergunta pra sua espôsa
Onde é que o dinheiro estar?

Atè a empresa de ônibus
Também vive a se queixar
Com a falta de dinheiro
Ninguém quer mais viajar
Sua renda diminuiu
Onde é que o dinheiro estar?

Mesmo o vendedor de carne
Vai pra feira trabalhar
A carne volta a metade
Por ninguém querer comprar
Ele pergunta a si mesmo:
Onde é que o dinheiro estar?

O vendedor de farinha
Faz atè admirar
Não vende a farinha tôda
Vai a metade voltar
Ele pergunta aos amigos:
Onde é que o dinheiro estar?

Aonde està o dinheiro?
Interroga o varonil
Ninguèm sabe responder
Nem militar, nem civil
Mas eu respondo: o dinheiro
Está no Banco do Brasil

Ele o Banco escorrega
Mais do que cêra cachoupa
Quem for pedir emprestado
O gerente dar uma poupa
Se for no "peito e na raça"
Aí é fogo na roupa

O nosso dinheiro antigo
Quando era o que corria
A gente ganhava pouco
Em muito se tornaria
Pois não era como hoje
A malvada carestia

É tanta da carestia
Que o homem até fica louco
Vai procurar o trabalho
Só de falar fica rouco
O dinheiro levou fim
Porque nem muito e nem pouco

Os nossos irmãos nortistas
A pobreza os consome
O sol queimando direto
Que até animal se some
Jà estão tomando apulso
Para não morrer de fome

No Estado da Bahia
No sertão do Irecer
Perdeu tôda plantação
O povo vive a sofrer
Comendo raiz de pau
Somente pra não morrer

No sertão do Guanambí
É o mesmo paradeiro
O povo está sustentando
Na raiz do umbuzeiro
Para escapar com a vida
Pela falta do dinheiro

A cidade de Itabuna
É o mesmo paradeiro
Jequié do mesmo modo
Conquista o mesmo roteiro
Camacan dar uma surra
Em quem falar em dinheiro

Meu Irmão, meu Salvador
Filho de Deus Verdadeiro
Sobre nòs mandai a chuva
Imploro Santo Cordeiro
Livrai-nos de peste e fome
Vim pedir em vosso nome
A paz para o mundo inteiro

FIM

Itabuna 23 de fevereiro de 1971

A GREVE DE ITABUNA

Sou trovador popular
Desta terra grapiuna
Rimando vivo lutando
A procura da fortuna
O povo quer que eu escreva
A greve de Itabuna

Eu que sou como a grauna
A minha arte é cantar
Poeta não se governa
Diz o rifão popular
Vou escrever um livrinho
Para meu povo estudar

Tem gente pra se acabar
Com a falta de dinheiro
E a grande carestia
Neste país brasileiro
E a onde está pior
É a zona do cacaueiro.

Neste grande paradeiro
Tem gente passando fome
Se Deus não mandar um socorro
A pobresa se consome
E neste tempo de festa
Gente vira lubisome

O poeta hoje não come
Apenas faz merendar
Emprego bom ninguem acha
Para o dinheiro ganhar
Se for vender qualquer coisa
O imposto é de lascar.

Foi quem fez se revoltar
A cidade de Itabuna
Teve murro a três por dois
Naquela forte coluna
Devido tantos impostos
Que a gente até se repuna

Diz o jornal que em Itabuna
Começou a confusão
Porque um homem na feira
Com um saco de feijão
Já tinha pago o imposto
E tirado o seu talão

Ficando um restinho então
Na outra feira voltou
Para pagar novo imposto
O fiscal ali chegou
Ele disse que não pagava
O mestre fisca impombou

O homem se revoltou
Porque não estava direito
Não há tatú que se aguente
Cobrando assim deste jeito
Disse o homem agora mesmo
Eu vou falar com o Prefeito

Para acertar bem perfeito
Dirigiu-se a Prefeitura
Para contar direitinho
Tudo aquela criatura
Mas acompanhou uma turma
De gente de cara dura.

Como do cão a pintura
Se armaram sem demora
De facão pedra e cacête
E seguiram rua afora
Avisaram a Prefeitura
E fexaram na mesma hora

O queixoso nessa hora
Que queria entrevistar
Com o nosso honesto Prefeito
E sua razão explicar
Porem as portas fexaram
Ele teve que voltar

A turma pra esculhambar
Atiravam pedra e pau
Nas portas da Prefeitura
Igualmente a espirito mau
Querendo quebrar as portas
E fazer dela um mingau

Para marcar essa fau
Veio a Metropolitana
Essa grande protetora
De nossa terra bahiana
Pra não ver a Prefeitura
Se virar numa banana.

Pegava e metia a cana
Quem estava na contenda
Tanto batia e apanhavam
Que a coisa ali era horrenda
Correram da Prefeitura
Foram pra Mesa de Renda

Chegando a Mesa de Renda
Tinha um Cosme e Damião
Pra não deixar evadir
Com o cacitete na mão
Deram-lhe um murro no Cosme
Que viram rolar no chão

Ficou sosinho Damião
Deram uma bofetada
Que o capacête vôou
Foi cair lá na estrada
Aí chegou muitos Cosmes
Que vinha na retaguarda

Um Cosme deu uma pancada
Assim por cima do lombo
De um feroz revoltoso
Que foi um tremendo tombo
Disse o revoltoso: vôte
Deste jeito eu me arrombo

A luta de ombro a ombro
Começaram a pelejar
De pedra, murro e cacête
De fazer admirar
Quando Cosme apanhava
Via Damião chorar

Só via a gata fumar
O povo todo brigando
E o Reporter atraz deles
Somente fotografando
Como o amigo da onça
Ele ia assim praticando

Ele com a máquina espiando
Deram um grande bufetão
Que o camarada caiu
E naquela ocasião
Um retrato de Getulio
Do bolso caiu no chão

Para uma publicação
Ele uma chapa bateu
Até o pobre Getulio
Naquela luta sofreu
Porque pisaram na cara
Mesmo depois que morreu

O povo se esmoreceu
Porque chegou bem armado
Um forçoso batalhão
De Ilhéus bem preparado
E armaram metralhadora
Nas ruas por todo lado

A turma de revoltado
Abriram a perna a correr
Os que os soldados pegavam
Levavam para prender
Foi uma borracha solta
Negro faltou foi morrer.

Foi muitos deles sofrer
Lá nas grades da prisão
Já bastante arrependidos
Diziam nesta razão:
Enquanto o mundo for mundo
Não entro em revolução

Fizeram uma imitação
Da inconfidencia mineira
Tiradentes só foi um
Nesta terra brasileira
Outra que aqui não é Minas
É a terra cacaueira

Gente andava na carreira
Com medo de apanhar
Quando os Cosmes encontravam
Dois fulanos a falar
Na grande greve que teve
Levavam pra incarcerar

Outros que a gargalhar
Ficavam ali todo dia
Lendo jornal no jardim
E fazendo grande anarquia
Vinha Cosme e Damião
Pegavam os caras prendia

Acabou-se a agonia
Porque o nosso Prefeito
Fez um acerto com o povo
Que por todos foi aceito
O nosso povo ficou
Divera bem satisfeito

Fez um serviço perfeito
Como o povo assim queria
Diminuiu um poquinho
Nos impostos que havia
Voltou a nossa Itabuna
Reinar paz e alegria

Eu também assim queria
Como fez nosso Prefeito
Para minha opinião
Ele fez muito bem feito
Que o povo tem razão
E a policia tem direito

Se para alguem não deu jeito
Esta minha opinião
Agora vou desdizer
Mudando de direção
A policia tem direito
E o povo tem razão

Aconselho a multidão
Como um fraco repentista
Que nunca mais imagine
Formar grupo de grevista
Para atacar a cidade
A pobre e a capitalista

Tudo com a lei se conquista
Dentro da educação
Para isto temos lei
Em nossa bela nação,
Embora que poucos cumpra
E obedeça a razão

Não dou valor agressão
Gosto de tudo com a lei
Qualque um é sujeito ao erro
Se ainda erro não sei
Mas se um dia eu errar
Peço perdão que errei

Não falo e nem falarei
É contra nossa policia
Com ela estou garantido
Que ela aje com pericia
O malfasejo que vir
Com sua negra malicia

Só me dei mal com a policia
Foi só em Canavieiras
Quer dizer, só um tenente
Que um batedor de carteira
Me roubor e eu fui a ele
Fez eu sair as carreiras

Senhores meu folhetinho
Aqui eu vou terminar
Fica escrito meus conselhos
Para quem quizer tomar,
Quem não quizer me disculpe
E pode continuar.

FIM

AS 4 MISÉRIAS DÊSTE MUNDO

Vou escrever um livrinho
De pensamento profundo
Dum mal que atrofia ao homem
Por mais que seja fecundo
Vou citar as personagens
Das miséria dêste mundo.

Este mote que escrevo no momento
Eu peguei de homem embriagado
Que bebia bastante apaixonado
Sua vida era um mar de sofrimento
Sua casa era o véu do firmamento
Já foi rico um primeiro sem segundo,
Ao depois se virou num vagabundo
Mulher falsa e cachaça foi seu fim
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo

Vive o homem num belo paraizo
Mas, se casa com uma criatura
Fuxiqueira perversa e tão perjura
Que o pobre até perde o juizo
Faz um ser criminoso outro indeciso
Vão cair num abismo tão profundo
Na cachaça e no jogo tão imundo
O dinheiro dos pobres leva fim
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo

Pode o homem ser rico de milhão
Pode ser deputado ou senador
Se a mulher não souber dá o valor
Que merece esse nobre cidadão
Se com outro ela usar duma traição
Ver o pobre fica todo iracundo
Bebe, joga e se acaba num segundo
A cachaça será seu triste fim
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misèrias dêste mundo

Vem o homem chegando de viagem
A mulher pelas ruas passeando
Do marido com os outros fuxicando
E dando bolas pra tôda malandragem
Um amigo lhe diz: tenha coragem
Veja ali sua mulher com um vagabundo
Num namôro danado com Raimundo
O marido se arma e dar-lhe fim
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo.

Quando o homem é bom de fora a fora
A mulher nunca dar o seu valor
De acordo o que é merecedor
Acustuma com outro ir se embora
Mas o homem lhe segue sem demora
Mata ela sangrada e o vagabundo
Depois ele medita num segundo
A cachaça vai ser meu triste fim
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo

Chega um homem na rua do vai quem quer
Vai num bar toma logo uma cachaça
Com um arzinho de riso atraz de graça
Num momento aparece uma mulher
Logo a êle ela pede o que quizer
Porque êle é um astro tão fecundo
Nunca fez o papel de um imundo
Paga tudo e até êle ela dar fim
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo

Em um jôgo chegando um cavalheiro
Tem amigo colega e camarada
Tudo isto depois se torna em nada
No momento que acaba o seu dinheiro
Ninguem quer ser ali seu companheiro
Cada um só lhe julga de imundo
Outros ali responde iracundo:
Sua presença não vale para mim
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo

No tal jôgo chegando um viajante
Perde tudo que tem do seu patrão
O dinheiro, a pasta e o caminhão
E depois fica êle agonisante
Do patrão perdeu tudo num instante
Êle dar um gemido tão profundo
Formecida êle bebe num segundo
Já na ancia da morte diz assim:
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo

No tal jogo chegando um bodegueiro
Que só vende banana açucar e pão
No baralho ele entrega o ladrão
Todo lucro que teve um ano inteiro
E depois que perdeu o seu dinheiro
Os ladrões dão um ponta-pé no fundo
Ele sai parecendo um vagabundo
Chega em casa a mulher lhe diz assim:
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo

No tal jôgo chega um pai de familia
Perde tudo que tem pra fazer feira
Seu dinheiro perdeu na ladroeira
Chega em casa a mulher, filho e filha
Dizem a êle: és estrela que não brilha
Fez agora um papel de vagabundo
A mulher diz a êle: bicho imundo
Eu suponho que teu bofe é de Caim
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo

No tal jôgo se ver o pau quebrar
O demônio no meio está atiçando
Uns aos outros ali se esfaqueando
Muitas vêzes terminam em se matar
Quem matou na cadeia vai se parar
Quem morreu vai para o buraco fundo
Se acabou num abismo tão profundo
Os parentes chorando dizem assim
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo

Pode o homem viver bem empregado
E gosar da mais pura confiança
Mas, vivendo somente atraz de dança
E caído na rua embriagado
Como um cão vive ele apedrejado
Sendo um homem direito e tão fecundo
Cai na rua igualmente a um vagabundo
Todo povo que passa diz assim:
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo

No momento em que o moço entra na dança
Pra dançar pega a moça ali na sala
Nessa hora ela dar uma grande mala
Ele zanga e lhe bota o pé na pança
E ali vira logo uma lambança
Contra ele vem Pedro e vem Raimundo
Ele mete a pancada em todo mundo
Apanha João, Manoel, Paulo e Joaquim
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo

Ao depois de termina esta fulia
Gente morta furada e apanhada
Pra poder resolver esta parada
Vão depressa para a delegacia
Quem matou fica lá na inxovia
Quem morreu segue pro buraco fundo
É da dança que parte este oriundo
Quem não dança de fora diz assim:
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo

Nunca hei de falar bem de cachaça
Contra amim me censure quem quizer
Nem pra homem e pior para mulher
Creio que ela é o símbolo da sem graça
Faz um pobre morrer em plena praça
Faz com que se transforme num imundo
Faz o outro ficar nauzeabundo
Um doutor, bacharel ou outro assim
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo

Um amigo de concideração
Quando toma a maldita aguardente
Vai falar cospe na cara da gente
Ainda pensa que tem tôda razão
Dá vontade de dar-lhe um impurrão
Mas suporta por ser muito fecundo
Ainda o bêbado lhe chama de imundo
Puxa a faca o amigo quer dar fim
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo

Sai um homem da roça para a feira
Ficam os filhos de fome se acabando
Os pequenos com fome ali chorando
Vem a mãe e os engana com uma asneira
O tal pai se danou na bebedeira
Com Alfredo, Tomé, Pedro e Secundo
O que tem gasta la com vagabundo
Volta puro a mulher lhe diz assim:
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo

A mulher passa a roupa do marido
Para êle viver bem direitinho
Êle veste uma bôa roupa de linho
Toma pinga e no chão fica caido
Quando volta pra casa è atrevido
Que a mulher chamou êle de imundo
Já não passa de um grande vagabundo
Êle dar bofetada e quer dar fim
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo

Quem só vive em cima da cachaça
Pelas ruas bebendo e abusando
Os meninos na esquina anarquisando
Todo povo de fora achando graça
Êle diz indecencia em plena praça
As familias reclamam aquele imundo
Vão chamar a Policia e num segundo
Leva êle a cadeia e diz assim:
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo

Quando o homem vai cêdo para a praça
No emprêgo vai êle trabalhar
A mulher se é da comida aprontar
Vai e toma um bom copo de cachaça
Num momento já está tôda bebaça
Para casa ela volta num segundo
Deixa o fogo apagado e tudo imundo
Quando chega o marido diz assim:
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo

Chega um homem em qualquer repartição
Com os amigos se senta palestrando
Quando vem a mulher lhe procurando
De tão bêbada tombando pelo chão
Faz com ele a maior esculhambação
Chama ele de todo nome imundo
Ele tem um desejo tão profundo
De puxar o revolver e dar-lhe fim
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo

Meus amigos aqui vou terminar
Estes versos que aqui improvizei
Neste mote dum ébrio me inspirei
Se acaso o livrinho não agradar
Peço a todos para me desculpar
Quem gostar e achar que é fecundo
se defenda dum abismo tão profundo
deixe o vicio e comigo diga assim
Jôgo, dança, cachaça e mulher ruim
São as quatro misérias dêste mundo

A VASSOURA DE BRUXA NO SUL DA BAHIA

Montada numa vassoura
Uma velha no espaço
Anda no Sul da Bahia
Dizendo; Eu prometo e faço
Nos frutos dos cacaueiros
Só vou deixar o fracasso.

Não se lembram da Verdade
Muito menos de rezar
So confiando em cacau
Que muito dinheiro dar,
Mas agora eu vim com ordem
Para com ele acabar.

O cacau nesta Bahia
Tem dado muito dinheiro
Para festa escandalosa
Para pagar pistoleiro
Pra tirar a vida do próximo
Tornando mais fazendeiro.

Pra comprar carro do ano
E nas estradas correr
Passar por cima dos pobres
Sem meio de se defender,
Depois pagar advogado
Para ninguèm lhe prender.

Para comprar armamento
Em tudo se preparar
Pra bolir com a filha alheia
Depois não querer casar,
E gastar com advogado
Para ninguèm lhe obrigar.

Pagando o pobre operário
Uma simples mincharia,
O pobre passando fome
Na semana todo dia,
E pra receber o saldo
Aí é que a gata mia.

Porque muito fazendeiros
O saldo não quer pagar
È preciso o operàrio
Na cidade se queixar,
Do Trabalho o Ministèrio
Pra o fazendeiro intimar.

Vem aquele fazendeiro
Para não sujar a barra,
A Justiça do Trabalho
Naquele instante o agarra
Faz pagar o operàrio
Mas paga mesmo na marra.

Por isso eu venho mandada
Lá da casa da morrinha,
Para passar a Vassoura
Nos cacauais desta linha
As folhas ficam pra os donos
Mas as amêndoas são minhas

Os fazendeiros se queixam
Que o cacau nada deu,
As folhas estão bonitas
Mas o fruto apodreceu
Eu passo a Vassoura em tudo
Porque quem manda sou eu.

E assim vive essa Bruxa
Quer de noite ou de dia,
Com a Vassoura na mão
Causando grande agonia,
Para acabar o cacau
Do Estado da Bahia.

Nos cacauais de Uruçuca
Primeiro a Bruxa atacou,
Foi avisada a Ceplac
Que contra ela se armou,
Com as armas necessàrias
Ela dali se mudou.

Saindo de Uruçuca
Com sua vassoura fã,
Das 5 horas da tarde
Para as 5 da manhã,
Atacou os cacaueiros
Das zonas de Camacã.

A Ceplac se uniu
Com homens do Sindicato
E atacaram esta bruxa
Com armas de fino trato
Mas a Bruxa se defende
Com ligereza de gato

Trezentos homens armados
De botas e de podão
De estrovengas e foices
Cada qual com um facão,
E a Bruxa deu a testa
Com a vassoura na mão.

A guerra continuando
Para a Bruxa dominar
Fosse com sol ou com chuva
Eles não podiam parar.
E a TV Santa Cruz
Anunciando no ar.

Também a TV Cabrália
Dar a sua explicação,
Para dominar a Bruxa
Nesta nossa região,
Precisa muitos cruzados
Gastos de nossa Nação.

Se domina a Bruxa aqui
Mas ela pode mudar,
Com sua negra Vassoura
Vai para outro lugar,
Ataca em outra fazenda
Para poder se vingar.

Eu conheço um cidadão
Que um dia me contou
Que a Vassoura de Bruxa
A roça d'ele atacou,
E ele usou uma tècnica
Que a Vassoura acabou.

Limpou os pès dos cacaus
Para as folhas não ter
Contácto com a madeira
Tambèm a água correr
Queimou pneus pela roça
Defumou mesmo a valer.

Daí em diante os frutos
Nunca mais apodreceu
Carrega do pé as pontas
De cada um galho seu,
E a Vassoura de Bruxa
Em sua roça morreu.

Deus ajude aos fazendeiros
Pra que venha aparecer
Uma maneira que possa
A lavoura defender
Queimar a Vassoura, e a Bruxa
Botar ela pra correr.

Sem cacau o operário
Aqui não pode viver
Os vendedores nas feiras
Nada mais podem vender
A classe pobre é arriscado
Atè de fome morrer.

Sem o cacau nossa terra
Não poderá prosperar.
As construções na cidade
Na certa tem que parar,
Atè os ladrões vão embora
Por não achar o que roubar.

Sem o cacau todas rádios
Vão parar a programação,
Á falta de propaganda
Para nossa região,
Vai fechar todos jornais
Tambèm a televisão.

Sem o cacau os Prefeitos
Despacham o pessoal,
Porque não entra dinheiro
Do imposto predial
Nem siquer taixa de feira
È um fracasso total.

Sem o cacau, todos bancos
São obrigados fechar,
Para o povo não invadir
E o dinheiro apanhar,
Pois atè mesmo a policia
Não empata carregar.

Sem o cacau, todas lojas
Se ver logo o fechamento,
Pois ninguém compra mais nada
Fica tudo em sofrimento,
E temendo uma invazão
Ou mesmo um drama sangrento

Sem o cacau, na cidade
Muita gente perde o nome,
A luz dos postes se apaga
Fica entregue ao lubisome,
E cemitério não cabe
Tantos que morrem de fome

Portanto vamos pedir
A Deus pra nos ajudar
Que a Ceplac descubra
Um meio para pegar
A Bruxa tomar a Vassoura
Botar no fogo e queimar.

Esta tècnica que um roceiro
Descobriu em Uruçuca,
Deve ser posta em prática
Deixando a tècnica caduca
Pra todos se defender
Dessa Vassoura maluca.

Defumar os cacauais
Com fumaça de pneus
Pode correr com a Bruxa
E os maus pensamentos seus
Pode ser uma vitòria
Ou uma ajuda de Deus.

FIM

Itabuna 28 de 2 de 1660 (sic) = 1990

IN ALTUM

IMPRENSA UNIVERSITÁRIA

Impresso na gráfica da **Universidade Estadual de Santa Cruz** - Ilhéus-BA